

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

MAÍRA FERREIRA SANT'ANA

**A MIGRAÇÃO DE VENEZUELANOS PARA O BRASIL:  
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E IMAGINÁRIOS  
(SOCIO)DISCURSIVOS EM NARRATIVAS DE VIDA E TEXTOS  
JORNALÍSTICOS**

MAÍRA FERREIRA SANT'ANA

**A MIGRAÇÃO DE VENEZUELANOS PARA O BRASIL:  
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E IMAGINÁRIOS  
(SOCIO)DISCURSIVOS EM NARRATIVAS DE VIDA E TEXTOS  
JORNALÍSTICOS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Estudos Linguísticos.

Área de concentração: Linguística do Texto e do Discurso.

Linha de pesquisa: Análise do Discurso.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Gláucia Muniz Proença Lara.

Belo Horizonte  
Faculdade de Letras da UFMG  
2022

S231m Sant'Ana, Maíra Ferreira.  
A migração de venezuelanos para o Brasil: representações sociais e imaginários (socio)discursivos em narrativas de vida e textos jornalísticos / Maíra Ferreira Sant'Ana. – 2022.  
363 f., enc.: il., (color), (p&b)

Orientadora: Glaucia Muniz Proença Lara.  
Área de concentração: Linguística do Texto e do Discurso.  
Linha de Pesquisa: Análise do Discurso.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais,  
Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 271-276.  
Anexos: f. 277-363.

1. Análise do discurso – Teses. 2. Discurso jornalístico – Teses. 3. Venezuela – Migração – Teses. I. Lara, Glaucia Muniz Proença. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 418



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

**FOLHA DE APROVAÇÃO**

**A MIGRAÇÃO DE VENEZUELANOS PARA O BRASIL: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E  
IMAGINÁRIOS (SOCIO)DISCURSIVOS EM NARRATIVAS DE VIDA E TEXTOS JORNALÍSTICOS**

**MAÍRA FERREIRA SANT'ANA**

Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Doutor em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, área de concentração LINGUÍSTICA DO TEXTO E DO DISCURSO, linha de pesquisa Análise do Discurso.

Aprovada em 02 de maio de 2022, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Glauca Muniz Proença Lara - Orientadora

UFMG

Prof(a). Marluza Terezinha da Rosa

UFSM

Prof(a). Eliane Righi de Andrade

PUC-Campinas

Prof(a). Ariana de Carvalho

UFMG

Prof(a). Ida Lucia Machado

UFMG

Belo Horizonte, 02 de maio de 2022.

---



Documento assinado eletronicamente por **Glaucia Muniz Proenca Lara, Professora do Magistério Superior**, em 03/05/2022, às 11:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



Documento assinado eletronicamente por **Ida Lucia Machado, Professora Magistério Superior - Voluntária**, em 03/05/2022, às 16:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



Documento assinado eletronicamente por **Marluza Terezinha da Rosa, Usuário Externo**, em 03/05/2022, às 18:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



Documento assinado eletronicamente por **Ariana de Carvalho, Usuário Externo**, em 05/05/2022, às 08:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



Documento assinado eletronicamente por **Eliane Righi de Andrade, Usuária Externa**, em 09/05/2022, às 14:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1370681** e o código CRC **10E96155**.

---

*A todos os migrantes e refugiados, em especial,  
aos venezuelanos.*

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar, de modo especial, meus agradecimentos:

À minha querida orientadora, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Glaucia Lara, pela generosidade em compartilhar comigo seus conhecimentos, pela orientação atenta e pela parceria. Você é um exemplo para mim!

Ao meu amado marido, Bruno, por ser inspiração e suporte, além de acreditar sempre em meu potencial.

À minha família, que sempre me incentivou nos estudos: meu pai, Dilermano; minha mãe, Leila; meus irmãos Paula e Marcelo. Destaco, ainda, meus queridos avós: Dilermano Carlos (*in memoriam*), Mauro Cleber, Nely e Maria Isabel (*in memoriam*).

Ao Núcleo de Análise do Discurso (NAD), por ter me proporcionado participar de tantas discussões acadêmicas edificantes. Foi a partir de uma delas, inclusive, que tive a inspiração para escrever meu projeto de tese.

Ao GEMALP, em especial ao Eric, por ter me possibilitado o contato com os migrantes, além de momentos de tanto aprendizado no âmbito dos estudos migratórios.

Ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIFID), coordenado pela querida Prof<sup>a</sup> Dra. Ana Cristina Fricke Matte, por ter sido fundamental para o meu aprimoramento profissional.

A todos os professores do POSLIN que, com suas aulas, colaboraram com a minha formação e, conseqüentemente, com o desenvolvimento desta pesquisa.

Às Prof<sup>as</sup> Dras. Ida Lucia Machado e Marluza da Rosa, pelas significativas contribuições na qualificação.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), pelo apoio financeiro concedido;

Aos amigos do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, em especial, Mariana Pinter, Natália Giarola, Tatiana Emediato, Thiago Peixoto, Stener Carvalho, Fábio Arcanjo, Wilma Pereira, Gabriela Pacheco, Jaqueline Soares, e Pollyanna Reis. Também, à Renata e à Ariana, obrigada por caminharem comigo e me incentivarem desde o mestrado.

A Deus, pelo amor incondicional.

Minha eterna gratidão a vocês.

***Llevo Tu Luz y Tu Aroma En Mi Piel*** (Canção venezolana citada por muchos migrantes entrevistados como representativa e potente)

José Luis Armenteros

*Llevo tu luz y tu aroma en mi piel  
Y el cuatro en el corazón  
Llevo en mi sangre la espuma del mar  
Y tu horizonte en mis ojos*

*Con tus paisajes y mis sueños me iré  
Por esos mundos de Dios  
Y tus recuerdos al atardecer  
Me harán mas corto el camino*

*No envidio el vuelo ni el nido al turpial  
Soy como el viento en la mies  
Siento el Caribe como una mujer  
Soy así, que puedo hacer*

*Entre tus playas quedo mi niñez  
Tendida al viento y al sol  
Y esa nostalgia que sube a mi voz  
Sin querer se hizo canción*

*Soy desierto, selva, nieve y volcán  
Y al andar dejo mi estela  
El rumor del llano en una canción  
Que me desvela*

*De los montes quiero la inmensidad  
Y del rio la acuarela  
Y de ti los hijos que sembrarán  
Nuevas estrellas*

*La mujer que quiero tiene que ser  
Corazón, fuego y espuela  
Con la piel tostada como una flor  
En Venezuela*

*Y si un día tengo que naufragar  
Y el tifón rompe mis velas  
Enterrad mi cuerpo cerca del mar  
En Venezuela*



## RESUMO

Os números de deslocamento no mundo são os maiores já registrados na contemporaneidade. Em 2019, 79,5 milhões de pessoas foram forçadas a deixar seus lares, devido a perseguições, conflitos, violência ou violações dos direitos humanos. Nesse cenário, é notório o crescimento dos fluxos migratórios da população da Venezuela, caracterizando, conforme a Agência da ONU para Refugiados (2020), o maior êxodo na história recente da América Latina e uma das maiores crises de deslocamento do mundo. Em 2018, no Brasil, os venezuelanos representaram 77% dos pedidos de refúgio feitos. Diante desses dados, buscamos, em um primeiro momento, analisar narrativas de vida de migrantes venezuelanos interiorizados para Belo Horizonte-MG, que foram coletadas por meio de entrevistas semiestruturadas, a fim de dar a palavra a esses sujeitos que, via de regra, são reduzidos a números e porcentagens e/ou são “contados” por outrem (políticos, jornalistas, especialistas etc.). Considerando que a referida temática, além de ser da maior relevância do ponto de vista humano e social, é um fenômeno que, frequentemente, ganha o foco das mídias, procuramos, em um segundo momento, analisar as representações sociais e os imaginários sociodiscursivos que circulam em notícias que tratam da migração de venezuelanos para o Brasil em dois jornais que julgamos mais representativos para esta pesquisa: *Folha de Boa Vista*, já que é pelo Estado de Roraima que os venezuelanos, geralmente, entram no país, e *O Tempo*, publicado em Belo Horizonte-MG, uma vez que os venezuelanos, na época em que foram feitas as entrevistas, viviam na capital mineira. Nosso objetivo, nesse caso, consistiu em comparar as representações e os imaginários que apreendemos nos relatos dos venezuelanos entrevistados com aqueles manifestados nos jornais selecionados, em busca de semelhanças e diferenças. Para a análise do *corpus* (narrativas de vida e notícias), utilizamos alguns planos da semântica global de D. Maingueneau (2008). Os resultados obtidos mostram que a abordagem do jornal *O Tempo*, no que tange às representações em análise, se aproxima mais de como os próprios migrantes venezuelanos se representam do que a abordagem do jornal roraimense, sobretudo porque o jornal mineiro opta por focalizar os sujeitos migrantes a partir das questões que eles vivenciam em seu processo migratório, e não os problemas (sociais, econômicos etc.) que eles representam para a sociedade de acolhida, como faz a *Folha de Boa Vista*.

**Palavras-chave:** Migração de venezuelanos; representações sociais; imaginários sociodiscursivos; notícias; narrativas de vida.

## RÉSUMÉ

Le nombre de déplacements dans le monde est le plus élevé jamais enregistré à l'époque contemporaine. En 2019, 79,5 millions de personnes ont été contraintes de quitter leur domicile à cause de persécutions, de conflits, de violences ou de violations des droits humains. Dans ces circonstances, la croissance des flux migratoires de la population du Venezuela est flagrante, caractérisant, selon le HCR, l'Agence des Nations Unies pour les réfugiés (2020), le plus grand exode de l'histoire récente de l'Amérique latine et l'une des plus grandes crises de déplacement dans le monde. En 2018, au Brésil, les Vénézuéliens représentaient 77 % des demandes d'asile déposées. En face de ces données, nous cherchons, dans un premier temps, à analyser des récits de vie des migrants vénézuéliens emménagés à Belo Horizonte - MG, qui ont été rassemblés au moyen d'entrevues semi-structurées, afin de donner de la voix à ces sujets qui, généralement, sont réduits à des nombres et pourcentages et/ou sont « racontés » par autrui (des hommes politiques, des journalistes, des spécialistes, etc). Considérant que la thématique rapportée, en plus d'être de la plus grande importance du point de vue humain et social, est un phénomène que, fréquemment, gagne le foyer des supports de diffusion, nous cherchons, dans un second temps, à analyser les représentations sociales et les imaginaires sociodiscursifs qui circulent dans les actualités qui traitent de la migration de Vénézuéliens au Brésil dans deux journaux que nous jugeons les plus représentatifs pour cette recherche : « Folha de Boa Vista », dès lors que c'est par la province de Roraima que les Vénézuéliens, en règle générale, entrent dans le pays, et « O Tempo », publié à Belo Horizonte - MG, puisque les Vénézuéliens, à l'époque où les entrevues ont été faites, vivaient dans la capitale du Minas Gerais. Notre objectif, dans ce cas, était de comparer les représentations et les imaginaires que nous appréhendons dans les témoignages des Vénézuéliens interviewés avec ceux exprimés dans les journaux sélectionnés, à la recherche des similitudes et des différences. Pour l'analyse du *corpus* (les récits de vie et les actualités), nous avons utilisé des schémas de la sémantique globale de D. Maingueneau (2008). Les résultats obtenus montrent que l'approche du journal « O Tempo », en ce qui concerne aux représentations analysées, se rapproche plus de la façon dont les migrants vénézuéliens eux-mêmes se représentent que la démarche du journal du Roraima le fait, surtout parce que le journal du Minas Gerais choisit de focaliser les sujets migrants à partir des questions qu'ils éprouvent dans leur processus migratoire et non les problèmes (sociaux, économiques, etc) qu'ils représentent pour la société d'accueil, comme fait la « Folha de Boa Vista ».

**Mots-clés:** Migration de Vénézuéliens ; représentations sociales ; imaginaires sociodiscursifs ; actualités ; récits de vie.

## ABSTRACT

The numbers of displacement in the world are the largest ever recorded in contemporary times. In 2019, 79.5 million people were forced to leave their homes due to persecution, conflict, violence, or human rights violations. In this scenario, the growth of migration flows of the population of Venezuela is notorious, characterizing, according to the UN Refugee Agency (2020), the largest exodus in the recent history of Latin America and one of the largest displacement crises in the world. In 2018, in Brazil, Venezuelans represented 77% of the refugee requests made. Given these data, we sought, in a first moment, to analyze life narratives of Venezuelan migrants internalized to Belo Horizonte-MG, which were collected through semi-structured interviews, in order to give the word to these subjects that, as a rule, are reduced to numbers and percentages and/or are “told” by others (politicians, journalists, experts etc.). Considering that this theme, besides being of the utmost relevance from the human and social point of view, is a phenomenon that frequently gains the focus of the media, we sought, in a second moment, to analyze the social representations and the sociodiscursive imaginaries that circulate in news that deal with the migration of Venezuelans to Brazil in two newspapers that we considered more representative for this research: *Folha de Boa Vista*, since it is through the state of Roraima that Venezuelans generally enter the country, and *O Tempo*, published in Belo Horizonte-MG, since Venezuelans, at the time the interviews were conducted, lived in the capital of Minas Gerais. Our goal, in this case, was to compare the representations and imaginaries that we apprehended in the reports of the Venezuelans interviewed with those manifested in the selected newspapers, in search of similarities and differences. For the *corpus* analysis (life narratives and news), we used some planes of the global semantics of D. Maingueneau (2008). The results obtained show that the approach of the newspaper *O Tempo*, regarding the representations under analysis, is closer to how the Venezuelan migrants represent themselves than the approach of the newspaper from Roraima, especially because the newspaper from Minas Gerais chooses to focus on the migrant subjects from the issues they experience in their migratory process, and not the problems (social, economic, etc.) that they represent to the host society, as *Folha de Boa Vista* does.

**Keywords:** Migration of Venezuelans; social representations; sociodiscursive imaginaries; news; life narratives.

## RESUMEN

Los índices de desplazamiento en el mundo hoy son los mayores registrados en la contemporaneidad. En el año 2019, 79,15 millones de personas fueron forzadas a abandonar sus hogares, motivadas por persecuciones, conflictos, violencia o por violaciones a los derechos humanos. En ese escenario, es notorio el crecimiento del flujo migratorio de la población de Venezuela, representando, de acuerdo con la Agencia de la ONU para Refugiados (2020), el mayor éxodo en la historia reciente de América Latina y una de las mayores crisis de desplazamiento del mundo. En el año 2018, en Brasil, los venezolanos representaron el 77% del total de solicitudes de refugio realizadas. Frente a estos datos, buscamos, en un primer momento, analizar narrativas de vida de migrantes venezolanos trasladados para la ciudad de Belo Horizonte-MG, las cuales fueron recolectadas a través de entrevistas semiestructuradas, con el fin de darle la palabra a esos sujetos que, por lo general, son reducidos a números y porcentajes, y/o son “contados” por otros (políticos, periodistas, especialistas, etc). Considerando que la referida temática, además de ser de gran relevancia desde el punto de vista humano y social, es también un fenómeno que, con frecuencia, gana la centralidad de los medios masivos de comunicación, buscamos, en un segundo momento, analizar las representaciones sociales y los imaginarios sociodiscursivos que circulan en noticias que tratan sobre la migración de venezolanos a Brasil en dos periódicos que consideramos los más representativos para esta investigación: *Folha de Boa Vista*, ya que es por el estado de Roraima que los venezolanos, generalmente, entran al país, y *O tempo*, publicado en Belo Horizonte-Minas Gerais, toda vez que los venezolanos, en la época en que fueron realizadas las entrevistas, vivían en la capital minera. Nuestro objetivo, en este caso, consistió en comparar las representaciones y los imaginarios que aprehendimos en los relatos de los venezolanos entrevistados, con aquellos manifestados en los periódicos seleccionados, en la búsqueda de semejanzas y diferencias. Para el análisis del *corpus* (narrativas de vida y noticias), utilizamos algunos planos de la semántica global de D. Maingueneau (2008). Los resultados obtenidos muestran que el abordaje del periódico *O Tempo*, en lo que respecta a las representaciones en análisis, se aproxima más a la forma como los propios migrantes venezolanos se representan, que el abordaje del periódico roraimense, sobre todo porque el periódico minero opta por enfocarse en los sujetos migrantes a partir de lo que ellos viven en su proceso migratorio, y no en los problemas (sociales, económicos, etc.) que ellos representan para la sociedad de acogida, como hace la *Folha de Boa Vista*.

**Palabras-clave:** Migración de venezolanos; representaciones sociales; imaginarios sociodiscursivos; noticias; narrativas de vida.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Perfil das pessoas entrevistadas.....	94
Quadro 2 – Notícias do jornal <i>O Tempo</i> que compõem o <i>corpus</i> .....	103
Quadro 3 – Notícias do jornal <i>Folha de Boa Vista</i> que compõem o <i>corpus</i> .....	105
Quadro 4: Síntese da análise (Edelmira).....	132
Quadro 5: Síntese da análise (Valéria).....	151
Quadro 6: Síntese da análise (Mayerlin).....	167
Quadro 7: Síntese da análise (Carlos).....	179
Quadro 8: Síntese da análise (Alejandro).....	192
Quadro 9: Síntese da análise ( <i>Folha de Boa Vista</i> ).....	233
Quadro 10: Síntese da análise ( <i>O Tempo</i> ).....	252

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
CAPÍTULO I – CONTEXTUALIZANDO: A CRISE NA VENEZUELA E AS POLÍTICAS MIGRATÓRIAS NO BRASIL .....	23
1.1. O contexto venezuelano.....	23
1.2. O contexto brasileiro.....	28
1.2.1. Os indígenas da etnia Warao.....	37
CAPÍTULO II – PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	40
2.1. Narrativas de vida .....	40
2.1.1. <i>Récit de vie</i> .....	40
2.1.2. Do <i>récit de vie</i> à narrativa de vida em análise do discurso .....	43
2.2. Discurso midiático .....	50
2.2.1. Notícia.....	52
2.3. A semântica global e seus planos.....	55
2.4. Representações sociais e imaginários sociodiscursivos.....	60
2.4.1. Representações sociais segundo Moscovici.....	60
2.4.2. Imaginários segundo Castoriadis .....	66
2.4.3. Representações sociais e imaginários sociodiscursivos segundo Charaudeau .....	69
2.4.3.1. Representações sociais.....	71
2.4.3.2. Imaginários sociodiscursivos.....	75
CAPÍTULO III - PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS .....	83
3.1. Da motivação à prática .....	83
3.2. Constituindo o <i>corpus</i> : as narrativas de vida.....	85
3.2.1. Pré-pesquisa: o início de uma jornada com as narrativas de vida .....	85
3.2.2. Das entrevistas às narrativas de vida.....	88
3.2.3. As situações das entrevistas .....	92
3.2.4. A escolha da língua .....	95
3.2.5. A transcrição .....	96
3.3. Constituindo o <i>corpus</i> : as notícias .....	97
3.3.1. A escolha dos jornais.....	97
3.3.2. A escolha do gênero jornalístico notícia .....	101

3.3.3. A seleção de notícias.....	102
CAPÍTULO IV – ANALISANDO AS NARRATIVAS DE VIDA.....	107
4.1. As narrativas de vida de migrantes e refugiados venezuelanos em sua dimensão vertical .....	107
4.1.1. Edelmira.....	110
4.1.2. Valéria.....	134
4.1.3. Mayerlin.....	152
4.1.4. Carlos.....	169
4.1.5. Alejandro.....	181
4.2. Comparando as narrativas de vida (dimensão horizontal): representações sociais e imaginários sociodiscursivos.....	194
CAPÍTULO V – ANALISANDO AS NOTÍCIAS .....	203
5.1. O jornal <i>Folha de Boa Vista</i> em foco .....	203
5.2. O jornal <i>O Tempo</i> em foco.....	235
5.3. Representações sociais e imaginários (socio)discursivos apreendidos nas notícias dos jornais <i>Folha de Boa Vista</i> e <i>O Tempo</i> .....	254
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	262
REFERÊNCIAS.....	271
ANEXOS.....	277

## INTRODUÇÃO

A gestão da crise de refugiados e migrantes<sup>1</sup> é, atualmente, um dos principais desafios mundiais, haja vista sua dimensão, verificável pelo crescente número de pessoas que deixam seus países de origem, bem como por sua complexidade em termos de implicações sociais, políticas e econômicas.

Segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), em dados disponibilizados anualmente no relatório *Global Trends (2019)*<sup>2</sup>, os números do deslocamento no mundo são os maiores já registrados. Em 2019<sup>3</sup>, 79,5 milhões de pessoas foram forçadas a deixar seus lares, devido a perseguição, conflito, violência, violações dos direitos humanos ou eventos que perturbem seriamente a ordem pública, um aumento de 8,7 milhões se comparado ao ano anterior<sup>4</sup>. Dentre essas pessoas, 26 milhões são consideradas refugiadas – 20,4 milhões de refugiados estão sob o mandato do ACNUR e 5,6 milhões de refugiados da Palestina sob a responsabilidade da UNRWA (Agência das Nações Unidas de Assistência aos Refugiados da Palestina no Próximo Oriente) –, 45,7 milhões de pessoas foram deslocadas internamente, e 4,2 milhões são solicitantes de asilo. Quanto aos venezuelanos – público que nos interessa mais de perto –, 3,6 milhões se deslocaram para o exterior.

Nesse contexto, tem ocorrido um acentuado crescimento do fluxo migratório da população da Venezuela em nível mundial, já que, de acordo com o ACNUR (2020), houve um aumento de 8 mil por cento no número de venezuelanos que se candidataram ao *status* de refugiado no mundo desde 2014, principalmente nas Américas<sup>5</sup>. Ademais, conforme o *Global Trends (2019)*, mais de 900.000 venezuelanos buscaram asilo em três anos (2017-2019), sendo 430.000 somente em 2019. Somado a isso, o número de venezuelanos em situação irregular continua a aumentar.

Dados divulgados pelo ACNUR (2020), mostram que o número de refugiados e imigrantes provenientes da Venezuela em todo o mundo é superior a 5 milhões. Dentre

---

<sup>1</sup> Cabe aqui um esclarecimento: utilizaremos, neste trabalho, migração (e seu correlato migrante) por se tratar de um termo relativamente neutro, que descreve simplesmente um processo de mobilidade (cf. CALABRESE e VENIARD, 2018, p. 11). Isso nos permite também evitar a dicotomia emigração/imigração, já que o emigrante no país de partida é o imigrante no país de chegada. Manteremos, porém, imigrante/imigração (ou emigrante/emigração) em citações de textos que empregam tais termos.

<sup>2</sup> Disponível em: <<https://www.unhcr.org/5ee200e37.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2020.

<sup>3</sup> Dada a situação atípica gerada pela Covid-19, optamos por não atualizar os dados.

<sup>4</sup> Esse aumento se deve ao deslocamento registrado no ano de 2019 e à inclusão dos venezuelanos deslocados independentemente de seu *status*, o que não havia sido feito no deslocamento forçado global mais amplo, em versões anteriores do relatório de tendências globais.

<sup>5</sup> Disponível em: <<https://www.acnur.org/portugues/venezuela/>>. Acesso em: 29 set. 2020.



os países que mais concederam autorizações de residência e permanência regular aos venezuelanos estão: i) Colômbia – com 763.411; ii) Peru – com 477.060; iii) Chile – 472.827; iv) Argentina – 207.664; v) Equador – 178.246; e vi) Brasil – 150.196<sup>6</sup>. Trata-se, em suma, do maior êxodo na história recente da América Latina e de uma das maiores crises de deslocamento do mundo, segundo a Agência da ONU para Refugiados (2020).

No Brasil, conforme o relatório *Refúgio em Números* (4ª edição)<sup>7</sup>, divulgado pelo CONARE (Comitê Nacional para os Refugiados)<sup>8</sup>, 80.057 pessoas solicitaram o reconhecimento da condição de refugiado em 2018, um aumento significativo em relação a 2017, que teve 33.866 solicitações. Os venezuelanos representam 77% dos pedidos feitos, com 61.681 solicitações. Se comparado a 2017, ano em que os pedidos de solicitação das pessoas provenientes desse país somaram 17.865, houve um aumento considerável. Cabe registrar ainda que alguns venezuelanos que se encaixam no critério de refugiado não solicitam tal *status*; ao invés disso optam por outras formas legais de estadia, que também permitem acesso ao mercado de trabalho, educação e serviços sociais, como, por exemplo, a Autorização de Residência Temporária (Portaria Interministerial (PI) nº 9).

Tais dados, aliados a outros aspectos que serão abordados no decorrer da pesquisa, demonstram a relevância de se estudar a situação migratória da população da Venezuela, mesmo que nosso país seja apenas o 6º colocado na preferência dos venezuelanos, possivelmente pela diferença maior de língua e cultura em relação aos outros países da América do Sul. Esse estudo será feito a partir do discurso dos próprios migrantes e refugiados venezuelanos que se encontram atualmente no Brasil, via suas narrativas de vida, bem como a partir do discurso midiático/jornalístico sobre esses sujeitos.

Antes de mais nada, é fundamental distinguirmos refugiados e migrantes. Esses termos não podem ser considerados sinônimos, já que há diferenças legais e práticas entre eles. Conforme a Lei 9.474/97<sup>9</sup>, que define mecanismos para a implementação do Estatuto dos Refugiados de 1951:

---

<sup>6</sup> Disponível em: <<https://r4v.info/es/situations/platform>>. Acesso em: 21 set. 2020.

<sup>7</sup> Disponível em: <<https://www.justica.gov.br/seus-direitos/refugio/refugio-em-numeros/>>. Acesso em: 20 set. 2020.

<sup>8</sup> Órgão colegiado e interministerial sob a coordenação do Ministério da Justiça. É responsável pela análise de reconhecimento da condição de refugiado, em primeira instância, e pelas declarações de cessação e de perda da condição de refugiado.

<sup>9</sup> Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19474.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19474.htm)>. Acesso em: 26 set. 2020.

Art. 1º Será reconhecido como refugiado todo indivíduo que:

I - devido a fundados temores de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas encontre-se fora de seu país de nacionalidade e não possa ou não queira acolher-se à proteção de tal país;

II - não tendo nacionalidade e estando fora do país onde antes teve sua residência habitual, não possa ou não queira regressar a ele, em função das circunstâncias descritas no inciso anterior;

III - devido a grave e generalizada violação de direitos humanos, é obrigado a deixar seu país de nacionalidade para buscar refúgio em outro país.

Em junho de 2019, o CONARE decidiu reconhecer a situação de “grave e generalizada violação de direitos humanos” na Venezuela, com fundamento no inciso III do art. 1º da referida lei. Tal decisão possibilita a adoção de procedimento simplificado no processo de determinação da condição de refugiado de nacionais venezuelanos.

Diferentemente dos refugiados, o deslocamento, para os migrantes, é voluntário. Eles, em geral, partem em busca de melhores condições de vida e têm a possibilidade de retorno sem riscos ao país de origem, inclusive com proteção estatal. Além disso, enquanto os refugiados possuem proteção internacional da Convenção de Pessoas Refugiadas de 1951, do Protocolo de 1967, da Declaração de Cartagena e estão sob o mandato do ACNUR, os migrantes não contam com proteção internacional específica, dependendo das leis e dos processos internos de cada país. Especificamente no Brasil, a proteção dos refugiados é definida pela Lei nº 9.474/97, enquanto os direitos e deveres do migrante em território nacional estão dispostos na Lei nº 13.445/2017.

Autores como Clochard (2007), porém, assumem que explicações relativas à migração internacional frequentemente encobrem o fato de que o indivíduo que deixa seu país de origem o faz, comumente, movido por fatores complexos (e não exclusivamente, por exemplo, por razões de perseguição ou outra), o que torna difícil a distinção entre refugiado e migrante. Concordando com esse autor, falaremos, na presente pesquisa, de migrantes e refugiados para abarcar as duas categorias, sem estabelecer uma distinção rígida entre elas.

No que se refere, mais especificamente, aos venezuelanos, conforme relatório publicado pelo *Human Rights Watch* (2018)<sup>10</sup>, eles têm migrado para outros países por diferentes motivos, entre os quais se destacam: a escassez de medicamentos, suprimentos médicos e alimentos; a repressão por parte do governo, que tem resultado em detenções arbitrárias, casos de tortura e outras violações contra as pessoas detidas, além do grande

---

<sup>10</sup>Disponível em: <[https://www.hrw.org/sites/default/files/report\\_pdf/venezuela0918port.pdf](https://www.hrw.org/sites/default/files/report_pdf/venezuela0918port.pdf)>. Acesso em: 26 jan. 2021.

número de crimes violentos e hiperinflação. Trata-se, portanto, de uma crise econômica, política, e humanitária.

Tendo em vista que a História é comumente relatada conforme o ponto de vista do dominador, desconsiderando, abafando e até mesmo silenciando a voz do dominado (LARA; LIMBERTI, 2015), interessa-nos, em um primeiro momento, escutar – e examinar à luz da análise do discurso (francesa)<sup>11</sup> – a “voz” desses sujeitos habitualmente destituídos de fala, nesse caso, migrantes e refugiados venezuelanos que estão no Brasil, mais especificamente em Belo Horizonte, Minas Gerais.

Isso porque se, de um lado, observamos considerável aumento no fluxo migratório dos venezuelanos para nosso país, por outro, é necessário compreender essas pessoas que migram e suas experiências, não as reduzindo a dados numéricos. A opção por Minas Gerais – e não, por exemplo, por Roraima, estado brasileiro que mais recebe venezuelanos – se deveu basicamente à maior facilidade que tivemos, como professora de PLAc (Português como Língua de Acolhimento), para chegar a esse público em situação de vulnerabilidade<sup>12</sup>, questão que será detalhada no Capítulo III.

Pretendemos, dessa forma, analisar as narrativas de vida (BERTAUX, 2005; MACHADO; LESSA, 2013; MACHADO, 2011, 2015, 2016a, 2016b) desses sujeitos, coletadas por meio de entrevistas semiestruturadas (TRIVINOS, 1987; MANZINI, 2003), para verificar o que eles dizem de si, dos outros, do mundo. Nesse viés, nos situamos, conforme Machado (2011), em uma análise do discurso comunicativa e que se volta para aspectos psicossociais da comunicação, pois consideramos que o gênero genealógico em pauta é constituído não somente por “acontecimentos, mas também sentimentos, relações interpessoais, ideologias, crenças e valores” (CARVALHO, 2016, p. 27).

---

<sup>11</sup> Estamos tomando a análise do discurso aqui como um amplo domínio em que convivem diferentes teorias que, no entanto, se debruçam sobre um objeto comum: o discurso. No nosso caso, isso implica, particularmente, a teoria semiolinguística de Patrick Charaudeau e os estudos de Dominique Maingueneau (2012), no âmbito do que ele chama de “tendências francesas em análise do discurso”, com contribuições de outros autores, tanto dentro da própria AD(F), quanto em outros domínios, como se verá.

<sup>12</sup> Em consonância com Ghliiss, Y.; Paveau, M.; Ruchon, C. (2019), adotamos uma concepção “dinâmica e empoderadora” de vulnerabilidade: “a vulnerabilidade é, portanto, parte de uma perspectiva política e é entendida em sua dinâmica epistemológica e discursiva”, a qual não se restringe somente à falta, à impotência e ao silêncio. Tradução nossa de: “La vulnérabilité s’inscrit ainsi dans une perspective politique et s’entend dans ses dynamiques épistémologiques et discursives” (GHLISS, Y.; PAVEAU, M.; RUCHON, C., 2019, p. 3).

Considerando que a temática da migração frequentemente ganha o foco das mídias<sup>13</sup>, pretendemos, em um segundo momento, pesquisar quais representações sociais e imaginários (socio)discursivos (MOSCOVICI, 2015; CASTORIADIS, 1982; CHARAUDEAU, 2012b, 2015, 2017) circulam em notícias que tratam da migração de venezuelanos para o Brasil, em dois jornais: *Folha de Boa Vista* e *O Tempo*, na versão digital. Os critérios para a escolha desses dois jornais serão explicados no Capítulo III, que versa sobre as questões metodológicas. Para auxiliar-nos na análise tanto das narrativas de vida quanto das notícias, utilizaremos alguns planos da semântica global (MAINGUENEAU, 2008).

A partir de nosso objetivo geral, que consiste em investigar quais representações e imaginários (socio)discursivos circulam nas narrativas de vida de migrantes e refugiados venezuelanos que estão no Brasil, coletadas, como dissemos, em Belo Horizonte-MG, e nas notícias dos jornais *Folha de Boa Vista* e *O Tempo* sobre esses sujeitos, traçamos os seguintes objetivos específicos: i. comparar as representações sociais apreendidas nas representações de si, dos outros, do mundo, que atravessam as narrativas de vida dos migrantes e refugiados venezuelanos com as das notícias dos jornais, para verificar se e até que ponto eles, em suas “falas”, reproduzem ou rompem (com) as representações que circulam no meio social mais amplo (aqui representado pelo segmento da imprensa, mais especificamente, pelo discurso dos dois jornais selecionados); ii. verificar como os imaginários se constituem e que visões de mundo eles revelam; iii. analisar de que forma(s) a situação de vulnerabilidade social desse grupo se materializa no/pelo discurso, identificando também os silenciamentos presentes nas narrativas – de vida e do gênero notícia; iv. estabelecer interfaces entre a narrativa de vida e a ADF; v. investigar se o que está na Lei nº 9.474/97, que dispõe sobre a proteção dos refugiados, é verificável na prática; e vi. contribuir para que o discurso dos sujeitos que, geralmente, são destituídos de fala e “falados” por outrem, neste caso específico os migrantes e refugiados venezuelanos que vivem atualmente no Brasil, se torne audível.

Em consonância com esses objetivos, levantamos algumas questões que nos instigam e balizam esta pesquisa:

---

<sup>13</sup> Charaudeau (2012a, p. 21) explica que as mídias são tomadas, em seu trabalho “de maneira restrita como o conjunto dos suportes tecnológicos que têm o papel social de difundir as informações relativas aos acontecimentos que se produzem no mundo-espço público: imprensa, rádio e televisão”. Seguimos essa orientação aqui, lembrando, porém, que a presente pesquisa volta-se apenas para o primeiro segmento, já que examina o discurso jornalístico (notícias).

- Até que ponto as representações sociodiscursivas divulgadas pelos jornais *Folha de Boa Vista* e *O Tempo* sobre os migrantes e refugiados venezuelanos diferem/aproximam-se daquelas que são construídas pelos próprios sujeitos?

- Quais imaginários circulam no discurso dos próprios sujeitos e no discurso dos referidos jornais sobre a situação de vulnerabilidade social vivenciada na Venezuela, a qual possivelmente foi indutora do deslocamento, e sobre o país de acolhida, no caso, o Brasil?

- O que é silenciado nas narrativas de vida e nas notícias?

- A posição mais comum dos jornais é abordar o fluxo de venezuelanos para o Brasil como um “problema” ou eles assumem uma atitude mais solidária para com os sujeitos em situação de vulnerabilidade?

- Os imaginários que os venezuelanos possuíam na Venezuela sobre o Brasil se materializaram ou não?

- Ao virem para nosso país, o que buscam esses sujeitos? Boas expectativas de vida e oportunidade de crescimento? Um local provisório/passageiro que lhes permita escapar de problemas mais prementes?

A presente pesquisa se destaca, em um primeiro momento, por sua contribuição social, já que tem como temática uma das maiores crises humanitárias do mundo, a dos migrantes e refugiados, conforme já foi dito. Nesse caso em específico, como nos interessamos pelo discurso sobre/dos venezuelanos que migraram para o Brasil, estamos lidando com o maior êxodo recente da América Latina (ACNUR, 2020). Além disso, ao dar voz a esses sujeitos em situação de vulnerabilidade estaremos, diferentemente da maioria das abordagens, tratando-os como indivíduos com suas particularidades e subjetividades, e não apenas como dados estatísticos.

Ademais, ao comparar as representações que esses indivíduos constroem em seus discursos com aquelas veiculadas por notícias dos jornais *Folha de Boa Vista* e *O Tempo* sobre o fluxo imigratório venezuelano para o Brasil, poderemos verificar as diferenças e semelhanças entre o que eles dizem de si mesmos e o que os outros dizem deles, buscando entender as implicações políticas e sociais que as representações, tanto em um caso quanto no outro, evocam.

Destacamos também a relevância para os estudos discursivos. A temática abordada na presente pesquisa é compatível com os interesses atuais da análise do discurso, campo de estudo que, conforme Emediato e Silva (2017), tem-se voltado cada vez mais para temas sensíveis, como é o caso das migrações contemporâneas. Tais

pesquisas têm sido desenvolvidas com base em princípios éticos, a fim de promover práticas sociais transformadoras e estudos que valorizem traços identitários e diversidades sociais e linguísticas.

A proposta em pauta apresenta também um caráter inovador, já que, apesar de atualmente haver muitas pesquisas que trabalham a questão dos migrantes e refugiados, elas o fazem, na maioria das vezes, de outras perspectivas teóricas (da sociologia, da etnografia, da linguística aplicada etc.). Percebemos que ainda há um espaço considerável para fazer avançá-las na análise do discurso, “lugar” de onde enunciamos. Além disso, ainda não há, conforme destaca Paveau (2017), nenhuma proposta teórica e metodológica concernente à questão da apropriação discursiva, que consiste no fato de certos locutores falarem por outros, ou seja, faltam pesquisas que identifiquem a dominação por apropriação da palavra.

Cabe ressaltar que a presente tese está estruturada em cinco capítulos. No Capítulo I, dedicado à contextualização, discutiremos, em um primeiro momento, a situação política, econômica e social da Venezuela com base em apontamentos de pesquisadoras venezuelanas, como Ribas (2018) e Maya (2018), e também de Legler *et al.* (2018). Além disso, abordaremos os direitos dos refugiados no Brasil, segundo Ramos (2017), a política migratória brasileira para os venezuelanos, consoante Martino e Moreira (2020), as políticas de assistência e integração desenvolvidas para os refugiados no Brasil, conforme Carvalho e Alves (2018), e discorreremos, mais especificamente, sobre os indígenas da etnia Warao, com base em Souza (2019). Considerando que os refugiados venezuelanos que chegam ao Brasil estão sob o amparo da Lei nº 9.474/97, relataremos os avanços que ocorreram com a criação dessa lei em comparação com o antigo Estatuto do Estrangeiro, o que nos possibilitará constatar, ao longo da análise, se tais avanços são verificados na prática.

No Capítulo II, nos debruçaremos sobre o referencial teórico. Discorreremos, inicialmente, sobre a noção de narrativa de vida (BERTAUX, 2005; MACHADO; LESSA, 2013; MACHADO, 2011, 2015, 2016a, 2016b) e sobre o discurso das mídias em geral e, de forma mais específica, sobre o gênero notícia (CHARAUDEAU, 2012a; SILVA, 2005). Apresentaremos também uma discussão sobre os planos da semântica global (MAINGUENEAU, 2008), bem como acerca das representações sociais e dos imaginários sociodiscursivos (MOSCOVICI, 2015; CASTORIADIS, 1982; CHARAUDEAU, 2012b, 2015, 2017). Já no Capítulo III abordaremos os passos metodológicos que seguimos para coletar os dados e constituir o *corpus* da pesquisa.

Os Capítulos IV e V serão dedicados ao exame do *corpus*. Utilizando categorias da semântica global, analisaremos – e compararemos entre si –, primeiramente, as narrativas de vida de migrantes e refugiados venezuelanos residentes em Belo Horizonte-MG (Capítulo IV) e, em seguida, as notícias selecionadas nos jornais *Folha de Boa Vista* e *O Tempo* (Capítulo V), em busca das representações sociais e dos imaginários sociodiscursivos mobilizados. Nas Considerações Finais, compararemos os resultados obtidos nas duas instâncias – narrativas de vida e notícias – em busca de semelhanças e diferenças.

Apontados e discutidos os resultados, resta-nos sugerir estudos futuros, uma vez que a presente pesquisa não tem como pretensão – e nem poderia – esgotar o tema, mas, muito modestamente, contribuir com o debate público sobre essa temática complexa e multidimensional, que é a crise migratória atual.

## CAPÍTULO I – CONTEXTUALIZANDO: A CRISE NA VENEZUELA E AS POLÍTICAS MIGRATÓRIAS NO BRASIL

Para uma melhor compreensão sobre o processo migratório dos venezuelanos que estão no Brasil, consideramos fundamental discorrer sobre o contexto político-social mais recente da Venezuela, neste caso, a partir das pesquisadoras venezuelanas Ribas (2018) e Maya (2018) e também de Legler *et al.* (2018). Além disso, abordaremos os direitos dos refugiados no Brasil, com base em autores como Ramos (2017), já que essas políticas revelam, em certa medida, como recebemos os migrantes (ou como deveríamos recebê-los). Trataremos da política migratória brasileira para os venezuelanos, segundo Martino e Moreira (2020), sobre as políticas de assistência e integração desenvolvidas para os refugiados no Brasil, conforme Carvalho e Alves (2018) e, mais especificamente, sobre os indígenas da etnia Warao, com base em Souza (2019). Posteriormente (Capítulos IV e V), verificaremos, por meio da análise das narrativas de vida, bem como das notícias dos dois jornais selecionados, se o que se encontra nas leis tem sido, de fato, vivenciado pelos migrantes venezuelanos que se deslocam para o Brasil.

### 1.1. O contexto venezuelano

O desenvolvimento do processo migratório na Venezuela, segundo Ribas (2018, p. 92), pode ser compreendido como “dimensão de uma crise interna”. A socióloga explica que, durante grande parte do século XX, esse país era receptor de imigrantes<sup>14</sup>, uma vez que era conhecido por sua estabilidade, ausência de conflitos e processo de modernização. Essa estabilidade econômica e social da Venezuela se manteve até 1983, ano em que o país enfrentou uma crise devido à dívida externa, em função de compromissos assumidos durante o período petrolífero, o que causou um declínio econômico e mudou o padrão migratório: o país passou de receptor de imigrantes a “remetente progressivo<sup>15</sup>”.

---

<sup>14</sup> De 1950 a 1960 a Venezuela recebeu muitos imigrantes europeus e, em 1970, 1980 e parte de 1990 muitos imigrantes de origem latino-americana (RIBAS, 2018).

<sup>15</sup> Ribas (2018, p. 101) divide esse momento em três estágios: 1. profissionais altamente qualificados (cientistas, tecnólogos e acadêmicos), estágio que começou em 1983 e teve seu período mais evidente em 1990; 2. profissionais, técnicos e jovens qualificados (de 1999 a 2013), 3. migração mista: capital intelectual e força de trabalho (de 2014 a 2017).



Ribas (2018) relata ainda que, no final da década de 1990 (1998-1999), o processo emigratório venezuelano se intensificou, diante de uma crise de governo e de políticas que desagradavam à população. A partir desse período, já começaram a ocorrer violações dos direitos das pessoas, sobretudo de setores políticos de oposição, restringindo-se a liberdade pessoal, de associação e expressão do pensamento.

Conforme a autora, durante o primeiro governo de Hugo Chávez, os emigrantes da Venezuela eram qualificados e tinham, pelo menos, bacharelado ou curso técnico universitário completo. Nesse caso, as motivações para o deslocamento, segundo Ribas (2018), em consonância com Vargas (2016), eram contextuais, relacionadas, sobretudo, a fatores sociais e econômicos – insegurança, falta de oportunidades de trabalho e baixo poder aquisitivo. Há que se destacar o desprezo do governo para com essa classe, que, de forma equivocada, era chamada de rica, classe média, profissional e intelectual.

O ápice dessa crise, segundo Ribas (2018), aconteceu em 2002, quando houve a greve da indústria petrolífera venezuelana, a Petróleos de Venezuela (PDVSA), empresa de suma relevância para o país devido à característica de monoprodução da economia. Outros setores – político, da saúde, empresarial e religioso – aderiram ao movimento, que se desenrolou até a renúncia de Chávez e seu posterior retorno ao poder. Após esse período, o governo radicalizou o modelo político e, a partir de 2006, com a reeleição de Chávez, passou-se ao chamado “Socialismo do Século XXI”.

Nesse segundo mandato, Chávez fez reformas adicionais, tais como a estatização de empresas básicas, a desapropriação de empresas, a reconversão da moeda, a rescisão de concessões de canais de televisão e a modificação da Constituição Nacional, estabelecendo-se a reeleição por tempo indeterminado. Assim, em 2012, ocorreu nova reeleição de Chávez como presidente. Após sua morte, em 2013, novas eleições foram convocadas, e o vencedor foi Nicolás Maduro<sup>16</sup> com 50,5% dos votos. Em função da pequena diferença em relação ao oponente de Maduro, esse resultado foi bastante questionado pelos principais setores políticos de oposição e por parte dos cidadãos, o que expôs a polarização existente no país.

No ano de 2014, após convocação pela oposição, ocorreram diversos protestos contra a incapacidade do governo de desenvolver políticas que melhorassem as condições de vida da população, diante de “um contexto de alta inflação, desemprego, aumento nos

---

<sup>16</sup> Lembramos que Maduro era vice-presidente de Chávez, tendo assumido interinamente a presidência da República em 2012, logo após a vitória eleitoral, em razão da grave enfermidade que acometeu o presidente eleito. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Nicol%C3%A1s\\_Maduro](https://pt.wikipedia.org/wiki/Nicol%C3%A1s_Maduro)>. Acesso em: 07 out. 2020.

índices de pobreza e altas taxas de criminalidade e violência<sup>17</sup>” (RIBAS, 2018, p.110). Nesse cenário, o governo de Maduro representava o desenvolvimento do mesmo modelo político de 1999, o que ensejou o aumento de pedidos de exílio e asilo, sobretudo entre jovens e políticos que participaram das manifestações e sofriam perseguição do Estado. A emigração que aconteceu no período de 2014-2017, de acordo com Ribas (2018), indica a perda de capital intelectual e da força de trabalho no/do país. No entanto, é considerada migração mista, indicando não somente diversidade dos perfis no âmbito acadêmico, mas também socioeconômico e político.

Em 2015, ocorreram alguns fatos importantes. Em um primeiro momento, houve as eleições parlamentares, com seus desdobramentos:

O resultado (...) foi a eleição de 109 deputados do partido Mesa da Unidade Democrática (MUD), 55 da coalizão governista e 3 indígenas, que somam 167 deputados a ser eleitos pela norma (Conselho Nacional Eleitoral). Embora isso representasse um contrapeso a certas decisões oficiais, com a criação do Supremo Tribunal de Justiça (TSJ) em dezembro do mesmo ano, o partido governante conseguiu contrapor-se às atividades legislativas desse novo poder: destitui deputados de um dos Estados venezuelanos (Amazonas) e a corte impede ou invalida as diferentes leis geradas a partir dos debates. A consequência é um embate entre poderes, o que, longe de avançar, adiciona mais tensão à já delicada situação política nacional<sup>18</sup> (RIBAS, 2018, p.110).

Somado a isso, houve uma intensificação da crise social e econômica, com a escassez de alimentos, de itens de uso pessoal e de remédios. Já a partir de 2016, Ribas (2018) assevera que, devido à negligência no tratamento da emigração por parte do governo e à intensificação da crise interna, o perfil do venezuelano emigrante mudou. O objetivo continua a ser melhorar a qualidade de vida, contudo, não se relaciona mais somente a buscar segurança pessoal e/ou jurídica, obter maior poder de compra, ter um emprego ou fugir da polarização política,

(...) os novos emigrantes venezuelanos buscam condições mínimas de vida: acesso à alimentação e assistência médica completa, que não encontram na Venezuela pela escassez desses bens ou pelo alto custo dos mesmos, já que se

---

<sup>17</sup> Tradução nossa de: “(...) un contexto con una alta inflación, desempleo, incremento en índices de pobreza y altas tasas de criminalidad y violencia.”

<sup>18</sup> Tradução nossa de: “El resultado (...) fue la escogencia de 109 diputados del partido Mesa de la Unidad democrática (MUD), 55 de la coalición oficialista y 3 indígenas, que suman los 167 diputados a elegir según la norma (Consejo Nacional Electoral). Aunque eso representaba un contrapeso a ciertas decisiones oficiales, a través de la creación de un Tribunal Supremo de Justicia (TSJ) en diciembre de ese mismo año, el oficialismo logró contrarrestar las actividades legislativas de este nuevo poder: destituyen a diputados de uno de los estados venezolanos (Amazonas) y el tribunal impide o invalida las distintas leyes generadas de los debates. La consecuencia es un choque entre poderes, que lejos de avanzar, suman más tensión a la ya delicada situación política nacional” (RIBAS, 2018, p.110).

tornaram inacessíveis ao cidadão comum, principalmente aos setores da população com menor capacidade econômica<sup>19</sup> (RIBAS, 2018, p.111).

Essa busca dos venezuelanos por “condições mínimas de vida” revela, portanto, a violação de seus direitos fundamentais. Em paralelo, algumas situações internas no país tornaram a situação emigratória ainda mais complexa. É o caso, por exemplo, da dificuldade de acesso a documentos pessoais (registro civil e escolar, documento de identidade internacional, passaporte). Além disso, a Associação Internacional de Transporte Aéreo reconheceu não apenas a diminuição do tráfego de voos na Venezuela, mas também o fato de que quatorze companhias aéreas internacionais deixaram de operar no país, restando apenas oito até o final de 2017 (RIBAS, 2018, p. 111).

Desse modo, percebe-se uma vulnerabilidade estrutural com relação a esses emigrantes que leva em conta:

(...) a situação de “fuga” em que emigram, a perda do seu capital intelectual na origem, mas também no destino se não se inserirem nas áreas para as quais foram formados e, por último, o colapso permanente do tecido social: famílias, amigos, grupos de trabalho, que são afetados pela saída constante de pessoas<sup>20</sup> (RIBAS, 2018, p. 93).

Maya (2018), em consonância com Guerra (2018), descreve como “desastre econômico” o que ocorre na Venezuela:

(...) inflação crescente, queda sustentada do PIB, queda das reservas internacionais, sistema de taxas de câmbio desprovido de qualquer racionalidade econômica. Os indicadores macroeconômicos estão em regressão há pelo menos cinco anos (...). A novidade é a hiperinflação, tendo encerrado o ano de 2017 com um valor superior a 2.500%, o que se prevê para este ano, seguindo as mesmas políticas da equipe de Maduro, como é a situação ainda em maio, que a inflação estará uma cifra acima de seis dígitos<sup>21</sup> (MAYA, 2018, p.14-15).

---

<sup>19</sup> Tradução nossa de: “(...) los nuevos emigrantes venezolanos buscan condiciones mínimas de vida: acceso a la alimentación y atención médica completa, que no encuentran en Venezuela por la escasez de estos rubros o el alto costo de los mismos, pues se han vuelto inaccesibles para el común, especialmente para sectores de la población con menor capacidad económica.”

<sup>20</sup> Tradução nossa de: “(...) la situación de ‘huida’ bajo la que emigran, la pérdida de su capital intelectual en el origen, pero también en el destino si no logran insertarse en las áreas para las cuales fueron formados, y por último, la ruptura permanente del tejido social: familias, amigos, grupos de trabajo, que se ven afectados por la constante salida de personas.”

<sup>21</sup> Tradução nossa de: “(...) inflación creciente, retroceso sostenido del PIB, caída de las reservas internacionales, un sistema de tasas de cambio carente de toda racionalidad económica. Los indicadores macroeconómicos llevan al menos cinco años en regresión (...). Lo nuevo es la hiperinflación, habiendo cerrado el año 2017 con una cifra superior al 2.500%, lo que pronostica para este año, de seguir las mismas políticas del equipo de Maduro, como es la situación todavía en mayo, que la inflación estará en una cifra sobre los seis dígitos.”

Somado a isso, a historiadora revela que o preço do barril de petróleo no mercado mundial está em queda ou estagnação há anos, ocorrendo ainda o desgaste da estatal petrolífera PDVSA, devido à diminuição na produção e a problemas de gestão.

Ainda de acordo com Maya (2018), o colapso econômico afetou profundamente o tecido social, tendo a Assembleia Nacional (AN) declarado, em 2017, uma crise humanitária, apesar de ela não ter sido reconhecida pelo Executivo. A autora afirma que, conforme a Pesquisa de Condições de Vida na Venezuela (ENCOVI), desenvolvida por três universidades venezuelanas, em função da ausência de estatísticas oficiais, a pobreza atinge mais de 87% das famílias e a miséria, segundo Espanha e Ponce (2018), 61%. Além disso, destaca que, juntamente com a hiperinflação, há o sistema de câmbio que muda de regulamentação com frequência, propondo critérios para controlar toda a atividade econômica. A falta de medicamentos, conforme a autora, em consonância com Convite (*El Nacional*, 2018), é superior a 80%. Há também um crescimento da violência social: a taxa de homicídios está em torno de 90 por 100.000 habitantes desde 2015, e, de acordo com o OVV – Observatório Venezuelano de Violência (2018) –, Caracas se tornou a capital mais violenta do planeta (MAYA, 2018).

Se não bastasse tudo isso, a destruição dos mecanismos de mercado e a ausência de contrapesos institucionais sobre os poderes públicos, funcionários e forças armadas provocou uma exposição do Estado à penetração de negócios ilícitos (MAYA, 2018). Para que haja uma mudança nesse contexto, a autora assevera que se faz necessária uma mudança política não somente com relação ao Chefe do Estado e seu entorno imediato, mas também uma mudança nas forças dominantes, tais como a direção militar e os civis que são movidos por ideais pseudo-revolucionários e interesses privados.

Já Ribas (2018) declara que o planejamento recente do emigrante venezuelano não consiste, como antes, em se incorporar ao país de destino, mas em sair da Venezuela. Em função disso, países da região passam a ser “destinos imediatos”, principalmente os que fazem fronteira. Ocorre, a partir daí, uma transição no processo migratório, cujas principais características passam a ser as seguintes: 1) há um aumento nos pedidos de asilo e refúgio; 2) a emigração não se relaciona mais exclusivamente a um estrato socioeconômico; 3) não são mais usadas apenas rotas aéreas; 4) há uma variação de destinos, com a incorporação de países da região; 5) ocorre um rápido aumento da emigração; 6) a faixa etária dos emigrantes é cada vez menor (RIBAS, 2018, p. 112-115). Essa busca por “destinos imediatos” tem provocado alterações em fronteiras e na

“dinâmica social” de alguns países, aprofundando problemas, como tem ocorrido no Brasil, sobretudo no estado de Roraima.

Para a socióloga, conforme os parâmetros da OIM, a atual emigração venezuelana deve ser considerada como forçada, tendo em vista a presença de coerção nos motivos de deslocamento, ameaças à vida e acontecimentos contextuais que motivam a busca de outros destinos. Trata-se, pois, de acordo com os critérios do ACNUR e da Declaração de Cartagena de 1984, da emigração de uma população vulnerável. Ribas (2018, p. 119) adverte que o risco maior é que se compliquem ainda mais os efeitos dessa emigração. Um dos maiores problemas, para ela, é a ausência de políticas para enfrentar a questão: faltam, por exemplo, dados oficiais e assistência efetiva tanto aos emigrantes quanto aos repatriados nos países de destino, entre outras dificuldades (RIBAS, 2018, p.119).

Diante desse contexto, Ribas (2018) recomenda mudanças nas políticas de Estado que melhorem as condições internas do país, de modo a “neutralizar” a emigração. É necessário também, segundo ela, o desenvolvimento de políticas para localizar, reconectar, incentivar o retorno e/ou formar redes com venezuelanos que estão fora do país. Deve-se ainda desenvolver mecanismos que visem não apenas ao cuidado e à documentação relativos ao povo venezuelano, mas também à denúncia e à vigilância do que ocorre na Venezuela com os cidadãos e também com os que estão fora do país. Nos Estados, devem-se revisar as políticas desenvolvidas em relação à população migrante.

Legler *et al.* (2018), por sua vez, afirmam que considerar os problemas que têm ocorrido na Venezuela como uma crise endógena é impreciso, uma vez que eventos internacionais impactaram o país, como a queda nos preços globais das *commodities* em 2014-2015. Além disso, os fatos que vêm ocorrendo na Venezuela também afetam outros países em níveis regionais e hemisféricos. Nesse sentido, conforme os autores, não há soluções simples para a atual crise na Venezuela. É preciso uma solução que abranja tanto os problemas endógenos multidimensionais quanto a maneira como eles estão regionalmente conectados. Tal solução deve envolver as partes interessadas – o governo, a oposição, os cidadãos, outros Estados, organizações regionais e redes transnacionais.

## **1.2. O contexto brasileiro**

De acordo com Ramos (2017), o Brasil ratificou a Convenção das Nações Unidas sobre os Refugiados de 1951 e a promulgou internamente através do Decreto 50.215, de

1961. No entanto, o país determinou uma limitação geográfica, que consistia em receber somente refugiados que viessem do continente europeu.

A definição jurídica de “refugiado”, consoante o autor, se modificou com o passar dos anos. A princípio, o art. 1º da Convenção sobre o Estatuto dos Refugiados de 1951 considerava “refugiado” o indivíduo que,

(...) em consequência dos acontecimentos ocorridos antes de 1º de janeiro de 1951 e temendo ser perseguido por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, se encontra fora do país de sua nacionalidade e que não pode ou, em virtude desse temor, não quer valer-se da proteção desse país, ou que, se não tem nacionalidade e se encontra fora do país no qual tinha sua residência habitual em consequência de tais acontecimentos, não pode ou, devido ao referido temor, não quer voltar a ele<sup>22</sup>.

Nessa perspectiva, conforme destaca Ramos (2017, p. 279), refugiado seria “aquele que tem fundados temores de perseguição por motivos odiosos” e esse fundado temor deveria ser comprovado por fatos. O pesquisador pondera que a restrição temporal supracitada demonstra que a referida Convenção dizia respeito às situações dos refugiados ocorridas no período anterior à Segunda Guerra Mundial, no seu decurso e no pós-guerra. No entanto, o art. 1º B determinava que cada Estado poderia compreender o enunciado “acontecimentos ocorridos antes de 1º de janeiro de 1951” contido no art. 1º A como “acontecimentos ocorridos antes de 1º de janeiro de 1951 na Europa”. Desse modo, além da “cláusula temporal”, os Estados poderiam, também, limitar o reconhecimento da condição de refugiado àqueles que vivenciaram os acontecimentos ocorridos apenas na Europa.

De acordo com Ramos (2017), a Guerra Fria influenciou a redação “eurocêntrica” da Convenção, já que os Estados ocidentais desenvolvidos quiseram expor a situação dos dissidentes políticos dos países comunistas, a fim de facilitar a condenação geral do bloco soviético. A definição de “refugiado” teve, pois, como foco, locais de desrespeito aos direitos humanos dos países comunistas, e, assim, a vulnerabilidade com relação aos direitos sociais e econômicos dos países ocidentais não foi considerada na redação da Convenção (e também do Protocolo de 1967). Nesse sentido, “as vítimas de violação de direitos civis e políticos poderiam, sob certas circunstâncias, ser abrigadas sob o estatuto do refugiado, mas as vítimas de violação de direitos básicos, como direito à saúde,

---

<sup>22</sup> Disponível em:

<[https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugueses/BDL/Convencao\\_relativa\\_ao\\_Estatuto\\_dos\\_Refugiados.pdf](https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugueses/BDL/Convencao_relativa_ao_Estatuto_dos_Refugiados.pdf)>. Acesso em: 12 jan. 2021.

moradia, educação e até alimentação, não” (RAMOS, 2017, p. 280). Independentemente dessas questões, Carvalho e Alves (2018) ponderam que a Convenção consolidou os dispositivos internacionais voltados aos refugiados e proporcionou uma base legal de seus direitos em esfera global. Em 1972, Ramos (2017) relata que foi promulgado internamente o Protocolo de 1967, mas a limitação geográfica foi mantida e somente deixou de ser cobrada em 1989, por meio do Decreto 98.602.

Um importante marco para a legislação humanitária, conforme Carvalho e Alves (2018), ocorreu na década de 1980, período no qual diversos países da América Latina passavam por regimes ditatoriais. Os refugiados eram provenientes, sobretudo, da América Central, e buscavam proteção nos países vizinhos ou nos Estados Unidos e no Canadá. Logo, houve a necessidade da criação de um instrumento regional para a proteção dos refugiados, a Declaração de Cartagena de 1984. Ela proporcionou uma definição ampliada de refugiado, inserindo as situações de conflitos armados presentes na região e, apesar de não possuir caráter vinculativo, a maioria dos Estados aderiram a ela. Em suma, “trata-se de um importante mecanismo de cooperação entre os países latino-americanos, demonstrando a solidariedade regional frente ao problema dos deslocamentos forçados nas Américas” (CARVALHO; ALVES, 2018, p.6).

Os autores asseveram que, em 1986, com a redemocratização no Brasil e, também, da América do Sul, a questão do refúgio apresentou avanços. O governo brasileiro iniciou a aplicação do mecanismo regional de proteção aos refugiados, que foi estabelecido em 1984, e passou a acolher refugiados do mundo inteiro. Posteriormente, duas bases legais surgiram no ordenamento jurídico brasileiro: a Constituição Federal de 1988 e a Lei Federal de 9.474/97. Nesse sentido,

A primeira, detém em seus fundamentos a dignidade da pessoa humana, assim como o objetivo fundamental da República da promoção do bem de todos, sem quaisquer discriminações e preconceitos. E a segunda, elaborada nos anos 1990 em um contexto que agrega a ideia contemporânea de globalização, e que demandava ao país a necessidade de reorganização da agenda externa, se impôs no sistema internacional de maneira positiva (CARVALHO; ALVES, 2018, p. 9).

A Lei Federal de 9.474/97 – o Estatuto do Refugiado no Brasil – está em consonância com a definição de refugiado contida na Convenção de 1951 (definição ampla, que foi defendida na Declaração de Cartagena) e traz os principais direitos dos

solicitantes de refúgio e dos refugiados no Brasil. Em seu Artigo 1º, reconhece como refugiado todo indivíduo que:

I - devido a fundados temores de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas encontre-se fora de seu país de nacionalidade e não possa ou não queira acolher-se à proteção de tal país; II - não tendo nacionalidade e estando fora do país onde antes teve sua residência habitual, não possa ou não queira regressar a ele, em função das circunstâncias descritas no inciso anterior; III - devido a grave e generalizada violação de direitos humanos, é obrigado a deixar seu país de nacionalidade para buscar refúgio em outro país (BRASIL, 1997).

Além da definição ampliada, a referida Lei traz questões importantes para a proteção dos refugiados, dentre as quais:

(1) o estabelecimento do CONARE como órgão multifacetado e encarregado das decisões em primeira instância sobre a concessão do refúgio e das políticas públicas para os refugiados, como mencionado; (2) o estabelecimento de um procedimento específico para a concessão do refúgio; (3) o fato de ser um diploma específico sobre refugiados não misturando a proteção a esses com temas gerais de migração; (4) a permissão para obtenção de documentos pelos solicitantes de refúgio, e (5) o fato de elencar soluções duráveis para os refugiados (JUBILUT, 2012, *apud* CARVALHO; ALVES, 2018, p. 10).

Assim sendo, conforme Carvalho e Alves (2018), o fato de o país possuir uma legislação moderna sobre o tema facilitou o reconhecimento de milhares de refugiados.

No que tange mais especificamente à política migratória brasileira para venezuelanos, Martino e Moreira (2020) afirmam que, entre 2015 e 2016, no início do movimento migratório venezuelano, mesmo diante da incerteza de como ocorreria a regularização – se pelo reconhecimento do *status* de refugiado ou pela via da proteção complementar – o refúgio era solicitado pelos venezuelanos e pelas instituições locais que davam apoio aos migrantes, principalmente em Boa Vista e Pacaraima. As autoras explicam, com base em Brasil (1997):

Trata-se de um processo gratuito, sem a exigência de apresentação de documentos do país de origem e que resulta, após a formalização do pedido, em um documento de identificação provisório (popularmente conhecido como protocolo de solicitação de refúgio) que garante a seus portadores estar em situação regular no país enquanto aguardam a análise da decisão sobre o reconhecimento da condição de refugiado (MARTINO; MOREIRA, 2020, p. 155).



A partir disso, e de posse do protocolo, os migrantes passam a ser considerados solicitantes de refúgio e, por isso, têm direito de acessar serviços de saúde, educação, assistência social e exercer atividade remunerada no país. O pedido é analisado pela coordenação do CONARE. Não há um prazo para o processo e, caso seja indeferido, o solicitante tem direito a recurso, podendo permanecer com seu protocolo até receber uma posição definitiva.

As autoras asseveram que, após reivindicações em prol de uma política migratória mais definitiva, o Estado brasileiro, através do CNIg, órgão vinculado ao então Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), publicou a Resolução Normativa (RN) nº 126, de 02 de março de 2017, com o intuito de gerir essa questão por meio da concessão de residência temporária. Contudo, a RN não fazia referência à Venezuela, apesar de ter sido elaborada para regulamentar o fluxo desses migrantes. Fazia menção a pessoas em “situação irregular” ou “a quem não se aplicam os critérios da Lei de Refúgio”. Porém, conforme Martino e Moreira (2020), houve a intenção de oferecer uma medida que contemplasse os migrantes venezuelanos, os quais estavam em um “limbo migratório”, já que se encontravam na condição de solicitantes de refúgio, mas não tinham nenhuma previsão referente a se e quando o reconhecimento do refúgio aconteceria.

Apesar desse avanço, de acordo com o segundo artigo da resolução, o migrante deveria escolher por qual política migratória deveria se regularizar, o que pode ser compreendido como uma intenção de dificultar o acesso ao refúgio. Outro fator dificultador consistia na exigência de ingresso no território brasileiro por via terrestre, ou seja, a entrada dos migrantes no país deveria ser por cidades que faziam fronteira com a Venezuela, o que provocou uma “sobrecarga na estrutura burocrática dessas cidades” (MARTINO & MOREIRA, 2020, p.156). Outrossim, taxas eram cobradas para a obtenção da residência temporária (o que foi revogado no mesmo ano) e documentação, além de a RN estabelecer residência temporária apenas por 2 anos e não propor condições de renovação. Um ano depois, foi publicada a Portaria Interministerial (PI) que

excluiu a exigência da via terrestre, modificou a documentação demandada no caso de pessoa indígena, manteve a gratuidade de acesso a quem pudesse comprovar hipossuficiência econômica e também transformou a residência temporária para indeterminada ao término dos dois primeiros anos (MARTINO; MOREIRA, 2020, p. 157).

Com isso, uma estratégia de proteção complementar mais coerente foi oferecida aos venezuelanos.

Martino e Moreira (2020) revelam, entretanto, que os migrantes continuam tentando a regularização migratória através do refúgio, devido à exigência de documentação do país (apesar de ter sido diminuída pela PI) e à facilidade de acesso à regularização brasileira por meio do protocolo de refúgio, mesmo que provisoriamente. Elas criticam, então, a RN, afirmando que um dos objetivos principais, que era ser uma alternativa para o refúgio, não foi alcançado<sup>23</sup>.

Ainda de acordo com elas, o governo de Jair Bolsonaro representou um retrocesso à temática de migração, devido a ações, como, por exemplo:

a saída do Pacto Global das Migrações logo após sua posse em janeiro; as publicações das Portarias nº 666 e nº 770, que tratam das condições para impedimento de ingresso, repatriação e a deportação de “pessoa perigosa”; e a cessação do *status* de três refugiados paraguaios que haviam sido perseguidos por razões políticas em seu país de origem (MARTINO; MOREIRA, 2020, p.157).

Com relação à política externa, ocorreram mudanças, sobretudo nas relações com os países aos quais o atual governo se opõe político-ideologicamente, como a Venezuela. O CONARE, por exemplo, produziu uma nota técnica, classificando a situação venezuelana como grave e generalizada violação de direitos humanos. A partir daí, os venezuelanos poderiam contar com a proteção estatal brasileira, com um sistema mais consistente de integração social, com a possibilidade de reunificação familiar, estando ainda protegidos pelo princípio de *non-refoulement*. Contudo, como o *status* de refugiado só é válido no Brasil, é necessária autorização para viagens ao país de origem. Além disso, a regularização através do refúgio só vigora enquanto durarem as circunstâncias que provocaram a necessidade de proteção. Em 2019, foi publicado um aditamento à nota técnica em pauta, a fim de anunciar a adoção do reconhecimento *prima facie*, o qual prevê decisões coletivas, quando não é possível fazê-la individualmente. Para as autoras, “reconhecer a condição de refugiados aos venezuelanos pode ser entendido como parte da estratégia do governo Bolsonaro em se opor, nos planos doméstico e internacional, às políticas alinhadas ao espectro político-ideológico da esquerda” (MARTINO; MOREIRA, 2020, p.160).

---

<sup>23</sup> Cabe destacar, contudo, que todos os entrevistados desta pesquisa que declararam Estatuto jurídico alegaram “Residência temporária”. Por esta razão, utilizaremos o termos “migrantes” para se referir a eles.

É notório, portanto, que há uma hierarquia entre as categorias migratórias, na qual o refúgio é a mais privilegiada, mas, paradoxalmente, a mais difícil de ser obtida. Isso pode ser explicado pelo fato de que, ao “reconhecer uma pessoa como refugiada, o Estado assume um compromisso perante a comunidade internacional de lhe garantir assistência e proteção” (MARTINO; MOREIRA, 2020, p.161). Assim, o Estado tem “fracionado” a instituição do refúgio, com medidas tais como a de concessão de proteção complementar e a de residência temporária. Tais medidas podem ser vistas, desse modo, como tentativa de o Estado diminuir sua responsabilidade, já que o Direito Internacional dos Refugiados envolve deveres mais amplos.

Com relação às políticas de assistência ao refugiado no Brasil, segundo Carvalho e Alves (2018), elas se concentram em três eixos principais: saúde, alimentação e moradia. O primeiro eixo diz respeito à garantia, com base na Constituição Federal, de atendimento em hospitais públicos a todos os estrangeiros, ao direcionamento de verbas, pelo ACNUR, para algumas ONGs que fazem a compra de medicamentos e a uma preocupação com o atendimento psicológico. No que tange ao segundo e ao terceiro eixo, existem iniciativas que procuram oferecer alimentos mais baratos para os refugiados, bem como assistência no âmbito da moradia por meio de abrigos públicos e albergues. Ademais, se reassentado, o refugiado pode ter seu aluguel pago pelo ACNUR por determinado tempo.

As políticas de integração, por sua vez, consoante a autora, ocorrem por meio de iniciativas voltadas para a educação, o trabalho e a cultura. Em um desdobramento desse pensamento, são consideradas fundamentais aulas de língua portuguesa, oferecidas tanto por ONGs quanto por algumas universidades parceiras, cursos profissionalizantes e acesso gratuito à internet e às áreas de lazer e cultura, disponibilizados por ONGs, com outras parcerias.

Apesar disso, Carvalho e Alves (2018) declaram que os refugiados possuem um acesso insatisfatório às políticas públicas: muitos conhecem pouco seus direitos, têm acesso precário aos serviços públicos e dificuldade para o reconhecimento dos diplomas universitários. Outrossim, “os refugiados lidam com discriminação, condições de trabalho incertas e baixos níveis salariais, o que interfere de maneira negativa na capacidade de reconstrução de uma vida” (CARVALHO; ALVES, 2018, p.14). A partir disso, notamos, em consonância com a autora, que, apesar de existir no Brasil uma legislação moderna no que tange aos refugiados, eles ainda enfrentam muitas dificuldades para se integrarem, de fato, à sociedade brasileira.

Assim, para amenizar a crise, é necessária

a ampliação das políticas públicas voltadas aos imigrantes e refugiados em território nacional, com maior conexão entre as esferas municipal, estadual e federal. Ademais, tendo em vista as elevadas proporções de migrações venezuelanas para diversos países da América do Sul, mostra-se oportuna a criação de um mecanismo de integração regional, inclusive no âmbito daqueles já existentes, para levantamento de fundos emergenciais destinados a ações de proteção aos venezuelanos deslocados. Outrossim, seria viável que a comunidade internacional encontrasse meios diversos das sanções econômicas para impor fim aos ataques à democracia e aos direitos humanos ocorridos no governo de Nicolás Maduro, uma vez que este tem se mantido inerte mesmo diante do caos social (CARVALHO; ALVES, 2018, p. 24-35).

Segundo o Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância)<sup>24</sup>, com o intuito de acolher parte da população venezuelana, foram criados onze abrigos oficiais em Boa Vista e dois em Pacaraima, os quais são administrados pelas Forças Armadas e pela ACNUR. Mais de 6,3 mil pessoas, das quais 2,5 mil são crianças e adolescentes, vivem nesses locais. Além disso, estima-se que quase 32 mil venezuelanos morem em Boa Vista e que 1,5 mil venezuelanos estão em situação de rua na capital, entre eles, quase 500 têm menos de 18 anos de idade.

Ainda conforme informações compartilhadas entre as agências, o nível de vulnerabilidade dos migrantes venezuelanos no Brasil tem aumentado. O governo brasileiro assumiu quatro áreas de atuação na resposta à migração venezuelana:

1. Fornecimento de acomodação e assistência humanitária básica nos abrigos para migrantes em Roraima; 2. Realocação de migrantes em outros Estados do País (interiorização); 3. Integração de migrantes na sociedade brasileira e no mercado de trabalho; e 4. Apoio aos migrantes dispostos a voltar para a Venezuela voluntariamente (UNICEF, s/d).

Segundo dados do CONARE 2017-2020 (*apud* ACNUR)<sup>25</sup>, no tocante às decisões de refúgio tomadas no Brasil, em 2019, 25.801, o equivalente a 92,5%, são de nacionais venezuelanos. Sobre o estado de solicitação das decisões do CONARE, 18.099 (70,15%) foram em Roraima; 6.442 (24,97%) no Amazonas; 425 (1,65%) no Distrito Federal; 360

<sup>24</sup> Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/crise-migratoria-venezuelana-no-brasil>>. Acesso em: 04 març. 2022.

<sup>25</sup> Disponível em: <<https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoiNTQ4MTU0NGItYzNkMi00M2MwLWFhZWMTMDBiM2I1NWVjMTY5IiwidCI6ImU1YzYzOTg3LTY2NjQ0NDZlYzY0YTBjLTY1NDNkMmFmODBiZSIsImMiOiJh9>>. Acessos em: 30 set. 2020 e 27 jan. 2021.

(1,40%) em São Paulo; 158 (0,61%) no Rio de Janeiro; 99 (0,38%) no Paraná; 53 (0,21%) em Santa Catarina; 29 (0,11%) no Rio Grande do Sul; 29 (0,11%) em Pernambuco; 26 (0,10%) em Goiás; 13 (0,05%) em Minas Gerais; 12 (0,05%) no Mato Grosso; 10 (0,04%) no Acre; 10 (0,04%) em Rondônia; 10 (0,04%) no Pará; 5 (0,02%) na Paraíba; 4 (0,02%) no Ceará; 3 (0,01%) na Bahia; 3 (0,01%) no Tocantins; 2 (0,01%) no Amapá; 2 (0,01%) no Maranhão.

Sobre os motivos de inclusão, 20.851 venezuelanos alegaram “Grave Generalizada” (violação dos Direitos Humanos); 47 “Opinião Política”; 6 “Grupo Social. Nenhum alegou “Raça”, “Religião” ou “Nacionalidade”. Concernente ao *status* da decisão, 20.907 (81,0%) foram reconhecidos; 4.892 (19,0%) se encaixam em outros casos encerrados; e 1 (0,0%) teve o pedido indeferido.

Dentre os migrantes venezuelanos, 13.414 (51,99%) pertencem ao gênero masculino e 12.387 (48,01%) ao gênero feminino. Ainda sobre a faixa etária desses sujeitos, 240 (0,93%) estão abaixo de 4 anos; 386 (1,50%) têm entre 5 e 11 anos; 297 (1,15%), entre 12 e 17 anos; 10.954 (42,46%) possuem entre 18 e 29 anos; 13.147 (50,96%), entre 30 e 59 anos; e 777 (3,01%) têm acima de 60 anos.

Já com relação à educação formal desses migrantes, de acordo com Simões (2020), no Brasil, na Colômbia, em Trindade e Tobago e na Guiana há um número considerável de venezuelanos com baixa escolaridade. No Brasil, 25% possuem apenas o fundamental completo. Apesar de ser necessário um estudo mais aprofundado, o autor revela que os países que possuem um elevado número de imigrantes com baixa escolaridade são os que não possuem políticas públicas voltadas para a revalidação do diploma do ensino superior. Quanto ao estado civil dos venezuelanos, percebe-se um grande número de indivíduos solteiros nos países fronteiriços, mais especificamente, 60% no Brasil.

Por fim, no que tange ao *status* empregatício, no Brasil, apenas 15% estão empregados formalmente, sendo o menor índice de todos os países. Nos países em que se verifica menor índice de formalidade, há os maiores índices de informalidade ou independentes (empreendedores em diversos níveis). O Brasil, por exemplo, possui 30% de empregados por conta própria (SIMÕES, 2020).

### 1.2.1. Os indígenas da etnia Warao<sup>26</sup>

A etnia Warao consiste, atualmente, no principal contingente de refugiados e migrantes de povos indígenas da Venezuela no Brasil – mais de 5.000 indígenas venezuelanos chegaram ao país desde 2016 pela fronteira norte, sendo que aproximadamente 65% deles são Waraos. Existem registros de passagem dessa etnia nas cinco regiões do país, em mais de quarenta municípios (OIM, 2021)<sup>27</sup>. Por esse motivo, empreendemos uma discussão mais detida sobre ela.

Conforme a Lei nº 6.001, de 19 de dezembro de 1973, que dispõe sobre o “Estatuto do Índio”<sup>28</sup> no Brasil, em seu Art. 2º:

Cumprir à União, aos Estados e aos Municípios, bem como aos órgãos das respectivas administrações indiretas, nos limites de sua competência, para a proteção das comunidades indígenas e a preservação dos seus direitos: I - estender aos índios os benefícios da legislação comum, sempre que possível a sua aplicação; II - prestar assistência aos índios e às comunidades indígenas ainda não integrados à comunhão nacional; III - respeitar, ao proporcionar aos índios meios para o seu desenvolvimento, as peculiaridades inerentes à sua condição; IV - assegurar aos índios a possibilidade de livre escolha dos seus meios de vida e subsistência; V - garantir aos índios a permanência voluntária no seu habitat, proporcionando-lhes ali recursos para seu desenvolvimento e progresso; VI - respeitar, no processo de integração do índio à comunhão nacional, a coesão das comunidades indígenas, os seus valores culturais, tradições, usos e costumes; VII - executar, sempre que possível mediante a colaboração dos índios, os programas e projetos tendentes a beneficiar as comunidades indígenas; VIII - utilizar a cooperação, o espírito de iniciativa e as qualidades pessoais do índio, tendo em vista a melhoria de suas condições de vida e a sua integração no processo de desenvolvimento; IX - garantir aos índios e comunidades indígenas, nos termos da Constituição, a posse permanente das terras que habitam, reconhecendo-lhes o direito ao usufruto exclusivo das riquezas naturais e de todas as utilidades naquelas terras existentes; X - garantir aos índios o pleno exercício dos direitos civis e políticos que em face da legislação lhes couberem.

Percebemos que o referido artigo está em consonância com a Declaração Universal dos Direitos Humanos, documento que, como vimos, estabelece pela primeira vez a proteção universal dos direitos humanos e com a Constituição Federal, que rege as principais normas do país.

<sup>26</sup> “O povo Warao é a etnia indígena originária de regiões ribeirinhas da Venezuela, Guiana e Suriname, atualmente em população quase dizimada na Guiana e no Suriname, encontrada em maior quantidade populacional na Venezuela” (SOUZA, 2019, p. 19).

<sup>27</sup> Disponível em: <<https://brazil.iom.int/news/governo-federal-e-oim-iniciam-pesquisa-nacional-sobre-populacao-indigena-venezuelana-no-brasil>>. Acesso em: 8 out. 2021.

<sup>28</sup> Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/16001.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/16001.htm)>. Acesso em: 06 out. 2021.

Os textos das leis de proteção aos indígenas, em nível nacional, continental e internacional, segundo Souza (2019), baseiam-se uns nos outros e, desse modo, possuem semelhanças. No entanto, a existência de lacunas no corpo das normativas leva ao descumprimento de preceitos fundamentais dos direitos dos indígenas que venham da Venezuela, como, por exemplo, os Waraos, o que consiste em ato inconstitucional. Dito de outro modo,

A lei prevê o reconhecimento de direitos a índios que tradicionalmente ocupam terras de competência do Brasil, os waraos por mais que tradicionalmente não tenham território no Brasil, não quer dizer que deixem de ser índios, ou que os direitos deles não devam ser protegidos (SOUZA, 2019, p. 74).

Apesar disso, os costumes diferenciados da comunidade indígena dos Waraos em relação aos venezuelanos não índios, os têm excluído da interiorização (como veremos no caso de uma das entrevistadas desta pesquisa), bem como de outros programas educacionais e de integração ao mercado de trabalho (SOUZA, 2019). Conforme a pesquisadora, a política migratória do Brasil ainda não está familiarizada com migrações tão específicas. Para ela, é necessário que haja um incentivo na criação de um protocolo, de forma a facilitar o atendimento/acolhimento da população indígena, além da criação de Centros de Referências e Atendimento para Imigrantes que ofereçam não apenas acolhimento e atendimento, mas também apoio jurídico, psicológico e oficinas de qualificação profissional.

Para que as políticas públicas brasileiras dessa esfera sejam eficientes, deve-se adotar o modelo de implementação *Bottom-Up*, ao invés do *Top-Down*, de modo a envolver os indivíduos que estão presentes diariamente lidando com a questão, ao invés de partir de cima para baixo. Ou seja,

Essa questão dos indígenas e os limites das políticas em sua circunstância deveria ser construída com os “burocratas de linha de frente”, por exemplo, os grupos de trabalho que estão com eles diariamente e também com ajuda dos mesmos, para se ouvir todas as partes interessadas e, a vista disso, se trabalhar em uma política que convenha às singularidades de cada problema (SOUZA, 2019, p. 75).

Vê-se que são várias questões intrigantes e complexas que perpassam a migração venezuelana no Brasil, bem como as políticas envolvidas na acolhida desses sujeitos em nosso país, o que torna pesquisas como esta ainda mais necessárias. Feita essa

contextualização inicial, passaremos, na próxima seção, a apresentar e discutir nossos pressupostos teóricos.



## CAPÍTULO II – PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Dedicamo-nos, nesta seção, à discussão dos aspectos teóricos que perpassam a presente pesquisa. Partiremos da noção de narrativa de vida (BERTAUX, 2005; MACHADO; LESSA, 2013; MACHADO, 2011, 2015, 2016a, 2016b). Na sequência, trataremos considerações gerais sobre o discurso midiático e abordaremos, mais especificamente, o gênero jornalístico notícia (CHARAUDEAU, 2012a; SILVA, 2007). Examinaremos, então, a semântica global (MAINGUENEAU, 2008) e discutiremos as representações sociais e os imaginários sociodiscursivos (MOSCOVICI, 2015; CASTORIADIS, 1982; CHARAUDEAU, 2012b, 2015, 2017). Esperamos, assim, que esta seção nos forneça subsídios para a análise do *corpus* que ocorrerá nos Capítulos IV e V.

### 2.1. Narrativas de vida

O conceito de “*récit de vie*”, traduzido, no Brasil, como “narrativa de vida”, foi introduzido na França por Daniel Bertaux, no âmbito da sociologia, em 1976. Dividiremos nossa reflexão em dois momentos. No primeiro, apresentaremos tal conceito, valendo-nos especificamente do que acreditamos ser mais pertinente e significativo para nossa discussão acerca das narrativas de vida, sem a pretensão, portanto, de abarcar toda a discussão empreendida pelo sociólogo. Em um segundo momento, partiremos para nosso objetivo principal, que é (re)pensar as narrativas de vida em sua interface com a análise do discurso (MACHADO; LESSA, 2013; MACHADO, 2011, 2015, 2016a, 2016b).

#### 2.1.1. *Récit de vie*

O relato de vida, segundo Carvalho (2016), é uma metodologia de pesquisa que se originou nas Ciências Sociais, através de dois sociólogos da Escola de Chicago, William Thomas e Florian Znaniecki, autores da obra *The Polish Peasant in Europe and America: monograph of an immigrant*, na qual analisavam as dificuldades que imigrantes poloneses passavam nos Estados Unidos nos anos 1920. Foi introduzido na França, como já mencionamos, por D. Bertaux (1976).

Quanto à terminologia que utiliza (*récits de vie*), Bertaux (2005) destaca que o que se conhecia até então era o termo “história de vida” (“*histoire de vie*”), tradução literal do inglês “*life story*”. Entretanto, esse termo não era adequado, pois não distinguia a história vivida por uma pessoa do relato que dela poderia ser feito. Tal distinção mostra-se fundamental para os debates contemporâneos que opõem os realistas e os antirrealistas. Para os primeiros, grupo ao qual o sociólogo se filia, o relato de vida consiste em uma descrição aproximada da história vivida; enquanto os segundos, diferentemente, defendem que a relação entre a história e o relato é incerta, e que o termo história “realmente vivida” não tem sentido.

Bertaux (2005) assevera que em Ciências Sociais, o *récit de vie* procede de um tipo particular de entrevista, a entrevista narrativa, na qual um sujeito conta a uma pessoa (pesquisador ou não) um episódio qualquer de sua experiência de vida. Para ele, o verbo “contar” indica que a produção discursiva do sujeito assumiu a forma narrativa, embora isso não exclua a utilização de outras formas de discurso dentro dela. Trata-se, pois, de uma concepção “minimalista” do relato de vida.

Para que conte uma história, o *récit de vie* é estruturado por meio de uma “sucessão temporal de *eventos*, de *situações*, de *projetos* e de *ações* resultantes<sup>29</sup>” (BERTAUX, 2005, p. 37-38; grifos do original), os quais formam a “coluna vertebral” do que seria uma “linha de vida”. Afirmando que as linhas de vida, em sua maioria, são “linhas quebradas” no sentido geométrico do termo, Bertaux explica que, embora sejam certamente contínuas, elas “fazem ziguezague” (BERTAUX, 2005, p.38). Na autobiografia, forma escrita e autorreflexiva, o sujeito considera sua vida na totalidade, ao passo que, no *récit de vie* (etno)sociológico, forma oral mais espontânea e, sobretudo, dialógica, o sujeito é convidado a relatar suas experiências por meio de um “filtro”, pois ele é informado acerca dos interesses do pesquisador/interlocutor. Se concordar, esse aceite equivale a um “pacto” e, assim, ele seleciona, no interior do seu universo, o que atende às expectativas do pesquisador/interlocutor.

Bertaux (2005) destaca três funções dos relatos de vida: i. a função exploratória, que consiste em o sujeito pesquisador chegar em um local até então desconhecido e procurar informante(s) que descrevam o “objeto social”; ii) a função analítica, que é uma continuidade da fase anterior, na qual o pesquisador já tem uma representação mental acerca do objeto estudado e pretende aperfeiçoá-la; e, por último, iii) a função expressiva,

---

<sup>29</sup> Tradução nossa de: « succession temporelle d'événements, de situations, de projets et des actions qui en résultent » (BERTAUX, 2005, p.37-38).

que não é uma extensão das anteriores, pois não é indispensável. Consiste no desejo de publicar alguns relatos de vida devido à sua “força expressiva”. Ressalva, porém, que, ao se publicar integralmente um relato de vida, cumpre-se uma função de comunicação, mas não de pesquisa.

Na perspectiva de Bertaux (2005), devem-se rejeitar posicionamentos que defendam que o relato de vida é “objetivamente exato”, já que contar uma história que aconteceu consiste em, de um lado, reconstituir os fatos e, de outro, relacioná-los por meio de interpretações. Em outras palavras, esse tipo de relato, não implicando o recurso a arquivos escritos, constitui-se por meio da recordação que o sujeito tem dos principais acontecimentos, da forma como foram vividos, memorizados e totalizados, e cujos encadeamentos ele (o sujeito) se esforça para discernir (BERTAUX, 2005, p.73).

Entre as experiências vividas por um sujeito e o relato desse percurso se interpõem, segundo Bertaux (2005, p. 40), diversas mediações, tais como a percepção, a memória, a reflexividade do sujeito, além de sua capacidade narrativa e dos parâmetros relacionados à situação em que ocorre a entrevista. Tais fatores podem causar a sensação de que os discursos autobiográficos, dentre eles o *récit de vie*, seriam apenas uma reconstrução subjetiva, sem vínculo com a história real vivida. Afirma, entretanto, que a comparação entre os relatos referentes a uma mesma situação social possibilita acessar, além das singularidades, uma representação sociológica dos componentes sociais coletivos através de uma “construção progressiva”.

Esse “núcleo comum” possui uma estrutura diacrônica. Dessa forma, os eventos significativos estabelecem relações do tipo antes/depois entre eles. A partir disso, o autor diferencia diacronia e cronologia. O primeiro consiste na sucessão temporal e suas relações, enquanto o segundo diz respeito à sua datação. Assevera que, em uma entrevista, não devemos cobrar que o sujeito que relata sua vida forneça datas precisas; ao invés disso é relevante levá-lo a exprimir elementos que nos possibilitem reconstituir a diacronia. No que tange às informações contraditórias, devemos, através de uma análise do contexto discursivo das duas menções, verificar qual é a mais correta e tentar identificar o intuito do sujeito com o “erro”.

Bertaux (2005) reconhece que os fenômenos ideológicos e culturais coletivos, tais como valores, crenças, representações, projetos, compõem a realidade objetiva, mas, a partir da perspectiva etnossociológica, ele se concentra nas relações e nos processos sociais estruturais, nas práticas recorrentes. Com isso, “o esforço de compreensão das práticas pode certamente levar a um interesse no plano semântico de crenças,

representações, valores e projetos que, combinando-se com situações objetivas, inspiram as lógicas de ação dos atores<sup>30</sup>” (BERTAUX, 2005, p.13).

O sociólogo francês discorre ainda sobre um fato que, a nosso ver, se relaciona com o silenciamento (ORLANDI, 2015). Segundo ele, o “achatamento” dos acontecimentos que fazem parte do *récit de vie* pode causar “áreas vazias” sobre as quais não se fornece nenhuma informação, podendo tal fato ser “fortuito” ou “significativo”.

Com relação à análise dos *récits de vie* na investigação (etno)sociológica, Bertaux (2005) pontua que essa fase começa cedo, ocorrendo em paralelo à coleta de dados. Além disso, ela é incluída no “modelo em construção” e serve também como guia. Esse modelo se constrói principalmente na comparação entre os relatos. Adverte que não se busca extrair de um *récit de vie* todos os sentidos, mas os que sejam relevantes para a pesquisa e considerados como “pistas”.

Ainda conforme o autor, duas características distinguem esse gênero de outras produções discursivas coletadas por outros tipos de entrevistas, e as formas de análise devem considerar essas características: fala-se de realidades exteriores ao sujeito e em forma narrativa. Afirma, além disso, que, para compreender que o *récit de vie* consiste em tentar contar uma história realmente vivenciada, é necessário distinguir três ordens de realidade: a realidade histórico-empírica, a realidade psíquica e semântica, e a realidade discursiva. As relações entre elas são do mesmo tipo das apontadas por Saussure entre, respectivamente, referente, significado e significante.

### **2.1.2. Do *récit de vie* à narrativa de vida em análise do discurso**

Machado (2016a) afirma que o termo “narrativa de vida” resulta da tradução, proposta por ela, do sintagma *récit de vie*, utilizado por Bertaux na primeira edição (1997) do livro de mesmo nome. A autora opera uma junção entre essa noção e a análise do discurso, o que para nós é basilar, já que investigamos tal gênero genealógico pelo viés desse campo de estudos. Explica que a metodologia de trabalho adotada com as narrativas de vida é interpretativa, uma vez que ela une conceitos e aspectos teóricos da análise do discurso e de outras disciplinas com as quais aquela tem interface(s) (como a sociologia,

---

<sup>30</sup> Tradução nossa de: « L’effort de compréhension des pratiques peut certes conduire à s’intéresser au niveau sémantique des croyances, représentations, valeurs et projets qui, se combinant aux situations objectives, inspirent les logiques d’action des acteurs » (BERTAUX, 2005, p.13).

a história, a psicologia, entre outras), a fim de aplicá-los em um trabalho entre hipóteses e materiais concretos para analisar “aspectos psicossociais e linguageiros” nos *corpora*.

Sabemos que a vida de uma pessoa pode ser relatada de distintas formas, tanto por meio do discurso escrito quanto do oral. Com relação ao primeiro aspecto, Machado (2011, p. 60) destaca três gêneros que são mais usuais e que possuem algumas particularidades: a autobiografia, a biografia e a narrativa de vida. Apesar de eles possuírem o mesmo objeto: “dar vida – através do discurso – a alguém que existe ou existiu”, alguns aspectos os distinguem. No primeiro, há um “jogo de subjetividades”, já que se trata do relato que o sujeito faz sobre sua própria vida<sup>31</sup>.

Na biografia, segundo a autora, percebemos um “narrador-escritor” que conta a história de outro indivíduo de uma forma relativamente livre, podendo acrescentar ao seu discurso o de outras pessoas. Ele tem, dessa maneira, autonomia para fazer uma seleção de vozes. Já na narrativa de vida, assim como na autobiografia, o indivíduo conta sua vida, mas “vemos entrar em cena um novo sujeito, que funciona como uma terceira personagem ou como um ‘mediador’ entre o que é dito ou narrado e o que será escrito” (MACHADO, 2011, p. 60). Nesse gênero de discurso, portanto, mais de um sujeito se exprime. Dito de outro modo, conforme Machado (2015, p. 98), a narrativa de vida acontece “quando um entrevistador solicita a uma pessoa que lhe conte a sua vida ou parte desta ou exponha seus sentimentos pessoais sobre um determinado assunto, por ela vivenciado”. Na maioria das vezes, esse trabalho é desempenhado por profissionais, como historiadores, antropólogos, sociólogos e psicólogos sociais, sendo as narrativas em pauta utilizadas como base para pesquisas distintas.

Essa concepção de narrativa de vida se alinha à concepção minimalista de Bertaux (2005), segundo a qual basta que um indivíduo relate um episódio de sua vida para que haja o gênero de discurso em questão. De acordo com Machado (2016a), tal concepção nos liberta de estudar somente documentos genealógicos canônicos<sup>32</sup>, o que para ela é coerente, pois, em seus estudos, já havia notado que a narrativa de vida pode estar presente no interior de vários outros gêneros. Assumimos em nossa pesquisa, em concordância com tais autores, essa concepção minimalista de narrativa de vida, tendo em vista que nosso interesse reside em aspectos da vida do entrevistado relacionados,

---

<sup>31</sup> Fruto de seus estudos, quatro anos depois, a pesquisadora passou a não considerar tais gêneros como similares à narrativa de vida. No livro *Narrativas de vida-saga familiar e sujeitos transclasses*, recentemente lançado, explica com detalhes a questão (ver MACHADO, 2020).

<sup>32</sup> Para a Machado, (2016, p. 126) são modelos genealógicos canônicos: biografias, autobiografias, memórias, diários.

sobretudo, à migração; não necessitamos, portanto, de um enquadramento mais amplo no que se refere à vida dele desde o nascimento, por exemplo.

Machado (2016a) revela que um dos aspectos que a motivou a investigar as narrativas de vida foi observar que o ato de contar uma vida (ou parte dela) faz com que o narrador busque fatos de seu passado, mas é perceptível uma dificuldade em organizá-los em uma linha coerente, com começo, meio e fim. Esse gênero, em sua perspectiva, procede de um equilíbrio realizado pelo “sujeito-narrador” entre o seu testemunho do factual e fatores ficcionais, como os que advêm da imaginação e buscam preencher as lacunas da fala ou da escrita. Sendo assim, há memória e imaginação nas narrativas de vida.

Em consonância com Paul Ricoeur (1991), a autora afirma que pouco importa o quão a narrativa de vida se baseia no real ou se o indivíduo a “deforma”, atribuindo-lhe um caráter de ficção; o relevante é considerar que narrar representa um esforço mental para que o sujeito conte um fato que ele sente que aconteceu, ou seja, consiste em um “esforço para ‘encaixar’ bem as categorias que vão permitir que essa *história de si* seja legível ou plausível” (MACHADO, 2016a, p.126; grifo do original). Para Machado e Lessa (2013), interpretar esses textos acreditando que se trata de uma verdade sobre o indivíduo é uma “ilusão referencialista”, já que neles coexistem “efeitos de ficção” e “efeitos de realidade”, como diria Charaudeau (1992). De nossa parte, lembramos que, para a análise do discurso, não interessa a verdade ontológica, mas a “verdade” que se constrói no/pelo discurso, ou, em outras palavras, o “dizer verdadeiro”.

De acordo com Machado (2015), um fator que a motivou a estudar esse gênero, associado à análise do discurso, foi a leitura do livro “*Storytelling*” (2007), obra na qual Salmon (2007) assevera que atualmente utiliza-se a narrativa de uma forma um tanto quanto “perversa”, como estratégia de argumentação em domínios como o político, por exemplo. Em consonância com Charaudeau (1992), a pesquisadora afirma que a narrativa pode, sim, funcionar como uma forma de argumentação, mas por meio da utilização de mecanismos de sedução, a fim de influenciar ou conquistar a “adesão e simpatia” dos ouvintes ou leitores (MACHADO, 2015, 2016b).

Outro aspecto que motivou a autora a empreender tal investigação foi sua convivência com narradores: ela percebeu que grande parte desses sujeitos experimentavam, ao narrar, uma espécie de catarse, porque contar a vida para outrem pode ser benéfico e pode trazer certo alívio (MACHADO, 2016a). Esse efeito catártico foi também observado, com certa recorrência, durante a realização das nossas entrevistas

com os migrantes e refugiados venezuelanos. Alguns “sujeitos-narradores” choraram ao relatar fatos do passado, ou seja, liberaram emoção. Conjecturamos que isso se deve, em grande parte, à situação de vulnerabilidade vivenciada por muitos deles. Ocorreu, inclusive, um caso em específico, que não foi incluído no *corpus* desta pesquisa, no qual a entrevistada evitou relatar os fatos vivenciados, justificando: “eu vou chorar”. Logo, essa atitude, que poderia ser considerada, à primeira vista, como fuga de uma possível catarse, implica, por outro lado, a recusa em resgatar um passado que se quer esquecer. O choro, nesse caso, viria interromper o fluxo das palavras, prejudicando a sequência da narrativa.

Machado (2016a, p. 115) revela que o indivíduo é narrador de si mesmo e do(s) outro(s), ou seja, na esteira de Bakhtin (1970), “de outras vozes que pronunciaram outras palavras que as suas”. Dessa maneira, ao tentar transmitir suas lembranças em palavras, ele as mescla com outras que talvez ele não tenha vivido, mas somente escutado ou lido. A partir disso, ele se introduz em um espaço mais amplo que o sócio-histórico ao qual pertence. Cabe ressaltar, porém, que as narrativas de vida ainda assim têm como ponto comum o fato de refletirem a sociedade em que as histórias ocorreram ou, no mínimo, alguns aspectos dela.

Conforme Machado e Lessa (2013), no processo de produção do gênero “narrativa de vida”, há um “desdobramento da consciência” – o indivíduo representa a si mesmo e aos outros –, dessa maneira, ele deve responder aos seguintes questionamentos: “-*Quem eu sou? -Como me represento?* Assim, o *eu* que escreve ou fala, na presente instância de enunciação, o *eu* do *aqui, agora*, cria um *outro*, do *lá, outrora*, que protagonizou certos acontecimentos” (MACHADO; LESSA, 2013, p. 104; grifos do original). Fazendo uma alusão ao *corpus* (das narrativas de vida) desta pesquisa, diremos que o “eu” da instância de enunciação consiste em um(a) venezuelano(a) migrante que está no Brasil e que, ao narrar fatos ocorridos no passado, cria um outro “eu” enquanto venezuelano(a) morador(a) da Venezuela.

O sujeito da enunciação, de acordo com Machado e Lessa (2013), tenta transmitir suas experiências de vida, sendo conduzido pela linguagem, pelos sistemas de avaliação axiológicos e pelas crenças. A atitude de se contar é, pois, um desafio para o sujeito-enunciador, visto que ele precisa, além de ordenar os fatos, selecionar no seu passado o que será contado. Portanto, seguindo esse posicionamento, consideramos que a partir do momento em que o indivíduo seleciona certas informações, ele silencia outras. Por isso,

nos propomos a (tentar) analisar também os silenciamentos que ocorreram nas entrevistas que fizemos.

Machado (2016a) revela que, no âmbito da narrativa de vida e da análise do discurso, existem diversas estratégias languageiras e vários efeitos de sentido. Dentre eles, o da “subjetividade objetivada” (CHARAUDEAU, 1992, p. 695, *apud* MACHADO, 2016a, p.147), que consiste no fato de o sujeito ou “eu” narrador deixar marcas de “seus sentimentos, de sua ideologia política e de vida” em seus textos. As informações armazenadas pelo sujeito, consoante Machado (2016b), criam uma miscelânea de imaginários, vindos das representações sociais, que serão refletidos em suas (do sujeito) palavras em diversos contextos quando ele buscar acessar suas lembranças. Esse pensamento vai ao encontro da proposta de nossa pesquisa, que é acessar, por meio dos usos linguísticos – considerando, especificamente, as narrativas de vida de migrantes e refugiados venezuelanos e o discurso midiático/jornalístico –, os imaginários sociodiscursivos e as representações sociais relacionados à experiência migratória. A autora explica que o “espaço social” assim como as “práticas sociais” são determinantes para o desenvolvimento do imaginário. Para ela,

O indivíduo é influenciado pelas ideias que recebe por meio das vozes de outros, daqueles com quem convive, desde sua mais tenra idade. Aos poucos, a criança se socializa por meio dessas vozes que a envolvem e que se juntam aos seus pensamentos, a sua maneira de conceber ou de perceber seu meio ambiente (MACHADO, 2016b, p.122).

Acreditamos, porém, que, além de as práticas sociais exercerem influência sobre o imaginário, este também influencia aquelas. A partir disso, convém pontuar que o imaginário

(...) não pode nem deve ser limitado somente às narrativas de vida e à evocação de fatos passados. O ser humano, de modo geral, se equilibra entre as representações sociais que lhe foram mais ou menos impostas e as que vai adquirindo vida afora. No entanto, temos que convir que, por vezes, torna-se difícil separar as representações que pertencem ao racional e as que pertencem ao simbólico, pois este engendra aquele, com frequência (MACHADO, 2016b, p.124).

Assim, os imaginários e as representações sociais – ou sociodiscursivas (já que elas se manifestam no/pelo discurso) – vão sendo adquiridos e transformados ao longo da vida do indivíduo.



Com relação à inclinação do homem para a narrativa, a autora afirma que isso depende da sociedade em que ele vive e do nível de individualização que essa lhe permite/possibilita. Existem, assim, os narradores natos, os que se autoconstruíram e os mais fechados, que escutam mais. Não tendo a intenção de discorrer de forma detalhada sobre os motivos que levam o sujeito a narrar sua(s) experiência(s) de vida, Machado (2016a) propõe mencionar alguns, dentre os quais interessa-nos particularmente o do “sujeito-narrador’ testemunha de uma fatalidade”. Nesse caso,

O sentimento que a escrita ou o relato oral de sua vida trará a um determinado *sujeito-narrador* a sensação de cumprimento de um dever, leva tal sujeito a deixar consignados fatos do passado (ligados à sua vida) para testemunhar sobre o que aconteceu em épocas difíceis para toda uma coletividade, nas quais acontecimentos dramáticos foram o pão cotidiano. Assim, alguns indivíduos que foram testemunhas de atos bárbaros, ligados a guerras, catástrofes, violências contra o gênero humano etc., sentem a pungente necessidade de expor o que passaram (...).

O autor tem plena consciência do que vai contar, pois viveu/sentiu/sofreu na própria pele o que agora tenta colocar em palavras. É aí que reside o antagonismo: o narrador tenta contar sua terrível experiência, mas, para fazê-lo de forma correta, ele sabe que deve afastar de suas palavras uma *subjetividade individualizada*, pois essa pode comprometer a realidade que ele quer imprimir ao seu relato. E, para que este relato exista, é preciso transmutar o que ele viveu e sofreu para o mundo das palavras. (MACHADO, 2016a, p. 89-90; grifos do original).

Discorrer sobre o “sujeito-narrador testemunha de uma fatalidade” é indispensável em nossa pesquisa, pois nossos sujeitos-narradores pertencem a esse lugar de fala<sup>33</sup>: são indivíduos que, em sua maioria, vivenciaram a crise na Venezuela e encontram, em suas narrativas de vida, uma oportunidade de desabafar e, em algumas vezes, até de denunciar, por exemplo, situações de violação dos Direitos Humanos.

Nas “histórias discursivas” – termo utilizado por Machado (2011) para se referir a um discurso polifônico, expresso em determinada época, circunstâncias e contexto sócio-histórico, que pode, dessa forma, ser utilizado para fazer alusão às narrativas – o *éthos* (a imagem de si que o orador constrói) não está atrelado à noção de “verdade” ou de “representação da essência”, mas ao efeito mais ou menos consciente de uma construção linguageira e implica determinado comportamento social. Nesse sentido,

---

<sup>33</sup> Em consonância com Ribeiro (2019, p. 30), pensamos lugar de fala como forma de “refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social”.

Vários *ethes* são suscetíveis de coexistir em um mesmo indivíduo, aqueles que ele tenta passar e os que são recebidos ou remodelados por seus interlocutores, por exemplo. Dentro do processo ou das trocas comunicativas de um universo sócio-discursivo, o *ethos* é assim interativo (MACHADO, 2011, p.63; grifos do original).

A pesquisadora diferencia *éthos* de identidade: o primeiro é discursivo e diz respeito ao “parecer”, enquanto o segundo é constituinte do indivíduo e, por mais que sofra alterações, pertence ao “ser”. Adverte que a sociedade, algumas vezes, faz com que a identidade assuma um *éthos* que pode ser distinto dela. O conceito de identidade, conforme Machado (2016a), foi inicialmente abordado, em análise do discurso, por Charaudeau (2009), cujo intuito era de integrá-lo ao âmbito dos estudos discursivos. O linguista francês propõe dois conceitos correlatos: o de “identidades sociais”, as quais estão “sujeitas a um processo de fortalecimento, refortalecimento ou criação e, até mesmo, a um processo de ocultação, efetivado pelo comportamento linguageiro do sujeito-falante” e o de “identidades discursivas”, as quais são construídas sobre as primeiras (MACHADO, 2016a, p. 111). Assim, uma identidade depende da outra para existir.

A pesquisadora revela, enfim, que estudar as narrativas de vida é uma forma de “viajar no tempo”, de desfazer limites espaço-temporais e de compreender estratégias inseridas, de maneira intuitiva ou premeditada, nas narrativas. Ademais, possibilita que se considere “o papel da memória em nossas vidas”, o que já era realizado em outras áreas, como, por exemplo, na História.

Em suma, a narrativa de vida é um gênero que precisa ser (mais) estudado no âmbito dos estudos discursivos, tendo em vista que oferece uma liberdade para que o sujeito se revele e revele aspectos socio-históricos por meio da linguagem – nosso objeto central de estudo enquanto linguistas.

Estudar as narrativas de vida se faz relevante, sobretudo, porque elas engendram, por meio da linguagem, representações sociais e imaginários (socio)discursivos, que, em retorno, agem sobre elas. O campo de estudos da linguagem (do discurso) tem muito a contribuir com essas discussões, principalmente no que concerne à organização dos saberes. Esperamos que esta tese, de alguma forma, faça avançar a discussão.

Discutido o papel das narrativas de vida e apresentadas as definições desse gênero, passemos, na sequência, a questões mais gerais sobre o discurso midiático e, mais

especificamente, sobre o gênero notícia, que concerne mais diretamente a esta pesquisa, como explicaremos na metodologia (Capítulo III).

## 2.2. Discurso midiático

Charaudeau (2012a) afirma que a existência de uma “manipulação midiática” é bastante discutida pela sociedade e que as pessoas costumam condenar as mídias antes de um exame mais atento. Lembremos que, nesse trabalho sobre mídias, o autor fala, de forma restrita, de três segmentos: televisão, rádio e imprensa – sendo esse último o foco desta pesquisa (ver nota 12).

No seu entendimento, para que haja manipulação, é necessário que uma pessoa (ou instância) tenha o intuito de “fazer crer” a outro alguém (ou outra instância) alguma coisa que pode não ser verdadeira, a fim de fazê-lo(a) pensar ou agir de modo a trazer benefício à primeira. Ademais, o “manipulado” se envolve nesse “jogo” sem perceber. Nessa perspectiva, “toda manipulação se acompanha então de uma enganação cuja vítima é o manipulado” (CHARAUDEAU, 2012a, p. 252).

O autor pondera, no entanto, que a relação entre as mídias e os cidadãos não ocorre exatamente dessa forma: se as mídias manipulam, elas nem sempre o fazem propositalmente; outras vezes, elas são vítimas da manipulação de outras instâncias<sup>34</sup>. Destaca, além disso, que, apesar das características negativas que se atribuem às mídias, é necessário reconhecer que elas mantêm um espaço de cidadania, o qual favorece a democracia, uma vez que “relatam fatos e acontecimentos que se produzem no mundo, fazem circular explicações sobre o que se deve pensar desses acontecimentos e propiciam o debate” (CHARAUDEAU, 2012a, p. 252). Em outras palavras, não se pode afirmar nem que as mídias sejam movidas pela vontade de enganar os cidadãos, nem que estes aceitem todas as informações que lhes são repassadas, sem nenhum senso crítico<sup>35</sup>.

Para relatar os acontecimentos, Charaudeau (2012a, p. 253-254) assevera que as mídias fazem uso de três critérios: i) o tempo, pois um fato ocorrido deve ser “transformado”, da forma mais célere possível, em notícia, o que faz com que a informação relatada seja efêmera; ii) o espaço, que consiste no antagonismo entre dois

---

<sup>34</sup> Nesse caso, talvez seja mais apropriado falar de “influência”, e não de “manipulação”, considerando a perspectiva de Charaudeau (2012a).

<sup>35</sup> Diante do cenário digital contemporâneo, seria interessante repensar essas questões, mas não é nosso objetivo na presente pesquisa.

imaginários: o da “aldeia” e o do “planeta”, que dizem respeito, respectivamente, a um âmbito mais íntimo e a um mais abrangente; e, por último, iii) o acidente, que diz respeito aos dramas humanos, o que faz com que as mídias selecionem, preferencialmente, aquilo que participa da “desordem do mundo”.

Retomando a dita ação de outras instâncias sobre as mídias, Charaudeau (2012a) afirma que elas são manipuladas por uma pressão tanto externa quanto interna. No que tange ao primeiro tipo, ressalta a questão da atualidade, tendo em vista que a agenda midiática impõe aos cidadãos o que se enquadra nesse aspecto, e também o poder político, já que este apresenta interesse sobre a agenda midiática, geralmente visando à manipulação do que é (ou não) noticiado. Como terceiro fator, o autor destaca a concorrência, nomeada por ele, em alguns momentos, como “lógica comercial”. Trata-se do problema da “independência da informação”, visto que os parceiros comerciais podem interferir na informação dada.

Com relação à pressão interna, o autor destaca que se trata de uma automanipulação das mídias em função de suas próprias representações. Se, por um lado, “as representações da instância midiática sobre o alvo da informação (...) tendem a privilegiar a emoção em detrimento da razão”; por outro, há as representações da instância midiática sobre seu próprio engajamento, “que se presume neutro do ponto de vista político, mas engajado do ponto de vista moral social”. Esse engajamento neutro é “compensado por representações de autolegitimação sobre a razão de ser das próprias mídias” (CHARAUDEAU, 2012a, p. 258-259). Ademais, em função das exigências em prol da visibilidade e da espetacularização, há uma tendência de construção de uma perspectiva dramatizante do espaço público, de modo que se confunda mundo real e ficção. Nesse sentido,

Na imprensa ou no rádio, é o jogo dos títulos que produz um efeito de ofuscamento racional; na televisão, é o jogo dos roteiros montados ou reconstituídos que impõe imagens falseadas do que aconteceu; é também o jogo dos debates, cujo papel – reivindicado pelas próprias mídias – é de esclarecer a opinião pública, e que, no entanto, apresenta um simulacro de troca democrática, porque exclui das mídias os sem-nome e entroniza os que aí se encontram convocados, criando uma censura pela ausência, na medida em que a palavra é posta em cena de maneira quase exclusivamente polêmica (...) (CHARAUDEAU, 2012a, p. 259-260).

Esses fatos impõem limitações à visada de informação, a qual, no contrato de comunicação, deveria satisfazer os princípios de credibilidade e de captação. Acontece, pois, um desequilíbrio entre ambos, sendo o princípio de captação privilegiado. De

qualquer forma, para Charaudeau (2012a, p. 260-261), é difícil mensurar a influência das mídias na opinião pública, o que o leva a limitar seu estudo “à observação da própria maquinaria midiática, à análise dos efeitos visados”, bem como à emissão de hipóteses sobre os efeitos que poderiam ser produzidos, posição que compartilhamos. Discutidos alguns aspectos gerais sobre o discurso midiático, passaremos a descrever, na sequência, o gênero jornalístico notícia.

### 2.2.1. Notícia

Com relação à notícia, Charaudeau (2012a) assevera que, às vezes, esse termo designa o que é novo; entretanto, essa perspectiva provoca uma confusão entre acontecimento e surgimento do acontecimento. Em outros momentos, destaca que notícia se refere a um acontecimento ligado a uma fonte que o torna informação. Outras vezes ainda assinala que pode designar o próprio fato, mas que, para que o acontecimento seja notícia, ele precisa ser levado ao conhecimento de alguém. A partir dessas ponderações, o autor propõe que se considere como notícia “um conjunto de informações que se relaciona a um mesmo *espaço temático*, tendo um caráter de *novidade*, proveniente de uma determinada *fonte* e podendo ser diversamente tratado” (CHARAUDEAU, 2012a, p.132; grifos do original). Sendo assim, o gênero jornalístico notícia é uma “forma discursiva” que descreve o que ocorreu e reporta reações.

Nas teorias da Comunicação, de acordo com Silva (2007), as classificações e definições dos textos jornalísticos não possuem critérios linguístico-composicionais, isto é, que levam em conta o processo de constituição do texto/gênero. Na literatura desse campo de estudos, há teorias que se voltam para o leitor, o que ocasiona uma classificação que considera mais o estilo, a linguagem, dentre outros aspectos, do que a composição textual. Assim,

(...) não encontramos, nas teorias de Comunicação (...), uma análise textual dos gêneros jornalísticos, ou seja, uma análise que revele os elementos básicos caracterizadores dos gêneros, que, segundo Bakhtin (1997), seriam: elementos de conteúdo temático (tema), estilo e estrutura composicional, inerentes a todo gênero. Além disso, as classificações, algumas vezes, parecem colocar sob o mesmo prisma de análise elementos que possuem naturezas distintas (SILVA, 2007, p.51).

(...) no campo da ciência da comunicação, há uma defasagem teórica quanto à discussão da noção de gênero. Enquanto os autores em outros campos têm tratado o gênero textual como um fenômeno de linguagem socialmente constituído (ligado a atos enunciativos ou a ações de linguagem efetivos e efetiváveis) e tentado construir modelos explicativos da ação dos sujeitos na

linguagem, no campo da comunicação, os estudos ainda se inscrevem em uma perspectiva tipologizante. É difícil depreender, nesta literatura, o que é um gênero jornalístico, bem como quais são os gêneros que compõem o jornal (BONINI, 2003 *apud* SILVA, 2007, p.55).

Silva (2007) ainda cita Bonini (2003) para discorrer sobre a ausência, no campo da ciência da comunicação, de uma definição mais precisa sobre notícia e reportagem, gêneros jornalísticos<sup>36</sup> que são tratados de maneira vaga e, algumas vezes, tomados como sinônimos<sup>37</sup>.

A partir daí, compreendendo a notícia como o “gênero jornalístico por excelência”, em outras palavras, aquele que está mais presente nos jornais e revistas, e, do qual derivam outros gêneros, a autora apresenta uma proposta de definição desse gênero, considerando sua função sociocomunicativa (conforme TRAVAGLIA, 2003) e características de estrutura composicional, estilo verbal e de conteúdo (segundo BAHKTIN, 1997). No que tange à função sociocomunicativa, assevera que a notícia estabelece “a comunicação entre os membros da comunidade discursiva jornalística e leitores de jornais e revistas, através da divulgação de fatos e acontecimentos novos ou mais remotos” (SILVA, 2007, p. 98). Ademais, declara que esse gênero se caracteriza por sua organização textual específica ou estrutura composicional, que, embora possa sofrer variações, confere-lhe uma regularidade de forma e conteúdo, incluindo elementos como sumário/resumo, especificamente a manchete e a linha fina (“headline”)<sup>38</sup>.

Com relação ao conteúdo, a pesquisadora destaca que a notícia se caracteriza por veicular fatos e acontecimentos tanto atuais quanto mais remotos (nesse caso, trata-se de notícia histórica), de forma mais breve (por meio de notas) ou mais extensa. Segundo Silva (2007), toda notícia deve conter um relato, conteúdo temático que está relacionado à categoria Evento Principal (EP), o qual realiza o tipo narrativo. Ela afirma que esse relato ocorre por meio do narrar, e não do dissertar, do descrever, do argumentar ou da ordem (injunção), apesar de a narração poder contê-los. Defende que a categoria

---

<sup>36</sup> “(...) serão entendidos como tal aqueles textos que fazem parte da comunidade discursiva jornalística e para os quais o jornal escrito e a revista funcionam, essencialmente, como suporte e primeiro lugar de fixação e divulgação de seus conteúdos, e não como serviço ou canal” (SILVA, 2007, p.59).

<sup>37</sup> Silva (2007), a partir da distinção feita por alguns autores entre a conceituação de notícia e de reportagem, assevera que, em ambos os gêneros jornalísticos, há um fato, um acontecimento. Contudo, na reportagem, há um tratamento mais elaborado desse fato, por meio de maior investigação, o que influencia a extensão do texto e o surgimento de mais categorias da superestrutura da notícia. Assim, para a autora, toda reportagem é uma notícia mais elaborada.

<sup>38</sup> A autora pondera, no entanto, que a categoria “headline” não é suficiente para a caracterização de uma notícia, uma vez que é possível encontrar, por exemplo, entrevistas e artigos com manchete e linha fina.

“necessária e suficiente” para a identificação de uma notícia é o EP, sendo as outras opcionais. Assim, propõe:

(...) diante de textos que aparentemente configuram-se como notícias, temos que considerar se podemos ou não extrair desses textos um EP, representado por uma macroproposição semântica (a partir de um resumo) predominantemente do tipo narrativo. Caso contrário, não estaremos diante do gênero notícia, mas de outros gêneros quaisquer, haja vista a grande dinamicidade e variação que representam os gêneros jornalísticos e a difícil distinção da notícia de artigos e espécies de artigos (SILVA, 2007, p.101).

Um recurso comum em notícias – e presente, sobretudo, no *corpus* do jornal *Folha de Boa Vista*, como se verá – é a “sub-retranca”. Recorremos a Silva (2005), para discorrer sobre essa noção. Conforme a autora,

(...) a sub-retranca, como uma das várias faces da notícia, está sempre vinculada à notícia principal da página em que é editada e possui o formato *Box*, exercendo a função de desenvolver uma categoria específica da superestrutura do texto noticioso com o qual compartilha o mesmo tema (SILVA, 2005, p. 118-119).

Para ela, a sub-retranca deve ser compreendida, portanto, como uma notícia paralela a uma notícia principal, a partir da qual se realiza um “Background” ou um comentário, normalmente fazendo uso de uma configuração específica, como, por exemplo, o formato *Box*, título e, de forma menos recorrente, chapéu (ou seja, uma “palavra ou expressão curta colocada acima de um título. Usada para indicar o assunto de que trata o texto ou os textos que vêm abaixo dela”<sup>39</sup>).

Passemos, na sequência, para a discussão dos aspectos linguístico-discursivos que nortearão nosso estudo. Nesse sentido, a exemplo dos recentes trabalhos desenvolvidos por Lara com narrativas de vida de migrantes brasileiros na Europa (ver LARA, 2021a, 2021b, 2021c, 2021d, 2021e), tomaremos como base do nosso dispositivo de análise a semântica global (MAINGUENEAU, 2008), que descreveremos a seguir.

---

<sup>39</sup> Disponível em: <[https://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual\\_edicao\\_c.htm](https://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_edicao_c.htm)>. Acesso em: 09 fev. 2022.

### 2.3. A semântica global e seus planos

Lembramos, inicialmente, que, no âmbito da análise do discurso, não existe nenhuma metodologia pronta. Cada pesquisador, em função do seu objeto específico, de seus objetivos, de suas hipóteses de trabalho, enfim, do material que tem à sua disposição, constrói, a partir do dispositivo teórico em que se insere, o seu próprio dispositivo de análise, que pode ir sendo remodelado ao longo da análise propriamente dita.

Como afirma Orlandi (1999), cada material de análise – ou cada *corpus* – exige que seu analista, de acordo com a(s) questão(ões) que formula, mobilize conceitos que outro não mobilizaria, face a suas (outras) questões. Assim, para nos auxiliar no exame das narrativas de vida e das notícias, recorreremos, como foi dito, à semântica global de Maingueneau (2008). Segundo ele, “um procedimento que se funda sobre uma semântica ‘global’ não apreende o discurso privilegiando esse ou aquele dentre seus ‘planos’, mas integrando-os todos ao mesmo tempo, tanto na ordem do enunciado quanto na da enunciação” (MAINGUENEAU, 2008, p.75).

Por meio desse sistema, o autor considera o discurso na “multiplicidade de suas dimensões”, abordagem que julgamos ampla e integradora, uma vez que nos permitirá lançar mão de conceitos oriundos de outras perspectivas teóricas que se mostrarem relevantes para o estudo do *corpus*. Como planos de sua semântica global, propõe: i) a intertextualidade, ii) o vocabulário, iii) os temas, iv) o estatuto do enunciador e do destinatário, v) a dêixis enunciativa, vi) o modo de enunciação e vii) o modo de coesão.

Com relação à intertextualidade, Maingueneau (2008) a distingue de intertexto. Enquanto a primeira aborda as relações intertextuais que a competência discursiva considera como legítimas, o segundo consiste nos excertos citados, efetivamente, no texto. Conforme o autor, todo campo discursivo determina a forma de citar os discursos anteriores de seu campo. Nesse viés, a maneira de um migrante ou refugiado venezuelano citar um texto anterior, por exemplo, em sua narrativa de vida, será distinta da utilizada em uma notícia. O pesquisador assevera que é preciso também levar em conta o passado que cada discurso constrói para si, o que faz com que ele estabeleça certas filiações e negue outras, conforme a formação discursiva<sup>40</sup> de onde se fala. Em suma, ambas as

---

<sup>40</sup> A noção de formação discursiva pode ser descrita, grosso modo, como um dispositivo que determina “o que pode e o que deve ser dito a partir de uma posição dada numa conjuntura...” (cf. PÊCHEUX e FUCHS, 1990, p. 166-167).



restrições – do campo discursivo e da formação discursiva – dizem respeito à “intertextualidade interna”, a qual requer um trabalho da memória discursiva.

A “intertextualidade externa”, por sua vez, consiste na relação de um discurso com outros campos, quer esses sejam citáveis ou não. Assim, o fato de muitos migrantes e refugiados venezuelanos invocarem o discurso religioso (particularmente, o católico) em suas narrativas de vida, indica uma intertextualidade (externa) com o discurso migratório propriamente dito.

No que tange ao vocabulário, Maingueneau (2008) revela que não convém definir um discurso a partir desse plano, como se houvesse um léxico específico para cada discurso. Isso porque o que acontece de forma mais constante são “explorações semânticas contraditórias” das mesmas unidades lexicais em discursos distintos. Desse modo, a palavra em si não é um elemento de análise pertinente. No entanto, análises lexicográficas, no âmbito do discurso, que levem em conta redes amparadas nas dimensões paradigmática e sintagmática e na combinação do quantitativo e do qualitativo podem contribuir com a análise.

O autor pondera que, em um discurso, as palavras não são utilizadas em função de suas “virtualidades” de sentido na língua, pois “além de seu estrito valor semântico, as unidades lexicais tendem a adquirir o estatuto de signos de pertencimento” (MAINGUENEAU, 2008, p.81). Daí, a importância do estudo desse plano de modo integrado aos outros planos do discurso. Acreditamos, nesse sentido, que é relevante examinar as nominalizações e os índices de avaliação que aparecem nas narrativas de vida e nas notícias, pois tais elementos, integrantes do vocabulário, podem nos dar “pistas” para a apreensão das representações e dos imaginários sociodiscursivos que circulam nesses textos.

Concernente ao plano dos temas, Maingueneau (2008, p. 81) declara que não tem como intuito abordar essa noção por si mesma e que se contenta com uma definição mais vaga de tema como “aquilo de que um discurso trata”, independentemente do nível. Para ele, assim como no caso do vocabulário, o mais relevante nos temas é o seu tratamento semântico. O autor afirma que os temas se conformam ao sistema de restrições do discurso e se dividem em “temas impostos” e “temas específicos”. Os primeiros são considerados como aqueles que não podem faltar a um dado discurso para que ele seja

aceito<sup>41</sup>. Já os “temas específicos” são típicos de um dado discurso, e sua presença pode ser compreendida por sua relação semântica com o sistema de restrições.

Além disso, se os temas que não são impostos pelo campo discursivo podem estar ausentes no discurso, os que são impostos podem estar presentes de formas muito diversas. Assim,

Um tema imposto que é dificilmente compatível com o sistema de restrições globais será integrado, mas marginalmente, enquanto um tema imposto fortemente ligado a esse sistema será hipertrofiado. Pode igualmente ocorrer que (...) dois discursos atribuam uma importância compatível ao “mesmo” tema imposto, apesar de ele apresentar pequeno grau de conexidade com seus respectivos sistemas (MAINGUENEAU, 2008, p.83).

Em relação ao *corpus* desta pesquisa, assumimos que, nas narrativas de vida, os temas impostos (pelo próprio roteiro das entrevistas, como se verá no próximo capítulo) falarão, por exemplo, das motivações para a migração e da avaliação que o sujeito faz da própria experiência migratória, com seus aspectos positivos e negativos. Já os temas específicos serão abordados por certos discursos, mas não por outros. Julgamos oportuno acrescentar à proposta de Maingueneau (2008) que os temas podem ser explicitados, mas também silenciados<sup>42</sup> – tanto no discurso dos migrantes e refugiados quanto no discurso midiático/jornalístico.

Sobre o estatuto do enunciador e do destinatário, mais um plano da semântica global, Maingueneau (2008, p. 87) afirma que “cada discurso define o *estatuto* que o enunciador deve se atribuir e o que deve atribuir a seu destinatário para legitimar o seu dizer” (grifo do original). Soma-se a isso a relação do enunciador e do destinatário com as fontes do saber, envolvendo, assim a intertextualidade – outro plano já abordado. Desse modo, notamos que ambos os estatutos variam conforme o discurso e requerem uma competência (inter)discursiva para sua identificação.

---

<sup>41</sup> O autor menciona ainda que os temas impostos subdividem-se em “temas compatíveis”, que convergem semanticamente com o sistema de restrições, e “temas incompatíveis”, que não convergem com esse sistema. Não reteremos, porém, essa distinção no presente trabalho.

<sup>42</sup> Nesse caso, relembramos o trabalho de Orlandi (2015), que propõe uma abordagem do silenciamento como fundamental para a condição do significar. Para essa autora, é relevante compreender que há uma forma de estar em silêncio que equivale a estar “no sentido” e que também existe silêncio nas palavras. Assevera que, para compreendermos esse conceito, é fundamental buscar a historicidade do texto e a formação dos efeitos de sentido, já que não há marcas formais, somente “pistas e traços”. De nossa parte, julgamos importante apreender (e compreender) os temas silenciados nas notícias e nas narrativas de vida, porque eles também significam.

Com relação à dêixis enunciativa, o autor revela que o ato de enunciação estabelece uma “dêixis espaciotemporal” que cada discurso forma de acordo com seu universo. Essa dêixis, em sua dupla modalidade, não diz respeito à produção do enunciado, ela estabelece “uma instância de enunciação legítima, delimita a *cena* e a *cronologia* que o discurso constrói para autorizar sua própria enunciação” (MAINGUENEAU, 2008, p.89; grifos do original). No que tange ao *corpus* desta pesquisa, é relevante analisarmos o posicionamento discursivo dos enunciadores – de um lado, migrantes e refugiados venezuelanos que (se) contam; de outro, jornalistas que falam de e por esse público –, buscando a cena e a cronologia que legitimam seus discursos. No caso dos migrantes participantes da presente pesquisa, por exemplo, opõem-se, via de regra, um *aqui-agora* no Brasil, mais especificamente em Belo Horizonte, e um *lá-então* na Venezuela e em Roraima. Porém, não vemos como abordar espaço e tempo, categorias elencadas por Maingueneau, sem tratar também da categoria de pessoa. Por essa razão, falaremos de uma dêixis espaço-temporal-pessoal, ampliando a proposta do autor.

Já o modo de enunciação, compreendendo uma “maneira de dizer” específica, associa-se ao “tom” do discurso (apreendido por meio de índices como a entonação, o ritmo, a escolha das palavras e dos argumentos etc.), seja esse discurso oral ou escrito. Em trabalhos posteriores, o autor associará esse plano à noção aristotélica de *éthos* (ver, por exemplo, MAINGUENEAU, 2006; 2010; 2020). O modo de enunciação segue as mesmas restrições semânticas que orientam o conteúdo do discurso. A partir dessa conexão entre o discurso e o modo de enunciação, destacam-se três dimensões complementares:

1. O discurso, através do corpo textual, faz o enunciadador encarnar-se, dá-lhe corpo; 2. Esse fenômeno funda a “incorporação” pelos sujeitos de esquemas que definem uma forma concreta, socialmente caracterizável, de habitar o mundo, de entrar em relação com os outros; 3. Essa dupla “incorporação” assegura, ela própria, a “incorporação imaginária” dos destinatários no corpo dos adeptos do discurso (MAINGUENEAU, 2008, p.93).

Assim, o destinatário acessaria, além das ideias, uma “maneira de ser” por meio de uma “maneira de dizer”.

Finalmente, o modo de coesão consiste na maneira pela qual um discurso constrói suas remissões internas, dizendo respeito, de forma mais geral, a uma teoria da anáfora discursiva. Esse plano envolve, pois, múltiplos fenômenos, dentre os quais o “recorte

discursivo” e os “encadeamentos”. O primeiro se dá em nível fundamental, atravessando as divisões em gêneros constituídos; porém só se torna pertinente quando é atrelado ao sistema que lhe confere sentido. Já os modos de encadeamento se localizam em um nível mais superficial. Segundo Maingueneau (2008, p. 96), eles estão relacionados ao fato de que “cada formação discursiva tem uma maneira que lhe é própria de construir seus parágrafos, seus capítulos, de argumentar, de passar de um tema a outro”.

A partir das reflexões acerca da semântica global, Maingueneau (2008) reitera sua rejeição à compreensão de discurso como “sistema de ideias”, pois, nessa concepção, a consciência dos indivíduos é concebida como uma cena na qual se inserem ideias, ao invés de uma instância que tem um dinamismo próprio. Diz ele:

O espectro que procuramos assim conjurar é, evidentemente, o de uma autonomia das ideias; mas não é certo que isso deva se fazer ao preço de uma redução da consciência a um lugar de passagem inerte, aberto a forças externas. O que seria necessário questionar é o primado do *ver*, de uma ideologia – “visão” do mundo, a assimilação do discurso a uma doutrina. *Mutatis mutandis*, poderíamos dizer que tal assimilação é para o discurso o que é para a linguagem a redução de uma língua a um instrumento destinado a transmitir informações (MAINGUENEAU, 2008, p. 96; grifo do original).

Em suma, os planos da semântica global nos permitem analisar, de forma integrada, o funcionamento discursivo. De nossa parte, estudaremos os seguintes planos: temas, vocabulário, dêixis enunciativa, intertextualidade, estatuto do enunciador e do destinatário e modo de enunciação nos textos – narrativas de vida e notícias – do *corpus*<sup>43</sup>. Como afirma Maingueneau (2008, p. 77), a ordem de sucessão dos planos é arbitrária e nada impede que sejam isolados outros planos ou que as divisões propostas sejam repartidas de forma diferente, posição que, a nosso ver, permite que o analista tome certas “liberdades” em relação à proposta original do autor, como faremos neste trabalho.

Por outro lado, concordando com Maingueneau (2008) sobre a necessidade de questionarmos a “autonomia das ideias”, mas sem reduzir a consciência a “um lugar de passagem inerte, aberto a forças externas”, recorreremos às noções de representações sociais e imaginários sociodiscursivos, que serão abordadas na próxima seção.

---

<sup>43</sup> Não abordaremos o modo de coesão pela dificuldade de compatibilizar textos orais retextualizados para a escrita (as narrativas de vida) com textos escritos e previamente editados (as notícias). De qualquer forma, julgamos que a exclusão desse plano não prejudicará as análises.

## **2.4. Representações sociais e imaginários sociodiscursivos**

Dedicamo-nos, nesta seção, à discussão, em uma perspectiva interdisciplinar, das proposições acerca das representações sociais elaboradas, primeiramente, no âmbito da psicologia social por Moscovici (2015), que nesse empreendimento se dedica à construção de uma psicologia social do conhecimento, e Castoriadis (1982), que introduz o conceito de imaginário social. Como nosso objetivo é pesquisar mais especificamente as representações sociais e os imaginários sociodiscursivos nas narrativas de vida e em textos jornalísticos (notícias), abstermo-nos de abordar as discussões empreendidas pelos autores supracitados em toda a sua complexidade e integralidade. Discorreremos, assim, de forma mais detalhada, sobre tais fenômenos com base nas contribuições de Charaudeau (2012b, 2015, 2017), tendo em vista que esse pesquisador pertence ao lugar de fala em que se situa a presente pesquisa: o dos estudos discursivos.

### **2.4.1. Representações sociais segundo Moscovici**

Serge Moscovici (2015), o primeiro a introduzir o conceito de representações sociais na psicologia social contemporânea, distingue pensamento primitivo e pensamento científico. Aquele age sobre a realidade, enquanto este é uma reação à realidade. Sendo ambas as atitudes simétricas, elas possuem a mesma causa, que é o medo do homem diante do que ele não consegue controlar e sua tentativa de compensar isso com a imaginação. Segundo o autor, essas atitudes representam um aspecto da relação entre nossos mundos externo e interno que deve ser investigado.

A psicologia social, quando estuda o sistema cognitivo, tem como pressuposto que os indivíduos, assim como os cientistas, reagem a fenômenos, pessoas e acontecimentos e que compreender é processar informações. Entretanto, conforme Moscovici (2015), alguns fatos contradizem esses pressupostos: o de não estarmos conscientes de algumas coisas “óbvias”; a transformação de acontecimentos e coisas até então indiscutíveis em ilusões; e a questão de as reações e respostas estarem relacionadas a definições comuns aos membros da comunidade à qual pertencemos. Nesses casos, podemos perceber “a intervenção de representações que tanto nos orientam em direção ao que é visível como àquilo a que nós temos de responder; ou que relacionam a aparência à realidade; ou de novo àquilo que define essa realidade” (MOSCOVICI, 2015, p. 31-32).

Assim, todas as informações às quais temos acesso são “distorcidas” por representações que são “superimpostas”. De acordo com o autor, se assumirmos que sempre há autonomia e condicionamento no ambiente, as representações possuem duas funções: 1) elas “convencionalizam” objetos, pessoas ou acontecimentos, pois atribuem-lhes forma, categorizam-nos e os colocam como modelo de determinado tipo. Nesse caso, se um objeto ou pessoa não se enquadrar exatamente na categoria, há um esforço para que o seja, a fim de que ele(a) se torne idêntico(a) aos outros, evitando, dessa forma, a não decodificação e a incompreensão; 2) elas são “prescritivas”, uma vez que se impõem aos indivíduos. Essa imposição ocorre por meio de uma estrutura que existe antes de a pessoa pensar e de uma tradição que define o que deve ser pensado. Nesse viés, o poder das representações “deriva do sucesso com que elas controlam a realidade de hoje através da de ontem e da continuidade que isso pressupõe” (MOSCOVICI, 2015, p. 38).

Tendo em vista que “nenhuma mente está livre dos efeitos de condicionamentos anteriores que lhe são impostos por suas representações, linguagem ou cultura” (MOSCOVICI, 2015, p.35), o autor, ao invés de negar as convenções, defende que devemos procurar quais representações são inerentes às pessoas e aos objetos e descobrir o que implicam, empreendimento ao qual nos propomos na presente pesquisa, através do estudo das representações sociais e dos imaginários sociodiscursivos sobre os migrantes e refugiados venezuelanos que estão no Brasil, tanto nas narrativas de vida como no discurso midiático/jornalístico.

Em suma: de acordo com Moscovici (2015), as representações circulam em nossa sociedade ao longo do tempo, mas não de maneira estática; elas se comunicam, se opõem, mudam e se esvaem para emergir em novas aparências. Quanto ao caráter de convencionalização e de prescrição das representações sociais, ao relacioná-lo ao *corpus* desta pesquisa, podemos pensar, por exemplo, na escolha do termo “(i)migrante” *versus* “refugiado” para se referir à pessoa proveniente da Venezuela e nas implicações discursivas e sociais dessa escolha, o que será discutido nos Capítulos IV e V.

Considerando que a partir do momento em que as representações são criadas, “elas adquirem uma vida própria, circulam, se encontram, se atraem e se repelem e dão oportunidade ao nascimento de novas representações, enquanto velhas representações morrem” (MOSCOVICI, 2015, p.41), para que se possa compreender e explicar uma representação, é preciso começar por aquela(s) que a originara(m). Quando se ignoram sua origem e sua natureza convencional, ela se torna mais “fossilizada”, e quanto menor a consciência sobre ela, maior a influência por ela exercida.

O autor destaca que o conceito de representações sociais com o qual ele e outros pesquisadores da psicologia social trabalham veio da sociologia de Durkheim. Contudo, a abordagem assumida por ambas as áreas é distinta, pois apesar de a sociologia reconhecer a existência das representações sociais, não tinha como prioridade conhecê-las mais detidamente, tratando o fenômeno como “artifícios explanatórios, irreduzíveis a qualquer análise posterior” (MOSCOVICI, 2015, p. 45). Dessa forma, coube à psicologia social dedicar atenção à “estrutura” e à “dinâmica” das representações sociais<sup>44</sup>. A proposta de Moscovici (2015, p. 45) é, portanto, “estudar como *fenômeno* o que era tido como *conceito*” (grifos do original).

Outra crítica feita por Moscovici (2015) à perspectiva sociológica de Durkheim concernente ao estudo das representações coletivas<sup>45</sup>, é que ela incluía “uma cadeia completa de formas intelectuais”, tais como, “ciência, religião, mito, modalidades de tempo, espaço, etc.” (MOSCOVICI, 2015, p.45-46), qualquer ideia, emoção ou crença que acontecesse em uma comunidade, apesar de serem aspectos muito heterogêneos. As representações sociais, conforme Moscovici (2015), devem ser consideradas como formas específicas de compreender, bem como de comunicar o que já se sabe; são estruturas dinâmicas que funcionam juntamente com um conjunto de relações e comportamentos que aparecem e desaparecem com as representações.

O autor assevera que os meios de comunicação de massa aumentaram tais mudanças, bem como a necessidade de uma ligação entre, de um lado, as ciências e as crenças gerais – abstratas – e, de outro, nossas atividades concretas como seres sociais. Nesse contexto de influência dos meios de comunicação no surgimento e na manutenção de representações sociais, salientamos a relevância do *corpus* deste estudo quando nos propomos a verificar as representações sociais dos migrantes refugiados venezuelanos também em veículos midiáticos (jornais) de relevância local e nacional.

Partindo do pressuposto de que “todas as formas de crença, ideologias, conhecimento, incluindo até mesmo a ciência, são, de um modo ou outro, *representações sociais*” (MOSCOVICI, 2015, p. 198; grifo do original), cabe discutir o lugar que essas representações ocupam na sociedade. De acordo com o psicólogo social, atualmente, esse lugar é determinado pela distinção entre universos consensuais e universos reificados. No

---

<sup>44</sup> De acordo com Moscovici (2015, p. 45), a primeira iniciativa nessa direção foi de Piaget, ao estudar a representação do mundo da criança.

<sup>45</sup> Moscovici (2015, p. 198) opta por utilizar o termo “social” ao invés de “coletivo” para romper com as associações que foram atribuídas no passado ao segundo termo – “coletivo” – e com as interpretações sociológicas e psicológicas que definiram sua natureza no procedimento clássico.

primeiro caso, a sociedade é uma criação visível, que tem continuidade, sentido e finalidade e na qual se age e se reage como ser humano. Já no segundo, a sociedade é transformada em um sistema de entidades que são indiferentes à individualidade e não possuem identidade. Nas palavras do autor:

Em um *universo consensual*, a sociedade é vista como um grupo de pessoas que são iguais e livres, cada um com possibilidade de falar em nome do grupo e sob seu auspício. (...) Num *universo reificado*, a sociedade é vista como um sistema de diferentes papéis e classes, cujos membros são desiguais. Somente a competência adquirida determina seu grau de participação... (MOSCOVICI, 2015, p. 50-51; grifo do original).

Sendo assim, tanto o universo consensual quanto o reificado se referem a relações instituídas na sociedade pelas pessoas e às formas de interação. Essa distinção situa, segundo o pesquisador, de um lado, o conhecimento popular, as maneiras de pensar e agir e o senso comum, e, de outro, a ciência e a ideologia. Ainda de acordo com ele, em uma dimensão social, ciência e senso comum são coisas irreduzíveis uma à outra, pois implicam maneiras distintas de compreender o mundo e com ele se relacionar.

Moscovici (2015) revela sua intuição de que o propósito de todas as representações é tornar familiar o que não é familiar, uma vez que os universos consensuais são locais onde os indivíduos desejam se sentir à vontade, resguardados de conflitos. Essa atitude de busca pelo familiar demonstra que as representações, embora não sejam estáticas, como vimos, tendem para o conservadorismo, para a confirmação de seu conteúdo significativo. Pensemos, por exemplo, nos migrantes e refugiados venezuelanos. Como eles são provenientes de outro país, possuem uma cultura diferente da nossa (brasileira). Dessa maneira, eles são seres humanos como nós, mas, ao mesmo tempo, diferentes de nós, o que, por vezes, pode causar estranhamento em algumas pessoas da nossa sociedade (e vice-versa). Desse modo,

Todas as coisas, tópicos ou pessoas banidas ou remotas, todos os que foram exilados das fronteiras concretas de nosso universo possuem sempre características imaginárias; e pré-ocupam e incomodam exatamente porque estão aqui, sem estar aqui; eles são percebidos, sem ser percebidos; sua irrealidade se torna aparente quando nós estamos em sua presença; quando sua realidade é imposta sobre nós – é como se nos encontrássemos face a face com um fantasma ou com um personagem fictício na vida real; ou como a primeira vez que vemos um computador jogando xadrez. Então, algo que nós pensamos como imaginação se torna realidade diante de nossos próprios olhos; nós podemos ver e tocar algo que éramos proibidos (MOSCOVICI, 2015, p.56).



O autor evidencia que, quando o indivíduo se depara com a alteridade de uma forma diferente da que esperava, ele instintivamente a rejeita, pois ela se torna uma ameaça. A partir disso, “re-apresentar” é uma maneira de transferir o que ameaça do exterior para o interior. As representações são uma tentativa de tornar comum e real algo que para o indivíduo não o é. Assim, no estudo de uma representação, é importante procurar descobrir a característica não familiar que a motivou, que foi absorvida, sobretudo o desenvolvimento de tal característica quando ela surge na esfera social.

De acordo com Moscovici (2015), as representações são concebidas por meio de dois mecanismos: ancoragem e objetivação, os quais transformam o não familiar em familiar. O primeiro consiste em transformar algo estranho, isto é, que seja diferente em relação ao sistema particular de categorias do indivíduo, e compará-lo com algo pertencente a uma categoria que seja por ele considerada mais adequada. Estendendo esse raciocínio ao *corpus* desta pesquisa, podemos dizer que os migrantes e refugiados venezuelanos que estão no Brasil muitas vezes são julgados por padrões convencionais e comparados a, por exemplo, “moradores de rua” e/ou até “criminosos” (como se vê frequentemente nas mídias), o que será discutido mais detalhadamente nos capítulos destinados à análise.

O autor assevera que quando se compara um objeto ou ideia ao paradigma de uma categoria, ele(a) passa a ter características dessa categoria e é reajustado(a) para nela se encaixar. Dessa maneira, a partir do momento em que essa classificação é aceita, qualquer posicionamento que se relacione com a categoria se relacionará também com o objeto ou com a ideia. Admite ainda que, mesmo que haja a consciência da existência de uma discrepância ou relatividade, o(s) indivíduo(s) se apega(m) à transferência em prol de uma coerência entre o que não se conhece e o que se conhece.

Ancorar consiste, pois, em classificar e nomear. Quando o indivíduo não o faz, o objeto ou pessoa se torna estranho(a) a ele, não existente e, concomitantemente, ameaçador(a), o que ocasiona uma resistência e um distanciamento. Sendo a representação um sistema de classificação e de denotação, de atribuição de categorias e nomes, não há neutralidade nesse processo, pois se atribui carga positiva ou negativa ao que está sendo classificado, além de um lugar na escala hierárquica. Retomando o exemplo já citado dos venezuelanos que migraram para o Brasil, quando os classificamos como “moradores de rua” e/ou como “criminosos”, há uma avaliação e uma atribuição de rótulo, ou seja, não há neutralidade; por meio desse ato “revelamos nossa ‘teoria’ da sociedade e da natureza humana” (MOSCOVICI, 2015, p.62).

O psicólogo social destaca, entretanto, que, na maioria das vezes, as classificações ocorrem com base na comparação das pessoas ou dos objetos com um protótipo, normalmente considerado como representante de uma classe. Nesse caso, há uma tendência de se perceber e selecionar os atributos que são mais representativos desse protótipo. Fazendo, a partir dessa reflexão, uma alusão à forma como os migrantes e refugiados venezuelanos são representado nas mídias brasileiras, constatamos que, muitas vezes, menciona-se o comportamento “suspeito” e “estranho” desses indivíduos, sem que seja feita qualquer referência, por exemplo, à gentileza, ao esforço, ao empenho e/ou à dedicação, que lhes podem ser atribuídos. Sendo assim, há uma apropriação de dada(s) característica(s) como se ela(s) fosse(m) extensiva(s) a todos os membros da categoria. Quando a caracterização é positiva, há uma aceitação; se for negativa, uma rejeição. O autor declara que o fato de a classificação ocorrer pela generalização ou particularização demonstra uma atitude para com o objeto/para com a pessoa e que atribuir nome é uma atitude social.

Concernente ao segundo mecanismo por meio do qual as representações são concebidas – a objetivação –, Moscovici (2015) afirma que ele é mais atuante do que o mecanismo anterior – a ancoragem –, e que se baseia na ideia de unir a não familiaridade com a realidade. Pondera que, apesar de esse mecanismo consistir na reprodução de um conceito em imagem, não são todas as palavras que podem ser associadas a imagens, uma vez que não existem imagens suficientemente acessíveis e algumas podem ser consideradas tabus. Assevera, nesse sentido, que a partir do momento em que a sociedade aceita um determinado paradigma, ela considera mais fácil falar sobre o que se relacione com ele. Em decorrência disso, as palavras que fazem referência a esse paradigma serão mais utilizadas, aparecendo, então, fórmulas e clichês que o condensam e imagens.

Em suma, tendo em vista o propósito das representações sociais de tornar familiar o não familiar, Moscovici (2015, p. 208) defende que esse fenômeno tem como finalidade “primeira e fundamental” fazer com que a comunicação dentro de um grupo não seja problemática, diminuindo o que é “vago” por meio do consenso, já que as representações são formadas via influências recíprocas e negociações implícitas no decorrer da conversação.

### 2.4.2. Imaginários segundo Castoriadis

Seguindo o que foi feito na seção anterior, na qual expusemos o estudo de Moscovici (2015) sobre as representações sociais, passaremos agora para uma discussão sobre o conceito de imaginários na perspectiva de Castoriadis (1982). Na sequência, discorreremos sobre as concepções de representações sociais e de imaginários sociodiscursivos de Charaudeau (2012b, 2015, 2017).

De acordo com Castoriadis (1982), tudo o que se apresenta aos indivíduos no mundo social-histórico está envolvido com o simbólico. Os sistemas simbólicos sancionados consistem em “ligar a símbolos (a significantes) significados (representações, ordens, injunções ou incitações para fazer ou não fazer, consequências. – significações, no sentido amplo do termo) e fazê-los valer como tais” (CASTORIADIS, 1982, p. 142). Nesse processo, portanto, os símbolos adquirem significados que são compartilhados por uma sociedade ou grupo e, assim, desempenham a função de coesão social.

O simbolismo, na esteira do filósofo, não é neutro nem totalmente adequado, já que não é possível fazer uso de seus signos em qualquer lugar, nem mesmo utilizar quaisquer signos. Ademais, os símbolos não são completamente subjugados pelo conteúdo que devem veicular, não sendo possível determinar *a priori* o momento em que o simbólico “invade” o funcional. Assim, apesar de a construção do simbolismo ocorrer com base nos elementos simbólicos precedentes, não há como definir as fronteiras do simbólico, pois um símbolo não se impõe como uma necessidade natural nem se exime de toda referência ao real, com exceção de algumas vertentes da matemática, nas quais há símbolos convencionais.

O imaginário<sup>46</sup> é, pois, um componente do símbolo e do simbolismo, na medida em que utiliza o simbólico para “expressar-se” e para “existir”, ou seja, para ir além do virtual. De forma mais específica, o simbólico é composto, na maioria das vezes, por um componente imaginário efetivo e um componente racional-real; nesse caso, o que representa o real ou o que é fundamental para o pensar e o agir. Paralelamente, o simbolismo também requer a capacidade imaginária, já que consiste em um vínculo permanente entre dois termos, no qual um representa o outro e, desse modo, pressupõe que se veja algo de outra maneira.

---

<sup>46</sup> Castoriadis (1982) menciona também o imaginário periférico, que, segundo ele, diz respeito a uma segunda ou enésima elaboração imaginária dos símbolos, em outras camadas de sedimentação.

Já no prefácio de sua obra, Castoriadis (1982) situa o leitor acerca de sua compreensão sobre o imaginário. Em suas palavras, esse termo

(...) nada tem a ver com o que algumas correntes psicanalíticas apresentam como “imaginário”: o “especular”, que, evidentemente, é apenas imagem *de* e imagem refletida, ou seja, *reflexo*, ou, em outras palavras ainda, subproduto da ontologia platônica (*eidolon*), ainda que os que utilizem o termo ignorem sua origem. O imaginário não é a partir da imagem no espelho ou no olhar do outro. O próprio “espelho”, e sua possibilidade, e o outro como espelho são antes obras do imaginário que é criação *ex nihilo*. Aqueles que falam de “imaginário” compreendendo por isso o “especular”, o reflexo ou o “fictício”, apenas repetem, e muito frequentemente sem o saberem, a afirmação que os prendeu para sempre a um subsolo qualquer da famosa caverna: é necessário que (este mundo) seja imagem *de* alguma coisa. O imaginário de que falo não é imagem *de*. É criação incessante e essencialmente indeterminada (social-histórica e psíquica) de figuras/formas/imagens, a partir das quais somente é possível falar-se de “alguma coisa”. Aquilo que denominamos “realidade” e “racionalidade” são seus produtos (CASTORIADIS, 1982, p.13; grifos do original).

Como se vê, o autor refuta a ideia de imaginário como especular, ou seja, como reflexo, ou como algo da ordem do fictício – concepções que, segundo ele, estão atreladas à ideia de que este mundo é imagem de algo. Do seu ponto de vista, o imaginário consiste em uma criação simbólica social-histórica e psíquica que gera realidade e racionalidade. Essa demarcação é de suma importância para o posicionamento de Charaudeau (2012b, 2015, 2017), que também refuta a ideia de imaginário como algo fictício, e para nossa pesquisa, que compreende o imaginário como essa criação situada.

As instituições, que desempenham funções fundamentais para as sociedades, realizam atividades conscientes de institucionalização e têm como fonte o imaginário social, o qual deve entrecruzar-se com o simbólico e com o econômico-funcional para que a sociedade possa, respectivamente, se reunir e sobreviver. Logo, a instituição é uma rede simbólica, socialmente sancionada, na qual se combinam em proporções e relações diversificadas um componente funcional e um imaginário. De acordo com o autor, a alienação é a “autonomização” e a dominância do imaginário na instituição. Essa autonomização da instituição, portanto, “exprime-se e encarna-se na materialidade da vida social, mas supõe sempre também que a sociedade vive suas relações com suas instituições à maneira do imaginário, ou seja, não reconhece no imaginário das instituições seu próprio produto” (CASTORIADIS, 1982, p. 159-160).

Dessa forma, o imaginário nem sempre é consciente. Esse ponto evidencia uma das relevâncias de nossa pesquisa, pois nos propomos a discorrer sobre um elemento que

muitas vezes é utilizado de maneira naturalizada no discurso, mas revela posicionamentos e tem uma (grande) implicação social.

As significações imaginárias sociais, segundo o pesquisador, não denotam, mas conotam praticamente tudo. Em decorrência disso, elas são normalmente confundidas com seus símbolos e o simbolismo considerado em si mesmo. Nessa perspectiva, a esses significantes é atribuída uma eficácia superior à que possuem. A fim de justificar a impossibilidade de “redução” do imaginário social ao imaginário individual em prol de se obter um conteúdo denotável, o pesquisador adverte que “é incontestável que uma significação imaginária deve encontrar seus pontos de apoio no inconsciente dos indivíduos; mas esta condição não é suficiente” (CASTORIADIS, 1982, p. 174). Para que ela exista, é preciso ter significantes disponíveis coletivamente e significados diferentes dos individuais. Assim, na abordagem dos imaginários, não se deve tentar isolar a psiquê de um contínuo social.

Notamos, dessa forma, o caráter de sobredeterminação característico dos imaginários e sua influência na sociedade. Para o filósofo, a “imaginação produtiva ou criadora” do que ele nomeia “imaginário radical” é fundamental para a história; ela não é exatamente o percebido, nem a elaboração racional dos dados; ela se dá na forma do imaginário efetivo (ou do imaginado). Assim, “é só relativamente a essas significações que podemos compreender tanto a ‘escolha’ que cada sociedade faz de seu simbolismo, e principalmente de seu simbolismo institucional, como os fins aos quais ela subordina a ‘funcionalidade’” (CASTORIADIS, 1982, p. 177).

A sociedade, segundo o pesquisador, é presa às coerções do real e do racional e inserida em uma continuidade histórica. Apropriando-se, conseqüentemente, de um simbolismo já dado, sua produção não pode ser reduzida a um desses elementos. Assim, cada sociedade forma uma imagem do mundo, a fim de elaborar um conjunto significativo, dispondo o que é dado de acordo com significações, que, por sua vez, não dependem do racional, mas do imaginário. As significações imaginárias, nesse sentido, proporcionam respostas aos questionamentos dos indivíduos.

O imaginário torna-se, pois, imprescindível para a compreensão da história humana, já que para entender a sociedade é necessário considerar seu fato unificante, o qual proporciona um conteúdo significado e o envolvimento com as estruturas simbólicas. Ele possibilita a reflexão sobre os seguintes questionamentos:

O que é que estabelece a *finalidade*, sem a qual a funcionalidade das instituições e dos processos sociais permaneceria indeterminada? O que é que, na infinidade das estruturas simbólicas possíveis, especifica *um* sistema simbólico, estabelece as relações canônicas prevalentes, orienta em *uma* das inúmeras direções possíveis todas as metáforas e as metonímias abstratamente concebíveis? (CASTORIADIS, 1982, p. 192; grifos do original).

Castoriadis (1982) revela que o imaginário não é considerado o real – uma vez que cada sociedade constitui o seu<sup>47</sup> –, nem racional, pois, se o fosse, a história não seria história, mas “ordem racional” ou “progressão na racionalidade” (ela contém esse aspecto, mas não pode ser reduzida a ele). A partir disso, aparece um sentido, que não é da ordem do real, no que tange ao percebido, nem do racional ou do positivamente irracional, nem do verdadeiro nem falso, mas da ordem da significação, sendo criação imaginária da história, no que ela se constitui. Assevera, desse modo, que não convém explicar como e por que o imaginário se dá, nem como as significações sociais imaginárias e as instituições que a compõem se autonomizam, pois elas sempre estiveram presentes. O imaginário consiste em um “elemento que constitui a história como tal” (CASTORIADIS, 1982, p. 193). Nesse viés, o autor critica o projeto ocidental de constituição de uma história total se assumido como projeto especulativo – posicionamento com o qual coadunamos, pois não é nosso objetivo falar dos migrantes venezuelanos apenas a partir de uma fonte que (supostamente) detém o monopólio da informação, mas acessar, por meio de suas narrativas de vida, uma outra história.

#### **2.4.3. Representações sociais e imaginários sociodiscursivos segundo Charaudeau**

De acordo com Charaudeau (2015, p. 187), os conhecimentos que os indivíduos possuem e os julgamentos que fazem são diversos e variados. Sendo assim, é necessário “decompô-los, ordená-los e classificá-los”, a fim de que haja uma apreensão conceitual. Assevera que cada sociedade, por meio da atividade de linguagem, “*tematiza* esses objetos e esses domínios, *problematiza* a maneira como se deve considerá-los, precisa o *posicionamento* daquele que fala: dizer do que se trata, qual questão se coloca e eventualmente o que responder” (CHARAUDEAU, 2015, p. 188; grifos do original).

---

<sup>47</sup> Conforme Castoriadis (1982), a constituição do real não é totalmente arbitrária.

Quando se enuncia, por exemplo, “O impacto da imigração venezuelana no Brasil<sup>48</sup>” afirma-se que existe um acontecimento social que consiste no fluxo de pessoas provenientes da Venezuela para o Brasil (tematização), que causa um impacto nesse país (problematização) e que é necessário informar/discutir sobre esse impacto (posicionamento). Contudo, o semiolinguista pondera que o indivíduo não possui uma completa liberdade para tematizar seu discurso, pois este depende da situação de comunicação, que impõe algumas restrições conforme o propósito comunicativo<sup>49</sup>, salvo nas situações de transgressão e subversão. Alinhado a isso, o interlocutor possui uma expectativa, de acordo com a situação de comunicação. Esses aspectos são, certamente, de grande valia para a nossa pesquisa, visto que pretendemos, dentre outras coisas, elucidar as representações sociais e os imaginários sociodiscursivos que engendram as narrativas de vida desses indivíduos (e são engendrados por elas), bem como o discurso midiático/jornalístico sobre os migrantes e refugiados venezuelanos que estão no Brasil, a fim de verificar a qual(is) propósito(s) se vinculam. Percebemos, portanto, que os aspectos supracitados contextualizam a problemática na qual o presente estudo se insere.

Antes, porém, de discorrermos sobre as noções – basilares para esta pesquisa – de representações sociais e de imaginários sociodiscursivos, na perspectiva de Charaudeau (2012b, 2015, 2017), julgamos fundamental expor algumas questões que nos parecem imprescindíveis para tal compreensão.

Charaudeau (2015) afirma que o homem precisa da realidade para significá-la, e esta também necessita do homem para ser significada. Nesse sentido, é relevante diferenciar as noções de “realidade” e de “real” que, conforme Charaudeau (2017), são confundidas por muitos. Convém, pois, fazer referência à teorização de signo linguístico, com base em Saussure e em Benveniste. O signo linguístico, com sua dupla face significante/significado, se caracteriza por uma tripla dimensão: referencial, pois se refere a algo no mundo; simbólico, já que constrói sentido a partir do mundo; e contextual, porque forma seu sentido em uma combinação contextual. Disso resulta a compreensão de que o significado não é a própria realidade, mas uma construção significante do mundo. Assim, “‘a realidade’ corresponde ao mundo empírico através de sua fenomenalidade, como lugar a-significante (e ainda a-significado), impondo-se ao

---

<sup>48</sup> O referido enunciado aparece em primeira posição na categoria “Pesquisas relacionadas à imigração venezuelana no Brasil” quando se digita no site *google.com* “Imigração venezuelana no Brasil”. Acesso em: 28 mai 2020.

<sup>49</sup> Para Charaudeau (2015), propósito é aquilo de que se fala; corresponde ao tema do discurso.

homem em seu estado bruto aguardando ser significada” (CHARAUDEAU, 2017, p. 547).

O real, por outro lado, diz respeito ao mundo como ele é construído e estruturado pela atividade significativa do homem através da linguagem. Dessa maneira, a realidade precisa ser “formatada” para se tornar real, o que ocorre pela razão – a qual não é desprovida de afeto nem de carga emocional – e, conseqüentemente, também pela linguagem. Em outros termos, o discurso constrói o real, não cabendo, portanto, nesse caso, o julgamento de verdade ou falsidade (CHARAUDEAU, 2017, p. 574-575).

Charaudeau (2015) declara que surgiram diversos estudos e teorias para explicar a forma como o indivíduo representa o mundo, a fim de compreendê-lo. Eles, no entanto, muitas vezes não possuíam uma distinção bem definida e apresentavam hierarquias questionáveis. No âmbito da análise do discurso, é importante verificar como o conceito de representações sociais, que teve origem e se desenvolveu em outra disciplina<sup>50</sup>, pode ser recuperado e redefinido (CHARAUDEAU, 2017).

O semiolinguista adverte, entretanto, que seu intuito não é retomar essa noção em sua compreensão como conceito, mas como um mecanismo de construção de sentido que molda e formata a realidade em real significativa. Em um desdobramento desse pensamento, propõe que as representações são “uma mecânica de engendramento dos saberes e dos imaginários” (CHARAUDEAU, 2017, p. 576). Adota, portanto, a perspectiva das representações sociais como fenômeno cognitivo-discursivo. Passemos, a seguir, para uma discussão mais detalhada acerca dessa noção, bem como dos imaginários sociodiscursivos na perspectiva de Charaudeau (2012b, 2015, 2017).

#### **2.4.3.1. Representações sociais**

O conceito de representação social, segundo Charaudeau (2015), emergiu a partir da compreensão de que, além da lógica formal, existe a natural, a qual procede do sujeito e do pensamento social, que é determinado em grande parte pelo contexto social. Revela que foi necessário questionar a teoria adotada durante muito tempo pela psicologia para explicar o comportamento animal e humano (a do estímulo-resposta do behaviorismo), uma vez que ela não conseguia explicar de maneira satisfatória a defasagem que ocorria

---

<sup>50</sup> Conforme foi discutido anteriormente (Seção 2.4.2), na sociologia, voltamos a sublinhar que Durkheim discorreu sobre “representações coletivas”, e, na psicologia social, Moscovici abordou as “representações sociais”.



entre os processos de transmissão da informação e os resultados obtidos da aprendizagem. Essa defasagem ocorre porque toda a aprendizagem depende de conhecimentos prévios e de saberes obtidos ao longo da atividade de socialização. Logo, entre a realidade e a percepção do indivíduo sobre ela há um processo de interpretação. Dessa reflexão decorrem diferentes posicionamentos, como, por exemplo, o dos “teóricos marxistas da ideologia”, o de uma vertente mais subjetivista e o de outra mais cognitivista (discutida na seção 2.4.1 sob o viés de Moscovici).

Com relação à maneira como a psicologia social trata as representações, Charaudeau (2015, p. 196) aponta a existência de um reducionismo, porque, ao considerá-las como “conhecimento do sentido comum pelo grupo que as produz a propósito de um dado objeto social”, torna-se difícil definir o que seria sentido comum e o que não seria. Ademais, elas teriam um alcance mais geral, pois se baseiam em uma organização mental que interpreta acontecimentos do mundo e suas relações com o sujeito, conforme uma coerência definida pelo grupo.

Em um desdobramento desse pensamento, Charaudeau (2012b, p. 431) assevera que a noção de representação social “trata da questão da relação entre a *significação*, a *realidade* e sua *imagem*” (grifos do original). Inspirando-se no filósofo e semiólogo Marin (1993), admite que a representação social pode ser relacionada à interdiscursividade e ao dialogismo de Bakhtin – noções que também nos parecem importantes e produtivas para esta pesquisa.

Ainda em consonância com Marin (1993), Charaudeau (2012b, p.433) aponta que as representações possuem três funções sociais: (i) de “representação coletiva”, que ordena os esquemas de classificação, de ações e de julgamentos; (ii) de “exibição” do indivíduo através, por exemplo, de rituais e outros eventos que os tornam visíveis; e (iii) de “presentificação”, que consiste na maneira de encarnar em um representante uma identidade coletiva. Explica que esse posicionamento ocasiona algumas consequências, como o fato de as representações serem incluídas ou até mesmo consideradas como real, já que elas constroem um ordenamento do real através das imagens mentais veiculadas pelo discurso. Esses “discursos sociais” algumas vezes são explícitos, “objetivando-se”, e, em outros momentos, ficam implícitos. Além disso, os discursos ditos de conhecimento e de crença exercem uma função identitária, ou seja, possibilitam aos membros de um grupo “construírem uma *consciência de si* e que parte de uma *identidade coletiva*” (CHARAUDEAU, 2012b, p.433; grifos do original). Nesse sentido, dentre outras

questões, as representações consistem em uma interpretação que acarreta sentido. Elas, portanto,

Constituem *maneiras de ver* (discriminar e classificar) e de *julgar* (atribuir um valor) o mundo, mediante *discursos* que engendram *saberes*, sendo que é com esses últimos que se elaboram sistemas de pensamento, misturas de conhecimento, de julgamento e de afeto (CHARAUDEAU, 2015, p.197; grifos do original).

Os saberes não são abstratos, mas formas de dizer dependentes da linguagem, que, concomitantemente, ajudam na construção de sistemas de pensamento<sup>51</sup>. Charaudeau (2015, 2017) afirma que eles podem ser de dois tipos: saberes de conhecimento e saberes de crença. Os primeiros têm como intuito instituir uma verdade sobre os fenômenos do mundo e variam conforme a cultura em que se originam. Eles têm uma existência, para além da subjetividade do indivíduo, pois sua verdade é algo exterior a ele. Esse saber dá lugar a outros dois: o saber científico e o saber de experiência. O científico diz respeito à razão científica e à ordem do provado, enquanto o da experiência consiste ao domínio do experienciado, não havendo prova como garantia (CHARAUDEAU, 2017, p.581).

Já os saberes de crença dizem respeito a avaliações, julgamentos sobre os fenômenos, os indivíduos, seus pensamentos e comportamentos no mundo. Sendo assim, concernem a valores que atribuímos e não ao conhecimento que possuímos. Nesse caso, não é o mundo que se impõe ao indivíduo, mas este se impõe àquele. Tendo em vista a existência de vários julgamentos no mundo (conforme supracitado), “todo juízo de crenças está fundado sobre uma partilha, pois se pode dizer que ele tem também uma função identitária (o que não acontece necessariamente com o saber de conhecimento)” (CHARAUDEAU, 2015, p. 198).

Esse tipo de saber – o de crença – dá lugar a outros dois: o saber de revelação e o saber de opinião. O saber de revelação assume a existência de um “lugar de verdade” exterior ao indivíduo; contudo, diferentemente do saber de conhecimento, ele não pode ser provado nem submetido à verificação, pois “exige um movimento de adesão total do sujeito”. O saber de opinião, por sua vez, corresponde a um engajamento avaliativo do sujeito sobre os fatos do mundo (CHARAUDEAU, 2017, p.583). De forma mais específica, ao saber de opinião se vinculam algumas categorias de opinião: opinião comum, que tem uma abrangência generalizante e se espera que seja partilhada por

---

<sup>51</sup> Ver esquema ampliado das representações sociais mais adiante.

muitos; opinião relativa, que provém de um sujeito individual ou de um grupo e que está presente do espaço democrático; e opinião coletiva, a que um grupo expressa sobre outro.

Valendo-nos dessas colocações no que tange aos saberes de conhecimento e de crença, convém fazermos alusão a dois enunciados sobre a migração venezuelana para fins de exemplificação. Quando lemos, por exemplo, “Interiorização leva 15 mil venezuelanos de RR a outros estados em 1 ano e 3 meses”<sup>52</sup> (*Portal G1*), categorizamos essa informação como um saber de conhecimento, tendo em vista que sua “verdade” é exterior ao sujeito; ela não depende de julgamentos e avaliações. Com o uso de um dado numérico (15 mil venezuelanos em 1 ano e 3 meses), esse saber de conhecimento recorre a um saber científico, pois pode ser provado. Já no enunciado “Em Pacaraima, ele afirmou também que o trabalho desenvolvido na Acolhida é ‘emocionante’<sup>53</sup> (*Portal G1*), verificamos um saber de crença, através do discurso relatado do ministro Dias Toffoli – “emocionante” –, uma vez que identificamos um julgamento; mais especificamente, podemos apontar um saber de opinião, pois se trata de uma avaliação a respeito do fato.

Quanto às categorias de opinião estabelecidas por Charaudeau (2017) – opinião comum, opinião relativa e opinião coletiva –, trata-se, a nosso ver, de distinções “porosas”, pois na prática não é simples identificar os limites entre elas. Em outras palavras, determinar até que ponto, por exemplo, uma opinião é mais generalizante, ou provém de um sujeito individual, ou é compartilhada por um grupo não é algo elementar. Além disso, como afirmar, tendo conhecimento sobre o interdiscurso e o dialogismo, mencionados anteriormente, que uma opinião é individual? Isso nos parece um reducionismo.

Em suma, os saberes de conhecimento consistem em representações classificatórias do mundo, enquanto os saberes de crença remetem a uma abordagem axiológica. Nessa perspectiva, ambos os saberes, de acordo com Charaudeau (2017), estruturam as representações sociais e “alimentam” os imaginários (que serão discutidos a seguir, na seção 2.4.3.2). Ademais, é necessário ressaltar que algumas pessoas fazem uso de estratégias e utilizam um saber no lugar de outro, sendo possível, portanto, intercambiá-los (CHARAUDEAU, 2015; 2017). Assim, notamos que, à semelhança das

<sup>52</sup> Disponível em: <<https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2019/07/18/interiorizacao-leva-15-mil-venezuelanos-de-rr-a-outros-estados-em-1-ano-e-3-meses.ghtml>>. Acesso em: 13 jan. 2021.

<sup>53</sup> Disponível em: <<https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2019/07/23/toffoli-visita-fronteira-com-venezuela-e-diz-que-observatorio-vai-monitorar-migracao.ghtml>>. Acesso em: 13 jan. 2021.

categorias de opinião, os limites entre os saberes de conhecimento e os de crença também são “porosos”.

Cabe ainda apontarmos que Charaudeau (2012b, 2015, 2017) não avança muito na discussão sobre “representações sociodiscursivas”, uma vez que ele se limita a mencioná-las:

Essas são as duas formas de saber de conhecimento [saber científico e saber de experiência], já que ambas tomam o que é dito pelo que é o mundo (não nos esqueçamos de que nos encontramos aqui no domínio das representações sócio-discursivas) (CHARAUDEAU, 2017, p.582).

Sabemos que a proposta do autor, no que tange às representações sociais, é, sobretudo, situar essa noção, originária em outras disciplinas, na análise do discurso, como um mecanismo de construção de sentido que molda e formata a realidade em real significante. No entanto, como ele menciona as representações sociodiscursivas, esperávamos, como linguistas, como analistas do discurso, um desenvolvimento maior dessa noção, mesmo não sendo esse seu objetivo principal. Pelo trecho reproduzido acima, podemos depreender que se trata de representações situadas no âmbito do dito. Passemos, na sequência, às contribuições do teórico para o avanço dos estudos sobre os imaginários sociodiscursivos.

#### **2.4.3.2. Imaginários sociodiscursivos**

Charaudeau (2017) explica que a emergência da noção de imaginários ocorreu em três tempos: 1) com o pensamento clássico, quando a imaginação era considerada como fantasia, a qual, por sua vez, era situada próxima da loucura, oposta à razão; 2) com as ideias de Freud concernentes: i. inicialmente, à defesa da dupla consciência do homem diante de um “ego individual” e de um “ego coletivo”, ii. posteriormente, à localização do imaginário ao lado do “Superego” e o “Id” no Simbólico, iii. em seguida, com Jung e a ideia de “arquétipos”, segundo a qual temas recorrentes formariam os imaginários pessoais sobre um inconsciente coletivo, e, iv. em paralelo, com Bachelard, que opunha “conceitualização”, que estaria na esfera da ciência, e “devaneio”, que seria uma atividade criativa; 3) com a presença da antropologia, que compreende os ritos sociais como discursos que retratam a organização social – perspectiva à qual o semiolinguista se filia para localizar o imaginário na análise do discurso.

Nesse viés, Charaudeau (2015, 2017) concebe a noção de imaginário social diferentemente das definições que lhe atribuem um sentido ligado ao mítico, ao fictício ou ao irreal. Trata-se, para ele, de uma imagem que se estrutura a partir do processo de significação da realidade, o que se origina de uma dupla relação: a que o indivíduo mantém com a realidade através de suas experiências e a que constrói com outros a fim de buscar um consenso. Assim, “é a atividade de percepção da realidade que origina os imaginários, os quais, por sua vez, dão sentido à realidade” (CHARAUDEAU, 2015, p. 203).

Quanto ao conceito de imaginário social introduzido por Castoriadis (ver seção 2.4.2.), no âmbito da filosofia, que lhe serviu de embasamento, Charaudeau (2015) declara que preserva duas considerações. Uma delas consiste na não pertinência do julgamento de verdadeiro ou falso, verificável ou falsificável no âmbito do imaginário, porque ele é da ordem do verossímil, ou seja, do que é possivelmente verdadeiro. Nesse ponto, verificamos o paradoxo dessa noção, já que

(...) como considerar que o homem construiria percepções significantes sobre o mundo se ele não as tivesse por verdadeiras? Isso nos faz, portanto, acrescentar às proposições de Castoriadis que o imaginário não pode não pretender testemunhar uma verdade e que, conseqüentemente, todo o imaginário é um *imaginário de verdade* que essencializa a percepção do mundo em um saber (provisoriamente) absoluto (CHARAUDEAU, 2015, p. 204-205; grifo do original).

Desse modo, apesar do reconhecimento de que os julgamentos supracitados não são cabíveis na esfera dos imaginários, a crença para o indivíduo de que seu imaginário é verdadeiro é intrínseca. Outro aspecto que Charaudeau (2015) conserva de Castoriadis diz respeito à compreensão de que o imaginário forma a identidade de um grupo, pois consiste no fator responsável pela união; é o que “cimenta” a esfera de significação. Faz, porém, uma ressalva sobre o papel da instituição nessa consolidação: se para Castoriadis esta é a garantia, para Charaudeau, ela representa apenas uma parte, pois o grupo é formado pelas relações que os indivíduos estabelecem entre si, as quais “ao se autorregular, terminam por construir o universo de valor, portanto, imaginários comuns” (CHARAUDEAU, 2015, p. 204). Concordamos que é possível haver uma influência das instituições na formação e na constituição dos imaginários, já que muitas delas ditam normas sociais, dentre outras imposições; no entanto, em consonância com o linguista, ponderamos que as relações sociais são mais relevantes para a consolidação dos imaginários.

Nessa perspectiva, se os imaginários procedem de uma dupla interação, “do homem com o mundo, do homem com o homem”, eles não são todos conscientes, mas podem se tornar conscientes em dois momentos: quando uma situação os questiona e, principalmente, quando são definidos no tocante ao outro/estrangeiro. Assim, “a confrontação com a alteridade provoca sempre uma tomada de consciência” (CHARAUDEAU, 2015, p. 205). Gostaríamos de registrar que essas considerações dialogam diretamente com o *corpus* desta pesquisa, tanto no âmbito das narrativas de vida, nas quais os indivíduos recorrem, dentre outros, ao(s) imaginário(s) relativo(s) à migração, quanto na instância midiática/jornalística, oportunidade na qual podemos acessar os imaginários com relação ao outro/estrangeiro.

Ainda conforme Charaudeau (2015), alguns imaginários estão “submersos” no inconsciente coletivo e, em decorrência disso, os grupos sociais estão em uma situação paradoxal, pois eles a todo o momento geram, resignificam e questionam os imaginários e, concomitantemente, se apropriam deles como fundamentais. O autor revela que os imaginários consistem em uma maneira de apreender o mundo e têm origem na mecânica das representações sociais. Nessa perspectiva,

[o imaginário] resulta de um processo de simbolização do mundo de ordem afetivo-racional através da intersubjetividade das relações humanas, e se deposita na memória coletiva. Assim, o imaginário possui uma dupla função de criação de valores e de justificação da ação (CHARAUDEAU, 2017, p.578).

Transpondo essa questão para o *corpus* desta pesquisa, podemos dar um breve exemplo dos valores ligados aos imaginários. O imaginário da tradição no contexto da migração pode criar valores negativos quando evoca um apego às origens, associando-se, por exemplo, ao discurso xenofóbico. Por outro lado, pode suscitar valores positivos quando aliado à valorização das origens, no caso dos migrantes e refugiados venezuelanos que revelam saudosismo do passado e da família.

Como vimos, a noção de imaginário sociodiscursivo, em Charaudeau (2015), tem como intuito integrá-la ao quadro teórico da análise do discurso. O autor revela que, a fim de exercer o papel de “espelho identitário”, os imaginários precisam ser materializados, como, por exemplo, em certos comportamentos, atividades coletivas, objetos e emblemas. Essa materialização, por sua vez, precisa ser sustentada por uma racionalização discursiva que lhe atribua sentido. Desse modo, “os grupos sociais produzem discursos de configuração diversa que dão sentido a essas materializações. Uns se fixam em textos

escritos (ou na tradição oral) de maneira mais ou menos imutável e assim podem ser transmitidos de geração em geração” (CHARAUDEAU, 2015, p. 206). Não se sabe a ordem de ocorrência entre a materialização e a racionalização; nem ao menos se a segunda viabiliza e explica a primeira. Desse modo, é mais prudente reconhecermos uma ligação entre ambas, sem tentar estabelecer uma hierarquia.

Charaudeau (2017) aponta que os imaginários sociodiscursivos são “engendrados” pelos discursos que se propagam nos grupos sociais, organizando-se em sistemas de pensamento que criam valores, justificando as ações e fixando-se na memória coletiva. Em outras palavras, esses imaginários procedem da atividade de representação. Assim, eles constroem “sistemas de pensamento coerentes a partir de tipos de saber que são investidos, por vezes, de *pathos* (o saber como afeto), de *ethos* (o saber como imagem de si) ou de *logos* (o saber como argumento racional)” (CHARAUDEAU, p. 579; grifos do original). Continuando nessa mesma linha de pensamento, diz:

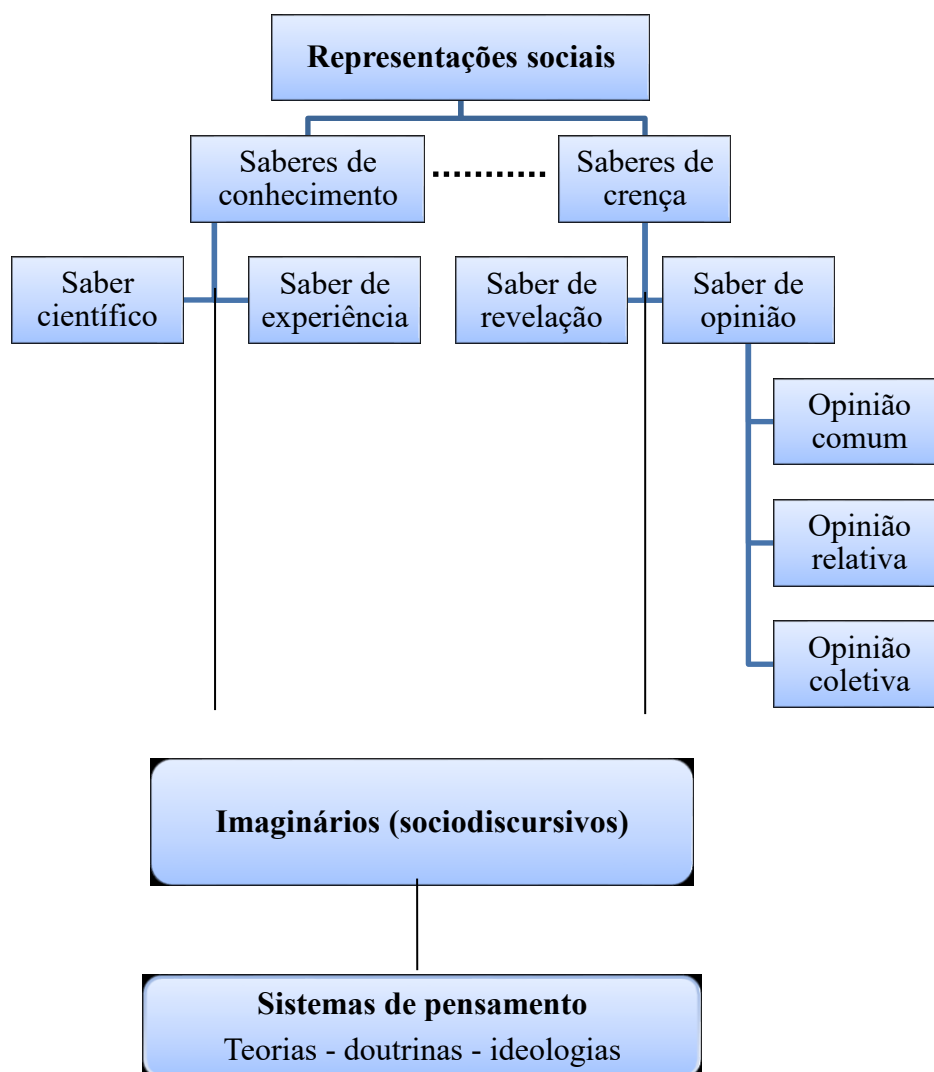
À medida que esses saberes, enquanto representações sociais, constroem o real como universo de significação, segundo o princípio da coerência, falaremos de “imaginários”. E tendo em vista que estes são identificados por enunciados linguageiros produzidos de diferentes formas, mas semanticamente reagrupáveis, nós os chamaremos de “imaginários discursivos”. Enfim, considerando que circulam no interior de um grupo social, instituindo-se em normas de referência por seus membros, falaremos de “imaginários sociodiscursivos” (CHARAUDEAU, 2015, p.203).

Essa simbolização representacional do mundo se faz dentro de um domínio de prática social, a qual exerce a função de “filtro axiológico”; por isso, o valor de positivo ou de negativo atribuído aos imaginários depende do domínio da prática social na qual eles se inserem.

Com relação aos sistemas de pensamento, para defini-los e classificá-los, Charaudeau (2015) assevera que é necessária uma interdisciplinaridade entre diversas áreas, tais como análise do discurso, filosofia, antropologia social, sociologia, e psicologia social. A contribuição da análise do discurso, na sua opinião, deve ser relacionada à organização dos saberes, onde se realiza a demarcação das ideias e dos valores. Esses sistemas de pensamento decorrem de uma organização de saberes entre sistemas de conhecimento e de crença, com o intuito de dar uma explicação sobre o mundo e o ser humano. Assim, se fizermos uma reflexão sobre os tipos de saberes sobre

os quais se formam os sistemas de pensamento, é possível identificar teorias, doutrinas e ideologias.

Deprendemos que a função do analista deve ser demonstrar como aparecem os imaginários, a situação de comunicação na qual estão inseridos e em função de qual propósito eles são mobilizados. A seguir, expomos um esquema para facilitar a compreensão da relação entre representações sociais, tipos de saberes e sistemas de pensamento:



**Esquema I** - Representações sociais, tipos de saberes e sistemas de pensamento.  
 Fonte: Elaboração própria, com base em Charaudeau (2015; 2017).

Seguindo o posicionamento adotado por Charaudeau (2015), em sua discussão sobre o discurso político, discorreremos sobre os imaginários de “tradição”, de



“modernidade” e de “soberania popular”, os quais, em um primeiro olhar, se revelaram recorrentes nas narrativas de vida dos migrantes venezuelanos, bem como no discurso dos jornais selecionados a respeito desses indivíduos, como buscaremos mostrar nas análises. Salientamos que, na análise do *corpus*, outros imaginários serão também descritos na medida em que forem sendo identificados.

Charaudeau (2015) assevera que o imaginário da tradição é amparado por discursos que se referem a um passado no qual os indivíduos conviviam com um “estado de pureza”. Esse imaginário é composto por um discurso em prol de “uma busca pela origem”, o qual mobiliza as massas, uma vez que justifica os excessos, as guerras étnicas e os genocídios como necessários a uma purificação. Dessa maneira,

Desenvolvem-se, então, discursos de apelo à erradicação do que poderia representar uma “nódoa”: discursos fóbicos contra o outro, bárbaro, infiel ou simplesmente outro (mas inferior) que viria destruir uma identidade; discursos que justificam as medidas de represálias (expulsões, eliminações massivas) ou as guerras civis. Outros discursos estigmatizam os malefícios dos movimentos de imigração e pregam a rejeição das populações, reclamando uma “preferência nacional” para preservar a integridade de uma população dita “de cepa” (CHARAUDEAU, 2015, p.211).

Esse imaginário, segundo o autor, serve também para “defender os valores”, tranquilizando, assim, os indivíduos diante da ameaça que seria o imaginário da “modernidade”, que representa fuga às origens e perda da identidade. Valoriza ainda o “retorno às fontes”, a partir da “natureza”, da “pureza”, da “fidelidade” e da “responsabilidade”. A natureza, por exemplo, é vista como virtude porque lembra ao homem que ele é governado por leis que o aproximam dos animais, e, assim como eles, deve, sobretudo, defender seu território. Em suma, esse imaginário da tradição

(...) pode servir tanto para justificar ações violentas de eliminação do outro, que maculam a pureza identitária (maneira negativa de resolver os problemas devidos à presença do outro em um território), quanto para temperar os efeitos nefastos da fuga para adiante que os progressismos cegos representariam (CHARAUDEAU, 2015, p. 214).

O imaginário da tradição, como é possível constatar, é recorrente nas mídias brasileiras, revelando, não raro, um discurso de aversão ao outro/estrangeiro.

Com relação ao imaginário da “modernidade”, diz Charaudeau (2015) que ele resulta da comparação do momento presente com o passado. No entanto, mesmo que se façam críticas àquele, sempre se atribui um valor positivo a ele, o que representa a ideia

de “modernidade contra o passado e o sonho”. Nesse sentido, percebemos uma oposição ao imaginário da tradição. O imaginário da modernidade engendra discursos que valorizam a “eficácia” e insere dois tipos de discurso: um focado na “economia” e o outro, na “tecnologia”.

Já o imaginário da “soberania popular” é amparado por discursos que dizem respeito a um mundo no qual o povo é o responsável pelo bem-estar. Dessa forma,

O povo é, então, erigido em entidade abstrata de razão, representante de uma opinião coletiva consensual, resultante de uma deliberação ao longo da qual foram confrontados pontos de vista diferentes e tomadas de decisões contrárias. Assim impõe-se a todos uma opinião dita majoritária (CHARAUDEAU, 2015, p.227).

Nesse imaginário, percebemos o discurso do “direito à identidade”, com dois posicionamentos antagônicos: um defende a assimilação e a integração das diferenças, em prol de uma identidade coletiva, ao passo que o outro advoga pela preservação da identidade. De um lado, tenta-se, por exemplo, assimilar as diferenças e tornar o estrangeiro semelhante ao nativo; de outro, devido à ameaça que o outro representa para o(s) grupo(s) dominante(s), pode haver intolerância, exclusão ou até a eliminação física (CHARAUDEAU, 2015). Além desses posicionamentos há um terceiro, que busca a coexistência pacífica entre os diferentes grupos.

Outro discurso que faz parte desse imaginário, segundo o autor, é o do “igualitarismo”, que defende uma sociedade baseada na justiça absoluta, o que acarreta o apagamento de algumas diferenças entre os indivíduos que vivem em uma mesma comunidade. A esse imaginário se relacionam discursos sobre a segurança e também sobre a solidariedade, que, reconhecendo que é impossível que haja igualdade em todos os grupos sociais, tenham como intuito ajudar a promovê-la. A partir disso,

(...) são justificados pelo discurso os engajamentos nas guerras ditas de libertação em relação a um opressor e que acontecem em um território estrangeiro (as brigadas internacionais durante a guerra civil espanhola, as alianças de países ocidentais durante a Guerra do Golfo) e, mais recentemente, o “direito de ingerência” nos conflitos étnicos no interior de uma soberania nacional e estrangeira (guerras na Bósnia e em Kosovo). De fato, os discursos fazem a noção de solidariedade deslocar-se de um “direito de intervenção” para um “dever de intervenção” em virtude de uma causa humanitária (CHARAUDEAU, 2015, p. 237).

Nesse caso, Charaudeau (2015) aponta que surgem, por exemplo, atos de insubmissão que defendem valores supremos da humanidade para se autojustificarem.

Pondera ainda que, se levado ao extremo, o imaginário de soberania popular pode acarretar desvios, como o “protecionismo”, o “poder pessoal” ou a “exclusão”, que procura eliminar as diferenças. Em outras palavras,

(...) no lugar de se fundar sobre uma vontade coletiva de partilha e de viver junto, ele se funda no retorno às origens, um estado de pureza original ou a um estado fundador do grupo. O outro é então negado em sua diferença ou na reivindicação desta (...) (CHARAUDEAU, 2015, p.239).

É importante atentar para essas questões porque o imaginário de soberania se apoia nas relações não explícitas entre dominantes e dominados.

Feita a discussão acerca das representações sociais e dos imaginários sociodiscursivos, acreditamos que dispomos de noções da maior importância para nos ajudar a compreender o processo de significação da realidade e a maneira como o indivíduo a significa. Abordar as representações sociais não somente na perspectiva da psicologia social (Moscovici, mas também – e sobretudo – na da análise do discurso (Charaudeau)) permite-nos uma compreensão mais completa desse fenômeno, lembrando que, conforme o próprio Charaudeau (2015) pontua, a análise do discurso se ocupa mais da organização dos saberes.

No que tange aos imaginários, Castoriadis (1982) traz uma contribuição especial para o nosso trabalho quando refuta a ideia de que já existe uma definição *a priori* para o indivíduo e para a sociedade. Para ele, a realidade de cada sociedade é uma criação, manifestada pelo imaginário. É esse fenômeno, portanto, que institui a realidade social-histórica. Já no caso de Charaudeau (2015; 2017), como já foi mencionado, assumimos que sua contribuição no âmbito dos imaginários sociodiscursivos é maior e mais significativa do que no das representações sociais.

Feita, pois, a incursão pelos princípios teóricos que nortearão a pesquisa, resta-nos mencionar as questões metodológicas que orientaram a coleta de dados e a constituição do *corpus*, o que faremos no próximo capítulo.

### CAPÍTULO III - PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa integra o projeto intitulado *Análise do discurso e (des)igualdade social: representações discursivas dos segregados/excluídos no Brasil e na França* (LARA, 2017-2020), que tem como objetivo principal escutar o “silêncio significativo” que, apesar de alguns esforços contrários, ainda permeia grande parte da sociedade no que tange aos grupos em situação minoritária.

Nossa pesquisa compõe a 1ª etapa do referido (macro) projeto, devido ao seu enfoque, que é refletir sobre o discurso de/sobre imigrantes e refugiados – neste caso, venezuelanos que estão no Brasil – à luz da análise do discurso (francesa), articulada a outros estudos. É relevante destacar que não foi necessário submetê-la individualmente ao Comitê de Ética, já que o projeto que a abarca teve anuência do CEP (nº 77487417.1.0000.5149, obtida em 14/11/2017).

Neste capítulo, discorreremos sobre as escolhas metodológicas que fizemos em relação à coleta de dados e à constituição do *corpus*. Para isso, em um primeiro momento, explicaremos as motivações de ordem acadêmica e contextual que nos levaram à escolha desse objeto de pesquisa. Em seguida, relataremos nossa experiência em dois contextos de ensino de PLAc (Português como Língua de Acolhimento) que foram fundamentais para nosso contato com os sujeitos migrantes. Abordaremos, posteriormente, aspectos sobre a coleta e transcrição das narrativas de vida e, por fim, discorreremos sobre a coleta do (sub)*corpus* relativo aos jornais.

#### 3.1. Da motivação à prática

Antes de discorrer sobre a metodologia adotada em nosso trabalho de pesquisa, apresentaremos as razões que inicialmente nos motivaram a desenvolver este estudo. Em um primeiro momento, a leitura de duas obras foram fundamentais para despertar em nós uma reflexão e um interesse investigativo sobre o discurso dos “sem voz” (*sans-voix*): *Discurso e (des)igualdade social* (LARA; LIMBERTI, 2015) e *Representações do outro: discurso, (des)igualdade e exclusão* (LARA; LIMBERTI, 2016), que é uma continuidade das reflexões iniciadas na obra anterior, ambas com o objetivo de mostrar que a história também pode ser contada de um outro ponto de vista, o do dominado (LARA; LIMBERTI, 2015; 2016).

Nesse viés, assumimos que as desigualdades sociais devem ser discutidas não apenas nos seus aspectos políticos, ideológicos, econômicos e estruturais, mas também discursivos (EMEDIATO; SILVA, 2017). Em paralelo, observamos uma intensificação do fluxo migratório mundial. Em 2017, ano em que optamos pela junção de ambos os interesses investigativos, ou seja, ano em que escolhemos estudar o discurso de/sobre os migrantes e refugiados, os números de deslocamento no mundo eram os maiores já registrados. De acordo com o ACNUR<sup>54</sup>, aproximadamente 68,5 milhões de pessoas foram forçadas a migrar devido a perseguição, conflito ou violência generalizada, um aumento de 2,9 milhões se comparado ao ano anterior. Dentre essas pessoas, cerca de 25,4 milhões foram consideradas refugiadas – 19,9 milhões de refugiados estavam sob o mandato do ACNUR e 5,4 milhões de refugiados da Palestina sob a responsabilidade da UNRWA –, 40,0 milhões de pessoas foram deslocadas internamente e 3,1 milhões eram requerentes de asilo. Diante desse cenário, nós nos questionávamos: Quem são esses sujeitos migrantes? Por que migram? Qual é a sua história? Por que não os vemos falar deles mesmos e de suas experiências? O que os outros (aqueles que têm espaço para falar) falam sobre eles?

Já no primeiro ano de doutorado, vimos surgir na Europa o livro *Penser les mots, dire la migration* (CALABRESE; VENIARD, 2018), que trata das palavras e dos discursos contemporâneos que são utilizados, no espaço francófono, para falar das migrações, o que ao nosso ver confirmou a relevância de se estudar a referida temática em nosso contexto, o brasileiro. Analisando mais detidamente a situação migratória no Brasil, notamos que a migração venezuelana vinha adquirindo uma grande proporção, como vimos no relatório do CONARE (Comitê Nacional para os Refugiados), na Introdução deste trabalho. Desse modo, resolvemos delimitar nossa investigação para o discurso de/sobre os migrantes e refugiados venezuelanos que estão no Brasil, analisando tanto narrativas de vida desses sujeitos quanto textos jornalísticos – notícias – que falam sobre eles.

Nesse sentido, podemos dizer que as motivações para o desenvolvimento do presente estudo foram tanto de ordem teórica, diante de uma perceptível necessidade de estudar o discurso de/sobre sujeitos que, de certa forma, são silenciados na sociedade, quanto de ordem contextual, já que lidamos, a partir dos estudos discursivos, com um dos

---

<sup>54</sup> Disponível em: <[https://www.unhcr.org/5b27be547#\\_ga=2.179742756.1004315855.1559735864-324681148.1559735864](https://www.unhcr.org/5b27be547#_ga=2.179742756.1004315855.1559735864-324681148.1559735864)>. Acesso em: 05 jun. 2019.

maiores desafios mundiais da atualidade: o da migração e, particularmente, no caso do Brasil, com o da migração de venezuelanos.

### **3.2. Constituindo o *corpus*: as narrativas de vida**

#### **3.2.1. Pré-pesquisa: o início de uma jornada com as narrativas de vida**

No primeiro semestre de 2019, começamos a lecionar<sup>55</sup>, de forma voluntária, *Português como Língua de Acolhimento* (PLAc) no CEFET-MG (Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais). Fazer parte dessa equipe de ensino se alinha com nosso interesse investigativo, tendo em vista que os estudantes são migrantes, além de coadunar com nossa crença sobre práticas educacionais de ensino de língua que sejam efetivas para esse público, pois

O ensino de PLAc refere-se a uma nova situação socioeducativa nos estudos linguísticos do Português Língua Estrangeira (PLE). Trata-se de uma abordagem desenvolvida no afã de assistir às demandas de um novo público, composto principalmente por imigrantes em situação de vulnerabilidade. Uma proposta de ensino construída no intuito de promover autonomia linguística dos aprendizes, inclusão e pertencimento na nova sociedade em que foram levados a um novo recomeço (SILVA; COSTA, 2019, p.4-5).

Para ingresso do migrante no curso, é aberta uma chamada pública para a inscrição pela Secretaria de Relações Internacionais (SRI) do CEFET-MG e o formulário para inscrição é disponibilizado, normalmente, em português, inglês, francês e espanhol, tendo sido, uma vez, também disponibilizado em árabe. Caso haja vaga disponível, o aluno é convocado para entrevista e teste de nivelamento. O curso, atualmente, é organizado nos seguintes níveis de proficiência: Básico 1 e 2, Intermediário 1 e 2, Avançado (Preparatório para o Celpe-Bras<sup>56</sup>), além do PLAc-inho, que é voltado para o público migrante infantil. O encontro é semanal de 4 horas/aula, totalizando 60 horas/aula por semestre.

Segundo Silva e Costa (2019), esse curso oferece língua portuguesa, de forma gratuita, desde o segundo semestre de 2016 para imigrantes, refugiados, apátridas e

---

<sup>55</sup> Essa oportunidade surgiu a partir do convite do GEMALP (Grupo de Estudos Migratórios: Acolhimento, Linguagens e Políticas), grupo do qual fazemos parte.

<sup>56</sup> Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros desenvolvido e outorgado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais.

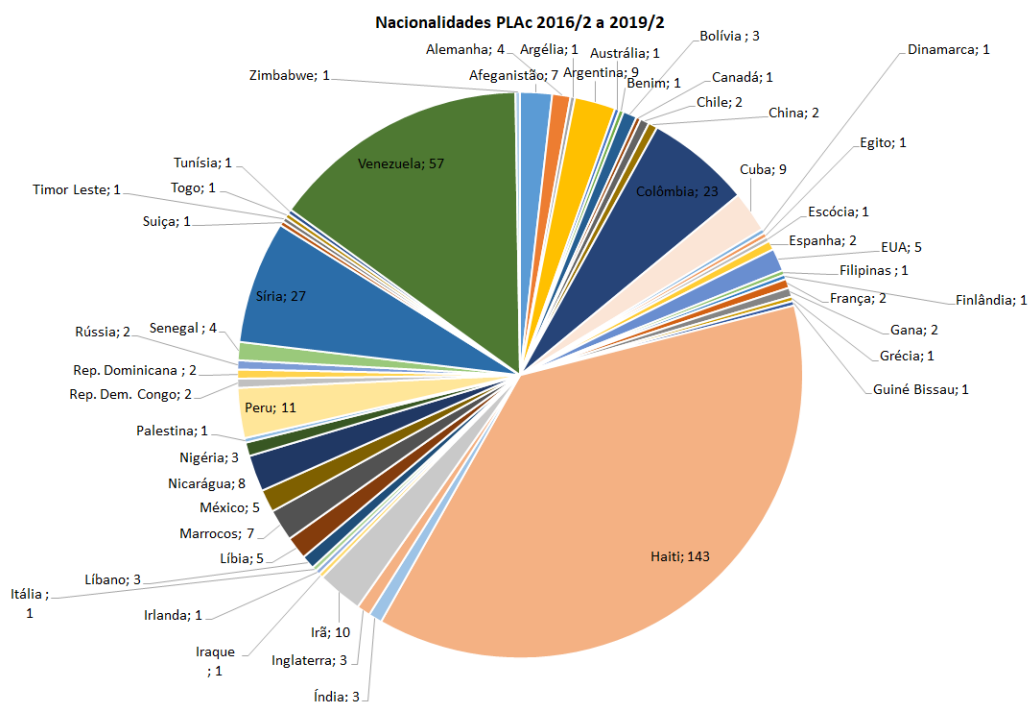
portadores de visto humanitário. Em 2018, com a criação do GEMALP por parte de alunos do doutorado em Estudos de Linguagem no CEFET-MG e de outros colaboradores, ocorreu uma ampliação e uma abrangência de público. Foi quando se deu a inclusão dos cursos Preparatório para o Celpe-Bras e do PLAc-inho. Embora a grande maioria dos alunos seja de migrantes forçados, há em torno de 5% pertencentes ao norte global. O GEMALP é o grupo que no momento da realização desta pesquisa realiza a gestão do curso de PLAc no CEFET-MG, juntamente com a SRI.

Ainda de acordo com esses pesquisadores, o curso atendeu, em 2019, 142 alunos – 128 adultos e 14 crianças – de 33 nacionalidades distintas<sup>57</sup>. Considerando um período temporal maior, Silva e Costa (2019) revelam que, desde a criação do curso, mais de 350 alunos de 49 nacionalidades distintas foram contemplados. Na Figura 1, a seguir, é possível visualizar as nacionalidades dos alunos desde o início do projeto. Como veremos, os venezuelanos, que são o foco do nosso estudo, representam um número expressivo de alunos migrantes desde a criação do curso (57 em um total de 350):

---

<sup>57</sup> Os países que compuseram o perfil dos alunos do PLAc em 2019 foram: Haiti, Síria, Venezuela, Colômbia, Togo, Nigéria, Tunísia, Marrocos, Senegal, Afeganistão, Itália, Rússia, Índia, México, Cuba, Nicarágua, Argentina, Chile, Peru, Bolívia, Equador, Irã, Líbano, Alemanha, Austrália, Inglaterra, Gana, China, Egito, Canadá, Benim, Inglaterra e Palestina (cf. SILVA e COSTA, 2019).

**Figura 1 – Nacionalidades dos alunos do PLAc desde a criação do projeto**



Fonte: <<http://www.sri.cefetmg.br/turmas-de-plac-20172/>>. Acesso em: 05 jul. 2020.

Essa experiência de ensino nos possibilitou, além de um contato com a população migrante de diversas nacionalidades presente em Belo Horizonte, uma oportunidade de colocar em prática metodologias de ensino para esse público específico e de participar de eventos diversos sobre a temática, tais como, “2º Seminário do GEMALP” (2019), “1º e 2º Diálogos em Rede” (2019), e “Encontro de Alunos Estrangeiros do CEFET” (2019), experiências que foram fundamentais para nossa função de pesquisadora e educadora.

A partir dessa experiência de trabalhar com o PLAc no CEFET-MG, tivemos a oportunidade de lecionar em 2019 e 2020, de forma voluntária, para dois grupos de migrantes e refugiados venezuelanos que chegaram a Belo Horizonte pela Estratégia de Interiorização. Conforme o ACNUR (2019)<sup>58</sup>, essa estratégia é um dos pilares da Operação Acolhida<sup>59</sup>, que foi lançada em fevereiro de 2018 pelo Governo Federal, a fim

<sup>58</sup> Disponível em:

<[<sup>59</sup> Reúne as Forças Armadas, ministérios da Esplanada, agências do Sistema ONU no Brasil e entidades da sociedade civil organizada. A estratégia de interiorização é apoiada por diversos órgãos, como os](https://www.acnur.org/portugues/2019/03/12/interiorizacao-beneficia-cinco-mil-venezuelanos-brasil/#:~:text=O%20intuito%20da%20estrat%C3%A9gia%20de,das%20novas%20comunidades%20de%20acolhida.> Acesso em: 7 jul. de 2020.</a></p>
</div>
<div data-bbox=)



de coordenar a ajuda humanitária aos solicitantes de refúgio e migrantes provenientes da Venezuela. O objetivo da referida estratégia é reduzir o impacto da chegada de solicitantes de refúgio e migrantes venezuelanos em Roraima, além de possibilitar que eles tenham novas oportunidades de integração e ingresso no mercado de trabalho.

O 1º grupo de venezuelanos interiorizados chegou a Belo Horizonte no dia 15 de fevereiro de 2019; o 2º grupo, entre os dias 13 e 17 de junho de 2019; o 3º grupo, de 10 a 31 de outubro de 2019; e o 4º grupo, no dia 7 de janeiro de 2020<sup>60</sup>. Dentre eles, coube-nos lecionar para dois grupos – o 2º e o 4º. O 2º grupo era formado por 45 venezuelanos migrantes e refugiados do sexo masculino. Já o 4º grupo era composto por 19 mulheres. As aulas ocorriam em forma de revezamento com outros professores voluntários. Como havia um número maior de voluntários para dar aulas para o 2º grupo do que para o 4º, demos um maior número de aulas para esse último grupo.

Discorrer sobre as experiências de ensino supracitadas é relevante porque foi nesses locais que tivemos um maior contato com os sujeitos deslocados e, a partir daí, com grande parte dos participantes da presente pesquisa. Afinal, não é uma tarefa fácil encontrar colaboradores, quando se trata de pessoas ou grupos em situação de vulnerabilidade, como é o caso dos migrantes e refugiados. Marques e Terrier (2017), por exemplo, que realizaram entrevistas com migrantes negras haitianas, residentes em Belo Horizonte-MG, mencionam a dificuldade de encontrar pessoas dispostas a participar da pesquisa, mesmo sendo Terrier uma mulher negra haitiana. Não foi menor a dificuldade encontrada por Née, Pugnère-Saavedra e Hartmann (2016) quando coletaram a fala de pessoas que vivem nas ruas da região parisiense (os chamados “sem domicílio fixo”).

### **3.2.2. Das entrevistas às narrativas de vida**

O percurso que assumimos com relação à coleta e à abordagem das narrativas de vida, em consonância com o que Bertaux (2005) chama de “entrevista narrativa”, segue,

---

ministérios da Cidadania, da Defesa e da Saúde, a Casa Civil da Presidência da República, Estados, prefeituras e organizações não governamentais. Do Sistema ONU, estão diretamente envolvidas a Agência da ONU para Refugiados (ACNUR), a Organização Internacional para as Migrações (OIM), o Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Informações disponíveis em:

<<https://www.acnur.org/portugues/2019/02/15/interiorizacao-de-venezuelanos-ultrapassa-marca-de-4-700-pessoas-beneficiadas/>>. Acesso em: 24 jul. 2019.

<sup>60</sup> Dados do Acolhe Minas, obtidos no evento webinar “Tendências globais e caminhos à proteção de refugiados e migrantes em Minas Gerais” (em 23 jun. 2020).

em linhas gerais, o que Meihy e Holanda (2013) defendem como os cinco momentos principais de realização da história oral: “1- elaboração do projeto; 2- gravação; 3- estabelecimento do documento escrito e sua seriação; 4- sua eventual análise; 5- arquivamento; e 6- devolução social” (MEIHY; HOLANDA, 2013, p. 30).

Já com o projeto definitivo aprovado, passamos para a definição dos migrantes e refugiados venezuelanos que convidaríamos para participar como colaboradores da presente pesquisa, ou seja, daqueles que seriam entrevistados. Para que os dados não ficassem condicionados apenas a um padrão, determinamos que visaríamos a uma diversidade de perfis: i. pessoas que viviam em locais diferentes da Venezuela; ii. migrantes e refugiados que, ainda que tivessem vindo juntos para Belo Horizonte pela Estratégia de Interiorização, haviam chegado ao Brasil separadamente; iii. tempo de estadia no Brasil; iii. idade; e iv. gênero. Com relação a esse último critério, nosso intuito não é propriamente tematizar a questão do gênero social, mas buscar compreender se, em função dele, há diferença(s) linguística(s)/discursiva(s) com relação ao processo migratório.

Na ocasião do convite, seguimos os seguintes passos: 1- fizemos nossa apresentação como pesquisadora, já que a maioria dos convidados nos conhecia apenas como professora de PLAc. Cabe salientar que, antes de fazer o convite aos alunos, tivemos autorização dos responsáveis pela coordenação das aulas; 2- explanamos sobre a pesquisa e sobre seus objetivos; 3- explicamos como se daria a participação dos colaboradores, informando, por exemplo, a necessidade de assinatura do “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido dos Participantes” (TCLE) (Ver Anexo 1)<sup>61</sup>, documento que visa à garantia de segurança desses participantes e à legalidade de uso das entrevistas. Além disso, esclarecemos que faríamos uso apenas de informações mais genéricas sobre o perfil deles – estado de origem, data de chegada no Brasil, data de chegada em Belo Horizonte, estatuto jurídico, área de atuação, idade e gênero – e que, para garantir seu anonimato, utilizaríamos nomes fictícios. Também lhes asseguramos que quaisquer outros dados que pudessem levar à sua identificação seriam omitidos. Por fim, destacamos que eles poderiam desistir de participar da pesquisa a qualquer momento e por qualquer motivo. Nesse caso, bastaria que nos comunicassem, via e-mail ou

---

<sup>61</sup> O TCLE utilizado foi formulado em consonância com o macro projeto de autoria da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Glaucia Muniz Proença Lara (orientadora desta tese): *Análise do discurso e (des)igualdade social: representações discursivas dos segregados/excluídos no Brasil e na França*, que foi aprovado pelo parecer 2.381.555 do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UFMG, em 14 de novembro de 2017.

telefone, que excluiríamos a entrevista do *corpus*. Cabe destacar, contudo, que não houve nenhuma manifestação nesse sentido no decorrer de nossa pesquisa. 4 - O último passo do convite consistiu no agendamento, conforme o que fosse mais conveniente para entrevistadora e o(a) entrevistado(a).

Reafirmamos que o fato de Belo Horizonte ter sido uma das cidades que acolheu venezuelanos pela Estratégia de Interiorização possibilitou-nos conseguir colaboradores de forma mais fácil, não sendo necessário o nosso deslocamento para outras cidades distantes, por exemplo.

De forma geral, no dia da entrevista, em um primeiro momento, fornecíamos uma cópia do TCLE ao participante para leitura e posterior assinatura. Nessa ocasião, buscamos deixar bem explicados os parâmetros da entrevista, solicitando que o participante discorresse, de 15 a 30 minutos, sobre a seguinte proposição geral: “Conte-me como você vivia antes e como vive atualmente, ou seja, eu gostaria de saber como era sua vida na Venezuela e como tem sido aqui no Brasil”. Essa questão maior foi desdobrada em outras, de modo a formar um “roteiro de entrevista” (BERTAUX, 2005): 1) Por qual(is) motivo(s) você saiu da Venezuela?; 2) Como foi o processo de vir para o Brasil?; 3) Como tem sido sua experiência como refugiado/migrante no Brasil? Quais são os pontos positivos e negativos de sua vida no Brasil? 4) Qual(is) é(são) seu(s) plano(s) futuro(s)? Nesse sentido, esclarecemos que, caso eles não se sentissem confortáveis em responder a uma ou mais pergunta(s) desse roteiro, seu silêncio seria respeitado.

Sendo assim, as narrativas de vida foram coletadas por meio de uma entrevista semiestruturada (TRIVINOS, 1987; MANZINI, 2003), já que os entrevistados narraram suas histórias, a partir de uma proposição e de um roteiro prévio, os quais são baseados em teorias e hipóteses do(a) pesquisador(a).

A entrevista foi gravada por meio de um aplicativo de gravação já disponível em aparelho celular. Cabe salientar que, embora o tempo estabelecido para a atividade narrativa tenha sido combinado previamente com os participantes, a duração das entrevistas variou muito (de 12 minutos e 12 segundos a 1 hora, 17 minutos e 13 segundos). Porém, na posição de entrevistadora, procuramos respeitar o tempo de cada um(a) para (se) contar e evitamos fazer intervenções/interferências no decorrer da entrevista, ou seja, deixamos que os entrevistados se manifestassem livremente, o que se justifica também em razão de um de nossos objetivos ser analisar os silenciamentos. Como afirma Ducard (2015, p.110), “a escuta, supostamente a que o ouvinte modelo

adotaria, é feita de uma atenção compreensiva, discreta, análoga àquela que as poucas perguntas do repórter sugerem e nas quais o ruído do ambiente se faz presente”.

Em consonância com Meihy e Holanda (2013), que acentuam o caráter fundamental da “Ficha de acompanhamento e controle do projeto” (ver Anexo 2) para um projeto com a história oral, uma vez que esse documento possibilita que tenhamos informações acerca da situação da entrevista e do projeto, assim como do(a) entrevistado(a) e do processo da entrevista de forma mais organizada e completa, fizemos uso de tal documento. Assim, ao final de cada entrevista, pedíamos que os participantes preenchessem a referida ficha, que é composta pelos seguintes itens: I) Dados do projeto; II) Dados do colaborador; III) Dados dos contatos e da entrevista; IV) Dados do andamento das etapas e de preparo do documento final (MEIHY; HOLANDA, 2013, p.145 – com adaptações feitas pela entrevistadora). Nesse caso, os entrevistados preenchiam somente o item II, ficando o preenchimento do restante da ficha sob nossa responsabilidade.

É importante destacar que depois de algumas experiências no que tange ao preenchimento incompleto dessa ficha por parte dos entrevistados, começamos a perceber a necessidade de orientar esse processo e até acompanhá-lo, para que eles não deixassem nenhum dado em branco.

Para fins de análise, as narrativas foram transcritas a partir do sistema de normas elaborado por Castilho e Pretti (1986) e apresentado por Koch (2006, p.82-85) (ver Anexo 3). Destacamos que devido à condição de estabelecimento no país e de moradia provisória de grande parte dos entrevistados, não conseguimos obter uma forma de contato permanente com a maioria deles, como telefone ou endereço residencial, por exemplo. Diante disso, não foi possível passar-lhes o texto transcrito para que eles o lessem antes do processo de análise.

Como o CEP/UFMG determina que as gravações sejam descartadas após sua transcrição, não nos foi possível mantê-las, mas guardamos os textos transcritos, o que responde pela fase do arquivamento. Por fim, salientamos que fizemos uso do caderno de campo para registrar nossas impressões sobre as entrevistas, bem como nossas reflexões teóricas a partir delas. Esse documento tem nos servido de suporte para o trabalho com as narrativas de vida. Com relação a esse aspecto, Meihy e Holanda (2013, p. 152) afirmam que “o caderno de campo se torna um referencial obrigatório nas finalizações dos trabalhos. A validade dele como elemento de registro garante a trajetória da evolução do trabalho que varia em vista do projeto inicial”.

Concernente à abordagem do *corpus*, Meihy e Holanda (2013) revelam que mais relevante do que considerar as entrevistas individualmente são as relações que se estabelecem com o geral, com o amplo e o coletivo. Assim, “é exatamente por se equiparar histórias que tenham pontos comuns que se vale positivamente do recurso da história oral como forma de reorganizar os espaços políticos dos grupos que, sob nova interpretação, teriam força social” (MEIHY; HOLANDA, 2013, p.29). Nesse sentido, percebemos que o conteúdo do conjunto é relevante, sem desconsiderar o singular (o que encontra eco na proposta etnossociológica de BERTAUX (2005), no tocante às narrativas de vida).

De forma mais específica sobre o contexto das migrações, esse autores asseveram que existem diversos motivos concretos que as impulsionam; contudo, cada indivíduo sente ou percebe, revisa seus valores e sintetiza os fatos de acordo com seus critérios. Logo, podemos dizer que há motivações coletivas que são percebidas/sentidas de forma individual. Conforme esses autores,

(...) as versões dos fatos, legítimas ou não, são o que mais interessa. Ou – pergunta-se – a vida social é feita só de verdades e fatos objetivos, comprováveis? Não se fala, pois, de “exatidões históricas” ou “testemunhos de verdades ou mesmo de “realidades comprovadas” e sim de visões, construções narrativas, idealizações, que são definidas na exposição dos fatos. Para muitos que nada entendem de história oral, a confiabilidade das entrevistas é fato suspeito, pois a memória falha, erra, desvia, camufla, distorce, inventa. Mas é exatamente isso que interessa. Lembremos: o respeito à empiria expressa no fazer do documento é o tesouro buscado pela história oral capaz de revelar a subjetividade contida nas variações do parâmetro dado pelo estabelecido como verdade” (MEIHY; HOLANDA, 2013, p. 124).

Nesse viés, o interesse maior do pesquisador com relação às narrativas de vida deve ser as “subjetividades reveladas”, e não o julgamento de mentira *versus* verdade, o que está em consonância com a ADF – nossa teoria de base – quando ela se interessa pelo “dizer verdadeiro”.

### **3.2.3. As situações das entrevistas**

Os primeiros convites foram feitos de forma coletiva no dia 15 de julho de 2019 para os homens, após as aulas de PLAc. De um total de 09 alunos presentes, 07 aceitaram participar da pesquisa, manifestando interesse ao assinar uma lista. As entrevistas foram

agendadas para o dia 19 de julho de 2019, no mesmo local em que residiam (provisoriamente) e tinham as aulas. Em um total de 09 entrevistas realizadas<sup>62</sup> – além dos que tinham aceitado participar no dia do convite, mais 02 (dois) manifestaram interesse posteriormente – 02 (duas) foram selecionadas para compor o *corpus*, as de Carlos e de Alejandro (nomes fictícios), porque as demais tinham pouco conteúdo, em alguns casos não chegando a 15 (quinze) minutos de duração. As entrevistas ocorreram na sala em que eles normalmente tinham aula. Esse local se mostrou adequado por ser um ambiente silencioso e no qual tínhamos privacidade, já que foi possível fechar a porta para realizar as entrevistas individualmente. Tendo em vista que esses participantes, em sua maioria, como interiorizados recentes, estavam à procura de um emprego, não nos pareceu adequado pedir-lhes que se deslocassem para outro local para serem entrevistados.

No dia 07 de dezembro de 2019, convidamos 02 venezuelanas também estudantes de PLAc de outra instituição. Ambas aceitaram, e agendamos a entrevista para o dia 14 de dezembro de 2019, no pátio da instituição que frequentavam, após o Encontro de Alunos Estrangeiros. Já no dia 31 de janeiro de 2020, fizemos o convite para as mulheres do grupo de migrantes e refugiados para o qual lecionávamos. Assim como no caso dos homens, o convite também foi feito de forma coletiva, após as aulas de PLAc. Em um total de 09 alunas presentes, 05 aceitaram participar, e as entrevistas foram agendadas para dois dias distintos: 03 e 10 de fevereiro de 2020, no mesmo local em que residiam e tinham aulas. No primeiro dia agendado, mais uma migrante manifestou interesse em participar. Dessa maneira, em cada dia realizamos 03 entrevistas, totalizando, portanto, 06 entrevistas nos dois dias. Por último, a partir de indicação de um dos homens entrevistados, fizemos o convite a uma venezuelana através do aplicativo *Whatsapp*, agendando o encontro para o dia 08 de fevereiro de 2020, na Praça da Alimentação de um shopping da região metropolitana de Belo Horizonte.

Dessas 09 entrevistas, no total, realizadas com as mulheres, retivemos as de Edelmira, Valéria e Mayerlin (nomes fictícios) para compor o *corpus*. As demais foram descartadas por razões variadas. Uma delas, por exemplo, ultrapassou demasiadamente o

---

<sup>62</sup> Além dessas 09 entrevistas com nossos alunos do PLAc, fizemos mais uma com um venezuelano indicado por outro que conhecíamos. O convite foi feito via *WhatsApp*, no dia 30 de janeiro de 2020, sendo a entrevista realizada em um Shopping Center de Belo Horizonte, no dia 04 de fevereiro de 2020. Entretanto, diferentemente de todas as outras entrevistas, nesta o próprio entrevistado pausava a gravação no celular em alguns momentos, na maioria das vezes para pensar no que iria falar e, em outras, devido à emoção. O fato de essa entrevista ter sido muito divergente, em termos metodológicos, das demais, levou-nos a excluí-la *a priori* do *corpus*.

tempo combinado (duração de 1 hora, 17 minutos e 13 segundos) e abordou muitos assuntos que não eram de nosso interesse; em uma outra, a participante, ao contrário, falou bem pouco (menos de 15 minutos) e evitou muitos tópicos sob a justificativa: “eu vou chorar”, como já mencionamos anteriormente. Em outros dois casos, as entrevistadas se voltaram mais para uma comparação entre a Venezuela e o Brasil no que tange à gastronomia, à cultura e ao povo do que para suas experiências migratórias, interesse investigativo principal desta pesquisa.

Em suma, entrevistamos 09 homens e 09 mulheres, no total, mas incluímos no *corpus* apenas as entrevistas/narrativas de vida de 2 homens e de 3 mulheres, buscando variar, ao máximo, a idade, o local de nascimento, a profissão, o grau de escolaridade etc., de modo a compor um perfil o mais diversificado possível das pessoas entrevistadas, como foi dito. Quanto ao tempo de permanência no Brasil, estabelecemos o critério mínimo de 6 (seis) meses. No quadro 1, a seguir, é possível acessar as informações referentes ao perfil dos entrevistados que integram o *corpus* desta pesquisa.

**Quadro 1 – Perfil das pessoas entrevistadas**

Nome (fictício)	Edelmira	Valéria	Mayerlin	Carlos	Alejandro
<b>Local de nascimento</b>	Tucupita, estado de Delta Amacuro	Pariaguán, estado de Anzoátegui	Caracas (fronteira com os estados de Vargas e Miranda)	Monagas	El Tigre, estado de Anzoátegui
<b>Idade</b>	26 anos	45 anos	41 anos	22 anos	36 anos
<b>Profissão anterior</b>	Enfermeira e Oficial Agregada	Pedagoga	Supervisora de emergência	Estudante e trabalhador	Comerciante
<b>Profissão atual</b>	Doméstica	Procurando emprego	Auxiliar de cozinha	Estudante	Encanador
<b>Data e local de chegada ao Brasil</b>	15/07/2019 (Pacaraima)	24/03/2018 (em Boa Vista)	06/07/2019 (em Pacaraima)	23/01/2019 (em Boa Vista)	13/09/2017 (em Boa Vista)
<b>Data de chegada em Belo Horizonte</b>	07/01/2020	07/01/2020	07/01/2020	entre os dias 13 e 17 de junho de 2019	entre os dias 13 e 17 de junho de 2019
<b>Estatuto jurídico</b>	Residência temporária	Residência temporária	Residência temporária	-	-
<b>Data da entrevista</b>	03/02/2020	03/02/2020	10/02/2020	19/07/2019	19/07/2019
<b>Duração:</b>	48 min e 34 s	23 min e 25 s	17 min 54 s	16 min 40 s	15 min 14s

Faremos uma análise vertical das narrativas, buscando contemplar suas especificidades, sem perder de vista os aspectos comuns que partilham (análise horizontal), que serão contemplados no final do Capítulo IV, em consonância com a proposta de Lara (2021e).

### 3.2.4. A escolha da língua

Considerando a perspectiva de Meihy e Holanda (2013) de que a história oral, abordada por nós como narrativa de vida, é sinônimo de democracia, somada ao nosso objetivo de deixar os colaboradores mais confortáveis e descontraídos, oferecemos-lhes a opção de escolha entre a língua materna (espanhol) e o idioma estrangeiro (português) para relatar sua vida. Todos optaram por utilizar a língua materna. Duas razões diferentes foram apontadas para justificar essa escolha: alguns alegaram que não tinham proficiência suficiente para narrar sua vida em português; outros que se sentiriam mais confortáveis em fazê-lo na língua materna.

Em consonância com uma das justificativas apresentadas pelos participantes, Anunciação (2017) afirma que discutir acerca de questões afetivas e abstratas é mais fácil e produtivo em língua materna. A pesquisadora defende que essa escolha pode também ser um posicionamento, a partir do momento em que afasta quem não fala a língua da negociação. Desse modo, “a organização horizontal como prática de (re)existência começa a se materializar, pois sujeitos, cujas identidades e narrativas tendem a ser subalternizadas, afirmam seu protagonismo para decidir como querem ser representados” (ANUNCIÇÃO, 2017, p. 78). Esse aspecto, em particular, vai ao encontro da nossa proposta, que consiste em oportunizar um momento para que esses sujeitos migrantes assumam o protagonismo para contar sua(s) história(s).

Dado o nosso parco conhecimento dessa língua, para que pudéssemos lidar mais facilmente com essas narrativas na análise do *corpus*, optamos por traduzi-las para o português<sup>63</sup>. É relevante salientar que a pessoa que transcreveu as narrativas em espanhol e as traduziu para o português também lecionou para a maioria dos migrantes e refugiados colaboradores, fato que é positivo, tendo em vista que ela já conhecia alguns aspectos de suas histórias. Apresentamos, na sequência, informações sobre a transcrição.

---

<sup>63</sup> As entrevistas originais em espanhol podem ser conferidas no Anexo 4, bem como sua transcrição para o português previamente à edição dos textos para análise (ver Capítulo IV).



### 3.2.5. A transcrição

De posse das gravações, partimos para a etapa seguinte, que consiste na transcrição. Para tal, utilizamos, como já foi mencionado, o sistema de normas elaborado por Castilho e Pretti (1986) e apresentado por Koch (2006, p.82-85) (Anexo 3). Esse sistema propõe signos/sinais para representar fenômenos linguísticos e extralinguísticos, bem como a incompreensão de palavras ou segmentos. Possibilita, nesse sentido, que a transcrição retextualize, de forma satisfatória, a gravação, que é descartada, em consonância com as disposições do CEP/UFMG. As gravações em língua espanhola foram, primeiramente, transcritas nessa língua e, posteriormente, traduzidas para a língua portuguesa.

Ducard (2015), na esteira de Barthes (1981), afirma que, nesse processo de retextualização, no qual os relatos obtidos oralmente são, *a posteriori*, transcritos, perde(m)-se

(...) a “inocência” exposta na fala viva e imediata, isto é, as instabilidades, as hesitações, as incompreensões, a complacência, as interrupções, tudo o que faz a versatilidade do eu social; também o que ele chama de “*expletivos* do pensamento”, formando a “trama” do discurso, com as retomadas, denegações e encadeamentos, no emprego de “mas” ou de “portanto”, ou ainda os “sim”, “bom”, “agora”, “bem”, etc. O mesmo ocorre com “todos esses fragmentos de linguagem – do tipo “não é?””, lançados no esforço de manter o outro próximo do discurso (DUCARD, 2015, p.111; grifo do original).

Embora concordemos com ele, acreditamos que, adotando o sistema de normas supracitado, conseguimos manter as ideias mais gerais e relevantes de cada relato, o que é suficiente para nossos propósitos. Além disso, como destaca Lara (2021e, p. 71), citando Marcuschi (1986): “Não existe a *melhor* transcrição. Todas são mais ou menos boas. O essencial é que o analista saiba quais os seus objetivos e não deixe de assinalar o que lhe convém” (grifo do original). Foi a orientação que seguimos.

De acordo com Meihy e Holanda (2013), a textualização final deve conter a atmosfera da entrevista, o ritmo, e, sobretudo, a comunicação não verbal. Dessa forma, o texto deve preservar, ao máximo, a característica de originalmente falado e ser assim identificado pelo leitor. Para tanto, os autores discorrem sobre dois conceitos da linguística, que, segundo eles, não podem ser compreendidos separadamente: o de transcrição, proposto por Haroldo de Campos, e o de “teatro de linguagem”, formulado por Roland Barthes. O primeiro deles consiste na

(...) necessidade de se reformular a transcrição literal para torná-la compreensível à leitura. Na transcrição literal há inúmeras frases repetidas, enquanto outras são cortadas pelo entrevistando ou pela qualidade da gravação; há muitas palavras e expressões utilizadas incorretamente, devido à própria dinâmica da fala, da conversa informal – que é o que tentamos fazer das entrevistas. Há estrangeirismos, gírias, palavras chulas, ou seja: termos que são bastante distintos quando falados ou escritos. Tendo-se, portanto em mente que o código oral e o escrito têm valores diferentes, procura-se corrigir essa desigualdade através da transcrição (MEIHY; HOLANDA, 2013, p.156).

A partir disso, conforme os autores, desenvolve-se uma atividade sobre o texto e sobre a gravação, a fim de que “o não literalmente dito seja dito”. Eles revelam que esse processo está relacionado à criação do “teatro de linguagem”, que diz respeito à passagem da comunicação não verbal para o texto (escrito).

Discorreremos, a seguir, sobre a constituição do *corpus* referente às notícias.

### 3.3. Constituindo o *corpus*: as notícias

Nesta seção, explicaremos, de modo mais detalhado, a razão de trabalharmos com os jornais *Folha de Boa Vista* e *O Tempo*, bem como com o gênero jornalístico notícia, e exporemos como se deu o processo de seleção das notícias. Passemos, então, às explicações.

#### 3.3.1. A escolha dos jornais

Considerando que a temática da migração venezuelana encontra-se, desde a sua intensificação, em evidência no âmbito midiático, tendo, por exemplo, o termo “venezuelanos” alcançado o seu pico de popularidade em agosto de 2018<sup>64</sup>, bem como a influência que essa instância pode acarretar na opinião pública, pretendemos pesquisar as representações e os imaginários sociodiscursivos que circulam em notícias que tratam dos migrantes e refugiados venezuelanos que estão no Brasil. Optamos por estudar tais fenômenos nas versões digitais de dois jornais: *Folha de Boa Vista* e *O Tempo*, como foi dito na Introdução.

---

<sup>64</sup> Ver o interesse pelo termo de pesquisa “venezuelanos” ao longo do tempo no *Google Trends*. Disponível em: <<https://trends.google.com.br/trends/explore?cat=16&date=today%205-y&geo=BR&q=Migra%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 06 ago. 2020.

A escolha da modalidade digital se justifica pela acessibilidade, ou seja, pela possibilidade de coleta do *corpus* através da internet durante o período pandêmico (novembro de 2021). Cabe ressaltar ainda que, por meio de uma pesquisa preliminar nos *sites* dos jornais em pauta, percebemos que eles não disponibilizavam um filtro temporal para acessarmos a versão online das notícias (como era possível na versão digital), o que para nós é fundamental, já que o período de coleta foi posterior à publicação/divulgação dessas notícias.

Com relação aos critérios de seleção dos jornais, o primeiro deles é o geográfico. Constatamos que os nossos entrevistados haviam, mesmo que provisoriamente, residido em Roraima, mais especificamente em Pacaraima e Boa Vista. Sendo assim, julgamos importante analisar a migração oriunda da Venezuela pelo prisma de um jornal local roraimense. Levando ainda em conta que esses venezuelanos participaram da estratégia de interiorização, migrando para a capital mineira, Belo Horizonte, também se fez relevante examinar um jornal local mineiro, de modo a apreender – e comparar – como esses dois jornais representam os venezuelanos e que imaginários sociodiscursivos mobilizam. Essas constatações nos levaram a excluir jornais de referência nacional, como é o caso do *Portal G1*, que havíamos cogitado analisar inicialmente (no projeto de pesquisa).

Segundo Peruzzo (2005), a vantagem do jornalismo local é a de retratar a realidade regional ou local, divulgando a informação com mais proximidade, ainda que, algumas vezes, ele se “dobre” a interesses político-partidários e econômicos:

[O jornalismo local] está num contexto vantajoso para o leitor ou telespectador, ou seja, a proximidade da informação. As pessoas acompanham os acontecimentos de forma mais direta, pela vivência ou presença pessoal, o que possibilita o confronto entre os fatos e sua versão midiática de forma mais natural (PERUZZO, 2005. p.78).

Passemos, então, ao segundo critério de seleção dos veículos midiáticos: a representatividade. No caso da *Folha de Boa Vista*, trata-se do principal veículo de comunicação do estado de Roraima<sup>65</sup>. Configura-se como o único jornal impresso diário do estado na atualidade, o jornal online mais antigo e o site de notícias mais acessado de Roraima, estado que recebeu, em 2018, 81% das solicitações de refúgio de venezuelanos do país.

---

<sup>65</sup> Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Folha\\_de\\_Boa\\_Vista](https://pt.wikipedia.org/wiki/Folha_de_Boa_Vista)>. Acesso em: 12 jan.2022.

Conforme informações disponibilizadas no site do jornal<sup>66</sup>, a primeira vez que ele circulou foi em outubro de 1983 e, em seu editorial, trazia como premissa a ideia de ser um jornal independente. Ele é consolidado como empresa de comunicação e referência de jornalismo impresso e circula com 12.000 exemplares diários, em todos os municípios do estado de Roraima. Proporciona 100 empregos diretos e 200 indiretos. O site do jornal foi lançado em 1999 e, posteriormente, se transformou no portal de notícias, o qual apresenta mais de cinquenta atualizações diárias, conteúdo audiovisual, interatividade e mais de sessenta mil acessos únicos diários. Possui leitores de todos os estados brasileiros e de mais de 50 países, computando mais de 6 milhões de visualizações por mês e um alcance de mais de 500 mil usuários. Conforme o jornal, o “Grupo Folhabv” possui “perfil crítico, imparcial e identificado com o regional”.

Diferentemente, Mota (2019) afirma que a *Folha de Boa Vista* sempre manteve relações com a política, vinculando seus interesses com o de grupos políticos dominantes<sup>67</sup>. Dessa maneira, considerando sua grande circulação na sociedade de Roraima, é um meio de dominação social. A pesquisadora, com base em Guedes (2003), afirma:

A sua história, via modo impresso, coincide com um período marcante da história brasileira que é o final da ditadura militar e a luta pelas liberdades de consciência política. Esse fato se torna bastante importante para a história de sua criação e transformação, pois justifica a suas mudanças editoriais (MOTA, 2019, p.30).

No início da circulação do jornal, em busca de apoio, pois “a existência e o fim eram determinados por quem estivesse no poder no estado de Roraima” (MOTA, 2019, p.30), e devido a dificuldades financeiras, a empresa foi adquirida pelo então Governador Getúlio Cruz (1985-1987), tendo, então, sua linha editorial voltada para os interesses desse político. Mota (2019, p. 33), com base em Rodrigues (1996), ressalta que

(...) o jornal Folha de Boa Vista nasceu com interesses políticos e buscou aliar-se aos interesses dos leitores pela busca da informação em um estado que ainda estava em construção. Embora o proprietário Getúlio Cruz recuse total pretensão política e afirme que o jornal nasceu com o propósito de ser independente. Contudo, a independência era com relação à política da região

<sup>66</sup> Disponível em: < <https://folhabv.com.br/formulario/Expediente/10>>. Acesso em: 12 jan. 2022.

<sup>67</sup> Mota (2019) conta que o jornal promovia figuras políticas, como ocorreu, por exemplo, com Romero Jucá Filho (então governador), que era retratado de forma recorrente em toda a estrutura do jornal, exceto na editoria de esporte. A desvinculação com tal político provocou a criação de novos jornais, que se contrapunham à *Folha*: os jornais online *Roraima em Tempo* e *Roraima Hoje*.

sudeste que estava presente no jornal, ou seja, a questão era sair da discussão da política nacional para a política local.

Desse modo, a *Folha de Boa Vista* não tinha como intuito apenas informar sobre o cotidiano local, mas interferir na realidade social da população de Roraima.

A versão online, segundo Mota (2019), representa uma ampliação fundamental para o pleno alcance da sociedade, sendo, atualmente, composta pelas seguintes Colunas: Parabólica, Jessé Souza, Social, Okiá, Resenha, Conexão Internacional, Minha Rua Fala, Economizando, Fiscaliza e Conta, Vamos Conversar?, Coluna Esplanada, Família em Pauta, Entendendo direito, Opinião, Falando de Educação, Roraima ao Extremo, Letras Saborosas, Editais<sup>68</sup>.

No dia 06 de janeiro de 2020, data que faz parte do período de coleta do *corpus* da presente pesquisa, em função da pandemia, na Edição 8955, a versão impressa da *Folha de Boa Vista* foi suspensa, permanecendo a digital.

Com relação ao jornal *O Tempo*, ele é consolidado o mais vendido e o principal de Minas Gerais no segmento *quality paper*<sup>69</sup>. Possui periodicidade diária e sede em Contagem, na Região Metropolitana de Belo Horizonte. Tem versões derivadas para Contagem, Betim e para o bairro belorizontino da Pampulha. Foi criado em 1996 e, juntamente com o tabloide *Super Notícia*, pertence à Sempre Editora, integrante do grupo SADA (transporte e logística, concessionárias automobilísticas, metalurgia, editorial e outros), tendo como presidente Vittorio Medioli, empresário, escritor, político e filósofo italiano, naturalizado brasileiro em 1981 e prefeito da cidade de Betim de 2017 a 2020<sup>70</sup>.

De acordo com Santiago (2018, p. 94-95):

Com 54 colunistas, possui uma média diária de 2,5 milhões de leitores (Grande BH) e pouco mais de 490 mil seguidores na *fanpage* do *Facebook*. Segundo o Portal do Jornal, em relação às assinaturas digitais, *O Tempo* está em segundo lugar no estado, com mais de 102 mil assinaturas, atrás do *SuperNotícia* (jornal popular do mesmo grupo, que tem 274 mil) e à frente do *Estado de Minas*, que conta com cerca de 92.000 assinantes da versão *online* (grifos do original).

Conforme está exposto em uma de suas redes sociais:

<sup>68</sup> Disponível em: < <https://folhabv.com.br/>>. Acesso em: 12 jan. 2022.

<sup>69</sup> “Jornal que apresenta conteúdo jornalístico, que tem uma linha editorial que privilegia política, economia, administração pública e cultura, além de comercializar seus exemplares em bancas e vender assinaturas”. Informações disponíveis em: <<https://www.agenciawm.com.br/o-que-e-quality-paper/#:~:text=Entende%2Dse%20por%20quality%20paper,em%20bancas%20e%20vender%20assinaturas>>. Acesso em: 25 jan. 2022.

<sup>70</sup> Disponível em: < [https://pt.wikipedia.org/wiki/O\\_Tempo\\_\(jornal\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Tempo_(jornal))>. Acesso em: 15 jan. 2022.

(...) o jornal O TEMPO apresenta Minas, o Brasil e o mundo em uma cobertura de forte compromisso com o interesse do leitor. O periódico é composto por editorias que percorrem os diversos fatos do cotidiano da população, além de um conjunto de cadernos voltados para segmentos como turismo, automóveis, emprego e moda<sup>71</sup>.

Finda a discussão sobre a escolha dos jornais, a seguir, explicaremos nossa opção pelo gênero jornalístico notícia.

### **3.3.2. A escolha do gênero jornalístico notícia**

A escolha da notícia se deve, sobretudo, ao fato de esse gênero jornalístico ser essencialmente narrativo, sendo mais fácil e prático, portanto, estabelecer um paralelo com as narrativas de vida. Como vimos, conforme Silva (2007), toda notícia deve conter um relato, o qual ocorre por meio do narrar, e não do dissertar, do descrever, do argumentar ou da ordem (injunção), apesar de a narração poder contê-los.

Além disso, é “o gênero jornalístico por excelência, ou seja, aquele que mais ocorre nos jornais e revistas e do qual são derivados outros gêneros” (SILVA, 2007, p. 97), o que destaca sua relevância como objeto de análise. Isso nos levou, paralelamente, a conjecturar que seria improvável encontrarmos uma amostra satisfatória de outro gênero em que havíamos pensado inicialmente – a reportagem – nos dois jornais selecionados, o que se comprovou na coleta de dados.

Segundo Charaudeau (2012a, p. 221), a reportagem “trata de um fenômeno social ou político, tentando explicá-lo”. Dessa maneira, deve fazer uso de um posicionamento distanciado, global, e questionar o fenômeno abordado. Assevera que, como a imparcialidade, nesse caso, é impossível, os comentaristas fazem uso da “técnica da gangorra”, por meio da qual utilizam pontos de vista diferentes, ou até contrários, sem hierarquizá-los (ou hierarquizando-os minimamente), os quais conduzem a uma conclusão que aponta para outras (novas) questões. Charaudeau (2012a), porém, critica esse método, afirmando que ele não favorece a reflexão e o posicionamento crítico do interlocutor.

Passemos, a seguir, para a explanação sobre a seleção das notícias.

---

<sup>71</sup> Disponível em: < <https://www.facebook.com/portalo tempo/about>>. Acesso em: 15 jan. 2022.

### 3.3.3. A seleção de notícias

Quanto ao período de coleta de dados, inicialmente, ele seria similar ao das narrativas de vida: ocorreria nos meses de julho de 2019 e fevereiro de 2020. Contudo, constatamos que se selecionássemos as notícias durante apenas 2 meses não obteríamos uma quantidade significativa de textos que tivessem como foco a migração dos venezuelanos, ainda que a presente pesquisa não seja quantitativa, mas qualitativa e interpretativa. A título de ilustração, esclarecemos que, no jornal *O Tempo*, identificamos apenas 1 notícia, o que não deixa de ser um dado de pesquisa significativo, pois revela uma diferença de noticiabilidade da referida temática entre o estado de Minas Gerais e o de Roraima, visto que, no período em questão, encontramos no jornal roraimense 7 notícias sobre a migração de venezuelanos. Assim, ampliamos o período de coleta: do mês de julho de 2019 a fevereiro de 2020, totalizando 8 meses.

É relevante salientar que, em junho de 2019, mês anterior ao início da coleta, o CONARE reconheceu a situação de grave e generalizada violação de direitos humanos na Venezuela, com fundamento no inciso III do artigo 1º, da Lei nº 9.474, de 1997<sup>72</sup>, conforme mencionamos na Introdução deste trabalho. Em função dessa decisão, passou a ser possível adotar um procedimento simplificado no processo de determinação da condição de refugiado para venezuelanos. Identificamos, coincidentemente, nos meses de julho e agosto, meses mais próximos a essa deliberação, um número maior de notícias sobre os migrantes venezuelanos na *Folha de Boa Vista*: 104 e 100 textos, respectivamente, enquanto, nos meses seguintes, foram 70 (em setembro) e 58 (em outubro). Por outro lado, tal deliberação não influenciou quantitativamente o jornal *O Tempo*, pois contabilizamos 9 e 22 textos nos meses de julho e agosto, respectivamente, enquanto, em setembro foram 12 e, em outubro, 22.

Os procedimentos metodológicos se dividem em 5 etapas. Em um primeiro momento, coletamos todos os textos da *Folha de Boa Vista* e de *O Tempo*<sup>73</sup>, por meio da inserção, no mecanismo de busca dos sites desses jornais, das palavras-chave “venezuelano”, “venezuelana”, “venezuelanos”, “venezuelanas”, as quais caracterizam e

---

<sup>72</sup> Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/RefgioemNmeros\_2018.pdf>. Acesso em: 06 ago. 2020.

<sup>73</sup> Para poder consultar a versão digitalizada dos jornais, fizemos um cadastro na *Folha de Boa Vista*, o qual disponibilizava acesso ao conteúdo gratuitamente pelo período de 15 dias. Já no jornal *O Tempo* foi necessário realizar a assinatura para tal acesso.

categorizam os indivíduos foco da pesquisa (ver Anexo 5)<sup>74</sup>. Julgamos essa coleta – generalista do ponto de vista dos gêneros textuais – importante para verificarmos em quais seções esses migrantes são representados nos jornais em pauta. A partir disso, constatamos que as seções nas quais eles mais são noticiados na *Folha de Boa Vista* são “Cidade” e “Polícia”, com 137 e 126 ocorrências, respectivamente. Notamos também que quando os migrantes venezuelanos são noticiados na “Coluna Social” desse jornal eles estão majoritariamente na parte “Com nada”, com 14 ocorrências, enquanto na parte “Com tudo” identificamos apenas 2. Tais ocorrências revelam, portanto, que esses sujeitos são representados, na maioria das vezes, em situações que envolvem a violência e que são depreciativas.

No jornal *O Tempo*, diferentemente, os migrantes venezuelanos são mais representados na seção “Mundo”, contabilizando 42 ocorrências. Ademais, percebemos o termo “venezuelano” em uma quantidade considerável (14 ocorrências) na seção “Super F.C”, para fazer menção ao então técnico de um dos times de futebol mineiro, que pertence à referida nacionalidade (Rafael Edgar Dudamel Ochoa, mais conhecido por Dudamel). Além disso, encontramos mais representações desses sujeitos em notícias, o que vai ao encontro da afirmação feita por Silva (2007) de que se trata do gênero jornalístico por excelência, isto é, o que mais ocorre nos jornais e revistas.

Em um segundo momento, selecionamos, em ambos os jornais, as notícias que tratavam do processo de migração dos venezuelanos, ou seja, aquelas que enfatizavam a experiência migratória, já que esse é o foco também das narrativas de vida (ver Anexo 6). Nessa perspectiva, não consideramos para a seleção, notícias da seção “Polícia” (apesar de ser uma das seções em que eles mais aparecem no jornal roraimense, conforme já assinalamos), visto que o foco do presente estudo é o enquadre dos migrantes no processo migratório. Após essa seleção, chegamos a 58 notícias no jornal *Folha de Boa Vista* e 5 notícias no jornal *O Tempo*. Consideramos, portanto, encerrada a coleta nesse último jornal, como se vê no quadro 2, a seguir:

<b>Quadro 2 – Notícias do jornal <i>O Tempo</i> que compõem o corpus</b>	
<b>(1) Título</b>	Imigrantes se tornam mendigos
<b>Chamada</b>	Metade dos entrevistados disse ter ao menos um familiar em risco
<b>Link</b>	<a href="https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14082">https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14082</a>
<b>Seção</b>	Mundo
<b>Data: 21/07/2019</b>	Ano 23, Número: 8254
<b>(2) Título</b>	Venezuelanos voam de Roraima com destino à nova vida

<sup>74</sup> Registramos, seguindo a ordem cronológica, os links referentes às publicações das notícias nos sites dos jornais. A listagem foi realizada separadamente para cada jornal e pode ser consultada no anexo 6.



<b>Chamada</b>	Sem transporte de graça da FAB e das empresas, viagens seriam inviáveis
<b>Link</b>	<a href="https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14206">https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14206</a>
<b>Seção</b>	Economia
<b>Data:</b> 18/08/2019	Ano 23, Número: 8282
<b>(3) Título</b>	Capital mineira recebe mais 32 venezuelanos
<b>Chamada</b>	-
<b>Link</b>	<a href="https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14254">https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14254</a>
<b>Seção</b>	Cidades
<b>Data:</b> 29/08/2019	Ano 23, Número: 8293
<b>(4) Título</b>	Luta de refugiados em Minas agora é por mercado de trabalho
<b>Chamada</b>	Empresário bem-sucedido roçou terra e faz “bicos” para manter a família
<b>Link</b>	<a href="https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14396">https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14396</a>
<b>Seção</b>	Cidades
<b>Data:</b> 30/09/2019	Ano 23, Número: 8325
<b>(5) Título</b>	Mais de 500 menores chegaram sozinhos a RR
<b>Chamada</b>	-
<b>Link</b>	<a href="https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14696">https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14696</a>
<b>Seção</b>	Brasil
<b>Data:</b> 06/12/2019	Ano 23, Número: 8392

Em seguida, em um terceiro momento, observamos as notícias restantes do jornal roraimense e verificamos que 28 eram capa, enquanto 30, não. Decidimos, então, selecionar, nessa etapa, as primeiras, tendo em vista que, se estão localizadas na capa houve uma intenção de destacá-las das demais. Travassos (2011) considera a capa o “elemento persuasivo principal” para a aquisição de um jornal, no caso de jornais impressos, o que em nossa perspectiva pode ser ampliado para jornais digitais. Acrescenta que as capas desempenham a função de “um roteiro de leitura” para quem não deseja ou não tem tempo para ler todas as matérias. Essa pesquisadora recorre a Mamede-Neves *et al.* (s.d.) para afirmar que as matérias publicadas na capa de jornal têm mais chance de “chamar atenção” do público para que leiam todo o jornal, parte dele ou só as chamadas. Nesse sentido, Araújo *et al.* (2019, p. 4) recorrem a Noblat (2010) para asseverar que a primeira página sintetiza o conteúdo, destacando, portanto, o que há de mais importante, inédito e exclusivo, além do teor estético, que chama a atenção do leitor graças à união entre informação e diagramação.

Diferentemente, o jornal *O Tempo* não traz nenhuma das notícias que compõem o *corpus* do presente estudo na capa, o que pode ser justificado pelo fato de a temática em pauta estar muito mais em evidência em Roraima, estado que, como vimos, recebe o maior contingente de migrantes venezuelanos do Brasil.

Em uma quarta etapa (ver Anexo 7), dentre as 28 notícias que são capa do jornal *Folha de Boa Vista*, selecionamos aquelas que focalizavam mais diretamente os migrantes venezuelanos, ou seja, excluímos notícias que falavam, por exemplo, de instituições/entidades ou pessoas envolvidas com esse público. Identificamos, assim, 09

notícias no jornal *Folha de Boa Vista*. Posteriormente, em um quinto momento, selecionamos, entre essas 09, as que foram publicadas até dezembro de 2019, a fim de alinhá-las ao período temporal relativo ao *corpus* do jornal *O Tempo*, o que nos permitiu chegar a 06 notícias, como mostra o quadro 3, a seguir:

<b>Quadro 3 – Notícias do jornal <i>Folha de Boa Vista</i> que compõem o <i>corpus</i></b>	
<b>(1) Título</b>	Capa: Mais de 88 mil imigrantes pediram refúgio em Roraima Cidade: Mais de 88 mil imigrantes pediram refúgio em Roraima TCE determina que Governo recupere prédios abandonados
<b>Chamada</b>	Nos primeiros 4 meses desse ano foram feitos 19.515 pedidos, aumento de 33% comparado ao ano anterior de 14.568
<b>Link</b>	<a href="https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8832&amp;edicao=40313">https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8832&amp;edicao=40313</a>
<b>Seção</b>	Capa e Cidade
<b>Editoria</b>	Polyana Girardi
<b>Data: 19/07/2019</b>	<b>Edição: 8831</b>
<b>(2) Título</b>	Capa: Mais de 1200 venezuelanos cruzam em um único dia a fronteira de Roraima Cidade: Aumenta entrada de venezuelanos na fronteira de Roraima com a Venezuela Prefeito diz que cresceu número de imigrantes nas ruas de Pacaraima
<b>Chamada</b>	Somente em um dia, mais de 1.200 imigrantes entraram em Roraima, um número bem acima da média divulgada de meses anteriores
<b>Link</b>	<a href="https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8858&amp;edicao=40637">https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8858&amp;edicao=40637</a>
<b>Seção</b>	Capa e Cidade
<b>Editoria</b>	Edilson Rodrigues
<b>Data: 19/08/2019</b>	<b>Edição: 8857</b>
<b>(3) Título</b>	Capa: Mais de quatro mil já retornaram à Venezuela em Programa de Repatriação Cidade: Mais de 4 mil já retornaram à Venezuela Cônsul culpa embargos como motivos da migração
<b>Chamada</b>	Embarque de retorno acontece em frente ao Consulado, em Boa Vista, e somente este ano mais de 360 venezuelanos já voltaram ao seu país
<b>Link</b>	<a href="https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8859&amp;edicao=40656">https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8859&amp;edicao=40656</a>
<b>Seção</b>	Capa e Cidade
<b>Editoria</b>	Ribamar Rocha
<b>Data: 20/08/19</b>	<b>Edição: 8858</b>
<b>(4) Título</b>	Capa: Mais de 3,5 mil pessoas vivem nas ruas de BV Cidade: Mais de 3,5 mil pessoas vivem nas ruas de BV Governo e prefeitura não monitoram situação de moradores de rua
<b>Chamada</b>	-
<b>Link</b>	<a href="https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8880&amp;edicao=40943">https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8880&amp;edicao=40943</a>
<b>Seção</b>	Capa e Cidade
<b>Editoria</b>	Marcos Martins
<b>Data: 16/09/2019</b>	<b>Edição: 8879</b>
<b>(5) Título</b>	Capa: Imigrantes são retirados de ginásio e deixados embaixo de ponte Cidade: Polícia desocupa ginásio e imigrantes são deixados embaixo da ponte
<b>Chamada</b>	No ginásio abandonado estavam vivendo cerca de 70 famílias venezuelanas que agora estão embaixo de árvores, próximo à Ponte dos Macuxi
<b>Link:</b>	<a href="https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8903&amp;edicao=41277">https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8903&amp;edicao=41277</a>
<b>Seção</b>	Capa e Cidade
<b>Editoria</b>	Dina Vieira
<b>Data: 17/10/2019</b>	<b>Edição: 8902</b>
<b>(6) Título</b>	Capa: Cerca de 800 crianças e adolescentes entraram sozinhos no Brasil Cidade: Cerca de 800 crianças e adolescentes entraram sozinhos no Brasil Estado e prefeitura dizem que não estão omissos Casas de acolhimento serão inauguradas

<b>Chamada</b>	-
<b>Link</b>	<a href="https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8942&amp;edicao=41849">https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8942&amp;edicao=41849</a>
<b>Seção</b>	Capa e Cidade
<b>Data:</b> 11/12/2019	<b>Edição:</b> 8941

Cumpridos os cinco passos metodológicos, resta-nos desenvolver a análise linguístico-discursiva das notícias selecionadas, com base nos planos da semântica global (MAINGUENEAU, 2008), o que faremos no Capítulo V, logo após a apresentação das análises referentes às narrativas de vida (Capítulo IV). Como se viu, ao longo deste capítulo, lidamos com diversas questões intrigantes e complexas que desafiaram a pesquisadora a cada momento, até que se chegasse à constituição (final) do *corpus*, tanto no que se refere às narrativas de vida, quanto às notícias.

## CAPÍTULO IV – ANALISANDO AS NARRATIVAS DE VIDA

Este capítulo é dedicado ao exame e à comparação das narrativas de vida (BERTAUX, 2005; MACHADO; LESSA, 2013; MACHADO, 2011, 2015, 2016a, 2016b) por meio dos planos da semântica global (MAINGUENEAU, 2008), selecionados para compor nosso dispositivo de análise. Buscaremos, assim, chegar às representações sociais e aos imaginários sociodiscursivos (MOSCOVICI, 2015; CASTORIADIS, 1982; CHARAUDEAU, 2012b, 2015, 2017) que permeiam as narrativas dos sujeitos migrados.

Nosso intuito é verificar, sobretudo, até que ponto os migrantes e refugiados venezuelanos mantêm/rompem (com) as representações e com os imaginários que circulam sobre eles no espaço social mais amplo, representado, neste caso, pela instância midiática/jornalística.

### **4.1. As narrativas de vida de migrantes e refugiados venezuelanos em sua dimensão vertical**

Valendo-nos das discussões empreendidas, passemos à análise das narrativas de vida dos migrantes venezuelanos que estão no Brasil. Para tornar o texto mais “legível” (assim como a análise que o acompanha), optamos por editá-lo minimamente, introduzindo sinais de pontuação e eliminando ocorrências como pausas, hesitações e autocorreções, além de algumas repetições (não enfáticas). Certas “marcas” foram incluídas na transcrição editada: é o caso do negrito, que indica que o termo foi modificado em prol de uma melhor compreensão, em situações, por exemplo, em que na tradução estava “nós vimos”, mas, pelo contexto, faria mais sentido “nós viemos”. Além disso, mantivemos palavras entre parênteses para indicar hipótese do que foi ouvido e, algumas vezes, para apontar um termo que deveria estar presente para uma melhor formação do enunciado. Também preservamos os parênteses vazios, para indicar incompreensão de palavras ou segmentos, e os parênteses duplos com comentários descritivos do transcritor. Durante a análise, ao reproduzir trechos das narrativas, fizemos uso do itálico para destacar termos ou excertos que julgamos ilustrativos dos nossos comentários. Lembramos ainda que, em conformidade com o que dispõe o CEP/UFMG, todos os elementos que poderiam levar à identificação do(a) entrevistado(a) foram suprimidos, utilizando-se letras para remissão a eles. Julgamos que as alterações feitas

não interferem em nosso objetivo maior, que é o de refletir sobre o conteúdo das narrativas de vida dos sujeitos entrevistados. Mesmo assim, disponibilizamos, para o(a) leitor(a) interessado(a), o texto original em espanhol e sua primeira versão para o português no Anexo 4<sup>75</sup>.

Antes de passarmos para a análise propriamente dita, cabe ressaltar alguns aspectos gerais identificados nas narrativas no que tange a alguns planos da semântica global (MAINGUENEAU, 2008). Com relação ao “estatuto do enunciador e do destinatário”, consideramos os enunciadores como testemunhas-experenciadores do processo migratório venezuelano atual, já que são migrantes venezuelanos, e, como tais, detentores de informações que interessam à interlocutora, que, por sua vez, possui o “estatuto” de pesquisadora de uma instituição federal, que faz um doutorado a respeito dos discursos sobre/de migrantes e refugiados venezuelanos que estão no Brasil. A partir disso, os migrantes mobilizam, em suas narrativas, as informações que consideram que irão interessar a essa interlocutora, as quais, conforme já explicamos, envolvem não apenas sua vida na Venezuela anteriormente à migração, o que, direta ou indiretamente, tem relação com a decisão de partir, mas também suas trajetórias até o Brasil, suas experiências enquanto migrantes venezuelanos em Roraima e, em seguida, em Belo Horizonte. Desse modo, como já foi apontado, tais relatos estão em consonância com a concepção minimalista de narrativa de vida de Bertaux (2005), uma vez que abarcam apenas uma parte da vida desses sujeitos, ou seja, sua experiência migratória.

Ademais, é fundamental esclarecer, no que diz respeito ao plano dos “temas”, que nosso objetivo não é contemplá-los em sua integralidade, mas apontar os que se destacam, conforme nosso interesse investigativo. Nessa perspectiva, nosso roteiro de entrevista, tal como foi descrito anteriormente, contava com uma proposição mais geral: “Conte-me como você vivia antes e como vive atualmente, ou seja, eu gostaria de saber como era sua vida na Venezuela e como tem sido aqui no Brasil”, desdobrada nas seguintes perguntas: 1) Por qual(is) motivo(s) você saiu da Venezuela?; 2) Como foi o processo de vinda para o Brasil?; 3) Como tem sido sua experiência como refugiado/migrante no Brasil? Quais

---

<sup>75</sup> Tendo em vista que um dos objetivos de nossa pesquisa é “dar voz” aos migrantes venezuelanos que estão no Brasil, optamos por incluir as narrativas de vida no corpo do texto (mesmo que elas apareçam também no Anexo 4, como foi dito). Isso porque, por meio da definição do termo anexo, percebemos seu caráter acessório: “Que ou o que se anexou; Dependência contígua a outra, considerada principal; Aquilo que está ligado como acessório”. Se nosso intuito é “dar a palavra” ao sujeito para que ele (se) conte, não convém relegar essa palavra a um “espaço menor” (o do anexo). Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/anexo>>. Acesso em: 3 de out. 2021.

são os pontos positivos e negativos de sua vida no Brasil?; 4) Qual(is) é(são) seu(s) plano(s) futuro(s)?

Em consonância com Maingueneau (2008), identificaremos, nas narrativas de vida que compõem o *corpus*, “temas impostos” e “temas específicos”. Lembramos que os primeiros consistem naqueles que são requeridos para que um discurso seja bem aceito, enquanto os segundos são mobilizados por alguns discursos e não por outros. Sendo assim, tomaremos como temas impostos, neste trabalho, aqueles que estão relacionados mais diretamente às questões do roteiro, pois acreditamos que falar de uma experiência migratória implica abordar aspectos contemplados por essas questões; já os que demais temas consideraremos como específicos.

Essa distinção, no entanto, não é tão simples quanto parece, em se tratando de uma temática complexa e delicada como são os fluxos migratórios contemporâneos. Um problema com que nos deparamos foi o seguinte: como os migrantes entrevistados chegaram ao Brasil por Roraima, ficaram um tempo variável nesse estado, depois participaram da estratégia de interiorização e foram para Belo Horizonte, passando por experiências diferentes nos dois contextos, observamos que o tema imposto 3 (Como tem sido sua experiência como refugiado/migrante no Brasil?) favorece a abordagem de dois subtemas: “situação em Roraima” (Pacaraima e/ou Boa Vista)” e “situação em Belo Horizonte”. Decidimos (não sem riscos) tomá-los como subtemas impostos pelo fato de o tema imposto 3 ocasionar seu aparecimento em todas as narrativas de vida do *corpus*, tornando-os, assim, praticamente “obrigatórios” para a plena compreensão/aceitação do discurso. Ressalvamos, porém, que temos plena consciência de que esses subtemas impostos restringem-se ao âmbito da presente pesquisa, na medida em que são mobilizados por migrantes venezuelanos interiorizados especificamente de Roraima para Belo Horizonte, e não, evidentemente, por todos os venezuelanos que migram para o Brasil.

O plano dos temas será abordado de forma articulada com o plano do vocabulário, já que, de acordo com Maingueneau (2008), como foi dito, não devemos tomar a palavra em si mesma como uma unidade de análise pertinente. Observaremos, então, como, em função de seus usos, as palavras se comportam no âmbito dos temas: articulam-se, opõem-se, completam-se etc.

Pontuadas essas questões, passemos à análise das narrativas de vida, na seguinte ordem: Edelmira (NV1), Valéria (NV2), Mayerlin (NV3), Carlos (NV4) e Alejandro (NV5), partindo das entrevistas mais recentes (2020) para as mais antigas (2019). Antes

de cada entrevista, reapresentaremos as informações que compõem o perfil do(a) entrevistado(a), conforme já foi disponibilizado no Quadro 1 (vide Capítulo III). Como também já foi dito, faremos, inicialmente, a análise das narrativas de vida na dimensão vertical, já que cada relato é único e seu sujeito, singular e, no final do capítulo, cotejaremos as entrevistas (e suas respectivas análises), em busca de aspectos comuns (dimensão horizontal). Seguimos, nesse sentido, a orientação de Lara em seus já citados trabalhos sobre narrativas de vida de migrantes brasileiros na Europa (ver, sobretudo, LARA, 2021e).

#### 4.1.1. Edelmira

<b>Nome:</b> Edelmira (fictício)	<b>Gênero:</b> feminino
<b>Local de nascimento:</b> Tucupita, estado de Delta Amacuro	<b>Idade:</b> 26 anos
<b>Profissão anterior:</b> Enfermeira e Oficial Agregada	<b>Profissão atual:</b> Doméstica
<b>Data e local de chegada ao Brasil:</b> 15/07/2019, em Pacaraima	<b>Data de chegada a Belo Horizonte:</b> 07/01/2020
<b>Estatuto jurídico:</b> Residência temporária	<b>Data de realização da entrevista:</b> 03/02/2020
<b>Duração da entrevista:</b> 48 min e 34 s	

Ou seja, eu relato a minha vida já na Venezuela? Ou seja, o que eu fazia, é que, bom, na Venezuela, é que ((risos)) eu não sei como começar. É que, vamos ver. Na Venezuela, bom, eu sou a terceira, de sete irmãos que somos. É que minha mãe e meu pai, minha mãe se chama M. C. e meu pai se chama N. C. É que atualmente tenho vinte e seis anos, vinte e cinco, vou fazer vinte e seis, se Deus quiser ((risos)). É que, e bom, eu sou indígena, da etnia Warao, do estado de Delta Amacuro, de Venezuela, minhas raízes são indígenas.

E, eu estudei, vivi numa comunidade indígena até os onze anos. Com onze anos, é que fui para a capital do estado Delta Amacuro, que se chama Tucupita, onde ali é que realizei meu estudo, o que chamamos na Venezuela de secundário e depois do secundário vem a universidade. Me graduei no **bacharelado** no Liceu J. A., com a ajuda de meus pais, e estudei na universidade enfermagem, técnico superior em enfermagem, na Universidade F. A., uma universidade que era privada e depois foi pública, no governo de Chávez, quando estava o presidente Chávez. E depois me graduei em dois mil e quinze. Tenho nível superior em enfermagem. Estive dois anos sem trabalhar e sem estudar, o que fazia era trabalhar em casa de família, ou no que saísse, porque enquanto esperava um trabalho, da carreira que me graduei, mas nesse tempo já estava muito difícil encontrar trabalho, porque os que encontravam trabalho eram pessoas que tinham relação com o governo. Mas como eu não era política, nem nada por esse estilo, e não tinha conhecido um político, não pude encontrar trabalho.

E em dois mil e sete, enquanto não fazia nada, também fazia cursos, e realizei um curso, no U. S., que essa instituição se encarrega do atendimento de emergência **hospitalar**, fiz um curso ali de brigadista. Terminei esse curso. Enquanto terminei esse curso escutei ali, eu estava fazendo um curso para realizar um curso da Polícia Nacional, o primeiro curso que vão realizar no estado e bom me inscrevi. Fiz o curso durante seis meses. Saindo, é que este curso eu realizei em Tucupita. E depois do curso, depois da aprovação, nos mandaram para três meses de treinamento em Caracas, para a capital da Venezuela. Três meses em treinamento, onde foi um pouquinho difícil porque a crise já estava ali, eu já tinha que custear meus gastos. Ficamos como que dois meses sem receber benefícios nem nada, somente uns dois meses cobrindo meus gastos. Tudo já estava caro, passagem, comida, tudo. Já era algo, a situação da Venezuela estava crítica, bom, já estava começando sua crise.

Aos três meses recebi meu primeiro salário, que foi em vinte e cinco de novembro por aí, já quase chegando dezembro. E em dezembro nos pagaram. Não estive três meses em Caracas, três meses, digo, não, seis meses em Caracas. Depois dos seis meses, nos mandaram para nossos estados, pois fomos os primeiros, a primeira promoção da Polícia Nacional, é que nos mandaram para nosso estado, porque sempre a Polícia Nacional os graduava. É que eu me graduei na Polícia Nacional, na Universidade S. V.

da Venezuela. E os que graduavam, (eles) os deixavam trabalhando na capital, Caracas. Se você vivia longe, um estado longe de Caracas, não importava, ainda te deixavam trabalhando em Caracas. Mas nós fomos o primeiro, o primeiro grupo por aqui, vindos dos estados que (eles) nos mandaram para nossos estados. E já nesse tempo já estava a situação crítica, já tudo estava caro. E enquanto eu trabalhava, é que durei um ano e meio trabalhando, em doze de janeiro de dois mil e dezoito, nos mandaram para nossos estados. E lá trabalhei como um ano e meio, até dezesseis de abril de dois mil e nove, que me decidi vir para o Brasil.

Por que decidi vir para o Brasil? Porque o que eu ganhava não servia para nada, e onde eu trabalhava era muito rigoroso. Eu trabalhava quinze dias por cinco dias livres. O pouquinho que eu ganhava eu gastava nesses quinze dias. Ia para minha casa sem nada, porque já tinha gastado nos quinze dias trabalhando. E é que pelo menos eu trabalhei na Polícia Nacional, primeiro trabalhei no operativo, operativo é trabalhar na rua. E depois trabalhei (no) administrativo, estive seis meses trabalhando no administrativo e depois, quando eu trabalhava no administrativo era coordenadora da Secretaria de E. I. G. da Polícia Nacional do Estado. É que me deram esse cargo, mas durei pouco porque decidi vir para o Brasil.

Mas minha irmã, minha irmã mais velha, ela tinha vindo primeiro, e para vir eu chamei ela por telefone, e lhe falei como era aqui no Brasil, ou seja, se podia vir para cá, porque a situação da Venezuela já estava muito crítica. E bom isso simplesmente porque aqui pelo menos é difícil, mas se consegue algo mais do que na Venezuela porque a situação era crítica. E, bom, e aí eu informo a meu pai:

— Pai, é que eu vou embora para o Brasil porque aqui já não está para nada, não tem nada, a comida, o salário não é suficiente nem para comer nada, nada, nada não. E agora a situação está pior.

E bom, e ele disse:

— Vá.

E eu digo:

— Bom, está bem.

E nesses dias, para os fins de abril, minha prima me disse é que:

— Eu vou nos primeiros dias de maio, vamos juntas.

E bom, nós **viemos** juntas. Em dois de maio saímos de Tucupita. E é que foi muito difícil sair da Venezuela porque, quando você sai, é diferente muito, não vai para um estado qualquer, mas sim é algo mais longe de seu país, onde quando você pisa não sabe quando vai regressar ((choro)). Eu tenho duas sobrinhas pequenas, **estão** com a minha tia, porque eu tenho visto ((choro)). Quando eu era criança pensava nela, pensava na minha mãe, no meu pai, ((choro)) deixamos todos lá.

Quando minha prima chegou, vinha com suas duas meninas, uma de um ano e outra de três anos. Chegamos a Pacaraima em três de maio. Mas antes chegamos em Santa Elena, Bolívar. Minha prima foi na frente, porque ela tinha duas crianças, e na Venezuela a fronteira estava fechada, e ela tinha que pagar sua passagem por bagagem e carro, mas, como eu não tinha que pagar pela passagem de bagagem, eu vim **com** bagagem, mas caminhando. Elas foram de carro e eu vim caminhando, com um grupo de venezuelanos. Éramos bastante, entre crianças, pessoas mais velhas e homens. Eu vinha sozinha. Sozinha porque minha prima já tinha vindo com suas crianças. Ela me disse:

— Vou te esperar lá na fronteira, pois aqui onde está não vou poder, mas vou esperar lá.

E bom, assim eu **vim**. Passamos, assim como um rio caminhando, a montanha caminhando, e bom cheguei caminhando à fronteira de Santa Elena, cheguei caminhando até onde acampar, mas até certo ponto caminhei sozinha, com gente desconhecida, mas sozinha, que meus irmãos, meu irmão também estava na fronteira, meu irmão mais velho e minha irmã. Minha irmã estava num refúgio e meu irmão estava vivendo na rua. Meu irmão se inteirou que eu vinha caminhando e foi me buscar caminhando, porque dizia que era muito perigoso e sabia que eu ia sozinha. Nós estivemos três dias na fronteira, três dias tirando documentos. É que minha prima tirava os documentos rápido porque andava com as duas crianças, eu tinha que esperar, que atendiam primeiro os de prioridade, crianças com seus (pais), mulheres com seus filhos, família. Mas como eu andava sozinha:

— Não, depois ok.

Tiravam meus documentos depois que tiravam os da minha prima. É que para entrar no refúgio, em Pacaraima, ou seja, para os três dias, podia ficar refugiado em Pacaraima ali, no ( ) creio, e eu lhe disse, não, somente se abrigam pessoas que têm filhos e deficientes. Lá homens solteiros e mulheres solteiras não abrigam. Esses três dias enquanto estamos tirando os papéis, e bom, eu falava (para) minha prima (e) minha irmã, minha irmã já estava ali, falavam, diziam:

— Não, porque ela vai dormir sozinha na rua se não a deixam e...

E disse:

— Bom, tem que esperar que entre todo mundo. Se sobra vaga, você entra, ela entra, se não, não pode entrar.



Eu esperava o último, o último que, quando as pessoas já se, como se “ah está bem... passa!”, e assim eu passava, para dormir lá dentro e na outra manhã eu iria me retirar, e depois terminava. Enquanto a questão dos papéis, nada, estivemos três dias tirando documentos em Pacaraima, e bom, nos três dias minha prima **foi** para Boa Vista, e eu fiquei esperando a minha irmã. E minha irmã tem duas meninas, já tinha tido problema com seu marido, e ele já tinha voltado para Venezuela. Eu disse a meu pai para ele não adoecer, que a situação está muito feia na Venezuela, que não se vá pelas duas crianças, porque se adoecer como lhe vão atender ((choro))? E bom, tive duas semanas esperando minha irmã. Minha irmã estava trabalhando como docente, como professora, num abrigo e, segundo ela, esperava que lhe pagassem e não lhe pagaram, para irmos para Boa Vista **em** que estava minha prima, a irmã e minha prima com quem eu me e lá, de vez em quando vamos lá, porque para Venezuela você não pode voltar. E até hoje é assim porque não pode voltar com as duas crianças. Bom, e agora estava em ( ) para ir para Boa Vista, bom, se não, praticamente, se não fosse por isso eu teria voltado para Venezuela. Bom, vim para Venezuela ((suspiro)), digo, **vim** para Boa Vista com minha irmã. Estivemos três meses, não, um mês, vivendo como num acampamento, onde estavam venezuelanos puros, como crioulos e indígenas. Neste mês, foi muito, muito (difícil), ou seja, a higiene não era adequada para as crianças, o ambiente era muito feio assim. As meninas adoeceram. A última, a de um ano, lhe deu até diarreia, vômito. Ficou fraquinha, fraquinha. Se desnutriu em um mês, se desnutriu ali em Boa Vista. E bom, e *neste* acampamento chegavam instituições assim como a O. e faziam visita. Nesta visita, minha irmã aproveitou para falar com um rapaz, com um coordenador de proteção por casualidade da vida, que graças a Deus minha irmã falou com ele, dizendo-lhe que ela tinha duas filhas, que num ambiente sujo como aquele, como que suas duas filhas iam ficar ali. E esse da O., de proteção, ele disse:

— Vamos ver o que podemos fazer. Dentro de quarenta e duas horas te damos uma resposta.

E ela me disse, disse a ele:

— Bom, está bem.

Bom, passaram as quarenta e duas horas e nada, não aconteceu nada. Mais ou menos uma semana depois, fomos para a rodoviária que era para Petri, onde tiram os documentos e onde faziam o processo de interiorização. Mas nós já havíamos escutado sobre o processo de interiorização, queríamos interiorizarmos desde o princípio, porque em Boa Vista não se encontrava trabalho, nada. Estivemos um mês ali no acampamento, e sem poder sair também, porque eu acompanhava minha irmã com as duas crianças, e quando saía não se encontrava nada. E todo mundo dizia:

— Aqui em Boa Vista não tem trabalho, não tem vida. Há muitos venezuelanos, e os brasileiros têm raiva dos venezuelanos pela má conduta, porque há venezuelanos que fizeram coisas ruins, pois em Boa Vista há muitos venezuelanos e agora não se pode encontrar trabalho.

E bom, nós estivemos um mês ali. Depois, enquanto estávamos, escutamos sobre o processo que estavam interiorizando para outros estados, **onde** sim há fonte de emprego, e minha irmã disse:

—Vamos nos interiorizar.

Fomos para Petri que queríamos nos interiorizar. Quando fomos para fazer o processo de interiorização em Petri, nos encontramos com o senhor que havia falado no acampamento sobre o abrigo, solicitando abrigo, e eu lhe digo:

— M., veja, está ali! — minha irmã se chama M. — É que está ali aquele senhor com quem você falou, será bom ir.

E disse assim, e ela disse:

— Sim, eu vou ali.

Ela foi e ela até lhe falou que a menina estava fraca. Eu fico com as crianças e ela foi falar com o rapaz, com o senhor. E o senhor lhe disse:

— Não, ainda tem que esperar.

E depois eu levei as duas crianças e voltei, e vim, e ele disse:

— Você anda com essas duas meninas?

— Sim.

— Você sozinha?

— Não, com minha irmã.

Se viola a situação como estava, a menina como estava, como ela andava com duas crianças, uma menina de dois anos que ainda não tinha completado três e outra de um, ela sozinha com a outra desnutrida, a pequena. Ele disse assim, então:

— Vamos te dar abrigo, porque a verdade é que se viola a condição da menina, na verdade que precisava **de** abrigo. Ah bom, é que, vamos te dar abrigo, mas para sua irmã não.

A mim não me dava nada:

— Porque sua irmã já é maior de idade e as que são maiores de idade já entram no abrigo de solteira. Mas tem que inscrever-se na lista de mulheres solteiras.

Há uma quantidade de mulheres esperando abrigo, e a deixou com o outro rapaz que se chama A., se me recordo o nome dele, A. da proteção da O. Digo, não me lembro se é da O. ou da, não me lembro, mas é da proteção. E ela lhe explica que ela está sozinha com as duas crianças e comigo, e ele lhe disse:

— Mas quantos anos tem sua irmã?

— Tem vinte/vinte e cinco.

— Ah não, mas, para sua irmã, entra no abrigo de solteira.

E ela disse:

— Não, mas ela é quem me ajuda.

— Ah, bom, sim. Vou olhar. Como você vai ficar sozinha com duas crianças? Vamos te colocar lá também. Ah não, não, não.

Nos colocaram num abrigo. Ali nos atenderam muito bem a O., a O. É que fizeram os trâmites para nós rapidinho, nos deram o cartão para entrar no abrigo.

— Nós mesmos vamos lá, vamos levar vocês ao abrigo, e foram.

— Aonde vocês estão vivendo?

— Nós estamos vivendo num acampamento, e não, esqueci o nome do acampamento: no C., é que estamos vivendo em C.

— Ah sim, vamos lá buscar as coisas de vocês. Mas vão e recolham as coisas de vocês rapidinho e se vão e nós vamos levar para o abrigo, e vou pagar.

E ele, A., parou um táxi e ele mesmo foi buscar as coisas e nos levou e nos deixou em frente à casa onde íamos dormir. A. se portou muito bem conosco.

E bom, estivemos ali, eu estive ali, enquanto entramos no abrigo, minha irmã começou a fazer curso. Alguém tinha que ficar com as duas crianças, e eu fiquei enquanto minha irmã fazia esse curso, eu ia (cuidar) das meninas. Ela fez um curso de dois meses, ela finalizou seu curso como em fins de novembro. Quando ia terminar seu curso, eu saía sem esse curso, na hora eu ficava com as crianças, e bom, ela não perdeu o interesse para a interiorização. No processo de interiorização que estávamos fazendo, o traslado de interiorização para poder sair de Boa Vista, é que fomos várias vezes para Petri, para poder cadastrar, mas no dia que nos deram abrigo, A. mesmo, nos disse, nos deu a oportunidade para que passássemos direto de uma vez para o cadastro da interiorização. Mas quando fomos cadastrar, o militar me disse não, perguntou pela minha identidade, e ele:

— Hum, identidade — disse. É venezuelana, deste povo indígena Warao — onde nos identificam como indígena. E ele disse:

— Não, vocês não podem ser interiorizadas, aos indígenas não lhes estão interiorizando.

Mas nós já tínhamos escutado isso: que os indígenas não iam interiorizar. E bom, é que nós (...)

— Não, vamos continuar tentando. Nós somos profissionais — disse minha irmã.

Minha irmã é engenheira de sistemas. Eu sou enfermeira. Nós temos um título e pelo menos com isso tem que levar algo em conta. É que, mas já diziam:

— Não, vocês não vão poder interiorizar.

E nesse dia, o militar nos confirmou isso.

— Por quê? (entrevistadora questiona)

É que o militar disse:

— Vocês não podem ser interiorizadas porque são indígenas, e aos indígenas não estão interiorizando.

E minha irmã disse:

— Mas por quê? Nós também temos direito. Ela é Polícia Nacional e é enfermeira. Eu sou engenheira. Por que não?

— Não, vocês não podem ser interiorizadas e, além disso, não podem assinar a carteira de trabalho de vocês.

Minha irmã disse:

— Mas por que não vão querer? — minha irmã disse — Isso é mentira. Assinaram a minha carteira de trabalho.

Porque minha irmã trabalhou com um instituto de imigrantes também e assinaram a sua carteira. E ela me disse, e ela lhe disse:

— Não, assinaram a minha carteira. Veja! — e mostrou sua carteira ao militar.

Mas o militar, com a sua conduta, também assim como minha irmã lhe disse:

— Você, vocês, o que estão fazendo é discriminando.

E lhe disse:

— Sim, tenho aqui minha carteira assinada — minha irmã disse ao militar.

E o militar para pra ver, o militar fica vendo a carteira de trabalho e vai lá para dentro e nos deixa ali, e vai para um escritório. E ainda disse:

— Esta carteira está ruim, porque vocês não podem ter carteira de trabalho assinada, mas não é, vocês não podem ser interiorizadas.

E, bom, nós ficamos vendo a cara, e com uma indignação, porque tanta vontade que tínhamos de interiorizarmos ((choro)). Saíamos dali, com as duas meninas pequenas, e neste momento, porque as crianças estavam doentes, e baixamos ali, a menina fez cocô, a mais velha sujou tudo e começou a fazer cocô. E bom, ali rapidinho e naturalmente a limpamos e saímos, e A. disse assim:

— Conseguiram cadastrar para interiorização?

E eu lhe disse, minha irmã, que fala mais e é mais esperta que eu, disse:

— Não A., não. É que nos disseram que nós não podemos interiorizar porque somos indígenas.

E tendo dito isso, A. pôs a mão na cabeça e disse:

— Já não é a primeira vez que está acontecendo isso com os indígenas. Eu vou falar com meu chefe isso, para ver o que está acontecendo porque eles não podem fazer isso.

E bom, fomos, (ele) nos levou para o abrigo, nos levou para o acampamento e depois nos levou ao abrigo **onde** estive até que vim. E é que, como já disse, minha irmã fez o curso. Depois que minha irmã fez o curso, não, é que enquanto estávamos no abrigo, ficamos conversando... “nós vamos nos interiorizar”, fomos para a J. (instituição), fomos para A. (instituição), **onde** estão interiorizando. E para a J. também:

— ( ) Não, e ainda não vão nos interiorizar porque somos indígenas e ainda não vão fazer... porque são indígenas.

— Mas por que não? Nós queremos interiorizar, aqui não tem trabalho, aqui como vamos viver? Nós vamos viver sempre no abrigo? (No) abrigo somente nos dão comida mais nada. Bom, e um lugar onde dormir. Como?

E tendo dito isso, nós caminhamos. Lá o sol de Boa Vista é quente e tudo fica longe, e a passagem é cara, e, como no princípio não trabalhava, nós caminhávamos com as duas crianças e dois amigos que viviam no acampamento, e eles nos acompanhavam, pois também buscavam maneira de interiorizar-se. Fomos para J.

— Não, (para) fazer isso tem que cadastrar-se.

Mas, para fazer este cadastro, tem que, como há muitos venezuelanos e já os próprios venezuelanos faziam fila, assim como faziam fila por muitos dias, até dias antes do dia que tinham que cadastrar. E havia uma lista, e bom nós nos colocamos nessa lista. Minha irmã, os amigos e eu, nós ansiando, os quatro indígenas, ansiando por nos cadastrar, e tínhamos que ir todas as noites como para marcar a fila, e passavam uma lista. Quando passavam essa lista, cada um podia ir para onde dormia, pois ( ) íamos, mas teve dias que minha irmã não pôde ir porque as crianças adoeceram, elas não podiam sair no sereno. E bom, ia eu sozinha, e sempre buscava alguém para que estivesse como acompanhada dela nesse momento. E os amigos diziam:

— Não, ela é minha esposa.

O que diziam era mentira, mas éramos puros venezuelanos da lista para poder cadastrar. Isso foi algo como três semanas, esperando enquanto ia até de noite, íamos fazer fila, nós também íamos para A. (instituição). É que decidimos ir para A. porque é que uma vizinha (com) que compartilhávamos a caixa de correio, e ela disse, depois que nós chegamos no abrigo:

— Eu estou aqui por um dia e nada mais porque me interiorizaram.

E assim disse, e nós lhe explicamos:

— Nós queremos nos interiorizar, mas não querem nos interiorizar porque somos indígenas.

— Como vai ser isso? Mas isso é discriminação.

Uma venezuelana:

— A mim quem me ajudou foi em A. Um rapaz, ele é muito bom, ele é venezuelano. Ele se chama D.

E, bom, nós fomos:

— Ah bom, está bem. Eu lhe falo, vou falar de vocês.

E bom, antes de viajar, de sair de Boa Vista, ela nos disse:

— Eu já falei com D. D. disse para vocês irem para A. e procurarem ele, que vai ver o que pode fazer por vocês.

Fomos para A. Caminhamos, todos os dias para A., em pleno sol com as duas crianças. Nesse processo de interiorização, ou seja, tentando interiorizar, as meninas davam as mãos umas às outras. A ((choro)) última lhe saiu ( ) na nuca pelo sol, e bom ((choro)), fomos falar com D. D. disse — bom, minha irmã era a que falava, lhe explicou:

— Não, não nos querem interiorizar, porque somos indígenas.

— Ah, podem falar com o padre. Deixa comigo seus documentos.

E deixamos os documentos dos quatro, e ((choro)) primeiro não entendia bem, não entendia, depois nos ignorava. Todos os dias e todos os dias íamos para A. até que num fim de semana indo para A., e bom, a última vez que fomos para A. falamos com ele, minha irmã lhe disse:

— Mas não nos ajuda, não nos ajuda nada!

E ele disse:

— Ah, não é, é que é pela condição de vocês.

Ou seja, já não explicava nada, nunca dizia, não se esforçava. Nos ignorava, quando chegávamos lá, nos ignorava. E bom, é que a última vez que fomos, minha irmã e eu, com as duas meninas, e bom, e é o que lhe digo, um ano para chegar e para pegar uma fralda, porque nós vimos que tinham fraldas, e nos deram quatro pacotes de fraldas, dois para cada menina, e ali nos demos conta que nos ignoravam, e percebemos que já não iam nos ajudar. Deixamos de ir. Só fui fazer um curso ali que dizia:

— Não, estamos fazendo um curso.

E fui para lá, fiz e realizei o curso ali, de estética, e enquanto isso, depois, na J. é que consegui cadastrar. Minha irmã também conseguiu cadastrar, mas nunca saía na interiorização, e é que na recepção:

— Mas falem com o padre, porque a gente aqui o padre é o encarregado da J. Falem com o padre.

E minha irmã disse:

— Não, nós não queremos. Não queremos falar com o padre, porque se sair uma interiorização e nós viemos, sei o que vão dizer, que não. Não vão querer nos interiorizar por sermos indígenas.

— Não, o padre é bom, é boníssimo. Esse padre é boníssimo, entende a gente.

Aí minha irmã:

— Ah, bom, vamos lá.

Fomos para o padre. A primeira vez nos disse:

— Vocês têm que se cadastrar para interiorização.

Mas já haviam encerrado o cadastro. Mas nós conseguimos cadastrar.

— Vocês têm que se cadastrar.

E minha irmã:

— Mas nós já cadastramos!

— Como é isso? Quem cadastrou vocês? Quem? Ah não! Não! Não! Não podem cadastrar vocês!

Primeiro disse “Vocês têm que cadastrar” e depois disse “Não! Vocês não podem se cadastrar, eu vou me meter em problemas!”. É que e minha irmã lhe disse:

— Não, é que nós queremos ser interiorizadas.

— Mas vocês não podem ser interiorizadas... eu entendo vocês que (...).

Falava, se contradizia como se queria nos ajudar e depois, nada. E bom, e nós, ai, nada, não tinha como, que não podiam nos interiorizar. Mas como vamos fazer, é que:

— Não, não podem ser interiorizadas porque são indígenas.

A primeira vez que falamos com o padre:

— Bom, mas agora vocês se cadastraram e vão estar no cadastro.

Já tinha passado um tempo.

— Voltem a falar com o padre!

Passaram cerca de dois meses, vamos voltar a falar com o padre. Minha irmã era a que falava, porque ela era como a cabeça da família. E aí a última vez que ela falou com o padre, ele lhe disse:

— Não, é que vocês não podem ser cadastradas. Como vocês duas vão trabalhar? Quem mais cuidará das crianças?

E ela dizia:

— Não, mas é que eu não posso trabalhar, eu posso cuidar das minhas filhas, mas minha irmã ela pode trabalhar, ela sim pode interiorizar.

— Não. É que vocês não podem ser interiorizadas porque vou me meter em problemas. É que o sangue de vocês... não podem! Não! Não! Vocês têm um sangue que não podem! Não podem! Não podem ser interiorizadas!

E minha irmã ainda estava até chateada e lhe disse:

— Padre, como você pode dizer isso!? Você crê em Deus? Você crê em Deus, padre? Porque nós cremos em Deus, e se o que te impede é o sangue, outro sangue, se o que te impede é o sangue, é que na mão também passa sangue. Temos o mesmo sangue, padre. Por que não nos quer interiorizar?

— Não, é que os indígenas não podem sair da zona.

Não sei, é **como** uma lei daqui que os indígenas não podem sair.

— Mas **como** padre, se não está ( ).

— Não, não! É que não... como vai fazer com suas duas crianças?

Estava buscando desculpas, pois:

— Você não faz. Como vai trabalhar com essas duas crianças? E se o papa vem, eu vou me meter em problemas!

Mas ela disse:

— Mas nós nos metemos em problemas porque não nos interiorizam. Nós queremos trabalhar. Nós somos profissionais.

— Não, não, vocês não podem ser interiorizadas.

E bom é que deixamos de ir na J. Minha irmã fazia curso, eu fazia, eu cuidava das meninas. Quando minha irmã terminou seu curso, eu comecei também a fazer meu curso. Os últimos dias de novembro e os primeiros dias de dezembro, eu fiz o curso, e é que e algumas vezes ela tinha curso, e eu também tinha curso e, bom, a vizinha que cuidava das minhas sobrinhas, ela se oferecia:

— Agora nós podemos cuidar, vocês podem ir fazer seus cursos.

E é que também, enquanto fazia esses cursos, encontramos A., e A. nos disse:

— Sim — disse a M. — Sim, M. — porque já sabia até o nome da minha irmã. É que nós já falamos disso com nosso chefe, e eles disseram que isso é um processo, que é a lei, que em Brasília teve isso, que os indígenas não podem ser interiorizados. O mais longe que podem chegar os indígenas é em Manaus.

— Mas como? Por que?

— Não sei M. Nós vamos ver. É que estão lutando para que vocês possam ser interiorizadas, estão lutando, mas isso vai demorar, pode durar meses, M., tem que ter paciência, enquanto isso estão aqui no abrigo.

E bom:

— Aí não! Nós queremos interiorizar, que não estamos trabalhando. Como vamos viver? Nós temos família na Venezuela ((choro)), queremos ajudá-los.

((choro)) Estivemos todo esse tempo sem trabalhar, ali em Boa Vista, e bom, ((choro)) escutamos a primeira vez, sempre escutamos do curso da J:

— Vamos fazer um curso de atendimento à cliente na J.

E minha irmã me disse:

— ( ) como já fiz esse curso, você faz e eu fico com as meninas.

E bom, fui, me inscrevi, e era por seleção também o curso, e foram justamente vinte pessoas, que eram vinte para o curso. Ah, como são vinte pessoas somente, não fazem seleção, vão fazer todas as vinte. Ficamos as vinte. Curso na J., **onde** nos rejeitaram do processo de interiorização. E, bom, e o encarregado é ( ), vem ele nos chego a este:

— Tem que estar em tal hora no Senado.

E, bom, foi numa segunda-feira. Fomos ao Senado, e no Senado nos disseram, eles nos apresentaram o professor, e perguntou:

— Quem está solteira aqui? — Ninguém levantou a mão.

Voltou a perguntar:

— Quem está solteira aqui? — Ninguém levantou a mão, porque estávamos assim sem saber, ninguém levantava a mão.

Depois disse:

— Pois vou falar melhor: quem é a mulher que está com a possibilidade de viajar sem filhos, sem marido, que possa viajar sozinha?

E dizendo assim todas acabaram erguendo a mão ((risos)). Até eu levantei minha mão. E ele disse:

— Bom, amanhã vão cadastrar. Há vinte (vagas) para o processo de interiorização, e vocês não vão ser as únicas (que) se cadastrarão ali. Todas as (que) querem cadastrar vão cadastrar.

— Ah, bom, amanhã.

— Amanhã, vão cedo.

Bom, fomos ali, no outro dia, fomos bem cedo. Eu estava fazendo um curso de padaria na manhã, e bom, eu faltei esse dia, para eu ir à J. **Vem** e me disse. É que nos cadastramos, e quando nos cadastramos, quando eu fui à J., eu tinha medo: mas para que vou me cadastrar se aos indígenas não estão interiorizando? — e eu sempre andava com esse medo. E, bom, eu fui. É que eu me disse na entrevista todinha, que quando lhe entrevistarem, “eu sou a que vão selecionar”. E eu fui, somente para não renunciar ao que Deus queria. Mas ali, no J., diziam que não, que os indígenas não vão interiorizar mas aí o que custa? O que me custa vir? Fiz a minha entrevista e se fico ou não fico. E, bom, nesse dia, ele me entrevistou e me disse:

— Se você for selecionada vamos te levar nessa noite ou amanhã à tarde. Se não te ligarem, é porque não foi selecionada. Eu sou quem vai fazer a seleção.

Me disse:

— Se você tem perfil, vai ser selecionada. Se não, lamentavelmente será para outra oportunidade.

E bom, e é que no outro dia, como umas cinco e meia da tarde, eu estava no curso de atendimento ao cliente. E quando eu chego, minha irmã me disse:

— Te ligaram! Te ligaram!

E, como minha irmã gosta de brincar, eu pensei que era mentira. E eu disse:

— Não.

Eu disse:

— Ai, M., deixa estar que é uma brincadeira.

E ela disse:

— Ah sim! Sim! Ligaram! Te ligaram!

E eu disse:

— Eh!?

Quando me disse:

— Sim! Sim! Te ligaram!

Eu disse:

— Ai, que fino!

Fiquei tão contente ((choro)). Me deram uma ( ) e ela disse:

— Sim! Trabalhe! Vão te interiorizar! E trabalhe, trabalhe bastante! Para que trabalhe lá e nos mande buscar ((choro)).

E bom, ((choro)) e ((choro)) e sempre, quando nos citavam, quando nos iam avisar, quando pegamos os papéis, sempre quando chegamos à J., ia com esse medo de que me devolvessem, porque os indígenas não se podem interiorizar ((choro)). E, bom, com este medo, e bom, cada vez que ia à J., tinha esse temor que me devolvessem, porque nunca, que não pode (por)que é indígena. Mas não, graças a Deus, é que o processo foi bem (...). Enquanto ocorria o processo de interiorização, esperando bem, minha irmã encontrou trabalho, ( ) uma organização de imigrantes também, e ela ficou trabalhando e a única coisa que ela disse:

— Bom, se Deus quiser você vai bem. Se ficar bem, ficar por lá assim. Se for ruim, é que ( ) para passagem e sua volta.

E bom, sim, eu vou dizer também. E, enquanto isso, chamamos minha irmãzinha de dezenove anos para que cuidasse das crianças, e ela veio da Venezuela para (cuidar) (d)as crianças. E bom, esperando a viagem, mas então quando saímos daqui, é que no avião (tive) uma experiência inesquecível.

E quando chegamos aqui com as pessoas... demais, demais! Nunca pensei que iam nos receber tão bem. Foi algo inexplicável. Nos receberam muito bem aqui em Belo Horizonte. Aqui fora, nos receberam com música, com aplausos, com comida, isso é uma experiência inesquecível! E bom, depois passados alguns dias, nos presentearam com roupas, e eu digo: não sobrou nada. Ai! Quem ia imaginar que nos iam presentear com roupas?!

Entrevistadora: E quais são seus planos, você pensa em voltar para Venezuela ou você pensa em ficar no Brasil?

É que quando eu estava vindo meu pai me disse:

— Não demore mais que cinco anos ((choro)).

Meu pai não quer que eu fique por aqui. Mas as coisas lá estão muito difíceis ( ) ((choro)).

— Fiquem lá. Lá vocês estão bem. Estão comendo. Aqui a situação é muito difícil ((choro)).

E bom, ele me disse:

— Não demore mais que cinco anos ((choro)).

Quem sabe o que Deus quer, se eu decido ir ou decido ficar aqui? Meu plano é trabalhar, sim, trabalhar e estabelecer-me aqui. Se ficar aqui por um tempo, mas ficar sempre aqui não penso ( ). Eu penso em voltar para Venezuela ((choro)).

Edelmira residia no Brasil havia aproximadamente seis meses quando nos relatou, com muita emoção, sua história de vida desde a Venezuela. Em um primeiro momento, ela se narra como indígena recém-chegada em Tucupita, capital de Delta Amacuro, onde estudou. Em seguida, revela sua formação acadêmica e a dificuldade de encontrar emprego em seu país na área em que havia se formado. Mesmo depois de fazer outro

curso e de estar empregada, conta as dificuldades econômicas pelas quais passava em função da crise já instaurada na Venezuela.

A partir daí, a locutora<sup>76</sup>/migrante narra sua decisão de ir para o Brasil e a trajetória até esse país, passando por Santa Elena, Bolívar, e pela fronteira. Posteriormente, em um relato detalhado, fala sobre os percalços vivenciados em Roraima, tendo em vista a morosidade para conseguir documentação em Pacaraima, assim como abrigo, e os problemas enfrentados em Boa Vista: condições precárias em um dos abrigos, adoecimento da sobrinha, descaso por parte de autoridades e da sociedade, dificuldades para conseguir emprego e a tão almejada interiorização, por causa de sua origem indígena. Por fim, relata uma experiência bem diferente na condição de migrante venezuelana recém-chegada a Belo Horizonte, Minas Gerais, pela estratégia de interiorização (de que ela, enfim, pôde participar), já que foi muito bem recebida. Desse modo, o relato de Edelmira nos revela duas experiências diferentes em seu processo de migração e de instalação em solo brasileiro.

Tendo em vista a questão geral utilizada para obter as narrativas de vida no momento das entrevistas – “Conte-me como você vivia antes e como vive atualmente, ou seja, eu gostaria de saber como era sua vida na Venezuela e como tem sido aqui no Brasil” –, podemos dizer que Edelmira inicia seu relato com uma pergunta que, provavelmente, tem a função de ajudá-la a refletir sobre o que irá contar:

(1) Ou seja, eu relato a minha vida já na Venezuela? Ou seja, o que eu fazia, é que, bom, na Venezuela, é que ((risos)) eu não sei como começar. É que, vamos ver.

O trecho (1) é uma manifestação explícita de Edelmira como locutora que (se) conta, o que pode ser observado por meio das expressões metaenunciativas: “eu relato a minha vida” e “eu não sei como começar”. A partir disso, ocorre uma retomada cronológica, por meio da memória, a fim de que ela narre fatos ocorridos no passado. Assim, em linhas gerais, trata-se de uma venezuelana (de etnia indígena) migrada para o Brasil (estatuto da enunciativa), que conta sua história a uma pesquisadora (estatuto da destinatária).

---

<sup>76</sup> Esclarecemos que, no presente trabalho, os termos locutor(a) e enunciativo(a) estão sendo tomados como equivalentes, remetendo ambos ao ser (de papel) que se responsabiliza pelo que é dito, ou mais especificamente, que (se) conta a outrem.

Além de migrante venezuelana, ela explicita, ao longo da narrativa, outras “representações de si” (*éthos* dito)<sup>77</sup>, tais como: de irmã, de filha, de jovem, de indígena da etnia Warao, de uma pessoa que estudou (2); de desempregada, de pessoa que não tinha relação com o governo (3); de trabalhadora (3) (4); de tia (5); e de enfermeira (6)<sup>78</sup>:

(2) Na Venezuela, bom, *eu sou a terceira, de sete irmãos que somos*. É que *minha mãe e meu pai, minha mãe se chama M. C. e meu pai se chama N. C.* É que *atualmente tenho vinte e seis anos, vinte e cinco, vou fazer vinte e seis se Deus quiser ((risos))*. É que, e bom, *eu sou indígena, da etnia Warao, do estado de Delta Amacuro, de Venezuela, minhas raízes são indígenas*. E, *eu estudei, vivi numa comunidade indígena até os onze anos. Com onze anos, é que fui para a capital do estado Delta Amacuro, que se chama Tucupita, onde ali é que realizei meu estudo (...)*.

(3) *Estive dois anos sem trabalhar e sem estudar, o que fazia era trabalhar em casa de família, ou no que saísse, porque enquanto esperava um trabalho, da carreira que me graduei, mas nesse tempo já estava muito difícil encontrar trabalho, porque os que encontravam trabalho eram pessoas que tinham relação com o governo.*

(4) E é que pelo menos *eu trabalhei na Polícia Nacional, primeiro trabalhei no operativo, operativo é trabalhar na rua. E depois trabalhei (no) administrativo, estive seis meses trabalhando no administrativo e depois, quando eu trabalhava no administrativo era coordenadora da Secretaria de E. I. G. da Polícia Nacional do Estado. É que me deram esse cargo, mas durei pouco porque decidi vir para o Brasil.*

(5) Eu tenho duas *sobrinhas* pequenas.

(6) Minha irmã é engenheira de sistemas. *Eu sou enfermeira*. Nós temos um título e pelo menos com isso tem que levar algo em conta.

Em (2), Edelmira conta que, antes de ir para o Brasil, já tinha sido migrante no próprio país, pois se mudou, aos onze anos, da comunidade indígena em que vivia para a capital do estado de Delta Amacuro, Tucupita. Segundo Souza (2019), a transição de um território a outro faz com que os indígenas Warao percam alguns costumes que possuíam desde os primórdios, como o plantio e a confecção de artesanatos. Nesse sentido, por exemplo, ela não menciona em seu relato nenhum aspecto que faça alusão aos costumes de seu povo, especificamente. Conjecturamos, também, que isso ocorra por ela ter se mudado da comunidade indígena há muito tempo.

Em (3), no âmbito do plano do vocabulário, notamos uma contradição, pois, ao mesmo tempo em que a migrante afirma que ficou dois anos sem trabalhar, menciona que

<sup>77</sup> Maingueneau (2006, 2010) utiliza esse conceito como parte do *éthos* discursivo, juntamente com o *éthos* mostrado (nível da enunciação).

<sup>78</sup> Nos trechos e expressões reproduzidos ao longo deste capítulo, conforme já foi dito, os grifos (itálicos) são nossos.



trabalhava em casa de família ou no que conseguisse emprego, o que dá a entender que, como não estava trabalhando na profissão para a qual tinha se formado, não reconhecia sua ocupação como trabalho.

No excerto (6), a enunciadora menciona a sua formação acadêmica e a de sua irmã como tentativa de legitimação, já que autoridades de Boa Vista se recusavam a cadastrá-las para participar da estratégia de interiorização por serem indígenas. Segundo informações da Operação Acolhida<sup>79</sup>, os critérios para participar da referida estratégia são: estar regularizado no Brasil, imunizado, avaliado clinicamente e com termo de voluntariedade assinado. Contudo, os indígenas Warao não têm sido incluídos nessa estratégia, pois se considera, sobretudo, que eles não têm capacitação (ver seção 1.2.1. - Os indígenas da etnia Warao). Dessa maneira, o fato de Edelmira falar sobre a formação acadêmica sua e de sua irmã funciona como um contradiscurso.

Quanto aos temas, que consistem, de forma geral, naquilo “de que um discurso trata” (MAINGUENEAU, 2008), percebemos o tema imposto “situação na Venezuela”, nos seguintes excertos:

(7) (...) mas nesse tempo já estava *muito difícil* encontrar trabalho, porque *os que encontravam trabalho eram pessoas que tinham relação com o governo*. Mas como eu não era política, nem nada por esse estilo, e não tinha conhecido um político, não pude encontrar trabalho.

(8) Três meses em treinamento, onde foi um *pouquinho difícil* porque *a crise* já estava ali, eu já tinha que custear meus gastos. Ficamos como que dois meses sem receber benefícios nem nada, somente uns dois meses cobrindo meus gastos. *Tudo* já estava *caro*, passagem, comida, *tudo*. Já era algo, a *situação* da Venezuela estava *crítica*, bom, já estava começando sua *crise*.

(9) Mas nós fomos o primeiro, o primeiro grupo por aqui, vindos dos estados que (eles) nos mandaram para nossos estados. E já, já nesse tempo já estava a *situação crítica*, já *tudo* estava *caro*.

(10) Eu disse a meu pai para ele não adoecer, que a situação está muito feia na Venezuela, que não se vá pelas duas crianças, porque se adocece como lhe vão atender ((choro))?

Conforme a locutora aponta no excerto (7), a partir do momento em que começou a crise na Venezuela, houve desemprego, e somente pessoas ligadas ao governo conseguiam ter acesso ao trabalho, o que, mais do que desigualdade social, evidencia abuso de poder por parte dos políticos e, sobretudo, violação dos Direitos Humanos.

<sup>79</sup> Disponível em: <<https://www.gov.br/acolhida/historico/>>. Acesso em: 19 nov. 2020.

Considerando o plano do vocabulário, em (7) e (8), temos o emprego do vocábulo “difícil” (índice de avaliação) para descrever a complexidade de se conseguir um emprego na Venezuela, bem como de sobreviver durante o período de treinamento. A migrante utiliza, em (8) e (9), os termos “crise” e “crítica” para descrever a situação de seu país, que denotam, dentre suas acepções, respectivamente: “Conjuntura ou momento perigoso, difícil ou decisivo; falta de alguma coisa importante<sup>80</sup>”; “Em que há crise ou a revela; Difícil de suportar = penoso; que está exposto a ou que representa grande perigo = grave<sup>81</sup>”. Esses termos, principalmente quando em conjunto, criam um enquadramento bastante negativo sobre a situação do país.

Em (9), é notória a piora na situação na Venezuela, tendo em vista que anteriormente os concluintes do curso da Polícia Nacional podiam permanecer trabalhando em Caracas. Diferentemente, a turma de Edelmira foi a primeira na qual cada concluinte foi (re)enviado para seu estado. E, em (10), a enunciativa demonstra receio de que seu pai adoça nesse contexto caótico.

A partir disso — e de maneira complementar e direta —, Edelmira revela sua motivação para a migração e, ao mesmo tempo, contextualiza (ainda mais) o que estava, então, acontecendo na Venezuela:

(11) Por que decidi vir para o Brasil? Porque o que eu ganhava não servia para *nada*, e onde eu trabalhava era muito rigoroso. Eu trabalhava quinze dias por cinco dias livres. O pouquinho que eu ganhava eu gastava nesses quinze dias. Ia para minha casa sem *nada*, porque já tinha gastado nos quinze dias trabalhando.

(12) — Pai, é que eu vou embora para o Brasil porque aqui já não está para *nada*, não tem *nada*, a comida, o salário não é suficiente nem para comer *nada, nada, nada* não. E agora a situação está pior.

Nesses excertos, notamos a repetição do vocábulo “nada”, o que nos dá uma ideia da dimensão da crise que assolou — e ainda assola — a Venezuela (“o que eu ganhava não servia para nada”; “Ia para minha casa sem nada”; “aqui já não está para nada, não tem nada, a comida, o salário não é suficiente nem para comer nada, nada, nada não”). Chama a atenção em (12) a presença do discurso direto (DD), por meio do qual Edelmira simula um diálogo com seu pai, para justificar a partida. Como veremos, o uso do DD é

<sup>80</sup> Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/crise>>. Acesso em: 02 de out. 2021.

<sup>81</sup> Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/cr%C3%ADtica>>. Acesso em: 02 de out. 2021.

um recurso bastante comum nas narrativas de vida para criar “efeito de real” (CHARAUDEAU, 1992).

A locutora revela que, antes de migrar, buscou informações por telefone com sua irmã, que já era migrante no Brasil, sobre o país. Assim, percebemos que ter uma rede de apoio no país para o qual se migra é importante, mesmo que seja para dar uma informação:

(13) Mas minha irmã, minha irmã mais velha, ela tinha vindo primeiro, e para vir eu chamei ela por telefone, e lhe falei como era aqui no Brasil, ou seja, se podia vir para cá porque a situação da Venezuela já estava muito crítica. É bom isso simplesmente porque *aqui pelo menos é difícil, mas se consegue algo mais do que na Venezuela porque a situação era crítica.*

Em (13), Edelmira faz uma comparação entre a Venezuela e o Brasil, a qual contribui para a compreensão da gravidade da situação daquele país, uma vez que ela estabelece um parâmetro – aqui: difícil; lá: situação crítica: “*aqui pelo menos é difícil, mas se consegue algo mais do que na Venezuela porque a situação era crítica*”.

De acordo com Souza (2019, p. 55), a omissão do governo venezuelano, no caso dos indígenas, se intensificou com a crise política, econômica e social que assola o país desde meados de 2013. A pesquisadora relata que essa população foi uma das mais afetadas, pois já sofria com o esquecimento do poder público. Desse modo, “por não conseguirem levantar recursos necessários à sobrevivência nos centros urbanos venezuelanos, alguns indígenas Warao passaram a imigrar para o Brasil. As primeiras notícias sobre a travessia da fronteira brasileira foram veiculadas em 2014”. Trata-se, pois, segundo a autora, de uma tentativa de fuga, em busca de uma situação melhor do que a vivenciada na Venezuela.

Outro tema imposto que Edelmira aborda consiste na sua “trajetória para o Brasil”. Ela conta que veio (parcialmente) com sua prima:

(14) *Em dois de maio saímos de Tucupita. E é que foi muito difícil sair da Venezuela porque, quando você sai, é diferente muito, não vai para um estado qualquer, mas sim é algo mais longe de seu país, onde quando você pisa não sabe quando vai regressar ((choro)).*

(15) Quando minha prima chegou, vinha com suas duas meninas, uma de um ano e outra de três anos. *Chegamos a Pacaraima em três de maio.* Mas antes chegamos em Santa Elena, Bolívar. Minha prima foi na frente, porque ela tinha duas crianças, e na Venezuela a fronteira estava fechada, e ela tinha que pagar sua passagem por bagagem e carro, mas, como eu não tinha que pagar pela passagem de bagagem, eu vim **com** bagagem, mas caminhando. Elas foram de carro e eu vim caminhando, com um grupo de venezuelanos. Éramos bastante,

entre crianças, pessoas mais velhas e homens. Eu vinha sozinha. Sozinha porque minha prima já tinha vindo com suas crianças.

(16) E bom, assim eu **vim**. Passamos, assim como um rio *caminhando*, a montanha *caminhando*, e bom cheguei *caminhando* à fronteira de Santa Elena, cheguei *caminhando* até onde acampar, mas até certo ponto *caminhei sozinha*, com gente desconhecida, mas *sozinha*, (...). Meu irmão se inteirou que eu vinha *caminhando* e foi me buscar *caminhando*, porque dizia que era muito perigoso e sabia que eu ia *sozinha*.

Em (14), Edelmira estabelece uma comparação implícita entre as duas situações de migração que ela enfrentou – para a capital do estado de Delta Amacuro, Tucupita, e para o Brasil –, sendo a última, segundo ela, mais difícil, pois, além de ser para um lugar mais distante, ela não sabe quando irá regressar ao seu país natal.

Ainda no excerto (14), a locutora assevera que saiu de Tucupita em dois de maio. No entanto, identificamos uma contradição no que tange à sua data de chegada em Pacaraima, pois, em (15), Edelmira afirma que ela e sua prima chegaram nessa cidade em “três de maio”. No entanto, ao preencher o item “II – Dados do Colaborador”, da “Ficha de Acompanhamento e Controle do Projeto” (Anexo 2), ela informou como data e local de chegada ao Brasil o dia “15 de julho 2019, em Pacaraima”. Nesse caso, vale reiterar, na esteira de Ricoeur (1991) e de Machado (2016a), que para a ADF pouco importa se a narrativa de vida se baseia naquilo que é real ou se o enunciador o “deforma”; o relevante é considerar que narrar consiste em um esforço mental do sujeito para contar um fato que ele sente que aconteceu.

Observamos que a trajetória da migração de Edelmira foi diferente da realizada por sua prima. Enquanto esta migrou de carro, aquela fez a migração caminhando com suas bagagens. A repetição dos termos “caminhando”/“caminhei” e “sozinha”, em (16), expressam quão cansativo e solitário foi o percurso para a migrante venezuelana. De forma similar, Souza (2019), em entrevista realizada com os indígenas Warao em um abrigo de Belém do Pará, observou que eles não atravessam a fronteira pela base de controle da Polícia Federal do Brasil; preferem passar dias caminhando pela floresta<sup>82</sup>.

Em seguida, Edelmira discorre sobre o subtema imposto “situação em Roraima”. Aborda, primeiramente, sua experiência em Pacaraima:

(17) Minha irmã estava num refúgio e meu irmão estava vivendo na rua.

<sup>82</sup> A pesquisadora não explica, porém, se se trata de uma “preferência” ou de uma necessidade, tendo em vista, por exemplo, a falta de recursos para pagar um transporte.

(18) *Nós estivemos três dias na fronteira, três dias tirando documentos.* É que minha prima tirava os documentos rápido porque andava com as duas crianças, eu tinha que esperar, que atendiam primeiro os de prioridade, crianças com seus (pais), mulheres com seus filhos, família. Mas como eu andava sozinha: — Não, depois ok.

(19) (...) *somente se abrigam pessoas que têm filhos e deficientes. Lá homens solteiros e mulheres solteiras não abrigam.* (...) E disse: — Bom, tem que esperar que entre todo mundo. Se sobra vaga, você entra, ela entra, se não, não pode entrar. *Eu esperava o último, o último que, quando as pessoas já se, como se “ah está bem... passa!”, e assim eu passava,* para dormir lá dentro e na outra manhã eu iria me retirar, e depois terminava.

(20) Minha irmã estava trabalhando como docente, como professora, num abrigo e, segundo ela, *esperava que lhe pagassem e não lhe pagaram* (...).

(21) Bom, e agora estava em ( ) para ir para Boa Vista, bom, se não, praticamente, se não fosse por isso eu teria voltado para Venezuela.

Apesar de ter migrado em busca de melhores condições de vida, supondo que teria seus direitos garantidos no Brasil, como, por exemplo, trabalho e bem-estar, a migrante, ao chegar em solo brasileiro, se depara com ausência de acesso à moradia (17) e (19), morosidade para tirar a documentação (18), trabalho sem remuneração (20), dentre outros problemas, ou seja, violações de direitos humanos continuam acontecendo. Em (19), no plano do vocabulário, chama a atenção a forma como se dirigiam a Edelmira, enquanto ela aguardava um lugar onde pudesse dormir: o termo “passa” (“ah está bem... passa!”) revela impolidez e, mais do que isso, descaso na maneira de tratá-la, como se ela fosse um animal. Diante de tudo isso, ela conta, em (21), que pensou em regressar à Venezuela, mesmo diante da grave “crise” que o país atravessa. Sua fala revela, assim, os inúmeros obstáculos e dificuldades enfrentados por aqueles que são levados a migrar para outro país.

Posteriormente, ainda dentro do subtema imposto “situação em Roraima”, Edelmira nos conta sobre a situação em Boa Vista, capital do estado:

(22) *Estivemos três meses, não, um mês, vivendo como num acampamento, onde estavam venezuelanos puros, como crioulos e indígenas. Neste mês, foi muito, muito (difícil), ou seja, a higiene não era adequada para as crianças, o ambiente era muito feio assim. As meninas adoeceram. A última, a de um ano, lhe deu até diarreia, vômito. Ficou fraquinha, fraquinha. Se desnutriu em um mês, se desnutriu, ali em Boa Vista.*

(23) E todo mundo dizia: — *Aqui em Boa Vista não tem trabalho, não tem vida. Há muitos venezuelanos, e os brasileiros têm raiva dos venezuelanos* pela má conduta, porque há venezuelanos que fizeram coisas ruins, pois em Boa Vista há muitos venezuelanos e agora não se pode encontrar trabalho.

(24) *Se viola a situação como estava, a menina como estava, como ela andava com duas crianças, uma menina de dois anos que ainda não tinha completado três e outra de um, ela sozinha com a outra desnutrida, a pequena.*

(25) E deixamos os documentos dos quatro, e ((choro)) *primeiro não entendia bem, não entendia, depois nos ignorava. (...) já não explicava nada, nunca dizia, não se esforçava. Nos ignorava, quando chegávamos lá, nos ignorava. E bom, é que a última vez que fomos, minha irmã e eu, com as duas meninas, e bom, e é o que lhe digo, um ano para chegar e para pegar uma fralda, porque nós vimos que tinham fraldas, e nos deram quatro pacotes de fraldas, dois para cada menina, e ali nos demos conta que nos ignoravam, e percebemos que já não iam nos ajudar. Deixamos de ir.*

Assim como em Pacaraima, Edelmira enfrentou, em Boa Vista, desrespeito aos direitos humanos: ausência de um padrão de vida que lhes assegurassem bem-estar, saúde e cuidados médicos em (22) e (24), além de falta de trabalho em (23) e descaso em (25). O trecho (23) revela uma polarização entre venezuelanos e brasileiros, denotando xenofobia por parte do segundo grupo. A fala de Edelmira, nesse trecho, deixa transparecer uma representação (sociodiscursiva) frequentemente atribuída aos venezuelanos em solo brasileiro: a de que eles se associam a situações de violência e criminalidade: “má conduta”; “coisas ruins”, além de disputarem empregos com os brasileiros no já saturado mercado de trabalho: “em Boa Vista há muitos venezuelanos e agora não se pode encontrar trabalho”. No excerto (25), a repetição do termo “ignorar” evidencia o sentimento de exclusão da migrante, que se agrava por ela ser indígena. Nesse sentido, Souza (2019) pontua que os indígenas enfrentam discriminação tanto por parte dos civis quanto do Estado, além de xenofobia e preconceito.

Um tema específico abordado pela enunciativa e, neste caso, de forma detalhada – diríamos até mesmo, prolixa – é a “estratégia de interiorização”. Embora esse tema faça “a ponte” entre os subtemas impostos “situação em Roraima” e “situação em Belo Horizonte” (ver item 4.1), decidimos tomá-lo como específico, porque ele é mais desenvolvido em alguns relatos do que em outros e, além disso, assume nuances diferentes em cada um.

Edelmira, por exemplo, refere-se, mais especificamente, à dificuldade para conseguir se cadastrar para a estratégia de interiorização pelo fato de ela e sua irmã serem indígenas. A migrante relata ainda a recusa, por parte dos responsáveis, para que ela e a irmã tivessem uma carteira de trabalho assinada: “— Não, vocês não podem ser interiorizadas, aos indígenas não lhes estão interiorizando”; “— Não, vocês não vão poder interiorizar”; “— Vocês não podem ser interiorizadas porque são indígenas, e aos indígenas não estão interiorizando”; “— Não, vocês não podem ser interiorizadas e, além disso, não podem assinar a carteira de trabalho de vocês”; “— Esta carteira está ruim,

porque *vocês não podem ter carteira de trabalho assinada*, mas não é, *vocês não podem ser interiorizadas*”.

Os trechos a seguir, que recuperam a fala das irmãs com o padre, reafirmam a complicada questão da interiorização para os venezuelanos de origem indígena. Destaca-se aqui o uso do discurso direto (trechos 26 a 28) e do discurso indireto (trecho 29). Vejamos:

(26) — Como é isso? Quem cadastrou vocês? Quem? Ah *não! Não! Não! Não podem cadastrar vocês!*

Primeiro disse “Vocês têm que cadastrar” e depois disse “*Não! Vocês não podem se cadastrar, eu vou me meter em problemas!*”. É que e minha irmã lhe disse:

— Não, é que nós queremos ser interiorizadas.

— Mas *vocês não podem ser interiorizadas...* eu entendo vocês que (...).

Falava, se contradizia como se queria nos ajudar e depois, nada. É bom, e nós, ai, nada, não tinha como, *que não podiam nos interiorizar*. Mas como vamos fazer, é que:

— *Não, não podem ser interiorizadas* porque são indígenas.

(27) — *Não, é que vocês não podem ser cadastradas*. Como vocês duas vão trabalhar? Quem mais cuidará das crianças?

E ela dizia:

— *Não*, mas é que *eu não posso trabalhar*, eu posso cuidar das minhas filhas, mas minha irmã ela pode trabalhar, ela sim pode interiorizar.

— *Não*. É que *vocês não podem ser interiorizadas* porque vou me meter em problemas. É que *o sangue de vocês... não podem! Não! Não!* Vocês têm um sangue que *não podem! Não podem! Não podem ser interiorizadas!*

E minha irmã ainda estava até chateada e lhe disse:

— Padre, como você pode dizer isso!? Você crê em Deus? Você crê em Deus, padre? Porque nós cremos em Deus, e se o que te impede é o sangue, outro sangue, se o que te impede é o sangue, é que na mão também passa sangue. Temos o mesmo sangue, padre. Por que não nos quer interiorizar?

— Não, é que os indígenas não podem sair da zona.

(28) — *Não, é que os indígenas não podem sair da zona*.

Não sei, é **como** uma lei daqui que *os indígenas não podem sair*.

(29) É que nós já falamos disso com nosso chefe, e eles disseram que isso é um processo, que é a lei, que em Brasília teve isso, que *os indígenas não podem ser interiorizados*. O mais longe que podem chegar os indígenas é em Manaus.

Constatamos, nesses excertos, que o advérbio de negação “não” é frequentemente associado aos indígenas, o que demonstra direitos que lhes são negados. Convém destacar a falta de conhecimento, por parte dos profissionais envolvidos com a estratégia de interiorização, sobre as leis que envolvem a migração e, principalmente, sobre os direitos dos indígenas. Eles afirmam que os indígenas não podem ser interiorizados, mas não sabem explicar o motivo. Dessa forma, “a especificidade do grupo traz grandes dilemas a respeito de sua inserção na política de interiorização, ocasionando, assim, a exclusão

deles do programa” (SOUZA, 2019, p.73). Além disso, em (27), notamos a xenofobia do padre que utiliza o “sangue” das indígenas para justificar a recusa de que elas participem da estratégia de interiorização. Em seguida, percebemos uma forma de enfrentamento da migrante, no caso, a irmã de Edelmira, para com a recusa do padre, reafirmando, ao mesmo tempo, a fé que elas têm em Deus.

Outro subtema imposto sobre o qual Edelmira discorre é a “situação em Belo Horizonte”:

(30) E quando chegamos aqui com as pessoas... *demais, demais!* Nunca pensei que iam nos receber *tão bem*. Foi algo *inexplicável*. Nos receberam  *muito bem* aqui em Belo Horizonte. Aqui fora, nos receberam com música, com aplausos, com comida, isso é uma experiência *inesquecível!* E bom, depois passados alguns dias, nos presentearam com roupas, e eu digo não sobrou nada. Ai! Quem ia imaginar que nos iam presentear com roupas?!

No trecho (30), os índices de avaliação positivos (em itálico) se destacam, fazendo uma contraposição aos negativos, que predominam no relato tanto da situação na Venezuela quanto da situação em Roraima (Pacaraima e Boa Vista).

Por fim, a enunciativa aborda o tema imposto “planos”, no sentido de planejamento futuro do migrante:

(31) É que quando eu estava vindo meu pai me disse:  
— Não demore mais que cinco anos ((choro)).  
Meu pai não quer que eu fique por aqui. Mas as coisas lá estão muito difíceis ( ) ((choro)).  
— Fiquem lá. Lá vocês estão bem. Estão comendo. Aqui a situação é muito difícil ((choro)).  
E bom, ele me disse:  
— Não demore mais que cinco anos ((choro)).  
Quem sabe o que Deus quer, se eu decido ir ou decido ficar aqui? Meu plano é trabalhar, sim, trabalhar e estabelecer-me aqui. Se ficar aqui por um tempo, mas ficar sempre aqui não penso ( ). Eu penso em voltar para Venezuela ((choro)).

Ao falar sobre seus planos futuros, Edelmira destaca primeiramente a vontade do seu pai; depois delega a responsabilidade de ficar no Brasil ou de retornar para a Venezuela a Deus, e, por último, menciona seu plano, que é um pouco contraditório, já que ela deseja “se estabelecer aqui” (no Brasil), mas, pensa em voltar para a Venezuela, o que comprova que ela não rompeu (emocionalmente) os laços com o país natal e com a família, sobretudo com o pai. De qualquer forma, ela projeta um retorno futuro (ainda que incerto). A migrante ainda, ao reproduzir a fala do pai, utiliza o termo “aqui” para se



referir à Venezuela, estando no Brasil, o que demonstra que a dualidade é típica do que se costuma designar como “entrelugar”. Conforme Bhabha (1998, p. 20),

O que é teoricamente inovador e politicamente crucial é a necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e de focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais. Esses “entre-lugares” fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade.

Nesse viés, podemos dizer que a condição desses migrantes, típica de um “entrelugar”, devido ao fato de se encontrarem em uma situação de articulação de diferenças culturais, possibilita o aparecimento de uma terceira categoria de signos de identidade, que, como percebemos, pode apresentar oscilações.

As dificuldades e os obstáculos relatados por Edelmira quando ainda estava no seu país e, posteriormente, como migrante venezuelana em Roraima, tornam a narrativa de vida em questão repleta de emoção, o que pode ser visto quando ela chora (ver comentários descritivos entre parênteses duplos nos trechos a seguir), por meio da prosódia (marcada no texto transcrito pelo ponto de exclamação) e em alguns momentos em que ela descreve seus sentimentos. Logo, notamos, por meio do “modo de enunciação” (uma “maneira de dizer” que remete a uma “maneira de ser”), um *éthos* predominantemente fragilizado:

(32) É que nos cadastramos, e quando nos cadastramos, quando eu fui à J. *eu tinha medo*: mas para que vou me cadastrar se aos indígenas não estão interiorizando? — e eu sempre andava com *esse medo*.

(33) E bom, ((choro)) e ((choro)) e sempre, quando nos citavam, quando nos iam avisar, quando pegamos os papéis, sempre quando chegamos à J., *ia com esse medo de que me devolvessem*, porque os indígenas não se podem interiorizar ((choro)). *E, bom, com este medo, e bom, cada vez que ia à J. tinha esse temor que me devolvessem* porque nunca, que não pode (por)que é indígena.

Tais sentimentos (medo, temor e até certa revolta pelo descaso com que foi tratada, por exemplo) são compensados por alguns momentos de euforia e de alegria, revelando um tom mais esperançoso, quando ela narra, por exemplo, o fato de ter sido, finalmente, selecionada para a interiorização: “Quando me disse: — Sim! Sim! Te ligaram! E eu disse: — Ai, que fino! *Fiquei tão contente* ((choro))”. E também quando ela conta sobre sua chegada a Belo Horizonte no trecho (30), já apresentado.

Entretanto, considerando que, no momento da entrevista, Edelmira estava na capital mineira havia apenas um mês, predominam, ao longo da narrativa, sentimentos negativos. Por outro lado, ela demonstra também resiliência diante dos desafios. Em consonância com Machado (2020), tal termo pode ser compreendido como “resistência” e “persistência”:

Nós todos já passamos por situações complicadas que causam certo desânimo. Mas, mais que outros, alguns indivíduos guardam em si a qualidade de “pular para trás”, de resistir e tentar superar os maus momentos. Nesse sentido, a resiliência será aqui vista como um sinônimo para “recuperação”, “resistência” aos infortúnios ou surpresas inesperadas da vida (MACHADO, 2020, p.69).

Quanto à intertextualidade, Maingueneau (2008) a define como os tipos de relações intertextuais que a competência discursiva define como legítimas. Pensando essa noção de forma mais ampla, vemos que dois discursos, em especial, são convocados na narrativa: o discurso religioso e o discurso jurídico. O primeiro pode ser visto em enunciados como: “vou fazer vinte e seis, se Deus quiser”; “Você crê em Deus? Você crê em Deus, padre? Porque nós cremos em Deus (...)”; “E eu fui, somente para não renunciar ao que Deus queria”; “Quem sabe o que Deus quer, se eu decido ir ou decido ficar aqui?”. O segundo pode ser identificado nos trechos que fazem alusão a uma suposta legislação brasileira que dispõe sobre a interiorização de indígenas venezuelanos: “Não sei, é **como** uma lei daqui que os indígenas não podem sair”; “(...) eles disseram que isso é um processo, que é a lei, que em Brasília teve isso, que os indígenas não podem ser interiorizados. O mais longe que podem chegar os indígenas é em Manaus”. Como podemos perceber, em seu relato, a locutora não faz menção ao discurso jurídico com segurança, demonstrando não ter conhecimento suficiente sobre a (suposta) lei, fato também aplicável aos funcionários que lidam com migrantes e que não sabem fornecer informações fidedignas e precisas sobre as leis que regem a (i)migração no Brasil, principalmente sobre os direitos dos indígenas, incorrendo inclusive em contradições, como vimos.

Além desse “diálogo” entre discursos, é preciso mencionar também um recurso muito recorrente na narrativa de vida de Edelmira (que já foi, inclusive, comentado e apontado em alguns trechos analisados anteriormente). Trata-se do discurso direto. Por meio dele, o sujeito dá a impressão de que preservou a integridade e a autenticidade do que foi dito, o que contribui para imprimir à narrativa “efeitos de real” (CHARAUDEAU, 1992). Esse recurso pode ser associado, também de forma mais ampla, ao que

Maingueneau (2008, p. 81) chama de “intertexto”, compreendido como o conjunto de fragmentos que um discurso cita efetivamente.

Assim, o relato da migrante é repleto de falas: i. de seu pai; ii. de sua prima; iii. de um funcionário do abrigo; iv. de um funcionário da O.; v. de si mesma; vi. de um militar; vii. de uma venezuelana; viii. de um padre; ix. de sua vizinha, x. de seu professor; e, até mesmo, xi. de uma espécie de hiperenunciador: “todo mundo”. Há de se notar que ela, não raro, simula diálogos com as pessoas que “atravessam” o seu percurso, como se vê em (34), entre outros trechos já citados:

- (34) (...) e ela disse, depois que nós chegamos no abrigo:  
 — Eu estou aqui por um dia e nada mais porque me interiorizaram.  
 E assim disse, e nós lhe explicamos:  
 — Nós queremos nos interiorizar, mas não querem nos interiorizar porque somos indígenas.  
 — Como vai ser isso? Mas isso é discriminação.

Também, e de forma mais recorrente, a enunciativa cita falas xii. da irmã – neste caso, colocando-a como “porta-voz” dos interesses e dos direitos das duas. Sendo assim, enquanto migrante venezuelana em Roraima, muitas vezes ela silencia e delega a responsabilidade da fala à irmã: “E eu lhe disse, *minha irmã*, que *fala mais e é mais esperta que eu* (...)”; “*Minha irmã era a que falava*, porque ela era como a *cabeça da família*”.

Com relação à dêixis enunciativa, conforme evidenciamos, Maingueneau (2008) postula que o ato de enunciação estabelece uma dêixis em sua dupla modalidade spatiotemporal. A partir daí, consideramos necessário acrescentar a categoria de “pessoa”, analisando uma dêixis espaço-temporal-pessoal. Buscaremos, portanto, no relato de Edelmira, as marcas linguístico-discursivas que nos permitam apreender essas três categorias, ampliando a proposta do autor.

Percebemos, na narrativa em questão, que a dêixis é construída/orientada em três momentos/lugares distintos: 1) Venezuela, em um passado mais remoto; 2) Roraima (Pacaraima e Boa Vista), em um passado mais recente; e, por último, 3) Belo Horizonte, no presente. Podemos dizer que tanto o espaço quanto o tempo, nessas três etapas, são referenciados de forma bem específica e detalhada pela enunciativa, o que promove, na narrativa em questão, um efeito de credibilidade (apesar de ela incorrer em uma contradição de datas, como vimos):

- (35) (...) eu estudei, vivi numa *comunidade indígena até os onze anos*. Com *onze anos*, é que fui para a *capital do estado Delta Amacuro*, que se chama

*Tucupita*, onde *ali* é que realizei meu estudo, o que chamamos *na Venezuela* de secundário e *depois* do secundário vem a universidade. Me graduei no **bacharelado** no *Liceu J. A.*, com a ajuda de meus pais, e estudei *na universidade* enfermagem, técnico superior em enfermagem, *na Universidade F. A* (Momento 1).

(36) (...) estivemos *três dias* tirando documentos *em Pacaraima*, e bom, *nos três dias* minha prima **foi** para *Boa Vista*, e eu fiquei esperando a minha irmã (Momento 2).

(37) Nos receberam muito bem *aqui em Belo Horizonte*. *Aqui fora*, nos receberam com música, com aplausos, com comida, isso é uma experiência inesquecível! E bom, *depois passados alguns dias*, nos presentearam com roupas, e eu digo: não sobrou nada (Momento 3).

Com relação à categoria de pessoa, Edelmira faz uso, com maior recorrência, da primeira pessoa do singular, “eu”, o que é condizente com o gênero narrativa de vida, em que um sujeito (se) conta ao outro. Essa primeira pessoa do singular desliza para a primeira do plural (“nós”) para se referir a: i. “eu + meus irmãos”: “eu sou a terceira, de sete irmãos que *somos*”; ii. “eu + colegas de treinamento”: “*Ficamos* como que dois meses sem receber”; iii. “eu + os demais venezuelanos que estavam indo para o Brasil”: “*Éramos* bastante, entre crianças, pessoas mais velhas e homens”; iv. “eu + minha irmã”: “*Estivemos* três meses, não, um mês, vivendo como num acampamento, onde estavam venezuelanos puros, como crioulos e indígenas”; v. “eu + venezuelanos indígenas”: “(...) mas *éramos* puros venezuelanos da lista para poder cadastrar”; vi. “eu + colegas do curso de atendimento ao cliente”: “ — Quem está solteira aqui? — Ninguém levantou a mão porque *estávamos* assim sem saber, ninguém levantava a mão”; vii. “eu + demais venezuelanas interiorizadas”: “Nunca pensei que iam nos receber tão bem”, o que demonstra que ela, apesar de ter sido interiorizada havia pouco tempo, já se sentia como parte desse grupo. Por meio desses deslizamentos enunciativos, a migrante cria um efeito de coletividade, de identificação com tais grupos e pessoas.

A mudança concernente à utilização pronominal – nesse caso, ora a primeira pessoa do singular ora a primeira do plural – é um dado significativo. Notamos que Edelmira usa mais a primeira pessoa do singular para narrar fatos que ocorreram em seu país, o que aponta para certa autonomia e individualidade. Diferentemente, quando conta sobre o Brasil, ela utiliza mais a primeira pessoa do plural, perdendo, em grande parte, essa individualidade/autonomia para, na tentativa de sobrevivência, juntar-se a um grupo, a uma coletividade. Ademais, embora relate que migrou para o Brasil juntamente com a prima, na maioria das vezes, ela não usa o “nós”, mas “eu” + “ela”, demarcando a

diferença entre as duas, explicada também em sua narrativa, já que, como a prima tem filhas, ela foi na frente (de carro) e teve prioridade para tirar a documentação.

A utilização de “você(s)” aparece em duas situações: 1) nos muitos diálogos que perpassam a narrativa para se referir ao(s) interlocutor(es); 2) de forma genérica, indicando qualquer pessoa na mesma situação. É o que ocorre, por exemplo, quando Edelmira relata que, no passado, as pessoas que se formavam no mesmo curso que ela podiam ficar trabalhando em Caracas, mesmo que residissem em um local distante: “Se *você* vivia longe, um estado longe de Caracas, não importava, ainda *te* deixavam trabalhando em Caracas”; ou quando explica como é difícil migrar, valendo-se de uma comparação entre migrar internamente e para outro país: “(...) foi muito difícil sair da Venezuela porque, quando *você* sai, é diferente muito, não *vai* para um estado qualquer, mas sim é algo mais longe de seu país, onde quando *você* pisa não sabe quando vai regressar ((choro))”. Como se vê, nos dois casos, trata-se de um “você” genérico (qualquer um na mesma situação).

Do ponto de vista da dêixis enunciativa, vemos que os recursos de caráter linguístico (espaciais, temporais e pessoais) mobilizados no relato de Edelmira fornecem o quadro que o discurso constrói para legitimar e autorizar sua própria enunciação (MAINGUENEAU, 2008), ou seja, seu “lugar de fala” como migrante venezuelana no Brasil.

Antes de passar para a próxima narrativa de vida (a de Valéria), apresentamos a síntese da análise que empreendemos do relato de Edelmira, de modo a destacar os pontos que nos parecem mais relevantes, como se vê no quadro a seguir:

<b>Quadro 4: Síntese da análise (Edelmira)</b>	
Estatuto da enunciadora	Manifestação explícita de Edelmira como locutora que (se) conta, por meio das expressões metaenunciativas (início da narrativa).
Representações de si ( <i>éthos</i> dito)	Irmã, filha, jovem, indígena da etnia Warao, uma pessoa estudada, desempregada, alguém sem relação com o governo, trabalhadora, tia, enfermeira.
Temas • <i>Impostos</i> - <i>Específicos</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Situação na Venezuela</li> <li>• Motivo de sair da Venezuela</li> <li>• Trajetória para o Brasil</li> <li>• Situação em Roraima (Pacaraima e Boa Vista)               <ul style="list-style-type: none"> <li>- Estratégia de interiorização</li> </ul> </li> <li>• Situação em Belo Horizonte</li> <li>• Planos</li> </ul>
Vocabulário	• O vocábulo “difícil” (índice de avaliação) para descrever a complexidade envolvida na obtenção de um emprego na Venezuela e na busca de sobrevivência durante o período de treinamento.

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Os termos “crise” e “crítica” e a repetição do item lexical “nada” para descrever a situação na Venezuela.</li> <li>• A comparação entre a Venezuela e o Brasil (lá: situação crítica; aqui: difícil).</li> <li>• A repetição dos termos “caminhando”/“caminhei” e “sozinha” para expressar o quão cansativo e solitário foi o percurso para o Brasil.</li> <li>• O termo “passa”, denotando impolidez e descaso no trato com a migrante, bem como a repetição do termo “ignorar” para evidenciar o sentimento de exclusão.</li> <li>• A associação frequente do advérbio de negação “não” aos indígenas, o que demonstra direitos que lhes são negados. Referência ao “sangue” das indígenas, demonstrando xenofobia.</li> <li>• Os índices de avaliação positivos que descrevem a situação em Belo Horizonte, contrapondo-se aos índices negativos, predominantes em relação à situação na Venezuela e em Roraima.</li> </ul>
Modo de enunciação	<ul style="list-style-type: none"> <li>• As dificuldades e os obstáculos relatados no país natal e na condição de migrante venezuelana em Roraima, imprimindo emoção ao relato.</li> <li>• O “modo de dizer” que aponta para um <i>éthos</i> predominantemente fragilizado.</li> <li>• Momentos (poucos) de euforia, de alegria, revelando um tom mais esperançoso, no relato sobre a seleção para a interiorização e sobre a chegada a Belo Horizonte.</li> <li>• Resiliência diante dos desafios.</li> </ul>
Intertextualidade (em sentido mais amplo)	Discurso religioso e discurso jurídico.
Intertexto (em sentido amplo)/discurso direto	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Falas: de seu pai; de sua prima; de um funcionário do abrigo; de um funcionário da O.; de si mesma; de um militar; de uma venezuelana; de um padre; de sua vizinha; de seu professor; da irmã; de uma espécie de hiperenunciador: “todo mundo”.</li> <li>• Simulação de diálogos com as pessoas que “atravessaram” seu percurso.</li> </ul>
Dêixis enunciativa	<p>A enunciativa orienta/constrói seu relato em três momentos e lugares distintos:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1) Venezuela, em um passado mais remoto;</li> <li>2) Roraima (Pacaraima e Boa Vista), em um passado mais recente;</li> <li>3) Belo Horizonte, no presente</li> </ol> <p>Tanto o espaço quanto o tempo, nas três etapas, são referenciados de forma bem específica e detalhada pela enunciativa – efeito de credibilidade (apesar de ela incorrer em uma contradição, como vimos).</p> <p>Categoria de pessoa:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• 1ª. pessoa do singular, “eu”, com maior recorrência.</li> <li>• 1ª. pessoado plural (“nós”) para se referir a: i. “eu + meus irmãos”; ii. “eu + colegas de treinamento”; iii. “eu + os demais venezuelanos que estavam indo para o Brasil”; iv. “eu + minha irmã”; v. “eu + venezuelanos indígenas”; vi. “eu + colegas do curso de atendimento ao cliente”; vii. “eu + demais venezuelanos interiorizados”.</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 1ª pessoa do singular para narrar fatos enquanto a enunciadora se encontrava em seu país natal (com maior recorrência): autonomia e individualidade.</li> <li>• 1ª. pessoa do plural quando conta da migração para o Brasil: perda, em grande parte, da individualidade/autonomia para integrar um grupo, uma coletividade, na tentativa de sobreviver.</li> <li>•Prima: “eu” + “ela”, demarcando a diferença entre as duas.</li> <li>•Uso de “você(s)” (interlocutor(es) nos diálogos) e de um “você” (genérico), referindo-se a qualquer pessoa na mesma situação.</li> </ul>
--	--

Passemos, na sequência, à segunda narrativa de vida do *corpus*: a de Valéria.

#### 4.1.2. Valéria

<b>Nome:</b> Valéria (nome fictício)	<b>Gênero:</b> feminino
<b>Local de nascimento:</b> Pariaguán, estado de Anzoátegui	<b>Idade:</b> 45 anos
<b>Profissão anterior:</b> Pedagoga	<b>Profissão atual:</b> Procurando emprego
<b>Data e local de chegada ao Brasil:</b> 24/03/2018, em Boa Vista	<b>Data de chegada a Belo Horizonte:</b> 07/01/2020
<b>Estatuto jurídico:</b> Residência temporária	<b>Data de realização da entrevista:</b> 03/02/2020
<b>Duração da entrevista:</b> 23 min e 25 s	

Boa tarde. Sou uma venezuelana, uma imigrante que está radicada aqui no Brasil. Um dos motivos que me fez sair de meu país, Venezuela, foram muitos, mas o mais importante **foi** levar a nossa família adiante, **os** meus filhos, esses foram meus maiores motivos. Mas primeiro, antes de eu sair, pude tirar os meus filhos, porque eu pensei no futuro deles e do meu neto, porque tenho um neto. Me encontrei com muitas dificuldades, muitos problemas econômicos, porque apesar de que eu trabalhava **na** Venezuela, o dinheiro não era suficiente e estava muito preocupada pelo que vinha depois, porque isso estou falando de cerca de três, quatro anos atrás, que todavia a situação não estava como estava agora, mas eu imaginava que ia ser mais difícil a cada dia, então me pus a pensar um dia que tinha que sair do país para trabalhar, para guardar dinheiro, para tirar a minha filha primeiro. E o que mais me dói é que minha filha estava estudando, estava na universidade, estava no oitavo semestre de engenharia de sistemas e não pôde seguir e continuar estudando porque não tínhamos os recursos. Porque não podíamos (arcar) com os gastos da minha filha, do aluguel, da alimentação.

Eu vim sem pensar muito a Boa Vista, a Roraima, com o convite de uma senhora que conheci. Não tive muito tempo conhecendo ela e me enchi de força, me arrisquei e cheguei a Roraima. No momento de chegar a Roraima foi algo muito impactante para mim, porque cheguei a um abrigo que se chama T.N. Parece então que esse abrigo estava, não tinha controle. Não havia presença ali da Y (organização), nem de militares, algo descontrolado, parecia como uma prisão. Era horrível. Estava cheio de venezuelanos. Mas, como (em) todos os países há pessoas boas e pessoas más, me deu a impressão de que havia muitas pessoas más ali e me senti mal. (No) momento que cheguei, as **boas**-vindas foram (n)esse ambiente e eu não gostei, onde havia tantas pessoas, até droga havia ali, havia prostituição, coisas que eu estranhei. Mas, bom, eu disse:

— Meu Deus, foi para isso que vim ao Brasil?  
Ali estava assim. Não estava bem, mas como que imediatamente Deus me deu essa força e me disse:

— Se acalma que você vai sair daqui.

Estive uma semana nesse abrigo, até que chegou o pessoal da Y e a senhora que me recebeu estava com duas meninas menores de idade. E a senhora se aproximou e disse que não podíamos estar ali e que tínhamos que estar em um lugar mais amigável e um lugar familiar e nos mandou para outro abrigo que se chama J. F. Quando vi esse abrigo ele me pareceu um paraíso, a diferença do abrigo onde estava primeiro. Era familiar realmente. Ali sim me senti bem.

Comecei a trabalhar. Não encontrava o que fazer porque estava chegando e comecei a trabalhar vendendo café em frente ao H.G.R. (hospital). Estive ali seis meses nos quais (n)esses seis meses pude

coletar todo o dinheiro para que minha filha saísse da Venezuela. Voltei para a Venezuela. Minha filha, perto do país, já partiu para o Peru e faltava ver meu filho e meu neto. Bom, me faltava eles e meu filho me fez essa pergunta:

— Mãe, minha irmã se foi e agora o que vai se passar comigo?

Bom, retornei outra vez ao Brasil. Retomei o trabalho que tinha no hospital. Pude coletar todo o dinheiro e trazer o meu filho para Roraima.

Foi difícil trazer o meu filho para Roraima porque esse abrigo, o abrigo estava em quarentena, porque tinha a catapora, e para entrar ali tinha que ter a vacina de catapora e quando a tivesse tinha que esperar quinze dias o efeito da vacina. E eu não encontrava onde mantê-los naqueles quinze dias e tivemos que dormir na rua quinze dias. Com meu filho, meu neto ((choro)). Mas foi difícil. Mas na verdade estava tranquila porque estava fora de Venezuela, infelizmente, e é triste dizer isto: “estou fora do meu país graças a Deus”. É triste que um cidadão diga isso de um país. Mas deveria dar graças a Deus ainda que estivesse na rua ((choro)), mas estava com meu filho dessa vez, segura. Os militares estavam atentos, as pessoas nos davam comida, não passamos fome nem frio. Apesar (de) que estávamos na rua não recebemos maus tratos, graças a Deus.

Quando terminou os quinze dias, eles conseguiram entrar no abrigo. Aos três meses eles se interiorizaram e foram para São Paulo e hoje estão aqui em São Paulo. Estão bem, mas antes disso estiveram seis meses em um abrigo, no abrigo J.F. Quando foram selecionados para interiorização eles passaram para um abrigo que se chama R. D. Ali estiveram seis meses. Eles se desesperavam e eu lhes dizia:

— Meu filho, o bom está por vir, tenham paciência.

E agora estão bem em São Paulo, em família. Economicamente estão trabalhando, têm saúde e estão protegidos por este país, que é o mais importante, e têm muitas amizades bonitas, graças a Deus.

Bom, depois me veio a ideia porque em Roraima está muito intenso, porque ali é onde está toda a massa de imigrantes, muitos imigrantes. Eu já não pude trabalhar no hospital. Tudo foi uma má experiência ali porque já o último, havia tantos venezuelanos ali vendendo, que isso se converteu em um mercado e como isso não podia estar assim porque esse era um lugar público de saúde. E, bom, o lamentável disso foi que nos tiraram dali, ficar ali. A mim me maltrataram verbalmente, mesmo fisicamente, sendo eu uma pessoa já de idade. Me tiraram dali sem importar com nada. Mas sou agradecida a Deus porque com este tempo que estive trabalhando ali pude tirar meus filhos do país. Depois disso que eu vi a impossibilidade de conseguir emprego em Roraima.

Numa oportunidade fui aos J. (organização), eu ia me cadastrar para interiorização e aí sim escutei sobre o programa no qual estou agora, o programa de interiorização para mulheres sozinhas. Como que Deus me colocou aqui nesse momento preciso, não pensei, pensei e me percebi nos J. para a viagem de interiorização. Me informaram que viria para Belo Horizonte, para Minas Gerais, mas não não pensei. Me inscrevi e no mês me chamaram, em alguns dias me chamaram para me dizer que estava selecionada, eu chorei de emoção. Quando a pessoa, o coordenador de Roraima da J., me chamou para dar a notícia, que estava selecionada, para ser participante do grupo de mulheres que viriam para Belo Horizonte, foi uma alegria muito grande.

Agora já estou aqui há quase um mês. No dia sete teremos um mês e há uma diferença muito grande, porque quando chegamos aqui, digo chegamos porque somos dezenove mulheres que estamos aqui, nesse projeto, notamos imediatamente a diferença no acolhimento das pessoas daqui, no trato, porque em Roraima, não sei se é pela massiva quantidade de pessoas que já tem, não é tão grato às vezes o trato do brasileiro com os imigrantes. A diferença aqui em Belo Horizonte é muito diferente. Chorei de emoção quando cheguei pelo acolhimento, pelo carinho prestado pelas pessoas, pela organização dos vizinhos inclusive. Desde que chegamos aqui não tem parado as doações de muitas coisas que nos têm presenteado, muitas coisas que necessitávamos, ainda necessitamos e estamos, estou, super agradecida por todas essas pessoas. Além disso, quando saímos pelas ruas e quando nos escutam conversar, que sabem que somos estrangeiras e se alegram, nos dão boas-vindas, eu me sinto tão otimista que dá vontade de estar aqui.

Graças a Deus não me arrependo. Estou aqui e esperando que tudo o que tenho planejado desde que me inscrevi para essa viagem com a ajuda de Deus possa conseguir, que é conseguir um bom emprego, onde valorizem ao empregado, onde sejamos bem recebidos, que sejamos bem tratados, que não duvido porque aqui é excelente. E, posteriormente, trazer minha filha do Peru para cá onde eu estou, para que viva comigo, para que lutemos juntas, para que trabalheemos juntas, as duas saindo juntas. Então, os projetos que tanto ela como eu temos. E tenho fé que assim vai ser porque estamos em um bom país, estamos num bom lugar, estamos com boas pessoas, e Deus sabe o que faz. Deus nos trouxe aqui, me trouxe aqui por um propósito e eu sei que tudo o que tenho conseguido vou fazer em nome de Deus. E, bom, somente Deus decide o futuro de cada pessoa.



Penso em ficar aqui não sei quanto tempo, porque me sinto grata, grata, mas se bem que será trazendo a minha família, que eu possa trazer toda a minha família, porque na Venezuela é difícil. Eu rogo a Deus, peço a Deus por todos os venezuelanos, não por minha família nada mais, por todos os venezuelanos, porque aqui isso é diário. Eu vejo as notícias que as pessoas estão se suicidando, porque sabem que se adoecem não têm como ir ao médico, se vão ao médico não tem como comprar os remédios e o que tem para comprar o remédio não consegue o remédio. É um círculo que se está fechando a cada dia e é triste para as pessoas que estão na Venezuela. Somente Deus saberá, que Deus proteja, mas essa é uma notícia, essa é uma realidade que está acontecendo e que não sei porque isso continua. Não sei porque, meu Deus, não acontece algo para que isso se detenha porque é triste. Ver que uma criança está desnutrida, ver que um idoso, não sei, não possa comer os alimentos que necessita e são muitas coisas. É lamentável, mas isso está ocorrendo em meu país. Somente me resta é pedir a Deus que, por favor, tenha piedade deste país e que dê força às pessoas que estão ali. E dou graças a Deus, me sinto abençoada por ter me dado a oportunidade de ter saído de meu país e ter tirado meus filhos e de me colocar, de me pôr aqui nesse lugar tão maravilhoso e com gente tão especial.

Entrevistadora: um dia você pensa em voltar para Venezuela ou não?

Sim, penso. Mas ainda não. Penso porque tenho o resto da minha família lá, mas penso em ir, visitar, levar o que possa levar em remédio e depois voltar, porque penso em encontrar um trabalho, e um trabalho duradouro. Não penso em o abandonar uma vez que tenha meu trabalho, mas se iria é de visita.

Entrevistadora: você gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

Um dos projetos de vida que tenho é, como disse anteriormente, encontrar um emprego e trazer principalmente duas pessoas, minha filha, que está no Peru, e posteriormente o meu esposo, que ficou em Roraima. Foi muito doloroso para mim separar-me de meu marido, mas foi essa oportunidade que se apresentou a mim, de que eu viajasse sozinha e me pareceu bem porque assim se abriu o caminho a ele e a outras pessoas. Também gostaria muito de trazer a um irmão. São muitos, tenho onze irmãos, minha família é numerosa, mas meu irmão mais novo é um dos que querem sair do país, porque tem um filho pequeno e ele é um excelente profissional, é um mestre de obras. Seu trabalho é excelente e até todas as portas foram fechadas, por causa do custo tão alto dos materiais. São poucas as pessoas que fazem construções lá de casa. E gostaria no futuro é isso, trazer a minha família e de voltar para Venezuela, seria isso. Ah, levar remédios aos meus familiares. Na manhã recebi a chamada de um amigo, um amigo que está doente. Está na Venezuela. Sofre de problema no coração. Tem muitos problemas de saúde e me informou que o problema de saúde se complicou ainda mais e não consegue o remédio e me pediu por favor para lhe enviar os remédios. Mas eu estou muito longe e eu queria encontrar um meio, uma forma de fazer chegar o remédio a esse amigo e aos meus familiares também e às amizades, porque é difícil de encontrar os remédios na Venezuela. E esse é um dos motivos pelos quais as pessoas estão muito... as que estão doentes se adoecem mais, as que estão muito doentes morrem e é lamentável. Então, quando eu caminho pelo centro e vejo as farmácias com muitos remédios isso me dá muita nostalgia, queria ter como que um poder para que todos esses remédios estivessem ali nas farmácias de meu país e todas as pessoas tivessem possibilidade de ter acesso a esses remédios. Mas, bom, é lamentável não poder fazer outra coisa senão esperar. Esperar que uma mudança positiva venha para meu país em nome de Deus. E, bom, estou aqui, somente peço a Deus que me dê força, me dê muita saúde e que siga colocando gente em meu caminho como a que tem colocado até agora. Gente boa, gente amável, gente desprendida, gente disposta a ajudar. Que bonito!

Eu não sabia que há muitos anos atrás quando Venezuela era uma Venezuela assim como está Brasil agora, como muitos países também, eu nunca pensei em sair de meu país. Na verdade eu não tenho passaporte, porque minha filha, não tenho, e ela me disse:

— Mãe, tira o seu passaporte.

E comentei a minha filha:

— É que eu não penso em sair de meu país.

Eu lhe disse:

— Eu não penso em sair nunca de meu país.

Então, depois que tudo aconteceu. O que aconteceu é que meu país estava descendo, cada dia pior. Me arrependi de não ter tirado meu passaporte.

Graças a Deus estamos nesse país. Nos abrem as portas somente com as cédulas de identidade, graças a Deus. Porque se pedissem passaporte, bom, imagina você ou vocês que tenham oportunidade de ouvir, de ler essas linhas, a dificuldade que tínhamos muitos venezuelanos, porque era quase impossível obter um passaporte. A melhor possibilidade de um dos documentos que tenho que tramitar porque praticamente é o que me faz falta. De agora em diante isso me serviu de reflexão, de que o documento que eu possa ter, tenho que ter porque nunca sabemos, o mundo dá muitas voltas.

E uma vez que esteja estabilizada, que tenha minha independência econômica, eu gostaria que uma pessoa, que não, ela não está aqui, que era minha mãe. Minha mãe também foi vítima da situação na Venezuela ((choro)), apesar de que todos lutamos até o último (minuto)... mas minha mãe morreu de câncer e não tivemos a possibilidade de ajudá-la. Foi difícil, mas Deus teve piedade dela e a levou. Não sofreu tanto, graças a Deus, mas como minha mãe, há muitas pessoas que estão cada dia doentes. Eu imagino que é triste para os familiares ver a um familiar assim nessas condições e não poder fazer nada. É triste. E tomara que essas palavras cheguem a muitos ouvidos, a muitos corações, para que, digo isso que a nível mundial, faz falta ter mais união, mais união porque se há um país, há um irmão, os países são como família, um país é um irmão, e há países que se tampam os ouvidos, se tampam os olhos, e não veem a realidade do país irmão. Todas, todas as palavras, caramba, que eu estou dizendo aqui que chegue às pessoas, que Deus ponha essas palavras no coração das pessoas, no mundo todo e que surja um milagre para que se resgate não apenas os venezuelanos que estão assim, que este poder, que estivesse um poder de ver a situação pela qual estão passando. Não é fácil. Quantas vezes até que a pessoa não tenha que viver algo assim não se dão conta da realidade. Eu jamais pensei viver algo assim. Eu jamais pensei em sair de minha casa, mas o amor de mãe, o amor de irmã, me fez sair, porque eu não estou aqui por mim, eu estou aqui por minha família. Estou aqui pelo futuro dos meus filhos. Estou aqui por meus irmãos, porque que dor tão grande para mim que eu saiba que meu irmão está doente e eles não têm como comprar um remédio. E seria para mim satisfatório que eu possa lhes ajudar. E assim a cada pessoa, caramba, que eu estime. É para mim seria algo muito importante, porque eu já estava fazendo. Eu ajudava as pessoas na maneira da minha possibilidade, um pouquinho, mas tenho colocado de mim. Tenho colocado um grãozinho de areia. E seria importantíssimo que as pessoas que realmente têm recursos, que poderiam ajudar, as associações que ajudam. Esse é um chamado que faço a todas as associações, às instituições: vamos dar ajuda a quem realmente precisa. Isso é importante, porque recordem algo, Deus existe. E Deus vê tudo o que nós pensamos e fazemos. E é importante dar sem esperar nada em troca. Então os que estão necessitando agora são muitas pessoas, são muitas. Então vamos ver longe. Vamos dar importância a isso e tem que ser agradecido com a vida e dar graças a Deus por tudo que acontece.

Bom, eu sei que meu país vai sair logo disso, porque há na Venezuela, há um ditado que diz que “não há mal que dure cem anos” e logo a Venezuela, em nome de Deus, e em nome de todas as pessoas que estão trabalhando, para que haja uma mudança urgente político cultural, porque eu penso que não só deve haver uma mudança política na Venezuela, tem que haver uma mudança global, político, social, de valores. Isso é o que temos que trabalhar, porque os valores fazem a força dos corações, dos pensamentos, das ações e tudo isso se foi abaixo lamentavelmente. Espero que seja rápido, que não seja tão tarde, que chegue essa mudança para Venezuela. E retomo as graças a Deus que me colocou aqui e que Deus me permita lograr os objetivos que plantei, lograr ver a Venezuela livre logo, próspera, como é, como era o meu país, porque Venezuela é um país rico, um país potência, o que lhe faz falta são pessoas que administrem os seus recursos, pessoas que sejam seres humanos, pessoas que sejam sensíveis, pessoas que lhe doam a dor alheia, não sejam pessoas mesquinhas.

Eu jamais pensei viver algo assim. Eu jamais pensei em sair de minha casa, mas o amor de mãe, o amor de irmã, me fez sair, porque eu não estou aqui por mim, eu estou aqui por minha família.

Valéria estava no Brasil havia um ano e dez meses quando nos narrou sua vida. Ela relata que foram muitos os motivos que a fizeram sair da Venezuela, dentre eles, destaca a necessidade de “levar a família adiante”. Conta-nos que tomou a decisão de migrar a partir de um convite de uma senhora que conheceu.

A venezuelana nos revela o impacto que teve quando chegou a Boa Vista, capital de Roraima, devido à condição do abrigo no qual foi se hospedar. Posteriormente, narra que foi transferida para outro que tinha um ambiente melhor e que, como não conseguiu emprego, começou a trabalhar em um ponto na rua, como vendedora de café, para juntar dinheiro e tirar sua família da Venezuela. Com isso, conseguiu enviar sua filha para o Peru e trazer o filho e o neto para o Brasil.

Valéria narra ainda outras dificuldades vivenciadas em Roraima, como ter dormido na rua com o filho e o neto, devido à exigência de vacinação para catapora e de um período de quinze dias de quarentena para ingressar no abrigo, e de ter sido retirada do ponto onde trabalhava como vendedora por meio de agressões verbais e físicas. Em seguida, conta sobre o processo de interiorização do seu filho e, diante da percepção da impossibilidade de conseguir emprego em Roraima, sobre seu cadastramento para interiorização e mudança para Belo Horizonte. Por fim, discorre sobre seus planos futuros, como conseguir um bom emprego, trazer sua família para a capital mineira, e poder levar remédio aos demais familiares e amigos que necessitem na Venezuela. Aliás, uma parte considerável de sua narrativa é dedicada à descrição da situação crítica que assola seu país natal.

Valéria inicia seu relato evidenciando seu “estatuto de enunciativa”: “Sou uma venezuelana, uma imigrante que está *radicada aqui no Brasil*”, o que a legitima aos olhos da interlocutora/pesquisadora (estatuto da destinatária). Cabe destacar, no âmbito do plano do vocabulário, a utilização do termo “radicada”, que significa: “1. Incutir(-se) de modo profundo e definitivo; arraigar(-se), enraizar(-se), infundir(-se); 2. Fixar definitivamente residência; 3. Tornar-se presente; consolidar-se, estabelecer-se<sup>83</sup>”, revelando, desse modo, que a enunciativa se re(a)presenta, já no início de sua fala, como uma migrante estabelecida no Brasil em caráter permanente, apesar de admitir, em outros momentos, que gostaria de retornar à Venezuela.

Percebemos também, no relato, outras “representações de si” (*éthos* dito) reveladas por Valéria como, de mãe e avó: “pude tirar os *meus filhos*, porque eu pensei no futuro deles e do *meu neto*, porque *tenho um neto*”; de trabalhadora: “*eu trabalhava na Venezuela*”; de uma pessoa “de família”: “E a senhora se aproximou e disse que *não podíamos estar ali e que tínhamos que estar em um lugar mais amigável e um lugar familiar (...)* Era familiar realmente. *Ali sim me senti bem*”; de uma pessoa “de idade”: “*sendo eu uma pessoa já de idade*”; de mulher interiorizada: “*somos dezenove mulheres que estamos aqui, nesse projeto*”; de estrangeira: “*sabem que somos estrangeiras*”; de pessoa abençoada: “*me sinto abençoada por ter me dado a oportunidade de ter saído de meu país e ter tirado meus filhos e de me colocar, de me pôr aqui nesse lugar tão maravilhoso e com gente tão especial*”; de esposa: “e posteriormente o *meu esposo*, que ficou em Roraima”; de irmã: “São muitos, *tenho onze irmãos*”; de amiga: “Na manhã

<sup>83</sup> Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/busca?id=Yko91>>. Acesso em: 10 abr. 2021.

recebi a chamada de um *amigo*”; de filha: “*Minha mãe também foi vítima*”; de uma *pessoa caridosa*: “*Eu ajudava as pessoas na maneira da minha possibilidade*”; e de portavoz dos venezuelanos: “*Esse é um chamado que faço a todas as associações, às instituições*”.

Com relação aos temas presentes na narrativa de vida em pauta, primeiramente, a enunciativa aborda o tema imposto “motivo de sair da Venezuela”: “Um dos motivos que me fez sair de meu país, Venezuela, foram muitos, mas o mais importante **foi** levar a nossa família adiante, **os** meus filhos, esses foram meus maiores motivos”. O emprego da expressão “levar a nossa família adiante” revela a gravidade da situação vivenciada na Venezuela, pois remete à ideia de impossibilidade de continuidade da família se essa permanecesse nesse país, ou seja, a migração foi uma forma de sobrevivência, o que se mostra em consonância com Ribas (2018) quanto à caracterização da atual emigração venezuelana como forçada, já que é notório, dentre outros motivos, ameaças à vida dos sujeitos.

Relacionado a esse primeiro tema imposto – já que justifica a migração –, encontra-se o tema “situação na Venezuela” (também imposto pelo roteiro de entrevista). Vejamos o que diz Valéria:

(1) *Me encontrei com muitas dificuldades, muitos problemas econômicos, porque apesar de que eu trabalhava na Venezuela, o dinheiro não era suficiente e estava muito preocupada pelo que vinha depois, porque isso estou falando de cerca de três, quatro anos atrás, que todavia a situação não estava como estava agora, mas eu imaginava que ia ser mais difícil a cada dia (...). E o que mais me dói é que minha filha estava estudando, estava na universidade, estava no oitavo semestre de engenharia de sistemas e não pôde seguir e continuar estudando porque não tínhamos os recursos. Porque não podíamos (arcar) com os gastos da minha filha, do aluguel, da alimentação.*

(2) *Mas na verdade estava tranquila porque estava fora de Venezuela, infelizmente, e é triste dizer isto: “estou fora do meu país graças a Deus”. É triste que um cidadão diga isso de um país. Mas deveria dar graças a Deus ainda que estivesse na rua ((choro)), mas estava com meu filho dessa vez, segura.*

(3) *Eu vejo as notícias que as pessoas estão se suicidando, porque sabem que se adoecem, não têm como ir ao médico, se vão ao médico não tem como comprar os remédios e o que tem para comprar o remédio não consegue o remédio. É um círculo que se está fechando a cada dia e é triste para as pessoas que estão na Venezuela.*

(4) *Ver que uma criança está desnutrida, ver que um idoso, não sei, não possa comer os alimentos que necessita e são muitas coisas. É lamentável, mas isso está ocorrendo em meu país.*

(5) (...) *é difícil de encontrar os remédios na Venezuela. E esse é um dos motivos pelos quais as pessoas estão muito... as que estão doentes se adoecem mais, as que estão muito doentes morrem e é lamentável.*

(6) *Minha mãe também foi vítima da situação na Venezuela ((choro)), apesar de que todos lutamos até o último... mas minha mãe morreu de câncer e não tivemos a possibilidade de ajudá-la. Foi difícil, mas Deus teve piedade dela e a levou. Não sofreu tanto, graças a Deus, mas como minha mãe, há muitas pessoas que estão cada dia doentes. Eu imagino que é triste para os familiares ver a um familiar assim nessas condições e não poder fazer nada. É triste.*

O relato de Valéria revela, conforme apontam Ribas (2018) e Maya (2018), que aos venezuelanos têm faltado “condições mínimas de vida”. Do ponto de vista do vocabulário, chama a atenção, nos trechos de (1) a (6), os inúmeros enunciados e termos axiologizados negativamente que a locutora mobiliza para caracterizar a Venezuela/a vida na Venezuela: “muitas dificuldades”, “muitos problemas econômicos”, “não tínhamos os recursos”, “pessoas se suicidando”, “crianças desnutridas”, “pessoas doentes”, “vítima da situação na Venezuela”, entre muitos outros, o que a leva a considerar o contexto descrito como “triste”, “lamentável” (índices de avaliação), assumindo, finalmente, “estou fora do meu país *graças a Deus*”. Em alguns momentos, inclusive, Valéria recorre a relações implicativas, para mostrar que “o círculo está se fechando”, como mostra o excerto (3), em que ela explica porque as pessoas estão se suicidando: “se as pessoas adoecem, não têm como ir ao médico”→“se vão ao médico, não tem como comprar os remédios”→ “se tem para comprar o remédio, não consegue o remédio”.

Percebemos, dessa forma, uma flagrante violação dos Direitos Humanos na Venezuela, como se vê no Artigo 25 da *Declaração Universal dos Direitos Humanos*:

Todo ser humano tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar a si e à sua família saúde, bem-estar, inclusive alimentação, vestuário, habitação, cuidados médicos e os serviços sociais indispensáveis e direito à segurança em caso de desemprego, doença, invalidez, viuvez, velhice ou outros casos de perda dos meios de subsistência em circunstâncias fora de seu controle<sup>84</sup>.

Outro tema imposto presente no relato em pauta é a “trajetória para o Brasil”. Valéria diz: “Eu vim sem pensar muito a Boa Vista, a Roraima, com o convite de uma senhora que conheci. Não tive muito tempo conhecendo ela e me enchi de força, me arrisquei e cheguei a Roraima”. No entanto, como uma das questões do roteiro de entrevista interrogava sobre como foi o processo de vinda para o Brasil, além de ser um tema compatível com o discurso dos migrantes e refugiados venezuelanos, esperávamos que ela nos fornecesse mais informações sobre tal processo, como, por exemplo, se veio

<sup>84</sup> Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>>. Acesso em: 14 abr. 2021.

sozinha ou com outros venezuelanos, que meio(s) de transporte utilizou, entre outras. Além disso, a enunciativa não discorre sobre a “senhora” que ela conheceu e a convidou para vir para o Brasil, nem diz se entrou no país por Paracaima, que seria o mais usual, limitando-se a contar que veio “sem pensar muito a Boa Vista”. Ao silenciar sobre tantos aspectos que poderiam “dar corpo” à narrativa, é como se Valéria se recusasse a resgatar (parte de) um passado que quer esquecer.

Constatamos, na fala de Valéria, que o subtema imposto “situação em Roraima” se desdobra, inicialmente, em dois subtemas mais específicos: “condição dos abrigos” e “desemprego”. Lembremos que os temas específicos são abordados por certos discursos, mas não necessariamente por outros. Quanto ao primeiro – “condição dos abrigos” –, a enunciativa relata:

(7) Parece então que *esse abrigo estava, não tinha controle. Não havia presença ali da Y (organização), nem de militares, algo descontrolado, parecia como uma prisão. Era horrível. Estava cheio de venezuelanos. Mas, como (em) todos os países há pessoas boas e pessoas más, me deu a impressão de que havia muitas pessoas más ali e me senti mal.* (No) momento que cheguei, as boas-vindas foram (n)esse ambiente *e eu não gostei, onde havia tantas pessoas, até droga havia ali, havia prostituição, coisas que eu estranhei.*

(8) E a senhora se aproximou e disse que *não podíamos estar ali e que tínhamos que estar em um lugar mais amigável e um lugar familiar e nos mandou para outro abrigo que se chama J. F. Quando vi esse abrigo ele me pareceu um paraíso, a diferença do abrigo onde estava primeiro. Era familiar realmente. Ali sim me senti bem.*

(9) Foi difícil trazer o meu filho para Roraima porque *esse abrigo, o abrigo estava em quarentena, porque tinha a catapora, e para entrar ali tinha que ter a vacina de catapora e quando a tivesse tinha que esperar quinze dias o efeito da vacina. E eu não encontrava onde mantê-los naqueles quinze dias e tivemos que dormir na rua quinze dias.* Com meu filho, meu neto ((choro)). Mas foi difícil.

(10) Estão bem, mas antes disso estiveram seis meses em um abrigo, no abrigo J.F. Quando foram selecionados para interiorização eles passaram para um abrigo que se chama R. D. Ali estiveram seis meses. *Eles se desesperavam (...).*

Uma das relevâncias de se trabalhar com as narrativas de vida, como já apontamos, é que elas nos permitem acessar informações que não são comumente explicitadas/divulgadas. Os trechos supracitados, por exemplo, são relevantes para que possamos compreender melhor a situação dos abrigos para os quais os migrantes venezuelanos são direcionados em Roraima, pois, nos discursos oficiais e midiáticos muitas vezes não temos acesso a esse tipo de informação.

No âmbito do vocabulário, destacamos, em (7), o emprego do termo “prisão” associado ao primeiro abrigo em que a enunciativa ficou hospedada: “parecia como uma prisão”. Dentre os significados desse termo, temos:

1. Medida judicial ou administrativa, de caráter punitivo, restritiva de liberdade;
2. Estado de preso cumprindo a pena privativa da liberdade; cativo;
3. Estabelecimento onde se cumpre a pena de prisão; cadeia, cárcere, casa de detenção, penitenciária, presídio, sol-quadrado, solta;
3. Qualquer recinto fechado; cativo, cela, clausura, cubículo, gaiola<sup>85</sup>.

Essas acepções revelam, portanto, que Valéria se sentia privada de sua liberdade nesse local. Somam-se ao vocábulo “prisão”, outras palavras e expressões que, pelo seu caráter depreciativo, acentuam as condições precárias e sub-humanas – para dizer o mínimo – do primeiro abrigo: “não tinha controle”, “horrível”, “cheio de venezuelanos”, “muitas pessoas más”, “droga”, “prostituição”, etc. Por oposição a esse abrigo, ela descreve, em (8), o outro para o qual foi transferida como “paraíso”, atribuindo-lhe, assim, um significado bastante positivo: “1. Lugar ideal onde reina a felicidade; céu, olimpo; 2. Lugar extremamente agradável que encanta pela beleza e tranquilidade”<sup>86</sup> (embora possivelmente este não fosse muito melhor do que o primeiro). Já, em (9), há um efeito catártico (MACHADO, 2016a), dentre outros presentes na narrativa em pauta, pois, ao recordar o fato de ter dormido na rua com seu filho e com seu neto, a enunciativa chora, liberando emoção.

Quanto ao “desemprego”, o que se observa é que, embora os(as) migrantes venezuelanos(as), em geral, mencionem essa questão, eles(as) não o fazem com o nível de detalhamento que encontramos no relato de Valéria. Ela conta: “Não encontrava o que fazer porque estava chegando e comecei a trabalhar vendendo café em frente ao H.G.R (hospital)”; sendo assim, ela buscou o trabalho informal como forma de sobrevivência e de conseguir recursos financeiros para tirar sua família da Venezuela. Na sequência, contudo, revela que foi impedida de continuar nessa atividade, tendo sofrido, inclusive, maus tratos verbais e físicos, o que remete ao preconceito e à discriminação que, via de regra, afeta os grupos em situação minoritária, como é o caso dos migrantes e refugiados, em geral, e dos venezuelanos deslocados para o Brasil nesta pesquisa:

---

<sup>85</sup> Disponível em:

<<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/pris%C3%A3o/>>. Acesso em: 21 abr. 2021.

<sup>86</sup> Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/paraíso/>>. Acesso em: 21 abr. 2021.

(11) *Eu já não pude trabalhar no hospital. Tudo foi uma má experiência ali porque já o último, havia tantos venezuelanos ali vendendo, que isso se converteu em um mercado e como isso não podia estar assim porque esse era um lugar público de saúde. E, bom, o lamentável disso foi que nos tiraram dali, ficar ali. A mim me maltrataram verbalmente, mesmo fisicamente, sendo eu uma pessoa já de idade. Me tiraram dali sem importar com nada (...). Depois disso que eu vi a impossibilidade de conseguir emprego em Roraima.*

Dessa forma, se inicialmente Valéria acreditava que não conseguia emprego “porque estava chegando”, posteriormente ela constatou que não seria possível consegui-lo estando em Roraima, o que a fez pensar em se cadastrar para a estratégia de interiorização.

Outro tema (específico) que identificamos, no âmbito mais geral da experiência migratória (questão 3), é a “estratégia de interiorização”, Valéria conta sobre seu filho e seu neto: “Aos três meses eles se interiorizaram e foram para São Paulo e hoje estão aqui em São Paulo”. A utilização do dêitico “aqui” para fazer menção ao local onde os referidos familiares se encontram provoca estranhamento, considerando que, no momento da entrevista, a migrante estava em Belo Horizonte e não em São Paulo, o que nos leva a pensar que, nesse caso, ela se referia à região sudeste ou ao Brasil. Ela relata também como foi selecionada para participar da estratégia de interiorização:

(12) *Numa oportunidade fui aos J. (organização), eu ia me cadastrar para interiorização e aí sim escutei sobre o programa no qual estou agora, o programa de interiorização para mulheres sozinhas (...). Me informaram que viria para Belo Horizonte, para Minas Gerais, mas não não pensei. Me inscrevi e no mês me chamaram, em alguns dias me chamaram para me dizer que estava selecionada, eu chorei de emoção. Quando a pessoa, o coordenador de Roraima da J., me chamou para dar a notícia, que estava selecionada, para ser participante do grupo de mulheres que viriam para Belo Horizonte, foi uma alegria muito grande.*

De forma similar à sua migração para o Brasil, em que afirma ter vindo “sem pensar muito a Boa Vista, a Roraima”, Valéria narra a migração para Belo Horizonte pela estratégia de interiorização como algo em que “não pensou”. De qualquer forma, fica evidente a necessidade de sair de ambos os locais: da Venezuela e, posteriormente, de Roraima. O primeiro trajeto, entre a Venezuela e o Brasil, pode ser associado a uma “situação de fuga” (RIBAS, 2018), cujas consequências afetam não apenas os migrantes, mas também sua família (no caso de Valéria, filhos, neto e marido): perda do capital intelectual, já que dificilmente eles conseguem inserir-se em sua área de atuação,



exercendo, via de regra, atividades abaixo do seu nível de qualificação e estando mais sujeitos ao desemprego, como é o caso de Valéria em Roraima – lembremos que a pedagoga vendia café em frente a um hospital de Boa Vista até que foi impedida de trabalhar. Isso sem contar o colapso do sistema social, que separa familiares na Venezuela, embora a situação não seja muito diferente quando eles chegam ao Brasil. Basta ver, no relato de Valéria, que ela se encontra em Belo Horizonte, o marido em Roraima, o filho e o neto, em São Paulo. E, além disso, a filha foi para o Peru.

Quanto ao subtema imposto “situação em Belo Horizonte”, a locutora nos revela a diferença existente na recepção oferecida ao migrante venezuelano em Roraima (negativa) e na capital mineira (positiva), o que, como ela própria explica, talvez se deva ao impacto do número de migrantes venezuelanos que chegam todos os dias em Roraima, o que comprova a necessidade da estratégia de interiorização<sup>87</sup>:

(13) (...) em Roraima não sei se é pela massiva quantidade de pessoas que já tem, não é tão grato às vezes o trato do brasileiro com os imigrantes. A diferença aqui em Belo Horizonte é muito diferente. Chorei de emoção quando cheguei pelo *acolhimento*, pelo *carinho* prestado pelas pessoas, pela organização dos vizinhos inclusive. Desde que chegamos aqui não tem parado as *doações* de muitas coisas que nos têm presenteado, muitas coisas que necessitávamos, ainda necessitamos e estamos, estou, *super agradecida* por todas essas pessoas. Além disso, quando saímos pelas ruas e quando nos escutam conversar, que sabem que somos estrangeiras e se alegram, nos dão *boas-vindas*, eu me sinto tão *otimista* que *dá vontade de estar aqui*.

Do ponto de vista do vocabulário, a recepção em Belo Horizonte é caracterizada pelo “acolhimento”, pelo “carinho”, pelas “doações”, pelas “boas-vindas”, enfim, pelo respeito (“quando saímos pelas ruas e quando nos escutam conversar, que sabem que somos estrangeiras e se alegram...”), o que faz Valéria sentir-se “super agradecida”, “otimista” e com “vontade de estar aqui”. O contraste com o tratamento agressivo que ela recebeu em Boa Vista é evidente: “A mim me maltrataram verbalmente, mesmo fisicamente, sendo eu uma pessoa já de idade. *Me tiraram dali sem importar com nada.*”

Quanto ao último tema imposto, os “planos”, no sentido de planejamento futuro, vejamos o que diz a migrante:

---

<sup>87</sup> De fato, dados da revista *Veja* (18/04/2018, p. 84-89) mostravam que, em 2018, chegaram ao Brasil em torno de 70.000 refugiados venezuelanos, 30.000 apenas nos dois primeiros meses do ano. Isso levou a então governadora de Roraima, Suely Campos, a entrar com uma ação no Supremo Tribunal Federal (STF), pedindo o fechamento temporário da fronteira com a Venezuela. Em entrevista à revista *IstoÉ* (06/06/2018, p. 8-12), Campos afirmou tratar-se da “maior crise migratória da história do País”, com sérios impactos econômicos e sociais sobre o estado.

(14) Um dos projetos de vida que tenho é, como disse anteriormente, encontrar um emprego e trazer principalmente duas pessoas, minha filha, que está no Peru, e posteriormente o meu esposo, que ficou em Roraima. Foi muito doloroso para mim separar-me de meu marido, mas foi essa oportunidade que se apresentou a mim, de que eu viajasse sozinha e me pareceu bem porque assim se abriu o caminho a ele e a outras pessoas. Também gostaria muito de trazer a um irmão. São muitos, tenho onze irmãos, minha família é numerosa, mas meu irmão mais novo é um dos que querem sair do país, porque tem um filho pequeno e ele é um excelente profissional, é um mestre de obras.

Em (14), é possível constatar o desejo manifestado por Valéria de estar futuramente com seus familiares no Brasil; ela inclusive qualifica a separação física do seu marido como “dolorosa” (índice de avaliação). No entanto, a migrante hesita em outros momentos entre ficar no Brasil e retornar à Venezuela, o que mostra que ela não rompeu os laços com o país de origem. É o que acontece, por exemplo, quando ela, respondendo à pergunta de entrevistadora: “Um dia você pensa em voltar para Venezuela ou não?”, diz “Sim, penso. Mas ainda não. Penso porque tenho o resto da minha família lá”. Ou quando conclui: “E gostaria no futuro é isso, trazer a minha família e de voltar para Venezuela.” Parece, porém, que Valéria não cogita um retorno definitivo (pelo menos, enquanto tiver trabalho no Brasil). Como ela afirma: “penso em ir, visitar, levar o que possa levar em remédio e depois voltar, porque penso em encontrar um trabalho, e um trabalho duradouro. Não penso em o abandonar uma vez que tenha meu trabalho, mas se iria é de visita”.

Aliás, ela admite “eu nunca pensei em sair de meu país”, questão que a leva a abordar o tema específico da “documentação”:

(15) (...) eu nunca pensei em sair de meu país. Na verdade eu não tenho passaporte (...). Então, depois que tudo aconteceu. O que aconteceu é que meu país estava descendo, cada dia pior. Me arrependi de não ter tirado meu passaporte. Graças a Deus estamos nesse país. Nos abrem as portas somente com as cédulas de identidade, graças a Deus. Porque se pedissem passaporte, bom, imagina você ou vocês que tenham oportunidade de ouvir, de ler essas linhas, a dificuldade que teríamos muitos venezuelanos, porque era quase impossível obter um passaporte (...). De agora em diante isso me serviu de reflexão, de que o documento que eu possa ter, tenho que ter porque nunca sabemos, o mundo dá muitas voltas.

Em (15), Valéria revela a impossibilidade de conseguir documentação na Venezuela, corroborando a afirmação de Ribas (2018) de que a dificuldade de acesso a documentos pessoais tem tornado a situação emigratória na Venezuela ainda mais complexa. Dessa forma, o fato de o Brasil aceitar receber migrantes que portem apenas a identidade facilita a situação desses migrantes.

Com relação ao modo de enunciação, quando a locutora faz referência às dificuldades enfrentadas, por exemplo, em Roraima, nos primeiros tempos da migração, ela se emociona com frequência (chora), construindo um *éthos* mais fragilizado, o que confirma a situação de vulnerabilidade atribuída àqueles que são forçados a sair do seu país de origem por falta de condições mínimas de vida:

(16) Foi difícil trazer o meu filho para Roraima porque esse abrigo, o abrigo estava em quarentena, porque tinha a catapora, e para entrar ali tinha que ter a vacina de catapora e quando a tivesse tinha que esperar quinze dias o efeito da vacina. E eu não encontrava onde mantê-los naqueles quinze dias e tivemos que dormir na rua quinze dias. Com meu filho, meu neto ((choro)). Mas foi difícil.

Porém, principalmente quando fala de Belo Horizonte, Valéria nos deixa apreender um tom mais otimista, somado à escolha de palavras axiológicas positivamente para caracterizar sua situação pós-interiorização, como vimos. Apesar de todos os problemas vividos, podemos dizer que o modo de enunciação adotado pela venezuelana, que se revela por um tom assertivo, determinado, remete a um *éthos* de resiliência, de uma pessoa disposta a enfrentar as adversidades e que tem esperança de que dias melhores virão:

(17) Graças a Deus não me arrependo. Estou aqui e esperando que tudo o que tenho planejado desde que me inscrevi para essa viagem com a ajuda de Deus **possa** conseguir, que é conseguir um bom emprego, onde valorizem ao empregado, onde sejamos bem recebidos, que sejamos bem tratados, que não duvido porque aqui é excelente.

No âmbito da Psicologia, em consonância com Machado (2020), resiliência implica “a capacidade do indivíduo [de] lidar com problemas, adaptar-se a mudanças, superar obstáculos ou resistir à pressão de situações adversas – choque, estresse, algum tipo de evento traumático, entre outros”<sup>88</sup>, como acontece tanto no caso de Edelmira quanto no de Valéria. Ambas seguem adiante, apesar dos muitos obstáculos que se interpuseram (e se interpõem ainda) no seu caminho.

Com relação ao plano da intertextualidade (em sentido mais amplo), Valéria também recorre, com frequência, ao discurso religioso, como constatamos nos seguintes excertos: “Deus nos trouxe aqui, me trouxe aqui por um propósito e eu sei que tudo o que

---

<sup>88</sup> Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Resili%C3%Aancia\\_\(psicologia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Resili%C3%Aancia_(psicologia))>. Acesso em: 05 jul. 2021.

tenho conseguido vou fazer em nome de Deus. E, bom, somente Deus decide o futuro de cada pessoa”; “Somente Deus saberá, que Deus proteja, mas essa é uma notícia, essa é uma realidade que está acontecendo e que não sei porque isso continua. Não sei por que, meu Deus, não acontece algo para que isso se detenha porque é triste”. Parece, portanto, que muito da capacidade de resiliência da venezuelana advém de sua fé inabalável em Deus, a quem ela atribui o poder não apenas de resolver seus próprios problemas e dificuldades, mas também de reerguer a própria Venezuela. Nesse sentido, Valéria apela, mais frequentemente, à instância divina do que Edelmira.

Quanto ao intertexto, observamos que a locutora, em sua fala, reproduz, por exemplo, um ditado popular venezuelano:

(18) Bom, eu sei que meu país vai sair logo disso, porque há na Venezuela, há um ditado que diz que “não há mal que dure cem anos” e logo a Venezuela, em nome de Deus, e em nome de todas as pessoas que estão trabalhando, para que haja uma mudança urgente político cultural.

Há, além disso, vários momentos em que a enunciadora recorre ao discurso direto, para citar a fala de outrem, simulando um diálogo com ele(s), como vemos em: i) ela e Deus: “— Meu Deus, foi para isso que vim ao Brasil? [...] imediatamente Deus me deu essa força e me disse: — Se acalma que você vai sair daqui”; ii. ela e o filho: “[...] e meu filho me fez essa pergunta: — Mãe, minha irmã se foi e agora o que vai se passar comigo?”; iii. ela, o filho e outras pessoas que os acompanhavam (na narrativa fica explícito somente o neto como acompanhante): “[...] eu lhes dizia: — Meu filho, o bom está por vir, tenham paciência”; iv. ela e a filha: “Na verdade eu não tenho passaporte [...] e ela me disse: — Mãe, tira o seu passaporte. E comentei (com) a minha filha: — É que eu não penso em sair de meu país”. Nesse sentido, retomemos Maingueneau (1991, p. 134) para quem o discurso direto (DD) constitui “uma espécie de teatralização de uma enunciação anterior”. Desse modo, ao restabelecer a própria situação de comunicação, o DD “autentifica” os enunciados relatados, criando um efeito de sentido de realidade.

Há também um simulacro de interlocução quando a locutora se dirige a pessoas pertencentes a associações e instituições para fazer um apelo genérico, como mostra o seguinte fragmento:

(19) Esse é um chamado que faço a todas as associações, às instituições: vamos dar ajuda a quem realmente precisa. Isso é importante, porque recordem algo, Deus existe. E Deus vê tudo o que nós pensamos e fazemos. E é importante

dar sem esperar nada em troca. Então os que estão necessitando agora são muitas pessoas, são muitas. Então vamos ver longe. Vamos dar importância a isso e tem que ser agradecido com a vida e dar graças a Deus por tudo que acontece.

No que tange à dêixis enunciativa, ao iniciar sua narrativa, Valéria situa-se espaciotemporalmente: “*Boa tarde. Sou uma venezuelana, uma imigrante que está radicada aqui no Brasil*”, o que contribui, como já apontamos, para a sua legitimidade enquanto enunciativa. De forma geral, notamos que a locutora, assim como Edelmira (ver NV1), orienta/constrói seu relato em três momentos distintos: um *lá-então*, desdobrado em: 1) Venezuela, em um passado mais remoto; 2) Roraima, em um passado mais recente; 3) um *aqui-agora*, mais especificamente, em Belo Horizonte, no presente, que é seu “lugar/tempo de fala”. Cabe destacar, contudo, que ela não segue rigidamente essa ordem cronológica, pois, quando fala de Belo Horizonte e de seus planos futuros, em alguns momentos, relembra episódios vividos na Venezuela. Assim, percebemos, corroborando o que diz Machado (2016a), a dificuldade do enunciativo, ao retomar fatos de seu passado, de organizá-los em uma linha coerente, com começo, meio e fim.

Quando narra o primeiro momento – 1. Venezuela, em um passado mais remoto –, no âmbito do espaço, Valéria não especifica sua cidade ou estado, referindo-se de maneira mais genérica ao país. No segundo momento – 2. Roraima, em um passado mais recente –, Valéria trata o espaço, assim como fez anteriormente, de forma mais genérica; ela se refere à cidade (Boa Vista) somente uma vez. Nas demais, ela utiliza o nome do estado, Roraima, ou do país, Brasil. Em alguns momentos, no entanto, o espaço é relatado de maneira mais pontual: no abrigo J.F., um abrigo que se chama R. D., ponto de venda em frente ao H.G.R, na rua etc. Com relação ao terceiro momento – 3. Belo Horizonte, no presente –, notamos que, diferentemente de 1. e 2. , a enunciativa trata a cidade de forma específica, utilizando o termo “Belo Horizonte”, e não o nome do estado, por exemplo.

Quanto ao tempo, sinalizamos a abundância de marcadores que remetem seja à instância da enunciação, seja aos momentos que a antecedem ou a sucedem: “no momento de chegar”, “estive uma semana”, “estive ali seis meses”, “agora”, “quinze dias”, “quando terminou”, “aos três meses”, “hoje”, “seis meses”, “quando foram selecionados para a interiorização”, “depois”, “com este tempo que estive trabalhando ali”, “depois disso”, “nesse momento preciso”, “no mês”, “em alguns dias”, entre outros. No seguinte trecho, em específico, Valéria nos fornece uma informação importante sobre o agravamento da

crise na Venezuela por meio do uso expressivo de dêiticos: “*estou falando de cerca de três, quatro anos atrás, que todavia a situação não estava como estava agora, mas eu imaginava que ia ser mais difícil a cada dia*”. Percebemos, desse modo, que a crise nesse país se agravou desde que ela migrou.

Com relação à categoria de pessoa, a enunciadora utiliza, com maior recorrência, a primeira pessoa do singular, como já era de esperar em se tratando do gênero narrativa de vida. Esse “eu”, que domina o discurso, desliza, algumas vezes para o “nós”, implicando: i. “eu + outros(as) venezuelanos(as): “que não *podíamos* estar ali e que *tínhamos* que estar em um lugar mais amigável e um lugar familiar e nos mandou para outro abrigo”; ii. “eu + meu filho e meu neto”: “(...) e *tivemos* que dormir na rua quinze dias”, “não *passamos* fome nem frio. Apesar (**de**) que *estávamos* na rua não recebemos maus tratos”; iii; “eu + demais vendedores do ponto em frente ao H.G.R”: “E, bom, o lamentável disso foi que *nos tiraram* dali”. Nesses casos, cria-se um efeito de identificação com as demais pessoas incluídas no “nós”.

Quando usa a 1ª. pessoa do plural para falar de Belo Horizonte, por exemplo, Valéria parece indicar que sua experiência migratória passa a ser vivenciada de forma menos individualizada, como mostra o seguinte trecho:

(20) *Agora já estou aqui há quase um mês. No dia sete teremos um mês e há uma diferença muito grande, porque quando chegamos aqui, digo chegamos porque somos dezenove mulheres que estamos aqui, nesse projeto, notamos imediatamente a diferença no acolhimento das pessoas daqui, no trato.*

Nesse excerto, o “nós” representa “eu + demais mulheres interiorizadas”, revelando, de modo a estabelecer um maior efeito argumentativo, que as outras migrantes também perceberam a diferença no tratamento recebido em Roraima e em Belo Horizonte.

A terceira pessoa, por sua vez, pode aparecer no singular ou no plural, como mostram os seguintes exemplos: “*o convite de uma senhora*”; “*não havia presença ali da Y (organização), nem de militares*”, “*pessoas boas e pessoas más*”, “*Deus (com recorrência)*”, “*chegou o pessoal da Y e a senhora que me recebeu estava com duas meninas menores de idade*”, “*a pessoa, o coordenador de Roraima da J., me chamou*” etc. Ainda que os venezuelanos possam ser tratados como um “eles” genérico (“*massa de imigrantes, muitos imigrantes*”, “*tantos venezuelanos*”), opõem-se, em outros momentos da narrativa, um *eles* (nativos) e um *eu/nós* (migrante(s)), como em: “*A mim me maltrataram verbalmente, mesmo fisicamente, sendo eu uma pessoa já de idade. Me*

*tiraram* dali sem importar com nada”. Mas o *eles* (nativos) pode assumir valoração positiva, sobretudo quando a enunciativa narra sua experiência em Belo Horizonte: “chorei de emoção quando cheguei pelo acolhimento, pelo carinho prestado *pelas* pessoas, pela *organização dos vizinhos* inclusive”, “quando nos *escutam* conversar, que *sabem* que somos estrangeiras e *se alegram*, nos *dão* boas-vindas”.

Sentindo-se confiante em Belo Horizonte, Valéria revela seus planos futuros, fazendo uso novamente do “nós”, seja para se referir ao conjunto “eu + demais venezuelanos”, seja para “eu + minha filha”:

(21) Estou aqui e esperando que tudo o que tenho planejado desde que me inscrevi para essa viagem com a ajuda de Deus possa conseguir, que é conseguir um bom emprego, onde valorizem ao empregado, onde *sejamos* bem recebidos, que *sejamos* bem tratados, que não duvido porque aqui é excelente. E, posteriormente, trazer minha filha do Peru para cá onde eu estou, para que viva comigo para que *lutemos* juntas, para que *trabalhemos* juntas, as duas saindo juntas. Então, os projetos que tanto ela como eu *temos*. E tenho fé que assim vai ser porque *estamos* em um bom país, *estamos* num bom lugar, *estamos* com boas pessoas, e Deus sabe o que faz.

No trecho final de sua entrevista, a enunciativa mobiliza a terceira pessoa do singular e do plural para falar de forma mais enfática do trágico contexto venezuelano e de como isso afeta a população: “peço a *Deus* por todos os *venezuelanos*”, “*as* pessoas estão se suicidando”, “é um círculo que se está fechando a cada dia e é triste para *as* pessoas que estão na *Venezuela*”, “*uma* criança está desnutrida, ver que *um* idoso, não sei, não possa comer os alimentos que necessita”, “Venezuela é um país rico, um país potência, o que lhe faz falta são *pessoas* que *administrem* os *seus* recursos, *pessoas* que sejam seres humanos, *pessoas* que sejam sensíveis, *pessoas* que lhe doam a dor alheia, não sejam *pessoas* mesquinhas”, além de também se referir aos brasileiros (eles/nativos), novamente de forma positiva: “*gente* boa, *gente* amável, *gente* despreendida, *gente* disposta a ajudar”, “Nos *abrem* as portas somente com as cédulas de identidade”, “*se pedissem* passaporte”, etc. De qualquer forma, o “eu” predomina largamente na narrativa de vida de Valéria, o que, como já foi dito, condiz com as expectativas relacionadas a esse gênero discursivo.

Para finalizar esta seção, apresentamos, a seguir, a síntese da análise, de modo a destacar os pontos que nos parecem mais importantes:

<b>Quadro 5: Síntese da análise (Valéria)</b>	
Estatuto da enunciadora	“Sou uma venezuelana, uma imigrante que está radicada aqui no Brasil”.
Representações de si ( <i>éthos</i> dito)	Mãe e avó, trabalhadora, pessoa “de família”, pessoa de idade, mulher interiorizada, estrangeira, pessoa abençoada, esposa, irmã, amiga, filha, pessoa caridosa, porta-voz dos venezuelanos.
Temas • <i>Impostos</i> - <i>Específicos</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Motivo de sair da Venezuela</li> <li>• Situação na Venezuela</li> <li>• Trajetória para o Brasil – silenciamento de informações</li> <li>• Situação em Roraima <ul style="list-style-type: none"> <li>- Condição dos abrigos</li> <li>- Desemprego</li> <li>- Estratégia de Interiorização</li> </ul> </li> <li>• Situação em Belo Horizonte</li> <li>• Planos <ul style="list-style-type: none"> <li>- Documentação</li> </ul> </li> </ul>
Vocabulário	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Uso do vocábulo “radicada”, para legitimar sua fala.</li> <li>• Enunciados e termos axiologizados negativamente para caracterizar a Venezuela/a vida na Venezuela. Relações implicativas: “o círculo está se fechando”.</li> <li>• Palavras/expressões de caráter depreciativo, para descrever as condições precárias e sub-humanas do primeiro abrigo em Boa Vista: “prisão” vs. “paraíso”, para descrever o segundo abrigo.</li> <li>• Recepção em Belo Horizonte caracterizada positivamente: <i>acolhimento, carinho, doações, boas-vindas</i>, o que remete ao respeito pelo outro e faz Valéria sentir-se “super agradecida”, “otimista” e com “vontade de estar aqui”.</li> <li>• Separação física do seu marido avaliada como <i>dolorosa</i>.</li> </ul>
Modo de enunciação	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Ethos</i> mais fragilizado, perpassado pela emoção (choro), quando Valéria faz referência às dificuldades enfrentadas, por exemplo, em Roraima, o que contribui para a situação de vulnerabilidade atribuída àqueles que são forçados a sair do seu país de origem por falta de condições mínimas de vida.</li> <li>• Tom mais otimista, principalmente quando fala de Belo Horizonte, somado à escolha de palavras axiologizadas positivamente para caracterizar sua situação pós-interiorização.</li> <li>• Tom assertivo, determinado – <i>éthos</i> de resiliência, de uma pessoa disposta a enfrentar as adversidades, com esperança e fé de que dias melhores virão.</li> </ul>
Intertextualidade (sentido amplo)	Discurso religioso.
Intertexto / discurso direto	<p>Ditado popular</p> <p>Valéria e Deus</p> <p>Valéria e o filho</p> <p>Valéria, o filho e outras pessoas que os acompanhavam</p> <p>Valéria e a filha</p> <p>Valéria e pessoas pertencentes a associações e instituições</p>
Dêixis enunciativa	• Relato construído em três etapas:



	<p>1) Venezuela, em um passado mais remoto;  2) Roraima, em um passado mais recente;  3) Belo Horizonte, no presente, que é seu “lugar/tempo de fala”</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Não segue, rigidamente, essa ordem cronológica.</li> <li>• Em 1), espaço: genérico (nome do país); em 2), espaço: genérico (nome do estado ou do país); em 3), espaço: mais específico (nome da cidade).</li> <li>• Tempo: abundância de marcadores que remetem seja à instância da enunciação, seja aos momentos que a antecedem ou a sucedem.</li> <li>• Pessoa: 1ª. pessoa do singular com maior recorrência. <ul style="list-style-type: none"> <li>- 1ª. pessoa do plural: <i>nós</i> = i. “eu + outros(as) venezuelanos(as); ii. “eu + meu filho e meu neto”; iii; “eu + demais vendedores do ponto em frente ao H.G.R”; iv) “eu + demais mulheres interiorizadas”; v) “eu + demais venezuelanos” ou “eu + minha filha” (em relação aos planos futuros).</li> <li>- 3ª pessoa: no singular ou no plural – <i>ele(s)</i> = sobretudo para falar do trágico contexto na Venezuela e de como isso afeta a população.</li> <li>- Em outros momentos da narrativa: oposição entre <i>eles</i> (nativos) e <i>eu/nós</i> (migrante(s)).</li> <li>- <i>Eles</i> (nativos) com valorização positiva, sobretudo quando a enunciadora narra sua experiência em Belo Horizonte.</li> </ul> </li> </ul>
--	--

Apresentamos, a seguir, as informações sobre a terceira venezuelana que integra o *corpus* desta pesquisa, bem como sua narrativa de vida.

#### 4.1.3. Mayerlin

<b>Nome:</b> Mayerlin (nome fictício)	<b>Gênero:</b> feminino
<b>Local de nascimento:</b> Caracas, fronteira com os estados de <u>Vargas</u> e <u>Miranda</u>	<b>Idade:</b> 41 anos
<b>Profissão anterior:</b> Supervisora de emergência	<b>Profissão atual:</b> Auxiliar de cozinha
<b>Data de chegada ao Brasil:</b> 06/07/2019, em Pacaraima	<b>Data de chegada a Belo Horizonte:</b> 07/01/2020
<b>Estatuto jurídico:</b> Residência temporária	<b>Data de realização da entrevista:</b> 10/02/2020
<b>Duração da entrevista:</b> 17 min 54 s	
<p>Me motivou sair da Venezuela em busca de uma melhor qualidade de vida. Em princípio, eu saí com minha filha. A ideia era vir até a fronteira, até Pacaraima, deixar a minha filha e regressar de volta a Caracas, porque minha filha é da comunidade LGBT, vinha com sua parceira, e pela insegurança que há na Venezuela não me atrevi a (deixar) que ela transitasse desde o oriente até a fronteira sem o apoio de um adulto que lhe guiasse. Mas fomos <b>roubadas</b> no terminal em Tigre, antes de chegar à Gran Sabana ficamos sem dinheiro. Éramos três mulheres sozinhas e uma menina de onze anos. E, uma vez já na fronteira não foi possível que eu regressasse a Venezuela, a Caracas, de imediato, porque não tinha</p>	

dinheiro. Ficamos na fronteira, em Pacaraima, num abrigo em Pacaraima, e ficamos aproximadamente uma semana **até** sair **para** Boa Vista e para chegar em Boa Vista.

E por que escolhemos Brasil? Oito meses depois continuo pensando, oito meses depois que já estou aqui no Brasil, continuo pensando que o Brasil tem a melhor economia da América do Sul e que tem o melhor potencial como país para quem quiser uma melhor qualidade de vida. É que as dificuldades que enfrentamos foram intensas, como já disse nos **roubaram** no terminal de Tigre, ficamos três mulheres sozinhas, abandonaram a gente antes de chegar a Gran Sabana e sem dinheiro, praticamente sem comida, tivemos que pedir carona, pegar fila na fronteira e chegar a Boa Vista. Foi difícil. E foi tudo um desafio chegar a Boa Vista e não ter dinheiro. Tornar-se alguém na situação de quem não tem dinheiro foi difícil, recolher lata, que foi as dificuldades. Tivemos que recolher lata, tivemos que juntar o lixo, pedir comida, pedir comida no mercado, pedir comida na rua. E, para mim, chegar ao Brasil e tudo o que vivi em Boa Vista foi uma escola de vida. Eu penso que depois que se passa por essa escola que é Boa Vista para os venezuelanos não se pode seguir sendo o mesmo, porque tem que melhorar como ser humano, tem que melhorar sua qualidade de vida. E, apesar de que eu recolhi comida, pedi comida, recolhi latas, comi arroz com feijão todos os dias, porque não comia outra coisa ou as comidas que preparam os missionários, os corajosos ficam para seguirmos em frente e conseguir essa melhor qualidade de vida que viemos buscar.

O sentimento dos brasileiros posso dizer que é cinquenta e cinquenta, uns nos recebem com os braços abertos, certo que se convertem em anjos, enquanto que outros estão indispostos, e em parte eu os entendo porque no caso específico de Boa Vista não estão preparados para uma migração tão intensa. E, além disso, uma grande parte da população venezuelana que chega a Boa Vista não está o melhor preparada para todo o impacto sócio econômico que tem a chegada dos venezuelanos a Boa Vista.

Foi difícil sim, foi difícil chegar a Boa Vista, foi difícil dormir no chão, dormir na rua, mas é uma escola de vida, é uma escola de fé e a fé ajudou muito. A mim eu gostaria de ter vindo com meu filho, este é o maior desafio que eu tenho nesse momento. É que meu filho não queria vir comigo. Mas não, eu, no momento, não penso em voltar à Venezuela, porque tenho muito que agradecer ao Brasil. Brasil, insisto, é uma escola de vida e como bênção a pessoa que nos recebeu em Pacaraima no dia que chegamos: “Para quem fazem as coisas bem, são bênçãos que recebem, e para quem fazem as coisas mal, colhem o que cultivam”. Eu, sim, penso que foi acertado. O que mais me impressiona é que, o que mais me dói é que meu filho não está comigo. Eu gostaria que ele desfrutasse das bênçãos que eu tenho recebido nessa terra. Daria a vida para que meu filho estudasse aqui, porque se penso que Brasil é o melhor, o país com melhor potencial na América do Sul, é melhor que meu filho estude aqui para que termine de crescer e faça-se um homem de bem. Mas eu penso que sim, foi acertado vir.

Esta minha viagem a Belo Horizonte foi toda uma aventura, porque entramos, conseguimos entrar num abrigo por causa da condição de minha filha e de sua parceira que são LGBT. Elas conseguiram um abrigo e para mim foi um desafio ir a um abrigo, porque eu não queria. É porque eu consegui o meu parceiro aqui no Brasil e não queria deixá-lo sozinho na rua, dormindo na rua, mas, no entanto, ele me disse assim:

— Você, vá para o abrigo, porque, se sair a viagem para mim, você vai ficar sozinha na rua.

Então entramos no abrigo e, no entanto, eu ia e ficava com ele duas ou três vezes por semana e às vezes até mais.

Estou muito agradecida. Estou muito agradecida com todos os anjos que Deus pôs em meu caminho, porque foram muitas as bênçãos. E minha viagem foi quando chegou quinze de novembro, e eu não tinha nenhuma esperança de viagem. Eu disse ao meu Deus:

— Vou ficar aqui em dezembro?

Porque eu pensava que meu parceiro ia viajar antes que eu, e me inscrevi num curso, através do serviço dos J., e eu lhes perguntei por mulheres solteiras e sem filhos. Minha filha já tem dezenove anos e tem sua família em Boa Vista e meu parceiro sempre me dizia:

— Mayerlin, não pare por mim. Se lhe aparecer uma boa oportunidade, aproveita.

E assim foi. Me inscrevi e isso começou a caminhar a partir de vinte de novembro, a viagem para cá, para Belo Horizonte. Eu não pensava em vir para Belo Horizonte porque eu sou amante das praias e sempre dizia:

— Ah, Belo Horizonte...

Dizia:

— Não, se Deus está me colocando lá é por lá. Além disso, tenho a Bahia, tenho o Espírito Santo, tenho o Rio de Janeiro, tenho São Paulo, próximos, em comparação a quando estava em Boa Vista.

E lá se foi. Numa conversa comigo, me disse:

— Bom, a decisão que estou tomando, se dentro dessas oitenta mulheres que se cadastraram estou eu é porque você quer que eu continue no Brasil.

Porque eu tentei regressar a minha Venezuela, e cada vez que eu tentava Deus me colocava um não e me dizia “siga adiante” e assim que eu ficava. Mas, com tudo e, fiquei surpreendida quando eu fui e perguntei a X e lhe disse:

— X, é que eu quero saber se eu estou.

E ele me disse:

— Sim, eu notifiquei ao abrigo que você está na viagem.

E minha gente me dizia:

— Uau, menos mal que é você a que se vai.

Minhas amizades me diziam:

— Olha, já que não sei o resultado, você é a primeira que vai.

Efetivamente minha filha está, todavia, em Brasil, em Boa Vista, e meu parceiro chegou a Curitiba faz uma semana apenas. Mas sim, temos planos, em nome de Deus, de ficarmos aqui, no Brasil. Não sei se ficarei aqui em Belo Horizonte, não sei se vou para Curitiba, porque o filho do meu parceiro está lá, mas sim no Brasil. Eu, sim, cada vez que eu penso no meu futuro, cada vez que eu penso no futuro de meus filhos, no futuro dos meus pais, no futuro de meu sobrinho, eu me vejo no Brasil, porque eu vejo que aqui há uma qualidade de vida para quem trabalha, para quem estuda, para quem se compromete, para quem quer seguir à frente e fazer as coisas bem. Brasil te dá a oportunidade de ter essa melhor qualidade de vida, por isso eu vim ao Brasil. E em comparação à vida que eu tinha na Venezuela, se colocar numa balança a vida que tenho agora é uma grande benção. Cada dia de minha vida dou graças a Deus, porque minha vida aqui é uma grande benção. Indiferentemente de que às vezes eu escuto um brasileiro dizendo que não, que as coisas não estão bem, vocês têm uma benção de país. Os brasileiros têm uma benção de país e espero que cresçam como cidadão e que saibam aproveitar essa benção que tem de país, porque aqui as coisas, em comparação a Venezuela, funcionam muito, muito melhor. Há coisas que não, como tudo. Mas eu acredito que se o cidadão faz a sua parte consegue essa qualidade de vida, essa qualidade de vida que um bom cidadão sim merece, por isso eu aposto pelo Brasil. Sigo amando minha Venezuela, mas aqui eu tenho a fé, a esperança de que aqui vou conseguir uma melhor qualidade de vida para mim e para minha família, para meus pais, para meu sobrinho e estou agradecida. Digo isso em todo momento, porque Brasil é o único país da América do Sul que disse:

— Irmãos venezuelanos, aqui estamos.

Vocês aqui tem um apoio, que talvez não é o apoio que todos venezuelanos esperam, mas tem um apoio, porque nos orientam com tudo. E difícil que era em Boa Vista, tínhamos proteção militar, tínhamos comida, os missionários, a Igreja Católica, a Igreja Evangélica, os Mórmons, a Igreja Adventista. Fazem um bom trabalho que se o imigrante que chega faz a sua parte segue em frente. E, como exemplo, quer melhor exemplo que estas dezenove mulheres que estamos aqui?

Em relação a minha Venezuela, é que eu sigo tendo fé na minha Venezuela, mas sei que é um trabalho a longo prazo, porque está em processo de aprendizagem muito profundo, e o cidadão que está lá, uma grande parte é um cidadão conformista, que se acostumou às dádivas. Não entende que uma ajuda é um suporte para avançar, mas pensam que essa ajuda é suficiente. Então, minha Venezuela, sim, vai melhorar, mas vai passar um longo tempo. E muitas vezes acusam a nós, os venezuelanos que estamos fora, de que abandonamos a Venezuela, mas não, temos muitos venezuelanos colocando o nome da Venezuela no alto. Somos muitos os venezuelanos que estamos fora trabalhando, colocando o nome de nossa Venezuela no alto e com a esperança de regressar talvez não, vão ficar, porque já a Venezuela que deixamos não é a mesma que nós estamos acostumados. E mais que costume é toda a aprendizagem que significa o processo do imigrante. Há pessoas que dizem que vão voltar, há pessoas que dizem que não vão voltar, mas, tanto os que estão lá como os que estamos aqui queremos uma melhor Venezuela, mas temos que trabalhar para isso e estar consciente que é como um adolescente rebelde, tem que cumprir esse processo para que possa fazer-se adulto e ser grande de novo, porque minha terra é grande, mas, bom, como eu sempre digo: temos que fazer a nossa parte, tomar consciência.

Se eu **puder dar** uma mensagem às mulheres venezuelanas é que, por favor, tomem consciência na hora de ter filhos. Uma das coisas que mais me impressiona de ver aqui **em** Belo Horizonte é que se eu vou pela rua não vejo tantas crianças. Em Caracas se caminha e são só crianças por todos os lados. Estando em Boa Vista era impressionante, por exemplo, quando eu ia a uma consulta e diziam:

— Quantos filhos tem?

Eu dizia:

— Eu tenho dois filhos.

— Sério? E não está grávida?

— Não, não estou grávida.

— Sério que não está grávida?

— Não, não estou grávida.

Então uma das principais mensagens que eu deixo às mulheres venezuelanas é que tomemos consciência, porque temos que pensar bem, aprender e tomar como exemplo a mulher brasileira, que não se enche de filhos e nesse aspecto o principal exemplo tem sido aqui em Belo Horizonte, porque eu dizia a minhas companheiras quando chegamos:

— Vocês não se dão conta que quase não se vêem crianças na rua?

E sei que aqui no Brasil há crianças em situação de rua, porque sim há, mas jamais comparado à situação em Venezuela, que lamentavelmente a mulher venezuelana não tem tomado consciência com respeito a isso e nós somos muito irresponsáveis no tema. E isso se comprova em Boa Vista. Em Boa Vista há mulheres com cinco, sete, nove crianças e lamentavelmente como vai melhorar a Venezuela se a nossa semente não lhe estamos dando a atenção apropriada? Então para que melhore a Venezuela nós, como cidadãos, tanto cidadãos brasileiros como cidadãos venezuelanos, temos que melhorar e tomar consciência.

Quando conversamos com Mayerlin, ela estava no Brasil havia sete meses. A migrante venezuelana relata que, a princípio, sua intenção era acompanhar sua filha e a companheira dela, que estavam migrando para o Brasil, até a fronteira em Pacaraima, para protegê-las da violência que poderiam sofrer por pertencerem à comunidade LGBT, e depois regressar à Caracas. Contudo, pelo fato de terem sido roubadas nesse percurso, ela não teve dinheiro para voltar; teve que seguir para Pacaraima e depois para Boa Vista.

Ela revela que escolheram o Brasil devido à economia (que avalia como a melhor da América do Sul) e ao potencial do país. Narra as dificuldades que vivenciou, sem dinheiro, em Boa Vista, e o tratamento recebido dos brasileiros, os quais, segundo ela, metade são receptivos e a outra metade, não. Mayerlin afirma que seu maior desafio atualmente é trazer seu filho para o Brasil. Fala, por fim, da sua “viagem” para Belo Horizonte e do apoio que o Brasil oferece aos migrantes venezuelanos.

Diferentemente das entrevistadas anteriores, Mayerlin inicia seu relato de forma direta, sem se apresentar. Conjecturamos que seja pelo fato de seu “estatuto de enunciadora” já estar pressuposto (assim como o da destinatária), o que dispensaria apresentações. Identificamos outras “representações de si” (*éthos* dito) na narrativa, como, por exemplo: de adulta: “não me atrevi a (deixar) que ela transitasse desde o oriente até a fronteira sem o apoio de *um adulto* que lhe guiasse”; de mulher: “*Éramos três mulheres* sozinhas”; de pessoa sem posses (sem dinheiro): “Tornar-se *alguém na situação de quem não tem dinheiro* foi difícil”; de uma pessoa corajosa: “os *corajosos* ficam para *seguirmos* em frente e conseguir essa melhor qualidade de vida que viemos buscar”; de uma pessoa abençoada: “Eu gostaria que ele desfrutasse das *bênçãos que eu tenho recebido nessa terra*”; de uma pessoa que possui um parceiro: “eu consegui o *meu parceiro* aqui no Brasil”; de mãe, filha e tia: “cada vez que eu penso no futuro de *meus filhos*, no futuro dos *meus pais*, no futuro de *meu sobrinho*”; de irmã venezuelana: “Brasil é o único país da América do Sul que disse: — *Irmãos venezuelanos*, aqui estamos”; de

mulher interiorizada: “quer melhor exemplo que estas *dezenove mulheres que estamos aqui?*”; de uma venezuelana que tem honrado o nome do seu país natal: “*temos muitos venezuelanos colocando o nome da Venezuela no alto*”; de cidadã: “*nós, como cidadãos, tanto cidadãos brasileiros como cidadãos venezuelanos, temos que melhorar e tomar consciência*”; de uma pessoa que possui amigos: “*minhas amizades me diziam*”.

Sobre o plano dos temas, Mayerlin inicia sua narrativa de vida com o tema imposto “motivo de sair da Venezuela”: “Me motivou sair da Venezuela em busca de uma melhor qualidade de vida”. Nesse caso, o tema em pauta está diretamente relacionado a outro tema imposto: “trajetória para o Brasil”, pois, conforme já comentamos, a enunciadora inicialmente iria até a fronteira em Pacaraima somente para acompanhar sua filha e a parceira dela, mas, pelo fato de terem sido roubadas durante o percurso, ela não conseguiu voltar para Caracas por falta de dinheiro, prosseguindo até Boa Vista em busca de uma melhor qualidade de vida.

Mayerlin, em seu relato, diferentemente do esperado, tendo em vista que a questão geral da entrevista é “Conte-me como você vivia antes e como vive atualmente, ou seja, eu gostaria de saber como era sua vida na Venezuela e como tem sido aqui no Brasil”, não nos fornece muitas informações sobre a situação na Venezuela (como faz, por exemplo, Valéria), silenciando-se, de certa forma, sobre esse tema imposto:

(1) (...) pela *insegurança que há na Venezuela* não me atrevi a (deixar) que ela transitasse desde o oriente até a fronteira sem o apoio de um adulto que lhe guiasse. Mas fomos **roubadas** no terminal em Tigre, antes de chegar à Gran Sabana ficamos sem dinheiro.

(2) Em relação a *minha Venezuela*, é que eu sigo tendo fé na minha Venezuela, mas sei que *é um trabalho a longo prazo*, porque está em *processo de aprendizagem muito profundo*, e o cidadão que está lá, *uma grande parte é um cidadão conformista, que se acostumou às dádivas*. Não entende que uma ajuda é um suporte para avançar, mas pensam que essa ajuda, com essa ajuda é suficiente. Então, *minha Venezuela, sim, vai melhorar, mas vai passar um longo tempo (...) a Venezuela que deixamos não é a mesma que nós estamos acostumados*.

Por meio dos excertos (1) e (2), percebemos que a Venezuela não é um país seguro, pois a enunciadora estava com receio de deixar que a filha e sua companheira, pertencentes à comunidade LGBT, transitassem sozinhas até a fronteira com o Brasil. Além disso, conforme conta, elas foram roubadas no percurso, ainda em território venezuelano. Mayerlin discorre sobre a “situação na Venezuela” de forma mais geral – até mesmo vaga – e figurativa: “Em relação a *minha Venezuela*, é que eu sigo tendo fé na

*minha Venezuela*, mas sei que é um trabalho a longo prazo, porque *está em processo de aprendizagem muito profundo*”. No plano do vocabulário, percebemos que a migrante se refere à Venezuela utilizando, junto ao nome do país, um pronome possessivo (*minha Venezuela*), o que revela carinho e afeto.

Ainda, no que tange à “trajetória para o Brasil”, ela revela:

(3) É que as *dificuldades* que enfrentamos foram *intensas*, como já disse nos *roubaram* no terminal de Tigre, ficamos três mulheres *sozinhas*, *abandonaram* a gente antes de chegar a Gran Sabana e *sem dinheiro*, praticamente *sem comida*, tivemos que pedir carona, pegar fila na fronteira e chegar a Boa Vista. *Foi difícil*.

Em (3), Mayerlin utiliza muitos termos e enunciados axiológicos negativamente para descrever o processo de deslocamento, como: “dificuldades (intensas)”, “roubaram”, “sozinhas”, “abandonaram”, “sem dinheiro”, “sem comida”, “pegar fila na fronteira”, culminando com o índice de avaliação “(foi) difícil”. Como vimos também nas narrativas de vida de Edelmira e de Valéria, esse item lexical, dada a sua recorrência, torna-se uma espécie de palavra-chave ou de “ponto de cristalização semântica” (MAINGUENEAU, 2008) no discurso dos migrantes – no caso deste trabalho, dos migrantes venezuelanos que rumam para o Brasil.

A locutora explica o “motivo de ter escolhido o Brasil” (tema específico):

(4) *Oito meses depois continuo pensando, oito meses depois que já estou aqui no Brasil, continuo pensando* que o Brasil tem a melhor economia da América do Sul e que tem o melhor potencial como país para quem quiser uma melhor qualidade de vida.

Por meio da reiteração da sentença “oito meses depois continuo pensando”, ela confirma que sua ideia de um país promissor prevalece. No entanto, de acordo com o *ranking* global divulgado anualmente pelo “Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento” (PNUD/ONU) referente a 2019 (ano de chegada de Mayerlin ao Brasil), o Brasil ocupava o 6º lugar com relação ao IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) entre os países da América do Sul: “1º Chile – 0.851 (43º no mundo); 2º Argentina – 0.845 (46º no mundo); 3º Uruguai – 0.817 (55º no mundo); 4º Peru – 0.777 (79º no mundo); 5º Colômbia – 0.767 (83º no mundo); e 6º Brasil – 0.765 (84º no

... mundo)<sup>89</sup>”. Esse *ranking* mede, em suma, o progresso de 189 países com relação a três indicadores: renda, educação e saúde. Logo, vemos que, comparativamente a outros países da América do Sul, a situação do Brasil não é tão animadora como Mayerlin faz crer. Reafirmamos, contudo – assim como na discussão sobre a narrativa de vida de Edelmira –, que, na perspectiva da ADF, não nos importa se a narrativa de vida se baseia (ou não) na realidade. Antes, nosso interesse é o esforço do sujeito para (se) narrar.

Mayerlin aborda, posteriormente, o subtema imposto “situação em Roraima”, mais especificamente em Boa Vista, pois a respeito de Pacaraima ela se limita a dizer: “Ficamos na fronteira, em Pacaraima, num abrigo em Pacaraima, e ficamos aproximadamente uma semana **até sair para** Boa Vista e para chegar em Boa Vista”. Sobre a capital de Roraima, ela relata:

(5) *E foi tudo um desafio chegar a Boa Vista e não ter dinheiro. Tornar-se alguém na situação de quem não tem dinheiro foi difícil, recolher lata, que foi as dificuldades. Tivemos que recolher lata, tivemos que juntar o lixo, pedir comida, pedir comida no mercado, pedir comida na rua. E, para mim, chegar ao Brasil e tudo o que vivi em Boa Vista foi uma escola de vida. Eu penso que depois que se passa por essa escola que é Boa Vista para os venezuelanos não se pode seguir sendo o mesmo, porque tem que melhorar como ser humano, tem que melhorar sua qualidade de vida. E, apesar de que eu recolhi comida, pedi comida, recolhi latas, comi arroz com feijão todos os dias, porque não comia outra coisa ou as comidas que preparam os missionários, os corajosos ficam para seguirmos em frente e conseguir essa melhor qualidade de vida que viemos buscar.*

(6) O sentimento dos brasileiros posso dizer que é cinquenta e cinquenta, uns nos recebem com os *braços abertos*, certo que se convertem em anjos, enquanto que outros estão indispostos, e em parte eu os entendo porque *no caso específico de Boa Vista não estão preparados para uma migração tão intensa*. E, além disso, uma grande parte da população venezuelana que chega a Boa Vista não está o melhor preparada para todo o impacto sócio econômico que tem a chegada dos venezuelanos a Boa Vista.

(7) *Foi difícil sim, foi difícil chegar a Boa Vista, foi difícil dormir no chão, dormir na rua, mas é uma escola de vida, é uma escola de fé e a fé ajudou muito.*

(8) (...) conseguimos entrar num abrigo por causa da condição de minha filha e de sua parceira que são LGBT. Elas conseguiram um abrigo e para mim foi um desafio ir a um abrigo, porque eu não queria. *É porque eu consegui o meu parceiro aqui no Brasil e não queria deixá-lo sozinho na rua, dormindo na rua*, mas, no entanto, ele me disse assim:  
— Você, vá para o abrigo, porque se sair a viagem para mim você vai ficar sozinha na rua.  
Então entramos no abrigo e, no entanto, eu ia e ficava com ele duas ou três vezes por semana e às vezes até mais.

---

<sup>89</sup> Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/brasil/cidades/brasil-perde-cinco-posicoes-no-ranking-de-idh-da-onu,442ad7e7a7d768872403d120f4a3464dz3n7m7m4.html>>. Acesso em: 28 abr. 2021.

(9) Vocês aqui tem um apoio, que talvez não é o apoio que todos venezuelanos esperam, mas tem um apoio, porque nos orientam com tudo. E difícil que era em Boa Vista, tínhamos proteção militar, tínhamos comida, os missionários, a Igreja Católica, a Igreja Evangélica, os Mórmons, a Igreja Adventista. Fazem um bom trabalho que se o imigrante que chega faz a sua parte segue em frente.

Em (5) e (7), Mayerlin faz uso de muitos termos e enunciados axiologizados negativamente (com algumas repetições enfáticas), para descrever sua situação na capital de Roraima: “foi tudo um desafio”, “não ter dinheiro”, “tornar-se alguém na situação de quem não tem dinheiro”, “foi difícil”, “recolher lata”, “dificuldades”, “tivemos que juntar o lixo”, “pedir comida”, “pedir comida no mercado”, “pedir comida na rua”, “recolhi comida”, “pedi comida”, “recolhi latas”, “comi arroz com feijão todos os dias”, “dormir no chão”, “dormir na rua”. Cabe observar que esses enunciados, compondo um conjunto de situações precárias (diríamos mesmo, sub-humanas) vivenciadas pela migrante, criam um efeito patêmico no interlocutor, permitindo-lhe visualizar as cenas comoventes descritas por ela. Diante disso, comprovamos que os migrantes venezuelanos têm buscado condições mínimas de vida no Brasil (RIBAS, 2018), ainda que a violação de seus direitos fundamentais continue ocorrendo.

Apesar dos fatos descritos, Mayerlin revela-se resiliente, ao afirmar que tudo o que passou em Roraima foi uma “escola de vida” e uma “escola de fé”. No âmbito do plano do vocabulário, considerando que, dentre as acepções do termo “escola”, temos: “Soma de conhecimentos; sabedoria, saber; Conhecimento adquirido na experiência prática, na vida; vivência; Algo que é próprio para instruir, para preparar ou acumular conhecimento; experiência<sup>90</sup>”, percebemos que, para a enunciativa, as experiências pelas quais passou em Roraima ensinaram-lhe muito sobre a vida e reforçaram sua fé. Dito isso, ela extrai algo positivo do que vivenciou. Afirma que apesar de todas as adversidades vivenciadas, “os corajosos ficam”, a fim de alcançar uma melhor qualidade de vida. Chama a atenção aqui o deslizamento que ocorre entre a 3ª. pessoa do plural – “os corajosos ficam” – e a 1ª do plural: “para (nós) seguirmos em frente”, mostrando que Mayerlin se insere no grupo daqueles (corajosos) que, apesar de todas as dificuldades, persistem.

Em (6), a enunciativa fala da recepção aos venezuelanos em Boa Vista, destacando, por um lado, o estereótipo da cordialidade brasileira (“acolher de braços

---

<sup>90</sup> Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=escola>>. Acesso em: 29 abr. 2021.



abertos”) e, por outro lado, um certo mal-estar (“indispostos”) manifestado pelos moradores devido à significativa migração venezuelana e aos impactos socioeconômicos causados à capital de Roraima, questão também abordada por Valéria. Em (8), por exemplo, vemos que não há abrigo para todos os venezuelanos, sendo necessário que alguns durmam na rua. Nesse sentido, confirmamos a real necessidade da estratégia de interiorização, já que ela foi criada exatamente com o objetivo de diminuir o impacto do número de solicitantes de refúgio e migrantes venezuelanos em Roraima, além de oportunizar integração e ingresso no mercado de trabalho e de fomentar o crescimento de novas comunidades de acolhida.

No excerto (9), diferentemente do que vimos nas narrativas de vida anteriores (de Edelmira e de Valéria), Mayerlin elogia o apoio recebido pelos venezuelanos inclusive em Boa Vista, apesar das dificuldades: “E difícil que era em Boa Vista, tínhamos proteção militar, tínhamos comida, os missioneiros, a Igreja Católica, a Igreja Evangélica, os Mórmons, a Igreja Adventista. Fazem um bom trabalho que se o imigrante que chega faz a sua parte segue em frente”. Ademais, elogia a estratégia de interiorização: “(...) quer melhor exemplo [de apoio e de que fazem um bom trabalho] que estas dezenove mulheres que estamos aqui?”.

Sobre o tema (específico) envolvendo a estratégia de interiorização, de forma similar à sua migração para o Brasil que, a princípio, não foi planejada, Mayerlin nos revela que também não planejava ir para a capital mineira, já que gosta muito de praias:

(10) *Eu não pensava em vir para Belo Horizonte porque eu sou amante das praias e sempre dizia:*

— Ah, Belo Horizonte...

Dizia:

— Não, *se Deus está me colocando lá é por lá*. Além disso, tenho a Bahia, tenho o Espírito Santo, tenho o Rio de Janeiro, tenho São Paulo, próximos, em comparação a quando estava em Boa Vista.

E lá se foi. Numa conversação comigo, me disse:

— Bom, a decisão que estou tomando, *se dentro dessas oitenta mulheres que se cadastraram estou eu é porque você quer que eu continue no Brasil.*

*Porque eu tentei regressar a minha Venezuela, e cada vez que eu tentava Deus me colocava um não e me dizia “siga adiante” e assim que eu ficava.*

Apesar de ter se cadastrado, percebemos que Mayerlin delega a responsabilidade de sua interiorização a Deus: “se Deus está me colocando lá é por lá”. Nesse viés, até mesmo a ida para Belo Horizonte especificamente – e não para outra cidade preferencialmente praiana – torna-se um desígnio divino. Outrossim, ela atribui a Deus a responsabilidade por sua permanência no Brasil: “se dentro dessas oitenta mulheres que

se cadastraram estou eu é porque você quer que eu continue no Brasil”. Ocorre aqui um curioso simulacro de diálogo da migrante com Deus, o que será retomado adiante (no âmbito do discurso direto). De forma similar a Edelmira (que pensou em regressar para a Venezuela), Mayerlin já tinha tentando retornar a seu país, como ela mesma conta no final de (10).

Ressaltamos que, em relação ao tema imposto “situação no Brasil” (ligada à questão 3 do roteiro de entrevista: Como tem sido sua experiência como refugiado/migrante no Brasil?), diferentemente das entrevistadas anteriores, Mayerlin fala pouco do subtema “situação em Belo Horizonte” (como vimos, a ida para a capital mineira soa como desígnio divino na fala da migrante). Além disso, muitas vezes, ela faz uma abordagem mais geral, abarcando, portanto, os dois contextos (Roraima e Belo Horizonte) na situação mais ampla do país, como vemos a seguir:

(11) Brasil te dá a oportunidade de ter essa melhor qualidade de vida, por isso eu vim ao Brasil. E *em comparação à vida que eu tinha na Venezuela, se colocar numa balança a vida que tenho agora é uma grande benção*. Cada dia de minha vida dou graças a Deus, porque *minha vida aqui é uma grande benção. Indiferentemente de que às vezes eu escuto um brasileiro dizendo que não, que as coisas não estão bem, vocês têm uma benção de país*. Os brasileiros têm uma benção de país e espero que cresçam como cidadão e que saibam aproveitar essa benção que tem de país, *porque aqui as coisas, em comparação a Venezuela, funcionam muito, muito melhor*. Há coisas que não, como tudo. Mas eu acredito que se o cidadão faz a sua parte consegue essa qualidade de vida, essa qualidade de vida que um bom cidadão sim merece, por isso eu aposto pelo Brasil.

(12) (...) Brasil é o único país da América do Sul que disse:  
— Irmãos venezuelanos, aqui estamos.

Apesar de não fornecer muitas informações sobre a “situação na Venezuela”, silenciando, de certo modo, esse tema imposto (conforme já apontamos), no excerto (11), ao estabelecer comparações entre a sua vida na Venezuela e no Brasil, Mayerlin nos permite dimensionar o quão crítica está a situação daquele país, considerando todas as dificuldades descritas por ela em solo brasileiro. De qualquer forma, (11) reafirma a religiosidade do povo venezuelano, como vimos também nas narrativas de vida já analisadas. Outro aspecto que chama a atenção nesse excerto é o apelo direto que Mayerlin faz aos brasileiros (tomados como “vocês”) para que valorizem o país que têm (“vocês têm uma benção de país”).

Em (12), mais uma vez, vemos uma supervalorização do Brasil, em detrimento de outros países sul americanos. Considerando, como já mencionamos, que o Brasil está em

sexta posição entre os países que concederam autorizações de residência e permanência regular aos venezuelanos, estando atrás da Colômbia, do Peru, do Chile, da Argentina e do Equador – todos países sul americanos –, ele não seria o mais receptivo, como é apontado em (12). Além disso, Mayerlin, partindo da comparação entre Belo Horizonte e Caracas (em um dos raros comentários que faz sobre a capital mineira), também supervaloriza a mulher brasileira em relação à venezuelana no tocante ao tema (específico) “controle da natalidade”, como vemos em (13):

(13) Então uma das principais mensagens que eu deixo às mulheres venezuelanas é que tomemos consciência, porque temos que pensar bem, aprender e *tomar como exemplo a mulher brasileira, que não se enche de filhos* e nesse aspecto o principal exemplo tem sido aqui em Belo Horizonte (...) E sei que aqui no Brasil há crianças em situação de rua, porque sim há, mas jamais comparado à situação em Venezuela, que *lamentavelmente a mulher venezuelana não tem tomado consciência com respeito a isso e nós somos muito irresponsáveis no tema.*

Quanto ao tema imposto “planos”, diz Mayerlin:

(14) (...) *temos planos, em nome de Deus, de ficarmos aqui, no Brasil.* Não sei se ficarei aqui em Belo Horizonte, não sei se vou para Curitiba, porque o filho do meu parceiro está lá, *mas sim no Brasil.* Eu, sim, cada vez que eu penso no meu futuro, cada vez que eu penso no futuro de meus filhos, no futuro dos meus pais, no futuro de meu sobrinho, eu me vejo no Brasil, porque eu vejo que aqui há uma qualidade de vida para quem trabalha, para quem estuda, para quem se compromete, para quem quer seguir à frente e fazer as coisas bem.

Como vemos, os planos da migrante não são individuais, mas coletivos. Ela inclui seu parceiro e afirma que pretende continuar no Brasil, tendo como motivação seus familiares. Aliás, das três migrantes cujos relatos foram analisados até aqui, Mayerlin é a que nos parece mais determinada a permanecer no Brasil. Além disso, revela a vontade de estar com o filho, que, ao que tudo indica, permanece ainda na Venezuela. Novamente, Mayerlin, em (16), enaltece as potencialidades do Brasil para justificar a vinda do filho:

(15) *A mim eu gostaria de ter vindo com meu filho, este é o maior desafio que eu tenho nesse momento.* É que meu filho não queria vir comigo.

(16) O que mais me impressiona é que, o que *mais me dói* é que meu filho não está comigo. *Eu gostaria que ele desfrutasse das bênçãos que eu tenho recebido nessa terra.* Daria a vida para que meu filho estudasse aqui, porque se penso que Brasil é o melhor, o país com melhor potencial na América do Sul, é melhor que meu filho estude aqui para que termine de crescer e faça-se um homem de bem.

Percebemos, assim, mais uma vez, o colapso permanente do tecido social (RIBAS, 2018) que afeta os venezuelanos, pois, além de Mayerlin estar longe do filho, a separação de familiares continua a ocorrer em solo brasileiro: sua filha e a companheira dela ficaram em Boa Vista, seu companheiro e o filho dele estão em Curitiba, enquanto ela está em Belo Horizonte, sendo seu destino futuro incerto. No âmbito do vocabulário, destacamos a utilização do termo “desafio” para caracterizar a ação da enunciativa de trazer o filho para o Brasil. Dentre os significados desse termo, temos: “Situação ou problema cujo enfrentamento demanda esforço e disposição firme; Ato de instigar alguém a realizar algo que supostamente está acima da sua capacidade<sup>91</sup>”. A partir daí, podemos pensar que, para Mayerlin, caracterizar a ação de trazer o filho para o Brasil como um “desafio”, tem, principalmente, duas motivações: 1) o fato de ele não querer migrar (pelo menos inicialmente, como revela (15)); 2) o fato de a enunciativa saber, a partir de sua própria experiência, que o processo de migração para o Brasil não é fácil. A separação do filho é avaliada como *dolorosa*: “o que mais dói é que meu filho não está comigo”. Além disso, a enunciativa afirma que “daria a vida” para que ele estudasse no Brasil, reafirmando, assim, os fortes laços afetivos que os unem e que, possivelmente, tornam a separação ainda mais difícil.

Identificamos, no relato de Mayerlin, que através do “modo de enunciação”, ela constrói um *éthos* de pessoa forte e resiliente, disposta a enfrentar os obstáculos que se interpõem no seu caminho, esforçando-se, inclusive, para aceitar os desígnios divinos (como observamos anteriormente, ela atribui a Deus grande parte de seu direcionamento no percurso migratório). Assim, em um primeiro momento, ela nos conta que, diante da impossibilidade de retorno a Caracas, conforme havia planejado, resolveu buscar uma vida melhor em Boa Vista; e, de forma similar, apesar de inicialmente não ter uma pretensão de ir para Belo Horizonte, como foi a oportunidade que estava disponível, aceitou. Apesar de todos os percalços vividos no Brasil, sobretudo em Boa Vista (que incluem dormir na rua, catar lixo, etc.), a enunciativa ainda se mantém otimista.

Sobre o plano da intertextualidade (em sentido mais amplo), Mayerlin convoca, com frequência, o discurso religioso: “— Não, se Deus está me colocando lá é por lá”; “Mas sim, temos planos, em nome de Deus, de ficarmos aqui, no Brasil”; “Cada dia de minha vida dou graças a Deus, porque minha vida aqui é uma grande benção”. Além disso, faz alusão ao discurso econômico: “(...) o Brasil tem a melhor economia da

---

<sup>91</sup> Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=desafio>>. Acesso em: 29 abr. 2021.

América do Sul e que tem o melhor potencial como país para quem quiser uma melhor qualidade de vida”.

A enunciadora faz uso de intertexto, quando cita um ditado popular: “Para quem fazem as coisas bem, são bênçãos que recebem, e para quem fazem as coisas mal, colhem o que cultivam”. Já no âmbito do discurso direto, recurso que Mayerlin também mobiliza, constatamos que ela simula interlocuções: i. com seu parceiro: “(...) ele me disse assim: — Você, vá para o abrigo, porque se sair a viagem para mim você vai ficar sozinha na rua”; “(...) meu parceiro sempre me dizia: — Mayerlin, não pare por mim. Se lhe aparecer uma boa oportunidade, aproveita”; ii. com Deus, como já comentamos: “Eu disse ao meu Deus: — Vou ficar aqui em dezembro?”; “Porque eu tentei regressar a minha Venezuela, e cada vez que eu tentava Deus me colocava um não e me dizia “siga adiante” e assim que eu ficava”; iii. consigo mesma:

(17) (...) eu sou amante das praias e sempre dizia: — Ah, Belo Horizonte... Dizia: — Não, se Deus está me colocando lá é por lá. Além disso, tenho a Bahia, tenho o Espírito Santo, tenho o Rio de Janeiro, tenho São Paulo, próximos, em comparação a quando estava em Boa Vista. E lá se foi. Numa conversa comigo, me disse: — Bom, a decisão que estou tomando, se dentro dessas oitenta mulheres que se cadastraram estou eu é porque você quer que eu continue no Brasil.

Além disso, há simulacros de interlocução de Mayerlin iv. com um (provável) funcionário envolvido com a estratégia de interiorização e com pessoas próximas a ela: “Mas, com tudo e, fiquei surpreendida quando eu fui e perguntei a X e lhe disse: — X, é que eu quero saber se eu estou. E ele me disse: — Sim, eu notifiquei ao abrigo que você está na viagem. E minha gente me dizia: — Uau, menos mal que é você a que se vai”; v. com amigos: “Minhas amizades me diziam: — Olha, já que não sei o resultado, você é a primeira que vai”; vi. com as mulheres venezuelanas: “Se eu **puder dar** uma mensagem às mulheres venezuelanas é que, por favor, tomem consciência na hora de ter filhos”; vii. com profissionais da saúde: “Estando em Boa Vista era impressionante, por exemplo, quando eu ia a uma consulta e diziam: — Quantos filhos tem? Eu dizia: — Eu tenho dois filhos. — Sério? E não está grávida? — Não, não estou grávida. — Sério que não está grávida? — Não, não estou grávida”; e viii. com outras venezuelanas interiorizadas: “(...) eu dizia a minhas companheiras quando chegamos: — Vocês não se dão conta que quase não se vêem crianças na rua?”. Há ainda, no relato de Mayerlin, uma instigante fala em que o Brasil, personificado, dirige-se aos venezuelanos como irmãos: “(...) porque Brasil

é o único país da América do Sul que disse: — Irmãos venezuelanos, aqui estamos”, o que (super)valoriza o Brasil como país de acolhida, na ótica da venezuelana.

Com relação ao plano da dêixis enunciativa, o relato de Mayerlin se orienta/constrói em três momentos distintos: 1. Trajetória para o Brasil (percurso migratório), no passado; 2. Brasil, no passado e no presente; e 3. Venezuela, no presente e no futuro. No entanto, é relevante destacar que ela não segue uma ordem cronológica.

Quando Mayerlin nos conta sobre o primeiro momento (1. Trajetória para o Brasil, no passado), ela especifica com frequência o espaço, criando um efeito de credibilidade no relato: “Me motivou sair da *Venezuela*”, “Em princípio, eu saí com minha filha. A ideia era *vir até a fronteira, até Pacaraima*, deixar a minha filha e *regressar de volta a Caracas*”, “Mas fomos ***roubadas*** no terminal em Tigre, antes de chegar à Gran Sabana ficamos sem dinheiro”, “E, uma vez já *na fronteira* não foi possível que eu *regressasse a Venezuela, a Caracas*, de imediato, porque não tinha dinheiro. Ficamos *na fronteira, em Pacaraima, num abrigo em Pacaraima*, e ficamos aproximadamente uma semana ***até sair para Boa Vista*** e para *chegar em Boa Vista*”.

No segundo momento (2. Brasil, no passado e no presente, a enunciadora adota uma abordagem mais ampla no âmbito do espaço, discorrendo sobre o Brasil, e, em alguns momentos, de forma mais específica, sobre Boa Vista: “E, para mim, chegar ao *Brasil* e tudo o que vivi em *Boa Vista* foi uma escola de vida”. Cabe destacar, contudo, que, enquanto ela descreve o Brasil de forma positiva, ela o faz de forma negativa em relação a Boa Vista: “*Brasil* te dá a oportunidade de ter essa melhor qualidade de vida, por isso eu vim ao *Brasil*”; “(...) no caso específico de *Boa Vista* não estão preparados para uma migração tão intensa. E, além disso, uma grande parte da população venezuelana que chega a *Boa Vista* não está o melhor preparada para todo o *impacto sócio econômico que tem a chegada dos venezuelanos a Boa Vista*”. Por sua vez, Pacaraima, que é a cidade por onde a enunciadora ingressou ao Brasil, é apenas mencionada, como já apontamos. Ademais, como também comentamos, Mayerlin não discorre muito sobre a capital mineira; apenas assevera que não tinha a pretensão de migrar para essa cidade, demonstrando, ao mesmo tempo, um conhecimento sobre a localização dos estados próximos a ela: “Além disso, tenho a Bahia, tenho o Espírito Santo, tenho o Rio de Janeiro, tenho São Paulo, próximos, em comparação a quando estava em *Boa Vista*”.

Com relação ao terceiro momento – 3. Venezuela, no presente e no futuro –, Mayerlin aborda o espaço de forma mais figurativa (e afetiva): “Em relação a *minha Venezuela*, é que eu sigo tendo fé na *minha Venezuela*, mas sei que é um trabalho a longo

prazo, porque *está em processo de aprendizagem muito profundo*". Deixa também uma mensagem para as mulheres venezuelanas, quando compara o "aqui", em Belo Horizonte, com o "lá", em Caracas no tocante ao controle da natalidade, como vimos anteriormente: "Uma das coisas que mais me impressiona de ver *aqui em Belo Horizonte* é que se eu vou pela rua não vejo tantas crianças. Em *Caracas* se caminha e são só crianças por todos os lados".

Com relação à categoria do tempo, na narrativa de Mayerlin, os fatos não seguem uma ordem cronológica. Observamos, porém, que o momento 1 é mais marcado, de modo a facilitar a compreensão, pelo interlocutor, da sucessão das ações: "Em princípio", "antes de chegar", "aproximadamente uma semana **até** sair **para** Boa Vista".

No que tange à categoria de pessoa, o uso mais frequente é da primeira pessoa do singular. A enunciativa também faz uso da primeira pessoa do plural, "nós", para se referir a: "eu + minha filha + sua parceira": "*éramos* três mulheres sozinhas"; "eu + meu parceiro": "*temos* planos, em nome de Deus, de *ficarmos* aqui, no Brasil"; "eu + minha filha + a parceira dela + meu parceiro": "*tínhamos* proteção militar, *tínhamos* comida"; "eu + demais mulheres interiorizadas para Belo Horizonte": "quer melhor exemplo que estas dezenove mulheres que *estamos* aqui?"; "eu + cidadãos brasileiros + cidadãos venezuelanos": "então para que melhore a Venezuela *nós*, como cidadãos, tanto cidadãos brasileiros como cidadãos venezuelanos, *temos* que melhorar e tomar consciência, mas *temos* que trabalhar para isso"; "eu + demais venezuelanos em geral: "(...) tanto os que estão lá como os que *estamos* aqui *queremos* uma melhor Venezuela"; "eu + demais venezuelanos migrados", como mostra (18), em que ela, de certa forma, busca responder a um discurso antipatriótico (atribuído a um "eles" indeterminado: "muitas vezes acusam a nós") que considera os que migram como desertores ("abandonamos a Venezuela"):

(18) (...) muitas vezes acusam a *nós*, os *venezuelanos que estamos fora*, de que abandonamos a Venezuela, mas não, *temos* muitos *venezuelanos* colocando o nome da Venezuela no alto. *Somos* muitos os *venezuelanos* que *estamos* fora trabalhando, colocando o nome de nossa Venezuela no alto e com a esperança de regressar talvez não, vão ficar, porque já a Venezuela que *deixamos* não é a mesma que *nós estamos* acostumados.

Lembramos que a primeira pessoa do plural cria um efeito de identificação para com as demais pessoas incluídas nessa categoria. Além disso, há o uso do "você(s)" para se dirigir a um interlocutor, nos simulacros de diálogo. Seguem exemplos: "ele me disse assim: — *Você*, vá para o abrigo, porque se sair a viagem para mim *você* vai ficar sozinha

na rua” (o companheiro dirigindo-se a Mayerlin); “— Bom, a decisão que estou tomando, se dentro dessas oitenta mulheres que se cadastraram estou eu é porque *you* quer que eu continue no Brasil” (Mayerlin dirigindo-se a Deus); “*you*s têm uma benção de país” (Mayerlin dirigindo-se aos brasileiros).

A terceira pessoa (singular e plural), por sua vez, faz referência aos “objetos” e às personagens que compõem a narrativa, como, por exemplo: “os missioneiros”, “os corajosos”, “minha Venezuela”, “o cidadão”, “o processo do imigrante”, “pessoas”, “adolescente rebelde”, “adulto”, “a mulher brasileira”, “minhas companheiras”. Finalmente, destacamos o silenciamento sobre a citada “menina de onze anos”, pois a enunciadora não explica, em sua narrativa quem seria ela: “Éramos três mulheres sozinhas e uma *menina de onze anos*”.

Segue o quadro com a síntese da análise, antes de passarmos à narrativa de vida de Carlos, em 4.1.4:

<b>Quadro 6: Síntese da análise (Mayerlin)</b>	
Estatuto da enunciadora	Já pressuposto. Inicia seu relato de forma direta, sem se apresentar.
Representações de si ( <i>éthos dito</i> )	Adulta, mulher, pessoa que não tem dinheiro, pessoa corajosa, pessoa abençoada, pessoa que possui um parceiro, mãe, filha e tia, irmã venezuelana, mulher interiorizada, uma das venezuelanas que tem honrado o nome da Venezuela, cidadã, pessoa que possui amigos.
Temas • <i>Impostos</i> - <i>Específicos</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Motivo de sair da Venezuela relacionado a</li> <li>• Trajetória para o Brasil</li> <li>• Situação na Venezuela - silenciada</li> <li>- Motivo de ter escolhido o Brasil</li> <li>• Situação em Roraima (mais detalhadamente sobre Boa Vista)</li> <li>- Estratégia de Interiorização</li> <li>• Situação no Brasil</li> <li>- Controle da natalidade</li> <li>• Planos</li> </ul>
Vocabulário	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O item lexical “difícil” como palavra-chave no/do discurso.</li> <li>• Referência carinhosa à Venezuela: <i>minha Venezuela</i>.</li> <li>• Uso de termos e enunciados axiologizados negativamente para descrever o processo migratório e a situação em Boa Vista — efeito patêmico.</li> <li>• As expressões “escola de vida” e “escola de fé” – para caracterizar as experiências em Roraima.</li> <li>• Recepção aos venezuelanos em Boa Vista: estereótipo da cordialidade brasileira + certo mal-estar (“indispostos”).</li> </ul>



	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Comparações entre a vida na Venezuela e a vida no Brasil, permitindo dimensionar a crítica situação daquele país.</li> <li>• Utilização do termo “desafio”, sobretudo para caracterizar o processo de migração para o Brasil.</li> </ul>
Modo de enunciação	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Éthos</i> de pessoa forte e resiliente, disposta a enfrentar os obstáculos que se interpõem no seu caminho, aceitando, porém, os desígnios divinos (pessoa de fé).</li> <li>• Tom otimista, apesar dos percalços vividos.</li> </ul>
Intertextualidade	Discurso religioso e discurso econômico
Intertexto/ discurso direto	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ditado popular</li> <li>• Simulação de diálogo com vários interlocutores: o parceiro, Deus, ela mesma, um (provável) funcionário envolvido com a estratégia de interiorização, seus amigos, os venezuelanos em geral, os brasileiros, as mulheres venezuelanas, outras venezuelanas interiorizadas, etc.</li> <li>• Brasil (personificado) dirigindo-se aos venezuelanos como irmãos.</li> </ul>
Dêixis enunciativa	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Três momentos distintos: <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Trajetória para o Brasil (percurso migratório), no passado;</li> <li>2. Brasil, no passado e no presente;</li> <li>3. Venezuela, no presente e no futuro.</li> </ol> </li> <li>• Maior especificação do espaço em 1), o que cria um efeito de credibilidade. Abordagem mais ampla do espaço em 2): Brasil, e, em alguns momentos, de forma mais específica, Boa Vista (não há uma abordagem detalhada sobre Pacaraima); pouca informação a respeito de Belo Horizonte. Abordagem mais figurativa do espaço em 3).</li> <li>• Categoria do tempo: os fatos não seguem uma ordem cronológica. Em 1), o tempo é mais marcado (facilitar a compreensão do interlocutor).</li> <li>• Categoria de pessoa: uso mais frequente da primeira pessoa do singular. <ul style="list-style-type: none"> <li>- “Deslizamento para “nós”: “eu + minha filha + sua parceira”; “eu + demais venezuelanos”; “eu + meu parceiro”; “eu + minha filha + a parceira dela + meu parceiro”; “eu + demais mulheres interiorizadas para Belo Horizonte”; “eu + demais venezuelanos migrados”, eu + demais mulheres venezuelanas”; “eu + minhas companheiras”, etc.</li> <li>- “Você(s)”: para se dirigir ao interlocutor, nos simulacros de diálogo.</li> <li>- 3ª. terceira pessoa (singular e plural) para fazer referência aos “objetos” e às personagens que compõem a narrativa.</li> <li>- Silenciamento sobre a “menina de onze anos”.</li> </ul> </li> </ul>

Passemos, na sequência, para a narrativa de vida de Carlos.

## 4.1.4. Carlos

<b>Nome:</b> Carlos (nome fictício)	<b>Gênero:</b> masculino
<b>Local de nascimento:</b> Monagas	<b>Idade:</b> 22 anos
<b>Profissão anterior:</b> Estudante e trabalhador	<b>Profissão atual:</b> Estudante
<b>Data de chegada ao Brasil:</b> 23/01/2019 (em Boa Vista)	<b>Data de chegada a Belo Horizonte:</b> entre os dias 13 e 17 de junho de 2019 <sup>92</sup>
<b>Estatuto jurídico:</b> -	<b>Data de realização da entrevista:</b> 19/07/2019
<b>Duração da entrevista:</b> 16 min 40 s	

Bom, meu nome é Carlos. Lá na Venezuela vivia com meu pai. Não vivia mal na Venezuela, me parece que vivia muito bem por lá. Quando chegou este governo, tudo foi castigado no meu país. Minha mãe me pagava o estudo e eu estudava lá. Viajava, porque morava longe de onde estudava, morava há uma hora e meia. Pagava o que minha mãe me mandava para minha comida. Depois, a questão do país se pôs mais difícil e eu já tinha que trabalhar e ajudar meu pai com o estudo. Depois chegou um momento em que não pude seguir estudando, porque era muito caro, tudo estava muito caro e ninguém podia estudar. Já tinha que trabalhar sozinho para ajudar a minha mãe e a meu pai também ajudava. Ele encaminhava um a um, mas tinha que ajudar a família. Minha mãe fazia todo o possível para que seguissemos adiante, tinha que lutar por nós. Eu também decidi ajudá-la a trabalhar e ajudar.

Nós somos seis irmãos. Depois meu pai decidiu que viria para cá, para o Brasil, e lhe correu bem, foi só para conseguir pagar a comida, porque a coisa já estava muito difícil. Eu já não aguentava, não acostumava (com) a Venezuela e queria continuar estudando. O trabalho estava difícil e já não podiam todos trabalhar, porque já não tinha tempo para nada. E meu pai veio aqui ao Brasil, depois trabalhou, foi à Venezuela e, quando voltou, se via uma entrada para mim.

É que ali em Roraima, em Boa Vista, também foi difícil, porque o trabalho já estava caótico, muitos venezuelanos migraram por uma necessidade de meu país. E lá, não é que correu mal, mas tampouco correu bem, porque não havia trabalho fixo. Me colocavam como, (era) intenso, me colocavam como, não me encontravam a saída, me desesperava, e porque não conseguia trabalho meu pai tinha que enviar à minha família, à minha mãe, à minha irmã que estava estudando e à mais velha (que) estava a ponto de se graduar, e nada mais com os documentos. Não tinha (dinheiro) para tirar os seus documentos e isso nos deixava mal, porque para nós é algo difícil não ter para ajudar a nossa família, a minha irmã.

Então, decidimos lá, sim, ali em Boa Vista sim. (Não) tínhamos condições de nos custear (por) um ano ainda assim não. Não conseguimos trabalho e não tínhamos (como) resolver, mas sempre estavam com nós, sim, nos ajudavam sim. Nos apareciam coisas (boas) no caminho e tinha coisas que nunca tinha feito em minha vida e tinha que fazê-lo para seguir adiante. Tinha que perfurar pedra, gordura, por pouco dinheiro, muito pouco dinheiro, mas tinha que fazê-lo, porque tinha que resolver para manter minha família e seguir adiante.

Não, mas o que me cortou foi deixar meus estudos, porque eu sempre tive pensando em ser um profissional, ter uma meta, como que ter minha vida segura para minha família, para meus filhos, minha mulher e tive que sair de meu país para poder seguir adiante sem dinheiro nesse país que é o Brasil, que é muito bonito, eu tenho gostado bem das pessoas e é duro para um venezuelano sair de seu país. Eu realmente não estava querendo sair do meu país, mas nós, venezuelanos, temos que fazê-lo. Não tanto por nós, se não pela nossa família. E eu agora não tenho uma mulher, não tenho filhos, mas mais que tudo tenho lutado por minha mãe, por mim, por meu irmão, por minha irmã. Eu quisera já seguir estudando e ser um profissional, poder ser alguém na vida, para dar tudo à minha família, à minha mãe mais que tudo, que foi ela que me deu, a que me deu a vida. E isso me deixa um pouco mal, mas eu sei que vou ficar bem e vou seguir adiante. Temos que sempre estar focados no que queremos cumprir aqui.

Como continuei explicando, em Boa Vista, sendo da Venezuela, (era) um pouco duro o trabalho. Isso é por minha mãe. Até que, um dia, fui aos J. (organização) e fiz o cadastro para vir para cá, porque eu não tenho alguma saída. Fiz os papéis, vim para cá e agora estou aqui. Aqui minha meta é clara, quero alcançar meu sonho. Hoje sinto que posso alcançar o que eu quero. Minha meta: quero tirar minha mãe de lá da Venezuela. Não digo que não vou voltar, porque esta é a minha pátria, é minha Venezuela. Eu gostaria de voltar e ter minha família lá, meus filhos, minha esposa, tudo.

Mas às vezes sofremos, um venezuelano sofre, porque não é fácil sair de seu país. Às vezes as pessoas falam e não entendem nada, não sabem o que sentimos por dentro, cada um de nós. Às vezes é duro ((choro)) sentir que estou longe e só, que temos que sair fora de nosso país ((choro)), lutar e fazer tudo o possível para seguir adiante e ajudar a sua família. Cada vez que eu acordo e me ponho a pensar eu só penso em minha mãe, em minha mãe e minha família, (e em) tudo o que eu tenho que fazer para

<sup>92</sup> O entrevistado não preencheu essa informação. Coube a nós, portanto, colocar o período no qual o 2º grupo de imigrantes venezuelanos interiorizados (grupo do qual ele fazia parte) chegou a Belo Horizonte.

que eu siga adiante. E isso a mim me incomoda muito, porque há pessoas que apontam e que dizem o diabo e não é assim, porque essa pessoa não sabe o que é verdade, não sente por dentro todas as dificuldades que passamos, tudo isso. Então as pessoas têm que viver, têm que viver isso, para que saibam o que de verdade é que sentimos, o que de verdade nós passamos.

Eu, por mim mesmo, não desejaria (a) outro país ou a outra pessoa que passe pelo mesmo que estou passando. Nós somos pessoas lutadoras, trabalhadoras, eu gosto de trabalhar. Somos profissionais, somos pessoas que, como em muitos outros países, muitos profissionais sem trabalho e sem emprego. Em Venezuela, muitos não podem estudar, porque não têm como estudar, não têm para comprar uniforme, não têm para comprar sapato, não têm para nada, e não vão preferir comprar um caderno do que comer, não. Preferem comer. Então essa é a minha meta, minha meta é ser grande na vida e poder ajudar outras pessoas, porque realmente sei que é difícil sair na rua e ver uma pessoa deitada no chão e vê-la sem sentir, sem sentir como é que aquela pessoa está ali no chão. Você passa pelo lado como se não fosse ninguém, mas não é assim, porque você também não pode viver, eu não posso viver, ninguém pode viver e deve sentir isso com o coração.

Às vezes eu passo na rua e gostaria de ser muitas coisas, mas com essa situação do meu país isso é como algo difícil para mim, um golpe duro. Ninguém não entende, muitas pessoas não entendem, tem pessoas que não entendem umas com as outras, uns têm ajuda, outros não têm ajuda, passa-se fome e necessidade e não tem quem ajude. Outros saímos com dor na alma, saímos de nosso país para fazer todo o possível de ajudar a família, porque, principalmente a minha família, e minha meta é que serei um profissional, seguirei estudando, ter o bastante para assim poder ajudar a outras pessoas, ajudar a minha mãe que está lá e subir e levantar-me e ajudá-la a seguir adiante, porque eu já passei por isso. Muitos de meus companheiros que estão aqui também já passaram por isso e os que estão aqui comigo já passaram por coisas piores. Então me coloco nessa posição.

Pelo menos lá na Venezuela não passei necessidade que é duro, mas chegou um momento que já não se podia viver na Venezuela. Eu ali pensei (que) se eu visse uma criança na rua eu deixava de comer meu prato de comida para passar para ela, uma criança ou um bebê, ou o que seja. Iam batendo na porta, então me comovia, porque isso não é porque Deus queria, porque Deus não é isso. Então eu estou, sou uma pessoa já, um jovem, eu estou grande, mas aí ver uma criança que não tem o que comer ou seus pais não têm como lhe dar comida é duro. Então eu me pego nisso, me foco nisso. Eu, o que vivi na Venezuela, passei por coisa dura, dura. Passei fome na Venezuela. Em Venezuela eu passei fome. Minha mãe tinha duas casas lá, mas eu vivia em uma casa para não ir à outra casa de minha mãe. Às vezes eu não ia para não pegar um pouco de comida, eu preferia aguentar-me do que minha irmã passasse fome. Então preferia fazer isso, não ia para casa de minha mãe para que ela não deixasse de comer ou às vezes saía, mas como que não gostava de sair de meu quarto, me aguentava por dentro. Não, já não aguentava estar em Venezuela, não aguentava, e pedi a Deus que me ajudasse a sair de lá, que me abrisse o caminho e cada vez me desesperava. Até que um dia eu me sentei e pedi a Deus que me desse paciência e que me guiasse e assim foi, porque eu sabia que com minha irmã, mãe, e tenso não ia conseguir nada. Então, graças a Deus, no momento indicado que ele deu que eu deixei a Venezuela.

Cheguei aqui no Brasil. Nem aqui em Boa Vista eu me saí bem, porque também estava ficando difícil, porque havia muitos venezuelanos e é triste ver ali uma pessoa que saiu de seu país com crianças, recém-nascidos, com mala, correndo. Prefiro dormir na rua em outro país. Mas saber que em outro país já consegui para comer, consegui. Ali não, ali é duro, então, não desejaria isso a nada e ninguém que nenhum outro país passe por isso.

((entrevistadora pergunta como estão as coisas em Belo Horizonte)).

Bom, aqui, no Brasil, em Belo Horizonte, sim, graças a Deus, estou tendo essa oportunidade de chegar aqui, nos ajudaram no caminho, nos têm aberto a porta e aqui eu, sim, sinto que há oportunidade de muitas coisas de trabalho. Gostaria de estudar, porque gostaria de terminar minha carreira e seguir adiante. Eu, tudo o que faço é por mim e por minha família. Eu tenho meu sonho e minha meta, é como que aqui se vão a cumprir. Quero, principalmente aqui, conseguir meu trabalho. Graças a Deus tenho tido entrevista de trabalho, amanhã vou em uma. E, principalmente, já ter isso como meu emprego, me estabelecer aqui e trazer a minha família para cá, porque não, não me sinto bem pensando que a minha família está lá. Eu estou bem aqui, mas às vezes eu como e não me provoca, porque me recordo que a minha família está lá e eu não sei se estão comendo ou não estão comendo, se estão passando necessidade ou não. Então é duro, é duro pensar isso. Cada vez que penso nisso, por mais que tudo, que eu siga adiante, quero seguir por minha família, por minha mãe. Mais que tudo por minha mãe e por meu pai, que tive que me separar-me dele para buscar outro caminho, porque juntos não íamos fazer nada. Então se deu essa oportunidade e é difícil separar-se assim, para buscar outra oportunidade com a dor da alma, porque tem que ter um caminho para buscar outra maneira de abrir uma porta do outro lado. Não, não é fácil separar-se assim de sua família. Vim com meu pai da Venezuela, aqui no Brasil tive que me separar dele. Ele está por um lado, eu estou por aqui buscando a melhoria de vida. Não, não é fácil.

Carlos, que estava no Brasil havia quase seis meses quando o entrevistamos, conta-nos que, inicialmente, não vivia mal na Venezuela, mas, devido ao atual governo, tudo mudou. Em um primeiro momento, era estudante; depois teve que conciliar os estudos com o trabalho e, posteriormente, não pôde continuar estudando, pois a situação do país estava muito difícil. Como seu pai estava no Brasil, ele teve a oportunidade de migrar para esse país.

O migrante revela a situação difícil que vivenciou também em Boa Vista. Em função da grande quantidade de venezuelanos na cidade, não havia emprego fixo. Muitas vezes, ele teve que se sujeitar a trabalhos árduos e que nunca tinha feito para receber muito pouco. Carlos relata que sente muito pesar de ter deixado seus estudos e revela o quão difícil é para um venezuelano ter que sair de seu país natal e separar-se da sua família. Por fim, fala de Belo Horizonte e de suas metas: tirar sua mãe da Venezuela, ser um profissional e seguir estudando. Ele afirma ainda que pensa em voltar ao seu país.

O enunciador inicia seu relato explicitando seu nome próprio (aqui substituído pelo nome fictício), bem como fazendo alusão ao lugar de onde veio: “Bom, *meu nome é Carlos. Lá na Venezuela vivia com meu pai*”; o que, conforme já apontamos em outras narrativas, confere-lhe credibilidade aos olhos da destinatária (a pesquisadora, que recolhe o relato).

No relato, há também outras “representações de si” (*éthos* dito) apontadas por Carlos como, de filho e de estudante: “(...) vivia com *meu pai*”, “*Minha mãe me pagava o estudo e eu estudava lá*”; de irmão: “*Nós somos seis irmãos*”; de desempregado: “(...) *não conseguia trabalho*”; de trabalhador informal que recebe pouco: “(...) *tinha coisas que nunca tinha feito em minha vida e tinha que fazê-lo para seguir adiante. Tinha que perfurar pedra, gordura, por pouco dinheiro (...)*”; de venezuelano interiorizado: “(...) *fiz o cadastro para vir para cá, porque eu não tenho alguma saída*”; de pessoa que sofre e vivencia dificuldades: “*Mas às vezes sofremos, um venezuelano sofre, porque não é fácil sair de seu país*”; “*Eu, o que vivi na Venezuela, passei por coisa dura, dura. Passei fome na Venezuela*”; de profissional sério e comprometido: “*Nós somos pessoas lutadoras, trabalhadoras, eu gosto de trabalhar. Somos profissionais...*”; de pessoa que quer ajudar a família: “*Outros saímos com dor na alma, saímos de nosso país para fazer todo o possível de ajudar a família*”; de jovem: “*Então eu estou, sou uma pessoa já, um jovem, eu estou grande*”.

Com relação aos temas, Carlos inicia a narrativa falando de sua vida diante da “situação na Venezuela” (tema imposto). Faz uma comparação entre esse país antigamente e agora, a partir do atual governo:

(1) Não vivia mal **na** Venezuela, me parece que vivia muito bem por lá. Quando chegou este governo, tudo foi castigado no meu país. Minha mãe me pagava o estudo e eu estudava lá. Viajava, porque morava longe de onde estudava, morava há uma hora e meia. Pagava o que minha mãe me mandava para minha comida. Depois, a questão do país se pôs mais difícil e eu já tinha que trabalhar e ajudar meu pai com o estudo. Depois chegou um momento em que não pude seguir estudando, porque era muito caro, tudo estava muito caro e ninguém podia estudar. Já tinha que trabalhar sozinho para ajudar a minha mãe e a meu pai também ajudava.

Em (1), notamos a mudança que ocorreu na vida de Carlos, que, em um primeiro momento, era estudante, mas, devido à degradação da condição de vida no país, teve que abandonar os estudos para trabalhar e ajudar no sustento da sua família, o que ilustra como o colapso econômico na Venezuela afeta o tecido social (MAYA, 2018). Conforme ele próprio diz: “Quando chegou este governo, *tudo foi castigado no meu país*”. Desse modo, através de um diálogo com o discurso político, o enunciador se posiciona sobre o que/quem seria responsável pela atual crise instaurada na Venezuela.

No plano do vocabulário, dentre os significados de “castigo”, temos: “punição que se inflige a um culpado; mortificação; tarefa penosa ou grande dificuldade<sup>93</sup>”, o que evidencia como o atual governo penalizou a população venezuelana. Ainda sobre o tema imposto “situação na Venezuela”, Carlos explica: “Em Venezuela, muitos *não podem* estudar, porque *não têm* como estudar, *não têm* para comprar uniforme, *não têm* para comprar sapato, *não têm para nada*, e não vão preferir comprar um caderno do que comer, não. Preferem comer”. Observamos que, por meio da negativa (repetição de “não tem/não podem”), Carlos procura traduzir a gravidade da situação do/no país, o que culmina com o enunciado: “não têm para nada”, que fecha o ciclo da falta.

O venezuelano aborda, então, de forma mais direta, seus “motivo(s) para sair da Venezuela” (tema imposto): “Eu já não aguentava, não acostumava (com) a Venezuela e queria continuar estudando. O trabalho estava difícil e já não podiam todos trabalhar”. Em função disso, comenta o sofrimento, metaforizado em “dor na alma”, quando se é obrigado a deixar o país natal. Reafirmando esse sentimento, ele diz, em outro trecho (e fazendo eco com Valéria): “Eu realmente não estava querendo sair do meu país, mas nós,

<sup>93</sup> Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/castigo>>. Acesso em: 17 mai 2021.

venezuelanos, *temos que fazê-lo*”, mostrando pela modalidade deôntica “ter que”, que não teve escolha, precisava seguir adiante e, principalmente, ajudar a família, questão que Carlos repetirá algumas vezes ao longo de seu relato e que parece ser uma motivação comum aos demais migrantes venezuelanos. Vejamos:

(2) Mas às vezes *sofremos*, um venezuelano *sofre*, porque não é fácil sair de seu país. Às vezes as pessoas falam e não entendem nada, não sabem o que sentimos por dentro, cada um de nós. Às vezes é duro ((choro)) sentir que estou longe e só, que temos que sair fora de nosso país ((choro)), lutar e fazer tudo o possível para seguir adiante e ajudar a sua família.

(3) Outros saímos com *dor na alma*, saímos de nosso país para fazer todo o possível de ajudar a família (...). Muitos de meus companheiros que estão aqui também já passaram por isso e os que estão aqui comigo já passaram por coisas piores.

Isso mostra que o sujeito, ao partir, defronta-se com inevitáveis rupturas relativas à língua, à cultura, às relações afetivas (familiares, amigos) que mantinha no seu país natal, o que pode afetá-lo em maior ou menor grau. Migrar não é, portanto, – e nunca será – uma questão simples na vida de quem o faz. Como afirma Laacher (2012, p. 46), partir tem um custo para o sujeito: é um ato que jamais ocorrerá sem prejuízo simbólico e social. Trata-se de uma questão difícil de ser avaliada por quem nunca foi forçado a partir: “Às vezes as pessoas falam e não entendem nada, não sabem o que sentimos por dentro, cada um de nós”.

Em (4), a seguir, o enunciador descreve como “golpe duro”, para ele, a situação da/na Venezuela:

(4) Às vezes eu passo na rua e gostaria de ser muitas coisas, mas com essa situação do meu país isso é como algo *difícil* para mim, um *golpe duro*. Ninguém não entende, muitas pessoas não entendem, tem pessoas que não entendem umas com as outras, uns têm ajuda, outros não têm ajuda, passa-se fome e necessidade e não tem quem ajude.

No plano do vocabulário, dentre as acepções do termo “golpe” – que vem reforçado por *duro* (índice de avaliação) –, temos: “Desgraça ou adversidade; sucesso infauso; Alteração súbita de um estado de coisas ou acontecimento inesperado<sup>94</sup>”. Destarte, percebemos que a situação da/na Venezuela afeta muito negativamente o enunciador. O “golpe duro” desse trecho, somado a outros vocábulos e expressões, como a já citada “dor na alma”, faz eco com o vocábulo “difícil”, que Carlos também utiliza e

<sup>94</sup> Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/golpe>>. Acesso em: 17 mai. 2021.

que parece constituir um “ponto de cristalização semântica” (MAINGUENEAU, 2008) no discurso de migrantes e refugiados.

No que tange ainda ao tema em pauta, parece haver uma contradição, quando o locutor diz, em um primeiro momento, que não passou necessidade na Venezuela para, logo em seguida, afirmar que passou até fome:

(5) *Pelo menos lá na Venezuela não passei necessidade que é duro, mas chegou um momento que já não se podia viver na Venezuela. Eu ali pensei (que) se eu visse uma criança na rua eu deixava de comer meu prato de comida para passar para ela, (...) Eu, o que vivi na Venezuela, passei por coisa dura, dura. Passei fome na Venezuela. Em Venezuela eu passei fome.*

Esse aparente paradoxo se resolve quando (re)convocamos o trecho (1), em que o migrante admite que não havia passado necessidade antes da posse do atual governo. Nesse sentido, a fome, a falta de emprego, o empobrecimento geral do país, conforme o relato de Carlos, são fruto dos desmandos de Nicolás Maduro. Ao usar a repetição “passei coisa dura, dura”, “passei fome”, “eu passei fome”, Carlos mobiliza o *páthos* do destinatário, que se solidariza com ele, podendo, no limite, mostrar-se indignado perante a triste situação dos “irmãos” venezuelanos.

Há um silenciamento no que tange ao tema imposto “trajetória para o Brasil”, pois o enunciador não relata como teria sido esse processo. Sabemos que muitos venezuelanos atravessam a fronteira com Roraima a pé, utilizando rotas clandestinas, em direção à pequena cidade de Pacaraima, de onde alguns rumam para Boa Vista. Carlos se limita a dizer que seguiu o pai: “Meu pai veio aqui ao Brasil, depois trabalhou, foi à Venezuela e, quando voltou, se via uma entrada para mim”.

Quanto ao subtema imposto “situação em Roraima”, particularmente sobre Boa Vista, o venezuelano volta a empregar o vocábulo “difícil” (índice de avaliação) para descrever seus primeiros tempos no Brasil:

(6) *É que ali em Roraima, em Boa Vista, também foi difícil, porque o trabalho já estava caótico, muitos venezuelanos migraram por uma necessidade de meu país. E lá, não é que correu mal, mas tampouco correu bem, porque não havia trabalho fixo. Me colocavam como, (era) intenso, me colocavam como, não me encontravam a saída, me desesperava (...). Não tinha (dinheiro) para tirar os seus documentos e isso nos deixava mal, porque para nós é algo difícil não ter para ajudar a nossa família, a minha irmã (...). Não conseguimos trabalho e não tínhamos (como) resolver, mas sempre estavam com nós, sim, nos ajudavam sim. Nos apareciam coisas (boas) no caminho e tinha coisas que nunca tinha feito em minha vida e tinha que fazê-lo para seguir adiante. Tinha que perfurar pedra, gordura, por pouco dinheiro, muito pouco dinheiro, mas*

tinha que fazê-lo, porque tinha que resolver para manter minha família e seguir adiante.

(7) Nem aqui em Boa Vista eu me saí bem, porque também estava ficando *difícil*, porque havia muitos venezuelanos e é triste ver ali uma pessoa que saiu de seu país com crianças, recém-nascidos, com mala, correndo. Prefiro dormir na rua em outro país. Mas saber que em outro país já consegui para comer, consegui. *Ali não, ali é duro, então, não desejaria isso a nada e ninguém que nenhum outro país passe por isso.*

Trata-se de uma situação tão dura que o migrante não a deseja a ninguém: “Ali não, ali é duro, então, não desejaria isso a nada e ninguém que nenhum outro país passe por isso”. No excerto (6), notamos a questão do desemprego, do subemprego e também da documentação, não tematizados de forma exclusiva, mas mencionados. Em (7), confirmamos, em mais um relato, que os venezuelanos saem de seu país natal em busca de melhores condições de vida para si e seus familiares. Contudo, quando vão para Roraima, no caso específico para Boa Vista, deparam-se com circunstâncias que os mantêm em situação de vulnerabilidade social/laboral, o que aponta para a necessidade de Políticas Públicas e de iniciativas governamentais como a estratégia de interiorização, principalmente em cidades que recebem um grande fluxo migratório.

O tema específico “família”, como foi dito, é enfatizado no relato de Carlos. Ela é considerada como motivação primordial para todo o empenho e esforço por parte do enunciador, inclusive o de partir, mesmo a contragosto (“eu realmente não estava querendo sair do meu país”), como constatamos a seguir:

(8) *Eu realmente não estava querendo sair do meu país, mas nós, venezuelanos, temos que fazê-lo. Não tanto por nós, se não pela nossa família. E eu agora não tenho uma mulher, não tenho filhos, mas mais que tudo tenho lutado por minha mãe, por mim, por meu irmão, por minha irmã. Eu quisera já seguir estudando e ser um profissional, poder ser alguém na vida, para dar tudo à minha família, à minha mãe mais que tudo, que foi ela que me deu, a que me deu a vida.*

Na narrativa de vida em questão, temos também o tema específico “estratégia de interiorização”, que é abordado de maneira bastante sucinta: “Até que, um dia, fui aos J. (organização) e fiz o cadastro para vir para cá, porque eu não tenho alguma saída. *Fiz os papéis, vim para cá e agora estou aqui.* Aqui minha meta é clara, quero alcançar meu sonho”.

Quanto ao tema imposto “planos”, o enunciador discorre sobre suas metas: “Minha meta: quero tirar minha mãe de lá da Venezuela. Não digo que não vou voltar,



porque esta é a minha pátria, é *minha Venezuela*. Eu gostaria de voltar e ter minha família lá, meus filhos, minha esposa, tudo”. Ou seja, Carlos mantém laços afetivos fortes com o país natal, que ele chama carinhosamente de “minha Venezuela” (assim como Valéria), o que o faz querer voltar, ainda que ele não tenha planos imediatos para isso (no momento da entrevista, seu projeto era trazer a família para o Brasil, como veremos no trecho (11) mais adiante). Posteriormente, ele amplia sua meta para “ajudar outras pessoas”: “Então essa é a minha meta, minha meta é ser grande na vida e poder ajudar outras pessoas, porque realmente sei que é difícil sair na rua e ver uma pessoa deitada no chão e vê-la sem sentir, sem sentir como é que aquela pessoa está ali no chão”.

Sobre o subtema imposto “Situação em Belo Horizonte”, Carlos relata: “Bom, aqui, no Brasil, em Belo Horizonte, sim, graças a Deus, estou tendo essa *oportunidade* de chegar aqui, nos *ajudaram no caminho*, nos *tem aberto a porta* e aqui eu, sim, sinto que há *oportunidade* de muitas coisas de trabalho”. Desse modo, assim como na narrativa de vida de outros venezuelanos entrevistados, a capital mineira é descrita de maneira diferente – mais positiva – do que a Venezuela ou Roraima. Palavras e expressões como “oportunidade(s)”, “ajudar no caminho” e “abrir a porta” (“ter aberto a porta”) comprovam essa descrição.

O modo de enunciação, por sua vez, revela, na narrativa de Carlos, um tom emotivo, frequentemente atravessado pelo choro, que aponta para um *éthos* fragilizado, vulnerável. É o caso dos trechos (9) e (10) em que ele fala sobre a separação da família, um tema recorrente em sua fala, e aborda o sentimento de ser migrante:

(9) Mas às vezes sofremos, um venezuelano sofre, porque não é fácil sair de seu país. Às vezes as pessoas falam e não entendem nada, não sabem o que sentimos por dentro, cada um de nós. Às vezes é duro ((choro)) sentir que estou longe e só, que temos que sair fora de nosso país ((choro)), lutar e fazer tudo o possível para seguir adiante e ajudar a sua família. Cada vez que eu acordo e me ponho a pensar eu só penso em minha mãe, em minha mãe e minha família, (e em) tudo o que eu tenho que fazer para que eu siga adiante. E isso a mim me incomoda muito, porque há pessoas que apontam e que dizem o diabo e não é assim, porque essa pessoa não sabe o que é verdade, não sente por dentro todas as dificuldades que passamos, tudo isso.

(10) Mais que tudo por minha mãe e por meu pai, que tive que me separar-me dele para buscar outro caminho, porque juntos não íamos fazer nada. Então se deu essa oportunidade e é difícil separar-se assim, para buscar outra oportunidade com a dor da alma, porque tem que ter um caminho para buscar outra maneira de abrir uma porta do outro lado. Não, não é fácil separar-se assim de sua família. Vim com meu pai da Venezuela, aqui no Brasil tive que me separar dele. Ele está por um lado, eu estou por aqui buscando a melhoria de vida. Não, não é fácil.

Em outros momentos, no entanto, ele constrói, por meio de um tom mais assertivo e determinado, um *éthos* de resiliência, sobretudo quando se mostra disposto a lutar para buscar uma vida melhor não só para ele, mas também para sua família e mesmo para outras pessoas (outros venezuelanos), apesar das dificuldades que possa encontrar pelo caminho. Isso se vê, particularmente, quando ele fala de suas metas para o futuro:

(11) Gostaria de estudar, porque gostaria de terminar minha carreira e seguir adiante. Eu, tudo o que faço é por mim e por minha família. Eu tenho meu sonho e minha meta, é como que aqui se vão a cumprir. Quero, principalmente aqui, conseguir meu trabalho. Graças a Deus tenho tido entrevista de trabalho, amanhã vou em uma. E, principalmente, já ter isso como meu emprego, me estabelecer aqui e trazer a minha família para cá, porque não, não me sinto bem pensando que a minha família está lá.

Com relação ao plano (mais amplo) da intertextualidade, além do discurso político, como já mencionamos, há, no relato, um diálogo com o discurso religioso, que evidencia o sentimento de fé do enunciador: “(...) porque isso não é porque Deus queria, porque Deus não é isso”; “Bom, aqui, no Brasil, em Belo Horizonte, sim, graças a Deus, estou tendo essa oportunidade de chegar aqui”; “Graças a Deus tenho tido entrevista de trabalho, amanhã vou em uma”; e, além disso:

(12) (...) pedi a Deus que me ajudasse a sair de lá, que me abrisse o caminho e cada vez me desesperava. Até que um dia eu me sentei e pedi a Deus que me desse paciência e que me guiasse e assim foi, porque eu sabia que com minha irmã, mãe, e tenso não ia conseguir nada. Então, graças a Deus, no momento indicado que ele deu que eu deixei a Venezuela.

Vemos em (12), assim como nos demais relatos analisados até aqui, a religiosidade do migrante venezuelano que recorre, frequentemente, a Deus para pedir ajuda e para agradecer, ainda que a “graça” obtida possa ser ínfima (como é o caso das entrevistas de emprego, citadas em (11), que podem simplesmente não ter resultado positivo, mas que, aos olhos do enunciador, representam a oportunidade que ele não teve na Venezuela). No entanto, diferentemente do “grupo feminino” (Edelmira, Valéria e Mayerlin) em que o discurso direto é muito utilizado, Carlos não mobiliza esse recurso para simular um diálogo com o outro.

O plano da dêixis enunciativa, considerada em sua tripla modalidade, espaço-temporal-pessoal, organiza-se em três momentos: um “lá-então” desdobrado em: 1) Venezuela, em um passado mais remoto; 2) Roraima, Boa Vista, em um passado mais

recente; um *aqui-agora*, em 3) Belo Horizonte, no presente. É importante ressaltar, contudo, que esses momentos não estão bem delimitados/separados na narrativa, ou seja, eles não seguem uma ordem cronológica rígida, mas se intercambiam em algumas partes do relato.

No que diz respeito ao primeiro momento – 1. Venezuela, em um passado mais remoto –, Carlos o divide em dois períodos: antes e depois da crise que vem assolando o país. Com relação ao primeiro período, menciona o espaço, de forma reiterada, como um “lá”: “*Lá na Venezuela* vivia com meu pai. Não vivia mal *na Venezuela*, me parece que vivia muito bem por *lá*”. No que tange ao segundo período, Carlos utiliza “país” e “Venezuela” para se referir ao espaço: “(...) a questão do *país* se pôs mais difícil”, “Eu já não aguentava, não acostumava (com) a *Venezuela*”. A sequência temporal, por sua vez, é marcada, com certa recorrência, por meio do termo “depois”: “*Depois*, a questão do país se pôs mais difícil e eu já tinha que trabalhar e ajudar meu pai com o estudo. *Depois* chegou um momento em que não pude seguir estudando (...)”, “*Depois* meu pai decidiu que viria para cá”.

No segundo momento – 2. Roraima, Boa Vista, em um passado mais recente –, o espaço é apresentado, de forma específica, pelo nome do estado e da cidade: “É que *ali em Roraima, em Boa Vista*, também foi difícil, porque o trabalho já estava caótico, muitos venezuelanos migraram por uma necessidade de meu país. E *lá*, não é que correu mal, mas tampouco correu bem, porque não havia trabalho fixo”. Veja-se que o enunciador utiliza um “ali” (“ali em Roraima, em Boa Vista”) para demarcar a diferença em relação ao “aqui” (no caso, Belo Horizonte).

Com relação ao terceiro momento – 3. Belo Horizonte, no presente –, Carlos se refere ao espaço como “aqui” e o situa primeiro por meio do nome do país “Brasil” e, depois, de forma mais específica, como “Belo Horizonte”: “Bom, *aqui*, no *Brasil*, em *Belo Horizonte*, sim, graças a Deus, estou tendo essa oportunidade de chegar *aqui*, nos ajudaram no caminho, nos tem aberto a porta e *aqui* eu, sim, sinto que há oportunidade de muitas coisas de trabalho”. A reiteração do “aqui”, nesse excerto, demarca a diferença entre “lá/ali” (Venezuela e Roraima) e “aqui” (Belo Horizonte).

Do ponto de vista da categoria de pessoa, assim como nos relatos anteriores, predomina, na narrativa de Carlos, o “eu”, que também pode deslizar para um “nós”, nas seguintes acepções: i. “eu + meus irmãos”: “Minha mãe fazia todo o possível para que *seguíssemos* adiante, tinha que lutar por *nós*”, e “*Nós somos* seis irmãos”; ii) “eu + meu pai”: “isso *nos* deixava mal, porque para *nós* é algo difícil não ter para ajudar a *nossa*

família, a minha irmã”, “Então, *decidimos* lá, sim, ali em Boa Vista sim. (Não) *tínhamos* condições de *nos* custear (por) um ano ainda assim não. Não *conseguimos* trabalho e não *tínhamos* (como) resolver, mas sempre estavam com *nós*, sim, *nos* ajudavam sim”; iii) “eu + demais migrantes venezuelanos”: “Mas às vezes *sofremos*, um venezuelano sofre, porque não é fácil sair de seu país”; “para que saibam o que de verdade é que *sentimos*, o que de verdade *nós passamos*”, “*Nós somos* pessoas lutadoras, trabalhadoras, eu gosto de trabalhar. *Somos* profissionais...”.

A 3ª pessoa (do singular e do plural) aparece na referência aos “objetos” e às personagens que compõem a narrativa: o pai, a mãe, a(s) irmã(s), a família, Deus, os venezuelanos, como neste trecho: “*muitos* não *podem* estudar, porque não *têm* como estudar, não *têm* para comprar uniforme, não *têm* para comprar sapato, não *têm* para nada, e não *vão preferir* comprar um *caderno* do que comer, não. *Preferem* comer”; “*muitos venezuelanos migraram* por uma necessidade de meu país”. Esse “eles” (venezuelanos) não raro “escorrega” para um “nós”, mostrando o pertencimento de Carlos ao grupo: “*Outros saímos* com dor na alma”, podendo ainda opor-se a outras pessoas (provavelmente, nativos), que não entendem a situação do migrante e que, em função disso, assumem atitudes preconceituosas: “há *pessoas* que *apontam* e que *dizem* o diabo e não é assim, porque *essa pessoa* não *sabe* o que é verdade, não *sente* por dentro”.

É interessante observar, nesse trecho, a expressão popular “dizer o diabo”, que Carlos convoca para congregar tudo de mal que se diz do migrante. Nessa mesma direção, o “você” é mobilizado para se dirigir àqueles que não mostram empatia para com o outro: “*Você* passa pelo lado como se não fosse ninguém, mas não é assim, porque *você* também não pode viver, eu não posso viver, ninguém pode viver e deve sentir isso com o coração”.

Segue, como nos demais relatos, o quadro em que buscamos destacar os aspectos mais importantes da análise:

<b>Quadro 7: Síntese da análise (Carlos)</b>	
Estatuto do enunciador	Migrante venezuelano que inicia seu relato explicitando seu nome próprio e fazendo alusão a esse estatuto.
Representações de si ( <i>éthos</i> dito)	Filho e estudante, irmão, desempregado, trabalhador informal que recebe pouco, venezuelano interiorizado, pessoa que sofre e vivencia dificuldades, profissional sério e comprometido, pessoa que quer ajudar a família, jovem.
Temas • <i>Impostos</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Situação na Venezuela</li> <li>• Motivo(s) para sair da Venezuela</li> </ul>

-Específicos	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Trajeto para o Brasil – silenciado</li> <li>• Situação em Roraima – desemprego, subemprego e documentação</li> <li>- Família</li> <li>- Estratégia de Interiorização</li> <li>• Planos futuros - Metas</li> <li>• Situação em Belo Horizonte</li> </ul>
Vocabulário	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Uso do termo “castigado” para enfatizar o que o atual governo fez com o povo venezuelano.</li> <li>• Repetição de “não tem/não podem” para traduzir a gravidade da situação do/no país, o que culmina em “não têm para nada”, fechando o ciclo da falta.</li> <li>• Metáfora “dor na alma”: quando se é obrigado a deixar o país natal.</li> <li>• Modalidade deôntica <i>ter que</i>, para mostrar a falta de opção do migrante.</li> <li>• Emprego do vocábulo <i>difícil</i> (índice de avaliação) para descrever seus primeiros tempos de Brasil.</li> <li>• “Golpe duro”, fazendo eco com o vocábulo <i>difícil</i> = “ponto de cristalização semântica” no/do discurso do migrante.</li> <li>• Os fortes laços afetivos com o país natal, chamado carinhosamente de “minha Venezuela”.</li> <li>• A capital mineira descrita de maneira mais positiva do que a Venezuela ou Roraima.</li> <li>• Uso da expressão popular “dizer o diabo” para congregar tudo de mal que se diz do migrante (preconceito).</li> </ul>
Modo de enunciação	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Tom emotivo, frequentemente atravessado pelo choro, que aponta para um <i>éthos</i> fragilizado, vulnerável.</li> <li>• Tom mais assertivo e determinado, em alguns momentos (metas para o futuro) = <i>éthos</i> de resiliência, sobretudo, quando o enunciador se mostra disposto a lutar para buscar uma vida melhor (para sua família e mesmo para outros venezuelanos).</li> </ul>
Intertextualidade (em sentido amplo)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Discurso político e, principalmente, discurso religioso (Deus convocado, com frequência, na narrativa).</li> <li>• Não utiliza o discurso direto.</li> </ul>
Dêixis enunciativa	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Três momentos distintos: <ol style="list-style-type: none"> <li>1) Venezuela, em um passado mais remoto;</li> <li>2) Roraima, Boa Vista, em um passado mais recente;</li> <li>3) Belo Horizonte, no presente</li> </ol> </li> <li>• Não segue, rigidamente, essa ordem cronológica.</li> </ul> <p>Em 1), dois períodos: antes e depois da crise. No primeiro, menciona o espaço, de forma reiterada, como um “lá”. No segundo, utiliza “país” e “Venezuela” para se referir ao espaço. A sequência temporal é marcada, com certa recorrência, pelo termo “depois”.</p> <p>Em 2), o espaço é apresentado, de forma específica, pelo nome do estado e da cidade: “ali” para demarcar a diferença em relação ao “aqui”.</p> <p>Em 3), o espaço é apresentado como “aqui” e situado, primeiro, por meio do nome do país;</p>

	<p>depois, de forma mais específica, como “Belo Horizonte”. A reiteração do “aqui”, em determinado momento, demarca a diferença entre <i>lá/ali</i> (Venezuela e Roraima) e <i>aqui</i> (Belo Horizonte).</p> <p>•Categoria de pessoa: predominância do “eu”, que também pode deslizar para um “nós”: i. “eu + meus irmãos”; ii) “eu + meu pai”; iii) “eu + demais migrantes venezuelanos”.</p> <p>A 3ª. pessoa (do singular e do plural) em referência aos “objetos” e às personagens que compõem a narrativa.</p> <p>O “eles” (venezuelanos) deslizando para “nós” = pertencimento ao grupo, podendo ainda opor-se a outras pessoas (provavelmente, nativos), que não entendem a situação do migrante, assumindo atitudes preconceituosas.</p> <p>Nessa mesma direção o “você” é mobilizado para se dirigir àqueles que não mostram empatia para com o outro.</p>
--	---

Apresentado o quadro-síntese da análise da narrativa de vida de Carlos, passemos, na sequência, ao último relato do *corpus*: o de Alejandro.

#### 4.1.5. Alejandro

<b>Local de nascimento:</b> El Tigre, estado de Anzoátegui	<b>Idade:</b> 36 anos
<b>Profissão anterior:</b> Comerciante	<b>Profissão atual:</b> Encanador
<b>Data de chegada ao Brasil:</b> 13/09/2017 (em Boa Vista)	<b>Data de chegada a Belo Horizonte:</b> entre os dias 13 e 17 de junho de 2019 <sup>95</sup>
<b>Estatuto jurídico:</b> -	<b>Data de realização da entrevista:</b> 19/07/2019
<b>Duração da entrevista:</b> 15 min 14s	
<p>Boa noite. Meu nome é Alejandro. Sou venezuelano, sou do estado de Anzoátegui, da cidade de Tigre. Tenho trinta e seis anos. Sou pai de família, tenho quatro filhos, tenho minha esposa. Minha vida na Venezuela, comecei a trabalhar jovem, aos dezesseis anos. Comecei no comércio e, aos dezoito anos, comecei com o petróleo, porque minha terra é petroleira. Comecei a trabalhar com broca, perfuração, trabalhei em barco. Minha vida se foi prolongando, fui aprendendo muitos outros trabalhos, como profissão de encanador, aqueduto. E, com o passar do tempo, fui tendo meus filhos, fui mudando meu modo e estilo de trabalho. Aprendi comércio e me adaptei ao comércio. Aos vinte e cinco anos, tive três negócios, um foi uma taberna, um <i>pub</i>, e tive uma lanchonete.</p> <p>Perante uma contradição de tempo, bom, fui trabalhando, Venezuela ia bem, excelente, tudo ótimo. Tudo na Venezuela era lindo. Mudou quando chegou esse governo. Em noventa e oito chegou Chávez. Começamos a vida bem. Chávez começou se saindo bem, mas começou a limpar muitos, muitos empresários em Venezuela. Onde nós, os venezuelanos, fomos nos dando conta de que os pobres estavam procurando uma maneira de se acomodar. Ajudou muito aos pobres, onde os ricos se foram nivelando um pouco com os pobres, porque os pobres se foram nivelando, foram saindo da pobreza. Os que não tinham casa, veio a casa, os que não tinham carro, veio o carro. Foi mudando, assim tivemos que passar pelos anos. Começou a (se) apropriar (d)as empresas internacionais, porque o homem era</p>	

<sup>95</sup> O entrevistado não preencheu essa informação. Coube a nós, portanto, colocar o período temporal no qual o 2º grupo de imigrantes venezuelanos interiorizados (grupo do qual ele fazia parte) chegou a Belo Horizonte.

muito inteligente. Chávez era um gênio. Mas o que passou, teve muita dificuldade, porque adoeceu com câncer, morreu, e mudou o poder na Venezuela.

Começou a aproveitar um presidente chamado Maduro. Começou a aproveitar X, que é atualmente o presidente da Venezuela, porque Maduro é um palhaço e ainda não sabe nada de política. Houve mudança na Venezuela onde todos nós, os venezuelanos, começamos a entender que começou a ter pressão na Venezuela. Começou a guerra em Venezuela, a crise econômica, começou a crise alimentícia. Se foi desaparecendo os alimentos, se foi desaparecendo os remédios, foi reduzindo tudo. Cada comerciante foi sendo pouco a pouco maltratado pelo governo, nenhum negócio dava mais. No meu caso, como comerciante, depois de ter três negócios, cheguei a não ter nada, porque já tudo ia minguando, tudo já não rendia. Começaram a dar duro. Na Venezuela, começou a desaparecer a moeda e a cédula, tudo começou por cartão, então nem todo mundo tinha em seu negócio um ponto ((para receber cartão)). Começaram os vivos a sobreviver e todo mundo vivia numa armadilha. E, bom, aqui você vive mudando e dando duro. Jovem, comecei a ver o mundo da volta que ia dando o governo em nossa Venezuela. Eu vinha trabalhar em Santa Elena em dois mil e quinze. Em dois mil e quinze estive em Santa Elena. Voltava à minha terra, voltava a cada três meses, trabalhava, voltava a cada três meses.

Em dois mil e dezessete dei meu passo, meu primeiro passo para imigrar para o Brasil, (para) onde vim em treze de setembro de dois mil e dezessete. Cheguei à cidade de Boa Vista, Brasil, aonde cheguei com uma vida diferente. Cheguei a outra cultura, cheguei a outro idioma, onde, graças a Deus, bom, me dei bem. O primeiro mês foi forte, foi forte porque não conseguia emprego. Eu, que tinha outra posição na Venezuela. Cheguei até a colher latinha para sobreviver e comer um arroz com salsicha, o que durou um mês, mas sobrevivi. E, logo depois de um mês, conheci um senhor chamado A., (que) tinha uma oficina de latoaria e pintura onde eu visitava. A. (é) um brasileiro muito boa pessoa. Ali conheci um senhor inglês guianês, um guianês inglês, X., era estofador, me ofereceu duas semanas de trabalho e fui trabalhar com ele, onde demonstrei meu talento de trabalhar, minha gana de trabalhar como estrangeiro, como venezuelano no Brasil, e ganhei a confiança do senhor X. Ali estive trabalhando três meses. Depois de três meses não tinha serviço, não chegava carro, estava morto. E eu abri, foi onde experimentei o que eu tinha aprendido na minha terra venezuelana, que foi o comércio. E, a partir daí, em janeiro de dois mil e dezoito ou fevereiro, comecei no comércio. Boa Vista foi excelente para mim, graças ao Senhor, “lancei o pombo” ((expressão que significa empreender com decisão e coragem)), como nós, venezuelanos, chamamos.

Foi uma guerra dura para poder sustentar e ajudar minha família na Venezuela. Não é nada fácil o que nós, venezuelanos, estamos passando dia a dia. Nós, venezuelanos, vemos uma guerra em nosso país, que dia a dia morre uma criança, morrem pessoas de fome, por falta de remédio e atendimento médico e, bom, lamentavelmente estamos aqui neste país. Passei um ano, apenas lutando, que foi dois mil e dezoito. Lutando por minha família, pelos meus quatro filhos e esposa.

Minha mãe e dois de meus irmãos, no mês de fevereiro de dois mil e dezoito, arrumaram trabalho no Brasil. Eu estendi a mão a eles. Dois estão morando em Manaus, uma está no Peru, meu sobrinho, me trouxeram dois sobrinhos, todos têm chegado aqui no Brasil, estão dando duro na vida. Todos estão lutando pela nossa família e, agora mesmo, em dois mil e dezenove, (n)º mês de abril, me trazem meus quatro filhos e minha esposa. Pela graça ao Senhor Deus, a porta que nos abriu o país do Brasil, nossos irmãos, que nos abriram a porta a nós, venezuelanos, para virmos buscar um bom futuro, para buscar uma nova vida, para aprender, porque nós, venezuelanos, que estamos aqui no Brasil, viemos por uma meta, uma meta que é aprender, porque Deus nos abriu a porta.

E eu, pelo menos, minha meta é voltar à Venezuela, em nome do Senhor. Quando voltar, em dez anos, oito anos, já é diferente, porque eu já não sou venezuelano não mais, já sou brasileiro, não sou venezuelano. Em nome de Cristo, meus filhos vão estudar aqui e eu acredito que meus filhos já não vão ser mais venezuelanos se não brasileiros, porque quando eu quiser dar uma volta na Venezuela, como eu te falo, levar meus dois filhos, já vou ter conectado ao Brasil.

E não é fácil não. Não é fácil os golpes que passamos no mês de abril, atravessando a fronteira com meus filhos. O que nunca, nunca, bom, o que nunca eu passei eu vim a passar com meus quatro filhos, minha esposa. Passar caminhando na fronteira, passar três ou quatro horas caminhando por um povoado, sujos, vindo com as malas, soltos, correndo, porque a fronteira não é a oficial do Brasil se não a da Venezuela. Os indígenas, os militares, eles se comportam no país da Venezuela como presidente, como os líderes que eles são. E, para você sair da Venezuela para cá, nessa época, a fronteira estava fechada. Custava, custou muito.

Graças a Deus quando chegamos ali no Brasil, graças ao Senhor, tivemos um apoio da Polícia Federal. Muito bonito. Lembro-me desse dia e fui tremendo. Eu, como pai, como venezuelano que nunca na minha vida tinha passado por algo assim, estar passando por tudo o que está passando em nosso país. Todos os venezuelanos que estão tendo um mau momento e damos graças a Deus que (pel)os familiares que estão na Venezuela. E nós, cada venezuelano que está fora do país, no Brasil, Colômbia, Chile, Peru,

em toda América Latina, essas famílias estão ao menos comendo, porque graças ao Senhor estamos fora e lhe mandamos um pouco.

Mas aqui estamos todo agradecido de Boa Vista, de sair para cá em Belo Horizonte. Graças a Deus uma cidade muito bela, muito linda, estou muito surpreendido. Eu dou muitas graças ao Senhor todos os dias. Graças ao apoio que nós temos tido de muitas igrejas, dos J., da P., muitos que nos dão apoio abrindo a porta da rua para Belo Horizonte, onde nós começamos a formar. Formando como pai de família, como homem batalhador, porque nós somos homens, lutadores, venezuelanos, guerreiros e viemos ao futuro, viemos para progredir primeiro, colocando o nome da Venezuela no mapa. Segundo, trabalhar e lutar. E, terceiro, bom, graças ao Senhor por me dar essa oportunidade de ser brasileiro, e desempenhar em meu trabalho, em minha área ou aprender nova área de trabalho, aprender novas culturas, aprender outro idioma que não é fácil. O português, entendemos tudo, mas não o falamos. Mas, em nome do Senhor, pouco a pouco. E, bom, grato e orgulhoso dos irmãos brasileiros nos abrindo a porta, realizando uma nova vida aqui, numa linda cidade.

E, bom, que mais posso falar? Que, bom, lamentavelmente nosso país se foi e só se levantou uma mão, a mão de Deus. Mas para a Venezuela se levantar temos que nós, venezuelanos, aprender, aprender muitas coisas que lá não sabíamos. Mas, Venezuela, em nome de Deus, que se levante, para uma bela virada. A porta vai estar aberta para muitos, para todos os latinos, porque primeiro é um país pequeno. Segundo, é o terceiro país multimilionário, porque temos tudo, temos petróleo, temos gás, temos ouro, temos minerais, temos tudo. Uma terra muito bela e, bom, espero que os demais países, como o Brasil, os irmãos que nos deram apoio que em qualquer momento, este pesadelo que estamos vivendo nós, os venezuelanos, passe. Esse sonho, porque é um sonho. Você está dormindo quando você perde tudo. Você passa a ter muita fé, que muitos países como Brasil, mais que tudo o Brasil, nos dão a mão a nosso país para nos levantarmos, para levantar nossa Venezuela. Obrigado. Boa noite.

Alejandro estava no Brasil havia um ano e dez meses quando o entrevistamos. Ele conta que, na Venezuela, começou a trabalhar jovem e teve muitas e diferentes ocupações/profissões antes de vir para o Brasil. Relata as mudanças que ocorreram em seu país a partir do governo de Hugo Chávez e, sobretudo, do atual, de Nicolás Maduro. Afirma que, como migrante venezuelano, ficou um tempo em Boa Vista e, inicialmente, passou muita dificuldade nessa cidade pela falta de emprego. Depois que conseguiu emprego, foi possível trazer sua família para ao Brasil. Revela que se sente muito agradecido pelo apoio que tem recebido, o que mostra que, se alguns nativos (brasileiros) demonstram preconceito em relação aos migrantes (venezuelanos), como vimos no relato de Carlos, por exemplo, há aqueles que se dispõem a ajudar, que “abrem as portas”, metáfora utilizada, com frequência, pelos migrantes para sinalizar esse apoio, essa ajuda que têm recebido no Brasil.

O enunciador inicia seu relato explicitando o seu estatuto: “Meu nome é Alejandro [nome fictício]. Sou venezuelano, sou do estado de Anzoátegui, da cidade de Tigre”, o que lhe confere credibilidade frente à destinatária (pesquisadora). Ele aponta também, em seu relato, outras “representações de si” (*éthos* dito), como, por exemplo, de marido e pai de família: “Sou pai de família, tenho quatro filhos”; “tenho minha esposa”; de pessoa capaz de aprender e de ser versátil: “fui aprendendo muitos outros trabalhos”, “fui mudando meu modo e estilo de trabalho”; de comerciante: “Aprendi comércio e me adaptei ao comércio. Aos vinte e cinco anos, tive três negócios, um foi uma taberna, um



*pub*, e tive uma lanchonete”; pessoa que passou por dificuldades, como o desemprego: “*O primeiro mês foi forte*, foi forte porque não conseguia emprego”; pessoa trabalhadora, esforçada, lutadora: “*demonstrei meu talento de trabalhar, minha gana de trabalhar como estrangeiro, como venezuelano no Brasil*”; “*nós somos homens, lutadores, venezuelanos, guerreiros e (...) viemos para progredir primeiro, colocando o nome da Venezuela no mapa*”; pessoa que conseguiu prosperar e empreender em Boa Vista: “*Boa Vista foi excelente para mim, graças ao Senhor*”; filho, irmão, tio: “*Minha mãe e dois de meus irmãos (...) arrumaram trabalho no Brasil*”; “*meu sobrinho, me trouxeram dois sobrinhos, todos (...) estão dando duro na vida*”; irmão dos brasileiros: “*nossos irmãos, que nos abriram a porta a nós, venezuelanos*”; brasileiro: “*Quando voltar, em dez anos, oito anos, já é diferente, porque eu já não sou venezuelano não mais, já sou brasileiro*”.

Com relação ao plano dos temas, Alejandro aborda, inicialmente, o tema imposto “situação na Venezuela”:

(1) (...) *Venezuela ia bem, excelente, tudo ótimo. Tudo na Venezuela era lindo. Mudou quando chegou esse governo. Em noventa e oito chegou Chávez. Começamos a vida bem. Chávez começou se saindo bem, mas começou a limpar muitos, muitos empresários em Venezuela. Onde nós, os venezuelanos, fomos nos dando conta de que os pobres estavam procurando uma maneira de se acomodar. Ajudou muito aos pobres, onde os ricos se foram nivelando um pouco com os pobres, porque os pobres se foram nivelando, foram saindo da pobreza. Os que não tinham casa, veio a casa, os que não tinham carro, veio o carro. Foi mudando, assim tivemos que passar pelos anos. Começou a (se) apropriar (d)as empresas internacionais, porque o homem era muito inteligente. Chávez era um gênio.*

(2) (...) *mudou o poder na Venezuela. Começou a aproveitar um presidente chamado Maduro. Começou a aproveitar X, que é atualmente o presidente da Venezuela, porque Maduro é um palhaço e ainda não sabe nada de política. Houve mudança na Venezuela onde todos nós, os venezuelanos, começamos a entender que começou a ter pressão na Venezuela. Começou a guerra em Venezuela, a crise econômica, começou a crise alimentícia. Se foi desaparecendo os alimentos, se foi desaparecendo os remédios, foi reduzindo tudo. Cada comerciante foi sendo pouco a pouco maltratado pelo governo, nenhum negócio dava mais. No meu caso, como comerciante, depois de ter três negócios, cheguei a não ter nada, porque já tudo ia minguando, tudo já não rendia. Começaram a dar duro. Na Venezuela, começou a desaparecer a moeda e a cédula, tudo começou por cartão, então nem todo mundo tinha em seu negócio um ponto ((para receber cartão)). Começaram os vivos a sobreviver e todo mundo vivia numa armadilha.*

(3) *Foi uma guerra dura para poder sustentar e ajudar minha família na Venezuela. Não é nada fácil o que nós, venezuelanos, estamos passando dia a dia. Nós, venezuelanos, vemos uma guerra em nosso país, que dia a dia morre uma criança, morrem pessoas de fome, por falta de remédio e atendimento médico e, bom, lamentavelmente estamos aqui neste país.*

Alejandro narra, assim como Carlos, a mudança que houve na Venezuela a partir do atual governo. Se antes, conforme esses dois locutores, eles tinham uma boa condição de vida, progressivamente começaram a vivenciar uma crise política, econômica e social no país. Dito isso, percebemos um “diálogo” com o discurso político e econômico. Como vimos em Ribas (2018), durante grande parte do século XX, a Venezuela era receptora de imigrantes, pois era conhecida por sua estabilidade, ausência de conflitos e processo de modernização e, a partir de 1983 – período anterior ao narrado pelos enunciadores –, houve um declínio econômico e uma mudança no padrão migratório: o país passou de receptor de imigrantes a “remetente progressivo”. Assim, notamos que a situação nesse país continuou piorando, já que tanto Carlos quanto Alejandro relatam o início das dificuldades a partir do governo de Chávez (1999).

Tal piora na condição de vida é refletida no vocabulário utilizado no relato. O locutor parte de termos axiologizados positivamente, como: “Venezuela ia *bem*, *excelente*, tudo *ótimo*. Tudo na Venezuela era *lindo*”, “Começamos a vida *bem*. Chávez começou se saindo *bem*” e transita para termos (e enunciados) axiologizados negativamente, como: “começou a ter *pressão* na Venezuela”, “começou a *guerra* em Venezuela, a *crise econômica*, começou a *crise alimentícia*”, “se foi *desaparecendo os alimentos*, se foi *desaparecendo os remédios*, foi *reduzindo tudo*”, “cada comerciante foi **sendo** pouco a pouco *maltratado pelo governo, nenhum negócio dava mais*”, “cheguei a *não ter nada*”, “tudo ia *minguando*”, “tudo já *não rendia*”, “começaram a *dar duro*”, “começou a *desaparecer a moeda e a cédula, tudo começou por cartão*, então *nem todo mundo tinha em seu negócio um ponto*”, “começaram os vivos a *sobreviver* e todo mundo vivia numa *armadilha*”.

Destacamos a utilização do termo “guerra” para caracterizar a situação na Venezuela em um passado mais recente, em (2) e (3), e a dificuldade do enunciador para sustentar a família, em (3). Dentre os significados para “guerra”, temos: “Luta armada entre nações, etnias diferentes ou partidos de uma mesma nação, por motivos territoriais, econômicos ou ideológicos; Qualquer luta ou combate com ou sem armas; combate, conflito, disputa; Hostilidade acirrada e oposição a alguém<sup>96</sup>”. Percebemos, assim, o contexto de confronto que se instaurou no país e a dificuldade que foi imposta à população.

---

<sup>96</sup> Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/busca?id=MxNL>>. Acesso em: 30 mai. 2021.

Alejandro relata que, a partir da instauração da crise na Venezuela, “todo mundo vivia numa armadilha”, o que evidencia a dificuldade e a insegurança de (sobre)viver em tal contexto. Diante de tudo, inclusive de morte por fome, falta de remédio e atendimento médico, conforme o excerto (3), ele revela impotência: “lamentavelmente estamos aqui neste país”.

Notamos ainda que, enquanto Alejandro descreve Hugo Chávez, ex-presidente da Venezuela, como “muito inteligente” e “gênio”, caracteriza Nicolás Maduro, atual presidente do país, como alguém que nada entende de política, como um “palhaço”. Temos, portanto, uma descrição positiva no primeiro caso e negativa, considerada até pejorativa, no segundo, as quais revelam, de certa forma, a opinião política do enunciador. De todo modo, essa “transição” de termos (positivos para Chávez e negativos para Maduro), presente na narrativa, sugere que a crise Venezuela se instaurou, de fato, no governo de Maduro, reafirmando o que Carlos também já havia dito.

Sobre o tema imposto “trajetória para o Brasil”, Alejandro fala:

(4) *E não é fácil não. Não é fácil os golpes que passamos no mês de abril, atravessando a fronteira com meus filhos. O que nunca, nunca, bom, o que nunca eu passei eu vim a passar com meus quatro filhos, minha esposa. Passar caminhando na fronteira, passar três ou quatro horas caminhando por um povoado, sujos, vindo com as malas, soltos, correndo, porque a fronteira não é a oficial do Brasil se não a da Venezuela. Os indígenas, os militares, eles se comportam no país da Venezuela como presidente, como os líderes que eles são. E, para você sair da Venezuela para cá, nessa época, a fronteira estava fechada. Custava, custou muito. Graças a Deus quando chegamos ali no Brasil, graças ao Senhor, tivemos um apoio da Polícia Federal. Muito bonito. Lembro-me desse dia e fui tremendo.*

O locutor nos conta, de forma detalhada, a trajetória até o Brasil, a qual ele revela que “não foi fácil”. Descreve como “golpes” o que vivenciou naquele mês na travessia da fronteira. Há algumas repetições, como, por exemplo, do termo “nunca”: “O que nunca, nunca, bom, o que nunca eu passei” e de “caminhando” que revelam, de forma mais enfática, como tal processo foi penoso. A sequência descritiva “sujos, vindo com as malas, soltos, correndo” favorece a visualização da cena por parte do interlocutor. Diferentemente, o migrante descreve de forma positiva sua chegada ao Brasil: “tivemos um apoio da Polícia Federal. Muito bonito”. Alejandro aborda também o subtema imposto “situação em Roraima”, mais especificamente, em Boa Vista:

(5) Em dois mil e dezessete dei meu passo, meu primeiro passo para imigrar para o Brasil, (para) onde vim em treze de setembro de dois mil e dezessete. *Cheguei à cidade de Boa Vista, Brasil, aonde cheguei com uma vida diferente. Cheguei a outra cultura, cheguei a outro idioma, onde, graças a Deus, bom, me dei bem. O primeiro mês foi forte, foi forte porque não conseguia emprego.* Eu, que tinha outra posição na Venezuela. Cheguei até a colher latinha para sobreviver e comer um arroz com salsicha, o que durou um mês, mas sobrevivi. E, logo depois de um mês, conheci um senhor chamado A., (que) tinha uma oficina de latoaria e pintura onde eu visitava. A. (é) um brasileiro muito boa pessoa. Ali conheci um senhor inglês guianês, um guianês inglês, X., era estofador, *me ofereceu duas semanas de trabalho e fui trabalhar com ele, onde demonstrei meu talento de trabalhar, minha gana de trabalhar como estrangeiro, como venezuelano no Brasil, e ganhei a confiança do senhor X. Ali estive trabalhando três meses. Depois de três meses não tinha serviço, não chegava carro, estava morto. E eu abri, foi onde experimentei o que eu tinha aprendido na minha terra venezuelana, que foi o comércio.* E, a partir daí, em janeiro de dois mil e dezoito ou fevereiro, comecei no comércio. *Boa Vista foi excelente para mim, graças ao Senhor, “lancei o pombo”* ((expressão que significa empreender com decisão e coragem)), como nós, venezuelanos, chamamos.

Ao discorrer sobre Boa Vista, Alejandro menciona a questão do desemprego, assim como os demais entrevistados. Ademais, faz alusão às diferenças culturais e de idioma, as quais um migrante venezuelano também enfrenta no Brasil. Diferentemente dos outros participantes da presente pesquisa, que apontam Boa Vista como uma experiência muito difícil e, até mesmo negativa, contrapondo-a à de Belo Horizonte, Alejandro afirma ter “se dado bem” na capital de Roraima: apesar da situação de desemprego inicial (que o obrigou a “colher latinha para sobreviver e comer arroz com salsicha”, em um relato que lembra o de Mayerlin), ele, posteriormente, conseguiu emprego e, quando não deu mais certo, empreendeu no ramo do comércio, em que já havia trabalhado na Venezuela. No entanto, ele silencia quanto às motivações que o levaram a se candidatar para a estratégia de interiorização, já que admite, no final do trecho (5), que Boa Vista foi “excelente” para ele. Trata-se de um índice de avaliação extremamente positivo, que traduz uma situação favorável. O(a) leitor(a) se pergunta, portanto, o que o levou a querer sair de Boa Vista.

Ainda no âmbito do tema imposto “situação no Brasil”, diz o migrante:

(6) Passei um ano, apenas lutando, que foi dois mil e dezoito. *Lutando por minha família, pelos meus quatro filhos e esposa. Minha mãe e dois de meus irmãos, no mês de fevereiro de dois mil e dezoito, arrumaram trabalho no Brasil. Eu estendi a mão a eles. Dois estão morando em Manaus, uma está no Peru, meu sobrinho, me trouxeram dois sobrinhos, todos têm chegado aqui no Brasil, estão dando duro na vida. Todos estão lutando pela nossa família e, agora mesmo, em dois mil e dezenove, (n)ô mês de abril, me trazem meus quatro filhos e minha esposa.* Pela graça ao Senhor Deus, a porta que nos abriu

o país do Brasil, nossos irmãos, que nos abriram a porta a nós, venezuelanos, para virmos buscar um bom futuro, para buscar uma nova vida, para aprender.

Notamos a importância de se ter um familiar, como apoio, no país para o qual se migra ou se vai migrar, pois, conforme Alejandro, ele ajudou sua mãe e seus dois irmãos nesse processo (metaforizado como “estender a mão a eles”). Depois, vieram seus dois sobrinhos, seus quatro filhos e sua esposa. Essa “rede de solidariedade” entre membros da família lembra os relatos de Edelmira e de Carlos: a irmã da primeira e o pai do segundo migraram antes para o Brasil, o que facilitou a vinda de ambos. Apesar disso, conforme apontamos, nem sempre os migrantes da mesma família permanecem juntos no Brasil. Edelmira não ficou com sua irmã, Carlos teve que se separar de seu pai e Alejandro nos conta que de seus irmãos que migraram dois estão em Manaus e uma, no Peru, enquanto ele, na época da entrevista, estava em Belo Horizonte – provavelmente separado de sua esposa e filhos, já que a estratégia de interiorização é para homens que não estejam acompanhados. É notório, portanto, que o colapso permanente do tecido social (RIBAS, 2018) não ocorre somente na Venezuela, mas permanece também em solo brasileiro, conforme comentamos outras vezes.

Alejandro, em seguida, discorre, na esfera do tema imposto “planos”, sobre suas metas, reafirmando, como os demais migrantes venezuelanos cujos relatos já analisamos, sua fé na instância divina. Como se vê em (7) e (8), ele invoca Deus e Cristo. Assim, se Alejandro diz, em (7), que, em um primeiro momento, foram os irmãos brasileiros que lhe abriram as portas, ele parece retratar-se logo em seguida, atribuindo essa ação (maior) a Deus:

(7) Pela graça ao Senhor Deus, a porta que nos abriu o país do Brasil, nossos irmãos, que nos abriram a porta a nós, venezuelanos, para virmos *buscar um bom futuro, para buscar uma nova vida, para aprender*, porque nós, venezuelanos, que estamos aqui no Brasil, viemos por uma meta, uma meta que é aprender, porque Deus nos abriu a porta.

(8) E eu, pelo menos, *minha meta é voltar à Venezuela, em nome do Senhor*. Quando voltar, em dez anos, oito anos, já é diferente, porque eu já não sou venezuelano não mais, já sou brasileiro, não sou venezuelano. Em nome de Cristo, meus filhos vão estudar aqui e eu acredito que meus filhos já não vão ser mais venezuelanos se não brasileiros, porque quando eu quiser dar uma volta na Venezuela, como eu te falo, levar meus dois filhos, já vou ter conectado ao Brasil.

As metas de Alejandro são, desse modo, ter melhores condições de vida, aprender e, depois, retornar à Venezuela. Percebemos, no entanto, que, se, por um lado, ele deseja retornar a seu país natal, por outro, revela que manterá uma conexão com o Brasil, identificando-se e identificando seus filhos como brasileiros. Lembramos que, em (6), o enunciador se refere aos brasileiros como “nossos irmãos”, revelando carinho e apreço por esse povo.

Quanto ao subtema imposto “situação em Belo Horizonte”:

(9) Mas aqui estamos todo agradecido de Boa Vista, de sair para cá em Belo Horizonte. Graças a Deus *uma cidade muito bela, muito linda, estou muito surpreendido*. Eu dou muitas graças ao Senhor todos os dias. Graças ao *apoio que nós temos tido de muitas igrejas, dos J., da P., muitos que nos dão apoio abrindo a porta da rua para Belo Horizonte, onde nós começamos a formar*. Formando como pai de família, como homem batalhador, porque nós somos homens, lutadores, venezuelanos, guerreiros e viemos ao futuro, viemos para progredir primeiro, colocando o nome da Venezuela no mapa. Segundo, trabalhar e lutar. E, terceiro, bom, graças ao Senhor por me dar essa oportunidade de ser brasileiro, e desempenhar em meu trabalho, em minha área ou aprender nova área de trabalho, aprender novas culturas, aprender outro idioma que não é fácil. O português, entendemos tudo, mas não o falamos. Mas, em nome do Senhor, pouco a pouco. E, bom, *grato e orgulhoso dos irmãos brasileiros nos abrindo a porta, realizando uma nova vida aqui, numa linda cidade*.

O locutor emite uma opinião positiva sobre Belo Horizonte: “uma cidade muito bela, muito linda, estou muito surpreendido”, “linda cidade”. Revela que se sente agradecido, devido ao suporte que eles, os venezuelanos interiorizados, têm recebido pelos órgãos que fazem parte da rede de apoio da estratégia de interiorização. Notamos, contudo, que, provavelmente, por estar há pouco tempo em Belo Horizonte (apenas um mês, no momento da entrevista), sua opinião sobre a capital mineira foi superficial, restringindo-se ao âmbito da recepção inicial e da aparência da cidade, sem revelar outros aspectos relevantes no tocante à situação socioeconômica e política, por exemplo.

Por meio do seu modo de enunciação, Alejandro revela um *éthos* de força e resiliência, uma vez que, mesmo diante das dificuldades vivenciadas na Venezuela, em função da crise, e dos obstáculos iniciais em Boa Vista, ele se mostra persistente em continuar se esforçando para alcançar seus objetivos. Aliás, ele retrata os venezuelanos de forma bastante positiva, como trabalhadores, como lutadores (índices de avaliação), culminando com a denominação “guerreiros”. Ressalta, dessa forma, que eles buscam enaltecer o país: “(...) porque nós somos homens, lutadores, venezuelanos, guerreiros e viemos ao futuro, viemos para progredir primeiro, colocando o nome da Venezuela no

mapa”. Outrossim, como outros migrantes, Alejandro demonstra ter fé na recuperação futura do país natal, orquestrada por Deus: “Mas, Venezuela, *em nome de Deus*, que se levante, para uma bela virada”.

Sobre o plano mais amplo da intertextualidade, além do já mencionado discurso político/econômico, notamos, e com recorrência, o discurso religioso, como nestes trechos: “Cheguei a outra cultura, cheguei a outro idioma, onde, *graças a Deus*, bom, me dei bem”, “Boa Vista foi excelente para mim, *graças ao Senhor*”, “(...) minha meta é voltar à Venezuela, *em nome do Senhor*”, “*Em nome de Cristo*, meus filhos vão estudar aqui (...)”, “*Graças a Deus* quando chegamos ali no Brasil, *graças ao Senhor*, tivemos um apoio da Polícia Federal”, “(...) *damos graças a Deus* que (pelos familiares que estão na Venezuela”, entre muitos outros. Assim como Carlos, Alejandro não se vale do discurso direto, parecendo ser este um recurso mais típico das narrativas de vida das mulheres.

A exemplo dos demais relatos já analisados, o plano da dêixis enunciativa, em sua tripla modalidade espaço-temporal-pessoal, está organizado em três etapas na narrativa de vida em pauta: 1. Venezuela, no passado (mais remoto); 2. Boa Vista, no passado (mais recente); e 3. Belo Horizonte, no presente.

O espaço, no primeiro momento (1. Venezuela, no passado), é situado de maneira ampla, pelo nome do país, e especificado quando o enunciador conta que trabalhou por um período fora da cidade em que vivia: “Eu vinha trabalhar em *Santa Elena* em dois mil e quinze. Em dois mil e quinze estive em *Santa Elena*. Voltava à minha terra, voltava a cada três meses, trabalhava, voltava a cada três meses”, revelando que, antes de se aventurar para o Brasil, Alejandro possivelmente tentou migrar dentro da própria Venezuela. Destacamos antes disso, na introdução da narrativa, que ele aponta explicitamente para o interlocutor seu estado e sua cidade de origem: “Sou venezuelano, sou do *estado de Anzoátegui*, da *cidade de Tigre*”. No segundo momento (2. Boa Vista, no passado), o espaço é referenciado, na maioria das vezes, pelo nome do país, Brasil, e, algumas vezes pelo nome da capital de Roraima, Boa Vista. Provavelmente, essa referência majoritária ao país, ao invés de à cidade, deve-se ao fato de o locutor, nesse segundo momento, fazer muitas reflexões sobre sua situação como migrante venezuelano no Brasil, como é possível perceber em: “(...) onde demonstrei meu talento de trabalhar, minha gana de trabalhar como estrangeiro, como venezuelano no *Brasil*”, além de em (10) a seguir:

(10) (...) a porta que nos abriu o país do *Brasil*, nossos irmãos, que nos abriram a porta a nós, venezuelanos, para virmos buscar um bom futuro, para buscar uma nova vida, para aprender, porque nós, venezuelanos, que estamos aqui no *Brasil*, viemos por uma meta, uma meta que é aprender, porque Deus nos abriu a porta.

Ademais, como já dissemos, Alejandro faz referência a outros espaços, para os quais seus familiares foram, tanto no Brasil quanto no exterior, o que demonstra a perda de vínculos familiares enfrentada pelo migrante até mesmo depois do processo migratório inicial. Ele também menciona outros espaços quando conta que os venezuelanos migrantes ajudam seus familiares que estão na Venezuela: “E nós, cada venezuelano que está fora do país, no *Brasil, Colômbia, Chile, Peru, em toda América Latina*, essas famílias estão ao menos comendo, porque graças ao Senhor estamos fora e lhe mandamos um pouco”. Com isso, ele demonstra, em consonância com Ribas (2018), que a variação de destinos e, dentre esses, uma grande busca por países da região, é uma das características do processo migratório dos venezuelanos.

O espaço, no terceiro momento (3. Belo Horizonte, no presente) é apresentado pelo nome da cidade, “Belo Horizonte”, e Alejandro se refere a ele fazendo uso do termo “cá” e “aqui”: “Mas *aqui* estamos todo agradecido de Boa Vista, de sair para *cá* em *Belo Horizonte*”, e “E, bom, grato e orgulhoso dos irmãos brasileiros nos abrindo a porta, realizando uma nova vida *aqui*, numa linda cidade”.

A categoria do tempo, por sua vez, é bem marcada e, algumas vezes, o enunciador articula datas a fatos políticos, como, por exemplo em: “Mudou quando chegou esse governo. Em noventa e oito chegou Chávez”. Não é diferente quando ele fala da sua migração e da de seus familiares: o tempo (sobretudo, o ano) é bem marcado: “Passei um ano, apenas lutando, que foi *dois mil e dezoito*. Lutando por minha família, pelos meus quatro filhos e esposa. Minha mãe e dois de meus irmãos, *no mês de fevereiro de dois mil e dezoito*, arrumaram trabalho no Brasil”.

No âmbito da categoria de pessoa, há, como nos demais relatos, a predominância da primeira pessoa do singular, o que indica tratar-se de uma das características inerentes ao gênero narrativa de vida. Afinal, não é possível contar-se ao outro sem utilizar “eu”. Ocorre também aqui um deslizamento para a primeira pessoa do plural, “nós”, para se referir a: “eu + minha esposa + meus filhos”: “Não é fácil os golpes que *passamos* **no** mês de abril, atravessando a fronteira com meus filhos”; “eu + demais venezuelanos, em geral”: “**Onde nós, os venezuelanos, fomos nos** dando conta de que os pobres estavam procurando uma maneira de se acomodar”; “*Nós, venezuelanos, vemos* uma guerra em



*nosso* país, que dia a dia morre uma criança, morrem pessoas de fome, por falta de remédio e atendimento médico”; “eu + demais venezuelanos migrantes no Brasil e/ou em outros países sul-americanos”: “e, bom, lamentavelmente *estamos* aqui neste país”; “E *nós, cada venezuelano que está fora do país*, no Brasil, Colômbia, Chile, Peru, em toda América Latina, essas famílias estão ao menos comendo, porque graças ao Senhor *estamos* fora e lhe mandamos um pouco”.

Alejandro também utiliza “você”, para se referir a “pessoas de modo geral” (“você” genérico, implicando qualquer pessoa na mesma situação): “E, bom, aqui *você* vive mudando e dando duro”, “E, para *você* sair da Venezuela para cá, nessa época, a fronteira estava fechada. Custava, custou muito”; “*Você* está dormindo quando *você* perde tudo. *Você* passa a ter muita fé”.

Já a terceira pessoa (do singular e do plural) é usada para se referir a “objetos” e outras personagens da narrativa (aquilo/aquele de que(m)se fala, fora da situação de comunicação), como, por exemplo, em: “outros trabalhos”, “taberna”, “pub”, “lanchonete”, “Venezuela”, “esse governo”, “Chávez”, “os pobres”, “ricos”, “o primeiro mês”, “um senhor chamado A.”., “senhor inglês guianês”, “ele”, “Boa Vista”. Segue o quadro com os principais aspectos da análise:

<b>Quadro 8: Síntese da análise (Alejandro)</b>	
Estatuto do enunciador	Explicitação inicial do estatuto do enunciador (nome e local de origem), o que lhe confere credibilidade.
Representações de si ( <i>éthos dito</i> )	Pai de família, marido, filho, irmão e tio; pessoa capaz de aprender e versátil; comerciante, pessoa que passou por dificuldades, como o desemprego; pessoa trabalhadora, esforçada e lutadora; pessoa que conseguiu prosperar/empreender em Boa Vista; irmão dos brasileiros, brasileiro.
Vocabulário	<ul style="list-style-type: none"> <li>•Utilização do termo “guerra” para caracterizar a situação na Venezuela mais recentemente, revelando ainda a dificuldade e a insegurança de viver nesse contexto (“armadilha”).</li> <li>•Caracterização positiva de Chávez vs negativa de Maduro, comprovando o recrudescimento da crise no governo desse último.</li> <li>•Trajetória até o Brasil: “não foi fácil”, foi “difícil”, reafirmando esse item lexical como um ponto de cristalização semântica no discurso do migrante (venezuelano).</li> <li>•Descrição pelo termo “golpes” do que o migrante vivenciou na travessia da fronteira.</li> <li>• Repetição de termos como forma de ênfase (“nunca”, “caminhando”).</li> <li>• Sequência descritiva de caráter negativo, favorecendo a visualização da cena da travessia pelo interlocutor, ao mesmo tempo em que se</li> </ul>

	<p>descreve, de forma positiva, a chegada ao Brasil: “apoio da Polícia Federal”, “muito bonito”.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Referência aos brasileiros como “nossos irmãos”, revelando carinho e um apreço por esse povo.</li> <li>• Opinião positiva sobre Belo Horizonte (bela, muito linda), concentrando-se na recepção inicial e na aparência da cidade, sem que sejam mencionados outros aspectos (socioeconômicos e políticos, por exemplo).</li> </ul>
<p>Temas</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Impostos</i></li> <li>- <i>Específicos</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Situação na Venezuela</li> <li>• Trajetória para o Brasil</li> <li>• Situação em Roraima (Boa Vista)</li> <li>• Situação no Brasil (em geral)</li> <li>• Metas</li> <li>• Situação em Belo Horizonte</li> </ul>
<p>Modo de enunciação</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Éthos</i> de força e resiliência, uma vez que, mesmo diante das dificuldades vivenciadas em vários momentos, ele continua se esforçando para alcançar seus objetivos.</li> <li>• Fé na recuperação (futura) da Venezuela, com a ajuda divina.</li> </ul>
<p>Intertextualidade (em sentido amplo)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Discurso político, discurso econômico e discurso religioso (com maior recorrência).</li> <li>• Não utilização do discurso direto.</li> </ul>
<p>Dêixis enunciativa</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Três etapas: <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Venezuela, no passado;</li> <li>2. Boa Vista, no passado;</li> <li>3. Belo Horizonte, no presente.</li> </ol> </li> <li>- Em 1), o espaço é situado de maneira ampla (nome do país) e, em outros momentos, pela menção do estado/da cidade natal e de outra cidade, onde o enunciador trabalhou.</li> <li>- Em 2), o espaço, via de regra, é referenciado, pelo nome do país (Brasil), e, algumas vezes, pelo nome da capital de Roraima, Boa Vista.</li> <li>- Em 3), o espaço é apresentado pelo nome da cidade, “Belo Horizonte” = uso de “cá” e “aqui”.</li> <li>• Categoria do tempo = bem marcada na narrativa e frequentemente aliada a fatos.</li> <li>• Categoria de pessoa: predominância da 1ª. pessoa do singular, com deslizamentos para a 1ª. do plural: “eu + demais venezuelanos”; “eu + minha esposa + meus filhos”; “eu + demais venezuelanos migrantes no Brasil e/ou em outros países sul-americanos”.</li> <li>- Uso do “você(s)” genérico (pessoa(s) na mesma situação) e do “ele(s)/elas(s) para se referir a “objetos” e personagens da narrativa.</li> </ul>

#### **4.2. Comparando as narrativas de vida (dimensão horizontal): representações sociais e imaginários sociodiscursivos**

Valendo-nos do que foi apontado nas análises até aqui, fechamos esta parte, cotejando as narrativas de vida e examinando seus aspectos similares/distintos, de modo a apreender as representações de si, do outro (nativo), do mundo, manifestadas pelos migrantes venezuelanos interiorizados para Belo Horizonte, bem como as imagens (discursivas), para, posteriormente, compará-las às que emergem dos textos jornalísticos (notícias). Seguiremos, em linhas gerais, o roteiro de entrevista, sem deixar de mencionar outras questões (mais específicas) abordadas pelos entrevistados que nos pareçam relevantes.

Com relação ao tema imposto “motivo(s) para sair da Venezuela”, enquanto Valéria e Mayerlin apresentam motivações ligadas à família (que não deixam de ter como “pano de fundo” a crise na Venezuela), Edelmira, Carlos e Alejandro enunciam como motivos principais para o deslocamento fatores políticos, sociais e econômicos. Quanto à “trajetória para o Brasil”, Valéria se limita a dizer que “veio sem pensar muito a Boa Vista, a Roraima”, enquanto Carlos silencia sobre esse tema. Por outro lado, Edelmira, Mayerlin e Alejandro nos contam as grandes dificuldades que enfrentaram ao longo do percurso, como, por exemplo, a solidão, o medo, o cansaço e até roubo.

No que tange ao tema imposto “experiência como refugiado/migrante no Brasil”, vimos que ele favorece a abordagem de dois subtemas, que tomamos como impostos: “situação em Roraima” e “situação em Belo Horizonte”.

Com relação à “situação em Roraima”, Valéria discorre sobre a condição dos abrigos e sobre o desemprego (temas específicos). Carlos, além de também mencionar o desemprego, fala de subemprego e de falta de documentação. Edelmira expõe a recusa, por parte das autoridades, para que ela e a irmã participassem da estratégia de interiorização e tivessem carteira assinada, pelo fato de serem indígenas. Mayerlin, por sua vez, discorre sobre o tema específico “recepção aos venezuelanos” (em Boa Vista), destacando, de um lado, o estereótipo de cordialidade do brasileiro (“receber com os braços abertos”) e, de outro, certo mal-estar (“indispostos”) diante do volume da migração venezuelana e dos impactos que isso causa na capital de Roraima.

Em alguns momentos, os migrantes revelam que sofreram preconceito e/ou foram discriminados por (alguns) nativos, como foi o caso de Valéria, que alega ter sido maltratada física e verbalmente, quando foi retirada do posto de venda informal de café

que ocupava em Boa Vista, ou de Carlos, que menciona as pessoas que, desconhecendo a difícil situação dos migrantes, apontam e falam mal deles (“dizem o diabo”). Alejandro, diferentemente dos outros entrevistados, que apontam Boa Vista como uma experiência muito difícil e, até mesmo negativa, contrapondo-a a Belo Horizonte, afirma ter “se dado bem” na capital de Roraima, apesar da situação inicial de desemprego. É que, posteriormente, ele conseguiu emprego e, quando não deu mais certo, decidiu ser empreendedor no ramo do comércio. Não explica, porém, por que, mesmo assim, decidiu participar da estratégia de interiorização.

Quanto à “situação em Belo Horizonte”, Edelmira, Valéria e Carlos revelam a diferença existente entre a recepção do migrante venezuelano em Roraima e na capital mineira, sendo muito mais positiva nessa última. Repetindo a explicação de Mayerlin, Valéria comenta que talvez isso se deva ao impacto muito maior do número de migrantes venezuelanos em Roraima do que em Minas Gerais. Carlos e Alejandro, ao abordarem o tema em pauta, falam do apoio dado aos migrantes. Alejandro revela que se sente agradecido devido ao suporte que eles, os venezuelanos interiorizados, têm recebido dos órgãos que fazem parte da rede de apoio à estratégia de interiorização.

Por fim, com relação ao tema imposto 4, “planos futuros”, Valéria, Alejandro e Mayerlin, no momento da entrevista, declararam que pretendem continuar vivendo no Brasil. Os dois primeiros afirmam que planejam retornar à Venezuela futuramente apenas para visitar. Alejandro admite que, quando retornar para visitar seu país, daqui a oito ou dez anos, estará conectado com o Brasil, identificando-se e até identificando seus filhos como brasileiros, o que remete ao processo de naturalização. Ele é, aliás, o único que faz menção a isso. Diferentemente, a meta de Edelmira e de Carlos é voltar. De qualquer modo, eles, no geral, acreditam na recuperação da Venezuela no futuro.

Na esfera dos temas mais específicos, vimos que os migrantes entrevistados abordam a migração familiar, o que nos leva a observar a importância de se ter alguém da família como apoio no país de acolhida. Apesar disso, percebemos que raramente os venezuelanos da mesma família permanecem juntos no Brasil. Apenas Alejandro faz alusão às diferenças culturais e de idioma, obstáculos que o migrante venezuelano também enfrenta durante o processo de adaptação ao novo país; os demais migrantes entrevistados para esta pesquisa silenciaram esse tema.

Do ponto de vista do vocabulário, a gravidade da situação tanto da Venezuela quanto de Roraima é marcada por termos fortes, axiologizados negativamente, em grande parte das narrativas. Nesse sentido, o item lexical “difícil” (e similares) parece sintetizar

o percurso migratório em suas várias etapas, tornando-se uma palavra-chave ou um “ponto de cristalização semântica” (MAINGUENEAU, 2008) no/do discurso. Lembramos, por exemplo, que nossos entrevistados (migrantes venezuelanos interiorizados para Belo Horizonte) tiveram que enfrentar o desemprego e viver situações sub-humanas, como dormir na rua e ter que catar lixo (lata, comida) para sobreviver, quando chegaram ao Brasil, via estado de Roraima, descrevendo essas experiências geralmente de forma bastante emotiva.

Já sobre Belo Horizonte, os termos e enunciados são axiologizados positivamente. Fica, porém, a pergunta incômoda: será que a tendência a elogiar Belo Horizonte não revela um silenciamento sobre pontos negativos, no estilo “não cuspir no prato [em] que comeu” (ou em que ainda está comendo)? Afinal, quando foram entrevistados, esses venezuelanos tinham praticamente acabado de chegar à capital mineira pela estratégia de interiorização. Essa atitude pode também decorrer do pouco tempo que eles tinham em Belo Horizonte quando falaram sobre seu processo migratório.

O modo de enunciação, na maioria das vezes, revela um tom assertivo e determinado, que remete a um *éthos* resiliente, tendo em vista que os entrevistados se mostram dispostos a enfrentar as (muitas) adversidades que já encontraram (e ainda encontram) ao longo do caminho, e esperançosos de que dias melhores virão. Isso se deve, em grande medida, à religiosidade (intertextualidade, em sentido amplo, com o discurso religioso) que todos eles manifestam. Esse *éthos* resiliente é atravessado, em certos pontos da narrativa (sobretudo, quando os “narradores” falam das experiências negativas que tiveram na Venezuela e/ou no Brasil), por um *éthos* mais fragilizado, frequentemente associado ao choro, que aciona o *páthos* do destinatário. Além da presença do discurso religioso, constatamos também “diálogos”, em menor grau, com o discurso econômico e com o jurídico. Por outro lado, diferentemente das mulheres, que, com frequência, fazem uso do discurso direto para simular interlocuções com o outro (ou consigo mesmas), os homens entrevistados não utilizam esse recurso.

Quanto ao plano da dêixis enunciativa, o tempo e o espaço, via de regra, orientam-se por três momentos e lugares distintos: 1. Venezuela, em um passado mais distante; 2. Roraima, em um passado mais recente; e 3. Belo Horizonte, no presente. Desse modo, na dimensão temporal, temos duas grandes etapas: o presente (*agora*) opondo-se ao passado (*então*) que, por sua vez, se desdobra em dois momentos: mais remoto/mais recente. A dimensão temporal, como se vê, alia-se à dimensão espacial (*aqui* vs. *lá*), este, a exemplo do tempo, desdobrado em dois. Dos cinco entrevistados, apenas Mayerlin orienta/constrói

sua narrativa de forma um pouco diferente: 1. Trajetória para o Brasil (percurso migratório), no passado; 2. Brasil, no passado e no presente; e 3. Venezuela, no presente e no futuro.

No âmbito da categoria de pessoa, vemos a predominância absoluta de um *eu* que (se) conta ao outro, o que é próprio do gênero de discurso “narrativa de vida”. O *eu* pode deslizar para o *nós*, sobretudo quando o migrante passa a integrar um grupo mais amplo (“nós, migrantes”, “nós, venezuelanos” etc.). O “você(s)”, por sua vez, é utilizado tanto para simular um diálogo com outrem (companheiros, nativos), situação mais típica do grupo feminino, podendo ainda assumir um caráter mais genérico (qualquer pessoa na mesma situação). O “você”, dirigindo-se à entrevistadora, é bastante raro no *corpus*.

Dito isso, resta-nos apontar as representações e os imaginários (socio)discursivos mais recorrentes que emanam das narrativas de vida – e que as categorias da semântica global (MAINGUENEAU, 2008) nos permitiram apreender –, a fim de cotejá-los, em um segundo momento, com aqueles que integram as narrativas apreendidas nas notícias de jornal. Vamos a eles.

Como vimos, os participantes da presente pesquisa se representam (socio)discursivamente como migrantes venezuelanos, inclusive, iniciando sua narrativa, na maioria das vezes, com a referida representação, o que lhes confere credibilidade. Ademais, eles se dizem pessoas pertencentes a uma família (em que desempenham papéis variados: irmã/irmão, filha/filho, tia/tio, mãe/pai de família, esposa/marido, avó, parceira), colocando-se, em geral, no contexto da crise venezuelana, como os responsáveis em ajudar financeiramente a família e, em alguns casos, em fornecer o suporte para alguns membros familiares migrarem.

Eles se veem como trabalhadores e esforçados, ainda que, devido às circunstâncias, tenham passado pela situação de desemprego (tanto na Venezuela quanto em Roraima). São pessoas lutadoras, fortes, crentes e tementes a Deus, resilientes e esperançosas, tendo em vista que, mesmo diante de todas as dificuldades enfrentadas tanto no país natal quanto no país de acolhida (sobretudo inicialmente), eles persistem e acreditam na futura recuperação da Venezuela. Identificamos, assim, por meio dessas (auto)representações, os imaginários (socio)discursivos de “batalhador(a)” e de “sobrevivente”.

Os brasileiros, considerados, neste caso, como o “outro”, são representados ora como irmãos, ora como aqueles que se indispõem contra os migrantes venezuelanos, a depender, sobretudo, se residem no estado de Roraima (Pacaraima e Boa Vista) ou em

Belo Horizonte. Os primeiros, na maioria das vezes, são relatados como pessoas que não dão o apoio necessário ao migrante e que, em alguns casos, até praticam a xenofobia, fato justificado, em certos momentos, pelos próprios migrantes, que o atribuem aos intensos fluxos migratórios de venezuelanos que ocorrem nesse estado. Diferentemente, os brasileiros residentes em Belo Horizonte são representados como solidários e acolhedores, não sendo possível determinar se essa imagem (positiva) se deve (ou não) ao pouco tempo dos venezuelanos interiorizados na capital mineira. Nesse caso, notamos que o imaginário de “acolhimento” que muitas vezes está associado aos brasileiros é, em alguns casos, refutado e substituído pelo seu oposto: “não acolhimento”, “indiferença” e, no limite, “exclusão”. Destarte, podemos dizer que há uma “quebra de expectativa” e até um certo desapontamento por parte dos migrantes.

As representações sobre o processo de migração, presentes nas narrativas de vida analisadas, — neste caso, considerando tanto da Venezuela para o Brasil quanto de Roraima para Belo Horizonte — são perpassadas, pelos imaginários da “tradição”, da “modernidade”, e da “soberania popular” (CHARAUDEAU, 2015). Trata-se de imaginários apontados por Charaudeau (2015) no âmbito do discurso político, como já foi dito, mas que a nosso ver podem ser aplicados também às narrativas de vida de migrantes e refugiados. A esses imaginários charaudianos, acrescentamos um novo imaginário – o de tensão – tal como procuraremos explicar mais adiante.

Observamos, no *corpus*, discursos segundo os quais a situação na Venezuela era melhor em um passado mais remoto do que em um passado mais recente ou na atualidade, o que seria, inclusive, uma motivação/justificativa para a migração. Edelmira, por exemplo, nos conta que o contexto de seu país foi piorando ao ponto de sua turma do curso da Polícia Nacional ter sido a primeira a não poder continuar trabalhando em Caracas: cada aluno recém-graduado teve que retornar a seu estado. Valéria, por sua vez, diz que há muitos anos, quando a Venezuela era um país como o Brasil, ela não pensava em sair de lá, tanto que nem tinha passaporte. Mayerlin, assim como as enunciadoras anteriores, revela que a Venezuela que os venezuelanos deixaram não é a mesma a que estão/estavam acostumados. Notamos, a partir disso, o imaginário da “tradição”, que é amparado por “discursos que se referem a um mundo longínquo no tempo, no qual os indivíduos teriam conhecido um estado de pureza. Esse mundo é evocado como um paraíso perdido (...)” (CHARAUDEAU, 2015, p.211).

Nessa perspectiva, na narrativa de vida de Carlos e Alejandro, notamos “o outro”, no caso, o governo de Maduro, como uma “nódoa” (CHARAUDEAU, 2015), responsável

pela degradação do país. Conforme o primeiro, antes do atual governo, ele vivia muito bem na Venezuela. O governo de Maduro representa, então, para o locutor, uma ameaça ao país e aos venezuelanos. De forma semelhante, Alejandro exalta um passado anterior na Venezuela que destoava do passado mais recente: “Venezuela ia bem, excelente, tudo ótimo. Tudo na Venezuela era lindo. Mudou quando chegou esse governo”. Nesse caso, para o enunciador, o governo representa uma ameaça, uma fuga às origens, remetendo ao já citado imaginário da “tradição”, uma vez que Alejandro valoriza o retorno às fontes, através dos recursos de que o país dispõe:

Mas, Venezuela, em nome de Deus, *que se levante, para uma bela virada*. A porta vai estar aberta para muitos, para todos os latinos, porque primeiro é um país pequeno. Segundo, *é o terceiro país multimilionário, porque temos tudo, temos petróleo, temos gás, temos ouro, temos minerais, temos tudo. Uma terra muito bela* e, bom, espero que os demais países, como o Brasil, os irmãos que nos deram apoio que em qualquer momento, este pesadelo que estamos vivendo nós, os venezuelanos, passe (ALEJANDRO).

Diferentemente, quando os migrantes comparam a Venezuela com Roraima ou Roraima com Belo Horizonte, isto é, o passado mais remoto com o passado mais recente ou o passado mais recente com o presente, eles atribuem um valor mais positivo ao tempo mais atual, como, por exemplo, em:

Mas na verdade estava tranquila porque estava fora de Venezuela, infelizmente, e é triste dizer isto: “estou fora do meu país graças a Deus”. É triste que um cidadão diga isso de um país. Mas deveria dar graças a Deus ainda que estivesse na rua ((choro)), mas estava com meu filho dessa vez, segura. Os militares estavam atentos, as pessoas nos davam comida, não passamos fome nem frio (VALÉRIA).

(...) notamos imediatamente a diferença no acolhimento das pessoas daqui, no trato, porque em Roraima, não sei se é pela massiva quantidade de pessoas que já tem, não é tão grato às vezes o trato do brasileiro com os imigrantes. A diferença aqui em Belo Horizonte é muito diferente (VALÉRIA).

De modo geral, as avaliações (mais) positivas para o período temporal mais recente funcionam para validar a migração tanto inicial, da Venezuela para Roraima, quanto posterior, pela estratégia de interiorização, de Roraima para Belo Horizonte. Identificamos, assim, o imaginário da “modernidade”, já que diz respeito a um “conjunto de representações que os grupos sociais constroem a propósito da maneira como percebem ou julgam seu instante presente, em comparação com o passado, atribuindo-lhe



um valor positivo, mesmo quando o criticam” (CHARAUDEAU, 2015, p. 215). Logo, vemos que os migrantes venezuelanos estão divididos entre um imaginário de tradição, que preza o retorno às origens (em relação ao país natal), e um imaginário de modernidade, que valoriza a situação atual, o presente (no Brasil), o que revela a complexidade do processo migratório. Tal dualidade é típica do que se costuma designar como “entrelugar” (BHABHA, 1998).

Notamos, ainda, nas narrativas, um discurso segundo o qual o povo é o responsável pelo seu próprio bem-estar, nesse caso, tanto o povo venezuelano quanto o brasileiro, como vemos em:

*E retomo as graças a Deus que me colocou aqui e que Deus me permita lograr os objetivos que plantei, lograr ver a Venezuela livre logo, próspera, como é, como era o meu país, porque Venezuela é um país rico, um país potência, o que lhe faz falta são pessoas que administrem os seus recursos, pessoas que sejam seres humanos, pessoas que sejam sensíveis, pessoas que lhe doam a dor alheia, não sejam pessoas mesquinhas (VALÉRIA).*

*E sei que aqui no Brasil há crianças em situação de rua, porque sim há, mas jamais comparado à situação em Venezuela, que lamentavelmente a mulher venezuelana não tem tomado consciência com respeito a isso e nós somos muito irresponsáveis no tema. [...] e lamentavelmente como vai melhorar a Venezuela se a nossa semente não lhe estamos dando a atenção apropriada? Então para que melhore a Venezuela nós, como cidadãos, tanto cidadãos brasileiros como cidadãos venezuelanos, temos que melhorar e tomar consciência (MAYERLIN).*

*Mas para a Venezuela se levantar temos que nós, venezuelanos, aprender, aprender muitas coisas que lá não sabíamos (ALEJANDRO).*

Apresendemos, a partir desses excertos, o imaginário da “soberania popular”, o qual é sustentado por discursos que fazem referência a “um mundo, atual ou em construção, onde o povo reina como responsável por seu bem-estar” (CHARAUDEAU, 2015, p.227).

Ora, se o processo migratório dos venezuelanos entrevistados envolve, em suma: 1) o contexto de crise relatado sobre a Venezuela; 2) a complicada trajetória para o Brasil; 3) as experiências vivenciadas em Roraima (Pacaraima e Boa Vista), representadas, via de regra, por um léxico negativo; e, 4) a posterior migração para Belo Horizonte pela estratégia de interiorização, que também envolve rupturas (deixar um estado, laços afetivos, etc.), etapas que são atravessadas pelo item lexical “difícil” (e similares) – uma espécie de palavra-chave ou de “ponto de cristalização semântica” (MAINGUENEAU,

2008) no/do discurso – julgamos ser possível depreender um imaginário (socio)discursivo que chamaremos, por falta de termo melhor, de “imaginário de tensão”.

Valendo-nos desse termo, por meio das acepções atribuídas a ele no dicionário – “Estado do que é ou se apresenta tenso, rijo, duro”; “Estado da pessoa preocupada, ansiosa, sobrecarregada física ou mentalmente”; “Situação conflitante, com prováveis conflitos”; “Desacordo nas relações entre países, classes sociais ou partidos políticos”<sup>97</sup> –, constatamos que esse imaginário perpassa diversos momentos e aspectos do processo migratório desses venezuelanos, desde o país natal até o Brasil, além de representar, muitas vezes, o sentimento desses sujeitos. Continuando nessa mesma linha de raciocínio, elucidamos que o imaginário (socio)discursivo de tensão ancora-se em um conjunto de representações que os venezuelanos entrevistados constroem sobre as situações difíceis e desafiadoras por eles vivenciadas no processo migratório, as quais demonstram como eles se sentiam/se sentem em relação a tais experiências.

Nos excertos a seguir é possível verificar o imaginário em pauta nas narrativas de vida dos entrevistados, nos dois contextos (Venezuela e Brasil):

E depois do curso, depois da aprovação, nos mandaram para três meses de treinamento em Caracas, para a capital da Venezuela. Três meses em treinamento, onde *foi um pouquinho difícil porque a crise já estava ali, eu já tinha que custear meus gastos. Ficamos como que dois meses sem receber benefícios nem nada, somente uns dois meses cobrindo meus gastos. Tudo já estava caro, passagem, comida, tudo. Já era algo, a situação da Venezuela estava crítica, bom, já estava começando sua crise* (EDELMIRA).

E bom, ((choro)) e ((choro)) e sempre, quando nos citavam, quando nos iam avisar, quando pegamos os papéis, *sempre quando chegamos à J., ia com esse medo de que me devolvessem*, porque os indígenas não se podem interiorizar ((choro)). E, bom, *com este medo, e bom, cada vez que ia à J., tinha esse temor que me devolvessem*, porque nunca, que não pode (por)que é indígena (EDELMIRA).

*Me encontrei com muitas dificuldades, muitos problemas econômicos*, porque apesar de que eu trabalhava **na** Venezuela, *o dinheiro não era suficiente e estava muito preocupada pelo que vinha depois*, porque isso estou falando de cerca de três, quatro anos atrás, que todavia a situação não estava como estava agora, mas *eu imaginava que ia ser mais difícil a cada dia*, então me pus a pensar um dia que tinha que sair do país para trabalhar, para guardar dinheiro, para tirar a minha filha primeiro (VALÉRIA).

No momento de chegar a Roraima *foi algo muito impactante para mim*, porque cheguei a um abrigo que se chama T.N. Parece então que esse abrigo estava, não tinha controle. Não havia presença ali da Y (organização), nem de militares, algo descontrolado, parecia como uma prisão. *Era horrível*. Estava cheio de venezuelanos. Mas, como (em) todos os países há pessoas boas e pessoas más, me deu a impressão de que havia muitas pessoas más ali e *me senti mal*. (No) momento que cheguei, as **boas**-vindas foram (n)esse ambiente

<sup>97</sup> Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/tensao/>>. Acesso em: 07 nov. 2021.

e eu não gostei, onde havia tantas pessoas, até droga havia ali, havia prostituição, coisas que eu estranhei. Mas, bom, eu disse:

— Meu Deus, foi para isso que vim ao Brasil? (VALÉRIA).

*É que as dificuldades que enfrentamos foram intensas, como já disse nos **roubaram** no terminal de Tigre, ficamos três mulheres sozinhas, abandonaram a gente antes de chegar a Gran Sabana e sem dinheiro, praticamente sem comida, tivemos que pedir carona, pegar fila na fronteira e chegar a Boa Vista. Foi difícil. E foi tudo um desafio chegar a Boa Vista e não ter dinheiro. Tornar-se alguém na situação de quem não tem dinheiro foi difícil, recolher lata, que foi as dificuldades (MAYERLIN).*

Até que um dia eu me sentei e pedi a Deus que me desse paciência e que me guiasse e assim foi, porque eu sabia que com minha irmã, mãe, e tenso não ia conseguir nada (CARLOS).

Nem aqui em Boa Vista eu me saí bem, porque também estava ficando difícil, porque havia muitos venezuelanos e é triste ver ali uma pessoa que saiu de seu país com crianças, recém-nascidos, com mala, correndo. Prefiro dormir na rua em outro país. Mas saber que em outro país já consegui para comer, consegui. Ali não, ali é duro, então, não desejaria isso a nada e ninguém que nenhum outro país passe por isso (CARLOS).

Cada comerciante foi sendo pouco a pouco maltratado pelo governo, nenhum negócio dava mais. No meu caso, como comerciante, depois de ter três negócios, cheguei a não ter nada, porque já tudo ia minguando, tudo já não rendia. Começaram a dar duro. Na Venezuela, começou a desaparecer a moeda e a cédula, tudo começou por cartão, então nem todo mundo tinha em seu negócio um ponto ((para receber cartão)). Começaram os vivos a sobreviver e todo mundo vivia numa armadilha. E, bom, aqui você vive mudando e dando duro. Jovem, comecei a ver o mundo da volta que ia dando o governo em nossa Venezuela (ALEJANDRO).

*Foi uma guerra dura para poder sustentar e ajudar minha família na Venezuela. Não é nada fácil o que nós, venezuelanos, estamos passando dia a dia. Nós, venezuelanos, vemos uma guerra em nosso país, que dia a dia morre uma criança, morrem pessoas de fome, por falta de remédio e atendimento médico e, bom, lamentavelmente estamos aqui neste país. Passei um ano, apenas lutando, que foi dois mil e dezoito. Lutando por minha família, pelos meus quatro filhos e esposa (ALEJANDRO).*

Comparadas as narrativas de vida e apreendidos os imaginários (socio)discursivos e as representações (de si, do outro, do mundo) que as atravessam, passemos ao Capítulo V, no qual nos dedicaremos à análise das notícias selecionadas (ver Metodologia), para posterior cotejo com as narrativas de vida examinadas neste capítulo.

## CAPÍTULO V – ANALISANDO AS NOTÍCIAS

Passamos, neste capítulo, à análise e à comparação das notícias acerca dos migrantes e refugiados venezuelanos, publicadas na *Folha de Boa Vista* e em *O Tempo*, no período de julho de 2019 a fevereiro de 2020, a fim de chegar às representações e aos imaginários sociodiscursivos (MOSCOVICI, 2015; CASTORIADIS, 1982; CHARAUDEAU, 2012b, 2015, 2017) que circulam na instância midiática (aqui representada pelos dois jornais)<sup>98</sup>.

### 5.1. O jornal *Folha de Boa Vista* em foco

Para empreender a análise das notícias, seguiremos a ordem de percurso dos migrantes participantes da pesquisa: de Roraima para Belo Horizonte, ou seja, iniciaremos pela análise do jornal *Folha de Boa Vista* e depois partiremos para *O Tempo*. Em ambos os jornais, seguiremos a ordem cronológica de publicação das notícias.

#### Notícias da *Folha de Boa Vista*

<b>Título (1)</b>	Capa: Mais de 88 mil imigrantes pediram refúgio em Roraima Cidade: Mais de 88 mil imigrantes pediram refúgio em Roraima TCE determina que Governo recupere prédios abandonados
<b>Chamada</b>	Nos primeiros 4 meses desse ano foram feitos 19.515 pedidos, aumento de 33% comparado ao ano anterior de 14.568
<b>Link</b>	<a href="https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8832&amp;edicao=40313">https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8832&amp;edicao=40313</a>
<b>Seção</b>	Capa e Cidade
<b>Editoria</b>	Polyana Girardi
<b>Data:</b> 19/07/2019	<b>Edição:</b> 8831
<p>Capa</p> <p style="text-align: center;"><b>Mais de 88 mil imigrantes pediram refúgio em Roraima</b></p> <p>Mais de 104 mil venezuelanos pediram refúgio no país de 2010 e 2019 e, deste total, Roraima é responsável por 85% dos pedidos. De janeiro a abril deste ano foram mais de 14 mil pedidos somente de imigrantes venezuelanos, um crescimento de 33%. O perfil da população imigrante que chega à capital é de maioria do sexo masculino, em maioria pedreiros, serventes, gesseiros, com idade economicamente ativa entre 18 e 49 anos.</p> <p>Cidade</p> <p style="text-align: center;"><b>Mais de 88 mil imigrantes pediram refúgio em Roraima</b></p> <p>Nos primeiros 4 meses desse ano foram feitos 19.515 pedidos, aumento de 33% comparado ao ano anterior de 14.568</p> <p>POLYANA GIRARDI Editoria de Cidade</p>	

<sup>98</sup> Assim como no capítulo anterior (Capítulo IV), durante a análise, ao reproduzir trechos, faremos uso do itálico para destacar termos ou excertos que julgamos ilustrativos dos nossos comentários.

José Gregório e a esposa Melida Vireth são venezuelanos e ainda moram nas ruas de Boa Vista. O casal e as duas filhas percorreram quilômetros até o posto da Polícia Federal, em Boa Vista, em busca de atendimento para solicitarem permissão para ficar no Brasil. A família faz parte do total de 104.355 venezuelanos no país, que entraram com pedido de refúgio entre os anos de 2010 e 2019. Desse total, Roraima é responsável por 85% dos pedidos, num total de 88.820 refugiados de vários países, sendo 83.062 apenas de venezuelanos, segundo os dados da Coordenação Geral de Polícia de Imigração.

No ano de 2018, entre os meses de janeiro e abril, foram 14.568 pedidos de refúgios de imigrantes venezuelanos. Já no mesmo período desse ano, foram contabilizados 19.515 pedidos, o que aponta aumento de 4.947 nas solicitações, um crescimento de 33%. Ainda de acordo com a pesquisa, o perfil da população imigrante que chega à capital é de maioria do sexo masculino, contabilizando 54,70%.

Dados do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) revelam que já passaram pela fronteira de Pacaraima, principal entrada de imigrantes, 170 mil pessoas em quase dois anos de registros realizados pela Operação Acolhida, sendo que apenas 14.476 passaram pelo processo de interiorização.

Perfil dos refugiados – Conforme informações da Coordenação Geral de Polícia de Imigração e ACNUR, o perfil da profissão dos trabalhadores imigrantes é em maioria pedreiros, serventes, gesseiros, com idade economicamente ativa entre 18 a 49 anos.

Uma pesquisa realizada por um grupo de até 500 refugiados com nacionalidades variadas em oito estados incluindo o Amazonas, apontou que 33% dos imigrantes desconhecem qualquer dever ou direito ligados a condição de refugiados mais que 91% utilizam os serviços de saúde pública. Os benefícios sociais ou os programas de transferência de renda atingiram apenas o número 86 refugiados inclusos na pesquisa realizada em junho desse ano.

#### **TCE determina que Governo recupere prédios abandonados**

Em decisão monocrática, o conselheiro Brito Bezerra, relator das contas da Secretaria de Estado de Gestão Estratégica da Administração (Segad) em 2019, determinou que o titular da pasta, Pedro Cerino, elabore projeto de reforma, recuperação, aproveitamento ou adoção de outra medida administrativa para conservar os prédios públicos pertencentes ao governo do estado. A Segad tem 120 dias para atender a determinação do conselheiro.

Conforme esclarece Brito Bezerra, a Segad informou que foram mapeados 97 bens imóveis, de propriedade do Estado de Roraima, abandonados ou desocupados. Ele ressaltou que “tal situação de abandono gera insegurança, oferecendo riscos à saúde da população, além de, potencialmente, servir de espaço para o consumo de drogas, estimulando o vandalismo e ainda mais a deterioração desses bens públicos”.

Com a grave crise migratória enfrentada em Roraima, estrangeiros começaram a ocupar os prédios públicos abandonados, vivendo em edificações precárias com risco de desabamento.

Outro fator determinante para a imediata recuperação e uso desses imóveis, na visão do conselheiro, é o fato de que, de acordo com nota recentemente divulgada pela Secretaria Estadual de Comunicação Social, o Governo gasta mensalmente com o pagamento de aluguel de prédios para uso público o valor de R\$ 155,8 mil, gerando uma despesa anual de R\$ 1.869.600,00, valor este que poderia ser economizado se os prédios públicos estivessem aptos para serem utilizados.

Brito Bezerra destaca em sua determinação que “a função social da propriedade urbana é alcançada quando no local há uma atividade de moradia, trabalho, preservação do meio ambiente, preservação histórica ou cultural ou constituição de rendimento patrimonial, o que não vem ocorrendo com diversas propriedades estatais, fato este público e notório no nosso Estado.”

OUTRO LADO – A reportagem da Folha não conseguiu contato com a assessoria de comunicação da Segad sobre a decisão do TCE. O espaço está aberto.

<b>Título (2)</b>	Capa: Mais de 1200 venezuelanos cruzam em um único dia a fronteira de Roraima Cidade: Aumenta entrada de venezuelanos na fronteira de Roraima com a Venezuela Prefeito diz que cresceu número de imigrantes nas ruas de Pacaraima
<b>Chamada</b>	Somente em um dia, mais de 1.200 imigrantes entraram em Roraima, um número bem acima da média divulgada de meses anteriores
<b>Link</b>	<a href="https://flip.maven.com.br/pub/fohadeboavista/?numero=8858&amp;edicao=40637">https://flip.maven.com.br/pub/fohadeboavista/?numero=8858&amp;edicao=40637</a>
<b>Seção</b>	Capa e Cidade

<b>Editoria</b>	Edilson Rodrigues
<b>Data:</b> 19/08/2019	<b>Edição:</b> 8857
<p>Capa</p> <p style="text-align: center;"><b>Mais de 1200 venezuelanos cruzam em um único dia na fronteira de Roraima</b></p> <p>Todos os dias, centenas de imigrantes atravessam a fronteira da Venezuela com o Brasil, pelo município de Pacaraima, ao norte de Roraima, fugindo da crise social e econômica que vive aquele país. E o número de venezuelanos que entram no estado não para de aumentar. Na segunda-feira da semana passada, dia 12, entraram 759 imigrantes. Na terça-feira, 13, foram 481 registros. Já na quarta-feira, 14, 1.238 venezuelanos passaram pela fronteira em um único dia, conforme dados da Operação Acolhida. O relatório Refúgio em Números da Polícia Federal aponta que somente em 2018 foram recebidas 61.681 solicitações de reconhecimento da condição de refugiado no Brasil e 81% das solicitações vieram do estado de Roraima.</p> <p>Cidade</p> <p style="text-align: center;"><b>Aumenta entrada de venezuelanos na fronteira de Roraima com a Venezuela</b></p> <p>Somente em um dia, mais de 1.200 imigrantes entraram em Roraima, um número bem acima da média divulgada de meses anteriores</p> <p>EDILSON RODRIGUES Editoria de Cidades</p> <p>Todos os dias, centenas de imigrantes atravessam a fronteira da Venezuela com o Brasil, pelo município de Pacaraima, ao norte de Roraima, fugindo da crise social e econômica que vive aquele país. E o número de venezuelanos que entram no estado não para de aumentar. Segundo dados da Operação Acolhida, quase 7 mil imigrantes passaram pela fronteira no último ano, em uma média de 500 a 700 por mês.</p> <p>No entanto, os números do mês de agosto mostram que a realidade pode não ser bem essa da média mensal estabelecida pela Operação Acolhida.</p> <p>Por exemplo, na segunda-feira da semana passada, dia 12, entraram 759 imigrantes. Na terça-feira, 13, foram 481 registros. Já na quarta-feira, 14, 1.238 venezuelanos passaram pela fronteira em um único dia, um aumento de 157% se comparando com o dia anterior.</p> <p>Os dados contabilizados pela Operação Acolhida, referentes ao número de imigrantes que chegam ao estado, oscilam muito de mês a mês. Em julho do ano passado 562 venezuelanos atravessaram a fronteira e no mesmo período deste ano, foram 533. Os números de agosto também chamam a atenção: em 2018 foi registrada uma média de 609 estrangeiros, enquanto até essa última sexta-feira (16) teriam adentrado no estado 727 imigrantes.</p> <p>Os números divulgados pela Operação também divergem dos dados oficiais do Ministério da Justiça. Segundo o relatório Refúgio em Números da Polícia Federal, somente em 2018, foram recebidas 61.681 solicitações de reconhecimento da condição de refugiado no Brasil e 81% das solicitações foram feitas do estado de Roraima. Ou seja, mais de 4 mil pessoas por mês pedem asilo na condição de refugiados somente em Roraima.</p> <p style="text-align: center;"><b>Prefeito diz que cresceu número de imigrantes nas ruas de Pacaraima</b></p> <p>Assim como Boa Vista sofre os efeitos da imigração, em Pacaraima não é diferente. Por lá, vivem cerca de dois mil venezuelanos. O município de 15 mil habitantes é a principal porta de entrada para milhares de venezuelanos que vieram para o Brasil desde o agravamento da crise em seu país. O prefeito Juliano Torquato (PRB) informou que é notável o aumento do número de imigrantes que passam na fronteira, assim como aumentou a quantidade de venezuelanos ainda dormindo nas ruas. “Tem crescido, e muito, o número de pessoas em situação de rua, até porque a maioria delas, às vezes, está resolvendo a documentação e passam dois ou três dias e, como os abrigos estão superlotados, terminam ficando nas ruas”.</p> <p>Ele disse que os abrigos foram construídos como pontos de passagem, mas viraram abrigos permanentes. “Até entendo essa superlotação, porque eles não têm para onde ir. O abrigo BV8 era para comportar 400, hoje tem entre 1.100 e 1.500 venezuelanos enquanto o Janakoida, que foi construído para comportar, no máximo, 250 pessoas em situação de trânsito, tem mais de 500 imigrantes indígenas, sendo que tem uns que moram há mais de dois anos lá”, comentou Torquato, dizendo que mesmo vários venezuelanos deixando Pacaraima e seguindo para outras cidades, tem percebido que a entrada deles no município não reduz. “Muitos saem a pé porque não têm recursos para pegar ônibus e a Operação</p>	

Acolhida não disponibiliza transporte nesse caso. Antes encontrávamos duas, três pessoas caminhando com destino a outros municípios, agora são grupos com 10, 15, 20 venezuelanos na estrada”.

DIGNIDADE – O Exército implantou em Boa Vista e em Pacaraima a ‘Operação Dignidade’, com a finalidade de orientar os venezuelanos a ocuparem os abrigos ou a procurarem residência para pernoitar, ou ainda, a seguirem viagem. A operação surgiu pelo fato dessas cidades não comportarem as pessoas nas ruas por não terem segurança e infraestruturas adequadas. A medida passou a vigorar em 31 de julho e está sendo implementada pela Operação Acolhida. Sobre essa operação, o prefeito Juliano Torquato informou que ainda não percebeu nenhum efeito dessa ação. “Percebemos ainda muitos imigrantes em situação vulnerável dormindo nas ruas. E também não foi formalizado para uma possível parceria, como ajudar na orientação aos imigrantes”, afirmou. (E.R.).

<b>Título (3)</b>	Capa: Mais de quatro mil já retornaram à Venezuela em Programa de Repatriação Cidade: Mais de 4 mil já retornaram à Venezuela Cônsul culpa embargos como motivos da migração
<b>Chamada</b>	Embarque de retorno acontece em frente ao Consulado, em Boa Vista, e somente este ano mais de 360 venezuelanos já voltaram ao seu país
<b>Link</b>	<a href="https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8859&amp;edicao=40656">https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8859&amp;edicao=40656</a>
<b>Seção</b>	Capa e Cidade
<b>Editoria</b>	Ribamar Rocha
<b>Data:</b> 20/08/19	<b>Edição:</b> 8858

Capa

### Mais de quatro mil já retornaram à Venezuela em Programa de Repatriação

Sem muito alarde, o Consulado-Geral da Venezuela em Boa Vista está fazendo um trabalho de apoio aos migrantes venezuelanos que desejam retornar a seu país. O programa começou há um ano e mais de 4 mil já retornaram à Venezuela por meio do Programa de Repatriação. Só este ano já foram feitas quatro operações de retorno, que repatriaram 367 pessoas, no total. Destas, 84 eram crianças. Não há prazo para o fim da operação.

Cidade

PROGRAMA DE REPATRIAÇÃO

### Mais de 4 mil já retornaram à Venezuela

Embarque de retorno acontece em frente ao Consulado, em Boa Vista, e somente este ano mais de 360 venezuelanos já voltaram ao seu país

RIBAMAR ROCHA

Editoria de Cidades

Sem muito alarde, o Consulado-Geral da Venezuela em Boa Vista está fazendo um trabalho de apoio aos migrantes venezuelanos que desejam retornar a seu país. O programa começou há um ano e mais de 4 mil já procuram o Consulado para se inscreverem e retornarem à Venezuela por meio do Programa de Repatriação. Só este ano já foram feitas quatro operações de retorno ao país, que repatriou 367 pessoas, destas, 84 eram crianças. Não há prazo para o fim da operação.

O plano iniciou em agosto de 2018, logo após o conflito registrado nas ruas de Pacaraima, quando alguns moradores exigiam a expulsão de imigrantes venezuelanos. À época, muitos venezuelanos retornaram a pé para o território venezuelano.

À Folha, o cônsul-geral da Venezuela em Roraima, Faustino Torella Ambrosini, disse que a partir desse momento, que o Governo de Nicolás Maduro iniciou a política de repatriação para as pessoas que se manifestassem interessadas em voltar para a Venezuela o fizessem de forma voluntária.

“Demonstrar interesse voluntário em voltar para seu país é um dos requisitos mais importantes para ser atendido pelo programa e depois tem que preencher o formulário que entregamos aqui no Consulado”, disse.

Ele destacou o preenchimento do formulário como fundamental para nortear as ações de ajuda que são adotadas pelo governo de Nicolás Maduro, quando da chegada à Venezuela.

Entre os requisitos, está se a pessoa é portadora de alguma doença ou enfermidade, profissão ou em que pode trabalhar. “De modo que possa ser encaixado em projetos de trabalho e ter direito à alimentação e a preços acessíveis de 23 mil Bolívar Soberano, equivalente a 3 dólares, que é subsidiada do Governo, que é como se fosse o recebimento de uma cesta básica a cada quinze dias”, disse.

Os demais requisitos do plano são: ser venezuelano, encontrar-se em situação de vulnerabilidade, não ter recursos para retornar à pátria, preencher o formulário de inscrição, além de apresentar a cédula de identidade, passaporte e registro de nascimento.

É exigida ainda a elaboração de uma carta direcionada ao consulado venezuelano solicitando a repatriação, contendo dados pessoais e os motivos pelo qual solicita a repatriação. Deve ainda destacar que expressa seu desejo voluntário de retornar ao país e a prioridade é para famílias com crianças, grávidas, idosos e depois homens solteiros e que estejam fora dos abrigos.

“Os menores de idade não viajam sozinhos, devem estar acompanhados por representantes legalmente autorizados e apenas uma maleta de viagem é permitida”, disse. “As pessoas só poderão se beneficiar da operação apenas uma vez e ficam proibidas de participar de outros retornos à pátria pelo programa”, afirmou.

Ele explicou que o Consulado tem disponibilizado ônibus contratados de empresas de Roraima que os levam até Santa Elena do Uairém, de onde são transportados para suas cidades de origem em veículos providenciados pelos governos de cada cidade.

Os ônibus saem de frente ao consulado e a demanda é de acordo com a procura dos voluntários. A cada cem pedidos o Consulado contrata dois ônibus que os levam até Santa Helena.

“Quando estamos com números expressivos é que informamos ao Governo de Bolívar sobre a viagem”, disse Abrosini. “Lá tem uma equipe médica de prontidão para fazer a triagem de todos que chegam e depois passam pela Polícia Migratória para assinar sua repatriação antes de providenciam o transporte para Porto Ordaz e de lá para o destino de cada pessoa”, afirmou.

Ele informou que a maioria das pessoas é de Maturin, El Tigre, Anaco, Barcelona, São Félix, Tucui (índios Warao), Porto Ordaz e Simon Bolívar, além de Valência e Caracas (R.R).

#### **Cônsul culpa embargos como motivos da migração**

O cônsul-geral da Venezuela em Roraima, Faustino Torella Ambrosini, afirmou que a saída das pessoas da Venezuela é sempre em busca de atender necessidades básicas, como se alimentar e ter acesso a remédios e emprego. Ele culpou os embargos impostos à Venezuela como motivo principal da atual situação econômica do país.

“As pessoas estão vindo para Boa Vista, para o Brasil e outros países, em busca de alimento, trabalho e medicamentos, e isso não é culpa do governo de Nicolás Maduro, mas do bloqueio econômico que sofremos, já que não produzimos medicamentos, não temos soberania alimentícia, temos que comprar quase tudo e os bloqueios afetam muito nossa estabilidade econômica, pois não se pode comprar e por isso as pessoas migraram em busca de remédios e alimentos”, afirmou sem, no entanto, citar nomes dos países que fazem o bloqueio.

Ele citou que a Venezuela tem firmando contratos para aquisição de medicamentos com a Rússia, China, Cuba e com a Cruz Vermelha.

“É interessante para os brasileiros que acabem com os bloqueios e assim os venezuelanos possam voltar para seu país e encerrar essa migração”, afirmou.

Quanto ao apoio de empresários parceiros em Roraima, que ajudam no Plano de Repatriação, ele disse que apenas o empresário Remídio Monai, da Amatur Turismo, tem colaborado com a repatriação ao fazer um preço mais acessível no aluguel dos ônibus. “Gostaríamos que houvessem mais empresários no Estado que pudessem ajudar nesse programa”, disse (R.R).

<b>Título (4)</b>	Capa: Mais de 3,5 mil pessoas vivem nas ruas de BV Cidade: Mais de 3,5 mil pessoas vivem nas ruas de BV Governo e prefeitura não monitoram situação de moradores de rua
<b>Chamada</b>	-
<b>Link</b>	<a href="https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8880&amp;edicao=40943">https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8880&amp;edicao=40943</a>
<b>Seção</b>	Capa e Cidade
<b>Editoria</b>	Marcos Martins
<b>Data:</b> 16/09/2019	<b>Edição:</b> 8879
<p>Capa</p> <p>MIGRAÇÃO VENEZUELANA</p> <p style="text-align: center;"><b>Mais de 3,5 mil pessoas vivem nas ruas de BV</b></p> <p>Em Boa Vista, a situação de moradores de rua tem ganhado características próprias com a imigração venezuelana. Muitos acabam sem lugar nos abrigos da ajuda humanitária espalhados pela cidade e ficam nas ruas. Segundo dados da plataforma regional de Coordenação Interagencial R4V, site</p>	



onde a Organização das Nações Unidas (ONU) detalha informações sobre o fluxo migratório venezuelano, existem hoje, em Roraima, 3542 migrantes vivendo como moradores de rua, dos quais 1290 homens, 1005 mulheres e 1247 crianças menores de 18 anos. Ainda conforme dados do site, o quadro de moradores de rua evoluiu muito a partir de janeiro de 2019, quando existiam apenas 1076 pessoas vivendo nas ruas, chegando ao ápice em julho deste ano, quando o número de indigentes chegou a 3631.

Cidade

MIGRAÇÃO VENEZUELANA

### **Mais de 3,5 mil pessoas vivem nas ruas de BV**

GRAFICO

MARCOS MARTINS

Editoria de cidades

No Brasil, foi realizado um estudo no ano de 2016 que estimou em mais de 100 mil pessoas a população de rua a partir de dados disponibilizados por 1.924 municípios, mas em Roraima, o número total de moradores de rua ainda é um dado praticamente desconhecido.

Segundo informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Censo que será realizado em 2020 não deve incluir essas pessoas, que ainda são invisíveis socialmente.

No entanto, em Boa Vista, a situação de moradores de rua tem ganhado características próprias com a imigração venezuelana. Muitos acabam sem lugar nos abrigos da ajuda humanitária espalhados pela cidade e ficam nas ruas. Segundo dados da plataforma regional de Coordenação Interagencial R4V, site onde a Organização das Nações Unidas (ONU), detalha informações sobre o fluxo migratório venezuelano, existem hoje, em Roraima, 3542 migrantes vivendo como moradores de rua, dos quais 1290 homens, 1005 mulheres e 1247 crianças menores de 18 anos.

Segundo o site, a contagem das pessoas foi feita em dois momentos, o primeiro durante a noite quando as pessoas foram identificadas dormindo em espaços públicos abertos e contabilizadas a partir de grupos com mais de 10 pessoas e o segundo, durante o dia, em edifícios e estruturas públicas ou privadas ocupadas espontaneamente.

Uma dessas pessoas é Juliane Cobar que passa as manhãs perambulando nas ruas. “Estou há quatro meses em Boa Vista. Na Venezuela não conseguimos emprego, não vivíamos bem. Pelo menos aqui passa alguém para dar alguma ajuda e algum alimento. Viver na rua não é a melhor situação, mas recebemos ajuda aqui e pelo menos conseguimos comida”, afirma Juliane.

Também morando há quatro meses em Boa Vista, Luiz Manoel relata que em Roraima tem conseguido comer mesmo morando nas ruas. “Pela manhã temos que encontrar outro local para ficar, pois de noite ficamos perto da rodoviária. Na Venezuela até se encontra comida, mas em muito pouca quantidade. A situação está cada dia pior lá, e sem emprego. Aqui eu consigo comer quatro ou cinco vezes no dia e na próxima semana nós vamos para o Mato Grosso e queremos sair das ruas. Viver com familiares assim não é uma boa condição”, afirma Luiz, que chegou com esposa e dois filhos.

Ainda conforme dados do site, o quadro de moradores de rua evoluiu muito a partir de janeiro de 2019, quando existiam apenas 1076 pessoas vivendo nas ruas, chegando ao ápice em julho deste ano, quando o número de indigentes chegou a 3631.

### **Governo e prefeitura não monitoram situação de moradores de rua**

A reportagem da Folha procurou a Secretaria do Trabalho e Bem-Estar Social (Setrabes) do governo estadual para saber como essa questão era tratada. Por meio de nota, a secretaria informou que não mantém nenhuma política de atendimento a pessoas em situação de rua em Boa Vista.

Em abril deste ano, o juiz da 1ª Vara da Fazenda Pública, Luiz Alberto de Moraes Júnior, determinou que a prefeitura de Boa Vista criasse e implantasse um programa para monitorar a população de rua na cidade no prazo máximo de 60 dias, sob pena de multa.

A decisão em caráter liminar (provisório) foi concedida em ação civil pública movida pelo Ministério Público de Roraima (MPRR). Em setembro do ano passado o órgão acionou a Justiça para que a prefeitura executasse programa de monitoramento com o fim de se verificar, trimestralmente, qual é o real número de pessoas vivendo em situação de rua na capital.

Apesar da determinação judicial, a prefeitura de Boa Vista informou por meio de nota para a Folha de Boa Vista que, com a chegada de milhares de venezuelanos, a prefeitura não tem como atender a demanda sem o apoio do Governo Federal, sendo a operação Acolhida que recebe recursos para abrigar os venezuelanos que estão nas ruas.

“A situação de moradores de rua na capital é diferente do que ocorre no restante do país. Ela é influenciada diretamente pela imigração venezuelana e até o início a crise humanitária no país vizinho, havia casos raros de moradores de rua na capital”, concluiu a nota.

<b>Título (5)</b>	Capa: Imigrantes são retirados de ginásio e deixados embaixo de ponte Cidade: Polícia desocupa ginásio e imigrantes são deixados embaixo da ponte
<b>Chamada</b>	No ginásio abandonado estavam vivendo cerca de 70 famílias venezuelanas que agora estão embaixo de árvores, próximo à Ponte dos Macuxi
<b>Link:</b>	<a href="https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8903&amp;edicao=41277">https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8903&amp;edicao=41277</a>
<b>Seção</b>	Capa e Cidade
<b>Editoria</b>	Dina Vieira
<b>Data:</b> 17/10/2019	<b>Edição:</b> 8902

Capa

### **Imigrantes são retirados de ginásio e deixados embaixo de ponte**

Após denúncias de que imigrantes venezuelanos teriam transformado em ponto de venda de drogas um Ginásio Poliesportivo localizado na avenida General Penha Brasil, no bairro 13 de setembro, soldados do Exército Brasileiro, com apoio de policiais da Força Nacional e agentes da Guarda Civil Municipal (GCM), fizeram a desocupação do local onde estavam morando cerca de 70 famílias venezuelanas, dos quais 28 são crianças e 26 são mulheres grávidas. Cerca de 50 imigrantes foram conduzidos em um carro de apoio superlotado e foram deixados embaixo da Ponte dos Macuxi.

Cidade

IMIGRAÇÃO VENEZUELANA

### **Polícia desocupa ginásio e imigrantes são deixados embaixo da ponte**

No ginásio abandonado estavam vivendo cerca de 70 famílias venezuelanas que agora estão embaixo de árvores, próximo à Ponte dos Macuxi

Por: Dina Vieira

Editoria de Cidades

Após denúncias de que imigrantes venezuelanos teriam transformado em ponto de venda de drogas um Ginásio Poliesportivo localizado na avenida General Penha Brasil, no bairro 13 de setembro, soldados do Exército Brasileiro, com apoio de policiais da Força Nacional e agentes da Guarda Civil Municipal (GCM), fizeram a desocupação do local nesta quarta-feira, 16.

No local estavam morando cerca de 70 famílias venezuelanas, de acordo com informações, das quais 28 são crianças e 26 mulheres grávidas.

Após a retirada do Ginásio, os imigrantes foram alojados em frente a uma Escola Municipal que fica ao lado do local e foram novamente retirados pela Guarda Municipal, como explicou o superintendente Murilo Santos.

“Estamos orientando que eles não podem ficar aqui, pois estamos preocupados com a segurança das crianças que estudam nesta escola, até porque já foram feitas várias denúncias de uso de drogas e prostituição, e eles não podem permanecer nesse local”, explicou.

Ainda de acordo com Santos, instituições de apoio aos imigrantes estão sendo procuradas para ajudar as famílias. “Estamos em contato com representantes de instituições que acolhem imigrantes para que possam dar algum apoio no sentido de disponibilizar um local para que eles fiquem abrigados e estamos dando o suporte com transporte para levar os pertences dessas famílias retiradas do local”, acrescentou o superintendente.

Após a saída da frente da escola, cerca de 50 imigrantes foram conduzidos em um carro de apoio superlotado e foram deixados embaixo da Ponte dos Macuxi.

Assim que chegaram ao local, uma pequena confusão teve início, pelo fato do proprietário de uma cerâmica localizada naquela área ser contrário à nova ocupação. Após diálogo entre as partes, os imigrantes alojaram-se embaixo de árvores na margem do Rio Branco.

O venezuelano Hache Medina era um dos ocupantes e, de acordo com ele, antes de irem viver no ginásio, os imigrantes estavam acampados naquele mesmo local.

“Estávamos aguardando vaga em algum abrigo, ou a interiorização. Não somos bandidos, somos pessoas de bem, e não entendo por que não nos querem aqui. Agora não sabemos o que pode acontecer conosco novamente na rua.”, concluiu.

<b>Título (6)</b>	Capa: Cerca de 800 crianças e adolescentes entraram sozinhos no Brasil Cidade: Cerca de 800 crianças e adolescentes entraram sozinhos no Brasil Estado e prefeitura dizem que não estão omissos Casas de acolhimento serão inauguradas
<b>Chamada</b>	-
<b>Link</b>	<a href="https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8942&amp;edicao=41849">https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8942&amp;edicao=41849</a>
<b>Seção</b>	Capa e Cidade
<b>Editoria</b>	-
<b>Data:</b> 11/12/2019	<b>Edição:</b> 8941
<p>Capa</p> <p><b>IMIGRAÇÃO</b></p> <p style="text-align: center;"><b>Cerca de 800 crianças e adolescentes entraram sozinhos no Brasil</b></p> <p>Mais de 570 crianças e adolescente foram cadastrados vivendo em Roraima sem o acompanhamento dos pais ou responsáveis. De forma não oficial, segundo o Conselho Tutelar, este número pode chegar a 800. Um plano de contingência está sendo articulado de forma emergencial para atender os menores, após decisão judicial que interditou os abrigos por conta da superlotação. Ainda este mês está prevista a inauguração de duas novas casas de acolhimento para receber crianças e adolescentes venezuelanos que chegam ao Brasil desacompanhados de pais e responsáveis, informou o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF).</p> <p>Cidade</p> <p><b>IMIGRAÇÃO</b></p> <p style="text-align: center;"><b>Cerca de 800 crianças e adolescentes entraram sozinhos no Brasil</b></p> <p>O adolescente venezuelano Luiz, de 17 anos, demorou cinco dias caminhando e pegando carona na estrada nos mais de 1000 quilômetros que ligam Caracas até Boa Vista, capital de Roraima.</p> <p>Ele contou que na Venezuela vivia sozinho e não conhece os pais e que trabalhou com construção, com mecânica, levando bagagens na rodoviária e que hoje vive na rua. “Lá na Venezuela todo mundo falava que no Brasil a gente tinha oportunidade, tinha emprego. Então eu vim embora. Estou tentando abrigo, mas eles priorizam as famílias, e eu não tenho família. Moro na rua, mas fiz amigos e agora busco trabalho. É difícil, mas tenho esperança”.</p> <p>Oficialmente, mais de 570 crianças e adolescente foram cadastradas pela Vara da Infância e Juventude do Tribunal de Justiça de Roraima. “Nenhuma estava completamente só. Sempre há alguém por perto que os representa” disse a chefe de proteção da Vara da Infância e Juventude do Tribunal de Justiça de Roraima, Lorraine Costa. Ela afirma que falta serviço e pessoal suficiente no estado para atender a todos. Ela disse que o acolhimento de crianças e adolescentes sem família é realizado, mas que “o abrigo não é uma prisão”. Também informou que os jovens têm acesso à educação.</p> <p>“A Operação Acolhida separa em quatro abrigos conforme os perfis, para evitar conflitos. Em um tem adolescentes masculinos, em outro, meninas grávidas. Mas o portão está aberto, pois é um abrigo. Com regras, mas ninguém proíbe de sair”, justifica. “Temos visitas semanais na rodoviária feitas pela divisão, de forma solidária, para cadastrar famílias e adolescentes vulneráveis na fila de acolhimento, e, nesse caso, acionamos a rede de proteção e abrigo.”</p> <p>Do total de crianças sem responsáveis diretos, 19 estão na operação acolhida, 10 estão no abrigo São Vicente, dois no abrigo Nova Canaa, dois no abrigo Santa Tereza, 01 no abrigo BV8 e quatro no abrigo Tancredo Neves.</p> <p>A reportagem procurou outras crianças e adolescentes em mais cinco abrigos temporários e informais espalhados pela cidade e até em prédios públicos abandonados que hoje estão ocupados por venezuelanos. Em um deles, o coordenador do local informou que um grupo de crianças e adolescente chegou a buscar abrigo, mas eles mandaram embora. “Não dava para ficarem aqui ‘sem mãe nem pai’. A fiscalização vem e estaríamos em perigo. Então mandamos eles embora, de volta para a rodoviária”, conta Nizan Abrantes, um venezuelano de pouco mais de 40 anos que coordena o abrigo para mais de 600 pessoas em um prédio público abandonado.</p> <p>A conselheira Tutelar da Capital Boa Vista, Andreza Ferreira contou que esses menores que entram sozinhos no país, são levadas para quatro abrigos da Operação Acolhida na capital Boa Vista, mas ficam sem nenhum tipo de atendimento mais especializado. Segundo ela, esse número de abandonados pode chegar a 800.</p> <p>“Tem muito menino na rua, nesses lares temporárias, com famílias que o conheceram aqui e acolheram, em abrigos não oficiais, que são órgãos públicos abandonados que foram ocupados por</p>	

migrantes e têm os abrigos que chamamos de ‘fantasmas’, que são casas e vilas onde se aglomeram várias famílias e pessoas em um local só e ali tem adolescente que não é nada de nada de ninguém e está sozinho no país.”

A conselheira explicou que essas crianças são abrigadas de forma temporária e ficam de stand by nos abrigos. “Existem várias sugestões, projetos, acompanhamentos, para ver os rumos que podemos dar a esses meninos, principalmente em relação à educação e a assistência de ter um cuidado maior, um cuidador. Tudo precisa ser bem trabalhado e aprovado pela justiça local e demanda tempo. A saída mais imediata serão essas duas casas lar, mas que vão dar espaço apenas para 20 crianças”.

#### **Estado e prefeitura dizem que não estão omissos**

Um plano de contingência foi articulado pelo governo de Roraima de forma emergencial para atender os menores desabrigados após decisão judicial que interditou os abrigos por conta da superlotação.

Ainda este mês de dezembro, está prevista a inauguração de uma casa lar no Município de Pacaraima e outra em Boa Vista, com capacidade para 10 adolescentes por unidade.

“O Estado está buscando, junto ao Ministério da Cidadania, apoio técnico para construção de planos emergências, com possibilidade de capacitação de recursos financeiros, para aumentar o número de unidades de acolhimento. Importante destacar que o Estado não está omissos no acolhimento, mas sim se organizando para que tenha capacidade de expandir os serviços”, disse o governo de Roraima, em nota.

A Prefeitura de Boa Vista informou que tem articulado com as outras esferas e até as agências humanitárias uma maneira de contribuir para um acolhimento digno das crianças. Atualmente, 23 crianças estão no abrigo municipal, sendo 6 brasileiras – filhas de mães venezuelanas, 1 criança venezuelana e 1 haitiana. “A gestão municipal entende que este assunto é complexo e jamais pode ser tratado como responsabilidade municipal. Tendo em vista que se trata de uma crise humanitária internacional com reflexo em toda a Capital e nos serviços prestados a brasileiros e venezuelanos. A Prefeitura de Boa Vista ressalta que se eles entram sozinhos na fronteira é competência do Governo Federal ampliar a fiscalização nesta área, da Operação Acolhida criar uma estratégia de recebimento, do município de Pacaraima e do Governo do Estado para evitar essa irregularidade, tudo sob o aspecto humanitário”.

#### **Casas de acolhimento serão inauguradas**

Duas novas casas de acolhimento serão inauguradas em Roraima na segunda quinzena de dezembro para receber crianças e adolescentes venezuelanos que chegam ao Brasil desacompanhados de pais e responsáveis, informou o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) em nota publicada nesta segunda-feira (9) no site [naçõesunidas.org](http://naçõesunidas.org).

A iniciativa é fruto de uma parceria entre UNICEF, governo de Roraima e Ministério da Cidadania, no contexto da Operação Acolhida. Também teve apoio para mobiliário da Agência da ONU para Refugiados (ACNUR) e da Organização Internacional para as Migrações (OIM).

“Como resposta imediata, uma Casa de Passagem, em Pacaraima, e uma Casa Lar, em Boa Vista, serão inauguradas na segunda quinzena de dezembro. As unidades representam a ampliação dos equipamentos especializados para acolhimento de crianças e adolescentes, focadas em modalidades alternativas à institucionalização, oferecendo um ambiente próximo de uma rotina familiar”, disse o UNICEF em nota.

Todas as casas contarão com uma equipe técnica de psicólogos e assistentes sociais que trabalharão no acompanhamento e busca ativa de familiares de cada criança e adolescente.

“Além de a garantia de regularização migratória, uma das possíveis medidas de proteção é o acolhimento de crianças e adolescentes em ambiente adequado, assim como preconiza a legislação brasileira. Esse acolhimento deve ser temporário, enquanto é realizada a busca de seus familiares (incluindo família extensa) para processo de reunificação”, afirmou o UNICEF.

A coordenação das casas ficará a cargo da organização Aldeias Infantis SOS, com experiência internacional em modalidades alternativas de cuidado, com atuação em outros países no contexto de resposta ao fluxo migratório venezuelano.

Antes de iniciarmos as análises propriamente ditas, faremos um resumo das seis notícias selecionadas no jornal *Folha de Boa Vista*. A primeira, intitulada “Mais de 88 mil imigrantes pediram refúgio em Roraima” (título de capa e da matéria interna), de

Editoria de Polyana Girardi, relata que Roraima é responsável pela grande maioria dos pedidos de refúgio de venezuelanos no Brasil e que essas solicitações tiveram um aumento, nesse estado, de 33% de janeiro a abril de 2019, se comparadas ao ano anterior. Revela que, conforme o ACNUR, já passaram pela fronteira de Pacaraima, principal entrada dos migrantes, 170 mil pessoas em quase dois anos de monitoramento feito pela Operação Acolhida e que 14.476 foram interiorizadas. Essa notícia traz, como título da sub-retranca, “TCE determina que Governo recupere prédios abandonados”.

A segunda notícia, cujos títulos da capa e da matéria interna são, respectivamente, “Mais de 1200 venezuelanos cruzam em um único dia a fronteira de Roraima” e “Aumenta entrada de venezuelanos na fronteira de Roraima com a Venezuela”, de editoria de Edilson Rodrigues, trata, como se vê, da entrada diária de imigrantes venezuelanos no Brasil pelo município de Pacaraima, na fronteira com a Venezuela, e do constante aumento desse número no estado. Possui as sub-retrancas “Prefeito diz que cresceu número de imigrantes nas ruas de Pacaraima” e “Dignidade”.

A terceira notícia, que possui como título de capa “Mais de quatro mil já retornaram à Venezuela em Programa de Repatriação” e de matéria interna “Mais de 4 mil já retornaram à Venezuela”, de editoria de Ribamar Rocha, aborda o Programa de Repatriação que está sendo realizado pelo Consulado-Geral da Venezuela em Boa Vista. Apresenta a sub-retranca “Cônsul culpa embargos como motivos da migração”.

A quarta notícia, intitulada “Mais de 3,5 mil pessoas vivem nas ruas de BV” (na capa e na matéria interna), de editoria de Marcos Martins, relata que a situação de moradores de rua de Boa Vista, capital do estado de Roraima, tem adquirido características “próprias” com a vinda dos imigrantes venezuelanos, pois muitos não conseguem vaga nos abrigos e vão para as ruas. Traz, como sub-retranca: “Governo e prefeitura não monitoram situação de moradores de rua”.

A quinta notícia, cujos títulos da capa e da matéria interna são, respectivamente, “Imigrantes são retirados de ginásio e deixados embaixo de ponte” e “Polícia desocupa ginásio e imigrantes são deixados embaixo da ponte”, de editoria de Dina Vieira, aborda a ação de desocupação de um Ginásio Poliesportivo onde estavam morando aproximadamente 70 famílias venezuelanas, incluindo 28 crianças e 26 mulheres grávidas, em função de denúncias de que esses moradores estariam utilizando o referido Ginásio como ponto de venda de drogas.

A sexta e última notícia da *Folha de Boa Vista* é intitulada “Cerca de 800 crianças e adolescentes entraram sozinhos no Brasil” (na capa e na matéria interna) e não possui

assinatura. Ela revela que mais de 570 crianças e adolescentes foram cadastrados em Roraima vivendo sem o acompanhamento de pais ou responsáveis. Em seguida, apresenta as sub-retrancas “Estado e prefeitura dizem que não estão omissos” e “Casas de acolhimento serão inauguradas”.

Como podemos perceber, a sub-retranca é um recurso muito utilizado nas notícias do jornal *Folha de Boa Vista*, a qual, como vimos, está vinculada à notícia principal e tem como finalidade “desenvolver uma categoria específica da superestrutura do texto noticioso” (SILVA, 2005, p. 118-119). Vemos, por exemplo, que a notícia 2, intitulada “Mais de 1200 venezuelanos cruzam em um único dia a fronteira de Roraima” (capa) e “Aumenta entrada de venezuelanos na fronteira de Roraima com a Venezuela” (matéria interna) traz como sub-retrancas: 1) “Prefeito diz que cresceu número de imigrantes nas ruas de Pacaraima”, a qual aborda os efeitos da migração venezuelana para o município de Pacaraima, dando ênfase ao aumento da população de rua; e 2) “Dignidade”, que consiste em orientar os venezuelanos a irem para abrigos, a buscarem uma residência para pernoitar ou, então, a continuarem a viagem, a fim de não ficarem nas ruas – ambas detalhando, portanto, um aspecto específico que faz parte da notícia principal. Desse modo, a sub-retranca deve ser compreendida como uma notícia paralela a uma notícia principal, a partir da qual se realiza um “background” ou um comentário.

Como já foi dito, as análises das notícias não serão feitas individualmente (dimensão vertical), como foi feito com as narrativas de vida, mas no conjunto de cada jornal (dimensão horizontal), para posterior comparação entre eles e cotejo com os relatos dos migrantes examinados no Capítulo IV. Essa decisão se prende a dois motivos fundamentais, relacionados entre si: 1) para evitar uma certa repetitividade e agilizar a exposição; e 2) porque entendemos que cada jornal tem sua própria linha editorial que norteia as matérias publicadas. Na esteira de Marques de Melo (2003), a linha editorial consiste na seleção que os veículos midiáticos – no caso, os jornais – fazem do que será divulgado: “A seleção significa, portanto, a ótica através da qual a empresa jornalística vê o mundo. Essa visão decorre do que se decide publicar em cada edição, privilegiando certos assuntos, destacando determinados personagens, obscurecendo alguns e omitindo diversos” (MARQUES DE MELO, 2003, p.75).

Dito isso, passemos à análise das seis notícias apresentadas, pelas mesmas categorias utilizadas no exame das narrativas de vida (Capítulo IV). Assim, o estatuto do enunciador, como vimos, é de um jornal local roraimense, a *Folha de Boa Vista*, que, como tal, situa-se em um contexto vantajoso para o leitor, devido à proximidade da

informação (PERUZZO, 2005). No entanto, conforme afirma a pesquisadora, ao mesmo tempo em que o jornal local mostra melhor do que qualquer outro a vida em determinados locais, algumas vezes apresenta distorções, devido a vínculos com interesses político-partidários e econômicos – o que, de acordo com Mota (2019), ocorre com a *Folha de Boa Vista*. Observamos que as notícias são assinadas, respectivamente, por Polyana Girardi, Edilson Rodrigues, Ribamar Rocha, Marcos Martins, e Dina Vieira (à exceção da última), aos quais é atribuída a Editoria cidade, o que gera um efeito de credibilidade para a matéria. O estatuto do destinatário, por sua vez, é de um público leitor situado em Roraima, e eventualmente em outros estados e países<sup>99</sup>.

Por sua vez, o plano da dêixis enunciativa se orienta espacialmente por marcadores como, por exemplo, “ruas de Boa Vista”, “posto da Polícia Federal, em Boa Vista”, “no Brasil”, “Roraima”, “a capital”, “Pacaraima, principal entrada de imigrantes”, “nosso Estado”, “fronteira da Venezuela com o Brasil”, “município de Pacaraima, ao norte de Roraima”, “aquele país”, “Venezuela”, “nas ruas”, “abrigos”, “em frente ao Consulado, em Boa Vista”, “ruas de Pacaraima”, “território venezuelano”, “no Consulado”, “Santa Elena do Uairém”, “de frente ao consulado”, “Porto Ordaz”, “Maturin”, “El Tigre”, “Anaco”, “Barcelona”, “São Félix”, “Tucui”, “Simon Bolívar”, “Valência”, “Caracas”, “outros países”, “Rússia”, “China”, “Cuba”, “abrigos da ajuda humanitária espalhados pela cidade”, “espaços públicos abertos”, “edifícios e estruturas públicas ou privadas”, “perto da rodoviária”, “Mato Grosso”, “país vizinho”, “Ginásio Poliesportivo localizado na avenida General Penha Brasil, no bairro 13 de setembro”, “embaixo da Ponte dos Macuxi”, “embaixo de árvores, próximo à Ponte dos Macuxi”, “Escola Municipal que fica ao lado do local”, “aqui”, “nesta escola”, “cerâmica localizada naquela área”, “embaixo de árvores na margem do Rio Branco”, “casas de acolhimento”, “abrigo São Vicente”, “abrigo Nova Canaa”, “abrigo Santa Tereza”, “abrigo BV8”, “abrigo Tancredo Neves”, “abrigos temporários e informais espalhados pela cidade”, “prédios públicos abandonados”, “lares temporários”, “abrigos não oficiais”, “órgãos públicos abandonados que foram ocupados por migrantes”, “casas e vilas onde se aglomeram várias famílias e pessoas em um local”, “casas lar”, “unidades de acolhimento”, “abrigo municipal”, “Casa de Passagem”. Do ponto de vista discursivo, esses marcadores espaciais, em sua grande maioria, contribuem para criar efeitos de

---

<sup>99</sup> Cabe destacar que não encontramos mais informações sobre o público leitor do jornal *Folha de Boa Vista*. Entramos em contato, por telefone e por e-mail, com o jornal solicitando essa informação, mas ele não respondeu.

realidade (ou de referente), indicando proximidade e familiaridade com os lugares ligados aos fatos narrados, o que é próprio de um jornal local, que tem, assim, sua legitimidade instaurada para dizer o que diz. Trata-se de uma “ancoragem espacial, construída por meio de um procedimento de figurativização/iconização” (BARROS, 2003, p. 263).

Essa “ancoragem” também se dá no âmbito temporal. Predominam nos textos os tempos verbais ligados ao presente e ao passado, que se instaura seja como tempo anterior ao momento de referência presente, seja como tempo concomitante a um marco temporal pretérito. Nesse primeiro caso, o passado é muitas vezes, mobilizado para explicar os acontecimentos presentes, como se pode ver em

Mais de 570 crianças e adolescente [sic] foram cadastrados vivendo em Roraima sem o acompanhamento dos pais ou responsáveis. [...]. Um plano de contingência está sendo articulado de forma emergencial para atender os menores, após decisão judicial que interditou os abrigos por conta da superlotação (Edição: 8941).

Ou seja, o grande número de adolescentes sem família cadastrados em Roraima e a decisão judicial referente à interdição dos abrigos justificam, no presente, a elaboração do plano de contingência.

A exemplo do espaço, há, nas notícias, um grande número de marcadores temporais, que, no seu conjunto, ancoram a narrativa e legitimam o dizer. Entre outros, podemos citar: “de 2010 e 2019”, “de janeiro a abril deste ano”, “nos primeiros 4 meses desse ano”, “no mesmo período desse ano”, “em quase dois anos de registros”, “em 2019”, “na segunda-feira da semana passada”, “na terça-feira”, “na quarta-feira”, “em um único dia”, “somente em 2018”, “mês de agosto”, “em julho do ano passado”, “no mesmo período deste ano”, “essa última sexta-feira”, “há mais de dois anos”, “em 31 de julho”, “somente este ano”, “há um ano”, “a partir desse momento”, “quando da chegada à Venezuela”, “a partir de janeiro de 2019”, “julho deste ano”, “no ano de 2016”, “em 2020”, “hoje”, “a partir de janeiro de 2019”, “julho deste ano”, “em abril deste ano”, “agora”, “este mês”, “na segunda quinzena de dezembro”, “nesta segunda-feira”. De qualquer forma, a impressão geral que se tem é a de que *a Folha de Boa Vista* privilegia o *aqui* (em Roraima, em Boa Vista) e o *agora*, falando de problemas atuais localmente situados, ainda que eles possam ser o resultado de acontecimentos passados. É importante também observar a grande presença de números e porcentagens construindo uma espécie de “retórica numérica” (BRÉANT, 2012), que também legitima o jornal (e que será retomado na apreensão dos temas adiante):



(1) A família faz parte do total de 104.355 venezuelanos no país, que entraram com pedido de refúgio entre os anos de 2010 e 2019. Desse total, Roraima é responsável por 85% dos pedidos, num total de 88.820 refugiados de vários países, sendo 83.062 apenas de venezuelanos, segundo os dados da Coordenação Geral de Polícia de Imigração. No ano de 2018, entre os meses de janeiro e abril, foram 14.568 pedidos de refúgios de imigrantes venezuelanos. Já no mesmo período desse ano, foram contabilizados 19.515 pedidos, o que aponta aumento de 4.947 nas solicitações, um crescimento de 33%. Ainda de acordo com a pesquisa, o perfil da população imigrante que chega à capital é de maioria do sexo masculino, contabilizando 54,70% (Edição 8831).

Quanto à categoria de pessoa, como já é esperado no tipo de gênero em pauta, há o predomínio da terceira pessoa (ele, ela, eles, elas), a fim de instaurar um modo de enunciação aparentemente neutro e objetivo, em consonância com os princípios editoriais do Grupo Folhabv. Assim, apesar de as notícias, geralmente, trazerem o nome do editor responsável, percebemos, no corpo do texto, um apagamento do locutor (aquele que escreveu a notícia e que é, portanto, responsável pelo que é dito) pelo uso da 3ª pessoa, como vemos em: “A família faz parte do total de 104.355 venezuelanos no país, que entraram com pedido de refúgio entre os anos de 2010 e 2019” (Edição: 8831); “Os dados contabilizados pela Operação Acolhida, referentes ao número de imigrantes que chegam ao estado, oscilam muito de mês a mês” (Edição: 8857); “O plano iniciou em agosto de 2018, logo após o conflito registrado nas ruas de Pacaraima, quando alguns moradores exigiam a expulsão de imigrantes venezuelanos” (Edição: 8858); “Muitos acabam sem lugar nos abrigos da ajuda humanitária espalhados pela cidade e ficam nas ruas” (Edição: 8879), entre outros.

Assim, a dêixis, enquanto categoria linguística, permite-nos a chegar à dêixis discursiva, ou seja, a uma espécie de localização espaciotemporal (e – acrescentamos – pessoal) que “cada discurso constrói em função de seu próprio universo” e, por meio da qual, busca legitimar-se (MAINGUENEAU, 2008, p. 93). As notícias falam, pois, sobre a migração venezuelana em Roraima e de seus efeitos para o estado.

Com relação à representação dos migrantes e refugiados venezuelanos nas seis notícias da *Folha de Boa Vista*, notamos 38 menções a eles como “imigrantes”, 10 como “refugiados” e 5 como “migrantes”. Além disso, identificamos, na notícia 1 (Edição 8831), “Mais de 88 mil imigrantes pediram refúgio em Roraima<sup>100</sup>”, os seguintes trechos:

---

<sup>100</sup> A categoria de representações sociodiscursivas é a única que não será abordada de forma integrada, devido à necessidade de uma discussão mais detalhada.

(2) José Gregório e a esposa Melida Vireth *são venezuelanos e ainda moram nas ruas de Boa Vista. O casal e as duas filhas percorreram quilômetros até o posto da Polícia Federal, em Boa Vista, em busca de atendimento para solicitarem permissão para ficar no Brasil. A família faz parte do total de 104.355 venezuelanos no país, que entraram com pedido de refúgio entre os anos de 2010 e 2019. Desse total, Roraima é responsável por 85% dos pedidos, num total de 88.820 refugiados de vários países, sendo 83.062 apenas de venezuelanos, segundo os dados da Coordenação Geral de Polícia de Imigração.*

(3) Perfil dos *refugiados* – Conforme informações da Coordenação Geral de Polícia de Imigração e ACNUR, *o perfil da profissão dos trabalhadores imigrantes é em maioria pedreiros, serventes, gesseiros, com idade economicamente ativa entre 18 a 49 anos.*

(4) Uma pesquisa realizada por um grupo de até 500 refugiados com nacionalidades variadas em oito estados incluindo o Amazonas, apontou que *33% dos imigrantes desconhecem qualquer dever ou direito ligados a condição de refugiados mais que 91% utilizam os serviços de saúde pública. Os benefícios sociais ou os programas de transferência de renda atingiram apenas o número 86 refugiados inclusos na pesquisa realizada em junho desse ano.*

(5) (...) *“tal situação de abandono gera insegurança, oferecendo riscos à saúde da população, além de, potencialmente, servir de espaço para o consumo de drogas, estimulando o vandalismo e ainda mais a deterioração desses bens públicos.” Com a grave crise migratória enfrentada em Roraima, estrangeiros começaram a ocupar os prédios públicos abandonados, vivendo em edificações precárias com risco de desabamento.*

O excerto (2) aborda a situação vivenciada pelos venezuelanos José Gregório e Melida Vireth, mas não apresenta nenhuma citação (direta e/ou indireta) de fala desses sujeitos, que são representados como “venezuelanos”, “moradores de rua”, “pertencentes a uma família” e “solicitantes de refúgio”. Cabe ressaltar que as categorias de representação “venezuelanos” e “pertencentes a uma família” são comuns também nas narrativas de vida do *corpus*.

Em (3), por meio de uma análise superficial, já constatamos uma certa confusão/imprecisão entre os termos “refugiados” e “imigrantes”, pois inicialmente o enunciador escreve “Perfil dos refugiados” e depois “perfil da profissão dos trabalhadores imigrantes”, ou seja, ele parte de uma categoria mais restrita para uma mais ampla. Assim, nos questionamos: ele discorre sobre o perfil do primeiro grupo ou do segundo? Afirmo ainda que o “perfil da profissão dos trabalhadores imigrantes”, em sua maioria, é de profissionais informais, com idade economicamente ativa, o que pode acarretar no público destinatário, principalmente nos brasileiros que estão na mesma situação desse imigrante descrito, um efeito de competitividade pelo mercado de trabalho.

Em (4), apesar de tratar de uma minoria (33%), a matéria aponta que a referida porcentagem de imigrantes “desconhece dever ou direito ligados a condição de

refugiados”. De forma semelhante, apesar de se tratar de uma minoria (86 em um total de 500), divulga também que alguns fazem uso de “benefícios sociais” ou de “programas de transferência de renda”. A partir daí, podemos questionar: qual a necessidade de associar os migrantes a tais categorias se se trata de uma porcentagem que indica uma minoria? Ademais, a notícia comunica que a maioria utiliza os “serviços de saúde pública”, o que pode gerar o efeito, em alguns interlocutores, de que esses sujeitos contribuem para a sobrecarga do sistema de saúde pública brasileiro.

Já, em (5), a partir da fala do conselheiro Brito Bezerra, relator das contas da Secretaria de Estado de Gestão Estratégica da Administração (Segad), há uma associação entre os efeitos sociais negativos de um prédio abandonado e a dita “crise migratória”. Embora se possa apreender, nesse trecho, uma certa preocupação com os “estrangeiros” (não se fala aqui de (i)migrantes, nem de refugiados, tampouco de venezuelanos), que podem ser vítimas de desabamento, implicitamente, atrelam-se os venezuelanos (uma vez que se trata do maior contingente de estrangeiros em Roraima) ao consumo de drogas, ao vandalismo e à deterioração de bens públicos, pois são eles que, em função da crise migratória, “começaram a ocupar os prédios públicos abandonados”, que constituem espaços propícios para essas ações. Assim, para além da confusão entre (i)migrante, refugiado e estrangeiro, podemos vislumbrar, nesse conjunto de excertos, uma representação negativa dos venezuelanos.

Vemos, na notícia intitulada “Mais de 1200 venezuelanos cruzam em um único dia na fronteira de Roraima” (capa) e “Aumenta entrada de venezuelanos na fronteira de Roraima com a Venezuela” (matéria interna) (Edição 8857), as seguintes representações:

(6) Todos os dias, centenas de imigrantes atravessam a fronteira da Venezuela com o Brasil, pelo município de Pacaraima, ao norte de Roraima, *fugindo da crise social e econômica que vive aquele país*.

(7) *Assim como Boa Vista sofre os efeitos da imigração, em Pacaraima não é diferente*. Por lá, vivem cerca de dois mil venezuelanos. O município de 15 mil habitantes é a principal porta de entrada para milhares de venezuelanos que vieram para o Brasil *desde o agravamento da crise em seu país* (...) “*Tem crescido, e muito, o número de pessoas em situação de rua, até porque a maioria delas, às vezes, está resolvendo a documentação e passam dois ou três dias e, como os abrigos estão superlotados, terminam ficando nas ruas*” .

(8) Ele disse que os abrigos foram construídos como pontos de passagem, mas viraram abrigos permanentes. “*Até entendo essa superlotação, porque eles não têm para onde ir.*” (...) “*Muitos saem a pé porque não têm recursos para pegar ônibus e a Operação Acolhida não disponibiliza transporte nesse caso. Antes encontrávamos duas, três pessoas caminhando com destino a outros municípios, agora são grupos com 10, 15, 20 venezuelanos na estrada*”.

Em (6), os migrantes venezuelanos são representados como sujeitos que migram em função da crise instaurada em seu país, perspectiva que, como percebemos, está em consonância com a apontada pelos migrantes nas narrativas de vida que fazem parte do *corpus* desta pesquisa. Já em (7), é feita uma referência aos efeitos da migração para Boa Vista e Pacaraima, municípios que, segundo a notícia, “sofrem”. Cabe mencionar, contudo, que, apesar de se pontuar que muitos venezuelanos ficam nas ruas por estarem resolvendo a documentação e os abrigos estarem superlotados, há um silenciamento sobre o sofrimento que eles vivenciam estando nessas condições e, até mesmo, o que poderia ser feito para mitigá-lo. No excerto (8), vemos que mesmo os abrigos estando superlotados, às vezes eles são as únicas opções dos migrantes venezuelanos, já que “eles não têm para onde ir”. Além disso, notamos que muitos, por não terem outra alternativa, fazem o deslocamento entre cidades a pé. Os problemas apontados aqui são também aspectos levantados pelos migrantes que entrevistamos: tanto a crise na Venezuela que, de certa forma, os obrigou a migrar, quanto as condições precárias que enfrentaram em Roraima (“situação de rua”, “abrigos superlotados” etc.).

Identificamos, na notícia intitulada “Mais de quatro mil já retornaram à Venezuela em Programa de Repatriação” (capa) e “Mais de 4 mil já retornaram à Venezuela” (matéria interna) (Edição 8858), as representações a seguir:

(9) O plano iniciou em agosto de 2018, logo após o conflito registrado nas ruas de Pacaraima, quando *alguns moradores exigiam a expulsão de imigrantes venezuelanos*. À época, muitos venezuelanos retornaram a pé para o território venezuelano. À Folha, o cônsul-geral da Venezuela em Roraima, Faustino Torella Ambrosini, disse que *a partir desse momento, que o Governo de Nicolás Maduro iniciou a política de repatriação para as pessoas que se manifestassem interessadas em voltar para a Venezuela o fizessem de forma voluntária*.

(10) Ele destacou o preenchimento do formulário como fundamental para nortear as *ações de ajuda que são adotadas pelo governo de Nicolás Maduro*, quando da chegada à Venezuela.

(11) O cônsul-geral da Venezuela em Roraima, Faustino Torella Ambrosini, afirmou que *a saída das pessoas da Venezuela é sempre em busca de atender necessidades básicas, como se alimentar e ter acesso a remédios e emprego. Ele culpou os embargos impostos à Venezuela como motivo principal da atual situação econômica do país*. “As pessoas estão vindo para Boa Vista, para o Brasil e outros países, em busca de alimento, trabalho e medicamentos, e isso não é culpa do governo de Nicolás Maduro, mas do bloqueio econômico que sofremos, já que não produzimos medicamentos, não temos soberania alimentícia, temos que comprar quase tudo e os bloqueios afetam muito nossa estabilidade econômica, pois não se pode comprar e por isso as pessoas migraram em busca de remédios e alimentos”, afirmou sem, no entanto, citar nomes dos países que fazem o bloqueio.

Em (9), o governo venezuelano é representado de forma positiva, como provedor de ajuda aos imigrantes que desejam retornar ao país, tendo em vista que criou o “Programa de Repatriação”, enquanto os imigrantes venezuelanos são colocados como indesejáveis no Brasil, considerando a exigência de expulsão deles por alguns brasileiros (xenofobia). Evidentemente, quem fala positivamente de Maduro e de suas ações é um membro do seu governo (cônsul-geral da Venezuela em Roraima). Ou seja: Faustino Torella Ambrosini fala de um “lugar” que não pode ser ignorado quando se considera o que ele diz.

Em (10), destacamos a representação do governo venezuelano como o que desenvolverá “ações de ajuda” para os repatriados. Logo, podemos questionar por que esse governo não desenvolve ações de ajuda em prol da população venezuelana diante das necessidades pelas quais ela está passando? Isso é pensado somente quando se trata de repatriados?

Em (11), vemos, mais uma vez, o enquadramento dos migrantes venezuelanos como pessoas que fogem de uma crise, em busca de suprir suas necessidades básicas como se alimentar e ter acesso a remédios e emprego. Nesse excerto, cria-se um inimigo, que, no caso, são os países responsáveis pelos embargos econômicos impostos à Venezuela, e não o governo venezuelano. Assim, o que chama a atenção, nesses três excertos, é a representação positiva que se busca atribuir a Nicolás Maduro, seja para exaltar seus esforços em prol daqueles que querem ser repatriados, seja para minimizar sua responsabilidade diante da crise migratória. Ora, se as razões apontadas para justificar a “fuga” dos venezuelanos estão em consonância com as motivações para o deslocamento apresentadas por “nossos” migrantes, o mesmo não se pode dizer de Maduro, que, nos relatos analisados, é diretamente responsabilizado pela crise que gerou a atual migração em massa (sobretudo, nos relatos de Carlos e de Alejandro, como vimos).

Com relação à notícia “Mais de 3,5 mil pessoas vivem nas ruas de BV” (Edição 8879), temos:

(12) Em Boa Vista, a situação de moradores de rua tem ganhado características próprias com a imigração venezuelana. Muitos acabam sem lugar nos abrigos da ajuda humanitária espalhados pela cidade e ficam nas ruas. (...) existem hoje, em Roraima, 3542 migrantes vivendo como moradores de rua, dos quais 1290 homens, 1005 mulheres e 1247 crianças menores de 18 anos. Ainda conforme dados do site, o quadro de moradores de rua evoluiu muito a partir de janeiro de 2019, quando existiam apenas 1076 pessoas vivendo nas ruas, chegando ao ápice em julho deste ano, quando o número de indigentes chegou a 3631.

(13) Segundo informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Censo que será realizado em 2020 não deve incluir essas pessoas, que ainda são *invisíveis socialmente*.

(14) Uma dessas pessoas é Juliane Cobar que passa as manhãs perambulando nas ruas. “Estou há quatro meses em Boa Vista. Na Venezuela não conseguimos emprego, não vivíamos bem. Pelo menos aqui passa alguém para dar alguma ajuda e algum alimento. Viver na rua não é a melhor situação, mas recebemos ajuda aqui e pelo menos conseguimos comida”, afirma Juliane.

(15) Também morando há quatro meses em Boa Vista, Luiz Manoel relata que em Roraima tem conseguido comer mesmo morando nas ruas. “Pela manhã temos que encontrar outro local para ficar, pois de noite ficamos perto da rodoviária. Na Venezuela até se encontra comida, mas em muito pouca quantidade. A situação está cada dia pior lá, e sem emprego. Aqui eu consigo comer quatro ou cinco vezes no dia e na próxima semana nós vamos para o Mato Grosso e queremos sair das ruas. Viver com familiares assim não é uma boa condição”, afirma Luiz, que chegou com esposa e dois filhos.

Em (12), vemos que muitos migrantes venezuelanos, por não conseguirem vagas nos abrigos, acabam ficando nas ruas, sendo categorizados como “moradores de rua” e (re)caracterizados, em (13), como “invisíveis socialmente”. Fazendo um contraponto a essa “invisibilidade/inaudibilidade” (LARA, 2021e), nos excertos (14) e (15), é dada a palavra aos venezuelanos, por meio de duas citações diretas, uma da Juliane Cobar e outra do Luiz Manoel. Ambos mencionam o desemprego na Venezuela, e ele destaca o fato de haver mais comida em Roraima do que em seu país. Mesmo estando na rua, em uma situação de vulnerabilidade, os dois optam por permanecer em Roraima, o que comprova que, apesar de todas as dificuldades que os migrantes venezuelanos enfrentam no Brasil (em Roraima), elas ainda são “melhores” (ou seriam “menos piores”?) do a situação caótica que assola a Venezuela. Este é um dos (poucos) momentos em que se reconhece o “lugar de fala” dos venezuelanos migrados para o Brasil nas notícias analisadas da *Folha de Boa Vista*. Na maior parte delas, a palavra é dada a especialistas, membros do governo (brasileiro ou venezuelano), jornalistas, etc. Em suma: o espaço concedido a estes é proporcionalmente maior do que o que se dá àqueles (quando se dá).

Na notícia intitulada “Imigrantes são retirados de ginásio e deixados embaixo de ponte” (capa) e “Polícia desocupa ginásio e imigrantes são deixados embaixo da ponte” (matéria interna) (Edição 8902), vemos:

(16) Após denúncias de que *imigrantes venezuelanos teriam transformado em ponto de venda de drogas um Ginásio Poliesportivo* localizado na avenida General Penha Brasil, no bairro 13 de setembro, soldados do Exército Brasileiro, com apoio de policiais da Força Nacional e agentes da Guarda Civil

Municipal (GCM), fizeram a desocupação do local nesta quarta-feira, 16. *No local estavam morando cerca de 70 famílias venezuelanas, de acordo com informações, das quais 28 são crianças e 26 mulheres grávidas.*

(17) Após a retirada do Ginásio, os imigrantes foram alojados em frente a uma Escola Municipal que fica ao lado do local e foram novamente retirados pela Guarda Municipal, como explicou o superintendente Murilo Santos. *“Estamos orientando que eles não podem ficar aqui, pois estamos preocupados com a segurança das crianças que estudam nesta escola, até porque já foram feitas várias denúncias de uso de drogas e prostituição, e eles não podem permanecer nesse local”*, explicou.

(18) Após a saída da frente da escola, cerca de 50 imigrantes foram conduzidos em um carro de apoio superlotado e foram deixados embaixo da Ponte dos Macuxi. Assim que chegaram ao local, uma pequena confusão teve início, pelo fato do proprietário de uma cerâmica localizada naquela área ser contrário à nova ocupação. Após diálogo entre as partes, os imigrantes alojaram-se embaixo de árvores na margem do Rio Branco. O venezuelano Hache Medina era um dos ocupantes e, de acordo com ele, antes de irem viver no ginásio, os imigrantes estavam acampados naquele mesmo local. *“Estávamos aguardando vaga em algum abrigo, ou a interiorização. Não somos bandidos, somos pessoas de bem, e não entendo por que não nos querem aqui. Agora não sabemos o que pode acontecer conosco novamente na rua.”*, concluiu

O excerto (16) causa um certo estranhamento, pois, ao mesmo tempo em que informa que os migrantes venezuelanos foram retirados de um Ginásio Poliesportivo devido a denúncias de que o local teria se transformado em ponto de venda de drogas – o que os associa, portanto, ao tráfico de drogas –, menciona que no local “estavam morando cerca de 70 famílias venezuelanas, de acordo com informações, das quais 28 são crianças e 26 mulheres grávidas”. Além disso, percebemos que há uma mobilização desproporcional de agentes de segurança para fazer a desocupação do local: soldados do Exército Brasileiro, com apoio de policiais da Força Nacional e agentes da Guarda Civil Municipal (GCM).

Em (17), os migrantes são colocados como ameaça à segurança das crianças de uma escola e, por isso, sua presença nas redondezas torna-se indesejável. Também são representados como usuários de drogas, além de praticantes de prostituição. Chama a atenção, em (16) e (17), o fato de essas ações de despejo serem motivadas por “denúncias”, possivelmente de moradores, o que denota xenofobia em relação ao outro/estranho/estrangeiro. Esse tipo de comportamento também se vê no episódio da “pequena confusão” com o proprietário de uma cerâmica localizada na área da nova ocupação (excerto 18).

No excerto (18), destaca-se a desumanidade com que os migrantes são tratados: “Após a saída da frente da escola, cerca de 50 imigrantes foram conduzidos em um *carro*

*de apoio superlotado e foram deixados embaixo da Ponte dos Macuxi (...). Após diálogo entre as partes, os imigrantes alojaram-se embaixo de árvores na margem do Rio Branco*”. Ou seja, eles são desalojados para serem, literalmente, “jogados debaixo da ponte” (ou das árvores, pouco importa). Além disso, notamos um silenciamento com relação aos venezuelanos que não foram para debaixo da ponte e das árvores, pois, no Ginásio Poliesportivo estavam vivendo cerca de 70 famílias, e somente 50 imigrantes foram conduzidos em um carro de apoio e deixados nesses locais. Nada se diz sobre os demais.

Ainda, no trecho (18), a fala, em discurso direto, do venezuelano Hache Medina funciona como um contradiscurso, pois, após a presença dos venezuelanos ter sido rejeitada em diversos espaços devido às razões já expostas, ele defende o grupo: “Não somos *bandidos*, somos *peessoas de bem*, e não entendo por que não nos querem aqui. Agora não sabemos o que pode acontecer conosco novamente na rua”. Ou seja, ele contrapõe à imagem de “bandido” (atrelada ao tráfico ou consumo de drogas e à prostituição) a de *peessoas de bem* (como, aliás, também se veem os entrevistados desta pesquisa). Observamos, dessa forma, que além de o jornal em foco conceder um espaço de fala menor aos(as) migrantes venezuelanos(as), se comparado ao das autoridades (como veremos de forma mais detalhada a seguir), um desses espaços é reservado a um contradiscurso, a uma defesa. Assim, é importante verificar também que tipo de voz é dada aos migrantes nos espaços midiáticos.

Por fim, na notícia “Cerca de 800 crianças e adolescentes entraram sozinhos no Brasil” (Edição 8941), temos as seguintes representações:

(19) O adolescente venezuelano Luiz, de 17 anos, demorou cinco dias caminhando e pegando carona na estrada nos mais de 1000 quilômetros que ligam Caracas até Boa Vista, capital de Roraima. *Ele contou* que na Venezuela vivia sozinho e não conhece os pais e que trabalhou com construção, com mecânica, levando bagagens na rodoviária e que hoje vive na rua. “Lá na Venezuela todo mundo falava que no Brasil a gente tinha oportunidade, tinha emprego. Então eu vim embora. Estou tentando abrigo, mas eles priorizam as famílias, e eu não tenho família. Moro na rua, mas fiz amigos e agora busco trabalho. *É difícil, mas tenho esperança*”.

(20) A reportagem procurou outras crianças e adolescentes em mais cinco abrigos temporários e informais espalhados pela cidade e até em prédios públicos abandonados que hoje estão ocupados por venezuelanos. *Em um deles, o coordenador do local informou que um grupo de crianças e adolescente [sic] chegou a buscar abrigo, mas eles mandaram embora. “Não dava para ficarem aqui ‘sem madre nem padre’. A fiscalização vem e estaríamos em perigo. Então mandamos eles embora, de volta para a rodoviária*”, conta Nizan Abrantes, um venezuelano de pouco mais de 40 anos que coordena o abrigo para mais de 600 pessoas em um prédio público abandonado.



(21) A conselheira Tutelar da Capital Boa Vista, Andreza Ferreira contou que esses menores que entram sozinhos no país, são levadas para quatro abrigos da Operação Acolhida na capital Boa Vista, mas ficam *sem nenhum tipo de atendimento mais especializado*. Segundo ela, esse número de abandonados pode chegar a 800. “Tem muito menino na rua, nesses lares temporárias, com famílias que o conheceram aqui e acolheram, em abrigos não oficiais, que são órgãos públicos abandonados que foram ocupados por migrantes e têm os abrigos que chamamos de ‘fantasmas’, que são casas e vilas onde se aglomeram várias famílias e pessoas em um local só e ali tem adolescente que não é nada de nada de ninguém e está sozinho no país”.

Em (19), o enunciador traz como exemplo da migração de crianças e adolescentes sozinhos para o Brasil a situação de Luiz e, neste caso, dá voz a ele por meio de uma citação direta. Ele conta que levou cinco dias para chegar ao Brasil pegando carona e caminhando, processo semelhante ao descrito pelos venezuelanos entrevistados na presente pesquisa (lembramos, particularmente, os relatos de Edelmira e de Alejandro). O adolescente, assim como as pessoas que entrevistamos, descreve esse processo como “difícil” e se mostra resiliente, pois afirma ter “esperança”. Destacamos ainda a imagem positiva que se tem do Brasil na Venezuela, motivando muitos a virem para cá: “Lá na Venezuela todo mundo falava que no Brasil a gente tinha oportunidade, tinha emprego. Então eu vim embora.”

O excerto (20), assim como em (16), (17) e (18), demonstra a não aceitação desses sujeitos em alguns lugares (abrigos, instituições) no Brasil. Ou seja, eles são mandados (muitas vezes, de volta) para a rua. Soa irônico, no caso, o fato de as crianças e adolescentes que procuravam abrigo terem sido “rechaçados” por um compatriota. Já (21) revela que, mesmo que consigam abrigo, as crianças e os adolescentes ficam “sem nenhum tipo de atendimento mais especializado”, o que reforça a necessidade de políticas públicas que permitam acolher dignamente os migrantes e refugiados.

Com relação ao plano dos temas, considerando-os como aquilo “de que um discurso trata” (MAINGUENEAU, 2008), repetimos aqui que não é nossa pretensão abordá-los em sua totalidade, mas discorrer sobre os que mais se destacaram nas notícias analisadas – assim como fizemos na análise das narrativas de vida. Lembramos que os “temas impostos” são requeridos para que um discurso seja bem aceito e os “temas específicos” são mobilizados por alguns discursos e não por outros (MAINGUENEAU, 2008). Ao mesmo tempo, retomando a dificuldade de separar temas impostos de temas específicos (sobretudo quando não se tem um roteiro prévio), buscaremos tratar como impostos os temas que se mostram mais recorrentes no conjunto de notícias da *Folha de Boa Vista* e que, portanto, respondem a questões que, pelo menos em tese, não poderiam

faltar a um discurso sobre a migração venezuelana no Brasil, sem perder de vista, evidentemente, o “lugar de fala” de um jornal roraimense. O mesmo procedimento será adotado com as notícias do jornal *O tempo*.

A partir dessa decisão, destacamos, como um dos temas impostos que integram as notícias da *Folha de Boa Vista*, “o papel do estado (Roraima) no cenário migratório venezuelano”, como se vê em:

(22) *Mais de 104 mil venezuelanos pediram refúgio no país de 2010 e 2019 e, deste total, Roraima é responsável por 85% dos pedidos* (Edição 8831).

(23) *A família faz parte do total de 104.355 venezuelanos no país, que entraram com pedido de refúgio entre os anos de 2010 e 2019. Desse total, Roraima é responsável por 85% dos pedidos, num total de 88.820 refugiados de vários países, sendo 83.062 apenas de venezuelanos*, segundo os dados da Coordenação Geral de Polícia de Imigração (Edição 8831).

(24) Dados do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) revelam que já passaram pela fronteira de Pacaraima, principal entrada de imigrantes, *170 mil pessoas em quase dois anos* de registros realizados pela Operação Acolhida, sendo que *apenas 14.476 passaram pelo processo de interiorização* (Edição 8831).

Nesses trechos, fartamente documentados por números, constatamos a proeminência de Roraima no que diz respeito aos pedidos de refúgio (excertos 22 e 23) ou como ponto de passagem (excerto 24). Em (24), há uma referência ao processo de interiorização, de modo a criticá-lo negativamente por meio do vocábulo “apenas”, tendo em vista que, diante do número de migrantes que entraram no Brasil por Pacaraima (170 mil), é informado que “apenas” 14.476 passaram pelo processo, o que nos leva a compreender que a referida estratégia é insuficiente.

Além disso, de forma recorrente, vemos o emprego do “mais de”: “*Mais de 88 mil imigrantes pediram refúgio em Roraima*” (título da capa e da matéria interna); “*Mais de 104 mil venezuelanos pediram refúgio no país de 2010 e 2019 e, deste total, Roraima é responsável por 85% dos pedidos. De janeiro a abril deste ano foram mais de 14 mil pedidos somente de imigrantes venezuelanos, um crescimento de 33%*”. Tal recorrência pode gerar como efeito nos interlocutores a crença de que a migração venezuelana está adquirindo proporções alarmantes no estado de Roraima.

Dentro desse tema imposto, um aspecto a ser destacado é o aumento dos pedidos de refúgio de venezuelanos em Roraima e da migração venezuelana em geral, quando

comparado a anos anteriores, o que se articula ao citado efeito de sentido de que a migração está assuindo proporções alarmantes no Estado:

(25) No ano de 2018, entre os meses de janeiro e abril, foram *14.568 pedidos de refúgios de imigrantes venezuelanos*. Já no mesmo período desse ano, *foram contabilizados 19.515 pedidos*, o que aponta *aumento de 4.947 nas solicitações, um crescimento de 33%* (Edição 8831).

Nas outras notícias/edições, também notamos a recorrente utilização de números, não raro, acompanhados pelo vocábulo “aumento” (e similares), como, por exemplo, a seguir: “E o número de venezuelanos que entram no estado não para de *aumentar*”; “um número *bem acima da média* divulgada de meses anteriores”; “um *aumento de 157%* se comparando com o dia anterior”, o que pode exacerbar a preocupação de alguns interlocutores com relação ao fluxo migratório venezuelano para Roraima.

De qualquer forma, a “retórica numérica” (BRÉANT, 2012) é uma das técnicas utilizadas para criar um efeito de sentido de objetividade e de neutralidade (já que os números, em princípio, não mentem). Em (26), no entanto, o locutor revela uma desconfiança/insegurança com relação aos dados da migração venezuelana divulgados pela Operação Acolhida e recorre a números para se justificar. Nesse sentido, faz críticas: os dados divulgados pela Operação Acolhida sobre a imigração venezuelana no estado de Roraima oscilam muito entre os meses e divergem dos oficiais divulgados pelo Ministério da Justiça:

(26) No entanto, os números do mês de agosto mostram que a realidade pode não ser bem essa da média mensal estabelecida pela Operação Acolhida. Por exemplo, na segunda-feira da semana passada, dia 12, entraram *759 imigrantes*. Na terça-feira, 13, foram *481 registros*. Já na quarta-feira, 14, *1.238 venezuelanos passaram pela fronteira em um único dia, um aumento de 157% se comparando com o dia anterior*. Os dados contabilizados pela Operação Acolhida, referentes ao número de imigrantes que chegam ao estado, oscilam muito de mês a mês (...) Os números divulgados pela Operação também divergem dos dados oficiais do Ministério da Justiça (Edição 8857).

Outro tema imposto identificado na *Folha de Boa Vista* são as “condições de vida a que os venezuelanos se submentem (no caso, em Roraima)”. Vemos que eles, não raro, são transformados em moradores de rua, face, principalmente, à superlotação dos abrigos:

(27) Em Boa Vista, a situação de moradores de rua tem ganhado características próprias com a imigração venezuelana. Muitos acabam sem lugar nos abrigos da ajuda humanitária espalhados pela cidade e ficam nas ruas. Segundo dados da plataforma regional de Coordenação Interagencial R4V, site onde a Organização das Nações Unidas (ONU) detalha informações sobre o fluxo

migratório venezuelano, existem hoje, em Roraima, *3542 migrantes vivendo como moradores de rua, dos quais 1290 homens, 1005 mulheres e 1247 crianças menores de 18 anos*. Ainda conforme dados do site, *o quadro de moradores de rua evoluiu muito a partir de janeiro de 2019, quando existiam apenas 1076 pessoas vivendo nas ruas, chegando ao ápice em julho deste ano, quando o número de indigentes chegou a 3631* (Edição 8879).

(28) “*Tem crescido, e muito, o número de pessoas em situação de rua, até porque a maioria delas, às vezes, está resolvendo a documentação e passam dois ou três dias e, como os abrigos estão superlotados, terminam ficando nas ruas*” (Edição 8857).

(29) Ele disse que os abrigos foram construídos como pontos de passagem, mas viraram abrigos permanentes. “*Até entendo essa superlotação, porque eles não têm para onde ir.*” (...) “*Muitos saem a pé porque não têm recursos para pegar ônibus e a Operação Acolhida não disponibiliza transporte nesse caso. Antes encontrávamos duas, três pessoas caminhando com destino a outros municípios, agora são grupos com 10, 15, 20 venezuelanos na estrada*” (Edição 8857).

(30) Com a grave crise migratória enfrentada em Roraima, estrangeiros começaram a ocupar os prédios públicos abandonados, vivendo em edificações precárias com risco de desabamento (Edição 8831).

Assim como ocorre nos excertos anteriores, em (27), percebemos a utilização de dados numéricos e de termos e expressões que indicam quantidade (no caso, acréscimo) para comprovar a situação de morador de rua vivenciada por muitos migrantes venezuelanos: “*o quadro de moradores de rua evoluiu muito a partir de janeiro de 2019*” e “*chegando ao ápice em julho deste ano, quando o número de indigentes chegou a 3631*”. Os trechos (28) e (29) retomam as dificuldades enfrentadas pelos migrantes venezuelanos para encontrarem onde ficar, em função dos abrigos superlotados e da dificuldade pela qual muitos passam para obter documentação, o que leva várias pessoas, para evitar a situação de rua, a ocuparem prédios abandonados, com risco de desabamento (30).

Identificamos ainda o tema imposto “*tratamento conferido aos migrantes venezuelanos pela população e pelas autoridades em Roraima*”. Como vimos, é um tratamento desumano, preconceituoso, que vai desde manifestações verbais (“denúncias”, “exigências de expulsão”) a ações concretas de despejo e não acolhida, mesmo em se tratando de crianças, mulheres grávidas e adolescentes desacompanhados, como mostram os trechos, já analisados, a seguir:

(31) O plano iniciou em agosto de 2018, logo após o *conflito* registrado nas ruas de Pacaraima, quando alguns moradores exigiam a expulsão de imigrantes venezuelanos. À época, muitos venezuelanos retornaram a pé para o território venezuelano (Edição 8858).

(32) Após denúncias de que *imigrantes venezuelanos teriam transformado em ponto de venda de drogas um Ginásio Poliesportivo* localizado na avenida General Penha Brasil, no bairro 13 de setembro, soldados do Exército Brasileiro, com apoio de policiais da Força Nacional e agentes da Guarda Civil Municipal (GCM), fizeram a desocupação do local nesta quarta-feira, 16. *No local estavam morando cerca de 70 famílias venezuelanas*, de acordo com informações, *das quais 28 são crianças e 26 mulheres grávidas* (Edição 8902).

(33) Após a saída da frente da escola, cerca de 50 imigrantes foram conduzidos em um carro de apoio superlotado e foram deixados embaixo da Ponte dos Macuxi (Edição 8902).

(34) A reportagem procurou outras crianças e adolescentes em mais cinco abrigos temporários e informais espalhados pela cidade [...] Em um deles, *o coordenador do local informou que um grupo de crianças e adolescente chegou a buscar abrigo, mas eles mandaram embora*. “Não dava para ficarem aqui ‘sem mãe nem pai’. A fiscalização vem e estaríamos em perigo. Então mandamos eles embora, de volta para a rodoviária”, conta Nizan Abrantes, um venezuelano de pouco mais de 40 anos que coordena o abrigo para mais de 600 pessoas em um prédio público abandonado (Edição 8941).

Em (31), chama a atenção a utilização do eufemismo “conflito” para designar uma situação que se caracteriza como “xenofobia”, isto é, “1. Aversão ou rejeição a pessoas ou coisas estrangeiras, 2. Temor ou antipatia pelo que é incomum ou estranho ao seu ambiente<sup>101</sup>”. Os excertos (32) e (33), por sua vez, referem-se ao mesmo episódio, à desocupação do Ginásio Poliesportivo, quando os venezuelanos desalojados à força (face à ação de “soldados do Exército Brasileiro, com apoio de policiais da Força Nacional e agentes da Guarda Civil Municipal”) foram deixados ao relento. Nesse caso, fica evidente a “ameaça” que eles representam para a população. O excerto (34) se atém às crianças e adolescentes desacompanhados, que são simplesmente mandados embora, “de volta para a rodoviária”, sem qualquer tipo de apoio para enfrentar a (dupla) situação de vulnerabilidade (pela idade e pelo fato de estarem sozinhos em outro país).

Outro tema imposto identificado consiste nas “ações empreendidas (ou não) pelo poder público para resolver ou minimizar o ‘problema’ venezuelano”. São citados dois casos, em tese, positivos: a Operação Dignidade, em (35), e a inauguração de casas de acolhimento, em (36). Ressaltamos, por outro lado, as ações que não são empreendidas, mesmo com determinação judicial, e que, muitas vezes, geram uma espécie de “jogo de empurra” entre as várias instâncias governamentais, em (37):

(35) DIGNIDADE – O Exército implantou em Boa Vista e em Pacaraima a ‘Operação Dignidade’, com a finalidade de orientar os venezuelanos a ocuparem os abrigos ou a procurarem residência para pernoitar, ou ainda, a

<sup>101</sup> Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/xenofobia/>>. Acesso em: 18 jan. 2022.

seguirem viagem. A operação surgiu pelo fato dessas cidades não comportarem as pessoas nas ruas por não terem segurança e infraestruturas adequadas. A medida passou a vigorar em 31 de julho e está sendo implementada pela Operação Acolhida. Sobre essa operação, o prefeito Juliano Torquato informou que ainda não percebeu nenhum efeito dessa ação (Edição 8857).

(36) Duas novas casas de acolhimento serão inauguradas em Roraima na segunda quinzena de dezembro para receber crianças e adolescentes venezuelanos que chegam ao Brasil desacompanhados de pais e responsáveis, informou o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) em nota publicada nesta segunda-feira (9) no site [naçõesunidas.org](http://naçõesunidas.org) (Edição 8941).

(37) Apesar da determinação judicial, a prefeitura de Boa Vista informou por meio de nota para a Folha de Boa Vista que, *com a chegada de milhares de venezuelanos, a prefeitura não tem como atender a demanda sem o apoio do Governo Federal, sendo a operação Acolhida que recebe recursos para abrigar os venezuelanos que estão nas ruas* (Edição 8879).

Quanto aos temas específicos, identificamos dois que julgamos mais relevantes apontar. Um deles é o tema “Programa de Repatriação, empreendido pelo governo de Nicolás Maduro”, como se vê em (38) e (39) a seguir:

(38) Sem muito alarde, o Consulado-Geral da Venezuela em Boa Vista está fazendo um trabalho de apoio aos migrantes venezuelanos que desejam retornar a seu país. O programa *começou há um ano e mais de 4 mil já retornaram à Venezuela por meio do Programa de Repatriação*. Só este ano já foram feitas quatro operações de retorno, que repatriaram *367 pessoas*, no total. Destas, *84 eram crianças*. Não há prazo para o fim da operação (Edição 8858).

(39) O cônsul-geral da Venezuela em Roraima, Faustino Torella Ambrosini, [...] *culpou os embargos impostos à Venezuela como motivo principal da atual situação econômica do país*. “As pessoas estão vindo para Boa Vista, para o Brasil e outros países, *em busca de alimento, trabalho e medicamentos, e isso não é culpa do governo de Nicolás Maduro, mas do bloqueio econômico que sofremos*”. (...) “*É interessante para os brasileiros que acabem com os bloqueios e assim os venezuelanos possam voltar para seu país e encerrar essa migração*”, afirmou (Edição 8858).

Na abordagem desse tema, também se destaca o uso de números para se referir à quantidade de pessoas que já participaram do Programa de Repatriação e à quantidade de operações de retorno realizadas (excerto 38). Em (39), como já comentamos, há o posicionamento político do cônsul-geral da Venezuela em Roraima com relação à culpabilização da crise venezuelana, que, segundo ele, ocorre devido aos embargos econômicos impostos à Venezuela. Ele ressalta que “é interessante para os brasileiros que acabem com os bloqueios” para “encerrar a migração”, ou seja, indiretamente percebemos o posicionamento de que a migração venezuelana não é boa para os brasileiros.

O segundo tema específico que julgamos importante ressaltar é a “entrada de crianças e adolescentes sozinhos no Brasil”:

(40) Mais de 570 crianças e adolescente [sic] foram cadastrados vivendo em Roraima sem o acompanhamento dos pais ou responsáveis. De forma não oficial, segundo o Conselho Tutelar, este número pode chegar a 800 (Edição 8941).

(41) “*Nenhuma estava completamente só. Sempre há alguém por perto que os representa*” disse a chefe de proteção da Vara da Infância e Juventude do Tribunal de Justiça de Roraima, Lorraine Costa (Edição 8941).

(42) “*Tem muito menino na rua, nesses lares temporárias, com famílias que o conheceram aqui e acolheram, em abrigos não oficiais, que são órgãos públicos abandonados que foram ocupados por migrantes e têm os abrigos que chamamos de ‘fantasmas’, que são casas e vilas onde se aglomeram várias famílias e pessoas em um local só e ali tem adolescente que não é nada de nada de ninguém e está sozinho no país*” (Edição 8941).

No excerto (40), recorre-se, mais uma vez, a números para quantificar os sujeitos. Em (41) e (42), vemos informações contraditórias, uma vez que, na primeira, a chefe de proteção da Vara da Infância e Juventude do Tribunal de Justiça de Roraima assevera que nenhuma criança estava completamente sozinha, enquanto, na segunda, a conselheira Tutelar da Capital Boa Vista afirma que nos abrigos conhecidos como “fantasmas” “tem adolescente que não é nada de nada de ninguém e está sozinho no país”.

Com relação à intertextualidade, Maingueneau (2008) a compreende, como vimos, como os tipos de relações intertextuais que a competência discursiva define como legítimas. Assumindo tal abordagem de maneira mais ampla, destacamos que o discurso jornalístico “dialoga” com vários outros discursos como forma de se legitimar, como é o caso do discurso político e do discurso econômico, presentes nos numerosos trechos já analisados.

Além disso, cabe apontar um recurso muito recorrente nas notícias da *Folha de Boa Vista* (e nos textos jornalísticos em geral): a utilização do discurso direto para criar um efeito de sentido de credibilidade e de autenticidade em relação à informação veiculada, o que contribui para a construção de “efeitos de real” (CHARAUDEAU, 1992), como já comentamos. Cabe ressaltar que a presença do discurso relatado contribui ainda para reforçar o apagamento enunciativo do locutor, já que ele “se esconde” por trás do que é dito por outrem. Tal recurso pode ser associado também, de forma mais ampla, ao que Maingueneau (2008, p. 81) chama de “intertexto”, que consiste no conjunto de fragmentos que um texto cita, como vimos no caso das narrativas de vida.

A partir disso, pontuamos que as notícias em pauta citam, de forma direta, as seguintes autoridades ou instituições: o conselheiro Brito Bezerra, relator de contas da Secretaria de Estado de Gestão Estratégica da Administração (Segad), em sua fala sobre os bens imóveis abandonados ou desocupados de propriedade do Estado de Roraima; o prefeito Juliano Torquato, sobre o aumento do número de imigrantes que passam na fronteira e da quantidade de venezuelanos dormindo nas ruas; o cônsul-geral da Venezuela em Roraima, Faustino Torella Ambrosini, sobre o Programa de Repatriação; a prefeitura de Boa Vista, sobre a situação dos moradores de rua na capital; o superintendente Murilo Santos, sobre a retirada dos migrantes, pela Guarda Municipal, de uma Escola; a chefe de proteção da Vara da Infância e Juventude do Tribunal de Justiça de Roraima, Lorraine Costa, sobre o acolhimento de crianças e adolescentes; Nizan Abrantes, um venezuelano que coordena um abrigo em um prédio público abandonado, sobre um grupo de crianças e adolescentes que chegou a buscar abrigo; a conselheira Tutelar de Boa Vista, Andreza Ferreira, sobre o acolhimento das crianças e adolescentes; o governo de Roraima, sobre a busca do Estado, junto ao Ministério da Cidadania, de apoio técnico para construção de planos emergências para aumentar o número de unidades de acolhimento; a Prefeitura de Boa Vista, sobre uma articulação com as outras esferas e agências humanitárias para contribuir para um acolhimento digno das crianças; o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), sobre as novas casas de acolhimento a serem inauguradas em Roraima para receber crianças e adolescentes venezuelanos que chegam ao Brasil desacompanhados de pais e responsáveis.

Proporcionalmente, o espaço de fala concedido aos(às) migrantes é bem menor nas notícias selecionadas. Apenas quatro: Juliane Cobar, Luiz Manoel, Hache Medina e Luiz têm suas palavras reproduzidas em discurso direto:

(43) Uma dessas pessoas é Juliane Cobar que passa as manhãs perambulando nas ruas. “Estou há quatro meses em Boa Vista. Na Venezuela não conseguimos emprego, não vivíamos bem. Pelo menos aqui passa alguém para dar alguma ajuda e algum alimento. *Viver na rua* não é a melhor situação, mas recebemos ajuda aqui e pelo menos conseguimos comida”, afirma Juliane (Edição 8879).

(44) Também morando há quatro meses em Boa Vista, Luiz Manoel relata que em Roraima tem conseguido comer *mesmo morando nas ruas*. “Pela manhã temos que encontrar outro local para ficar, pois de noite ficamos perto da rodoviária. Na Venezuela até se encontra comida, mas em muito pouca quantidade. A situação está cada dia pior lá, e sem emprego. Aqui eu consigo comer quatro ou cinco vezes no dia e na próxima semana nós vamos para o Mato Grosso e queremos sair das ruas. Viver com familiares assim não é uma



boa condição”, afirma Luiz, que chegou com esposa e dois filhos (Edição 8879).

(45) O venezuelano Hache Medina era um dos ocupantes e, de acordo com ele, antes de irem viver no ginásio, os imigrantes estavam acampados naquele mesmo local. “Estávamos aguardando vaga em algum abrigo, ou a interiorização. Não somos bandidos, somos pessoas de bem, e não entendo por que não nos querem aqui. Agora não sabemos o que pode acontecer conosco *novamente na rua.*”, concluiu (Edição 8902).

(46) O adolescente venezuelano Luiz, de 17 anos, demorou cinco dias caminhando e pegando carona na estrada nos mais de 1000 quilômetros que ligam Caracas até Boa Vista, capital de Roraima. Ele contou que na Venezuela vivia sozinho e não conhece os pais e que trabalhou com construção, com mecânica, levando bagagens na rodoviária e que *hoje vive na rua.* “Lá na Venezuela todo mundo falava que no Brasil a gente tinha oportunidade, tinha emprego. Então eu vim embora. Estou tentando abrigo, mas eles priorizam as famílias, e eu não tenho família. Moro na rua, mas fiz amigos e agora busco trabalho. É difícil, mas tenho esperança” (Edição 8941).

Identificamos ainda autoridades e instituições que são citadas indiretamente, para dar embasamento à informação, funcionando como argumento de autoridade, tais como: Coordenação Geral de Polícia de Imigração; Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR); Coordenação Geral de Polícia de Imigração e ACNUR; Operação Acolhida; Ministério da Justiça; Relatório Refúgio em Números da Polícia Federal; um estudo no ano de 2016; Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE); plataforma regional de Coordenação Interagencial R4V; Organização das Nações Unidas (ONU); Secretaria do Trabalho e Bem-Estar Social (Setrabes) do governo estadual; Conselho Tutelar; Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF).

Finalmente, quanto ao modo de enunciação, vemos que o jornal roraimense, em busca do tom de objetividade e imparcialidade, tão caro ao jornalismo, investe em três procedimentos básicos, já comentados ao longo das análises, razão que nos leva a apenas mencioná-los brevemente aqui: 1) o uso da 3ª. pessoa (singular ou plural) para tratar daquilo ou daqueles de que(m) se fala, no caso, as pessoas migrantes da Venezuela e as situações ligadas a elas; 2) a utilização massiva de dados numéricos para corroborar o que se está dizendo (mesmo que se incorra em incoerências algumas vezes); 3) a presença do discurso direto, que permite ao locutor “esconder-se” por trás da fala de outrem, principalmente, de autoridades e instituições que legitimam o seu discurso (argumento de autoridade). O *éthos* que se busca construir é, assim, o de um jornal sério, que trata os eventos de forma distanciada e que apresenta informações consistentes, comprovadas por meio de números e do espaço de fala que é concedido a outros locutores. Lembramos, porém, que não há necessariamente correspondência entre o *éthos* visado e o *éthos*

efetivamente produzido. Não é por outra razão que uma abordagem mais crítica permite “ler” nas entrelinhas, perceber incoerências e notar, por vezes, um tom mais subjetivo (mais preconceituoso) em relação ao migrante venezuelano. Ou seja, objetividade e imparcialidade não são mais do que “efeitos de sentido”.

Segue o quadro com a síntese da análise, antes de passarmos à análise das notícias do jornal *O Tempo*:

<b>Quadro 9: Síntese da análise (Folha de Boa Vista)</b>	
Estatuto do enunciador e do destinatário	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Jornal local roraimense; as notícias que compõem o <i>corpus</i> são assinadas – efeito de sentido de credibilidade.</li> <li>- Público leitor situado em Roraima, e até mesmo em outros estados e países.</li> </ul>
Dêixis enunciativa	<p>Espaço e tempo: presença de numerosos marcadores para criar efeitos de realidade ou de referente, próprios de um jornal local – ancoragem espacial e temporal.</p> <p>Pessoa: terceira pessoa a fim de instaurar um modo de enunciação aparentemente neutro e objetivo, em consonância com os princípios editoriais do “Grupo Folhabv”, produzindo efeitos de “apagamento “do locutor.”</p>
Modo de enunciação/ <i>éthos</i>	<p>Aparentemente neutro e objetivo, mas, de fato, não é.</p> <p><i>Éthos</i> de seriedade, distanciamento e consistência de informação.</p>
Representações (socio)discursivas	<ul style="list-style-type: none"> <li>- 38 menções como “imigrantes”, 10 como “refugiados” e 5 como “migrantes”.</li> <li>- Designação dos venezuelanos como “moradores de rua”, “pertencentes a uma família” e “solicitantes de refúgio”.</li> <li>- Confusão/imprecisão entre os termos “refugiado”, “(i)migrante” e “estrangeiro”.</li> <li>- Perfil da profissão dos trabalhadores imigrantes” = impressão de competitividade pelo mercado de trabalho.</li> <li>- Informação de que a maioria dos(das) migrantes utiliza os “serviços de saúde pública” = impressão de que esses sujeitos contribuem para a sobrecarga do sistema de saúde pública brasileiro.</li> <li>- Associação entre os efeitos sociais negativos de um prédio abandonado e a dita “crise migratória”.</li> <li>- Referência aos efeitos da migração para Boa Vista e Pacaraima - municípios que “sofrem” com a migração.</li> <li>- Migrantes venezuelanos: indesejáveis no Brasil, (denúncias, exigência de expulsão, ameaça) – xenofobia. Relação com o tráfico ou o consumo de drogas, o vandalismo e a prostituição.</li> <li>- Enquadramento dos migrantes venezuelanos como pessoas que fogem de uma crise.</li> <li>- Criação de um inimigo: países responsáveis pelos embargos econômicos impostos à Venezuela.</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Governo venezuelano: representado de forma positiva, como provedor de ajuda aos imigrantes que desejam retornar ao país (“Programa de Repatriação”).</li> <li>- Migrantes venezuelanos categorizados como “moradores de rua”, face à superlotação dos abrigos, e caracterizados como “invisíveis socialmente”.</li> <li>- Migrantes retirados de um Ginásio Poliesportivo e “jogados debaixo da ponte”.</li> <li>- Mobilização desproporcional de agentes de segurança para fazer a desocupação do local.</li> <li>- Exemplo da migração de crianças e adolescentes sozinhos para o Brasil.</li> <li>- Imagem positiva do Brasil para os que se encontram na Venezuela (e mesmo para aqueles que já migraram).</li> </ul>
<p>Temas</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Impostos</i></li> <li>- <i>Específicos</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O papel de Roraima no cenário migratório da Venezuela.</li> <li>• Condições de vida a que os venezuelanos se submetem em Roraima.</li> <li>• Tratamento conferido ao migrantes venezuelanos pela população e pelas autoridades em Roraima.</li> <li>• Ações empreendidas (ou não) pelo poder público em prol dos migrantes.</li> <li>- Programa de Repatriação promovido por Nicolás Maduro.</li> <li>- Entrada de crianças e adolescentes sozinhos no Brasil.</li> </ul>
<p>Vocabulário</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Vasta utilização de quantificadores (números, porcentagens) para conferir ao discurso consistência e objetividade.</li> <li>- Emprego recorrente do “mais de” e uso do vocábulo “aumento” e similares = efeito de que a migração venezuelana está adquirindo proporções alarmantes no estado de Roraima.</li> <li>- Utilização do eufemismo “conflito” para designar uma situação que se caracteriza como “xenofobia”.</li> <li>- Referência ao processo de interiorização, de modo a criticá-lo negativamente por meio do vocábulo “apenas” - a referida estratégia é insuficiente.</li> <li>- Palavras e expressões axiologizadas negativamente para representar os migrantes e a crise migratória (prostituição, venda/consumo de drogas, moradores de rua; ameaça; abrigos superlotados etc.).</li> </ul>
<p>Intertextualidade (em sentido amplo)</p>	<p>“Diálogo” com outros discursos como o político e o econômico.</p>
<p>Intertexto/ Discurso relatado</p>	<p>Uso do discurso direto, predominantemente para reproduzir o que dizem autoridades e instituições, com pouco espaço de fala para os próprios migrantes.</p> <p>Presença também do discurso indireto.</p>

Analisadas as notícias do jornal *Folha de Boa Vista*, passamos, então, para as do jornal *O Tempo*, cujo exame será feito seguindo os mesmos procedimentos adotados nesta seção.

## 5.2. O jornal *O Tempo* em foco

### Notícias de *O Tempo*

<b>Título (1)</b>	Imigrantes se tornam mendigos
<b>Chamada</b>	Metade dos entrevistados disse ter ao menos um familiar em risco
<b>Link</b>	<a href="https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14082">https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14082</a>
<b>Seção</b>	Mundo
<b>Data:</b> 21/07/2019	Ano 23, Número: 8254
<p>ONU. Relatório mostra que parte dos venezuelanos precisa recorrer também à prostituição</p> <p style="text-align: center;"><b>Imigrantes se tornam mendigos</b></p> <p>Metade dos entrevistados disse ter ao menos um familiar em risco</p> <p>GENEBRA, SUIÇA. Cerca de 14% dos imigrantes venezuelanos recorreram à mendicância durante a fuga da Venezuela e 2% apelaram ao “sexo de sobrevivência”, revelou um relatório divulgado anteontem pela agência da Organização das Nações Unidas (ONU) para refugiados (Acnur), com base em milhares de entrevistas em oito países da região: Colômbia, Equador, Peru, Chile, Argentina, Uruguai, Brasil e República Dominicana.</p> <p>Apresentado em Genebra, o relatório revela que 34% dos imigrantes não tinham nenhum tipo de permissão de entrada ou permanência no país onde foram entrevistados, 29% disseram ter um visto de turista e apenas 4%, uma autorização permanente. “Temos visto um aumento de restrições fronteiriças e exigências para que os venezuelanos possam entrar em certos países. Já alertamos que isso pode levá-los a usar rotas irregulares e expô-los ao tráfico de pessoas”, afirmou Liz Throssell, porta-voz do Acnur.</p> <p>A metade de todos os entrevistados disse que ao menos um membro de sua família esteve ou está em risco em razão de sua origem ou porque teve de recorrer à mendicância, à prostituição ou porque foi obrigado a enviar crianças menores de 15 anos para trabalhar.</p> <p><b>FUGA EM MASSA.</b> A crise política e econômica na Venezuela já provocou, segundo dados do Acnur, desde 2015, a fuga de cerca de 3 milhões de cidadãos. Atualmente, estima-se que cerca de 5 mil pessoas deixem o país a cada dia. O principal destino dos venezuelanos é a Colômbia, que já recebeu cerca de 1 milhão de pessoas nesse período. Peru, Equador, Chile, Argentina e Panamá e Brasil também são destinos bastante procurados. Se a crise política é resultado do fechamento do regime chavista, principalmente após a morte de Hugo Chávez, em 2013, e da reeleição de Nicolás Maduro, em 2018, os problemas econômicos são resultados do descontrole financeiro do governo.</p> <p style="text-align: center;"><b>Pobreza afeta 90% das pessoas</b></p> <p>GENEBRA. Segundo estimativas da ONU, a crise econômica na Venezuela fez com que cerca de 90% dos habitantes do país vivessem na pobreza. Em abril, o Banco Mundial classificou a crise como a “pior da história moderna na América Latina”.</p> <p>Após uma contração de 17,7% em 2017, o PIB venezuelano recuará 25% em 2019. A penúria afetou a indústria petrolífera, principal fonte de entrada de dólar no país. A produção chegou ao nível mais baixo em 30 anos.</p> <p><b>Fora da escola</b></p> <p><b>Relatório.</b> Ainda segundo informações da ONU, 52% das crianças imigrantes da Venezuela não frequentam a escola devido ao pouco tempo que estão no novo país ou porque estão em trânsito.</p>	

<b>Título (2)</b>	Venezuelanos voam de Roraima com destino à nova vida
<b>Chamada</b>	Sem transporte de graça da FAB e das empresas, viagens seriam inviáveis
<b>Link</b>	<a href="https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14206">https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14206</a>

<b>Seção</b>	Economia
<b>Data:</b> 18/08/2019	Ano 23, Número: 8282
<b>Sonho.</b> Sem trabalho em Boa Vista, refugiados buscam o interior	
<b>Venezuelanos voam de Roraima com destino à nova vida</b>	
Sem transporte de graça da FAB e das empresas, viagens seriam inviáveis QUEILA ARIADNE TATIANA LAGÔA	
<p>Desempregado, com a mulher grávida e uma filha, que na época tinha 2 anos, o venezuelano Simon Henrique Otero, 24, viajou cerca de 650 km de ônibus até Roraima, onde conseguiu bicos como ajudante de pedreiro. Cerca de um ano depois, quando já não conseguia mais trabalho por lá, o imigrante teve uma nova chance. Dessa vez, voou cerca de 3.000 km rumo a uma nova vida em Minas Gerais. A viagem foi feita em uma aeronave da Força Aérea Brasileira (FAB). “Foi a primeira vez que andei de avião e o percurso mais longo que já viajei. Tenho muita esperança de que agora vai dar tudo certo”, conta.</p> <p>Simon é um dos 85,4 mil venezuelanos que pediram refúgio no Brasil nos últimos sete anos, segundo dados do Comitê Nacional para os Refugiados (Conare), do Ministério da Justiça e Segurança Pública. Só em 2018, foram 61,6 mil pedidos de reconhecimento de refugiados vindos da Venezuela. Desses, 81% estavam em Roraima, assim como ele. A concentração acirra o mercado de trabalho e força os refugiados a buscar emprego em outros Estados. Foi o que fez Simon, que partiu de Boa Vista com a mulher e os dois filhos.</p> <p>“Estava muito fraco de serviço em Roraima, e não estava dando para pagar aluguel. O pessoal nos trouxe para Belo Horizonte há dois meses. Deixamos todas as nossas coisas na casa em Roraima e viemos morar na casa de apoio”, conta. Se fosse pagar pela viagem, ele teria que desembolsar algo em torno de R\$ 5.000, valor muito fora do orçamento de alguém que contava moedas para se alimentar.</p> <p>A mudança dele foi intermediada pelo Projeto Acolhe Brasil, do Serviço Jesuíta a Migrantes Refugiados (SJMR). No primeiro semestre deste ano, 91 pessoas foram encaminhadas por eles a cidades mineiras com o apoio da FAB. As companhias aéreas comerciais também fazem esse traslado de venezuelanos gratuitamente. De junho de 2018 a junho deste ano, a Azul transportou mais de 2.500 refugiados de Roraima e Manaus para Campinas, de onde seguiram para outras cidades do Brasil. A Latam transportou mais de 700.</p> <p>“Se não tivesse conseguido essa ajuda, não sei o que faria para sustentar minha família. Voltar para a Venezuela não dá, porque a situação lá está complicada.” Simon Otero, 24. Imigrante</p>	

<b>Título (3)</b>	Capital mineira recebe mais 32 venezuelanos
<b>Chamada</b>	-
<b>Link</b>	<a href="https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14254">https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14254</a>
<b>Seção</b>	Cidades
<b>Data:</b> 29/08/2019	Ano 23, Número: 8293
<b>Capital mineira recebe mais 32 venezuelanos</b>	
CLARISSE SOUZA	
<p>Um novo grupo de refugiados da Venezuela, país que enfrenta crise humanitária, chegou ontem à capital mineira. Trinta e dois imigrantes foram trazidos de Roraima para BH em um avião da Força Aérea Brasileira (FAB) e desembarcaram no aeroporto da Pampulha à tarde. O grupo foi acolhido em uma casa de apoio localizada no bairro Ouro Preto, na região da Pampulha.</p> <p>Já é de 180 o número de venezuelanos na cidade. Depois de receberem o primeiro atendimento por uma equipe do Exército em BH, os refugiados serão atendidos pela Cruz Vermelha.</p> <p>“A Cruz Vermelha dá o suporte em roupa, cobertor e alimentos para o pessoal da casa dar sequência nesse primeiro atendimento aos refugiados”, disse o diretor da entidade, Ricardo Oliveira. A Cruz Vermelha também oferece atendimento psicossocial para que cada refugiado obtenha trabalho em Minas.</p> <p>COMO AJUDAR. A entidade pede doações principalmente de alimentos, roupas e colchões. A sede da Cruz Vermelha na capital mineira fica na alameda Ezequiel Dias, 427, no bairro Santa Efigênia.</p>	

<b>Título (4)</b>	<b>Luta de refugiados em Minas agora é por mercado de trabalho</b>
<b>Chamada</b>	Empresário bem-sucedido roçou terra e faz “bicos” para manter a família
<b>Link</b>	<a href="https://digital.otempo.com.br/leitor/#/jornais/1/edicoes/14396">https://digital.otempo.com.br/leitor/#/jornais/1/edicoes/14396</a>
<b>Seção</b>	Cidades
<b>Data:</b> 30/09/2019	Ano 23, Número: 8325
<p><b>Venezuelanos.</b> Imigrantes com carreiras estabelecidas no país de origem buscam o sustento como podem</p> <p style="text-align: center;"><b>Luta de refugiados em Minas agora é por mercado de trabalho</b></p> <p>Empresário bem-sucedido roçou terra e faz “bicos” para manter a família CLARISSE SOUZA</p> <p>Depois de superarem a dor de abandonar a família, os amigos e a cultura de um país destruído por uma crise política e econômica, refugiados venezuelanos que encontraram abrigo em Minas enfrentam agora o desafio de recomeçar a vida. Estima-se que, somente em 2019, cerca de 200 imigrantes desembarcaram em terras mineiras. A maioria está acolhida na capital, segundo levantamento da Cruz Vermelha.</p> <p>Abrigados temporariamente em casas de apoio, muitos deles ainda estão à procura de emprego formal, passo essencial para conseguirem a independência financeira da qual tanto precisam para refazerem a vida e resgatarem quem ficou para trás.</p> <p>O ex-empresário Enwelbert Jesus Rondon, 39, buscou refúgio no Brasil depois de ver ruir na Venezuela um negócio que construiu ao longo de anos de trabalho. “Cheguei a terceirizar até 60 funcionários, mas de 2017 em diante a coisa ficou muito ruim”, lembra ele, que é especialista em refrigeração e elétrica. Para pagar dívidas e comprar comida, ele vendeu uma casa, ferramentas de trabalho e uma motocicleta.</p> <p>Desde que atravessou a fronteira com o Brasil, Rondon carregou terra e roçou terrenos para conseguir dinheiro. Em BH há um mês, ele usa as redes sociais para fazer “bicos” e firmar parcerias em serviços de manutenção em equipamentos de ar condicionado. O pouco dinheiro que ele obtém usa para cuidar da mulher e do caçula, de 1 ano, que vieram com ele. Mas falta dinheiro para sustentar outros quatro filhos, que ainda estão na Venezuela. “Quero trazê-los para cá”, diz o refugiado.</p> <p>A Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social (Sedese) não sabe quantos refugiados há em Minas, mas informou que a Subsecretaria de Trabalho e Emprego tem conversado com organizações de sociedade civil e empresas “para que a rede do Sistema Nacional de Emprego (Sine) identifique possíveis vagas no interior do Estado”. A maioria das oportunidades de emprego, no entanto, ainda surge com o auxílio de instituições como o Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados, que intermedeia o contato entre imigrantes e empresas.</p> <p>É com esse tipo de oportunidade que a refugiada Yusmaris Isbelia Cedeño, 25, sonha para buscar a filha, de 10 anos. A menina ficou na Venezuela com a avó paterna. Em um lar temporário da capital há dois meses, a jovem diz ter experiência como faxineira e vendedora, e não faz exigências para conseguir emprego: “Eu posso fazer o que quiserem. Se eu não souber, aprendo”, garante.</p> <p style="text-align: center;"><b>Minientrevista</b></p> <p>Walter Santos COORDENADOR DE VOLUNTARIADO DA CRUZ VERMELHA</p> <p>‘São pessoas tentando recomeçar com dignidade’</p> <p><b>1- Quais são os empecilhos enfrentados pelos refugiados venezuelanos na busca por emprego em Minas?</b></p> <p>Eles enfrentam dificuldades de adaptação com a nova cidade e também com a língua. Mas são pessoas que estão tentando recomeçar a vida com dignidade e buscam emprego para poderem trazer a família que ainda se encontra em situação difícil na Venezuela.</p> <p><b>2- Qual o perfil profissional do venezuelano que chega a Minas Gerais?</b></p> <p>Muitos pensam que essas pessoas, por serem refugiadas, não têm estudo ou domínio da cultura. Mas são profissionais com conhecimentos específicos, pessoas instruídas, como professores, policiais, engenheiros.</p> <p><b>3- Mesmo quem tem formação em nível superior está disposto a trabalhar em atividades que exigem menor escolaridade?</b></p> <p>Quando aparecem vagas de limpeza e serviços gerais, por exemplo, eles aceitam. Creio que estão abertos a empregos com remuneração menor, porque essa é uma porta de entrada para um sucesso futuro. Os empresários parceiros ainda são poucos, e a situação econômica do nosso país não ajuda. Talvez se esse cenário mudar, as coisas melhorem para eles também. (CS)</p>	

CRISE MIGRATÓRIA - infográfico

Rede de apoio

**“A questão é ajudar pessoas”**

De refugiado venezuelano a instrutor social que acolhe compatriotas na Providens – Ação Social Arquidiocesana –, Daniel Zerpa, 20, pensa que a dificuldade de comunicação ainda é um empecilho para que imigrantes consigam uma oportunidade de emprego. “A língua ainda influi muito. Mas muitos empresários pensam que a contratação de um estrangeiro é mais burocrática, o que não é verdade”, observa.

O advogado Rafael Rezende, líder operacional do Refúgio 343 – projeto que ajuda a interiorizar venezuelanos –, afirma que os refugiados estão empenhados em trabalhar. “O que posso dizer para os empresários é: deem uma oportunidade. A questão não é ajudar venezuelanos, mas ajudar pessoas em dificuldade”, diz.

Para Helenice Natalina Silva, coordenadora da Casa de Apoio Chico do Vale, que acolhe refugiados no bairro Ouro Preto, na Pampulha, uma maior atuação do poder público poderia elevar as chances de empregabilidade dos imigrantes. “Mas não tem ajuda. Quem os apoia é a sociedade civil”, reclama.

Em nota, o Estado informou que “a Subsecretaria de Trabalho e Emprego tem desenvolvido esforços para que os refugiados tenham acesso não apenas a oportunidades de emprego como a serviços que permitam que deem continuidade às suas vidas”. (CS)

<b>Título (5)</b>	Mais de 500 menores chegaram sozinhos a RR
<b>Chamada</b>	-
<b>Link</b>	<a href="https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14696">https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14696</a>
<b>Seção</b>	Brasil
<b>Data:</b> 06/12/2019	Ano 23, Número: 8392

**Mais de 500 menores chegaram sozinhos a RR**

SÃO PAULO. Relatório da Human Rights Watch (HRW) com base em informações da Defensoria Pública da União (DPU) mostra que pelo menos 529 crianças e adolescentes venezuelanos cruzaram a fronteira com Roraima e chegaram ao Brasil desacompanhados. De acordo com o documento, quase 90% têm entre 13 e 17 anos e chegaram entre o começo de maio e o fim de novembro deste ano.

Muitos relataram que viajaram sozinhos, de carona, fugindo de situações de abuso e extrema pobreza na Venezuela. “É uma realidade dramática, pois essas crianças e adolescentes estão expostos a todos os tipos de abuso. Muitos na Venezuela sofriam maus-tratos, passavam fome ou trabalhavam em garimpos”, afirma César Muñoz, pesquisador sênior da HRW no Brasil.

Como os abrigos já estão cheios, muitos adolescentes são encaminhados para a operação Acolhida, criada pelo governo federal para dar assistência de emergência aos venezuelanos em situação de maior vulnerabilidade. Mas especialistas afirmam que essa não é a solução ideal, porque os jovens ficam junto com outros adultos e famílias.

Seguindo, como foi dito, os parâmetro da seção anterior, antes de iniciarmos a análise, faremos um resumo das cinco notícias do jornal *O Tempo*.

A primeira notícia, intitulada “Imigrantes se tornam mendigos”, apresenta o resultado do relatório da agência da Organização das Nações Unidas (ONU) para refugiados (Acnur), que teve como base milhares de entrevistas realizadas com imigrantes venezuelanos em oito países, inclusive o Brasil. Ademais, discorre sobre o número de migrantes venezuelanos devido à crise política e econômica enfrentada pela Venezuela e

sobre os principais destinos procurados por eles. A segunda, “Venezuelanos voam de Roraima com destino à nova vida”, assinada por Queila Ariadne e Tatiana Lagôa, relata que, conforme dados do Comitê Nacional para os Refugiados (Conare), do Ministério da Justiça e Segurança Pública, 85,4 mil venezuelanos pediram refúgio no Brasil nos últimos sete anos e, que somente em 2018, foram 61,6 mil pedidos de reconhecimento de refugiados vindos da Venezuela, dentre os quais 81% estão em Roraima. Menciona, ainda, o Projeto Acolhe Brasil, do Serviço Jesuíta a Migrantes Refugiados (SJMR), que encaminha venezuelanos para cidades mineiras e o fato de companhias aéreas comerciais também fazerem o traslado de forma gratuita. Já a terceira, cujo título é “Capital mineira recebe mais 32 venezuelanos”, assinada por Clarisse Souza, conta sobre a chegada de um grupo de trinta e dois refugiados venezuelanos em Belo Horizonte, provenientes de Roraima, e sobre o acolhimento desse grupo em uma casa de apoio. Ademais, divulga informações sobre como ajudá-los.

A quarta notícia, intitulada “Luta de refugiados em Minas agora é por mercado de trabalho”, que é a mais extensa das cinco, e assinada também por Clarisse Souza, discorre sobre o desafio enfrentado pelos migrantes venezuelanos, que estão abrigados em Belo Horizonte, para recomeçar a vida. Estima que, em 2019, cerca de 200 imigrantes desembarcaram em terras mineiras e que a maioria se encontra na capital, conforme a Cruz Vermelha. A Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social (Sedese) informou que não sabe o número de refugiados que estão em Minas Gerais, contudo, comunicou que a Subsecretaria de Trabalho e Emprego tem conversado com organizações de sociedade civil e empresas a fim de conseguir vagas de empregos para eles no interior do estado. A maioria das vagas vem por meio da ajuda de instituições, como, por exemplo, o Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados, que faz a mediação entre imigrantes e empresas. Além disso, a matéria traz uma “minientrevista” com Walter Santos, que é o coordenador de voluntariado da Cruz Vermelha, por meio da qual ele discorre sobre as dificuldades enfrentadas pelos refugiados venezuelanos na procura por emprego em Minas Gerais, sobre o perfil profissional do venezuelano que chega nesse estado, e sobre a disponibilidade desses migrantes para trabalhar em atividades que requerem menor escolaridade. A quinta e última notícia do jornal *O Tempo*, cujo título é “Mais de 500 menores chegaram sozinhos a RR”, comunica que, de acordo com o relatório da *Human Rights Watch* (HRW), a partir de informações da Defensoria Pública da União (DPU), no mínimo 529 crianças e adolescentes venezuelanos migraram para o Brasil sozinhos,



dentre os quais quase 90% possui entre 13 e 17 anos e chegaram entre maio e novembro de 2019.

Percebemos que o recurso da sub-retranca não é tão utilizado no jornal *O Tempo* quanto na *Folha de Boa Vista*, sendo identificado em apenas duas notícias. Por outro lado, vemos, em uma delas, um infográfico e uma minientrevista.

O estatuto do enunciador, conforme já foi descrito, é de um jornal consolidado como o mais vendido e o principal de Minas Gerais no segmento *quality paper*, ou seja, que possui conteúdo jornalístico e, em sua linha editorial, prima por política, economia, administração pública e cultura. Seus exemplares são vendidos em bancas ou através de assinaturas. Três, das cinco notícias que compõem o *corpus* desse jornal, são assinadas – por Queila Ariadne e Tatiana Lagôa (número: 8282), além de Clarisse Souza (número: 8293 e número: 8325) –, o que lhes confere mais credibilidade (embora, como também já foi apontado, elas se orientem pela linha editorial do jornal). Ele tem como público-alvo (estatuto do destinatário), os mineiros, sobretudo os que moram na Grande BH, o que não impede que possa ser lido em outros estados e mesmo outros países.

Com relação à dêixis enunciativa, em sua categoria espacial, vemos que a notícia intitulada “Imigrantes se tornam mendigos” (número: 8254) assume uma abordagem ampla, tendo em vista que ela faz referência a um relatório apresentado em Genebra, na Suíça, pela agência da Organização das Nações Unidas (ONU) para refugiados (Acnur), que tem como base entrevistas realizadas com imigrantes venezuelanos em oito países: Colômbia, Equador, Peru, Chile, Argentina, Uruguai, Brasil e República Dominicana. A notícia em questão também faz uma reflexão ampla sobre a situação da Venezuela, classificada pelo Banco Mundial como a “pior [crise] da história moderna na América Latina”. Cabe ressaltar que essa abordagem mais abrangente do espaço já era esperada, tendo em vista a localização da notícia na seção Mundo. Logo, é possível observar que muitos dos aspectos identificados na presente pesquisa sobre os migrantes venezuelanos que estão no Brasil podem ser estendidos a outros países da região, o que nos faz refletir sobre a necessidade da criação de políticas públicas e em sua real aplicação de forma mais integrada.

Na notícia “Venezuelanos voam de Roraima com destino à nova vida” (número 8282), com base no relato de migração do venezuelano Simon, de modo semelhante às narrativas de vida, observamos a menção à Venezuela, à Roraima e à Belo Horizonte. Os dois primeiros espaços são descritos de forma negativa, como, por exemplo em: “Voltar para a Venezuela não dá. porque a situação lá está complicada” e “81% estavam em

Roraima, assim como ele. A concentração acirra o mercado de trabalho e força os refugiados a buscar emprego em outros Estados”. Belo Horizonte, por sua vez, é associada ao sentimento de esperança: “Foi a primeira vez que andei de avião e o percurso mais longo que já viajei. Tenho muita esperança de que agora vai dar tudo certo”. De forma semelhante a essa notícia, que aborda a capital mineira como positiva, a intitulada “Capital mineira recebe mais 32 venezuelanos” (número 8293) ressalta o acolhimento dessa cidade:

(1) O grupo foi acolhido em uma casa de apoio localizada no bairro Ouro Preto, na região da Pampulha. Já é de 180 o número de venezuelanos na cidade. Depois de receberem o primeiro atendimento por uma equipe do Exército em BH, os refugiados serão atendidos pela Cruz Vermelha (número 8293).

Diferentemente, a matéria “Luta de refugiados em Minas agora é por mercado de trabalho” (número: 8325), apesar de também descrever a Venezuela negativamente – “(...) um país destruído por uma crise política e econômica”, “(...) de 2017 em diante a coisa ficou muito ruim” –, e de silenciar a informação sobre Roraima, aborda as dificuldades enfrentadas pelos migrantes venezuelanos em Belo Horizonte: “Abrigados temporariamente em casas de apoio, muitos deles ainda estão à procura de emprego formal, passo essencial para conseguirem a independência financeira da qual tanto precisam para refazerem a vida e resgatarem quem ficou para trás” (número 8325). Nesse viés, tematiza, na Minientrevista, os “empecilhos enfrentados pelos refugiados venezuelanos na busca por emprego em Minas”, o equívoco dos brasileiros sobre “o perfil profissional do venezuelano que chega a Minas Gerais” e a disposição deles para trabalhar em atividades que exigem menor escolaridade. Já a notícia intitulada “Mais de 500 menores chegaram sozinhos a RR” (número: 8392) discorre sobre as dificuldades enfrentadas pelas crianças e adolescentes venezuelanos tanto na Venezuela quanto em Roraima, não fazendo referência a Belo Horizonte.

Com relação ao âmbito temporal, predominam nos textos os tempos verbais do presente e do passado (seja como tempo anterior ao momento de referência presente, seja como tempo concomitante a um marco temporal pretérito), acompanhados de marcadores como: “anteontem”, “atualmente”, “nesse período”, “após a morte de Hugo Chávez, em 2013”, “em 2018”, “em abril”, “após uma contração de 17,7% em 2017”, “em 2019”, “em 30 anos”, “na época”, “cerca de um ano depois”, “agora”, “nos últimos sete anos”, “só em 2018”, “há dois meses”, “no primeiro semestre deste ano”, “de junho de 2018 a junho

deste ano”, “ontem”, “somente em 2019”, “de 2017 em diante”, “entre o começo de maio e o fim de novembro deste ano”, entre muitos outros. A impressão geral que se tem é a de que *O Tempo* privilegia, assim como a *Folha de Boa Vista*, o *agora*, falando de problemas atuais (ainda que eles possam ser o resultado de acontecimentos passados), mas que, do ponto espacial, *O Tempo*, às vezes, assume uma perspectiva mais ampla (para além do *aqui* = em Belo Horizonte), como se vê, por exemplo, na primeira notícia (“Imigrantes se tornam mendigos”).

O modo de enunciação aparentemente neutro/objetivo das notícias é expresso por recursos linguístico-discursivos associados, dentre outros aspectos, à dêixis enunciativa no âmbito pessoal, que é orientada para a terceira pessoa (ele, ela, eles, elas). Há, pois, um apagamento do locutor por meio da utilização da 3ª pessoa: “Segundo estimativas da ONU, a crise econômica na Venezuela fez com que cerca de 90% dos habitantes do país vivessem na pobreza. Em abril, o Banco Mundial classificou a crise como a “pior da história moderna na América Latina”” (número 8254); “Só em 2018, foram 61,6 mil pedidos de reconhecimento de refugiados vindos da Venezuela” (número 8282); “Um novo grupo de refugiados da Venezuela, país que enfrenta crise humanitária, chegou ontem à capital mineira” (número 8293); “Em BH há um mês, ele usa as redes sociais para fazer ‘bicos’ e firmar parcerias em serviços de manutenção em equipamentos de ar condicionado” (número 8325); “De acordo com o documento, quase 90% têm entre 13 e 17 anos e chegaram entre o começo de maio e o fim de novembro deste ano” (número 8392). O jornal recorre também a números e à fala de outrem, para buscar esse efeito de neutralidade e objetividade, mas, em menor grau do que a *Folha de Boa Vista*. É possível, perceber, por exemplo, um espaço de fala mais bem distribuído entre autoridades/especialistas e migrantes. De qualquer forma, *O Tempo* também busca construir um *éthos* de seriedade e de comprometimento com a informação. Porém, como veremos, o tom assumido algumas vezes assume um viés mais subjetivo (mais brando no que se refere ao migrante).

No que tange à representação dos migrantes venezuelanos, notamos 18 (dezoito) menções a eles como “refugiados”, 9 (nove) como “imigrantes”, e 2 (duas) como “migrantes” (neste caso, para se referir a “Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados” (SJMR)). Outrossim, notamos as seguintes representações:

(2) Cerca de 14% dos imigrantes venezuelanos *recorreram à mendicância durante a fuga da Venezuela e 2% apelaram ao “sexo de sobrevivência”*, revelou um relatório divulgado anteontem pela agência da Organização das

Nações Unidas (ONU) para refugiados (Acnur), com base em milhares de entrevistas em *oito países da região*: Colômbia, Equador, Peru, Chile, Argentina, Uruguai, Brasil e República Dominicana (número 8254).

(3) Apresentado em Genebra, o relatório revela que 34% dos imigrantes *não tinham nenhum tipo de permissão de entrada ou permanência no país onde foram entrevistados*, 29% disseram *ter um visto de turista* e apenas 4%, uma *autorização permanente*. “Temos visto um aumento de *restrições fronteiriças* e exigências para que os venezuelanos possam entrar em certos países. Já alertamos que isso pode levá-los a usar rotas irregulares e expô-los ao tráfico de pessoas”, afirmou Liz Throssell, porta-voz do Acnur (número 8254).

(4) A metade de todos os entrevistados disse que *ao menos um membro de sua família esteve ou está em risco em razão de sua origem ou porque teve de recorrer à mendicância, à prostituição ou porque foi obrigado a enviar crianças menores de 15 anos para trabalhar* (número 8254).

(5) *Desempregado, com a mulher grávida e uma filha, que na época tinha 2 anos, o venezuelano Simon Henrique Otero, 24, viajou cerca de 650 km de ônibus até Roraima, onde conseguiu bicos como ajudante de pedreiro. Cerca de um ano depois, quando já não conseguia mais trabalho por lá, o imigrante teve uma nova chance. Dessa vez, voou cerca de 3.000 km rumo a uma nova vida em Minas Gerais. A viagem foi feita em uma aeronave da Força Aérea Brasileira (FAB). “Foi a primeira vez que andei de avião e o percurso mais longo que já viajei. Tenho muita esperança de que agora vai dar tudo certo”*, conta (número 8282).

(6) *A mudança dele foi intermediada pelo Projeto Acolhe Brasil, do Serviço Jesuíta a Migrantes Refugiados (SJMR). No primeiro semestre deste ano, 91 pessoas foram encaminhadas por eles a cidades mineiras com o apoio da FAB. As companhias aéreas comerciais também fazem esse traslado de venezuelanos gratuitamente. De junho de 2018 a junho deste ano, a Azul transportou mais de 2.500 refugiados de Roraima e Manaus para Campinas, de onde seguiram para outras cidades do Brasil. A Latam transportou mais de 700. “Se não tivesse conseguido essa ajuda, não sei o que faria para sustentar minha família. Voltar para a Venezuela não dá, porque a situação lá está complicada.” Simon Otero, 24. Imigrante (número 8282).*

Os excertos (2), (3) e (4) relatam, com base em um relatório divulgado pela agência da Organização das Nações Unidas (ONU) para refugiados (Acnur), a difícil situação que vivenciam os venezuelanos que migram da Venezuela não só para o Brasil, mas também para outros sete países da América Latina. A partir daí, alguns são representados como pessoas em situação de mendicância e que recorrem à prostituição (chamada eufemisticamente de “sexo de sobrevivência”), mas, diferentemente do que vimos na *Folha de Boa Vista*, parece haver um tom de comiseração, que aponta essas ações (mendigar e prostituir-se) como recursos extremos para sobreviver.

Percebemos também que alguns migrantes venezuelanos não estão em situação migratória regulamentada e que alguns países estabelecem restrições para a entrada dessas pessoas. A matéria reporta as consequências dessas limitações: utilização de rotas irregulares e exposição ao tráfico de pessoas. Ainda, no âmbito do plano do vocabulário,

vemos a utilização da expressão “situação de risco” para descrever o contexto de ao menos um membro da família de metade dos entrevistados, o que significa que essas pessoas estão em perigo, evidenciando a gravidade da conjuntura. No excerto (5), convoca-se o venezuelano Simon para descrever a situação de migração vivenciada por muitos: ele é representado como “desempregado” e pertencente a uma família, já que possui uma mulher grávida e uma filha. Diferentemente dos entrevistados da presente pesquisa, que, de forma mais recorrente, fizeram o percurso migratório da Venezuela até Roraima a pé, Simon o fez de ônibus. E, de forma similar a muitos dos entrevistados, percebendo, depois, o desemprego nesse estado brasileiro, participou do processo de interiorização. Cabe mencionar que o jornal expõe uma fala do venezuelano por meio de uma citação direta, na qual ele afirma “ter esperança”, demonstrando, desse modo, resiliência.

Em (6), assim como em (7) a seguir, o enunciador projeta a imagem de instituições e empresas como, por exemplo, o Serviço Jesuíta a Migrantes Refugiados (SJMR), companhias aéreas comerciais e a Cruz Vermelha como caridosas (por meio de termos/expressões, como: “essa ajuda”, “foi acolhido”, “dá o suporte”), enquanto os venezuelanos são representados como necessitados de ajuda/caridade (através de: “refugiados da Venezuela, país que enfrenta crise humanitária”, “atendimento psicossocial”, “doações”):

(7) Um novo grupo de refugiados da Venezuela, *país que enfrenta crise humanitária*, chegou ontem à capital mineira. *Trinta e dois imigrantes foram trazidos de Roraima para BH em um avião da Força Aérea Brasileira (FAB) e desembarcaram no aeroporto da Pampulha à tarde. O grupo foi acolhido em uma casa de apoio localizada no bairro Ouro Preto, na região da Pampulha. “A Cruz Vermelha dá o suporte em roupa, cobertor e alimentos para o pessoal da casa dar sequência nesse primeiro atendimento aos refugiados”, disse o diretor da entidade, Ricardo Oliveira. A Cruz Vermelha também oferece atendimento psicossocial para que cada refugiado obtenha trabalho em Minas.*

COMO AJUDAR. A entidade pede doações principalmente de alimentos, roupas e colchões. A sede da Cruz Vermelha na capital mineira fica na alameda Ezequiel Dias, 427, no bairro Santa Efigênia (número 8293).

Ademais, vemos que o enunciador disponibiliza um “como ajudar”, para leitores que possam e estejam interessados em fazer doações, o que reforça a ideia de que, de um lado, há instituições solícitas, que, além de prover ajuda, se organizam para conseguir mais e, de outro, um grupo necessitado.

A seguir, nos excertos (8), (9) e (10), percebemos representações dos migrantes venezuelanos relativamente compatíveis com as apreendidas nas narrativas de vida dos entrevistados, exceto pelo termo “superar”, em (8):

(8) Depois de *superarem* a dor de abandonar a família, os amigos e a cultura de um país destruído por uma crise política e econômica, refugiados venezuelanos que encontraram abrigo em Minas enfrentam agora o desafio de recomeçar a vida (número 8325).

(9) Abrigados temporariamente em casas de apoio, *muitos deles ainda estão à procura de emprego formal, passo essencial para conseguirem a independência financeira da qual tanto precisam para refazerem a vida e resgatarem quem ficou para trás* (número 8325).

(10) O ex-empresário Enwelbert Jesus Rondon, 39, buscou refúgio no Brasil depois de *ver ruir* na Venezuela um negócio que construiu ao longo de anos de trabalho. “Cheguei a terceirizar até 60 funcionários, mas de 2017 em diante a coisa ficou muito ruim”, lembra ele, que é especialista em refrigeração e elétrica. Para pagar dívidas e comprar comida, ele vendeu uma casa, ferramentas de trabalho e uma motocicleta (número 8325).

Considerando (comparativamente) as narrativas de vida que analisamos, o vocábulo “superar” é muito forte para ser utilizado quando se trata da “dor de abandonar a família, os amigos e a cultura”. Observamos que esses sujeitos convivem ainda com essas questões e, em paralelo, buscam recomeçar a vida em Minas Gerais, após o processo de interiorização. Em (9) e (10), vemos uma semelhança com as narrativas de vida com relação à busca dos migrantes por emprego formal e ao relato de Enwelbert sobre a piora da condição de vida na Venezuela.

Em (11), conforme o coordenador de voluntariado da Cruz Vermelha, dentre as dificuldades enfrentadas pelos refugiados venezuelanos na procura por emprego, encontra-se: adaptação com a nova cidade e também com a língua:

(11) *Eles enfrentam dificuldades de adaptação com a nova cidade e também com a língua.* Mas são pessoas que estão tentando recomeçar a vida com dignidade e buscam emprego para poderem trazer a família que ainda se encontra em situação difícil na Venezuela (número 8325).

Essa diferença linguística, possivelmente é um dos fatores que contribuem para que o Brasil esteja em sexto lugar no quesito de países latino-americanos que mais recebem migrantes venezuelanos. No entanto, em “nossas” narrativas de vida a questão da língua foi mencionada apenas por Alejandro.

Já, em (12), observamos uma representação dos migrantes venezuelanos que vai de encontro a algumas do jornal *Folha de Boa Vista*, que, como foi apontado, na maioria das vezes, os representa de forma negativa, ressaltando, por exemplo, a falta de estudo ou de formação profissional (a edição 8831, por exemplo, os retrata majoritariamente como “pedreiros, serventes, gesseiros”). Ao contrário, de acordo com a notícia publicada no número 8325 do jornal *O Tempo*: eles “são profissionais com conhecimentos específicos, pessoas instruídas, como professores, policiais, engenheiros”:

(12) Muitos pensam que essas pessoas, por serem refugiadas, não têm estudo ou domínio da cultura. Mas são profissionais com conhecimentos específicos, pessoas instruídas, como professores, policiais, engenheiros (número 8325).

Em relação mais direta com a representação da situação da Venezuela, temos:

(13) **FUGA EM MASSA.** A crise política e econômica na Venezuela já provocou, segundo dados do Acnur, desde 2015, a fuga de cerca de 3 milhões de cidadãos (...) *Se a crise política é resultado do fechamento do regime chavista, principalmente após a morte de Hugo Chávez, em 2013, e da reeleição de Nicolás Maduro, em 2018, os problemas econômicos são resultados do descontrole financeiro do governo* (número 8254).

(14) **GENEBRA.** Segundo estimativas da ONU, a crise econômica na Venezuela fez com que cerca de 90% dos habitantes do país vivessem na pobreza. Em abril, o *Banco Mundial classificou a crise como a “pior da história moderna na América Latina”* (número 8254).

Há um posicionamento político em (13), pois o enunciador delega a responsabilidade da situação da Venezuela ao governo de Chávez e, posteriormente, ao de Maduro – opinião semelhante a da maioria dos entrevistados (à exceção dos que se silenciam sobre essa questão) e diferente da apresentada pelo jornal *Folha de Boa Vista*, que, como vimos, em uma de suas notícias (Edição 8858), recorre ao posicionamento do cônsul-geral da Venezuela em Roraima<sup>102</sup>, o qual delega a responsabilidade aos embargos econômicos impostos à Venezuela. Nessa perspectiva, em sua citação direta, esse profissional afirma: “As pessoas estão vindo para Boa Vista, para o Brasil e outros países, em busca de alimento, trabalho e medicamentos, e isso não é culpa do governo de Nicolás Maduro, mas do bloqueio econômico que sofremos”.

<sup>102</sup> O jornal *Folha de Boa Vista* traz o discurso do cônsul-geral da Venezuela em Roraima como discurso de legitimação. Apesar de esse dado ser significativo, não quer dizer que o jornal necessariamente concorde com ele.

No plano do vocabulário, no excerto (14), vemos um enquadramento da situação econômica da Venezuela, conforme o Banco Mundial, como a “pior da história moderna na América Latina”. Destarte, por meio do comparativo de superioridade (pior), o enunciador projeta um efeito de gravidade da situação.

Com relação ao plano dos temas, conforme decisão tomada na seção anterior, consideraremos como “temas impostos” os que se mostram mais recorrentes no conjunto de notícias de *O Tempo*, relacionando-se, pois, as questões que se espera encontrar em um discurso sobre a migração venezuelana no Brasil, sem perder de vista, evidentemente, que o “lugar de fala” agora é o de um jornal mineiro. Nesse sentido, encontramos temas coincidentes nos dois jornais, corroborando o seu caráter “obrigatório” para que o discurso seja bem aceito pelo outro/interlocutor.

Um primeiro tema imposto é o das “condições vivenciadas pelos migrantes venezuelanos no Brasil”. A diferença, em relação à *Folha de Boa Vista*, é que, às vezes, se adota uma perspectiva mais ampla, como a da primeira notícia, que fala da América Latina (excerto 15); em outras, o foco recai em Belo Horizonte (excertos 16 e 17):

(15) *Cerca de 14% dos imigrantes venezuelanos recorreram à mendicância durante a fuga da Venezuela e 2% apelaram ao “sexo de sobrevivência” (...) 34% dos imigrantes não tinham nenhum tipo de permissão de entrada ou permanência no país onde foram entrevistados, 29% disseram ter um visto de turista e apenas 4%, uma autorização permanente. “Temos visto um aumento de restrições fronteiriças e exigências para que os venezuelanos possam entrar em certos países. Já alertamos que isso pode levá-los a usar rotas irregulares e expô-los ao tráfico de pessoas”(...) A metade de todos os entrevistados disse que ao menos um membro de sua família esteve ou está em risco em razão de sua origem ou porque teve de recorrer à mendicância, à prostituição ou porque foi obrigado a enviar crianças menores de 15 anos para trabalhar (número 8254).*

(16) *Abrigados temporariamente em casas de apoio [em Belo Horizonte], muitos deles ainda estão à procura de emprego formal, passo essencial para conseguirem a independência financeira da qual tanto precisam para refazerem a vida e resgatarem quem ficou para trás (número 8325).*

(17) *Desde que atravessou a fronteira com o Brasil, Rondon carregou terra e roçou terrenos para conseguir dinheiro. Em BH há um mês, ele usa as redes sociais para fazer “bicos”. [...] O pouco dinheiro que ele obtém usa para cuidar da mulher e o caçula, de 1 ano, que vieram com ele. Mas falta dinheiro para sustentar outros quatro filhos, que ainda estão na Venezuela. “Quero trazê-los para cá”, diz o refugiado (número 8325).*

O excerto (15), recorrendo à utilização de números, atrela os venezuelanos a condições precárias de vida, como a mendicância, a prostituição e o trabalho de menores, mas como forma de sobrevivência. Os verbos “recorrer”/“apelar (para)” (com reforço da



modalidade deôntica “ter que”) e “ser obrigado” (a) indicam que eles não têm/não tiveram outra alternativa. O aumento das restrições fronteiriças também os expõe ao uso de rota irregulares – muitos, como vimos, inclusive entre os entrevistados desta pesquisa, atravessam a fronteira a pé – e ao tráfico humano. Já (16) e (17) focalizam a situação dos venezuelanos em Belo Horizonte, destacando, nesse caso, a falta de um emprego formal, que os obriga à informalidade (“bicos”), bem como à realização de tarefas aquém de sua formação acadêmica e/ou profissional, como já comentamos. Por outro lado, mostra-se que eles são recebidos em casas de apoio, ou seja, não precisam viver nas ruas, como apontam as notícias da *Folha de Boa Vista*. São também mencionadas dificuldades de adaptação à cidade e ao idioma.

Outro tema imposto identificado é o “papel do estado (Minas Gerais) em relação à migração venezuelana no Brasil”. Esse tema está ligado à estratégia de interiorização, que, porém, não é nomeada nas notícias. Nesse caso, menciona-se que os migrantes vieram de Roraima para Belo Horizonte, como se vê em (18) e (19):

(18) “Estava muito fraco de serviço em Roraima, e não estava dando para pagar aluguel. *O pessoal nos trouxe para Belo Horizonte há dois meses. Deixamos todas as nossas coisas na casa em Roraima e viemos morar na casa de apoio*”, conta (...). Simon Otero, 24. Imigrante (número 8282).

(19) Um novo grupo de refugiados da Venezuela, país que enfrenta crise humanitária, chegou ontem à capital mineira. Trinta e dois imigrantes foram trazidos de Roraima para BH em um avião da Força Aérea Brasileira (FAB) e desembarcaram no aeroporto da Pampulha à tarde. O grupo foi acolhido em uma casa de apoio localizada no bairro Ouro Preto, na região da Pampulha. Já é de 180 o número de venezuelanos na cidade. Depois de receberem o primeiro atendimento por uma equipe do Exército em BH, os refugiados serão atendidos pela Cruz Vermelha (número 8293).

Percebemos que esse tema é abordado, assim como nas narrativas de vida e nas notícias da *Folha de Boa Vista*, como uma alternativa para os migrantes venezuelanos, diante da falta de emprego em Roraima.

Também, o tema imposto referente ao “tratamento conferido aos migrantes venezuelanos pelas autoridades e pela população” é abordado e, como se nota, há uma atitude mais solidária para com eles. Assim, enquanto o jornal *Folha de Boa Vista* destaca os problemas que os migrantes venezuelanos trazem para Boa Vista e Pacaraima e o perfil profissional desses sujeitos, de modo a gerar um efeito de competitividade com os brasileiros com relação ao mercado de trabalho, no jornal *O Tempo*, a abordagem temática é projetada privilegiando o sujeito migrante: nesse caso, por exemplo, discorrendo sobre

os desafios que eles enfrentam na busca por emprego em Minas e o perfil profissional que possuem, destacando sua qualificação e desconstruindo discursos anteriores que dizem o contrário. Em outras palavras, se, nas notícias da *Folha de Boa Vista*, os migrantes venezuelanos, não raro, são atrelados à venda ou ao consumo de drogas, à prostituição, ao vandalismo, e considerados como uma “ameaça”, o que enseja denúncias e ações de despejo, por exemplo, nas notícias de *O Tempo*, eles são tratados como pessoas fragilizadas, mas dignas e empenhadas em recomeçar a vida, apesar das dificuldades (o que se aproxima da forma como “nossos” entrevistados se veem), como podemos notar no excerto a seguir:

(20) Depois de superarem a dor de abandonar a família, os amigos e a cultura de um país destruído por uma crise política e econômica, refugiados venezuelanos que encontraram abrigo em Minas enfrentam agora o desafio de recomeçar a vida (número 8325).

Não podemos afirmar, evidentemente, que não existe preconceito/discriminação contra os venezuelanos em Belo Horizonte, tampouco desconsiderar os impactos sociais e econômicos dos fluxos migratórios do país vizinho sobre cidades como Boa Vista ou Paracaima, quando comparadas à capital mineira, o que interfere na forma como os venezuelanos são vistos e tratados. Afinal, como relata a notícia número 8282, Roraima responde pela grande maioria dos migrantes venezuelanos em solo brasileiro: “Só em 2018, foram 61,6 mil pedidos de reconhecimento de refugiados vindos da Venezuela. Desses, 81% estavam em Roraima”. No entanto, do ponto de vista do discurso dos jornais analisados, o da *Folha de Boa Vista* soa, por vezes, mais preconceituoso do que o do *O Tempo*, a que atribuiríamos um viés mais humanitário. O jornal roraimense também aborda as reações da população em geral em relação à presença dos migrantes, questão sobre a qual o jornal mineiro silencia.

O tema imposto concernente às “ações empreendidas (ou não) pelo poder público em prol dos migrantes venezuelanos” também se faz presente nas notícias de *O Tempo*. Nesse caso, o jornal mineiro prefere destacar o empenho da sociedade civil e mesmo de estabelecimentos comerciais (como as companhias aéreas particulares) no apoio aos migrantes venezuelanos, como vemos nos excertos 21 e 22:

(21) A mudança dele foi intermediada pelo Projeto Acolhe Brasil, do Serviço Jesuíta a Migrantes Refugiados (SJMR). No primeiro semestre deste ano, 91 pessoas foram encaminhadas por eles a cidades mineiras com o apoio da FAB. As companhias aéreas comerciais também fazem esse traslado de venezuelanos gratuitamente. De junho de 2018 a junho deste ano, a Azul transportou mais de 2.500 refugiados de Roraima e Manaus para Campinas, de

onde seguiram para outras cidades do Brasil. A Latam transportou mais de 700 (número 8282).

(22) A Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social (Sedese) (...) informou que a Subsecretaria de Trabalho e Emprego tem conversado com organizações de sociedade civil e empresas “para que a rede do Sistema Nacional de Emprego (Sine) identifique possíveis vagas no interior do Estado”. A maioria das oportunidades de emprego, no entanto, ainda surge com o auxílio de instituições como o Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados, que intermedeia o contato entre imigrantes e empresas (número 8325).

Como temas específicos, destacamos, em primeiro lugar, a “abordagem mais detalhada (e abrangente) da crise na Venezuela, que é atribuída ao governo” (e não a embargos econômicos ao país, como vimos na *Folha de Boa Vista*):

(23). A crise política e econômica na Venezuela já provocou, segundo dados do Acnur, desde 2015, a fuga de cerca de 3 milhões de cidadãos. Atualmente, estima-se que cerca de 5 mil pessoas deixem o país a cada dia. (...). Se a crise política é resultado do fechamento do regime chavista, principalmente após a morte de Hugo Chávez, em 2013, e da reeleição de Nicolás Maduro, em 2018, os problemas econômicos são resultados do descontrole financeiro do governo.

**Pobreza afeta 90% das pessoas**

GENEBRA. Segundo estimativas da ONU, a crise econômica na Venezuela fez com que cerca de 90% dos habitantes do país vivessem na pobreza. Em abril, o Banco Mundial classificou a crise como a “pior da história moderna na América Latina”.

Após uma contração de 17,7% em 2017, o PIB venezuelano recuará 25% em 2019. A penúria afetou a indústria petrolífera, principal fonte de entrada de dólar no país. A produção chegou ao nível mais baixo em 30 anos (número 8282).

Outro tema específico é a “presença, entre os migrantes venezuelanos, de menores desacompanhados”. Embora esse tema também tenha sido abordado pela *Folha de Boa Vista*, nós o consideramos específico, tendo em vista que ele não nos parece ter o mesmo caráter “obrigatório” dos temas impostos já descritos, que falam dos migrantes venezuelanos em geral. Além disso, essa questão é abordada por apenas uma notícia e de forma bastante rápida:

(24) Relatório da Human Rights Watch (HRW) com base em informações da Defensoria Pública da União (DPU) mostra que pelo menos 529 crianças e adolescentes venezuelanos cruzaram a fronteira com Roraima e chegaram ao Brasil desacompanhados. De acordo com o documento, quase 90% têm entre 13 e 17 anos e chegaram entre o começo de maio e o fim de novembro deste ano (número 8392).

No que tange à intertextualidade, assumida aqui de forma mais ampla, o discurso jornalístico “dialoga” com outros discursos, como o político, o econômico e o

humanitário, como podemos notar no excerto a seguir, no qual , além do jornalístico, há o discurso humanitário:

(25) O advogado Rafael Rezende, líder operacional do Refúgio 343 – projeto que ajuda a interiorizar venezuelanos –, afirma que os refugiados estão empenhados em trabalhar. “O que posso dizer para os empresários é: deem uma oportunidade. A questão não é ajudar venezuelanos, mas ajudar pessoas em dificuldade”, diz (número: 8325).

Outro recurso muito utilizado nas notícias de *O Tempo* (ou, como já afirmamos, nos textos jornalísticos em geral) é o discurso direto, que cria efeitos de sentido de credibilidade e de autenticidade em relação à informação veiculada – ou “efeitos de real”, como afirma Charaudeau (1992) –, além de reforçar o apagamento enunciativo do locutor, como já apontamos. Nesse sentido, as notícias em questão citam, de forma direta: Liz Throssell, porta-voz do Acnur; dados do Acnur; o diretor da entidade [Cruz Vermelha], Ricardo Oliveira; a Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social (Sedese); Walter Santos, coordenador de voluntariado da Cruz Vermelha, através de uma Minientrevista realizada com ele; o advogado Rafael Rezende, líder operacional do Refúgio 343 – projeto que ajuda a interiorizar venezuelanos; Helenice Natalina Silva, coordenadora da Casa de Apoio Chico do Vale, que acolhe refugiados no bairro Ouro Preto, na Pampulha; o Estado; César Muñoz, pesquisador sênior da HRW no Brasil; além dos venezuelanos: Simon Henrique Otero (26) (27) (28); o ex-empresário Enwelbert Jesus Rondon (29); a refugiada Yusmaris Isbelia Cedeño (30); e Daniel Zerpa (31). Destacamos que, proporcionalmente (sobretudo quando comparamos os dois jornais), um maior espaço de fala é concedido aos migrantes para que eles relatem suas dificuldades e experiências:

(26) “Foi a primeira vez que andei de avião e o percurso mais longo que já viajei. Tenho muita esperança de que agora vai dar tudo certo”, conta (número 8282).

(27) “Estava muito fraco de serviço em Roraima, e não estava dando para pagar aluguel. O pessoal nos trouxe para Belo Horizonte há dois meses. Deixamos todas as nossas coisas na casa em Roraima e viemos morar na casa de apoio”, conta (número 8282).

(28) “Se não tivesse conseguido essa ajuda, não sei o que faria para sustentar minha família. Voltar para a Venezuela não dá. porque a situação lá está complicada” (número 8282).

(29) O ex-empresário Enwelbert Jesus Rondon, 39, buscou refúgio no Brasil depois de ver ruir na Venezuela um negócio que construiu ao longo de anos de

trabalho. “Cheguei a terceirizar até 60 funcionários, mas de 2017 em diante a coisa ficou muito ruim” (número 8325).

(30) É com esse tipo de oportunidade que a refugiada Yusmaris Isbelia Cedeño, 25, sonha para buscar a filha, de 10 anos. A menina ficou na Venezuela com a avó paterna. Em um lar temporário da capital há dois meses, a jovem diz ter experiência como faxineira e vendedora, e não faz exigências para conseguir emprego: “Eu posso fazer o que quiserem. Se eu não souber, aprendo”, garante (número 8325).

(31) De refugiado venezuelano a instrutor social que acolhe compatriotas na Providens – Ação Social Arquidiocesana –, Daniel Zerpa, 20, pensa que a dificuldade de comunicação ainda é um empecilho para que imigrantes consigam uma oportunidade de emprego. “A língua ainda influi muito. Mas muitos empresários pensam que a contratação de um estrangeiro é mais burocrática, o que não é verdade”, observa (número 8325).

Nos excertos de (26) a (31), um fator em comum é a resiliência, considerando que, mesmo diante de diversos desafios que lhes são impostos, os migrantes buscam formas de prosseguir e, mais do que isso, de superar tais desafios.

Além disso, identificamos autoridades e instituições (algumas delas, por meio de relatórios divulgados) que são mencionadas indiretamente, funcionando, assim, como argumento de autoridade, tais como: agência da Organização das Nações Unidas (ONU) para refugiados (Acnur); Banco Mundial; Comitê Nacional para os Refugiados (Conare), Ministério da Justiça e Segurança Pública; Cruz Vermelha; Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social (Sedese); *Human Rights Watch* (HRW) com base em informações da Defensoria Pública da União (DPU). A seguir, expomos o quadro com a síntese da análise, antes de prosseguirmos para a comparação entre as notícias do dois jornais. Esclarecemos que, em alguns casos, estaremos apenas retomando questões já abordadas ao longo das análises.

<b>Quadro 10: Síntese da análise (O Tempo)</b>	
Estatuto do enunciador e do destinatário	- Jornal consolidado como o mais vendido e o principal de Minas Gerais no segmento <i>quality paper</i> . - Três, das cinco notícias analisadas são assinadas, o que lhes confere mais credibilidade. - Público-leitor: predominantemente mineiro (podendo atingir outros estados e/ou países).
Dêixis enunciativa	Espaço: Na notícia intitulada “Imigrantes se tornam mendigos” (número 8254), vemos uma abordagem ampla. Em “Venezuelanos voam de Roraima com destino à nova vida” (número 8282), observamos a menção aos seguintes lugares: Venezuela e Roraima (axiologizados negativamente) e Belo Horizonte (associada ao sentimento de esperança).

	<p>Em “Capital mineira recebe mais 32 venezuelanos” (número 8293) se ressalta o acolhimento da capital mineira.</p> <p>Em “Luta de refugiados em Minas agora é por mercado de trabalho” (número: 8325), apesar de também se descrever a Venezuela negativamente e de silenciar informações sobre Roraima, aborda as dificuldades enfrentadas pelos migrantes venezuelanos em Belo Horizonte.</p> <p>Em “Mais de 500 menores chegaram sozinhos a RR” (número 8392) se discorre sobre as dificuldades enfrentadas pelas crianças e adolescentes venezuelanos tanto na Venezuela quanto em Roraima.</p> <p>Tempo: predominam nos textos os tempos verbais do passado e do presente, acompanhados de marcadores.</p> <p>Pessoa: Há um apagamento do locutor por meio da utilização da 3ª pessoa.</p>
Modo de enunciação/ <i>éthos</i>	Aparentemente neutro e objetivo, mas, de fato, não o é. <i>Éthos</i> de seriedade e de comprometimento com a informação.
Representações sociodiscursivas	<ul style="list-style-type: none"> <li>- 18 (dezoito) menções como “refugiados”, 9 (nove) como “imigrantes”, e 2 (duas) como “migrantes” (neste caso, para se referir a “Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados” (SJMR)).</li> <li>- Alguns são representados como pessoas em situação de mendicância e que recorrem à prostituição para sobreviver.</li> <li>- Simon: “desempregado”. De forma similar a muitos dos entrevistados, percebendo o desemprego em Roraima, participa do processo de interiorização. Afirma “ter esperança”, demonstrando, desse modo, resiliência.</li> <li>- O enunciador projeta a imagem de instituições e empresas como caridosas, enquanto os venezuelanos são descritos como necessitados de ajuda/caridade.</li> <li>- Dificuldades enfrentadas pelos refugiados venezuelanos na procura por emprego: adaptação à nova cidade e também à língua.</li> <li>- Refugiados mostrados como pessoas instruídas e com conhecimentos específicos.</li> <li>- O enunciador delega a responsabilidade da crise na Venezuela ao governo (Chávez e Maduro).</li> </ul>
Temas • <i>Impostos</i> - <i>Específicos</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Condições vivenciadas pelos migrantes venezuelanos no Brasil</li> <li>• Papel do estado (Minas Gerais) em relação à migração venezuelana no Brasil - Processo de interiorização</li> <li>• Tratamento conferido aos migrantes venezuelanos pelas autoridades e pela população</li> <li>• Ações empreendidas (ou não) pelo poder público em prol dos migrantes venezuelanos.</li> <li>- Abordagem mais detalhada (e abrangente) da crise na Venezuela (atribuída ao governo).</li> <li>- Presença de menores desacompanhados.</li> </ul>

Vocabulário	<p>- Utilização da expressão “situação de risco” para descrever o contexto de, ao menos, um membro da família de metade dos entrevistados.</p> <p>Projeção da imagem de instituições e empresas como caridosas (termos, como: “essa ajuda”, “foi acolhido”, “dá o suporte”), enquanto os venezuelanos são vistos como necessitados de ajuda/caridade (“refugiados da Venezuela, país que enfrenta crise humanitária”, “Como ajudar”).</p> <p>Considerando (comparativamente) as narrativas de vida que analisamos, o vocábulo “superar” = forte para ser utilizado quando se trata da “dor de abandonar a família, os amigos e a cultura”.</p> <p>Enquadramento da situação econômica da Venezuela, conforme o Banco Mundial, como a “pior da história moderna na América Latina”: por meio do superlativo (a pior), o enunciador projeta um efeito de gravidade da situação.</p>
Intertextualidade	Discurso humanitário, discurso político, e discurso econômico.
Intertexto/ Discurso relatado	<p>Uso do discurso direto para reproduzir o que dizem autoridades e instituições, com mais espaço de fala para os próprios migrantes.</p> <p>Presença também do discurso indireto.</p>

### 5.3. Representações sociais e imaginários (socio)discursivos apreendidos nas notícias dos jornais *Folha de Boa Vista* e *O Tempo*

Considerando o estatuto dos enunciadores, como vimos, de um lado, temos um jornal local roraimense, tido como o principal veículo de comunicação do estado, a *Folha de Boa Vista*, e, de outro, um jornal que é consolidado como o mais vendido e o principal de Minas Gerais no segmento *quality paper*, *O Tempo*. Quanto ao estatuto do destinatário, o público leitor majoritário do primeiro pertence ao estado de Roraima, enquanto o do segundo a Minas Gerais, podendo ambos os jornais ter também leitores de outros estados e países.

No que tange a dêixis enunciativa, notamos que a *Folha de Boa Vista* opta por marcadores espaciais que indicam familiaridade e proximidade, os quais, em sua grande maioria, contribuem para criar efeitos de realidade (ou de referente) nas notícias, enquanto os marcadores espaciais do jornal *O Tempo* são mais abrangentes. Quanto à categoria de tempo, há uma predominância, em ambos os jornais, do presente e do

passado (seja como tempo anterior ao momento de referência presente, seja como tempo concomitante a um marco temporal pretérito), acompanhados de marcadores. Na esfera pessoal, a prevalência é da terceira pessoa, a fim de instaurar um modo de enunciação aparentemente neutro e objetivo e um *éthos* de seriedade.

Ambos os jornais tratam dos seguintes temas impostos: i. “Condições de vida/vivenciadas pelos migrantes venezuelanos”. Nesse caso, a *Folha de Boa Vista* realiza uma discussão levando em conta o contexto do estado, enquanto *O Tempo* o faz em uma perspectiva mais ampla, discorrendo até mesmo, em sua primeira notícia, em nível de América Latina; ii. “Papel do estado em relação à migração venezuelana”, tema que está relacionado à estratégia de interiorização, a qual, contudo, não é nomeada nas notícias do jornal mineiro. Percebemos que esse assunto é abordado, assim como nas narrativas de vida, como uma alternativa para os migrantes venezuelanos, perante a falta de emprego em Roraima; iii. “Tratamento conferido aos migrantes venezuelanos pelas autoridades e pela população”. Nesse caso, enquanto o jornal *Folha de Boa Vista* discorre sobre os problemas que os migrantes venezuelanos trazem para Roraima, o jornal *O Tempo* realiza uma abordagem temática privilegiando o sujeito migrante; iv. “Ações empreendidas (ou não) pelo poder público em prol dos migrantes venezuelanos”. Percebemos, nesse caso, que, no jornal roraimense, há uma espécie de “jogo de empurra”, tendo em vista que uma instituição responsabiliza a outra por tais ações, ao passo que, no jornal mineiro, opta-se por destacar o empenho da sociedade civil e de estabelecimentos comerciais (como as companhias aéreas particulares) no apoio aos migrantes venezuelanos. Em linhas gerais, podemos dizer que, embora os temas impostos coincidam entre os dois jornais, mostrando seu caráter “obrigatório” para que o discurso sobre a migração de venezuelanos no Brasil seja bem aceito, as representações e os imaginários mobilizados são distintos, como veremos mais detalhadamente a seguir.

Como tema específico comum aos dois veículos de comunicação, identificamos a “migração de crianças e adolescentes desacompanhados”. Além disso, o jornal roraimense aborda, como tema específico, “Programa de Repatriação promovido por Nicolás Maduro”, e o jornal mineiro, “Abordagem mais detalhada (e abrangente) da crise na Venezuela”.

Com relação ao vocabulário, identificamos, na *Folha de Boa Vista*, uma maior utilização de quantificadores (números, porcentagens) para tratar da migração venezuelana, o que constrói, como apontamos, uma espécie de “retórica numérica” (BRÉANT, 2012), além do emprego recorrente do “mais de” e uso do vocábulo



“aumento” e similares, o que pode gerar um efeito de que a migração venezuelana está adquirindo proporções alarmantes no estado de Roraima. Em paralelo, observamos a utilização de palavras e expressões axiologizadas negativamente para representar os migrantes e a crise migratória. Já no jornal *O Tempo* verificamos, sobretudo, o uso da expressão “situação de risco” para descrever o contexto de, ao menos, um membro da família de metade dos entrevistados e a projeção da imagem, por meio do vocabulário, de instituições e empresas como caridosas, enquanto os venezuelanos são vistos como necessitados de ajuda/caridade.

Notamos a presença do discurso direto e indireto em ambos os jornais. No entanto, na *Folha de Boa Vista*, as vozes que são convocadas nas notícias são, em sua maioria, as de pessoas que desempenham cargos políticos, em detrimento das falas dos migrantes. Diferentemente, no jornal *O Tempo*, as vozes acionadas são, em sua maioria, as de profissionais de instituições que trabalham com a migração e, proporcionalmente, maior espaço de fala é conferido aos migrantes. Além disso, em ambos os jornais, identificamos o diálogo com o discurso político e o discurso econômico, e, somente no mineiro, com o discurso humanitário.

Valendo-nos das discussões empreendidas, resta-nos discorrer sobre as representações e os imaginários (socio)discursivos que emanam das notícias e que foram identificados por meio das categorias da semântica global (MAINGUENEAU, 2008). Lembramos que essas representações já foram apontadas ao longo das análises, o que nos leva a retomar aqui apenas seus aspectos mais gerais.

Conforme constatamos, o jornal *Folha de Boa Vista* representa majoritariamente os venezuelanos que se deslocaram para o Brasil pelo termo “imigrantes”. Confunde, porém, “imigrantes” e “refugiados” (uma ocorrência), além de empregar o termo “estrangeiros” em uma das notícias que analisamos. Tal imprecisão na utilização da nomenclatura pode causar estranhamento e demonstrar até mesmo um certo descaso face ao grupo em questão, o que se explicaria, em grande medida, pelo fato de estarmos diante de um jornal local, situado no estado brasileiro que recebe o maior contingente de migrantes venezuelanos.

Estes são representados como pessoas que fogem de uma crise, em busca de suprir necessidades básicas, como se alimentar e ter acesso a remédios e emprego. Tal crise, a partir da fala do cônsul-geral da Venezuela em Roraima, é atribuída a um inimigo: os países responsáveis pelos embargos econômicos impostos à Venezuela, que, porém, não são nomeados. Esses países representam, então, uma “nódoa” (CHARAUDEAU, 2015),

sendo, pois, o agente causador da degradação da Venezuela. Em outras palavras, eles representam uma ameaça, uma fuga às origens, o que remete ao imaginário (socio)discursivo da “tradição”.

O governo venezuelano, por sua vez, é representado de forma positiva, como provedor de ajuda aos migrantes que desejam retornar ao país, já que criou o “Programa de Repatriação” e desenvolve ações de auxílio para os repatriados. Depreendemos, a partir daí, que o imaginário que perpassa essas representações é o de um “governo solidário”. No que tange ainda à repatriação, o jornal recorre, mais uma vez, ao consúlgeral da Venezuela em Roraima para dizer que “é interessante para os brasileiros que acabem com os bloqueios e assim os venezuelanos possam voltar para seu país e encerrar essa migração”. Dessa maneira, os migrantes venezuelanos são representados como indesejáveis no Brasil, projetando-se um imaginário de “oposição venezuelanos *versus* nativos (brasileiros)”.

Muitos venezuelanos, por não conseguirem vagas nos abrigos em Roraima, acabam ficando nas ruas, sendo, assim, categorizados como “moradores de rua” e caracterizados como “invisíveis socialmente”. Entretanto, se, por um lado, há um silenciamento sobre o sofrimento que eles vivenciam estando nessas condições, por outro, o enunciador<sup>103</sup> faz referência aos efeitos negativos da migração para Pacaraima e Boa Vista, municípios que “sofrem” com os fluxos migratórios vindos da Venezuela. A partir disso, vemos, novamente, o imaginário da “tradição”, dessa vez sustentado por um discurso que aponta os problemas em Roraima, atribuindo-os à presença dos inúmeros migrantes venezuelanos. Como vimos, tais discursos são “capazes de mobilizar as massas” (CHARAUDEAU, 2015, p. 211), partindo dos malefícios trazidos pelos movimentos migratórios para justificar a rejeição dessas populações.

Em uma das notícias, vemos a menção ao perfil dos trabalhadores migrantes – ligados a profissões pouco valorizadas: pedreiros, serventes, gesseiros – de modo a criar um efeito de sentido de competitividade com os brasileiros em um mercado de trabalho já saturado, sobretudo em Roraima. Observamos também uma associação dos migrantes com categorias às quais uma porcentagem minoritária pertence, levando-nos a questionar sua necessidade. O enunciador faz referência, por exemplo, à falta de conhecimento desses sujeitos sobre deveres e direitos relacionados ao refugiado, à utilização, por parte deles, de “benefícios sociais”, “programas de transferência de renda” e “serviços de saúde

---

<sup>103</sup> Por enunciador, na presente seção, entendemos o jornal no seu conjunto, sem nos atermos a quem assinou a matéria.

pública”, o que pode dar a impressão de que esses sujeitos contribuem para a sobrecarga do sistema econômico e de saúde pública brasileiro.

Constatamos ainda situações nas quais fica evidente que não há lugar para os migrantes venezuelanos no Brasil. Em uma delas, ao mesmo tempo em que o enunciador informa que os imigrantes foram retirados de um Ginásio Poliesportivo devido a denúncias de que o local teria se transformado em ponto de venda de drogas, menciona que lá “estavam morando cerca de 70 famílias venezuelanas (...) das quais 28 são crianças e 26 mulheres grávidas”. Nesse caso, notamos também a mobilização desproporcional de agentes de segurança para fazer a desocupação do local e um tratamento desrespeitoso para com os migrantes desalojados. O enunciador relata que eles são indesejáveis em outros lugares para os quais são levados em seguida, pois constituem uma “ameaça”. Em outra situação, vemos o relato de que crianças e adolescentes venezuelanos foram recusados em um abrigo, sob a justificativa de estarem sem mãe e sem pai.

Com relação às instituições brasileiras, percebemos uma certa isenção de responsabilidade, o que se associa ao já citado “jogo de empurra”:

(1) Apesar da determinação judicial, a prefeitura de Boa Vista informou por meio de nota para a Folha de Boa Vista que, com a chegada de milhares de venezuelanos, *a prefeitura não tem como atender a demanda sem o apoio do Governo Federal, sendo a operação Acolhida que recebe recursos para abrigar os venezuelanos que estão nas ruas* (Edição 8879).

(2) Ainda de acordo com Santos, *instituições de apoio aos imigrantes estão sendo procuradas para ajudar as famílias*. “Estamos em contato com representantes de instituições que acolhem imigrantes para que possam dar algum apoio no sentido de disponibilizar um local para que eles fiquem abrigados e estamos dando o suporte com transporte para levar os pertences dessas famílias retiradas do local”, acrescentou o superintendente (Edição 8902).

(3) “A gestão municipal entende que este assunto é complexo e *jamais pode ser tratado como responsabilidade municipal*. Tendo em vista que se trata de uma crise humanitária internacional com reflexo em toda a Capital e nos serviços prestados a brasileiros e venezuelanos. *A Prefeitura de Boa Vista ressalta que se eles entram sozinhos na fronteira é competência do Governo Federal ampliar a fiscalização nesta área, da Operação Acolhida criar uma estratégia de recebimento, do município de Pacaraima e do Governo do Estado para evitar essa irregularidade, tudo sob o aspecto humanitário*” (Edição 8941).

Além disso, levando em consideração o fato de os migrantes venezuelanos serem mais noticiados nas seções “Cidade” e “Polícia” ou, quando aparecem na seção “Coluna Social”, estarem na parte denominada “Com nada”, percebemos que, no jornal *Folha de*

*Boa Vista*, os migrantes venezuelanos são representados (negativamente) como “o outro”: ora como moradores de rua, ora como os que vêm em busca de emprego, ora como os que utilizam os programas sociais brasileiros, ora como drogados, traficantes, prostituídos e, até mesmo, como os que ameaçam a segurança. São, por isso, indesejáveis. Desse modo, percebemos o imaginário de “ameaça” (de modo amplo: ao mercado de trabalho, ao sistema de saúde público, à segurança), o qual é perpassado pelo sentimento de xenofobia e hostilidade com relação aos migrantes venezuelanos nas notícias que analisamos.

Quando a *Folha de Boa Vista* discute sobre os pedidos de refúgio de venezuelanos em Roraima, destacando que são cada vez maiores, e sobre os efeitos negativos dessa situação para o estado, é possível identificar o imaginário de “protecionismo local”:

(4) Dados do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) revelam que *já passaram pela fronteira de Pacaraima, principal entrada de imigrantes, 170 mil pessoas em quase dois anos de registros realizados pela Operação Acolhida, sendo que apenas 14.476 passaram pelo processo de interiorização* (Edição 8831).

(5) Todos os dias, centenas de imigrantes atravessam a fronteira da Venezuela com o Brasil, pelo município de Pacaraima, ao norte de Roraima, fugindo da crise social e econômica que vive aquele país. *E o número de venezuelanos que entram no estado não para de aumentar* (Edição 8857).

(6) O relatório Refúgio em Números da Polícia Federal aponta que *somente em 2018 foram recebidas 61.681 solicitações de reconhecimento da condição de refugiado no Brasil e 81% das solicitações vieram do estado de Roraima* (Edição 8857).

(7) *“É interessante para os brasileiros que acabem com os bloqueios e assim os venezuelanos possam voltar para seu país e encerrar essa migração”*, afirmou (Edição 8858).

O jornal *O Tempo*, por sua vez, representa os migrantes venezuelanos majoritariamente pelo termo “refugiados”, fazendo uso, pois, de uma categorização desses sujeitos mais associada à vulnerabilidade social. Recorrendo a um relatório divulgado pela agência da Organização das Nações Unidas (ONU) para refugiados (ACNUR), com base em milhares de entrevistas realizadas com migrantes venezuelanos em oito países da América Latina, aponta que alguns desses sujeitos recorrem à mendicância e/ou à prostituição para sobreviver e que muitos não estão em situação migratória regulamentada. Acrescenta que alguns países estabelecem restrições cada vez maiores para a entrada dessas pessoas, expondo-os ainda mais à vulnerabilidade. Há, pois,

um discurso mais humanitário em relação aos migrantes venezuelanos, o que pode gerar um efeito patêmico de comoção nos interlocutores.

O enunciador relata o processo migratório do venezuelano Simon, que percorreu uma longa distância de ônibus da Venezuela até Roraima. E, percebendo, depois, o desemprego nesse estado, resolveu participar da estratégia de interiorização. Ele é representado como desempregado e integrante de uma família. Afirma “ter esperança”, demonstrando, desse modo, resiliência. O jornal menciona as dificuldades enfrentadas pelos refugiados venezuelanos na procura por emprego: adaptação com a nova cidade e também com a língua. Diferentemente do perfil profissional apontado pela *Folha de Boa Vista*, afirma que eles “são profissionais com conhecimentos específicos, pessoas instruídas, como professores, policiais, engenheiros”, mas, dispostos a assumir funções menos qualificadas e de menor remuneração, como vagas de limpeza e serviços gerais, por exemplo, porque entendem que “essa é uma porta de entrada para um sucesso futuro”.

Sendo assim, o enunciador focaliza mais de perto os sujeitos migrantes e as questões que eles vivenciam em seu processo migratório, e não os problemas que eles representam, como faz a *Folha de Boa Vista*. Vejamos dois excertos que exemplificam essa abordagem do jornal mineiro:

(8) Depois de superarem a dor de abandonar a família, os amigos e a cultura de um país destruído por uma crise política e econômica, refugiados venezuelanos que encontraram abrigo em Minas enfrentam agora o desafio de recomeçar a vida (número 8293).

(9) Abridados temporariamente em casas de apoio, muitos deles ainda estão à procura de emprego formal, passo essencial para conseguirem a independência financeira da qual tanto precisam para refazerem a vida e resgatarem quem ficou para trás (número 8293).

Os migrantes venezuelanos são, portanto, representados de forma mais positiva no jornal *O Tempo*. Ou seja, eles são mostrados como pessoas dignas que querem recomeçar a vida e precisam de ajuda. Identificamos, portanto, os imaginários de “batalhador(a)” e de “sobrevivente” – de forma similar à (auto)representação dos migrantes em suas narrativas de vida. Além disso, é notório o imaginário de “assistencialismo”. Nesse sentido, enquanto os venezuelanos são projetados como necessitados de ajuda/caridade, o que reforça, em certa medida, o discurso humanitário, com recorrência, o enunciador projeta a imagem de instituições e empresas como, por exemplo, o Serviço Jesuíta a Migrantes Refugiados (SJMR), companhias aéreas

comerciais e a Cruz Vermelha como “caridosas”. Assim, temos, de um lado, os que necessitam de caridade e, de outro, os que a praticam.

O enunciador delega a responsabilidade da situação da Venezuela ao governo de Chávez e, posteriormente, ao de Maduro. Nesse caso, vemos o imaginário da “tradição”, mas a “nódoa” (CHARAUDEAU, 2015), ao contrário do que propõe uma das notícias da *Folha de Boa Vista*, seria o próprio governo venezuelano.

Antes de fecharmos este ciclo reflexivo que, longe de contemplar sua amplitude, nos serve de embasamento, passemos para as Considerações Finais, seção na qual apontaremos e refletiremos sobre os principais resultados obtidos em nossa análise, estabelecendo uma comparação entre as representações sociais e os imaginários (socio)discursivos apreendidos nas narrativas de vida dos migrantes venezuelanos e nas notícias dos jornais *Folha de Boa Vista* e *O Tempo*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista o intenso fluxo migratório de venezuelanos para o Brasil, especialmente a partir de meados de 2015 e sobretudo para o estado de Roraima, bem como o fato de que a História é comumente relatada conforme o ponto de vista do dominador, desconsiderando, abafando e até mesmo silenciando a voz do dominado (LARA; LIMBERTI, 2015), nosso intuito, na presente pesquisa, foi, em um primeiro momento, analisar as representações sociais e os imaginários (socio)discursivos (MOSCOVICI, 2015; CASTORIADIS, 1982; CHARAUDEAU, 2012b, 2015, 2017) que circulam nas narrativas de vida (BERTAUX, 2005; MACHADO; LESSA, 2013; MACHADO, 2011, 2015, 2016a, 2016b) dos migrantes e refugiados venezuelanos que estão no Brasil, coletadas por meio de entrevistas semiestruturadas (TRIVINOS, 1987; MANZINI, 2003), de modo a verificar o que eles dizem de si, dos outros, do mundo. Em um segundo momento, considerando que a temática da migração frequentemente ganha o foco das mídias, como, inclusive, tem ocorrido atualmente, nos propusemos a analisá-los em notícias que tratam da migração de venezuelanos para o Brasil, na versão digital de dois jornais: *Folha de Boa Vista* e *O Tempo*, para uma posterior comparação.

Percebemos que os participantes desta pesquisa se representam (socio)discursivamente como migrantes venezuelanos, muitas vezes, inclusive, iniciando a narrativa de vida com essa representação. De forma semelhante, como vimos, a maioria das notícias que compõem o *corpus* são assinadas, o que confere a ambos os discursos (genealógico e jornalístico) maior credibilidade.

Os migrantes se (auto)representam também como pertencentes a uma família (na qual desempenham papéis variados) e, diante do contexto da crise venezuelana, se consideram, inclusive, como os responsáveis em ajudar a família financeiramente e por fornecer o suporte para a migração dos familiares, caso seja necessário. Além disso, eles se representam como trabalhadores e esforçados, mesmo que, diante do contexto venezuelano e brasileiro, tenham enfrentado/estejam enfrentando situação de desemprego. Demonstrem ser lutadores, fortes, crentes e tementes a Deus, resilientes e esperançosos, pois, apesar de todas as dificuldades, se mostram dispostos a persistir em busca de uma vida melhor, ao mesmo tempo em que acreditam em uma mudança (para melhor) da situação da Venezuela futuramente. A partir disso, depreendemos que as

(auto)representações dos migrantes venezuelanos são perpassadas pelos imaginários (socio)discursivos de “batalhador(a)” e de “sobrevivente”.

No que diz respeito ao jornal *O Tempo*, ele se refere aos venezuelanos majoritariamente pelo termo “refugiados”, utilizando, dessa forma, uma categorização mais associada à vulnerabilidade social – o que está em consonância com os fatos relatados por esses sujeitos em suas narrativas. Na esteira de Moreira (2019, *apud* MARTINO; MOREIRA, 2020, p. 160), classificar os migrantes como “refugiados(as)” representa um posicionamento político, pois é como se o país de origem, isto é, a Venezuela, fosse denunciada “como Estado que não respeita os direitos mais básicos de sua população e, portanto, não se constitui como democrático”.

O jornal mineiro relata o processo migratório de um venezuelano que apresenta muitas semelhanças com os dos “nossos” entrevistados (exceto pelo fato de ele ter feito a trajetória da Venezuela até Roraima de ônibus, e não caminhando). Esse migrante, à semelhança dos entrevistados, é representado como desempregado, como integrante de uma família e como uma pessoa que decidiu participar da estratégia de interiorização após perceber o desemprego em Roraima. Ele se mostra resiliente, já que alega ter esperança, apesar das dificuldades vivenciadas.

Um aspecto importante é que, diferentemente das narrativas de vida que analisamos, *O Tempo* faz uma abordagem mais realista do processo de adaptação dos migrantes após a estratégia de interiorização. O jornal noticia as dificuldades enfrentadas pelos refugiados venezuelanos na procura por emprego, citando questões relativas à adaptação à nova cidade e também à língua. Representa-os como profissionais qualificados, mas que se dispõem a assumir funções “menores”, porque as consideram como um porto de partida para o sucesso no futuro, o que demonstra a perda do capital intelectual (RIBAS, 2018) como resultado do processo migratório. Nas narrativas de vida, por outro lado, os migrantes fazem comentários superficiais sobre a capital mineira e mencionam apenas aspectos positivos sobre ela, provocando a dúvida: será que a tendência a elogiar Belo Horizonte não revela um silenciamento sobre seus pontos negativos? Ou se deve ao pouco tempo que esses venezuelanos estavam em Belo Horizonte por ocasião das entrevistas?

Enquanto as narrativas de vida fazem uma abordagem espacial orientada, majoritariamente, por três lugares distintos: Venezuela, Roraima e Belo Horizonte, além de utilizarem marcadores espaciais que indicam familiaridade e proximidade para se referirem a Roraima (assim como o jornal local *Folha de Boa Vista*), o que cria um efeito



de sentido de realidade, o jornal *O Tempo* utiliza marcadores espaciais mais abrangentes, sugerindo que a questão migratória dos venezuelanos envolve outros países (da América Latina, no caso), e não somente o Brasil. Com isso, percebemos que a migração de venezuelanos e seus impactos na sociedade de acolhida não estão tão presentes em nível local quanto nas narrativas de vida e nas notícias da *Folha de Boa Vista*.

O jornal mineiro faz uso, por exemplo, de informações que constam em um relatório da ACNUR referente à presença de migrantes venezuelanos em países da América Latina, apontando que alguns desses sujeitos recorrem à mendicância e/ou à prostituição como forma de sobrevivência, além de muitos estarem em situação migratória irregular. Acrescenta que alguns países estabelecem restrições cada vez maiores para a entrada dessas pessoas, expondo-os ainda mais à vulnerabilidade. Apesar de tais aspectos fazerem referência a um espaço macro (oito países da América Latina), é possível encontrá-los também em um nível espacial micro, como o de Roraima, conforme constatamos nas narrativas de vida e nas notícias veiculadas no jornal roraimense.

Em suma, há um discurso humanitário em relação aos migrantes venezuelanos em *O Tempo*, o que pode gerar um efeito patêmico de comoção nos interlocutores. Como vimos, esses migrantes são representados de forma positiva, ou seja, como pessoas dignas, que desejam recomeçar a vida e necessitam de ajuda. Apreendemos, portanto, assim como nas narrativas de vida, os imaginários de “batalhador(a)” e de “sobrevivente”, os quais estão associados, respectivamente, ao discurso da resistência e da resiliência. No entanto, identificamos também, de forma recorrente, o imaginário de “assistencialismo”, uma vez que se projeta a imagem de que os migrantes venezuelanos precisam de ajuda/caridade e, concomitantemente, de que certas instituições e empresas são “caridosas”. O jornal menciona, além disso, que a sociedade civil também pode fornecer ajuda aos migrantes, o que nos leva, portanto, a associá-los a um “discurso da falta”.

Esse imaginário de “assistencialismo”, no entanto, vai de encontro ao imaginário de “soberania popular” presente nas narrativas, que se alicerça em discursos segundo os quais o povo (tanto venezuelano quanto brasileiro) é responsável pelo seu próprio bem-estar. Desse modo, os migrantes venezuelanos demonstram mais interesse em prosperar com base em seus próprios esforços (trabalhando, estudando) do que em ser dependentes de ajuda/caridade.

Diferentemente do jornal mineiro, na *Folha de Boa Vista*, vemos o imaginário de “isenção de reponsabilidade” no tocante às instituições brasileiras, ancorado em discursos que versam sobre uma espécie de “jogo de empurra”, como vimos, já que as instituições

responsabilizam umas às outras para justificar a não realização das ações necessárias. O jornal roraimense utiliza preferencialmente o termo “imigrantes” para se referir aos venezuelanos, mas às vezes o confunde com “refugiados” e usa também “estrangeiros”. Acreditamos que essa imprecisão no uso da nomenclatura, além de causar estranhamento, pode indicar um certo descaso em relação ao grupo em questão. Há que se ressaltar que se trata de um jornal local, publicado no estado que recebe o maior contingente de migrantes venezuelanos do Brasil. Outrossim, a partir da escolha lexical para se referir aos migrantes – no jornal mineiro: “refugiados”, no roraimense: “imigrantes” –, notamos o posicionamento político-ideológico desses veículos de comunicação: o primeiro categoriza-os como sujeitos em situação de vulnerabilidade, o segundo como indivíduos que entram em um país estrangeiro. Tais escolhas geram efeitos de sentido distintos nos interlocutores, que podem sentir compaixão ou se sentir ameaçados, respectivamente.

Ademais, na *Folha de Boa Vista*, os migrantes venezuelanos são representados como pessoas que fogem de uma crise para suprir necessidades básicas. Porém, diante da falta de vagas nos abrigos roraimenses, muitos ficam nas ruas, sendo representados, assim, como “moradores de rua” e como “invisíveis socialmente”. O jornal silencia o sofrimento que os migrantes enfrentam diante dessa situação, preferindo focalizar os efeitos negativos da migração para Pacaraima e Boa Vista, municípios que, na sua opinião, “sofrem” com os fluxos migratórios vindos da Venezuela. Com isso, apreendemos o imaginário da “tradição”, que se apoia em discursos que buscam apontar os problemas de Roraima, atribuídos à presença, cada vez maior, de migrantes venezuelanos no estado. Tais discursos, como vimos, mostram os malefícios dos movimentos migratórios, contribuindo, desse modo, para a rejeição dessas populações.

Nesse sentido, percebemos, nas notícias veiculadas por esse jornal, que não há lugar para esses migrantes no estado. Haja vista a forma como eles foram retirados de um Ginásio Poliesportivo, devido a denúncias, e rejeitados em outros locais para os quais foram levados ou o fato de que crianças e adolescentes venezuelanos foram recusados em um abrigo por estarem desacompanhados. Outrossim, esse jornal faz uma referência ao perfil dos trabalhadores migrantes, atrelando-os a profissões pouco valorizadas, estabelecendo um efeito de sentido de competitividade com os brasileiros pelo mercado de trabalho já saturado, principalmente no estado de Roraima – abordagem que é bastante diferente da realizada pelo jornal *O Tempo*, que faz menção ao perfil profissional desses sujeitos de modo a demonstrar que eles são qualificados e estão dispostos até a exercer outras atividades diferentes de sua área de formação como forma de inserção no mercado

de trabalho. Ademais, o jornal roraimense associa-os a categorias às quais uma porcentagem minoritária pertence (tais como: “desconhecem qualquer dever ou direito ligados a condição de refugiados”, “utilizam os serviços de saúde pública”, utilizam “benefícios sociais ou os programas de transferência de renda”), o que nos leva a questionar a necessidade de tal associação.

Considerando também o fato de os migrantes venezuelanos serem mais noticiados na *Folha de Boa Vista* na seção “Cidade” e “Polícia” e, quando na “Coluna Social”, na parte denominada “Com nada”, percebemos que eles são representados negativamente como “o outro”. Assim, identificamos o imaginário de “ameaça” (de modo amplo: ao mercado de trabalho, ao sistema de saúde público, à segurança), o qual é perpassado pelo sentimento de xenofobia e hostilidade com relação aos migrantes venezuelanos nessas notícias. Como é possível constatar, esse imaginário difere do que é manifestado nas narrativas de vida e no jornal *O Tempo*.

Nas narrativas de vida, são os brasileiros, via de regra, que são representados como “o outro”. Algumas vezes como irmãos; outras como os que se indispõem contra os migrantes, a depender, sobretudo, se residem no estado de Roraima (em Pacaraima ou em Boa Vista) ou em Belo Horizonte. Assim, os primeiros, na maioria das vezes, são representados como pessoas que não dão apoio aos migrantes e até praticam xenofobia, enquanto os belo-horizontinos ganham a imagem de solidários e acolhedores. Tais atitudes/sentimentos, como já afirmamos, atrelam-se, entre outros aspectos, ao fato de que os impactos da migração de venezuelanos são muito maiores nas cidades roraimenses do que na capital mineira. Nesse caso, observamos que o imaginário de “acolhimento” associado aos brasileiros é, em alguns casos, refutado e substituído pelo seu oposto: “não acolhimento”, “indiferença” e, no limite, “exclusão”. Desse modo, há uma “quebra de expectativa” dos migrantes e até um certo desapontamento.

Cabe destacarmos que nosso acesso às representações sobre o processo de migração dos venezuelanos (de forma mais ampla) se dá através das narrativas de vida dos sujeitos entrevistados nesta pesquisa. Como vimos, tal processo, considerando tanto da Venezuela para o Brasil quanto de Roraima para Belo Horizonte, é perpassado pelos imaginários da “tradição”, da “modernidade”, da “soberania popular” (CHARAUDEAU, 2015) e o de “tensão”, por nós acrescentado.

O imaginário de “tradição”, nas narrativas de vida, é sustentado por discursos segundo os quais a situação da Venezuela era melhor em um passado mais remoto do que em um passado mais recente ou na atualidade, o que seria, inclusive, uma

motivação/justificativa para a migração. Nessa perspectiva, os migrantes apontam o governo de Maduro como uma “nódoa” (CHARAUDEAU, 2015), responsável pela degradação do país, o que está em consonância com o jornal *O Tempo*, que delega a responsabilidade da situação da Venezuela ao governo de Chávez e, posteriormente, ao de Maduro (sem, contudo, fornecer detalhes, os quais conseguimos acessar somente nas narrativas).

Em contrapartida, a *Folha de Boa Vista* representa o governo venezuelano, em uma das notícias analisadas, de forma positiva, já que este se dispõe a ajudar os migrantes que desejam retornar ao país (“Programa de Repatriação” e auxílio aos repatriados). O imaginário que perpassa essas representações é o de “solidariedade” do governo de Maduro. Essa ideia é reforçada pela citação do cônsul-geral da Venezuela em Roraima que sugere serem os venezuelanos indesejáveis no Brasil, projetando, assim, a “oposição venezuelanos *versus* nativos (brasileiros)”. Assim, diferentemente das narrativas de vida e das notícias publicadas em *O Tempo*, o cônsul, no jornal roraimense, atribui a dita “crise” aos países responsáveis pelos embargos econômicos impostos à Venezuela. Esses países (que ficam subentendidos na notícia) representam, então, uma “nódoa”, sendo o agente causador da degradação da Venezuela.

Já o imaginário da “modernidade” é amparado por discursos que comparam o passado mais remoto com o passado mais recente ou o passado mais recente com o presente, atribuindo um valor positivo ao tempo mais atual (por exemplo, quando os migrantes comparam a Venezuela com Roraima ou Roraima com Belo Horizonte). Destarte, notamos que as avaliações (mais) positivas para o período temporal mais recente funcionam para validar a migração tanto inicial, da Venezuela para Roraima, quanto posterior, pela estratégia de interiorização, de Roraima para Belo Horizonte. A partir disso, tendo em vista que os migrantes venezuelanos ora manifestam o imaginário de tradição, que preza o retorno às origens (em relação ao país natal), ora o imaginário da modernidade, que valoriza a situação atual, o presente (no Brasil), percebemos a complexidade do processo migratório. Tal dualidade é típica do que se costuma designar como “entrelugar” (BHABHA, 1998).

Já o imaginário de “tensão”, presente nas narrativas de vida, perpassa as etapas do processo migratório – desde o contexto da crise na Venezuela até a chegada a Belo Horizonte pela estratégia de interiorização –, amparado pela utilização do item lexical “difícil” (e similares) como uma palavra-chave ou um “ponto de cristalização semântica” (MAINGUENEAU, 2008) no/do discurso dos migrantes venezuelanos. De forma

diferente, no jornal *Folha de Boa Vista*, esse imaginário atrela-se ao de “protecionismo local”, sustentado por discursos que, reforçando o aumento dos pedidos de refúgio de venezuelanos em Roraima, mostram os efeitos negativos dessa situação para o estado.

Em suma, com relação às narrativas de vida, vemos que, possivelmente, o imaginário de “soberania popular” fomenta os imaginários de “batalhador(a)” e de “sobrevivente” pois, como os migrantes acreditam que o povo é responsável pelo seu próprio bem-estar, assumem para si que precisam se esforçar e persistir. Já nas notícias do jornal *O Tempo* há um movimento inverso: os imaginários de “batalhador(a)” e de “sobrevivente” fomentariam o de “assistencialismo”, já que, pelo fato de serem representados como pessoas dignas, os migrantes venezuelanos mostram-se merecedores de ajuda. Diferentemente, na *Folha de boa Vista*, o imaginário da “tradição” possivelmente projeta o de “ameaça”, o de “isenção de responsabilidade” e o de “protecionismo local”, tendo em vista que o jornal em pauta se ancora em discursos que versam sobre os problemas que estão ocorrendo no estado de Roraima como efeito da migração venezuelana, sendo os migrantes, portanto, representados como uma ameaça, ao mesmo tempo, em que se informa que o estado/as instituições locais são incapazes de gerir tal problemática. Há, além disso, farta utilização da “retórica numérica” (BRÉANT, 2012) para discorrer sobre o aumento desse contingente migratório no estado.

Nessa perspectiva, o imaginário da “tradição” é mobilizado de forma similar pelas narrativas de vida e pelas notícias do jornal *O Tempo*, enquanto as notícias da *Folha de Boa Vista* o mobilizam de maneira oposta. Para os primeiros, o governo da Venezuela é o responsável pela situação de crise do país. Já na perspectiva divulgada pelo jornal de Roraima, os culpados são os países responsáveis pelos embargos econômicos impostos à Venezuela. O imaginário de “tensão”, por sua vez, é mobilizado nas narrativas de vida no tocante ao processo migratório, relacionando-se, na perspectiva do jornal roraimense, ao de “protecionismo local”. Quanto aos imaginários que perpassam a “oposição brasileiros (nativos) versus venezuelanos”, notamos que, algumas vezes, nas narrativas de vida, o imaginário de “acolhimento” cede lugar ao de “não acolhimento”, chegando, até mesmo ao de “exclusão” (sobretudo no jornal roraimense).

Diante do que foi exposto, é possível constatar que a abordagem do jornal *O Tempo*, no que tange às representações mobilizadas, se aproxima mais das narrativas de vida que integram a presente pesquisa do que a do jornal roraimense, sobretudo porque o jornal mineiro opta por focalizar os sujeitos migrantes e as questões que eles vivenciam em seu processo migratório, e não os problemas que eles representam, como faz a *Folha*

*de Boa Vista*. Isso, como já comentamos mais de uma vez, é fomentado, em grande medida, pelos impactos trazidos pela migração de venezuelanos para os dois contextos em que se situam os jornais examinados.

Com base em Moscovici (2015), podemos dizer que as representações surgem com o intuito de tornar familiar o que não é familiar – por exemplo, quando o sujeito se depara com a alteridade de uma maneira diferente da que ele esperava: no caso dos brasileiros (nativos) diante dos migrantes, considerando, por exemplo, as diferenças culturais e idiomáticas. Entretanto, como sabemos, elas não são neutras: atribuímos carga positiva ou negativa ao que está sendo classificado, além de estabelecermos hierarquias. Portanto, quando a caracterização é positiva, há uma aceitação; se for negativa, uma rejeição.

Levando em consideração que os migrantes venezuelanos são, na maioria das vezes, “contados” por outrem (políticos, jornalistas, especialistas etc.) e/ou são reduzidos a números e porcentagens, é necessário democratizar os espaços de fala, para que tenhamos, sobretudo, acesso às representações e aos imaginários que eles também projetam em suas narrativas de vida. Assim, tais narrativas “visam trazer conflitos necessários para a mudança. O não ouvir é a tendência a permanecer num lugar cômodo e confortável daquele que se intitula poder falar sobre os Outros, enquanto esses Outros permanecem silenciados” (RIBEIRO, 2019, p.35).

Nesse sentido, ousamos dizer que, tendo cumprido os objetivos que delineamos na Introdução, trazemos, com a presente pesquisa, uma importante contribuição para a discussão das desigualdades sociais – no caso, aquelas que emergem dos processos migratórios. Como elas também ocorrem por meio da linguagem, torna-se necessário abordá-las não apenas nos seus aspectos políticos, ideológicos, econômicos e estruturais, mas também discursivos (EMEDIATO; SILVA, 2017). É preciso, portanto, em consonância com os autores citados, identificar, descrever e interpretar a função e a representação da desigualdade na e pela linguagem, suas formas de funcionamento nas práticas discursivas e sociais, além de refletir acerca da influência do discurso na manutenção dessas desigualdades, tendo em vista que

É por meio do discurso que homens e mulheres organizam uma lógica social, na qual existem diferentes posições, relações de poder, hierarquias. É também discursivamente que eles criam e mantêm vínculos afetivos, familiares, sociais e compartilham modos de ser, pensar e agir à medida que geram (individualmente e em conjunto) os imaginários sociais sob os quais convivem. Ou ainda, é discursivamente que os sujeitos estabelecem diferentes modos de

ser e imaginários discordantes, o que gera conflitos pessoais, diplomáticos, religiosos, entre outros tantos de diferentes tipos (CARVALHO, 2016, p. 29).

Outro aspecto que julgamos evidenciar a relevância de nossa pesquisa é o fato de trabalharmos com narrativas de vida, já que estas apresentam opiniões e experiências pessoais de migrantes e refugiados, trazendo informações que não são comumente manifestadas na esfera pública. Eles, como dissemos, são, via de regra, ignorados, silenciados e mesmo “falados” por outrem/por outras instâncias (como as mídias), não revelando posicionamentos importantes sobre eles próprios e sobre a situação que vivenciam. É, pois, fundamental, restituir-lhes o “lugar de fala” (RIBEIRO, 2019).

O trabalho com o *corpus escolhido* nos possibilitou também verificar como determinadas representações dão significado aos textos (narrativas, notícias), circulam e orientam práticas, o que acreditamos ter sido um dos problemas centrais que foram aqui discutidos, tanto em relação a como migrantes se significam, quanto no que tange ao espaço midiático em que eles são (re)significados. Nas notícias, os jornalistas partem de construções de seu próprio espaço social e cultural para engendrar valores sobre algo. Desse modo, normalmente temos acesso às representações sobre os sujeitos migrantes pelo olhar do nativo e em relação ao nativo. As narrativas de vida nos possibilitam, portanto, ter acesso a outras representações, a outros imaginários que passam a funcionar como um contradiscurso em relação ao discurso oficial que conhecemos.

Se os resultados aqui obtidos não podem ser generalizados sem uma pesquisa mais abrangente que examine outras narrativas de vida e outras instâncias/outras jornais, temos consciência, no entanto, de que este trabalho traz uma amostra significativa do complexo processo migratório de venezuelanos para o Brasil. De qualquer forma, a lição que fica é a de que é urgente dar voz e visibilidade a esses sujeitos, de modo, inclusive, a impactar nas políticas públicas, para que estas estejam mais alinhadas ao que eles, de fato, precisam.

É nesse sentido que postulamos mais estudos que, assumindo a perspectiva discursiva – já que nossa posição é a da análise do discurso (francesa) – enfoquem migrantes e refugiados (sejam eles venezuelanos ou não), principalmente no tocante ao silenciamento que, via de regra, lhes é imposto, à apropriação discursiva que se faz deles e por eles, a fim de que lhes seja devolvido o “lugar de fala”. Foi o que – muito modestamente – procuramos fazer aqui.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, L. **Jornalismo** – matéria de primeira página. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

\_\_\_\_\_. **A objetividade jornalística**. Porto Alegre: Sagra, 1996.

ANUNCIÇÃO, R. F. M. **Somos mais que isso**: Práticas de (re)existência de migrantes e refugiados frente à despossessão e ao não reconhecimento. 2017. 127f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.

ARAÚJO, M. C. F. *et al.* Dos fatos aos vários formatos: uma análise comparativa entre notícias veiculadas na capa de O Estado de São Paulo e no Instagram @estadao. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2019, Belém, **Anais do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, São Paulo: Intercom, 2019. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2019>>. Acesso em: 14 jan. 2022.

BARROS, D. L. P.de. Estudos do discurso. In: FIORIN, J. L. (org.). **Introdução à Linguística II**. Princípios de análise. São Paulo: Contexto, 2003. p. 187-219.

BERTAUX, D. **Le récit de vie**. Paris: Armand Colin, 2005.

BHABHA, H. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BRASIL. **Lei nº 9.474, de 22 de julho de 1997**. Define mecanismos para a implementação do Estatuto dos Refugiados de 1951, e determina outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19474.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19474.htm)>. Acesso em: 05 de março de 2022.

BRÉANT, H. Démontrer le rôle positif des migrations internationales par les chiffres. Une analyse de la rhétorique institutionnelle du système des Nations Unies. **Mots**, Paris, n. 100, p. 153-171, 2012.

CALABRESE, L.; VENIARD, M. (éds.). **Penser les mots, dire la migration**. Louvain-la-Neuve: L’Harmattan, 2018.

CAMPOS, F.; COSTA, E. O potencial de Minas Gerais no desenvolvimento da competência intercultural dos alunos de PLAc. **RECORTE – revista eletrônica**, Universidade Vale do Rio Verde, v. 16, n. 2, p.1-15, 2019. Disponível em:<[http://periodicos.unincor.br/index.php/recorte/article/view/5872/pdf\\_151](http://periodicos.unincor.br/index.php/recorte/article/view/5872/pdf_151)>. Acesso em: 05 jul.2020.

CARVALHO, A. T. S. Relações teórico-metodológicas entre a AD e a Narrativa de Vida. In: MACHADO, I.L; MELO, M.S.S. (Org.) **Estudos sobre narrativas em diferentes materialidades discursivas**. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2016. p.21-42.

CARVALHO, D. B.; ALVES, R.V. S. **Refugiados no Brasil**: O tratamento jurídico-administrativo dos venezuelanos em situação de refúgio no território nacional. 2018. 29



f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018.

CASTORIADIS, Cornélius. **A instituição imaginária da sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 1982.

CHARAUDEAU, P. **Grammaire du sens et de l'expression**. Paris: Hachette, 1992.

\_\_\_\_\_. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2012a.

\_\_\_\_\_. Representação social. In: CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D.(eds.) **Dicionário de análise do discurso**. Trad. Fabiana Komesu *et al.* São Paulo: Contexto, 2012b. p. 431-433.

\_\_\_\_\_. Os imaginários de verdade do discurso político. 2 ed. In: \_\_\_\_\_. **Discurso Político**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 185-245.

\_\_\_\_\_. Os estereótipos, muito bem. Os imaginários, ainda melhor. Trad. André Luiz Silva e Rafael Magalhães Angrisano. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, p. 571-591, 2017.

CLOCHARD, O. Les réfugiés dans le monde entre protection et illégalité. **EchoGéo**, v. 2, p. 1-8, sep./nov. 2007. Disponível em: <<http://echogeo.revues.org/1696>>. Acesso em: 30 jun. 2019.

DUCARD, D. Dar a palavra: da reportagem radiofônica à ficção documental. In: LARA, G. P.; LIMBERTI, R. P. (orgs.). **Discurso e (des)igualdade social**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 109-128.

EMEDIATO, W; SILVA, D. Análise do Discurso e desigualdades sociais: temas sensíveis. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, Brasília, v.18, n.1, p. 7-11, 2017.

GHLISS, Y.; PAVEAU, M.; RUCHON, C. Dynamiques discursives de la vulnérabilité. Introduction. **Signes, Discours et Sociétés** : Revue semestrielle en sciences humaines et sociales dédiée à l'analyse des Discours, Université Galatasaray, n. 20, p. 1-10, 2019.

LAACHER, S. **Ce qu'immigrer veut dire**. Paris: Le Cavalier Bleue, 2012.

LA MARCA, A. B. D. M. **Cobertura da Violência na Mídia**: Análise de Conteúdo da cobertura jornalística dos Casos de Suzano e Realengo pelo Portal G1. 2020. Monografia (Curso de Jornalismo) – Departamento de Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina. Disponível em: <<file:///C:/Users/Usuario/Downloads/Monografia%20Viol%C3%Aancia%20na%20m%C3%ADda%20-%20Anna%20Beatriz%20La%20Marca.pdf>>. Acesso em: 05 ago. 2020.

LARA, G. M. P. Migrations contemporaines et récits de vie en France et au Brésil. In: TAUZIN-CASTELLANOS, I. (org.). **De l'émigration en Amérique Latine à la crise migratoire**. Bordeaux, Cairn éditions/Morlaàs, 2021a. p. 223-236.

\_\_\_\_\_. Vivendo à margem da lei: histórias de brasileiros em situação irregular no contexto europeu. **Relin** (Revista de Estudos da Linguagem), v. 29. n. 3, p. 1943-1977,

jul. set. 2021b. Disponível em: <<http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin>>. Acesso em: 02 ago. 2021b.

\_\_\_\_\_. Brasileiros na Europa: três narrativas de sucesso à luz da Análise do Discurso Francesa. **Bakhtiniana** – Revista de Estudos do Discurso, v. 16, n. 3, p. 107-133, jul./set. 2021c.

Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/issue/view/2619>>. Acesso em: 22 set. 2021c.

\_\_\_\_\_. De migrantes a cidadãos do mundo: narrativas de vida de brasileiros no continente europeu. **Caderno de Letras**, n. 40, p. 275-301, 2021d. Dossiê “Linguagem, narrativas e subjetividades”. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/cadernodeletras>> Acesso em: 27 set. 2021d.

\_\_\_\_\_. **Vivendo do outro lado do Atlântico: histórias de brasileiros em Portugal**. Coimbra: Grácio Editor, 2021e.

LARA, G. P.; LIMBERTI, R. P. (orgs.). **Discurso e (des)igualdade social**. São Paulo: Contexto, 2015.

\_\_\_\_\_. (orgs.). **Representações do outro: discurso, (des)igualdade e exclusão** (orgs.). Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

LEGLER, T.; PONT, A. S.; GARELLI-RIOS, O. Introducción: la naturaleza compleja y multidimensional de la crisis venezolana. In: MAYA, M. (org.). **Pensamiento Próprio**. Buenos Aires: Cries, 2018. p. 9-12.

MACHADO, I. L. Histórias discursivas e estratégias de captação do leitor. **Diadorim**. Rio de Janeiro, v. 10, p. 59-74, 2011.

\_\_\_\_\_. A narrativa de vida como materialidade discursiva. **Revista da ABRALIN**, v. 14, n. 2, p. 95-108, 2015a. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/42557/25814>>. Acesso em: 12 jun. 2015.

\_\_\_\_\_. **Reflexões sobre uma corrente de Análise do Discurso e sua aplicação em narrativas de vida**. Coimbra: Grácio Editor, 2016a.

\_\_\_\_\_. Nos bastidores da Narrativa de vida & Análise do Discurso. MACHADO, I.L; MELO, M.S.S. (orgs.) **Estudos sobre narrativas em diferentes materialidades discursivas**. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2016b. p.121-138.

MACHADO, I. L. Uma das possíveis aplicações da semiolinguística: estudo de caso sobre o fenômeno da resiliência. In: EMEDIATO, W.; MACHADO, I. L.; LARA, G. M. P. (Orgs.). **Teorias do Discurso - novas práticas e formas discursivas**. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2020. p. 57 – 78.

MACHADO, I. L.; LESSA, C. H. Reflexões sobre o gênero narrativa de vida do ponto de vista da análise do discurso. In: JESUS, S. N.; SILVA, S. M. R. da (Orgs.). **O discurso & outras materialidades**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.v.1, p. 102-122.

MAINGUENEAU, D. **Cenas da enunciação**. Org. Sírio Possenti e Maria Cecília P. de Souza-E-Silva. Trad. Sírio Possenti *et al.* Curitiba: Criar, 2006.

\_\_\_\_\_. Uma semântica global. In: **Gênese dos Discursos**. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2008. p. 75-97.

\_\_\_\_\_. **Doze conceitos em análise do discurso**. Org. Sírio Possenti e Maria Cecília P. de Souza-E-Silva. Trad. Adail Sobral *et al.* São Paulo: Parábola, 2010.

\_\_\_\_\_. Escola francesa de análise do discurso. In: CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. (eds.) **Dicionário de análise do discurso**. Trad. Fabiana Komesu *et al.* São Paulo: Contexto, 2012. p. 202.

\_\_\_\_\_. **Variações sobre o ethos**. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2020.

MANZINI, E.J. Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada. In: MARQUEZINE, M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE, S. (orgs.) **Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial**. Londrina, PR: Eduel, 2003. p.11-25.

MARQUES, A. C. S.; TERRIER D. Imigração de mulheres haitianas em Belo Horizonte/Brasil: identidades femininas, relatos de si e autonomia. **Panorama**, Goiânia, v. 7, n. 2, p. 03-09, 2017.

MARQUES DE MELO, J. **Jornalismo opinativo**. 3. ed. Campos do Jordão – São Paulo: Mantiqueira de Ciência e Arte Ltda, 2003. v. 1. 238 p.

MARTINO, A. A.; MOREIRA, J. B. A política migratória brasileira para venezuelanos: do “rótulo” da autorização de residência temporária ao do refúgio (2017-2019). **REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, Brasília, v. 28, n. 60, p. 151-166, 2020.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/remhu/a/y9fvzzb4ZHptYRRqSqPgKsz/?lang=pt>. Acesso em: 22 març. 2022.

MAYA, M. El colapso de Venezuela. ¿Qué sigue?. In: \_\_\_\_\_.(org.). **Pensamiento Próprio**. Buenos Aires: Cries, 2018. p. 13-35.

MEIHY, J. C; HOLANDA, F. **História oral**: como fazer como pensar. São Paulo: Contexto, 2013.

MOREIRA, G. M. **Figures de migrants brésiliens en France**: approche anthropologique et sociolinguistique. Sous la direction de Monsieur le Professeur Émérite, Jean-Marie Prieur. 2018. 1495f. Thèse (Doctorat en Linguistique) - Université Paul Valéry - Montpellier III, Montpellier, 2018.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2015.

MOTA, D. M. **Representações sociais, mídia e violência**: a “construção” do migrante e da migração venezuelana em Roraima por meio dos websites da *Folha de Boa Vista* e *Folha de S. Paulo*. 2019. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Fronteiras) – Programa

de Pós-graduação em Sociedade e Fronteiras, Universidade Federal de Roraima, Boa Vista.

NÉE, E.; PUGNIERE-SAAVEDRA, F.; HARTMANN, F. Escutando o “excluído”: uma análise de entrevistas com pessoas sem domicílio fixo. In: LARA, G. M. P.; LIMBERTI, R. C. P. (orgs.). Representações do outro: discurso,(des)igualdade e exclusão. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. p. 61-75.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios & procedimentos**. Campinas, SP; Pontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Campinas: Editora da Unicamp, 2015.

PAVEAU, M. A. Le discours des vulnerables. Proposition théorique et politique. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, Brasília, v. 18, p. 29-48, 2017. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/26126/18556>>. Acesso em: 04 jul. 2017.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.). **Por uma análise automática do discurso**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1990.

PERUZZO, Círcia M. K. Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências. **Comunicação & Sociedade**. São Bernardo do Campo: Póscom-Umesp, a. 26, n. 43, p. 67-84, 2005.

RAMOS, A. C. Novas tendências do Direito dos Refugiados no Brasil. In: JUBILUT, L. L.; GODOY, G. G. (orgs.). **Refúgio no Brasil: comentários à Lei 9.474/97**. São Paulo: QuartierLatin/ACNUR, 2017.

RIBAS, C. V. La migración en Venezuela como dimensión de la crisis. In: MAYA, M. (org.). **Pensamiento próprio**. Buenos Aires: Cries, 2018. p.91-128.

RIBEIRO, D. **Lugar de fala**. São Paulo: Sueli Carneiro, Pólen, 2019.

SANTIAGO, M. M. L. **Efeitos de credibilidade no jornalismo de opinião: heterogeneidade e subjetividade na crítica política ao governo Temer**. 2018. Tese (Linguística do Texto e do Discurso) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

SILVA, P. H. **Os gêneros jornalísticos e as várias faces da notícia**. 2007. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Letras e Linguísticas (ILEEL), Universidade Federal de Uberlândia.

SILVA, F.C.; COSTA, E. J. O potencial de Minas Gerais no desenvolvimento da competência intercultural dos alunos de PLAc. **RECORTE – revista eletrônica**, Três Corações, v. 16, n.2, p. 1-15, 2019.

SIMÕES, Gustavo da Frota. Considerações sobre o perfil dos migrantes venezuelanos para os países da América do Sul e Caribe. **Observatório Militar da Praia Vermelha**. ECEME: Rio de Janeiro. 2020.

SODRÉ, M; FERRARI, M. H. **Técnica de redação**: o texto nos meios de informação. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1987.

\_\_\_\_\_. **Técnica de reportagem**. São Paulo: Summus, 1986.

SOUZA, M. R. **Políticas Migratórias do Brasil**: os limites do Programa de Interiorização para indígenas Warao da Venezuela. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Administração Pública e Políticas Públicas) – Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política, Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu.

TRAVASSOS, T. Aspectos funcionais e organizacionais do gênero capa de jornal. **Revista Encontros de Vista**, Recife, v.2, n.8, p.95-111, 2011.

Disponível em: <http://www.journals.ufrpe.br/index.php/encontrosdevista/article/view/4471/482484193> < . Acesso em: 14 jan. 2022.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

**ANEXOS**

## **ANEXO 1: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DOS PARTICIPANTES (TCLE)**

### **Prezado(a):**

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa, ligada à Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, que tem como título(provisório): *A migração de venezuelanos para o Brasil: entre representações sociais e narrativas de vida*. O objetivo dessa pesquisa é conhecer a história de vida de migrantes e refugiados venezuelanos que vivem atualmente no Brasil.

Se você concordar em participar, deve estar ciente de que sua entrevista será coletada para análise. Essa entrevista poderá ser feita em seu local de trabalho/estudo, em sua residência ou em outro local, conforme for melhor para você, em dia e horário a serem combinados previamente. Você terá em torno de 15 a 30 minutos para responder à questão geral: *Conte-me como você vivia antes e como vive atualmente, ou seja, eu gostaria de saber como era sua vida na Venezuela e como tem sido aqui no Brasil*. Você poderá se manifestar livremente sobre essa questão, pois não estará sendo julgado por suas opiniões ou crenças. Não haverá, portanto, maiores riscos para você durante o processo.

As informações que você me fornecer serão gravadas, mas, assim que forem transcritas, a gravação será destruída. Se você achar mais fácil contar sua história por escrito, tem liberdade para isso. Basta me comunicar. Nesse caso, também destruirei seu texto tão logo ele seja digitalizado.

Esclareço ainda que seus dados só serão utilizados em trabalhos acadêmicos (artigos, apresentações em congressos etc.) e que você não será identificado, ou seja, seu nome será mantido em sigilo (usarei um nome fictício para me referir a você). Excluirei também qualquer outra informação que permita identificá-lo. Assim, todo cuidado será tomado para evitar sua identificação.

Você tem a garantia de que, em qualquer momento da pesquisa (antes, durante ou depois da sua realização), poderá recusar-se a participar ou retirar o seu consentimento, o que resultará na imediata exclusão dos seus dados. Além disso, você poderá deixar de responder a alguma questão proposta sempre que se sentir pouco confortável em relação ao(s) assunto(s) tratado(s). Seu silêncio, nesse caso, será respeitado.

Sua participação é voluntária, não implicando, portanto, qualquer pagamento da minha parte. Também não haverá qualquer gasto de sua parte.

Ao contar e permitir que eu divulgue sua história sobre que é ser/o que é viver em um país estrangeiro, com as dificuldades, os obstáculos, os desafios, mas também as conquistas que isso implica, você estará me ajudando a conscientizar as pessoas para que sejam mais humanas e solidárias para com os migrantes e refugiados, evitando toda forma de intolerância e preconceito.

Coloco-me à sua disposição para esclarecer alguma dúvida que você possa ter em relação à pesquisa. Abaixo, deixo minhas informações de contato, bem como o endereço e o telefone do Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG. Esclareço, finalmente, que se houver alguma dúvida ética em relação a sua entrevista, você poderá ser contatado novamente.

Agradeço sua participação.

Maíra Ferreira Sant'Ana

Rua Ilacir Pereira Lima, 267, apartamento 303, bloco 03, Bairro: Silveira – Belo Horizonte, MG - Telefone: (31)98646-0622

Comitê de Ética em Pesquisa/ UFMG - Unidade Administrativa II - 2º andar

Av. Antônio Carlos, 6627 - Bairro: Pampulha - Belo Horizonte, MG

Telefone: (31)3409-4592 - E-mail: cep@prpq.ufmg.br

Caso você queira participar, peço que assine este documento em duas vias, dando o seu consentimento. Uma via ficará com você e a outra, comigo.

---

Maíra Ferreira Sant'Ana (Pesquisadora responsável)

Belo Horizonte, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2020.

Nome do voluntário: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_



**ANEXO 2: FICHA DE ACOMPANHAMENTO E CONTROLE DO PROJETO<sup>104</sup>**

<b>I) Dados do projeto</b>
Nome do projeto:
Pesquisador:
Instituição patrocinadora:
Entrevistador:
Tipo de entrevista (gênero):
Local e duração da entrevista:

<b>II) Dados do colaborador</b>
Nome completo:
Gênero:
Local e data de nascimento:
Data em que chegou ao Brasil:
Data em que chegou a Belo Horizonte:
Endereço atual: Rua <span style="float: right;">número:</span>
Bairro: <span style="margin-left: 150px;">Cidade:</span> <span style="float: right;">Estado:</span>
Profissão anterior:
Profissão atual:
Estatuto jurídico:
Observações:

<b>III) Dados dos contatos e da entrevista</b>
--

<sup>104</sup>Baseada em Meihy e Holanda (2013, p. 145-147) – modelo adaptado.



ANEXO 3: NORMAS BÁSICAS PARA TRANSCRIÇÃO<sup>105</sup>

Ocorrências	Sinais	Exemplificação
Incompreensão de palavras ou segmentos	( )	do nível de renda... ( ) nível de renda nominal...
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	ecomé/e reinicia
Entonação enfática	maiúsculas	porque as pessoas reTÊM moeda
Alongamento de vogal ou consoante (como s,r)	: : podendo aumentar para : : : ou mais	ao emprestarem os... éh: : : ... o dinheiro
Silabação	-	por motivo tran-sa-ção
Interrogação	?	e o Banco...Central...certo?
Qualquer pausa	...	são três motivos...ou três razões... que fazem com que se retenha a moeda... existe uma...retenção
Comentários descritivos do transcritor	((minúsculas))	((tossiu))
Comentários que quebram a sequência temática da exposição; desvio temático	----	...a demanda de moeda -- vamos dar essa notação -- demanda de moeda por motivo
Superposição, simultaneidade de vozes	ligando as [ linhas	A. na casa da sua irmã [ B. sexta-feira? A. fizeram lá... [ B. cozinham lá?
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)	(...) nós vimos que existem...
Citações literais, reproduções de <i>discurso direto</i> ou leituras de textos, durante a gravação	” ”	Pedro Lima... ah escreve na ocasião... “O cinema falado em língua estrangeira não precisa

<sup>105</sup> Elaboradas por CASTILHO, A.T.; PRETI, D. *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*, v.II: Diálogos entre dois informantes. São Paulo: T.A. Queiroz/EDUSP, 1986, p. 9-10. Extraídas de KOCH, I. G. V. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2006.

		de nenhuma barreira entre nós”...
--	--	--------------------------------------

## ANEXO 4 – ENTREVISTAS COM OS PARTICIPANTES

### EDELMIRA

E: Conte-me como você vivia antes e como vive atualmente, ou seja, eu gostaria de saber como era sua vida na Venezuela e como tem sido aqui no Brasil.

E: O sea... yo relato mi vida ya en Venezuela? o sea que yo hacía... qué: : : ... es que: : : bueno... en Venezuela... es que: : : ... ((risos)) yo no sé como comenzar... es que: : : vamos a ver... es que en Venezuela: : ... bueno... yo soy la: : ... tercera... de: : siete hermanos que somos... es que: : : mi mamá y mi papá... mi mamá se llama M.C. y mi papá se llama N.C... es que: : : actualmente tengo veinte y ses años... veinte y cinco... voy a cumplir veinte y ses si Dios quiere ((risos)) ... es que/ y bueno... ante/ yo: : : ... soy: : indígena... de la etnia Warao... del estado de Delta Amacuro... de Venezuela... mi raíces son: : indígenas... y: : ... yo: : : estudié: : ... ehn... viví en la comuna/ una comunidad indígena... hasta los once años... de los once años... es que: : me fue para la capital del estado Delta Amacuro... que se llama: : Tucupita... donde ahí... esté: : : realicé mi estudio: : lo que llamamos en Venezuela secundaria... y después de la secundaria viene la universidad... me gradué: : de: : bachi/ bachillerato... en el Liceo X... con la ayuda de mis padres... y en: : : en: : : estudié... la/ en la universidad: : ... es que: : enfermería... técnico superior en enfermería... en la Universidad: : ... Y... una universidad: : : que era privada... y después fue pública... en el gobierno... de: : Chávez... cuando estaba Chávez... y uhn éh... el presidente Chávez... y después... hum... me gradué en dos mil quince... de: : tengo nivel superior en enfermería... tuve dos años sin: : : sin: : : trabajar y sin estudiar... lo que hacía era es... es que: : ... trabajar en casa de familia... o en: : : en lo que saliera pues... mientras esperaba un trabajo... de la carrera que me gradué... pero en este tiempo ya estaba muy difícil... encontrar trabajo... porque lo que encontraban trabajo eran: : : personas qué: : : tenían relación: : con el gobierno... mas como yo no era política... ni: : / nada por ese estilo y no tenía conocido un político... no pude encontrar trabajo... y en: : : dos mil e: : siete... escuché/ ahn mientras que no hacía nada también hacía: : ... cursos... y: : realicé un curso... en la/ en lo X... que: : esta institución se encarga en atención... de emergencia hospitalaria... hizo un curso allí de brigadista... culminé ese curso... mientras culminé ese curso escuché: : ahí yo estaba haciendo un curso de: : : de: : : para realizar un curso de la Policía Nacional... el primer curso que van a realizar en... en el estado... y bueno me inscribí... hice el curso: : durante: : ses meses... saliendo... es que: : : este curso lo realicé: : en... en Tucupita... y: : : después de lo/ del curso... después de la aprobación nos mandaran tres meses de entrenamiento para Caracas... para la capital de Venezuela... tres meses en entrenamiento... dónde: : : tan/ fue un poquito difícil porque ya la crisis estaba... ahí ya uno tenía que resol/ uno tenía que... que costear sus gastos... tuvimos como dos meses sin recibir: : ... uhn... beneficios y nada... solamente unos dos meses... cubriendo su gasto... ya todo estaba caro... pasaje comida todo... ya es algo ya... la situación de Venezuela estaba... crítica... bueno ya estaba empezando su crisis... a los tres meses recibí mi primer sueldo... que fue: : : lo/ el veinticinco de noviembre por ahí así... ya casi llegando diciembre... y: : en: : diciembre ahn nos pagaran no/ tuve tres meses en Caracas... tres meses... digo no... ses meses en Caracas... después de los ses meses... estuve/ es que nos mandaron para nuestros estados... pues que fuimos el primer... la primera promoción de la Policía Nacional... es que: : que nos mandaron para: : para nuestro estado... porque siempre la Policía Nacional... los graduaban... es que: : yo me gradué... de Policía Nacional... en: : la Universidad... X... y es que los graduaban... y los dejaban trabajando en la capital... de Caracas... se tu vivía en un estado lejos de Caracas no importa... igual te dejaban trabajando... en Caracas pero nosotros fuimos el primer... el primero: : el primero esté: : grupo por ahí... de los estados que nos mandaron para... para nuestros

estados y ya es que... ya en ese tiempo ya estaba... la situación crítica... ya todo/ ya todo estaba caro... y mientras que yo trabajaba... es que: : : duré/ duré: : un año y medio trabajando... en el doce de enero... nos mandaron para: : el doce de enero de dos mil... dieciocho... nos mandaron para: : nuestros estados... y allá trabajé como: : un año y medio... hasta el: : : ... dieciséis de abril de mil novecientos/ de: : : de dos mil nueve... qué me/ que decidí venirme para Brasil... porque decidí venirme para Brasil? porque la si/ es que: : lo que yo ganaba... no alcanzaba para nada... y: : donde yo trabajaba era muy estricto... yo trabajaba quince días por... / quince días trabajando por cinco días libres... lo poquito que yo ganaba lo gastaba en esos quince días... iba para mi casa... sin nada... porque: : : ya lo gasté en los quince días trabajando... y: : : es que: : por lo menos... yo vi esto/ yo trabajé: : en la Policía Nacional en: : : ...primero trabajé en el: : ... operativo... operativo es/ es trabajar en la calle... y después trabajé administrativo... tuve/ tuve: : ses meses trabajando administrativo... administrativo y después... antes de/ es que: : : cuando yo trabajaba administrativo era: : coordinadora de... S... es que: : me dieron ese cargo... pero duré poco porque... decidí venir/ venirme para/ para Brasil... y: : : pero mi hermana... mi hermana mayor... ella se había venido primero... y para venirme yo la llamo a ella por teléfono... y le digo que cómo: : era aquí Brasil... o sea si yo podía venirme para acá porque ya la situación de Venezuela estaba muy... crítica... y bueno... eso simplemente porque aquí por lo menos no es/ es difícil... pero se consigue algo con/ más que Venezuela porque... la situación era crítica... y bueno... y ahí yo le informé a mi papá... “papá... es que: : yo me voy a ir... para Brasil porque aquí ya no está para nada... no hay nada... la comida... es que: : ya: : : el sueldo no alcanza ni para medio comer nada nada nada no no” ... y ahorita la situación está peor... y bueno...y él dice “va te” ...y yo digo... “bueno está bien” ... y en estos días... para los pri/ finales de abril... me dice mi prima... ella me dice... es que: : “yo me voy los primeros días de mayo... vámonos juntas” y bueno... nos/ nos venimos juntas en dos de mayo... salimos de... de... Tucupita... y: : : es que: : fue muy difícil salir de Venezuela porque ya cuando uno sale no es... diferente/ es dife/ es muy: : ... no vas a salir para un estado cualquiera... si no es algo más lejos de: : : tu país... donde cuando tú pisas... no sabes cuándo regresar... ((choro)) yo tengo dos sobrinitas pequeñas... son como a mí/ mi tía... porque yo la he visto... ((choro)) cuando yo era niña pensaba en ella... pensaba en mí/ en mi mamá... en mi papá... ((choro)) dejamos todos allá... cuando llegó mi prima... mi prima venía con sus dos/ con sus dos niñas... una de un año y otra de tres años... llegamos a Pacaraima el: : el tres de: : : de mayo... pero antes de llegar mi prima...llegamos a: : : Santa Elena... Bolívar... mi prima siguió adelante... porque ella tenía dos niñas... y en Venezuela la frontera estaba cerrada... y ella: : ella tenía que pagar su: : el pasaje que es por troja... pero como yo no tenía que pagar pela pasaje de troja... yo me vine: : : yo me vine dentro del ( ) pero caminando... ellas fueran en carro y yo me vine caminando... con un grupo de venezolanos... eramos bastante... entre niños: : es que: : personas mayores y hombres... yo me vine solita... solita porque mi prima ya: : había venido con sus niñas... ella me dice... “te voy a esperar allá en la línea pues ahí donde está no voy poder pero voy esperar allá” ... y bueno... ahí fue yo: : me vine... pasamos... así como un río caminando... la montaña caminando... y bueno llegué caminando a la línea de: : de Santa Elena... llegué caminando hasta donde acampar pero... hasta/ pero: : : hasta cierto punto caminé sola... con gente desconocida pero sola... que mis hermanos en/ mi hermano... también estaba en la línea... mi hermano mayor y mi hermana... mi hermana estaba en un refugio... y mi hermano estaba viviendo en la calle... mi hermano se enteró que uno viene caminando y me fue a buscar caminando... porque decía que era muy peligroso y sabía que yo iba sola... nos estuvimos tres días en la línea... tres días sacando papeles... es que mi prima sacaba los papeles rápido porque andaba con las dos niñas... yo tenía que esperar... que atendieran primero a los... los de prioridad... niñas con sus/ es

que: : mujeres con sus hijos... familia... pero como yo andaba sola... “no, después ok” ... sacaban mis papeles después que se sacaban a mi prima... es que: : y para entrar al refugio... en Pacaraima... o sea para los tres días... se podían quedar refugiado en Pacaraima allí... en el ( ) creo... y yo lo dice... no es que: : solamente que abrigan... a las personas... que: : : que tienen hijos... y: : : y discapacitados... allá hombres solteros y mujeres solteras no los abrigan... esos tres días mientras que estamos sacando papeles... y bueno... es que uno habla yo hablaba mis primas me acompa/ mi prima mi hermana... ya mi hermana estaba ahí... hablaban... decían... “no porque ella va a dormir solita en la calle si no la dejan y...” / y dice... “bueno... tiene que esperar que entre todo el mundo... si queda vaga... ustedes entra... ella entra... sino no no puedo entrar...” yo esperaba lo Último... lo Último que... cuando las personas ya se/ como si “ah ta bien... pasa!” ... y ahí yo pasaba... para dormir allá... adentro... y en la mañana otra uno venía a sacarme... y después culminaba/ mientras que la dirigencia del papelero... nada... estuvimos tres días sacando documentos en Pacaraima... y bueno... a los tres días mi prima se vino... para Boa Vista... y yo me quedé esperando a mi: : hermana... y: : mi hermana tiene dos niñas... ya tenia/ había tenido problema con su esposo... y él ya así volvió para Venezuela... yo le dije a mi papá que no adolece... que la situación está muy fea en Venezuela... que no te vayas por las dos niñas... porque se te enfermas como... le van a atender... ((choro)) y bueno... tuve dos semanas esperando a que mi hermana... mi hermana estaba trabajando como docente... como maestra... en un abrigo... y según ella esperó que le paguen y no le pagó... para Bo/ venimos para Boa Vista que estaba... mi prima... la hermana y mi prima con quien yo me... /y allá... de vez en cuando ya vamos para allá porque para Venezuela tú no te puedes volver... y hasta hoy es así porque no puedes a volverte con las dos niñas... bueno y ahora estaba en ( ) para ir para Boa Vista... bueno si no... / si prácticamente... si no fuera por eso yo tenía vuelto para Venezuela... bueno me vine para Venezuela... ((suspiro)) es que: : : me vine/ que digo... me vine para Boa Vista con mi hermana... tuvimos tres meses... no/ un mes... viviendo como en un campamento... donde estaban puro venezolanos... como criollos e indígenas... en este mes... fue muy: : muy: : o sea... la higiene no era adecuada para las niñas... era ambiente... era muy muy feo así... las niñas se enfermaron... la: : : la última... la: : de un año... le dio: : : hasta diarrea... vómito... se puso flaquita flaquita... esté se desnutrió en un mes... se desnutrió... allí en Boa Vista... y bueno... y este... en este campamento llegaban: : instituciones así como la O. y hacían visita... en esta visita mi hermana aprovechó hablar con: : : muchacho... con: : con un coordinador de protección por casualidad de la vida que gracias a Dios... mi hermana habló con él... diciéndole que ella tiene dos hijas... que en un ambiente como aquél sucio... cómo que su hija/ sus dos hijas van a estar ahí... y él de la O... de protección... él dijo... “vamos a ver qué podemos hacer... dentro de cuarenta y dos horas te damos: : te damos esta respuesta”... y ella me dice: : / que digo y ella/ y ella le dice... “bueno está bien”... bueno... pasaron las cuarenta y dos horas y no... nada... no pasó nada... como una semana después fuimos para: : : para la 'rodoviária' que era en Petri ... para Petri... dónde está: : : dónde sacan los documentos... y donde hacían lo proceso de interiorización... pero nosotros ya habíamos escuchado sobre el proceso de interiorización... por/ queríamos interiorizarnos desde el principio porque en Boa Vista no se encontraba trabajo... nada... tuvimos un mes ahí en el campamento... y sin poder salir tampoco porque te/ teníamos... yo acompañaba a mi hermana con las dos niñas... y cuando salía no se encontraba nada... y todo el mundo decía... aquí en Boa Vista no hay trabajo no hay vida... hay muchos venezolanos... y los brasileros le tienen rabia de los venezolanos por la mala conducta porque hay venezolanos que... que: : hicieran cosas malas... pues... en Boa Vista hay muchos venezolanos y ahora no se puede encontrar trabajo... y bueno... nosotros... tuvimos un mes ahí... después... mientras estábamos escuchamos el proceso si no que

están interiorizando para otros estados... donde sí hay fuente de empleo... y: : : mi hermana dijo... “nos vamos a interiorizar”... fuimos para Petri que queríamos interiorizarnos... cuando: : fuimos para hacer el proceso interiorización en Petri... nos encontramos con el/ con: : el señor que había hablado en el campamento... sobre: : lo abrigo... solicitando abrigo... y yo le digo... “M... vea... ya está!” ...mi hermana se llama M... “esté: : allí está... este señor con que tú hablaste... será bueno irse”... y dice así... y ella dice... “sí, yo voy allí”... ella fue... y ella hasta lo habló que la niña estaba flaca... yo me quedo con las niñas y ella se fue hablar con el muchacho... con el señor... y el señor: : le dice... “no... todavía tiene que esperar...” y después yo he llevado a las dos niñas... he llevado a las dos niñas y me devolví... y viene... y él dice... “tu andas con esas dos niñas?” “sí” “tu sola?” “no... con mi hermana”... sabía la... la situación como estaba... la niña y como estaba... como ella andaba con dos niñas... una niña de dos años que todavía no había cumplido tres y otra de uno... ella solita con mi... y la otra desnutrida... la pequeña... se dice así entonces... “te vamos a... a dar abrigo... te vamos a dar abrigo porque: :”... la verdad que... se ha visto la condición de la niña en verdad que necesitas abrigo... ah bueno... esté: : ... “te vamos a dar abrigo pero a tu hermana no” a mí no me dio nada... “porque tu hermana ya es mayor de edad y las que están mayor de edad... ya entran en abrigo de soltera... pero tiene que entrar... tí/ tiene que inscribirse en el listado de mujeres solteras” ... hay una cantidad de mujeres esperando abrigo... y la dejó con el: : : con otro muchacho que se llama A. si me acuerdo el nombre de él... A. de protección de la O.... digo que no me acuerdo si es de la O. o de la : : /no me acuerdo... pero es de protección... y ella le explica que: : ella está sola... con las dos niñas... y conmigo... y él le dice... “pero cuantos años tiene tu hermana?” ... “tiene veinti/ tiene veinticinco” “ay no... pero para tu hermana entra en abrigo de soltera” y ella dice “no... pero es ella que... ella es quien me ayuda” “ah bueno sí... voy 'olhar'... como tú vas a estar sola con las dos niñas? te vamos a meter allá también” “ah no no no”... nos metieron en un abrigo... allí nos atendieron muy bien la O.... la O. y la: : ... / esté: : ... nos hicieron los trámites rapidito... nos dieron el carnet... para entrar en el abrigo y... “nosotros mismo lo vamos allá... lo vamos a llevar a ustedes al abrigo”... y nos fueron... “este dónde / donde están viviendo ustedes?”... “nos estamos viviendo en un campamento”... se no me olvidó ese nombre del campamento... en C.... C.... esté: : “estamos viviendo en C.”... “ah sí... vamos allí a buscar las cosas de ustedes... pero van a recoger las cosas de ustedes rapidito y si van para/ y no vamos llevar para el abrigo... y voy a pagar”... y él... A.... paró un taxi y el mismo nos fue a buscar las cosas y nos/ nos llevó nos dejó al frente de la casa donde vamos a dormir... se portó muy bien con nosotros A.... y bueno... tuvimos ahí... yo estuve ahí... hasta: : : que me vine... ahan mientras que esta/ que entramos al abrigo... mi hermana empezó hacer curso... alguien tenía que quedar con las dos niñas y yo me... yo me quedo mientras que mi hermana hacía ese curso yo me voy a (cuidar) das niñas... ella hice un curso de dos meses... ella ter/ culminó su curso culminó cuando iba ahan... culminó su curso como en finales de noviembre... cuando iba terminar su curso... yo salía sin ese curso... en la hora yo se quedaba con las niñas... y bueno... ella no perdió lo interese para la interiorización... en el proceso de la interiorización que estábamos haciendo el traslado de interiorización para... poder salir de Boa Vista... es que: : : ... fuimos varias veces para PETRI... para poder cadastrar... pero: : el día que nos dieron abrigo... A. mismo... nos... nos dije... nos dio: : : la oportunidad que pasásemos directo... de una vez para el catastro para interiorización... pero cuando: : nos vamos a cadastrar... el: : : el militar me dijo no... me pregunta a mí por cédula... pero ya no/ ya: : me habían caracterizado por la cara... que él me dice “la cédula”... y yo estaba con cédula... y él “hum”... “cédula” dice... esté: : venezolana... de este pueblo indígena Warao... donde nos identifican como indígena... y él dice... “no... ustedes no pueden ser interiorizadas... a los indígenas no les/ no le están interiorizando”...



pero ya nosotros habíamos escuchado eso... que a los indígenas no lo/ no lo iban a interiorizar... y bueno... es que: : : nosotros... “no... vamos a seguir intentando... nosotras... nosotras somos profesionales”... dice mi hermana... mi hermana es profe/ esté: : es ingeniería de sistemas... yo soy enfermera... nosotras tenemos un título y por lo menos con eso no tiene que tomar aunque sea en cuenta... este: : pero ya decían... “no ustedes no: : no la van a poder interiorizar...” y ese día... el militar nos confirmó eso... porque?... este: : : el militar dijo... “ustedes no pueden ser interiorizadas por qué son indígenas... y la los indígenas no le están interiorizando”... y mi hermana dice... “pero porque? nosotros también tenemos derecho... ella es Policía Nacional y es enfermera... yo soy ingeniera... porque no?” “no... ustedes no pueden ser interiorizadas y a ustedes tampoco le pueden firmar la cartera de trabajo”... me dice mi hermana... “pero porque no me van a querer?”... eso es menti/ mi hermana dice... “eso es mentira... a mí me firmaron la cartera de trabajo”... porque mi hermana trabajó con: : ... con: : : : este: : : : se me olvidó allí... un... un instituto de inmigrantes también... que le firmaron la cartera... y ella me dice... y ella le dice... “no... a mí me firmaron la cartera... vea”... y le mostró la cartera al militar... pero el militar con: : ... con su conducta también así como mi hermana le dijo... “tú... ustedes... lo que están es discriminando”... “no no no estamos discriminando”... y ahí sí nos estaban discriminando... y le dice... “sí... aquí tengo mi cartera firmada” le dice mi hermana al militar... y el militar queda viendo... esté: : se queda viendo la cartera de trabajo... y agarra y se mete para adentro... y nos deja allí... y se mete para una oficina... y esté: : y aún dice: : “esta cartera está mala... porque ustedes no lo pueden firmar la cartera de trabajo... pero no es... ese ( ) a ustedes no le pueden interiorizar”... y bueno ehn... y: : : nosotros quedamos viéndonos la cara... y: : con una indignación por qué: : tanta gana que teníamos de interiorizarnos... ((choro)) y uno no/ salíamos de allí... con las/ con las dos niñas pequeñas... y en/ en este momento... porque las niñas estaban enfermas... y apeamos allí... ahn... la niña se hizo popo... la mayor... ensució todo y empezó hacer popo... y bueno... ahí yo rapidito y naturalmente la limpiamos y salíamos... y A. dice así... A./ este dice... “se lograron cadastrar para interiorización?”... y yo le dice... mi hermana ya que: : / mi hermana es más... ella qui habla más y se pone más pilas que yo... y dice... “no A. no... es que nos dijeron que nosotros no lo poden interiori/ interiorizar porque somos indígenas”... y bien le dice... A... A. puso la mano en la cabeza y dice... “ya no es la primera vez que está pasando eso con... con los indígenas... yo voy hablar con mi jefe eso para ver que lo que está pasando porque ellos no pueden hacer eso”... y bueno... fuimos para/ es que: : nos llevó para el abrigo... nos llevó para el campamento y después otros no van/ esté nos llevó al abrigo donde van/ donde estuve hasta: : que vine... y: : : esté: : : como ya dije que mi hermana hizo el curso... después que mi hermana hizo el curso/ ah no... esté mientras estábamos en el abrigo... no que no nos quedamos conversando... “nosotros nos vamos a interiorizar”... fuimos para la J... fuimos para: : para A... dónde están interiorizando... y la J. es que: : también: : ( ) no... y tampoco van nos interiorizar porque somos indígenas” ...ah y tampoco no van hacer... porque son indígenas... pero porque no no no... nosotros queremos interiorizar... aquí no hay trabajo... aquí cómo vamos a vivir? nosotros lo siempre vamos a vivir en el abrigo? el abrigo es... / solamente nos dan comida más nada... bueno y un lugar donde... donde dormir... como? y bien lo dice... y nosotros caminamos... allí el sol de Boa Vista es caliente y todo queda lejos... y el pasaje es caro... y como en principio no trabajaba... nosotros caminamos con las dos niñas... y dos amigos... dos amigos que... vivían en el campamento... y ellos nos acompañaban pues también buscaban manera de interiorizarse... fuimos para: : ...la J... “no tienen que hacer este: : tienen que cadastrarse... pero para/ para hacer este catastro... tienen que/ qué: : : como hay muchos venezolanos... y ya: : : los venezolanos mismos... hacían cola así como: : / hacían su cola días muchos... mu/ hasta días antes del día que van a cadastrar... y había un listado... y

bueno nosotros no/ nosotros nos botamos en el listado... mi hermana... los amigos y yo... nosotros porfiando por... los cuatro indígenas... porfiando para cadastrar nos... y: : teníamos que ir todas las noches para/ como para marcar la cola... y pasaba un listado... cuando pasaban ese listado cada quien se podía ir para donde dormían... pues ( ) íbamos pero hubo días que mi hermana no puede a ir porque... las niñas se enfermaron... no podían largar las al sereno... y bueno... iba yo solita... y siempre buscaba alguien para que... estuviera como presente de ella en ese momento... y los amigos decían... “no... ella es mi esposa”... es que diciendo que era mentira pero éramos puros venezolanos... de la lista... de la lista para poder cadastrar... eso fueron como tres semanas... esperando mientras que va hasta en la noche... íbamos a hacer la cola... nosotros: : : también íbamos para A... esté: : : decidimos ir para A. porque esté: : una: : una vecina que compartíamos carta... y ella dice.../ y ella llegó... después que nosotros llegamos en el abrigo... ella dice “yo me/ yo estoy aquí por un día y nada más porque a mí me interiorizaran”... bien le dice... y nosotros le explicamos... “no/ nosotros... nos queremos interiorizar... pero a nosotros no nos quieren interiorizar porque somos indígenas”... “como va ser eso? mas eso es discriminación” ...una venezolana... “a mí me ayudó esté: : en A. un muchacho... él es muy bueno... él es venezolano... él se llama D.”... y bueno nosotros fuimos... “ah bueno... está bien... yo le hablo / le voy a hablar de ustedes”... y bueno antes de venir / antes de viajar... de salir de Boa Vista ella/ ella nos dijo... “ya yo hablé con D... D. dijo que vaya para A. y que lo busquen que él va a ver qué va hacer por ustedes”... fuimos para A... caminamos... todos los días para A... en pleno sol con las dos niñas... en este proceso de interiorización... esté o sea intentando interiorizar... las niñas daban las manos unas as las otras... a la última le salió ( ) en la nuca ((choro)) por el sol... y bueno ((choro))... fuimos hablar con D... D. dice/ bueno mi hermana era la que hablaba... le explicó... “no... a nosotros no querían interiorizar... porque somos indígenas”... “ah... pueden hablar con el padre”... déja/ déjame tus documentos... hablar/ es que: : dejamos los documentos de los cuatro... y para... ((choro)) primero no entendía bien... no entendía... después no oí nada... no oí nada... a todos los días y todos los días íbamos para A... hasta que en fin de una semana indo para A... y bueno... el señor es/ la última vez que fuimos para A. y hablamos con él... mi hermana le dijo... ..“pero no nos ayuda... no nos ayuda nada!”... y él dice... “ah... no es... es que: : : es pela condición de ustedes”... o sea ya: : : no no explicaba nada... si nunca decía... no se arreciaba... nos ignoraba... cuando llegábamos allá nos ignoraba... y bueno... es que la última vez que fuimos... mi hermana y yo... con las dos niñas... y bueno... y ya lo que le dijo... un año para llegar a no esté.../ o que sea... para coger ese pañal porque nosotros veíamos que habían pañal... y dio... nos dio: : : cuatro paquetes de pañal... dos para cada niña... y de ahí cómo nos dimos cuenta que nos ignoraban... y percibió que ya no iban nos ayudar... dejamos de ir... dejamos de ir... solamente fui a realizar un curso ahí que decía... “no... estamos haciendo un curso” y fue para allá... hice y realicé el curso allí... de estética... y mientras es que: : después... en los J... es que: : me logré cadastrar... mi hermana también se logró cadastrar... pero mas no: : : nunca salió: : : en la inte/ la interiorización... y esté: : y no: : ah y no: : en la recepción... “pero hablen con el padre... porque la gente aquí/ el padre encargado de la J... hablen con el padre”... y mi hermana dice... “no... nosotros no queremos es que: : no queremos hablar con el padre... porque: : si salimos a una interiorización y nos vengas nosotras sé lo que van a decir... que no... no van a querer interiorizar por ser indígena”... “no... el padre es bueno... es bonísimo... ese padre es bonísimo... entiende la gente” ay mi hermana... “ah bueno vamos a ir”... fuimos para el padre... la primera vez... nos dijo... “no usted es que... ustedes se tienen que cadastrar/ se tienen que cadastrar para la interiorización”... pero ya habían encerrado el catastro... pero... nosotras logramos cadastrar... “ustedes se tienen que cadastrar”... y mi hermana...

“pero nosotras ya cadastramos!” “cómo es eso? quien cadastró ustedes? quien? no haya! no! no! a ustedes no pueden cadastrar!” primero dijo 'ustedes tienen que cadastrar' y después dijo 'no! Ustedes no si pueden cadastrar... yo no voy a meter en problemas!' esté: : y mi hermana le dijo... “no... es que nosotros nos queremos interiorizar”... “mas ustedes no pueden ser interiorizadas... yo las entiendo ustedes que”... hablaba... se contradecía como si quería ayudarnos y después... nada... y bueno... y nosotros... ai... nada... nada no habían que no no podían interiorizarnos... pero cómo vamos a hacer... esté: : “no... no se pueden interiorizar porque son indígenas”... la primera vez que hablamos con el padre... “bueno pero ahora ustedes se cadastraron y va a estar en uno... el catastro...” ya pasara/ pasara un tiempo... “vuelve a hablar con el padre!”... pasaran como dos meses... vamos volver a hablar con el padre... mi hermana era la que hablaba porque ella era como la cabeza de la familia... y ahí... la última vez que ella habló con el padre él le dijo... “no es que ustedes no pueden ser cadastradas... como ustedes dos van a trabajar... quien más cuidará e l das niñas?”... y ella decía... “no pero es que yo no puedo trabajar yo puedo cuidar a mi niña pero mi hermana ella puede trabajar... ella pues/ ella puede estar en/ ella sí se puede interiorizar”... “no... es que ustedes no pueden ser interiorizadas porque yo me voy a meter en problema... es que la sangre de ustedes... no pueden! no no! ustedes tienen sangre que no pueden! no pueden! no pueden ser interiorizadas!”... y aún mi hermana así estaba hasta molesta y lo dijo “padre como usted vas a decir eso !? usted crees en Dios? usted crees en Dios padre? pues nosotros creemos en Dios... y si lo que te corta es la sangre... otro sangre... y si tu te corta la sangre es que la mano también bota sangre... tenemos la misma sangre padre... porque no nos quiere interiorizar?” “no es que no es que: : que: : es que los indígenas no pueden salir de: : de: : de la zona: : :” no sé... qué es co/ una ley de aquí que no pueden/ que los indígenas no pueden salir... “pero como padre... si nos está ( )”... “no no! es que no... como va hacer tu con sus dos niñas?” está buscando excusa pues... “no tu hace... como tu vas a trabajar con esas dos niñas? y si el papa viene... yo me voy a meter en problemas!” yo digo pero/ ella dice “pero... solo metemos nos en problema porque no interiorizan nos... nosotros queremos a trabajar... nosotros somos profesionales... como/” “no no usted no puede ser interiorizada”... y bueno esté: : bueno... ahí dejamos de ir para la J.... mi hermana hacía curso... yo hacía... yo cuidaba de las niñas... cuando mi hermana terminó su curso... yo empecé... a también hacer mi curso... los/ los últimos días en noviembre y los primeros días en diciembre... yo hice el curso... y éste: : : y algunas veces ella tenía curso... y también yo tenía curso y bueno... la vecina nos cuidaba a: : a la/ a mi sobrina... no/ y ella se ofrecía... “no... ahora nos podemos cuidar... usted vas a hacer tu curso”... y esté: : y también mientras hacía el curso de eso... nos encontramos a A.... y a otra no/ y A. nos lo dijo... “si/” le dijo a M. pues... “sí M.” porque se sabía hasta el nombre de mi hermana “sí M.... esté: : : nosotros ya hablamos de eso con nuestro jefe... y ellos dijeron que: : : qué eso es un proceso... que son la ley... que en Brasilia que tuvieron eso... que a los indígenas no pueden ser interiorizados... lo más lejos que pueden llegar los indígenas... es al Manaus”... “pero como? porque?” “no sé M.... nosotros vamos a ver... y éste: : : se están luchando para que ustedes lo interiorizen... se están luchando... pero eso va: : vas a tardar... puede durar meses M.... tienen que tener paciencia mientras tanto... es que están aquí en abrigo”... y bueno “ai no! nosotros nos queremos interiorizar... que no estamos trabajando... como vamos a vivir... nosotros tenemos familia en Venezuela... queremos mandarles”... ((choro)) tuvimos todo ese tiempo sin hacer/ sin trabajar... allí en Boa Vista... y bueno... ((choro)) esté: : : ah! y escuchamos... la primera vez... siempre escuchamos del curso de la J.... “no... vamos hacer un curso de atención a cliente en J.”... y mi hermana me dice... “( )... como ya hice ese curso haga tú y yo me quedo con/ con las niñas”... y bueno... fuimos para/ fue... me inscribí... y era por selección también el curso... y justamente fueran

veinte personas... que eran veinte para el curso... ahan como son veinte personas... solamente... hace/ no si hace selección... van hacer ustedes los veinte... nos quedamos los veinte... curso de/ en la J. donde nos rechazaron... de proceso de interiorización... y bueno... y lo encargado es ( ) y viene: : él nos llegó a este... “tiene que estar a tal hora en el senado”... y bueno fue un día lunes... fuimos... en el senado... y en el senado nos dijeron... él: : nos presentó al profesor... le/ y dijo/ no digo... pregunto “quien está soltera aquí?” nadie levantó la mano... volvió a preguntar “quien está soltera aquí?” nadie levantó la mano porque estábamos así como no sé... nadie levantaba la mano... después dijo “no pues voy a hablar bien... quien es la mujer que está con la posibilidad de viajar sin hijos... sin esposo... que pueda viajar sola”... y bien le dice: : todas acabaran puno la mano ((risos))... hasta ( ) y él dije “bueno mañana vayan a cadastrar... hay veinte (cubos) para: : para el proceso de interiorización... y no/ ustedes no van a ser las únicas... cadastrarse van allí todas la que quieren cadastrar se van a cadastrar” “ah bueno mañana”... “mañana van a ir temprano” bueno fuimos allí... en otro día fuimos tempranito... yo estaba haciendo un curso de panadería... en la mañana... y bueno... yo falté ese día... para yo ir a: : a la J.... viene y me dice: : : esté: : nos cadastramos... y cuando nos cadastramos... cuando yo fue a J. yo tenía miedo... pero para que me voy a cadastrarse si a los indígenas no le están interiorizando... y yo siempre andaba con ese miedo... y bueno yo fui... es que yo me dijo en la entrevista todita... y cuando me entrevistaron... yo/ yo soy a que voy seleccionar...” y yo fui... solamente para no renunciar a que lo Dios quiera... pero allí en lo J. decían que no que a los indígenas no lo van a interiorizar pero ai qué... que cuesta... qué me cuesta venir... qué me cuesta venir... hice la mi entrevista y si quedo o no quedo... y bueno... ese día él me entrevistó y me dice “sí quedaste seleccionada te vamos a llevar esta noche o mañana en la/ en la tarde... si no te llamo es porque no te quedaste seleccionada... yo soy a qué voy a hacer la selección”... me dice... “si tú tienes perfil vas a quedar sino lamentablemente será para otra oportunidad”... y bueno... y es que: : y en: : / al otro día como unas cinco da tarde y media es que: : yo estaba en el curso... de atención al cliente... y cuando yo llego mi hermana me dice “te llamaron! te llamaron!” y como mi hermana le gusta echar broma yo pensé que era mentira... y yo dijo “no” yo dijo... “imagina deja está... es que: : es un juego” y ella dice: : “ah sí! sí! llamaron! te llamaron! y yo dice “eh!?” cuando me dice “sí! sí! te llamaron” y yo dijo “ai! que fino!” me puse contenta ((choro))... me dieron una ( ) y ella dice “sí! trabaje! le van interiorizar! y trabaje trabaje bastante! para que trabaje allá y nos mande a buscar” ((choro))... y bueno... ((choro)) y ((choro)) y siempre cuando nos: : nos: : citaban para... cuando nos iban a avisar cuando cogemos los papeles... siempre cuando llegamos para el J....iba con ese temor de que me devuelvan porque a los indígenas no se pueden interiorizar... y bueno... ( ) cada vez que iba a J. tenía ese temor que me devolvían porque nunca... si que/ que no puede que es indígena... pero no gracias a Dios... es que: : : el proceso fue bien... mientras que era el proceso de interiorización esperando bien... mi hermana: : encontró trabajo... ( ) una organización de: : de inmigrantes también... y ella quedó trabajando y lo único que ella dice/ “bueno... Dios quiera te vaya bien... si te vas bien... te quedas para allá así... si te vas mal... es que te tendrás ni para el pasaje y tu vuelta”... y bueno sí yo voy a decir también... y mientras eso llamamos a mi hermanita... de diecinueve años para que cuida de las niñas... y ella vino de Venezuela para las niñas... y bueno... esperando el viaje pero entonces cuando salimos aquí... es que: : en el avión... una experiencia inolvidable... y cuando llegamos aquí con las personas... demasiado demasiado! nunca pensé que nos iban a recibir tan bien... fue una... algo inexplicable... nos recibieron muy bien aquí/ aquí en Belo Horizonte... aquí afuera... nos recibieron con canción... con aplausos... con comida... eso es una experiencia inolvidable... y bueno... ya pasado algunos días nos regalaron ropas... y yo dijo/ y no sobró/ai! quien iba imaginar que nos iban a regalar ropas...

(Entrevistadora: e quais são seus planos, você pensa em voltar para Venezuela ou você pensa em ficar no Brasil?) es que: : cuando yo venía mio papá me dice “no demore más que cinco años” ((choro)) mi papá no quieres que yo me quede por allí... pero as cosas allá están muy difíciles... ( ) e “queden allá... allá ustedes están bien... están comiendo... aquí es tan/ la situación es muy difícil...” y bueno... él me dije no demore más que cinco años ((choro)) que sabes lo que Dios quiera si yo decido irme o quedarme aquí... mi plan es trabajar... si... trabajar y establecerme aquí si... quedarme aquí por un tiempo pero de quedarme aquí no me pienso ( ) ... yo pienso en regresar a Venezuela.

### Tradução para o português

E: Ou seja eu relato a minha vida já na Venezuela? ou seja o que eu fazia... o que: : : ... é que: : : bom... na Venezuela... é que: : : : ... ((risos)) eu não sei como começar... é que: : : vamos ver... na Venezuela: : ... bom... eu sou a: : ... terceira... de: : sete irmãos que somos... é que: : : minha mãe e meu pai... minha mãe se chama M. C. e meu pai se chama N. C.... é que: : : atualmente tenho vinte e seis anos... vinte e cinco... vou fazer vinte e seis se Deus quiser ((risos)) ... é que/ e bom... ante/ eu: : : ... sou: : indígena... da etnia Warao... do estado de Delta Amacuro... de Venezuela... minhas raízes são: : indígenas... e: : ... eu: : : ... estudei: : ... ehn... vivi na comuna/ uma comunidade indígena... até os onze anos... com onze anos... é que: : fui para a capital do estado Delta Amacuro... que se chama: : Tucupita... aonde ali... é que: : realizei meu estudo: : o que chamamos na Venezuela de secundária... e depois da secundária vem a universidade... me graduei: : de: : bache/ bacharelato... no Liceu X... com a ajuda de meus pais... e em: : : em: : : estudei... a/ na universidade: : ... é que: : enfermagem... técnico superior em enfermagem... na Universidade Y... uma universidade: : : que era privada... e depois foi pública... no governo... de: : Chávez... quando estava Chávez... e uhnéh... o presidente Chávez... e depois... hum... me graduei em dois mil e quinze... de: : tenho nível superior em enfermagem... estive dois anos sem: : : sem: : : trabalhar e sem estudar... o que fazia era... é: : ... trabalhar em casa de família... ou em: : : no que saísse porque... enquanto esperava um trabalho... da carreira que me graduei... mas neste tempo já estava muito difícil... encontrar trabalho... porque os que encontravam trabalho eram: : : pessoas que: : : tinham relação: : com o governo... mas como eu não era política... nem: : /nada por esse estilo e não tinha conhecido um político... não pude encontrar trabalho... e em: : : dois mil e: : sete... escutei/ ahn enquanto que não fazia nada também fazia: : ... cursos... e: : realizei um curso... na/no X... que: : essa instituição se encarrega do atendimento... de emergência hospitalária... fiz um curso ali de brigadista... terminei esse curso... enquanto terminei esse curso escutei: : ali eu estava fazendo um curso de: : ... de: : : para realizar um curso da Polícia Nacional... o primeiro curso que vão realizar no... no estado... e bom me inscrevi... fiz o curso: : durante: : seis meses... saindo... é que: : ... este curso eu realizei em... em Tucupita... e: : : depois do/do curso... depois da aprovação nos mandaram para três meses de treinamento em Caracas... para a capital da Venezuela... três meses em treinamento... aonde: : ... tão/foi um pouquinho difícil porque a crise já estava... ali eu já tinha que resol/eu tinha que custear meus gastos... ficamos como que dois meses sem receber: : ... uhn... benefícios nem nada... somente uns dois meses... cobrindo meus gastos... tudo já estava caro... passagem comida tudo... já era algo... a situação da Venezuela estava... crítica... bom já estava começando sua crise... aos três meses recebi meu primeiro salário... que foi: : : no/em vinte e cinco de novembro por aí... já quase chegando dezembro... e: : em: : dezembro ahn nos pagaram não/tive três meses em Caracas... três meses... digo não... seis meses em Caracas... depois dos seis meses... estive/ nos mandaram para nossos estados... pois que fomos os primeiros... a primeira promoção da Polícia Nacional... é que: : nos mandaram para: : para nosso estado... porque sempre a

Polícia Nacional... os graduavam... é que: : eu me graduei... da Polícia Nacional ... na: :  
 Universidad... X... de Venezuela... e é que os graduavam... e os deixavam trabalhando na  
 capital... de Caracas... se você vivia longe de um estado longe de Caracas não importava...  
 ainda te deixavam trabalhando... em Caracas mas nós fomos o primeiro... o primeiro: : ...  
 o primeiro: : ... grupo por aqui... vindos dos estados que nos mandaram para... para nossos  
 estados ... e já... já nesse tempo já estava... a situação crítica... já tudo/ já tudo estava  
 caro... e enquanto que eu trabalhava... é que: : durei/durei: : um ano e meio trabalhando...  
 em doze de janeiro... nos mandaram para... em doze de janeiro de dois mil e... dezoito...  
 nos mandaram para: : nossos estados... e lá trabalhei como: : um ano e meio... até: : ...  
 dezesseis de abril de mil novecentos/de dois mil e nove... que me/ que decidi vir para o  
 Brasil... por que decidi vir para o Brasil? Porque a si/ é que: : o que eu ganhava... não  
 servia para nada... e: : aonde eu trabalhava era muito rigoroso... eu trabalhava quinze dias  
 por/quinze dias trabalhando por cinco dias livres... o pouquinho que eu ganhava eu  
 gastava nesses quinze dias... ia para minha casa... sem nada... porque já tinha gastado nos  
 quinze dias trabalhando... e: : é que: : pelo menos... eu vi este/ eu trabalhei: na Polícia  
 Nacional no: : : ... primeiro trabalhei no: : ... operativo... operativo é/é trabalhar na rua...  
 e depois trabalhei administrativo... estive/estive: : seis meses trabalhando  
 administrativo... administrativo e depois... antes de/é que: : ... quando eu trabalhava no  
 administrativo era: : coordenadora da... da S... é que: : me deram esse cargo... mas durei  
 pouco porque... decidi vir/vir para o Brasil... e: : mas minha irmã... minha irmã mais  
 velha... ela tinha vindo primeiro... e para vir eu chamei ela por telefone... e lhe falei que  
 como: : era aqui no Brasil... ou seja se podia vir para cá porque a situação da Venezuela  
 já estava muito... crítica... e bom... isso simplesmente porque aqui pelo menos não é/é  
 difícil... mas se consegue algo com/ mais do que na Venezuela porque... a situação era  
 crítica... e bom... e aí eu informo a meu pai... “pai... é que: : eu vou embora... para o Brasil  
 porque aqui já não está para nada... não tem nada... a comida... é que: : já: : : ... o salário  
 não é suficiente nem para comer nada nada nada não não” ... e agora a situação está pior...  
 e bom... e ele disse “vá”... e eu digo... “bom está bem”... e nesses dias... para os pri/ fins  
 de abril... minha prima me disse... ela me disse... é que: : “eu vou nos primeiros dias de  
 maio... vamos juntas” e bom... nos/ nós vimos juntas em dois de maio... saímos de... de...  
 Tucupita... e: : ... é que: : foi muito difícil sair da Venezuela porque quando você sai não  
 é... diferente/ é dife/ é muito: : ... não vai ir para um estado qualquer... mas sim é algo  
 mais longe de: : : seu país... aonde quando você pisa... não sabe quando vai regressar...  
 ((choro)) eu tenho duas sobrinhas pequenas... são como a mim/ minha tia... porque eu  
 tenho visto... ((choro)) quando eu era criança pensava nela... pensava na mi/ na minha  
 mãe... no meu pai... ((choro)) deixamos todos lá... quando minha prima chegou... minha  
 prima vinha com suas duas/com suas duas meninas...uma de um ano e outra de três anos...  
 chegamos a Pacaraima em: : em três de: : : maio... mas antes de chegar minha prima...  
 chegamos a: : : Santa Elena... Bolívar... minha prima foi na frente... porque ela tinha duas  
 crianças... e na Venezuela a fronteira estava fechada... e ela: : ela tinha que pagar sua: : a  
 passagem é por bagagem e carro... mas como eu não tinha que pagar pela passagem de  
 bagagem... eu vim: : ... eu vim em bagagem mas caminhando... elas foram de carro e eu  
 vim caminhando... com um grupo de venezuelanos... éramos bastante... entre crianças: :  
 pessoas mais velhas e homens... eu vinha sozinha... sozinha porque minha prima já: : tinha  
 vindo com suas crianças... ela me disse “vou te esperar lá na divisa pois aqui aonde está  
 não vou poder mas vou esperar lá”... e bom... assim eu fui: : vim... passamos... assim  
 como um rio caminhando... a montanha caminhando... e bom cheguei caminhando a  
 divisa de: : de Santa Elena... cheguei caminhando até onde acampar mas... até/ mas: : até  
 certo ponto caminhei sozinha... com gente desconhecida mas sozinha... que meus irmãos  
 em/meu irmão... também estava na divisa... meu irmão mais velho e minha irmã... minha

irmã estava num refúgio e meu irmão estava vivendo na rua... meu irmão se inteirou que eu vinha caminhando e me foi buscar caminhando... porque dizia que era muito perigoso e sabia que eu ia sozinha... nós estivemos três dias na divisa... três dias tirando documentos... é que minha prima tirava os documentos rápido porque andava com as duas crianças... eu tinha que esperar... que atendiam primeiro os... os de prioridade... crianças com seus/é que: : mulheres com seus filhos... família... mas como eu andava sozinha... “não depois ok”... tiravam meus documentos depois que tiravam os da minha prima... é que: : e para entrar no refúgio... em Pacaraima... ou seja para os três dias... podia ficar refugiado em Pacaraima ali... no ( ) creio... e eu lhe disse... não é que: : somente se abrigam... a pessoas: : : que tem filhos... e: : : e deficientes... lá homens solteiros e mulheres solteiras não abrigam... esses três dias enquanto estamos tirando os papéis... e bom... eu falo eu falava minhas primas me acompa/minha prima minha irmã... minha irmã já estava ali... falavam... diziam... “não porque ela vai dormir sozinha na rua se não a deixam e...” /e disse... “bom... tem que esperar que entre todo mundo... se sobra vaga... você entra... ela entra... se não não não pode entrar...” eu esperava o Último... o Último que... quando as pessoas já se/como se “ah está bem... passa!”... e assim eu passava... para dormir lá... dentro... e na outra manhã eu iria me retirar... e depois terminava/enquanto que a questão dos papéis... nada... estivemos três dias tirando documentos em Pacaraima... e bom... nos três dias minha prima veio... para Boa Vista... e eu fiquei esperando a minha: : irmã... e: : minha irmã tem duas meninas... já tinha /tinha tido problema com seu marido... e ele já tinha voltado para Venezuela.. eu disse a meu pai para ele não adoecer... que a situação está muito feia na Venezuela... que não se vá pelas duas crianças... porque se adoecer como... lhe vão atender... ((choro)) e bom... tive duas semanas esperando que minha irmã... minha irmã estava trabalhando como docente... como professora... num abrigo... e segundo ela esperava que lhe pagassem e não lhe pagaram... para Bo/vimos para Boa Vista que estava... minha prima... a irmã e minha prima com quem eu me/e lá... de vez em quando vamos lá porque para Venezuela você não pode voltar... e até hoje é assim porque não pode voltar com as duas crianças... bom e agora estava em ( ) para ir para Boa Vista... bom se não.../ se praticamente... se não fora por isso eu teria voltado para Venezuela... bom vim para Venezuela... ((suspiro)) é que: : : vim/digo... vim para Boa Vista com minha irmã... estivemos três meses... não/ um mês... vivendo como num acampamento... aonde estavam venezuelanos puros... como crioulos e indígenas... neste mês... foi muito: : muito: : ou seja... a higiene não era adequada para as crianças... era ambiente... era muito muito feio assim... as meninas adoeceram... a: : : a última... a: : de um ano... lhe deu: : : até diarreia... vômito... ficou fraquinha fraquinha... se desnutriu em um mês... se desnutriu... ali em Boa Vista... e bom... e este... neste acampamento chegavam: : instituições assim como a O. e faziam visita... nesta visita minha irmã aproveitou para falar com: : : um rapaz... com: : com um coordenador de proteção por casualidade da vida que graças a Deus... minha irmã falou com ele... dizendo-lhe que ela tinha duas filhas... que num ambiente sujo como aquele... como que sua filha/suas duas filhas iam ficar ali... e esse da O.... de proteção... ele disse... “vamos ver o que podemos fazer... dentro de quarenta e oito horas te damos: : te damos uma resposta”... e ela me disse: : / digo a ele/e ela lhe disse... “bom está bem”... bom... passaram as quarenta e duas horas e não... nada... não aconteceu nada... mais ou menos uma semana depois fomos para: : : para a rodoviária que era o Petri... para Petri... aonde está: : : aonde tiram os documentos... e aonde faziam o processo de interiorização... mas nós já havíamos escutado sobre o processo de interiorização... por/queríamos interiorizarmos desde o princípio porque em Boa Vista não se encontrava trabalho... nada... estivemos um mês ali no acampamento... e sem poder sair também porque ti/tínhamos... eu acompanhava minha irmã com as duas crianças... e quando saía não se encontrava nada... e todo mundo dizia...

“aqui em Boa Vista não tem trabalho não tem vida... há muitos venezuelanos... e os brasileiros têm raiva dos venezuelanos pela má conduta porque há venezuelanos que... que: : fizeram coisas ruins... pois... em Boa Vista há muitos venezuelanos e agora não se pode encontrar trabalho”... e bom... nós... estivemos um mês ali... depois... enquanto estávamos escutamos sobre o processo que estavam interiorizando para outros estados... aonde sim há fonte de emprego... e: : : minha irmã disse... “vamos nos interiorizar”... fomos para Petri que queríamos nos interiorizar... quando: : fomos para fazer o processo de interiorização em Petri... nos encontramos com o/com: : o senhor que havia falado no acampamento... sobre: : o abrigo... solicitando abrigo... e eu lhe digo... “M.... veja... está ali!”... minha irmã se chama M.... “é que: : está ali... aquele senhor com quem você falou... será bom ir”... e disse assim... e ela disse... “sim, eu vou ali”... ela foi... e ela até lhe falou que a menina estava fraca... eu fico com as crianças e ela foi falar com o rapaz... com o senhor... e o senhor: : lhe disse... “não... ainda tem que esperar...” e depois eu levei as duas crianças... levei as duas crianças e voltei... e vim... e ele disse... “você anda com essas duas meninas?” “sim” “você sozinha?” “não... com minha irmã”... se viola... a situação como estava... a menina e como estava... como ela andava com duas crianças... uma menina de dois anos que ainda não tinha completado três e outra de um... ela sozinha com mi... e a outra desnutrida... a pequena... ele disse assim então... “vamos te... te dar abrigo... vamos te dar abrigo porque: : ... a verdade é que... se viola a condição da menina na verdade que precisava abrigo... “ah bom... é que: : ... vamos te dar abrigo mas para sua irmã não” a mim não me dava nada... “porque sua irmã já é maior de idade e as que são maiores de idade... já entram no abrigo de solteira... mas tem que entrar... te/tem que inscrever-se na lista de mulheres solteiras”... há uma quantidade de mulheres esperando abrigo... e a deixou com o: : : com outro rapaz que se chama A. se me recordo o nome dele... A. da proteção da O.... digo não me lembro se é da O. ou da: : / não me lembro... mas é da proteção... e ela lhe explica que: : ela está sozinha... com as duas crianças... e comigo... e ele lhe disse... “mas quantos anos tem sua irmã?”... tem vinte/ vinte e cinco” “ah não... mas para sua irmã entra no abrigo de solteira” e ela disse “não... mas ela que... ela é quem me ajuda” “ah bom sim... vou olhar... como você vai ficar sozinha com duas crianças? vamos te colocar lá também” “ah não não não”... nos colocaram num abrigo... ali nos atenderam muito bem a O.... a O. e a.: : .../ é que: : ... fizeram os trâmites para nós rapidinho... nos deram o cartão... para entrar no abrigo e “nós mesmos vamos lá... vamos levar vocês ao abrigo”... e foram... “aonde/ aonde vocês estão vivendo?”... nós estamos vivendo num acampamento”... se não esqueci o nome do acampamento... no C.... C.... é que: : “estamos vivendo em C.”... “ah sim... vamos lá buscar as coisas de vocês... mas vão e recolham as coisas de vocês rapidinho e se vão para/e nós vamos levar para o abrigo... e vou pagar”... e ele... A.... parou um táxi e ele mesmo foi buscar as coisas e nos/nos levou e nos deixou em frente à casa aonde íamos dormir... A. se portou muito bem conosco... e bom... estivemos ali... eu estive ali... até: : : que vim... ahan enquanto que esta/que entramos no abrigo... minha irmã começou a fazer curso... alguém tinha que ficar com as duas crianças e eueu fiquei enquanto que minha irmã fazia esse curso eu ia (cuidar) das meninas... ela fez um curso de dois meses... ela ter/finalizou seu curso finalizou seu curso quando iam ahan... finalizou seu curso como em fins de novembro... quando ia terminar seu curso... eu saía sem esse curso... na hora eu ficava com as crianças... e bom... ela não perdeu o interesse para a interiorização... no processo de interiorização que estávamos fazendo o traslado de interiorização para... poder sair de Boa Vista... é que: : : ... fomos várias vezes para Petri... para poder cadastrar... mas: : no dia que nos deram abrigo... A. mesmo... nos... nos disse... nos deu: : : a oportunidade para que passássemos direto de uma vez para o cadastro da interiorização... mas quando: : fomos cadastrar... o: : : o militar me disse não... me perguntou pela minha identidade... e



ele “hum”... “identidade” disse... é que: : venezuelana deste povo indígena Warao... aonde nos identificam como indígena... e ele disse... “não... vocês não podem ser interiorizadas... aos indígenas não lhe/não lhes estão interiorizando”... mas nós já tínhamos escutado isso... que aos indígenas não lhe/não lhe iam interiorizar... e bom... é que: : : nós... “não... vamos continuar tentando... nós... nós somos profissionais” disse minha irmã... minha irmã é profi/é que: : é engenheira de sistemas... eu sou enfermeira... nós temos um título e pelo menos com isso tem que tomar algo em conta... é que: : mas já diziam... “não vocês não: : não vão poder interiorizar”... e nesse dia... o militar nos confirmou isso... porque?(entrevistadora questiona)... é que: : : o militar disse... “você não podem ser interiorizadas porque são indígenas... a aos indígenas não estão interiorizando” e minha irmã disse... “mas por que? nós também temos direito... ela é Polícia Nacional e é enfermeira... eu sou engenheira... porque não? “não... vocês não podem ser interiorizadas e além disso não podem assinar a carteira de trabalho de vocês”... minha irmã disse... “mas porque não vão querer?”... isso é menti/minha irmã disse... “isso é mentira... a mim assinaram a carteira de trabalho”... porque minha irmã trabalhou com: : ... com: : : este: : : ... eu esqueci... um... um instituto de imigrantes também... que assinaram a sua carteira... e ela me disse... e ela lhe disse “não... a mim assinaram a carteira... veja”... e e mostrou sua carteira ao militar... mas o militar com: : ... com a sua conduta também assim como minha irmã lhe disse... “você... vocês... o que estão fazendo é discriminando”... “não não não estamos discriminando”... e aí sim nos estavam discriminando... e lhe disse “sim... tenho aqui minha carteira assinada” minha irmã disse ao militar... e o militar párapara ver... é que: : o militar fica vendo... é que: : fica vendo a carteira de trabalho... e vai lá para dentro... e nos deixa ali... e vai para um escritório... e é que: : e ainda disse: : “esta carteira está ruim... porque vocês não podem ter carteira de trabalho assinada... mas não é... esse ( ) vocês não podem ser interiorizadas”... e bom ehn... e: : : nós ficamos vendo a cara... e: : : com uma indignação porque: : tanta vontade que tínhamos de interiorizarmos... ((choro)) e eu não/saíamos dali... com as/com as duas meninas pequenas... e ne/neste momento... porque as crianças estavam doentes... e baixamos ali... ahn... a menina fez cocô... a mais velha... sujou tudo e começou a fazer cocô... e bom... ali eu rapidinho e naturalmente a limpamos e saímos... e A. disse assim... A./ disse... “conseguiram cadastrar para interiorização?”... e eu lhe disse... minha irmã que: : /minha irmã é mais... ela que fala mais e é mais esperta que eu... e disse... “não A. não... é que nos disseram que nós não podemos interiori/interiorizar porque somos indígenas”... e tendo dito isso... A.... A. pôs a mão na cabeça e disse... “já não é a primeira vez que está acontecendo isso com... com os indígenas... eu vou falar com meu chefe isso para ver o que está acontecendo porque eles não podem fazer isso”... e bom... fomos para/é que: : nos levou para o abrigo... nos levou para o acampamento e depois outros nos vão/nos levou ao abrigo aonde vão/aonde estive até: : que vim... e: : : é que: : : como já disse que minha irmã fez o curso... depois que minha irmã fez o curso/ah não... é que enquanto estávamos no abrigo... que ficamos conversando... “nós vamos nos interiorizar”... fomos para a J.... fomos para: : para A.... aonde estão interiorizando... e para a J. é que: : também: : “( ) não... e ainda não vão nos interiorizar porque somos indígenas... ah e ainda não vão fazer... porque são indígenas”... mas porque não não não... nós queremos interiorizar... aqui não tem trabalho... aqui como vamos viver? nós vamos viver sempre no abrigo? o abrigo é.../somente nos dão comida mais nada... bom e um lugar aonde... aonde dormir... como? e tendo dito isso... e nós caminhamos... lá o sol de Boa Vista é quente e tudo fica longe... e a passagem é cara... e como no princípio não trabalhava... nós caminhávamos com as duas crianças... e dois amigos... dois amigos que... viviam no acampamento e eles nos acompanhavam pois também buscavam maneira de interiorizar-se... fomos para: : ... J.... “não... tem que fazer isso: : tem que cadastrar-se... mas para/para fazer este

cadastro”... tem que/que: : : como há muitos venezuelanos... e já: : : os próprios venezuelanos... faziam fila assim como: : / faziam fila por muitos dias.... mu/até dias antes do dia que tinham que cadastrar... e havia uma lista... e bom nós não/nós nos colocamos nessa lista... minha irmã... os amigos e eu... nós ansiando por... pelos quatro indígenas... ansiando por nos cadastrar... e: : tínhamos que ir todas as noites para/como para marcar a fila... e passavam uma lista... quando passavam essa lista cada um podia ir para aonde dormia... pois ( ) íamos mas teve dias que minha irmã não pôde ir porque... as crianças adoeceram... elas não podiam sair no sereno... e bom... ia eu sozinha... e sempre buscava alguém para que... estivesse como acompanhada dela nesse momento... e os amigos diziam... “ela é minha esposa”... é o que diziam era mentira mas éramos puros venezuelanos... da lista... da lista para poder cadastrar... isso foi algo como três semanas... esperando enquanto que ia até de noite... íamos fazer fila... nós: : : também íamos para A.... é que: : : decidimos ir para A. porque é que: : uma: : uma vizinha que compartilhávamos a caixa de correio... e ela disse... / e ela chegou... depois que nós chegamos no abrigo... ela disse “eu me/eu estou aqui por um dia e nada mais porque me interiorizaram”... e assim disse... e nós lhe explicamos... “no/nós... queremos nos interiorizar... mas não querem interiorizar a nós porque somos indígenas”...”como vai ser isso? mas isso é discriminação”... uma venezuelana... “a mim quem me ajudou foi: : em A.... um rapaz... ele é muito bom... ele é venezuelano... ele se chama D.”... e bom nós fomos... “ah bom... está bem... eu lhe falo/vou falar de vocês”... e bom antes de vir /antes de viajar... de sair de Boa Vista ela/ ela nos disse... “eu já falei com D.... D. disse para vocês irem para A. e procurarem ele que vai ver o que pode fazer por vocês”... fomos para A.... caminhamos... todos os dias para A.... em pleno sol com as duas crianças... nesse processo de interiorização... é que ou seja tentando interiorizar... as meninas davam as mãos umas às outras... a ((choro)) última lhe saiu ( ) na nuca pelo sol... e bom ((choro))... fomos falar com D.... D. disse/ bom minha irmã era a que falava... lhe explicou... “não... não nos querem interiorizar... porque somos indígenas”... “ah... podem falar com o padre”... deixa/deixa comigo seus documentos... falar/é que: : deixamos os documentos dos quatro... e para... ((choro)) primeiro não entendia bem... não entendia... depois nos ignorava... nos ignorava... todos os dias e todos os dias íamos para A.... até que num fim de semana indo para A.... e bom... o senhor é/a última vez que fomos para A. falamos com ele... minha irmã lhe disse... “mas não nos ajuda... não nos ajuda nada!”... e ele disse... “ah... não é... é que: : : é pela condição de vocês”... ou seja já: : : não não explicava nada... se nunca dizia... não se esforçava... nos ignorava... quando chegávamos lá nos ignorava... e bom... é que a última vez que fomos... minha irmã e eu... com as duas meninas... e bom... e é o que lhe digo... um ano para chegar a não.../o que seja... para pegar uma fralda porque nós vimos que tinham fraldas... e deram... nos deram: : : quatro pacotes de fraldas... dois para cada menina... e ali nos demos conta que nos ignoravam... e percebemos que já não iam nos ajudar... deixamos de ir... deixamos de ir... só fui fazer um curso ali que dizia... “não... estamos fazendo um curso” e fui para lá... fiz e realizei o curso ali... de estética... e enquanto isso: : depois... nos J.... é que: : conseguir cadastrar... minha irmã também conseguiu cadastrar... mas não: : : nunca saía: : : na inte/a interiorização... e é que: : e não: : ah e não: : na recepção... “mas falem com o padre... porque a gente aqui/o padre é o encarregado da J.... falem com o padre”... e minha irmã disse.... “não... nós não queremos: : não queremos falar com o padre... porque: : se nos sair uma interiorização e nós viemos sei o que vão dizer... que não... não vão querer nos interiorizar por sermos indígenas”.... “não... o padre é bom... é boníssimo... esse padre é boníssimo... entende a gente” aí minha irmã... “ah bom vamos lá”... fomos para o padre... a primeira vez... nos disse... “vocês... vocês tem que se cadastrar/tem que cadastrar-se para interiorização”... mas já haviam encerrado o cadastro... mas... nós conseguimos

cadastrar... “você tem que se cadastrar”... e minha irmã... “mas nós já cadastramos!”  
 “como é isso? quem cadastrou vocês? quem?” ah não! não! não! não podem cadastrar  
 vocês!” primeiro disse “você tem que cadastrar” e depois disse “não! vocês não podem  
 se cadastrar... eu vou me meter em problemas!”... é que: : e minha irmã lhe disse... “não...  
 é que nós queremos ser interiorizadas”... “mas vocês não podem ser interiorizadas... eu  
 entendo vocês que”... falava... se contradizia como se queria nos ajudar e depois... nada...  
 e bom... e nós... aí... nada... nada não tinha como que não não podiam nos interiorizar...  
 mas como vamos fazer... é que: : “não não podem ser interiorizadas porque são  
 indígenas”... a primeira vez que falamos com o padre... “bom mas agora vocês se  
 cadastraram e vão estar em um... no cadastro”... já tinha passado/tinha passado um  
 tempo... “voltem a falar com o padre!” ... passaram cerca de dois meses... vamos voltar a  
 falar com o padre... minha irmã era a que falava porque ela era como a cabeça da família...  
 e aí... a última vez que ela falou com o padre ele lhe disse... “não é que vocês não podem  
 ser cadastradas... como vocês duas vão trabalhar?... quem mais cuidará das crianças?”...  
 e ela dizia... “não mas é que eu não posso trabalhar eu posso cuidar das minhas filhas mas  
 minha irmã ela pode trabalhar... ela pois/ela pode estar em/ela sim pode interiorizar”...  
 “não... é que vocês não podem ser interiorizadas porque vou me meter em problemas... é  
 que o sangue de vocês... não podem! não! não! vocês tem um sangue que não podem! não  
 podem! não podem ser interiorizadas!” ... e minha irmã ainda estava até chateada e lhe  
 disse “padre como você pode dizer isso!? você crê em Deus? você crê em Deus padre?  
 porque nós cremos em Deus... e se o que te impede é o sangue... outro sangue... e se o  
 que te impede é o sangue é que na mão também passa sangue... temos o mesmo sangue  
 padre... porque não nos quer interiorizar?” “não é que não é que: : que: : é que os indígenas  
 não podem sair de: : de: : da zona: : :” não sei... que é com/uma lei daqui que não  
 podem/que os indígenas não podem sair... “mas como padre... se não está ( )”... “não não!  
 é que não... como vai fazer com suas duas crianças?” estava buscando desculpas pois...  
 “você não faz... como vai trabalhar com essas duas crianças? e se o papa vem... eu vou  
 me meter em problemas!” eu digo mas/ela disse “mas... nós nos metemos em problemas  
 porque não nos interiorizam... nós queremos trabalhar... nós somos profissionais...  
 como/” “não não vocês não podem ser interiorizadas”... e bom é que: : bom ali deixamos  
 de ir na J... minha irmã fazia curso... eu fazia... eu cuidava das meninas... quando minha  
 irmã terminou seu curso... eu comecei... também a fazer meu curso... os/os últimos dias  
 de novembro e os primeiros dias de dezembro... eu fiz o curso... e é que: : e algumas  
 vezes ela tinha curso... e eu também tinha curso e bom... a vizinha que cuidava a/da  
 minhas sobrinhas... não/ela se oferecia... “agora nós podemos cuidar... vocês podem ir  
 fazer seus cursos”... e é que: : e também enquanto fazia esses cursos... encontramos A...  
 e a outra não/e A. nos disse... “sim”/disse a M... “sim M.” porque já sabia até o nome da  
 minha irmã... “é que: : : nós já falamos disso com nosso chefe... e eles disseram que: : ...  
 que isso é um processo... que é a lei... que em Brasília teve isso... que os indígenas não  
 podem ser interiorizados... o mais longe que podem chegar os indígenas... é em  
 Manaus”... “mas como? porque” “não sei M... nós vamos ver... e é que: : estão lutando  
 para que vocês possam ser interiorizadas... estão lutando... mas isso vai: : vai demorar...  
 pode durar meses M... tem que ter paciência enquanto isso... estão aqui no abrigo”... e  
 bom “aí não! nós queremos interiorizar... que não estamos trabalhando... como vamos  
 viver... nós temos família na Venezuela ((choro))... queremos ajudá-los”... ((choro))  
 estivemos todo esse tempo sem fazer/sem trabalhar... ali em Boa Vista... e bom...  
 ((choro)) é que: : : ah! e escutamos... a primeira vez... sempre escutamos do curso da J...  
 “vamos fazer um curso de atendimento a cliente na J.”... e minha irmã me disse... “( ) ...  
 como já fiz esse curso você faz e eu fico com/com as meninas”... e bom... fomos para/fui...  
 me inscrevi... e era por seleção também o curso... e foram justamente vinte pessoas... que

eram vinte para o curso... ahan como são vinte pessoas... somente... fazem/não fazem seleção... vão fazer todas as vinte... ficamos as vinte... curso de/na J. aonde nos rejeitaram...do processo de interiorização... e bom... e o encarregado é ( ) e vem: : ele nos chegou a este... “tem que estar em tal hora no senado”... e bom foi numa segunda-feira... fomos... ao senado... e no senado nos disseram... ele: : nos apresentaram o professor... lhe/e disse/não digo... perguntou “quem está solteira aqui?” ninguém levantou a mão... voltou a perguntar “quem está solteira aqui? Ninguém levantou a mão porque estávamos assim sem saber... ninguém levantava a mão... depois disse “pois vou falar melhor... quem é a mulher que está com a possibilidade de viajar sem filhos... sem marido... que possa viajar sozinha”... e dizendo assim: : todas acabaram erguendo a mão ((risos))... até eu levantei minha mão e ele disse “bom amanhã vão cadastrar... há vinte (vagas) para: : ... para o processo de interiorização... e não/vocês não ver ser as únicas... se cadastrarem ali todas as que querem cadastrar vão cadastrar” “ah bom amanhã”... “amanhã vão cedo” bom fomos ali... no outro dia fomos bem cedo... eu estava fazendo um curso de padaria... na manhã... e bom... eu faltei esse dia... para eu ir à: : à J.... vem e me disse: : ... é que: : nos cadastramos... e quando nos cadastramos... quando eu fui à J. eu tinha medo... mas para que vou me cadastrar se aos indígenas não estão interiorizando?... e eu sempre andava com esse medo... e bom eu fui... é que eu me disse na entrevista todinha...que quando lhe entrevistarem... eu/eu sou a que vão selecionar...” e eu fui... somente para não renunciar ao que Deus queira... mas ali nos J. diziam que não que aos indígenas não vão interiorizar mas aí que... o que custa?... o que me custa vir?... o que me custa vir?... fiz a minha entrevista e se fico ou não fico... e bom... nesse dia ele me entrevistou e me disse “se você for selecionada vamos te levar nessa noite ou amanhã à/à tarde... se não te ligarem é porque não foi selecionada... eu sou quem vai fazer a seleção”... me disse... “se você tem perfil vai ser selecionada se não lamentavelmente será para outra oportunidade”... e bom... e é que: : : e em: :/no outro dia como umas cinco e meia da tarde é que: : eu estava no curso... de atendimento ao cliente... e quando eu chego minha irmã me disse “te ligaram! te ligaram! e como minha irmã gosta de brincar eu pensei que era mentira... e eu disse “não” eu disse... “Ai M. deixa estar... é que: : é uma brincadeira” e ela disse: : “ah sim! sim! ligaram! te ligaram!” e eu disse “eh!?” quando me disse “sim! sim! te ligaram! e eu disse “ai que fino! fiquei tão contente ((choro))... me deram uma ( ) e ela disse “sim! trabalhe ! vão te interiorizar! e trabalhe trabalhe bastante! para que trabalhe lá e nos mande buscar” ((choro))... e bom... ((choro)) e ((choro)) e sempre quando nos: : nos: : citavam para... quando nos iam avisar quando pegamos os papéis... sempre quando chegamos à J.... ia com esse medo de que me devolvessem porque aos indígenas não se podem interiorizar ((choro)) e bom com este medo... e bom...este: cada vez que ia à J. tinha esse temor que me devolvessem porque nunca... se que/ que não pode que é indígena... mas não... graças a Deus... é que: : : o processo foi bem... enquanto ocorria o processo de interiorização esperando bem... minha irmã: : encontrou trabalho... ( ) uma organização de: : de imigrantes também... e ela ficou trabalhando e a única coisa que ela disse/ “bom... Deus queira que vá bem... se ficar bem... ficar por lá assim... se for ruim... ( ) para a passagem e sua volta”... e bom sim eu vou dizer também... e enquanto isso chamados minha irmãzinha... de dezenove anos para que cuidasse das crianças... e ela veio da Venezuela para as crianças... e bom... esperando a viagem mas então quando saímos daqui... é que: : no avião... uma experiência inesquecível... e quando chegamos aqui com as pessoas... demais demais! nunca pensei que iam nos receber tão bem... foi uma... algo inexplicável... nos receberam muito bem aqui/aqui em Belo Horizonte... aqui fora... nos receberam com música... com aplausos... com comida... isso é uma experiência inesquecível... e bom... depois passado alguns dias nos presentearam com roupas... e eu digo/ e não sobrou nada/ “ai! quem ia imaginar que nos iam presentear com roupas”...

(Entrevistadora: e quais são seus planos, você pensa em voltar para Venezuela ou você pensa em ficar no Brasil?) é que: : quando eu estava vindo meu pai me disse “não demore mais que cinco anos” ((choro)) meu pai não quer que eu fique por aqui... mas as coisas lá estão muito difíceis... ( ) ((choro)) e “fiquem lá... lá vocês estão bem... estão comendo... aqui é tão/a situação é muito difícil...”((choro)) e bom... ele me disse “não demore mais que cinco anos” ((choro)) quem sabe o que Deus quer se eu decido ir ou decido ficar aqui... meu plano é trabalhar... sim... trabalhar e estabelecer-me aqui se... ficar aqui por um tempo mas ficar sempre aqui não penso ( ) ... eu penso em voltar para Venezuela ((choro)).

## VALÉRIA

E: Conte-me como você vivia antes e como vive atualmente, ou seja, eu gostaria de saber como era sua vida na Venezuela e como tem sido aqui no Brasil.

V: Buenas tardes... eh: : soy una venezolana... una inmigrante que está radicada acá en Brasil... uno de los motivos que me: : hizo salir de mi país... Venezuela... fueron muchos... pero los más importante... fueran... sacar a nuestra familia adelante... a mis hijos... esos fueron mis mayores motivos... eh pero lo primero antes de yo salir... pude sacar a mis hijos... porque yo pensé en el futuro de ellos y de mi nieto porque tengo un nieto... eh: : me encontré: :... en / con muchas dificultades muchos problemas económicos... porque... a pesar de que uno trabajaba / yo trabajaba en Venezuela el dinero no me alcanzaba... y estaba demasiado preocupada por lo que venía después... porque eso estoy hablando de acerca de tres... cuatro años atrás... que todavía no estaba la situación como está ahora pero me imaginaba... que iba ser más difícil cada día... entonces me puse a pensar un día... que tenía que salir del país para trabajar... para ahorrar dinero... para sacar a mi hija primero... y lo que más me duele es que mi hija estaba estudiando... estaba en la universidad... estaba en el octavo semestre de ingeniería de sistemas... y no pudo seguir continuar estudiando porque no teníamos los recursos.. porque no podríamos con los gastos... de mi hija... del alquiler... de la co/alimentación... me vine... sin pensarlo mucho... a Boa Vista... a Roraima... con la invitación de una señora... que conocí... no tenía mucho tiempo conociéndola y me llené de fortaleza... me arriesgué y llegué a Roraima... en / al momento de llegar a Roraima fue algo muy... impactante para mí porque llegué a un abrigo... que se llama T. N.... parece entonces ese abrigo estaba... / no tenía control... no estaba: : / no había presencia allí de la Y... ni de militares... eso algo descontrolado... parecía como una cárcel... era horrible... estaba lleno de venezolanos... pero como todos los países hay personas buenas y personas malas... me dio la impresión de que había muchas personas allí malas... y me sentí mal... ese momento que llegué... la bienvenida fue ese entorno y no me gustó... donde había tantas personas... / hasta droga había allí... había prostitución... cosas que me extrañó pero bueno... yo me dije Dios mío a eso vine a Brasil?... allí estaba así... no están bien pero como que inmediatamente Dios me dio esa fortaleza y me dijo 'cálmate que vas a salir de aquí'... estuve una semana en ese abrigo... hasta que llegó el personal de la Y... y la señora que me recibió estaba con dos muchachas... menores de edad... y la señora... nos / se nos la acercó y... dijo que no podríamos estar allí y que teníamos que estar en un sitio... más amigable y un sitio familiar... y nos mandó para otro abrigo que se llama J. F.... cuando vi este abrigo me pareció un paraíso... a diferencia del abrigo donde estaba primero... era familiar realmente... allí si me sentí bien... comencé a trabajar... no encontraba que hacer porque estaba llegando... y: : comencé a trabajar vendiendo café... frente el H. G. R.... estuve allí seis meses... los cuales esos seis meses pude... recoger todo lo dinero para... que mi hija saliera de Venezuela... regresé a la Venezuela... cerca mi hija del país ya se fue para el

Perú... y mi hijo / me quedaba ver mi hijo y mi nieto... y mi hijo me / ... bueno me faltaba ellos y mi hijo me hizo esta pregunta “mamá... mi hermana se fue y ahora qué va a pasar conmigo?” buen.. retorné otra vez al Brasil... retomé el trabajo que tenía al hospital... pude recoger todo el dinero y me traer mi hijo a Roraima... llegaron / este fue difícil la traída de mi hijo para Roraima porque... ese abrigo / el abrigo estaba en cuarentena porque... había la varicela... lechina... y... la / para entrar allí... tenía que tener la vacuna de varicela y es que la tuviese esperar quince días el efecto de la vacuna... y no encontraba dónde tenerlos esos quince días y tuvimos que dormir en la calle quince días... con mi hijo con mi nieto ((choro))... pero fue difícil... pero a la ver estaba tranquila porque estaba fuera de Venezuela lamentablemente... y es triste decir esto... estoy fuera de mi país gracias a Dios... es triste... que un ciudadano diga eso de un país... pero debería dar gracias a Dios que aunque estuviese en la calle... ((choro)) pero estaba con mi hijo en esta rodada... segura... estaban los militares pendientes... las personas nos daban nos comida... no pasamos hambre ni frío a pesar de que estábamos en la calle...no recibimos... maltrato gracias a Dios... cuando se cumplió los quince días ellos lograron entrar al abrigo... a los tres meses ellos se interiorizan y salen para São Paulo y hoy están aquí en São Paulo... están bien... pero antes de eso estuvieron seis meses en un abrigo... porque en el abrigo J. F.... cuando salió seleccionado para interiorización ellos pasan para un abrigo que se llama R. D.... ahí estuvieran seis meses... ellos se desesperaba y yo les decía 'mi hijo es que: : / lo bueno estar por venir... tengan paciencia'... y ahorita están bien en São Paulo... en familia... económicamente están trabajando... tienen salud... y están protegidos por este país que es lo más importante... y tiene muchas amistades bonitas... gracias a Dios... bueno después... éh: : ... me vino la idea porque en Roraima está demasiado fuerte porque allí es donde está toda la masa de inmigrantes... demasiado inmigrantes... ya yo no pude trabajar en el hospital... desde todo una mala experiencia allí porque ya lo último... éh: : / había demasiado venezolano allí vendiendo que eso se convirtió en un mercado... y cómo está eso no podía te/ estar así porque ese es un sitio público de salud... y bueno... lo lamentable de así fue que nos sacaron de allí... a ficar allí... a mí me maltrataron verbalmente... mismo físicamente... siendo yo una persona ya de edad... me sacaron de allí sin importarle nada... pero agradecida por Dios porque con este tiempo que estuve trabajando allí pude sacar a mis hijos del país... después de eso... que yo vi la imposibilidad de conseguir empleo en Roraima... hum... en una oportunidad fui a los J.... yo me iba a cadastrar para interiorización... y ahí si escuché el programa en el cual estoy ahorita... el programa de interiorización para mujeres solas... como que Dios me colocó aquí en ese momento preciso... no lo pensé... lo pensé... y me noté en ese en la J. para el viaje de interiorización... me informaran que venía para Belo Horizonte... para Minas Gerais... pero no no lo pensé... me anoté y: : al mes me llamaron para ese/ a los días me llamaron para decirme que estaba seleccionada... yo lloré de la emoción... cuando la persona el coordinador de Roraima de la J. me llamó para darme la noticia que estaba seleccionada... para ser partícipe del grupo de mujeres que venían para Belo Horizonte... fue una alegría muy grande... ya ahora tengo acá casi un mes... el siete tenemos un mes... y estoy / hay una diferencia muy grande... porque cuando llegamos acá... digo llegamos porque somos diecinueve mujeres que estamos aquí... en ese proyecto... notamos inmediatamente la diferencia en el recibimiento de las personas de aquí... en el trato... porque en Roraima no sé si es por la masiva cantidad de personas que hay ya... no es tan grato a veces el trato del brasilero hacia los inmigrantes... la diferencia aquí en Belo Horizonte es muy diferente... lloré... de emoción... cuando llegué... por la / por el recibimiento... por el cariño... prestado de las personas... organizadora... de los vecinos incluso... desde que llegamos acá no han parado las donaciones de muchas cosas que nos han regalado... muchas cosas... que necesitábamos... aún necesitamos y estamos / estoy súper agradecida

de todas esas personas... todavía cuando vamos por las calles y cuando nos escuchan hablar... que saben que somos extranjeras y se alegran... nos hablan bienvenida... uno se siente tan... optimista... y que: : provoca estar aquí... gracias a Dios no me arrepiento... estoy acá y: : esperando que todo lo que me he proyectado en la ehn... / desde que... me: : anoté para este viaje... con la ayuda de Dios lo puede alcanzar... qué es conseguir un buen empleo... donde valoren al empleado... donde seamos bien recibido... que tengamos buen trato... que no lo dudo porque aquí es excelente... y posteriormente traer a mi hija de Perú para acá... adonde yo estoy... que viva conmigo para que luchemos juntas... para que trabajemos juntas... las dos salgamos juntas... éh entonces los proyectos tanto de ella como yo tenemos... y tengo fe que así va a ser así porque estamos en un buen país... estamos en un buen sitio... estamos con buenas personas... y Dios sabe lo que hace... Dios nos trajo aquí me trajo aquí por un propósito... y yo sé que... todo lo que me logrado lo voy a hacer en el nombre de Dios... y: : bueno... solamente Dios decide el futuro de cada persona... pienso quedarme aquí no sé cuánto tiempo... porque me siento grata... grata... mas se bien que será trayendo la mi familia... que yo pueda traer a toda mi familia... porque en Venezuela es difícil... yo le ruego a Dios... le pido a Dios por todo los venezolanos... no por mi familia nada más... por todo los venezolanos... porque acá eso es diario... yo veo las noticias que se están suicidando las personas... porque sabe que si si enferman no tienen como ir al médico... si van al médico no tienen cómo comprar la medicina... y lo que tiene para comprar la medicina no consigue la medicina... es un círculo que se está cerrando cada día y es triste para las personas que están en Venezuela... solamente Dios sabrá que Dios nos proteja pero... esa es una noticia... esa es una realidad que está pasando y que yo no sé porque... eso continúa... no sé porque Dios mío no pasa algo donde esto se detenga porque es triste... ver que un niño está desnutrido... ver que un anciano / no sé / no pueda comer lo que lo / los alimentos que necesitan... y son muchas cosas... es lamentable pero eso está sucediendo en mi país... solamente me queda es pedirle a Dios... que por favor se apiade de este país... y que: : le dé fortaleza a las personas que están allí... y le doy gracias a Dios... me siento bendecida por haberme dado la oportunidad de haber salido... de mi país... y haber sacado mis hijos... y de colocarme de ponerme aquí en este sitio tan maravilloso y con gente tan especial... ((Entrevistadora: um dia você pensa em voltar para Venezuela ou não?)) sí pienso... pero no todavía... pienso porque tengo el resto de mi familia allá... pero pienso en ir... visitar... llevar lo que pueda llevar en medicina y después regresar... porque pienso encontrar un trabajo... y un trabajo duradero... no lo pienso abandonar una vez que tenga mi trabajo... pero si iría es de visita ((Entrevistadora: você gostaria de acrescentar mais alguma coisa?)) cuanto tiempo? ((pausa na gravação)) uno de los proyectos de vida que tengo es ehn... como dije anteriormente... éh encontrar un empleo y traer... principalmente a dos personas... éh... mi hija... que está en Perú... posteriormente a mi esposo... que quedó en Roraima... fue muy doloroso para mí separarme de mi marido... pero fue / fue esa oportunidad que se me presentó... de que yo viajara sola... y me pareció bien porque así le abrió el camino a él y a otras personas... también me gustaría traer a un hermano... son muchos... tengo once hermanos... mi familia es numerosa... pero mi hermano menor es uno de los que quiere salir del país... porque tiene un niño pequeño... y se: : / él es... un excelente profesional... es un maestro de obra... trabaja excelente... y hasta: : se han cerrado todas las puertas... porque: : a causa es la del costo... tan alto de los materiales... son pocas las personas que hacen construcción allá de viviendas... y me gustaría en lo futuro es eso... traer a mi familia y de regresar para Venezuela... sería eso... ahn... llevar... medicinas a mis familiares... en la mañana recibí la llamada de un amigo... un amigo que está enfermo... está en Venezuela... sufre del corazón... tiene muchos problemas de salud... y me di/ me informó... que tiene... es que el el problema de salud se complicó aún más... y no consigue

la medicina... y me pidió que por favor le enviar a las medicinas... pero yo estoy demasiado lejos y yo quisiera encontrar un medio... una vía para hacer le llegar la medicina a ese amigo y a mí familiares también y a las amistades... porque es difícil de encontrar a las medicinas en Venezuela... y ese es uno de los motivos por el cual... las personas están.. demás/ las que están enfermas se enferman más... las que está muy enfermo muere... y es lamentable... entonces éh... cuando yo: : camino por el centro... y veo... las farmacias... con muchos medicamentos... eso me da mucha nostalgia... quisiera tener como un poder de que toda esa medicina estuviesen ahí en la farmacia de mi país... y que todas las personas tengan posibilidad de acceder a esas medicinas... pero / bueno... éh... es lamentable no pu/ no puedes hacer otra cosa sino esperar... esperar qué... que un cambio positivo venga para... para mi país... en el nombre de Dios... y: : bueno aquí estoy... solamente le pido a Dios que me dé fuerza... me dé mucha salud... y: : que... siga poniendo gente en mi camino como la que he puesto hasta ahora... gente buena... gente amable... gente desprendida... gente dispuesta a ayudar... qué bonito... yo no sabía que... a muchos años atrás cuando Venezuela era una Venezuela así como ésta Brasil ahorita... como muchos países también... yo nunca pensé salir de mi país... de echo yo no tengo pasaporte... porque mi hija... no tiene y ya me dijo: “mamá saca tu pasaporte” y le comenté a mi hija... “es que yo no pienso salir de mi país”... le dije yo... “yo no pienso salir nunca mi país”... entonces... después que pasó todo... lo que pasó es que el país iba descendiendo: : a cada día peor... me arrepentí de no haber sacado mi pasaporte... gracias a Dios estamos en este país... nos abre las puertas solamente con la cédula de identidad... gracias a Dios... porque si fuese con / si si pidieron pasaporte... bueno... imagínese usted o ustedes que tengan oportunidad de oír de leer estas líneas... la dificultad que tuviésemos mucho venezolano porque era casi imposible obtener... un pasaporte... a la mejor posibilidad uno de los documentos que tengo que tramitar porque prácticamente es que me hace falta... de ahora en adelante eso me sirvió de reflexión de qué documento que yo pueda tener... tengo que tenerlo porque uno nunca sabe... el mundo da muchas vueltas... y: : una vez que esté: : estabilizada... que tenga mi independencia económica... es traer a esa familia como dije anteriormente... y: : me hubiese gustado que una persona / que no... ella no está que era mi madre... mi madre también fue víctima... de la situación en Venezuela ((choro))... a pesar que luchamos hasta lo último todos... pero mi madre... murió de cáncer... y no tuvimos... la posibilidad... de ayudarla... fue difícil... pero... Dios... se apiadó de ella... y se la llevó... no sufrió tanto... gracias a Dios pero... como mi madre hay muchas personas que están cada día... enfermas... yo me imagino que... es triste para los familiares ver a un familiar así en esas condiciones y no poder hacer nada... es triste... y: : estas palabras ojalás que llegue a muchos oídos... a muchos corazones... para qué... / dijo eso que... a nivel mundial... hace falta como más unión... más unión porque hay un país... hay un hermano... porque en los países... los países son como familias... un país es un hermano... y hay países que... se tapan los oídos se tapan los ojos y no ven la realidad del país hermano... todas las que.../ todas las palabras caramba que yo estoy diciendo acá llegue a las personas a donde / que Dios ponga estas palabras en el corazón... de las personas... de todo el mundo... y que surja un milagro... para que rescate no es sólo venezolano que están así... que... este poder que estuviesen... una: : un poder... de ver... la situación por la cual están pasando... no es fácil... lo que muchas veces hasta que la persona no le toque vivir algo así... no se da cuenta de la realidad... yo jamás pensé vivir algo así... yo jamás pensé salir de mi casa... pero... la: : / el amor de madre... el amor de hermana... me hizo salir... porque yo no estoy aquí por mí... yo estoy aquí por mi familia... estoy aquí por el futuro de mis hijos... estoy aquí por... por mis hermanos... porque qué dolor tan grande para mí que yo sepa que mi hermano... mi hermano... está enfermo y ellos no tengan cómo comprar una medicina... y: : : sería para mí satisfactorio de que yo



los pueda ayudar... y así a cada persona caramba que uno estime... es para mí sería algo muy importante porque yo lo he hecho... yo ayudaba personas en la manera de posibilidad... poquito pero he puesto de mí... he puesto un granito de arena... y sería *importantísimo* que las personas... que realmente tienen recursos... que podrán ayudar... la asociaciones que ayuden... este es un llamado que le haga a todas las asociaciones... a las instituciones... vamos a darle la ayuda a quién realmente la necesita... eso es importante... porque recuerden algo... Dios existe... y Dios ve... todo lo que nosotros pensamos y hacemos... y: : es importante dar sin esperar nada a cambio... entonces los que estás necesitando ahorita... son muchas personas... son muchas... entonces vamos a... a ver largo... vamos a darle importancia a eso y: : hay que ser agradecido con la vida... y dale gracias a Dios por todo lo que sucede... Bueno uhn... yo sé que mi país va a salir pronto de eso... porque... hay en Venezuela... hay un adagio que dice que: : no hay mal que dure cien años... y pronto Venezuela en el nombre de Dios... y en el nombre de todas las personas que están trabajando... para que haya un cambio... urgente... político... cultural porque... soy yo la que pienso que no nada más tiene que haber un cambio político en Venezuela... tiene que haber un cambio global... político... social... con valores... los valores... eso es lo que tienen que trabajar... porque los valores hacen la fuerza... de los corazones... de los pensamientos... de las acciones... y todo eso... se ha ido abajo lamentablemente... espero... que sea pronto... que llegue pronto... que no sea tan tarde... que llegue ese cambio para Venezuela... y: : retomo... las gracias a Dios de que me colocó aquí... y que Dios me permita lograr... los objetivos que me planteé... lograr ver a Venezuela pronto libre... próspera... cómo es cómo era lo mi país... por qué Venezuela es un país rico... un país potencia... lo que le hace falta son personas éhn... porque: : / administran los sus recursos... personas que sean seres humanos... personas que sean sensibles... personas que le duela el dolor ajeno... no sean personas mezquinas.

### **Tradução para o português**

V: Boa tarde... eh: : sou uma venezuelana... uma imigrante que está radicada aqui no Brasil... um dos motivos que me: : fez sair de meu país... Venezuela... foram muitos... mas o mais importante... foram... levar a nossa família adiante... aos meus filhos... esses foram meus maiores motivos... eh mas o primeiro antes de eu sair... pude tirar os meus filhos.. porque eu pensei no futuro deles e do meu neto porque tenho um neto... éh: : me encontrei: : ... em / com muitas dificuldades muitos problemas econômicos... porque... apesar de que eu trabalhava / eu trabalhava em Venezuela o dinheiro não era suficiente... e estava muito preocupada pelo que vinha depois... porque isso estou falando de cerca de três... quatro anos atrás... que todavia a situação não estava como estava agora mas eu imaginava... que ia ser mais difícil a cada dia... então me pus a pensar um dia... que tinha que sair do país para trabalhar... para guardar dinheiro... para tirar a minha filha primeiro... e o que mais me dói é que minha filha estava estudando... estava na universidade... estava no oitavo semestre de engenharia de sistemas... e não pode seguir e continuar estudando porque não tínhamos os recursos.. porque não podíamos com os gastos... da minha filha... do aluguel... da co/alimentação... eu vim... sem pensar muito... a Boa Vista... a Roraima... com o convite de uma senhora... que conheci... não tive muito tempo conhecendo ela e me enchi de força... arrisquei e cheguei a Roraima... em / no momento de chegar a Roraima foi algo muito... impactante para mim porque cheguei a um abrigo... que se chama T. N... parece então que esse abrigo estava... / não tinha controle... não estava: : / não havia presença ali da Y... nem de militares... isso algo descontrolado... parecia como uma prisão... era horrível... estava cheio de venezuelanos... mas como todos os países há pessoas boas e pessoas más... me deu a impressão de que havia muitas pessoas más ali... e me senti mal... esse momento que cheguei... as bem-vindas foram esse ambiente e eu

não gostei... aonde havia tantas pessoas... / até droga havia ali... havia prostituição... coisas que eu estranhei mas bom... eu disse meu Deus foi para isso que vim ao Brasil?... ali estava assim... não estava bem mas como que imediatamente Deus me deu essa força e me disse “se acalma que você vai sair daqui”... estive uma semana nesse abrigo... até que chegou o pessoal da Y... e a senhora que me recebeu estava com duas meninas.. menores de idade... e a senhora... nos / se aproximou e... disse que não podíamos estar ali e que tínhamos que está em um lugar... mais amigável e um lugar familiar... e nos mandou para outro abrigo que se chama J. F... quando vi esse abrigo ele me pareceu um paraíso... a diferença do abrigo aonde estava primeiro... era familiar realmente... ali sim me senti bem... comecei a trabalhar... não encontrava o que fazer porque estava chegando... e : comecei a trabalhar vendendo café... em frente ao H. G. . R.... estive ali seis meses... nos quais esses seis meses pude... coletar todo o dinheiro para... que minha filha saísse de Venezuela... voltei para a Venezuela... minha filha perto do país já partiu para o Peru... e eu filho/ faltava ver meu filho e meu neto... e meu filho me/ ... bom me faltava eles e meu filho me fez essa pergunta “mãe, minha irmã se foi e agora o que vai se passar comigo?” bom... retornei outra vez ao Brasil... retomei o trabalho que tinha no hospital... pude coletar todo o dinheiro e trazer o meu filho para Roraima... chegaram / foi difícil trazer o meu filho para Roraima porque... esse abrigo / o abrigo estava em quarentena porque... tinha a catapora... *lechina*... e... a / para entrar ali... tinha que ter a vacina de catapora e quando a tivesse tinha que esperar quinze dias o efeito da vacina... e eu não encontrava aonde mantê-los naqueles quinze dias e tivemos que dormir na rua quinze dias... com meu filho meu neto ((choro))... mas foi difícil... mas na verdade estava tranquila porque estava fora de Venezuela infelizmente... e é triste dizer isto... estou fora do meu país graças a Deus... é triste... que um cidadão diga isso de um país... mas deveria dar graças a Deus ainda que estivesse na rua... ((choro)) mas estava com meu filho dessa vez... segura... os militares estavam atentos... as pessoas nos davam comida... não passamos fome nem frio apesar que estávamos na rua... não recebemos... maus tratos graças a Deus... quando terminou os quinze dias eles conseguiram entrar no abrigo... aos três meses eles se interiorizaram e foram para São Paulo e hoje estão aqui em São Paulo... estão bem... mas antes disso estiveram seis meses em um abrigo... no abrigo J. F... quando foram selecionados para interiorização eles passaram para um abrigo que se chama R. D... ali estiveram seis meses... eles se desesperavam e eu lhes dizia “meu filho: / o bom estar por vir... tenham paciência”... e agora estão bem em São Paulo... em família... economicamente estão trabalhando... têm saúde... e estão protegidos por este país que é o mais importante... e têm muitas amigas bonitas... graças a Deus... bom depois... éh: : ... me veio a ideia porque em Roraima está muito intenso porque ali é onde está toda a massa de imigrantes... muitos imigrantes... eu já não pude trabalhar no hospital... tudo foi uma má experiência ali porque já o último... éh: : / havia tantos venezuelanos ali vendendo que isso se converteu em um mercado... e como isso não podia te/ estar assim porque esse era um lugar público de saúde... e bom... o lamentável disso foi que nos tiraram dali... ficar ali... a mim me maltrataram verbalmente... mesmo fisicamente... sendo eu uma pessoa já de idade... me tiraram dali... sem importar com nada... mas sou agradecida a Deus porque com este tempo que estive trabalhando ali pude tirar meus filhos do país... depois disso... que eu vi a impossibilidade de conseguir emprego em Roraima... hum... numa oportunidade fui aos J.... eu ia me cadastrar para interiorização... e aí sim escutei sobre o programa na qual estou agora... o programa de interiorização para mulheres sozinhas... como que Deus me colocou aqui nesse momento preciso... não pensei... pensei... e me percebi nos Jesuítas para a viagem de interiorização... me informaram que viria para Belo Horizonte... para Minas Gerais... mas não não pensei... me inscrevi e: : no mês me chamaram para esse/ em alguns dias me chamaram para me dizer que estava selecionada...

eu chorei de emoção... quando a pessoa o coordenador de Roraima da J. me chamou para dar a notícia que estava selecionada... para ser participante do grupo de mulheres que viriam para Belo Horizonte... foi uma alegria muito grande... agora já estou aqui há quase um mês... no dia sete teremos um mês... e estou/ há uma diferença muito grande... porque quando chegamos aqui... digo chegamos porque somos dezenove mulheres que estamos aqui... nesse projeto... notamos imediatamente a diferença no acolhimento das pessoas daqui... no trato... porque em Roraima não sei se é pela massiva quantidade de pessoas que já tem... não é tão grato às vezes o trato do brasileiro com os imigrantes... a diferença aqui em Belo Horizonte é muito diferente... chorei... de emoção... quando cheguei... por lá/ pelo acolhimento... pelo carinho... prestado pelas pessoas... pela organização... dos vizinhos inclusive... desde que chegamos aqui não tem parado as doações de muitas coisas que nos tem apresentado... muitas coisas... que necessitávamos... ainda necessitamos e estamos / estou super agradecida por todas essas pessoas... além disso quando saímos pelas ruas e quando nos escutam conversar... que sabem que somos estrangeiras e se alegram... nos dão boas-vindas... eu me sinto tão... otimista... y que: : dá vontade de estar aqui... graças a Deus não me arrependo... estou aqui e: : esperando que tudo o que tenho planejado na ehn... / desde que... me: : inscrevi para essa viagem... com a ajuda de Deus pude conseguir... que é conseguir um bom emprego... aonde valorizem ao empregado... aonde sejamos bem recebidos... que sejamos bem tratados... que não duvido porque aqui é excelente... e posteriormente trazer minha filha do Peru para cá... aonde eu estou... para que viva comigo para que lutemos juntas... para que trabalhemos juntas... as duas saindo juntas... éh então os projetos que tanto ela como eu temos... e tenho fé que assim vai ser porque estamos em um bom país... estamos num bom lugar... estamos com boas pessoas... e Deus sabe o que faz... Deus nos trouxe aqui me trouxe aqui por um propósito... e eu sei que... tudo o que tenho conseguido vou fazer em nome de Deus... e: : bom... somente Deus decide o futuro de cada pessoa... penso em ficar aqui não sei quanto tempo... porque me sinto grata... grata... mas se bem que será trazendo a minha família... que eu possa trazer toda a minha família... porque na Venezuela é difícil... eu rogo a Deus... peço a Deus por todos os venezuelanos... não por minha família nada mais... por todos os venezuelanos... porque aqui isso é diário... eu vejo as notícias que as pessoas estão se suicidando... porque sabem que se adoecem não tem como ir ao médico... se vão ao médico não tem como comprar os remédios... e o que tem para comprar o remédio não consegue o remédio... é um círculo que se está fechando a cada dia e é triste para as pessoas que estão na Venezuela... somente Deus saberá que Deus proteja mas... essa é uma notícia... essa é uma realidade que está acontecendo e que não sei porque... isso continua... não sei porque meu Deus não acontece algo para que isso se detenha porque é triste... ver que uma criança está desnutrida... ver que um idoso / não sei / não possa comer o que / os alimentos que necessita... e são muitas coisas... é lamentável mas isso está ocorrendo em meu país... somente me resta é pedir a Deus... que por favor tenha piedade deste país... e que: : dê força as pessoas que estão ali... e dou graças a Deus... me sinto abençoada por ter me dado a oportunidade de ter saído... de meu país... e ter tirado meus filhos... e de me colocar de me pôr aqui nesse lugar tão maravilhoso e com gente tão especial... ((Entrevistadora:: um dia você pensa em voltar para Venezuela ou não?)) sim penso... mas ainda não... penso porque tenho o resto da minha família lá... mas penso em ir... visitar... levar o que possa levar em remédio e depois voltar... porque penso em encontrar um trabalho... e e um trabalho duradouro... não penso em o abandonar uma vez que tenha meu trabalho... mas se iria é de visita ((Entrevistadora:: você gostaria de acrescentar mais alguma coisa?)) quanto tempo? ((pausa na gravação)) um dos projetos de vida que tenho é ehn... como disse anteriormente... éh encontrar um emprego e trazer... principalmente duas pessoas... éh... minha filha... que está no Peru... e posteriormente o

meu esposo... que ficou em Roraima... foi muito doloroso para mim separar-me de meu marido... mas foi / foi essa oportunidade que se apresentou a mim... de que eu viajasse sozinha... e me pareceu bem porque assim se abriu o caminho a ele e a outras pessoas... também gostaria muito de trazer a um irmão... são muitos... tenho onze irmãos... minha família é numerosa... mas meu irmão mais novo é um dos que querem sair do país... porque tem um filho pequeno... e se: / ele é... um excelente profissional... é um mestre de obras... seu trabalho é excelente... e até: : todas as portas foram fechadas... porque: : por causa do custo... tão alto dos materiais... são poucas as pessoas que fazem construções lá de casa... e gostaria no futuro é isso... trazer a minha família e de voltar para Venezuela... seria isso... ahn... levar... remédios aos meus familiares... na manhã recebi a chamada de um amigo... um amigo que está doente... está na Venezuela... sofre de problema no coração... tem muitos problemas de saúde... e me deu/ me informou... que tem... é que o problema de saúde se complicou ainda mais... e não consegue o remédio... e me pediu por favor para lhe enviar os remédios... mas eu estou muito longe e eu queria encontrar um meio... uma forma de fazer chegar o remédio a esse amigo e aos meus familiares também e às amizades... porque é difícil de encontrar os remédios na Venezuela... e esse é um dos motivos pela qual... as pessoas estão... muito/ as que estão doentes se adoecem mais... as que estão muito doentes morrem... e é lamentável... então é... quando eu: : caminho pelo centro... e vejo... as farmácias... com muitos remédios... isso me dá muita nostalgia...queria ter como que um poder para que todos esses remédios estivessem ali nas farmácias de meu país... e todas as pessoas tivessem possibilidade de ter acesso a esses remédios... mas / bom... éh... é lamentável não po/ poder fazer outra coisa se não esperar... esperar que... que uma mudança positiva venha para... para meu país... em nome de Deus... e: : bom estou aqui... somente peço a Deus que me dê força... me dê muita saúde... e: : que... siga colocando gente em meu caminho como a que tem colocado até agora... gente boa... gente amável... gente despreendida... gente disposta a ajudar... que bonito... eu não sabia que... há muitos anos atrás quando Venezuela era uma Venezuela assim como está Brasil agora... como muitos países também... eu nunca pensei em sair de meu país... na verdade eu não tenho passaporte... porque minha filha... não tenho e ela me disse: “mãe tira o seu passaporte” e comentei a a minha filha... “é que eu não penso em sair de meu país” eu lhe disse... “eu não penso em sair nunca de meu país”... então... depois que tudo aconteceu... o que aconteceu é que meu país estava descendo: : cada dia pior... de arrependi de não ter tirado meu passaporte... graças a Deus estamos nesse país... nos abrem as portas somente com as cédulas de identidade... graças a Deus... porque se fosse com/ se se pedissem passaporte... bom... imagina você ou vocês que tenham oportunidade de ouvir essas linhas... a dificuldade que teríamos muitos venezuelanos porque era quase impossível obter... um passaporte... a melhor possibilidade de um dos documentos que tenho que tramitar porque praticamente é o que me faz falta... de agora em diante isso me serviu de reflexão de que o documento que eu possa ter... tenho que ter porque nunca sabemos... o mundo dá muitas voltas... e: : uma vez que esteja: : estabilizada... eu gostaria que uma pessoa /que não... ela não está aqui que era minha mãe... minha mãe também foi vítima... da situação na Venezuela ((choro))... apesar de que todos lutamos até o último... mas minha mãe... morreu de câncer... e não tivemos... a possibilidade... de ajudá-la... foi difícil... mas... Deus... teve piedade dela... e a levou... não sofreu tanto... graças a Deus mas... como minha mãe há muitas pessoas que estão cada dia... doentes... eu imagino que... é triste para os familiares ver a um familiar assim nessas condições e não poder fazer nada... é triste... e: : ... tomara que essas palavras cheguem a muitos ouvidos... a muitos corações... para que... / digo isso que... a nível mundial... faz falta ter mais união... mais união porque se há um país... há um irmão... e há países que... se tampam os ouvidos e não veem a realidade do país

irmão... todas as que.../ todas as palavras caramba que eu estou dizendo aqui que chegue às pessoas aonde / que Deus ponha essas palavras no coração... das pessoas... no mundo todo... e que surja um milagre... para que se resgate não apenas os venezuelanos que estão assim... que... este poder que estivesse... uma: : um poder... de ver... a situação pela qual estão passando... não é fácil... quantas vezes até que a pessoa não tenha que viver algo assim... não se dão conta da realidade.. eu jamais pensei viver algo assim... eu jamais pensei em sair de minha casa... mas... a: : / o amor de mãe... o amor de irmã... me fez sair... porque eu não estou aqui por mim... eu estou aqui por minha família... estou aqui pelo futuro dos meus filhos... estou aqui por... por meus irmãos... porque que dor tão grande para mim que eu saiba que meu irmão... meu irmão... está doente e eles não tem como comprar um remédio... e: : : seria para mim satisfatório que eu possa lhes ajudar... e assim a cada pessoa caramba que eu estime... é para mim seria algo muito importante porque eu já estava fazendo... eu ajudava as pessoas na maneira da minha possibilidade... um pouquinho mas tenho colocado de mim... tenho colocado um grãozinho de areia... e seria importantíssimo que as pessoas... que realmente tem recursos... que poderiam ajudar... as associações que ajudam... esse é um chamado que faço a todas as associações... às instituições... vamos dar ajuda a quem realmente precisa... isso é importante... porque recordem algo... Deus existe... e Deus vê... tudo o que nós pensamos e fazemos... e: : é importante dar sem esperar nada em troca... então os que estão necessitando agora... são muitas pessoas.. são muitas... então vamos... ver longe... vamos dar importância a isso e: : tem que ser agradecido com a vida... e dar graças a Deus por tudo que acontece... bom uhn... eu sei que meu país vai sair logo disso... porque... há na Venezuela... há um ditado que diz que: : não há mal que dure cem anos... e logo a Venezuela em nome de Deus... e em nome de todas as pessoas que estão trabalhando... para que haja uma mudança... urgente... político... cultural porque... eu penso que não só deve haver uma mudança política na Venezuela... tem que haver uma mudança global... política... social... de valores... isso é o que temos que trabalhar... porque os valores Fazem a força... dos corações... dos pensamentos... das ações... e tudo isso... se foi abaixo lamentavelmente... espero... que seja rápido... que não seja tão tarde... que chegue essa mudança para Venezuela... e: : : retomo... as graças a Deus que me colocou aqui... e que Deus me permita lograr... os objetivos que plantei... lograr ver a Venezuela livre logo... próspera... como é como era o meu país... porque Venezuela é um país rico... um país potência... o que lhe faz falta são pessoas éhn... que: : / administrem os seus recursos... pessoas que sejam seres humanos... pessoas que sejam sensíveis... pessoas que lhe doam a dor alheia... não sejam pessoas mesquinhas.

### **MAYERLIN**

E: Conte-me como você vivia antes e como vive atualmente, ou seja, eu gostaria de saber como era sua vida na Venezuela e como tem sido aqui no Brasil.

M: Me motivó a salir de Venezuela ... es que: : hum... en búsqueda de una mejor calidad de vida... en principio yo salí con mi hija... vine a/ venir a/ la idea era venir hasta la línea hasta Pacaraima... dejar a mi hija y regresar de vuelta a Caracas... hum... porque mi hija es de la comunidad LGTB venía con su pareja y por la inseguridad que hay en Venezuela no me atreví ahn ... a ir hasta: : ... a que ella transitara desde oriente hasta... hasta la frontera eh: : sin sin el apoyo de un adulto: : que la guiara... mas: : fuimos: : estafados en: : en: : el terminal en Tigre... antes de llegar a la Gran Sabana nos quedamos sin dinero... eramos tres mujeres solas y una niña de once años... y una vez ya en la frontera no fue posible hum... que yo regresara a Venezuela... a Caracas... de inmediato... porque no tenía dinero... nos quedamos en la frontera... hum: : ... es que una... en Pacaraima... en un abrigo en Pacaraima y nos quedamos aproximadamente una semana... es que para: : salir hasta

Boa Vista y para llegar a Boa Vista... y porque escogimos Brasil? ... hum... ocho meses después sigo pensando... ocho meses que después que ya estoy aquí en Brasil sigo pensando que Brasil tiene la mejor economía de Sudamérica... y: : : que tiene el mejor potencial como país para quien quiera una mejor calidad de vida... es que/ la dificultad que afrontamos fueran fuertes... como ya dice nos estafaron en: : en el terminal de Tigre... nos quedamos... tres mujeres solas... es que: : abandonaran a gente antes de llegar a la Gran Sabana y: : sin dinero... prácticamente sin comida... nos tocó pedir carona... pedir cola... en: : en la frontera... y: : : llegar a Boa Vista fue... difícil... y fue todo un reto llegar a Boa Vista y no tener dinero... es que: : viene a ser uno en la situación de quien no tiene dinero... que fue difícil... eh: : recoger lata eh: : que fue las dificultades... nos tocó recoger lata... nos tocó: : juntar la basura... hum: : : pedir comida... es que pedir comida en lo mercado... pedir comida en la calle y: : : para mí: : es que: : llegar a Brasil y todo lo que viví en Boa Vista fue una escuela de vida... yo pienso que después que pasa por esa escuela que es Boa Vista para los venezolanos no puede seguir siendo el mismo porque tienes que mejorar como ser humano tienes que mejorar tu calidad de vida... y a pesar de que uno recogí: : comida... pedí comida... recogí latas... es que: : comí arroz con frijoles todos los días porque no comí otra cosa o... o las comidas que que preparan los misioneros... es que: : los valientes nos quedamos para seguir adelante y conseguir esa mejor calidad de vida que... que venimos a buscar... el sentimiento de los brasileros... este puedo decir que es cincuenta y cincuenta... unos nos reciben con los brazos abiertos... estos... cierto se convierten en ángeles mientras que otros están indispuestos y en parte yo los entiendo porque en lo caso específico de Boa Vista no están preparados para una migración tan fuerte y además que la población venezolana... una grande parte de la población venezolana que llega a Boa Vista... a Boa Vista no está de lo mejor preparada para para todo lo impacto socio-económico que tiene la llegada de venezolano a Boa Vista... es que: : ... fue difícil... sí fue difícil llegar a Boa Vista... fue difícil dormir en el piso... dormir en la calle... pero: : es una escuela de vida... es una escuela de fe... y: : : y: : : a mí me ayudó mucho la fe... mi hubiese gustado venirme con mi hijo... este es el mayor desafío que yo tengo en ese momento... es que mi hijo no quiera venir conmigo mas: : no: : no: : yo: : de momento no pienso en regresar a Venezuela porque... tengo mucho que agradecerle a Brasil... es que: : Brasil... insisto... es una escuela de vida... y como bendigo la persona que nos recibió en Pacaraima en día que llegamos... para quién hacen las cosas bien son bendiciones lo que reciben... y para quién hacen las cosas mal... recogen lo que cultivan... es que... yo sí pienso que fue... acertado... lo que más me: : me impresiona es que... lo que más me duele es que mi hijo no estás conmigo... mi gustaría que él disfrutara de las bendiciones que lo he recibido en esta tierra... daría la vida porque mi hijo... es que... estudiara acá... porque se pienso que Brasil es el mejor / el país con el mejor potencial en en América del Sur que mejor que mi hijo estudiara acá para que terminara de crecer y hacerse un hombre de bien? pero... yo pienso que si fue acertado venir... esta mi viaje a Belo Horizonte fue toda una aventura... porque... entramos los / logramos entrar en algún abrigo porque la condición de mi hija y de su pareja que son lgtb... ellos conseguirán un abrigo y: : : para mí fue un reto irme a un abrigo porque yo no quería... es que yo conseguí mi pareja aquí en Brasil y: : : es que... no me atreví / no quería dejarlo solo en la calle durmiendo en la calle... mas sin embargo él mi dijo así: “tu te vas para el abrigo... porque se a mí me sale viaje tu te vas a quedar sola en la calle”... entonces: : entramos en lo abrigo y sin embargo yo iba y me quedaba con él... hum dos o tres veces por semana y as veces hasta más... y: : : estoy muy agradecida... estoy muy agradecida con todos los ángeles que Dios puso en mi camino... porque fueran muchas las bendiciones... es que... hum... y: : y: : y: : mi viaje fue... cuando llegó en quince de noviembre y yo no tenía ninguna esperanza de viaje me dice a Dios mío: “quedarme

diciembre acá?” porque yo pensaba que mi pareja iba viajar antes que yo... y: : : me inscribí en un curso y a través del servicio de los J.... y: : : es que yo le preguntó por mujeres solteras y sin hijos... mi hija ya tiene diecinueve años y tiene su familia en Boa Vista... y: : : mi pareja siempre me decía: “Mayerlin, no te pares por mí... si te aparece una buena oportunidad aprovecha”... y así fue... me postulé y se empezó a caminar a partir de veinte de noviembre la viaje para acá para Belo Horizonte... yo no pensaba venir a Belo Horizonte porque yo soy amante de las playas... y: : : siempre decía: “ah, Belo Horizonte”... decía “no... si Dios me está poniendo allá es por allá... además tengo la Bahia... tengo el Espíritu Santo... tengo el Rio de Janeiro... tengo São Paulo... cerca... en comparación a... a cuando estaba en Boa Vista”... y: : : la se fue... es que: : en una conversación conmigo me digo: bueno la decisión que estoy tomando... si dentro de esas ochenta mujeres que... que que se cadastraran estoy yo es porque tu quieres que yo siga en Brasil... porque se intenté regresar a mí Venezuela y cada vez que intentaba Dios me ponía un no y me decía por adelante y así es que me quedara... es que: : ... pero... con todo y: : : ... me quedé sorprendida cuando yo fue y le pregunté a X y lo digo: “X, es que que yo quiero saber si... si quedé” y me dice “sí... yo notifiqué a... a la abrigo que quedaste para la viaje”... y: : : mi gente me decía: “uau, menos mal que eras tu la que se iba”... mis amistades me decían: “mira... ya que no sé lo resultado es la primera que se va”... efectivamente es que... mi hija está todavía en: : ... en Brasil, en Boa Vista... y: : : mi pareja llegó a Curitiba hace: : una semana apenas... es que... pero sí... hum... tenemos planos en nombre de Dios de quedarnos aquí... en Brasil... es que... no sé si me quedaré aquí en Belo Horizonte... no sé si me vaya para Curitiba... esque... porque el hijo y mi pareja esta allá... pero sí en Brasil... yo: : ... sí... cada vez que yo pienso en mi futuro... cada vez que yo pienso en el futuro de mis hijos... en futuro de mis padres... en futuro de mi sobrino... yo me veo en Brasil... porque... es que / yo veo que aquí hay una calidad de vida... para el que trabaja... para que estudia... para que se compromete... para el que quiere salir adelante y hacer las cosas bien Brasil te da la oportunidad de tener esa mejor calidad de vida... a eso vine yo a Brasil...y en comparación a la vida que yo tenía en Venezuela... si las montas en una balanza a la vida que tengo ahora es una gran bendición... cada día de mi vida le doy gracias a Dios porque mi vida aquí es una gran bendición... es que... indiferentemente de que a veces... uno escucho un brasilero diciendo que no... que: : que las cosas no están bien... ustedes tienen una bendición de país... los brasileros tienen una bendición de país y espero que crezcan como ciudadano y sepan aprovechar esta bendición que tienes de país porque aquí las cosas en comparación a Venezuela funcionan mucho mucho mejor... hay cosas que no como todo... pero yo creo que si el ciudadano pone de su parte consigue esa calidad de vida... esa calidad de vida que un buen ciudadano sí merece... por eso yo apuesto por Brasil... sigo amando mi Venezuela pero: : ... aquí yo tengo la fe... la esperanza de que aquí voy a conseguir una mejor calidad de vida par mí y para mi para... mi familia... para mis padres... para mi sobrino... y: : estoy agradecida... lo digo en todo momento porque: : Brasil es el único país de Sudamérica... que ha dicho: : “hermanos venezolanos... aquí estamos”... es que... ustedes... aquí tiene un apoyo quizás no es el apoyo que todos los venezolanos esperan... pero tienen un apoyo porque: : es que... nos orienten con todo y lo difícil que en Boa Vista teníamos protección militar... teníamos comida... los misioneros... la Iglesia Católica... la Iglesia Evangélica... los Mormones... la Iglesia Adventista hacen un buen trabajo que si el inmigrante que llega pone de su parte... sale adelante y para ejemplo estamos... somos/ que mejor ejemplo que estas diecinueve mujeres que estamos aquí?... en relación: : a mi Venezuela es que... yo sigo teniendo fe en mi Venezuela... mas sé que es un trabajo a largo plazo... porque está en proceso de aprendizaje MUY profundo y: : : el ciudadano que está allá... una gran parte es un ciudadano conformista que se

acostumbró a las dádivas... no entiende que una ayuda es un apoyo para salir adelante sino que piensan que esta ayuda... con esa ayuda es suficiente... entonces... mi Venezuela sí va mejorar pero... va pasar un largo tiempo... y: : muchas veces nos acusan a los venezolanos que estamos afuera... de que abandonamos a Venezuela pero no... hubimos muchos venezolanos poniendo el nombre de... poniendo el nombre de Venezuela en alto... somos muchos los venezolanos que estamos afuera... trabajando... poniendo el nombre de nuestra Venezuela en alto... y: : y: : es que... con la esperanza de regresar quizás no a quedarse... porque ya: : ... la Venezuela que dejamos no es la misma que... que nosotros estamos acostumbrados... y más que costumbre es todo el aprendizaje que... que significa el proceso de inmigrante... eh... hay personas que dicen que si van a regresar hay personas que dicen que no van a regresar... mas... tanto los que están allá como los que estamos aquí queremos una mejor Venezuela pero tenemos que trabajar para eso y estar consciente que es cómo... es como... es como un adolescente rebelde... tiene que cumplir ese proceso para que pueda: : hacerse adulto y: : y: : ser grande de nuevo porque mi tierra... mi tierra es grande mas bueno... como yo siempre digo tenemos que poner de nuestra parte... tomar conciencia... si le doy una mensaje a las mujeres venezolanas que por favor tomen conciencia en la hora de tener hijos... una de las cosas que más me impresiona en mirar acá de Belo Horizonte es que uno va por la calle y no ven tantos niños... en Caracas uno camina y son sólo niños por todos los lados... estando en Boa Vista era impresionante por ejemplo cuando uno va a la consulta y uno dice: “cuántos.. hum... cuántos niños tiene?” yo digo: “yo tengo dos hijos”... “seguro? y no estás embarazada?” “no... no... no estoy embarazada” “seguro que no estás embarazada?” “no... no estoy embarazada”... entonces uno de las principales mensajes que yo le doy a las mujeres venezolanas es que tomemos conciencia porque: : tenemos que pensar bien... aprender y tomar como ejemplo la mujer brasilera que no se llena de hijos... es que... y: : y: : en ese aspecto hum... el principal ejemplo ha sido acá en Belo Horizonte porque yo decía a mis compañeras cuando llegamos: “ustedes no si dan cuenta que casi no se ven niños en la calle?” y sé que aquí en Brasil hay niños en situación de calle porque sí lo hay ... pero jamás comparado a la situación en Venezuela que lamentablemente... hum... la mujer venezolana no ha tomado conciencia con respecto a eso y: : nosotros somos muy: : irresponsables en el tema y eso se comprueba en... en Boa Vista... en Boa Vista hay mujeres con cinco siete nueve niños y: : lamentablemente cómo va a mejorar a Venezuela si a nuestra semilla no le estamos dando la atención apropiada... entonces para que mejore la Venezuela nosotros como ciudadanos... tanto ciudadanos brasileiros como ciudadanos venezolanos... tenemos que mejorar y tomar conciencia.

### **Tradução para o português**

M: Me motivou a sair da Venezuela... é que: : hum... em busca de uma melhor qualidade de vida... em princípio eu saí com minha filha... vim a/ vir a/ a ideia era vir até a linha até Pacaraima... deixar a minha filha e regressar de volta a Caracas... hum... porque minha filha é da comunidade LGBT vinha com sua parceira e pela insegurança que há na Venezuela não me atrevi ahn... a ir até: : ... a que ela transitara desde o oriente até... até a fronteira eh: : sem sem o apoio de um adulto: : que lhe guiasse... mas: : fomos fraudados no: : no: : terminal em Tigre... antes de chegar à Gran Sabana ficamos sem dinheiro... éramos três mulheres sozinhas e uma menina de onze anos... e uma vez já na fronteira não foi possível hum... que eu regressasse a Venezuela... a Caracas... de imediato... porque não tinha dinheiro... ficamos na fronteira... hum: : ... é que uma... em Pacaraima... num abrigo em Pacaraima e ficamos aproximadamente uma semana... para: : sair até Boa Vista e para chegar em Boa Vista... e porque escolhemos Brasil? ... hum... oito meses depois continuo pensando... oito meses depois que já estou aqui no Brasil continuo pensando que



o Brasil tem a melhor economia da América do Sul... e : : que tem o melhor potencial como país para quem quiser uma melhor qualidade de vida... é que/ as dificuldades que enfrentamos foram intensas... como já disse nos fraudaram no: : terminal de Tigre... ficamos... três mulheres sozinhas... é que: : abandonaram a gente antes de chegar a Gran Sabana e: : sem dinheiro... praticamente sem comida... tivemos que pedir carona... pegar fila... na: : na fronteira... e: : : chegar a Boa Vista foi... difícil... e foi tudo um desafio chegar a Boa Vista e não ter dinheiro.. é que: : tornar-se alguém na situação de quem não tem dinheiro... que foi difícil... eh: : recolher lata eh: : que foi as dificuldades... tivemos que recolher lata... tivemos que: : juntar o lixo.. hum: : : pedir comida... pedir comida no mercado... pedir comida na rua e: : : para mim: : é que: : chegar ao Brasil e tudo o que vivi em Boa Vista foi uma escola de vida... eu penso que depois que se passa por essa escola que é Boa Vista para os venezuelanos não se pode seguir sendo o mesmo porque tem que melhorar como ser humano tem que melhorar sua qualidade de vida... e apesar de que eu recolhi: : comida... pedi comida... recolhi latas... é que: : comi arroz com feijão todos os dias porque não comia outra coisa ou... ou as comidas que que preparam os missioneiros... é que: : os corajosos ficamos para seguirmos em frente e conseguir essa melhor qualidade de vida que... que viemos buscar... o sentimento dos brasileiros... este posso dizer que é cinquenta e cinquenta... uns nos recebem com os braços abertos... estes... certo que se convertem em anjos enquanto que outros estão indispostos e em parte eu os entendo porque no caso específico de Boa Vista não estão preparados para uma migração tão intensa e além disso a população venezuelana... uma grande parte da população venezuelana chega a Boa Vista... Boa Vista não está o melhor preparada para para todo o impacto sócio econômico que tem a chegada dos venezuelanos a Boa Vista... é que: : : ... foi difícil... sim foi difícil chegar a Boa Vista... foi difícil dormir no chão... dormir na rua... mas: : é uma escola de vida... é uma escola de fé... e: : : e: : : a fé ajudou muito a mim... eu gostaria de ter vindo com meu filho... este é o maior desafio que eu tenho nesse momento... é que meu filho não queria vir comigo mas: : não: : não: : eu: : no momento não penso em voltar a Venezuela porque... tenho muito que agradecer ao Brasil... é que: : Brasil... insisto... é uma escola de vida... e como abenço a pessoa que nos recebeu em Pacaraima no dia que chegamos... para quem fazem as coisas bem são bênçãos que recebem... e para quem fazem as coisas mal... colhem o que cultivam... é que... eu sim penso que foi... acertado... o que mais me: : me impressiona é que... o que mais me dói é que meu filho não está comigo... eu gostaria que ele desfrutasse das bênçãos que eu tenho recebido nessa terra... daria a vida para que meu filho... estudasse aqui... porque se penso que Brasil é o melhor/ o país com melhor potencial na América do Sul o que é melhor que meu filho estudar aqui para que termine de crescer e faça-se um homem de bem? mas... eu penso que sim foi acertado vir... esta minha viagem a Belo Horizonte foi toda uma aventura... porque... entramos/ conseguimos entrar num abrigo por causa da condição de minha filha e sua parceira que são lgbt... elas conseguiram um abrigo e: : para mim foi um desafio ir a um abrigo porque eu não queria... é porque eu consegui o meu parceiro aqui no Brasil e: : : é que... não me atrevi/ não queria deixá-lo sozinho na rua dormindo na rua... mas no entanto ele me disse assim: “você vá para o abrigo... porque se sair a viagem para mim você vai ficar sozinha na rua”... então: : entramos no abrigo e no entanto eu ia e ficava com ele... hum duas ou três vezes por semana e às vezes até mais... e: : : estou muito agradecida... estou muito agradecida com todos os anjos que Deus pôs em meu caminho... porque foram muitas as bênçãos... é que... hum... e: : e: : e: : minha viagem foi... quando chegou quinze de novembro e eu não tinha nenhuma esperança de viagem eu disse ao meu Deus: “vou ficar aqui em dezembro?” porque eu pensava que meu parceiro ia viajar antes que eu... e: : : me inscrevi num curso e através do serviço dos J.... e: : : eu lhes perguntei por mulheres solteiras e sem filhos...

minha filha já tem dezenove anos e tem sua família em Boa Vista... e : : meu parceiro sempre me dizia: “Mayerlin, não pare por mim... se lhe aparecer uma boa oportunidade aproveita”... e assim foi... me inscrevi e isso começou a caminhar a partir de vinte de novembro a viagem para cá para Belo Horizonte... eu não pensava em vir para Belo Horizonte porque eu sou amante das praias... e : : sempre dizia: “ah, Belo Horizonte”... dizia “não... se Deus está me colocando lá é por lá... além disso tenho a Bahia... tenho o Espírito Santo... tenho o Rio de Janeiro... tenho São Paulo... próximos... em comparação a... a quando estava em Boa Vista”... e : : la se foi... é que: : numa conversa comigo me disse: bom a decisão que estou tomando... se dentro dessas oitenta mulheres que... que que se cadastraram estou eu é porque você quer que eu continue no Brasil... porque eu tentei regressar a minha Venezuela e cada vez que eu tentava Deus me colocava um não e me dizia siga adiante e assim que eu ficava... é que: : ... mas... com tudo e : : ... fiquei surpreendida quando eu fui e perguntei a X e lhe disse: “X, é que eu quero saber se... se eu estou” e ele me disse “sim... eu notifiquei ao... ao abrigo que você está na viagem”... e : : minha gente me dizia: “uau, menos mal que é você a que se vai”... minhas amigas me diziam: “olha... já que não sei o resultado você é a primeira que vai”... efetivamente é que... minha filha está ainda em: : ... em Brasil, em Boa Vista... e : : meu parceiro chegou a Curitiba faz: : uma semana apenas... é que... mas sim... hum... temos planos em nome de Deus de ficarmos aqui... no Brasil... é que... não sei se ficarei aqui em Belo Horizonte... não sei se vou para Curitiba... é que... porque o filho do meu parceiro está lá... mas sim no Brasil... eu: : ... sim... cada vez que eu penso no meu futuro... cada vez que eu penso no futuro de meus filhos... no futuro dos meus pais... no futuro de meu sobrinho... eu me vejo no Brasil... porque... é que / eu vejo que aqui há uma qualidade de vida... para quem trabalha... para quem estuda... para quem se compromete... para quem quer seguir à frente e fazer as coisas bem Brasil te dá a oportunidade de ter essa melhor qualidade de vida... por isso eu vim ao Brasil...e em comparação a vida que eu tinha na Venezuela... se coloca numa balança a vida que tenho agora é uma grande benção... cada dia de minha vida dou graças a Deus porque minha vida aqui é uma grande benção... é que... indiferentemente de que às vezes... eu escuto um brasileiro dizendo que não... que: : que as coisas não estão bem... vocês tem uma benção de país... os brasileiros têm uma benção de país e espero que cresçam como cidadão e que saibam aproveitar essa benção que tem de país porque aqui as coisas em comparação a Venezuela funcionam muito muito melhor... há coisas que não como tudo... mas eu acredito que se o cidadão faz a sua parte consegue essa qualidade de vida... essa qualidade de vida que um bom cidadão sim merece... por isso eu aposto pelo Brasil... sigo amando minha Venezuela mas: : ... aqui eu tenho a fé... a esperança de que aqui vou conseguir uma melhor qualidade de vida para mim e para minha para... minha família... para meus pais... para meu sobrinho... e : : estou agradecida... digo isso em todo momento porque: : Brasil é o único país da América do Sul... que disse: : “irmãos venezuelanos... aqui estamos”... vocês... aqui tem um apoio que talvez não é o apoio que todos venezuelanos esperam... mas tem um apoio porque: : é que... nos orientam com tudo e difícil que era em Boa Vista tínhamos proteção militar... tínhamos comida... os missionários... a Igreja Católica... a Igreja Evangélica... os Mórmons... a Igreja Adventista fazem um bom trabalho que se o imigrante que chega faz a sua parte... segue em frente e como exemplo estamos... somos/ quer melhor exemplo que estas dezenove mulheres que estamos aqui?... em relação: : a minha Venezuela é que... eu sigo tendo fé na minha Venezuela... mas sei que é um trabalho a longo prazo... porque está em processo de aprendizagem muito profundo e : : o cidadão que está lá... uma grande parte é um cidadão conformista que se acostumou às dádivas... não entende que uma ajuda é um suporte para avançar mas pensam que esta ajuda... com essa ajuda é suficiente... então... minha Venezuela sim vai melhorar mas... vai passar um longo

tempo... e: : muitas vezes acusam a nós os venezuelanos que estamos fora... de que abandonamos a Venezuela mas não... temos muitos venezuelanos colocando o nome de... colocando o nome da Venezuela no alto... somos muitos os venezuelanos que estamos fora... trabalhando... colocando o nome de nossa Venezuela no alto... e: : : e: : : é que... com a esperança de regressar talvez não vão ficar... porque já: : : ... a Venezuela que deixamos não é a mesma que... que nós estamos acostumados... e mais que costume é toda a aprendizagem que... que significa o processo do imigrante... eh... há pessoas que dizem que vão voltar há pessoas que dizem que não vão voltar... mas... tanto os que estão lá como os que estamos aqui queremos uma melhor Venezuela mas temos que trabalhar para isso e estar consciente que é como... é como... é como um adolescente rebelde... tem que cumprir esse processo para que possa: : fazer-se adulto e: : : e: : ser grande de novo porque minha terra... minha terra é grande mas bom... como eu sempre digo temos que fazer a nossa parte... tomar consciência... se eu dou uma mensagem às mulheres venezuelanas é que por favor tomem consciência na hora de ter filhos... uma das coisas que mais me impressiona de ver aqui de Belo Horizonte é que se eu vou pela rua não vejo tantas crianças... em Caracas se caminha e são só crianças por todos os lados... estando em Boa Vista era impressionante por exemplo quando eu ia a uma consulta e diziam: “quantos... hum... quantos filhos tem?” eu dizia: “eu tenho dois filhos”... “sério? e não está grávida?” “não... não... não estou grávida” “sério que não está grávida?” “não... não estou grávida”... então uma das principais mensagens que eu deixo às mulheres venezuelanas é que tomemos consciência porque: : temos que pensar bem... aprender e tomar como exemplo a mulher brasileira que não se enche de filhos... é que... e: : : e: : : nesse aspecto hum... o principal exemplo tem sido aqui em Belo Horizonte porque eu dizia a minhas companheiras quando chegamos: “vocês não se dão conta que quase não se veem crianças na rua?” e sei que aqui no Brasil há crianças em situação de rua porque sim há ... mais jamais comparado à situação em Venezuela que lamentavelmente... hum... a mulher venezuelana não tem tomado consciência com respeito a isso e: : : nós somos muito: : irresponsáveis no tema e isso se comprova em... em Boa Vista... em Boa Vista há mulheres com cinco sete nove crianças e: : lamentavelmente como vai melhorar a Venezuela se a nossa semente não lhe estamos dando a atenção apropriada... então para que melhore a Venezuela nós como cidadãos... tanto cidadãos brasileiros como cidadãos venezuelanos... temos que melhorar e tomar consciência.

## CARLOS

E: Conte-me como você vivia antes e como vive atualmente, ou seja, eu gostaria de saber como era sua vida na Venezuela e como tem sido aqui no Brasil.

C: Bueno, mi nombre es Carlos. Es que: : ... allí en Venezuela vivía con mi padre. Es que: : ... no vivía mal en Venezuela. Me parece que: : ... teníamos: : ... es que vivía muy bien por allí cuando llegó: : : ... el gobierno este... todo se fue... punido para el mi país. Mi mamá me pagaba el estudio y yo estudiaba allá. Es que: : ... viajaba porque quedaba lejos donde estudiaba... quedaba con o una hora y media... pagaba lo que de... / que mi mamá me mandaba para mi comida. Después se puso / la cuestión del país se puso más difícil y ya tenía que trabajar yo... y: : ayudar a mi papá con estudio. Es que: : : ... después llegó un momento en que no pude seguir estudiando... porque era muy caro. Todo estaba muy caro y ya nadie podría estudiar ya. Tenía ya que trabajar sólo para ayudar a mi mamá y a mi papá también ayudaba. Que... él daba andamiento uno por uno pero tenía que ayudar para la familia. Mi mamá: : : hacía todo lo posible para que uno echar adelante. Tenía que: : ... guerrear por nosotros. Yo: : : ... también decidí ayudar a ella, trabajar y ayudar. Nosotros somos ses hermanos. Y: : yo: : : ... después mi papá decidió que ya había venido

para acá para Brasil y : le fue bien... sólo para conseguir pagar la comida porque la cosa ya estaba muy difícil. Yo no aguantaba ya no acostumbraba (a Venezuela) y quería seguir estudiando... lo trabajo estaba difícil y no se podía todos trabajar porque ya no había tiempo para nada. Y mi papá vino aquí a Brasil... después trabajó... fue a Venezuela... y cuando regresó se vio una entrada a mí. Es que allí en... en Roraima... en Boa Vista... también fue difícil porque... el trabajo ya estaba caótico... mucho venezolano que migran por una necesidad de mio país. Y : : : allá : no que me fue mal pero tampoco me fue bien porque no había trabajo fijo. Me ponían como : ... intenso... me ponían como : como : ... no me encontraban la salida... me desesperaban. Y : porque no conseguía trabajo tenía que... mi papá tenía que mandar a mi familia... a mi mamá... a mi hermana que estaba estudiando. Y la mayor estaba apunto de graduarse y : nada más con los papeles... no tiene para... para sacar sus papeles. Y eso a nosotros nos ponía mal... porque : ... para nosotros es como algo duro no tener para... para... para ayudar a nuestra familia... a mi hermana. Entonces... decidimos allá / sí sí allí en Boa Vista sí... se no s podríamos costear un año. Aún así no : ... no conseguimos trabajo e no teníamos para : : ... para : : ... solucionar. Pero siempre estaban con nosotros... nos ayudaban... sí... nos aparecían cosas (buenas) en camino. Y : ... solucionaron... tenía que... que... que cosas que nunca había hecho en mi vida y tenía que hacerlo para... para seguir adelante. Ya : : ... ya tenía que pasar piedra... grasa... por poco dinero... muy poco dinero. Pero tenía que hacerlo. Porque tenía que... que... que : solucionar para mantener mi familia y : seguir adelante. No... mas o que me : me : me : : ... cortó fue dejar mis estudios porque yo : : ... siempre he pensado en ser un profesional... tener : una meta. Como que a tener mi vida asegurada para mi familia... para mis hijos... mi mujer. Y : y : : ... tengo que / tuve que salir de mi país para poder seguir adelante sin dinero en este país que es Brasil... que es muy bonito. Me ha gustado la gente muy bien. Y : ... es duro para uno venezolano salir de su país. Yo voy... realmente no : ... No : hubiese querido salir de mi país pero... ( ) nosotros venezolanos tenemos que hacerlo... no tanto por nosotros si non por nuestra familia. Y yo : : ... ahora no tengo una mujer... no tengo hijos... pero... más que todo tengo luchado por mi mamá... por mi... por mi hermano... por mi hermana. Yo quisiera : ya : : ... como seguir estudiando y ser un profesional... puede ser alguien en la vida para darle todo a mi familia. A mi mamá más que todo. Que fue ella que dio me... / la que me dio la vida. Y : eso me pone un poco mal pero yo sé que : me va a ir bien y voy a seguir adelante. Uno tiene que siempre estar enfocado en lo que uno quiere cumplir. Aquí... ahn... como seguí explicando... en Boa Vista : ... es que : : ... siendo de Venezuela... un poco duro... el trabajo... esto por mi mamá. Hasta que un día... fue a los J. y : hice el catastro para venirme para acá. Para : ... / porque uno... no tiene alguna salida y : : es que como : : hice : la papeleta... vengo para acá y ahora estoy aquí. Aquí mi meta e : : claro... quiero : cumplir mi sueño... pero quiero cumplir mi sueño de toda vez. Hoy soy como... y siento que : que : que : puedo cumplir lo que yo quiero... mi meta. Quiero sacar mi mamá de allá de Venezuela. No digo que no voy a volver porque... esa es mi patria. Es mi Venezuela. Yo quisiera volver a Venezuela y tener mi familia allá... mis hijos... mi esposa... todo. Pero... a veces uno sufre... un venezolano sufre. Porque no es fácil uno salir de su país. A veces personas hablan y no entienden algún... no sabes que lo que uno siente por dentro... cada uno de nosotros. A veces : : ... yo ... ((choro)) sentí : : ... que uno estás lejos... y sólo. Que uno tiene que salir... fuera de su país... ((choro)) luchar y hacer todo lo posible... para seguir adelante... y ayudar a su familia. Cada vez que me yo me acuerdo y me pongo a pensar... yo sólo pienso en mi mamá... en mi mamá y mi familia. Que todo lo que uno tiene que hacer... para uno... para uno seguir adelante. Y eso a mi me incomoda mucho porque hay personas que apuntan y que dicen o diablo y no es así. Porque uno... esa persona no sabe lo que es verdad... no lo siente por dentro todas las

dificultades que uno pasa. Todo eso. Entonces las personas ( ) tienen que vivir... tienen que vivir... eso para que sepan que de verdad lo que uno siente... que de verdad lo que uno pasa. Yo por mi mismo no desearía a otro país o a otra persona que pase por lo mismo que lo estoy pasando. Nosotros somos persona luchadora... trabajadora... me gusta trabajar. Somos profesionales. Somos personas que... como en muchos otros países... muchos profesionales... sin trabajo y sin empleo. En Venezuela ( ) ... muchos no pueden estudiar porque no tienen la manera de estudiar. No tienen para comprar uniforme... no tienen para comprar zapato... no tienen para... para... para nada. Y no van a preferir comprar un cuaderno que comer... no... prefieren comer. Entonces: : : ... esa es mi meta... mi meta es ser grande en la vida... y poder ayudar otras personas. Porque de verdad... sé que es duro... uno salir a la calle y ver una persona acostada en el suelo... y verla sin sentir... sin sentir... como es que esa persona está allí... en el suelo. Tu pasa pelo lado como que no fuera nadie... pero no es así. Porque tu también no puede vivir... yo no puedo vivir... cualquiera no puede vivir. Y hay que sentir eso con el corazón. A veces me paso en la calle y quisiera ser muchas cosas. Pero... con esa situación de mi país esto... es como algo... duro para uno. Un golpe duro. Nadie no: : ... no entiende. Muchas personas no entienden. Hay personas que se no entienden uno con uno. Unos tienen ayuda otros no tienen ayuda. Uno pasa hambre y necesidad y no tiene quien lo ayude. Otros salimos... con el dolor del alma de uno... salimos de nuestro país para... para... para hacer todo lo posible de ayudar a la familia. Porque principalmente la familia de uno. Y mi meta es que seré un profesional... seguiré estudiando. Tener el bastante para así poder ayudar a otras personas... ayuntarme mi mamá que está allá y subirme y levantarme e ayudarla a que siga adelante... porque yo he pasado por eso. Muchos de mi compañeros que están aquí también han pasado por eso. Y han pasado los que están aquí conmigo... han pasado por cosas peores. Entonces uno se pone en esa posición. Pelo menos allá en Venezuela no: : no: : no: : ... pasé necesidad que... que es duro. Pero llegó un momento que ya no se podría vivir en Venezuela. Yo allí pensé... si veía niño en la calle... yo dejaba de comer mi plato de comida para pasar para él. Un niño o un bebé o algo que sea. Iban tocando en la puerta... entonces... me conmovía. Porque eso no... eso no es porque Dios o quiera... porque Dios no... Dios no es eso. Entonces yo estoy... soy una persona ya... un joven... yo estoy grande. Pero ya ve un niño que no tiene para comer... o su padre no tiene para darle comida... es duro. Entonces... yo me llevo por eso... me foco en eso. Yo tampoco o que viví en Venezuela... que fue: : ... pasé por cosa dura... dura... pasé hambre en Venezuela. En Venezuela yo pasé hambre. Vivía / mi mamá tenía dos casas allá... pero... vivía en una casa... para no ir a la otra casa de mi mamá... a veces no iba para no quitarme un bocado de comida. Yo prefería aguantarme a me que mi hermana pasara hambre. Entonces... prefería... hacer eso... no ir para casa de mi mamá para que ella no dejara de comer. O a veces salía porque: : / mas cómo que: : ... cómo que: : ... no me gustaba... de salgar mi recinto. Todo que me aguantaba por dentro... no: : ya no aguantaba estar en Venezuela... no aguantaba. Y le pedí a Dios que me... que me... que me ayudara a salir de allá... que me: : que me: : abriera el camino. Y cada reza que yo separaba... hasta que un día yo me senté y le pedí a Dios que me diera paciencia y que: : me guiare. Y así fue. Porque sabía que ya con... con... con... con mi hermana... mamá... y tenso no iba a lograr nada. Entonces gracias a Dios en el momento indicado fue que dio... eso que me fuera de Venezuela... llegué aquí en Brasil. Tampoco que aquí en Boa Vista me fue bien porque también a cosa estaba se poniendo dura porque había demasiado venezolanos. Y es triste ver allá una persona allá que salió de su país con niños... recién nacido... como una (flecha)... corriendo. Prefiero... dormir en la calle en otro país. Pero sabes que en otro país ya ya: : conseguí para comer... conseguí: : ... allí no... allí es duro. Entonces... no desearía esto a nadie y a ningún... que a ningún otro país pase por eso. Entonces... ((Entrevistadora

pergunta sobre como estão sendo as coisas em Belo Horizonte)) Bueno... aquí... en Brasil... en Belo Horizonte sí... gracias a Dios... estoy teniendo esa oportunidad... de llegar aquí... de / nos tocan en lo camino... nos tocan en la puerta. Y aquí yo sí... siento que hay oportunidad de muchas cosas de trabajo. Quisiera estudiar porque quisiera terminar mi carrera y seguir adelante. Yo... más que todo lo hago por mí y por mi familia. Yo tengo: : ... tengo: : mi sueño y mi meta hay... como... que aquí sí se van a cumplir. Quiero principalmente aquí conseguir mi trabajo. Gracias a Dios ha tenido entrevista de trabajo. Mañana voy a una. Y: : principalmente ya tené como... como mi empleo... voy apretar mi examen aquí. Y: : traer mi familia para acá... para acá. Porque: : no: : ... no me siento bien ya pensando que mi familia está allá. Yo estoy bien aquí. Pero... a ver se comen... yo como. Y: : lo me provoca porque me acuerdo que mi familia está allá y yo no sé si están comiendo o no están comiendo... se están pasando necesidad o no... entonces es duro. Es duro: : pensar eso. Cada vez que uno... uno piensa eso. Por más que todo... que yo sigo adelante... quiero seguir por mi familia... por mi mamá... más que todo por mi mamá. Y por mi papá que tuvo que separarme de él para buscar otro camino. Porque juntos no íbamos hacer nada. Entonces se nos dio esta oportunidad. Y: : es duro separarse así para buscar otra... otra oportunidad. Con el dolor de alma de uno... hay que hacerlo. Porque hay de haber camino... hay que buscar otra manera de abrir una puerta de otro lado. No: : no: : : ... es fácil separarse así de su familia. Me vengo con mi papá de Venezuela... aquí en Brasil tuve que me separar de él. Él está por un lado... yo estoy por aquí... buscando la mejoría de vida. No es fácil.

### Tradução para o português

C: Bom... meu nome é Carlos. É que: : ... lá na Venezuela vivia com meu pai. É que: : ... não vivia mal em Venezuela. Me parece que: : : ... tínhamos: : ... é que vivia muito bem por lá quando chegou: : : ... este governo... tudo foi... castigado no meu país. Minha mãe me pagava o estudo e eu estudava lá. É que: : ... viajava porque morava longe de onde estudava... morava há uma hora e meia... pagava o que de... / que minha mãe me mandava para minha comida. Depois se pôs / a questão do país se pôs mais difícil e eu já tinha que trabalhar... e: : ajudar a meu pai com o estudo. É que: : : ... depois chegou um momento em que não pude seguir estudando... porque era muito caro. Tudo estava muito caro e ninguém já não podia estudar. Já tinha que trabalhar sozinho para ajudar a minha mãe e a meu pai também ajudava. Que... ele encaminhava um a um mas tinha que ajudar a família. Minha mãe: : : fazia todo o possível para que seguissemos adiante. Tinha que: : ... lutar por nós. Eu: : : ... também decidi ajudar a ela... trabalhar e ajudar. Nós somos seis irmãos. E: : eu: : : ... depois meu pai decidiu que viria para cá para o Brasil e: : lhe correu bem... foi só para conseguir pagar a comida porque a coisa já estava muito difícil. Eu já não aguentava... não acostumava (a Venezuela) e queria continuar estudando... o trabalho estava difícil e já não podiam todos trabalhar porque já não tinha tempo para nada. E meu pai veio aqui ao Brasil... depois trabalhou... foi a Venezuela... e quando voltou se via uma entrada para mim. É que ali em... em Roraima... em Boa Vista... também foi difícil porque... o trabalho já estava caótico... muitos venezuelanos que migraram por uma necessidade de meu país. E: : : : lá: : não é que correu mal mas tampouco correu bem porque não havia trabalho fixo. Me colocavam como: : ... (era) intenso... me colocavam como: : como: : ... não me encontravam a saída... me desesperavam. E: : porque não conseguia trabalho tinha que... meu pai tinha que enviar a minha família... a minha mãe... a minha irmã que estava estudando. E a mais velha estava a ponto de se graduar e: : nada mais com os documentos... não tinha (dinheiro) para... para tirar os seus documentos. E isso a nós... nos deixava mal... porque: : ... para nós é algo difícil não ter para ajudar a nossa família... a minha irmã. Então... decidimos lá / sim... sim... ali em Boa Vista sim...

tínhamos condições de nos custear um ano. Ainda assim não: : ... não conseguimos trabalho e não tínhamos para: : : ... resolver. Mas sempre estavam com nós... sim... nos ajudavam... sim... nos apareciam coisas (boas) no caminho. E: : ...resolveram... tinha coisas que... que... que nunca tinha feito em minha vida e tinha que fazê-lo para seguir adiante... Já: : : ... já tinha que perfurar pedra... gordura... por pouco dinheiro... muito pouco dinheiro. Mas tinha que fazê-lo. Porque tinha que... que... que... resolver... para manter minha família... e seguir adiante. Não... mas o que me: : me: : me: : ... cortou foi deixar meus estudos porque eu: : : ... sempre tive pensando em ser um profissional... ter: : uma meta. Como que ter minha vida segura para minha família... para meus filhos... minha mulher. E: : e: : : ... tenho que / tive que sair de meu país para poder seguir adiante sem dinheiro nesse país que é o Brasil... que é muito bonito. Eu tenho gostado bem das pessoas. E: : ... é duro para um venezuelano sair de seu país. Eu vou... realmente não: : ... Não: : estava querendo sair do meu país mas... ( ) nós venezuelanos temos que fazê-lo... não tanto por nós se não pela nossa família. E eu: : : ... agora não tenho uma mulher... não tenho filhos... mas... mais que tudo tenho lutado por minha mãe... por mim... por meu irmão... por minha irmã. Eu quisera: : já: : : ... seguir estudando e ser um profissional... poder ser alguém na vida para dar tudo a minha família. A minha mãe mais que tudo. Que foi ela que me deu.../ a que me deu a vida. E: : isso me deixa um pouco mal mas eu sei que: : vou ficar bem e vou seguir adiante. Temos que sempre estar focados no que queremos cumprir. Aqui... ahan... como continuei explicando... em Boa Vista: : ... é que: : : ...sendo de Venezuela... um pouco duro... o trabalho... isso é por minha mãe. Até que um dia... fui aos J. e: : fiz o cadastro para vir para cá. Para: : .../ porque eu... não tenho alguma saída e: : : é que como: : : fiz: : os papéis... vim para cá e agora estou aqui. Aqui minha meta é: : : claro... quero: : alcançar meu sonho... mas também quero alcançar meu sonho de toda a vez. Hoje sou como... e sinto que... que... que: : posso alcançar o que eu quero... minha meta. Quero tirar minha mãe de lá da Venezuela. Não digo que não vou voltar porque... esta é a minha pátria. É minha Venezuela. Eu gostaria de voltar e ter minha família lá... meus filhos... minha esposa... tudo. Mas... às vezes sofremos... um venezuelano sofre. Porque não é fácil sair de seu país. Às vezes as pessoas falam e não entendem nada... não sabem o que sentimos por dentro... cada um de nós. Às vezes: : : ... eu ... ((choro)) senti: : : ... que estou longe... e só. Que temos que sair... fora de nosso país... ((choro)) lutar e fazer tudo o possível... para seguir adiante... e ajudar a sua família. Cada vez que eu acordo e me ponho a pensar... eu só penso em minha mãe... em minha mãe e minha família. Que tudo o que eu tenho que fazer... para que eu... para que eu siga adiante.. E isso a mim me incomoda muito porque há pessoas que apontam e que dizem o diabo e não é assim. Porque eu... essa pessoa não sabe o que é verdade... não sente por dentro todas as dificuldades que passamos. Tudo isso. Então as pessoas ( ) tem que viver... tem que viver... isso para que saibam o que de verdade é que sentimos... o que de verdade nós passamos. Eu por mim mesmo não desejaria a outro país ou a outra pessoa que passem pelo mesmo que estou passando. Nós somos pessoas lutadoras... trabalhadoras... eu gosto de trabalhar. Somos profissionais. Somos pessoas que... como em muitos outros países... muitos profissionais... sem trabalho e sem emprego. Em Venezuela ( ) ... muitos não podem estudar porque não tem como estudar. Não tem para comprar uniforme... não tem para comprar sapato... não tem para... para nada. E não vão preferir comprar um caderno do que comer... não... preferem comer. Então: : : ... essa é a minha meta... minha é ser grande na vida... e poder ajudar outras pessoas. Porque realmente... sei que é difícil... sair na rua e ver uma pessoa deitada no chão... e vê-la sem sentir... sem sentir... como é que aquela pessoa está ali no chão. Você passa pelo lado como se não fosse ninguém... mas não é assim. Porque você também não pode viver... eu não posso viver... ninguém pode viver. E deve sentir isso com o coração. Às vezes eu passo na rua e gostaria de ser muitas

coisas. Mas... com essa situação do meu país... isso... é como algo... difícil para mim. Um golpe duro. Ninguém não: : ... entende. Muitas pessoas não entendem. Tem pessoas que não entendem umas com as outras. Uns tem ajuda... outros não tem ajuda. Passa-se fome e necessidade e não tem quem ajude. Outros saímos... com dor na alma... saímos de nosso país para... para... para fazer todo o possível de ajudar a família. Porque... principalmente a minha família. E minha meta é que serei um profissional... seguirei estudando. Ter o bastante para assim poder ajudar a outras pessoas... ajudar a minha mãe que está lá e subir e levantar-me e ajudá-la a seguir adiante... porque eu já passei por isso. Muitos de meus companheiros que estão aqui também já passaram por isso. E os que estão aqui comigo já passaram... já passaram por coisas piores. Então me coloco nessa posição. Pelo menos lá na Venezuela não... não... não: : ... passei necessidade que... é duro. Mas chegou um momento que já não se podia viver na Venezuela. Eu ali pensei... se eu visse uma criança na rua... eu deixava de comer meu prato de comida para passar para ele. Uma criança ou um bebê ou o que seja. Iam batendo na porta... então... me comovia. Porque isso não... isso não é porque Deus queira... porque Deus não... Deus não é isso. Então eu estou... sou uma pessoa já... um jovem... eu estou grande. Mas aí ver uma criança que não tem o que comer... ou seu país não tem como lhe dar comida... é duro. Então... eu me pego nisso... me foco nisso. Eu tampouco / o que vivi na Venezuela... que foi: : ... passei por coisa dura... dura... passei fome na Venezuela. Vivía / minha mãe tinha duas casas lá... mas... eu vivia em uma casa... para não ir a outra casa de minha mãe... às vezes eu não ia para não pegar um pouco de comida. Eu preferia aguentar-me do que minha irmã passasse fome. Então... preferia... fazer isso... não ia para casa de minha mãe para que ela não deixasse de comer. Ou às vezes saía porque: : ... mas como que: : ... como que: : ... não gostava de sair de meu quarto. Tudo o que me aguentava por dentro... não: : já não aguentava estar em Venezuela... não aguentava. E pedi a Deus que me... que me ajudasse a sair de lá... que me abrisse o caminho. E cada reza que eu fazia... até que um dia eu me sentei e pedi a Deus que me desse paciência e que: : me guiasse. E assim foi. Porque eu sabia que com... minha irmã... mãe... e tenso não ia conseguir nada. Então graças a Deus no momento indicado que Ele deu... que eu deixei a Venezuela... cheguei aqui no Brasil. Nem aqui em Boa Vista eu me saí bem porque também estava ficando difícil porque havia muitos venezuelanos. E é triste ver ali uma pessoa que saiu de seu país com crianças... recém-nascidos... como una (flecha)... correndo. Prefiro... dormir na rua em outro país. Mas sabe que em outro país já... já: : consegui para comer... consegui: : ... ali não... ali é duro. Então não desejaria isso a nada e ninguém... que nenhum outro país passe por isso. Então... ((Entrevistadora pergunta sobre como estão sendo as coisas em Belo Horizonte)) Bom... aqui... no Brasil... em Belo Horizonte sim... graças a Deus... estou tendo essa oportunidade... de chegar aqui... de / nos ajudaram no caminho... bateram na nossa porta. E aqui eu sim... sinto que há oportunidade de muitas coisas de trabalho. Gostaria de estudar porque gostaria terminar minha carreira e seguir adiante. Eu.. mais que tudo o que faço é por mim e por minha família. Eu tenho: : ... tenho: : meu sonho e minha meta... é como... que aqui se vão a cumprir. Quero principalmente aqui conseguir meu trabalho. Graças a Deus tenho tido entrevista de trabalho. Amanhã vou em uma. E: : principalmente já ter isso como... como meu emprego... vou fazer a minha prova aqui. E: : trazer a minha família para cá... para cá. Porque: : não: : ... não me sinto bem pensando que a minha família está lá. Eu estou bem aqui. Mas... tenho que ver se eles comem... eu como. E: : isso me provoca porque me recordo que a minha família está lá e eu não sei se estão comendo o não estão comendo... se estão passando necessidade ou não... então é duro. É duro: : pensar isso. Cada vez que... penso nisso. Por mais que tudo... que eu siga adiante... quero seguir por minha família... por minha mãe... mais que tudo por minha mãe. E por meu pai que tive que me separar-me dele para buscar outro caminho. Porque juntos não



íamos fazer nada. Então se deu essa oportunidade. E: : é difícil separar-se assim para buscar outra maneira de abrir uma porta do outro lado. Não: : não: : : ... é fácil separar-se assim de sua família. Vim com meu pai da Venezuela... aqui no Brasil tive que me separar dele. Ele está por um lado... eu estou por aqui... buscando a melhoria de vida. Não é fácil.

### **ALEJANDRO**

E: Conte-me como você vivia antes e como vive atualmente, ou seja, eu gostaria de saber como era sua vida na Venezuela e como tem sido aqui no Brasil.

A: Buenas noches! Mi nombre es Alejandro. Soy venezolano... soy de la ciudad / soy del estado de Anzoátegui... de la ciudad de Tigre. Tengo treinta y ses años. Soy padre de familia... tengo cuatro niños... tengo mi esposa. Eh: : mi vida: : en Venezuela: : comencé a trabajar... como joven a los dieciséis años. Eh: : ... comencé en comercio y: : a los dieciocho años cumplió comenzar con el petróleo porque mi tierra es petrolera. Comencé a trabajar en taladro... perforación... trabajé en barco. Se fue alargando mi vida... fue: : aprendiendo mucho otro trabajo... como ... profesión de plomería... acueducto. Y: : : ... con el pasar del tiempo... fue teniendo mis hijos... fue cambiando de modo de estilo y de trabajo... aprendí comercio. Y me adapté a comercio: : a los veinte y cinco años... tuve tres negocios. Uno fue una bodegón... un pub... y tuve una charcutería. Ante una contradicción de tiempo... bueno... fue trabajando. Venezuela iba bien... chévere... todo fino. Todo en Venezuela era bello... cambió cuando llegó este gobierno. En noventa y ocho llegó Chavez... comenzamos la vida bien... comenzó Chavez a hacer bien. Pero comenzó trapear muchos... muchos empresarios en Venezuela. Donde nosotros... los venezolanos... nos fuimos acordando de que los pobres iban buscando manera de acomodo. Ayudó mucho a los pobres... donde los ricos se fueran nivelando un poco con los pobres. Porque los pobres fueran nivelando y se fueran saliendo de pobreza. A los que no tenían casa... allí te puso casa. A los que no tenían carro... te puso un carro. Fue cambiando. Así tuvimos de que atravesar pelos años... comenzó a apropiarse a las empresas internacionales. Porque el hombre era muy inteligente... Chavez era un genio. Pero o qué paso... tuvo mucha dificultad... porque se enfermó con cáncer... murió... y cambió el poder de Venezuela. Comenzó agarrar un presidente llamado Maduro... comenzó agarrar X... que es actualmente el presidente de Venezuela porque Maduro es un payaso y aún no sabe de política. Hube cambio en Venezuela donde: : ... todos nosotros... los venezolanos comenzamos... eh: : comenzamos a entender que comenzó a apretar la Venezuela. Comenzó: : ... la guerra en Venezuela... la crisis económica... comenzó la crisis... alimenticia. Se fue desapareciendo los alimentos... se fue desapareciendo: : ... las medicinas. Eh: : fue mermando todo. Cada comerciante fue yendo poco a poco maltratado por el gobierno. Ya ningún negocio daba... como el caso mio como comerciante. Después de tener tres negocios... llegué a no tener nada. Porque ya todo iba menguando... ya todo no rendía. Comenzarán a dale duro. En Venezuela comenzó a desaparecerse la moneda y el billete. Todo comenzó por... por tarjeta. Entonces no todo el mundo tenía en su negocio un punto... comenzarán: : ... los vivos a sobrevivir. Y el todo mundo vivía una trampa. Y: : : bueno... ahí tu vive mudando y dándole. Joven comencé a ver el mundo de la vuelta que iba dando a el gobierno en nuestra Venezuela. Me venía a trabajar en Santa Elena en 2015... en 2015 estuve en Santa Elena. Volvía a mi tierra... volvía a cada tres meses... trabajaba... volvía a cada tres meses. En 2017 dé mi paso... mi primero paso a pasar al Brasil. Donde... me vine en el 13 de septiembre de 1917\* (2017)... llegué a la ciudad de Boa Vista... Brasil. Donde llegué con una vida diferente... llegué a otra cultura... llegué a otro idioma. Donde gracias a Dios... bueno... me fue bien. El primer mes fue fuerte... fue fuerte porque no conseguía empleo. Yo que tenía otra posición en Venezuela

llegué hasta cogiendo lata... para sobrevivir y comer un arroz con salchicha. Donde duró un mes mas sobreviví. Y: : : luego de un mes conocí un señor llamado A.... tenía una oficina... taller de latonería y pintura, donde yo visitaba. A.... un brasileño muy buena persona. Ahí conocí un señor inglés guyanés... un guyanés inglés... X. Era tapicero... me ofreció: : dos semanas de trabajo y fue a trabajar con él. Donde: : : ... demostré mi... mi talento de trabajar... mi gana de trabajar... como extranjero... como venezolano en Brasil. Y me gané la confianza del señor X. Ahí tuve trabajando tres meses. Ahí de tres meses comencé: : comencaron / no había servicio. No llegaba carro... muerto... y me abrí... donde me experimenté lo que he si aprendido en mi tierra venezolana que fue el comercio. Y de ahí de enero de 2018... o febrero... arranqué comercio donde Boa Vista me fue excelente... gracias al Señor. Eché pichón como llamamos nosotros los venezolanos. Fue una guerra dura... para poder sostener y ayudar mi familia en Venezuela. Que no es nada fácil... o que nosotros los venezolanos estamos pasando día a día. Donde nosotros los venezolanos vemos una guerra en nuestro país... que día a día muere un niño... mueren personas de hambre... por falta de medicina y atención medica. Y: : bueno... lamentablemente estamos aquí en este país. Duré... un año sólo guerreando que fue 2018... luchando por mi familia... por mi cuatro hijos y esposa... mi madre... mi hermanos. Dos de mi hermanos en el mes de febrero del 2018 arreglaron trabajo en Brasil. Les he extendido la mano. Adonde: : ... dos están morando en Manaus... una está en Peru. Mi sobrino... me traen dos sobrinos... todo tienen llegado acá en Brasil. Están dando duro en la vida. Todos están a luchar pela familia de nosotros. Y: : ahorita... en 2019... para el mes de abril... me traen mi cuatro hijos y mi esposa. Pela gracias al Señor... a Dios y la puerta que nos abrió el país de Brasil... nuestros hermanos... qui nos abrió la puerta a nosotros venezolanos para venir buscar un buen futuro... para buscar una nueva vida... para aprender. Porque nosotros los venezolanos que estamos acá en Brasil vinimos a una meta. Una meta que es aprender. Porque Dios nos abrió la puerta... y yo pelo menos... mi meta... mi meta es volver a Venezuela en nombre del Señor. Cuando vuelve en 10 años... 8 años... ya es diferente. Porque ya yo no soy venezolano... nada más... ya soy brasileño... no soy venezolano. En nombre de Cristo mis hijos van estudiar acá... y yo creo que ya mis hijos no van más seres venezolanos si no brasileros. Porque cuando yo quiera dar una vuelta a Venezuela como yo te digo... llevar mis dos hijos... ya voy a tener conectado a Brasil. Y: : ... y no es fácil, no? No es fácil los golpes que pasemos... en media hora pasando en la frontera con mis hijos. O que nunca... nunca... bueno... lo que nunca lo pasé yo... me vine a pasar con mis cuatro hijos, mi esposa. Pasar caminando en la frontera... pasaran una / pasaran tres o cuatro horas caminando por un pueblo... sucito... vencé con las maletas... suelto... corriendo... porque la frontera no es la oficial de Brasil se non de la Venezuela... los indígenas... los militares. Ellos: : ... ellos portan como en el país de Venezuela... con la presidente... con: : : con los... líderes que son ellos. Y para tu salir de Venezuela para acá en ese tiempo... la frontera estaba cerrada. Costaba... costó mucho. Gracias a Dios cuando llegamos allí en Brasil... gracias al Señor tuvimos un apoyo de Policía Federal. Mira hermoso. Recuerdo ese día y fue a tremendo... yo como padre... como venezolano... que nunca en mi vida me había pasado algo así. Estar pasando por todo lo que está pasando en nuestro país. Todos los venezolanos que están pasando mal. Y damos gracias a Dios que los familiares que están en Venezuela y nosotros... cada venezolano que está fuera de país... en Brasil... Colombia... Chile... Perú... en toda Latino América... esas familias están al menos comiendo porque gracias al Señor estamos por fuera y le mandamos un poco a mi pueblo. Pero... aquí estamos. Todo agradecido de Boa Vista... de salir para acá en Belo Horizonte... gracias a Dios. Una ciudad muy bella... muy linda... estoy muy sorprendido. Yo doy muchas gracias al Señor todos los días... gracias a lo apoyo que nosotros hemos tenido... de muchas iglesias... de la Jesuita, de la ( ). Muchos

que nos dan apoyo abriendo a la puerta a la calle a Belo Horizonte. Donde nosotros empezamos formar... formando como padre de familia... como hombre guerrero. Porque nosotros somos hombres luchadores... venezolanos guerreros. Y venimos al futuro... venimos para progresar. Primero... poniendo el nombre de Venezuela en mapa... segundo... trabajar y luchar... y tercero... bueno... gracias a Señor por darme esa oportunidad de ser brasileiro. Y: : desempeñando en mi trabajo en mi área o aprender nuevas... nueva área de trabajo... aprender nuevas culturas... aprender otro idioma que no es fácil. Lo portugués... lo entendemos todo pero no lo hablamos. Pero en nombre del Señor... poco a poco. Y: : bueno, gracias y orgulloso de los hermanos brasileiros abrimos la puerta... realizando una nueva vida acá... en una linda ciudad. Y: : bueno... qué más puedo contar? Qué... bueno, lamentablemente nuestro país se fue y sólo levantara una mano... la mano de Dios. Pero para Venezuela levantarse tenemos que nosotros venezolanos aprender. Aprender muchas cosas que allá no lo sabían. Pero Venezuela en el nombre de Dios que se levante para un giro bello. La puerta va a estar abierta para muchos... para todos los latinos. Porque primero... es un país pequeño... segundo... es el tercero país más multimillonario. Porque tenemos todo, tenemos petróleo, tenemos gas, tenemos oro, tenemos minerales. Tenemos todo... una tierra muy bella. Y bueno espero que los demás países como Brasil... los hermanos nos dieran apoyo... que a cualquier momento esto... esta pesadilla que estamos viviendo nosotros los venezolanos pasé este sueño. Porque es un sueño... tu estás durmiendo. Cuando usted... todo se lo pierde y tu pasé tener mucha fe. Que muchos países como Brasil... más que todo el Brasil no da la mano a nuestro país para levantar... para levantar nuestra Venezuela. Gracias. Buenas noches.

### **Tradução para o português**

A: Boa noite! Meu nome é Alejandro. Sou venezuelano... sou da cidade / sou do estado de Anzoátegui... da cidade de Tigre. Tenho trinta e seis anos. Sou pai de família... tenho quatro filhos... tenho minha esposa. É: : minha vida: : na Venezuela: : comecei a trabalhar... jovem aos dezesseis anos. É: : comecei no comércio e: : aos dezoito anos comecei com o petróleo porque minha terra é petrolífera. Comecei a trabalhar com broca... perfuração... trabalhei em barco. Minha vida se foi prolongando... fui: : aprendendo muitos outros trabalhos... como... profissão de encanador... aqueduto. E: : : ... com o passar do tempo... fui tendo meus filhos... fui mudando meu modo de estilo e de trabalho... aprendi comércio. E me adaptei ao comércio: : aos vinte e cinco anos... tive três negócios. Um foi uma taberna... um pub... e tive uma lanchonete. Perante uma contradição de tempo... bom... fui trabalhando. Venezuela ia bem... excelente... tudo ótimo. Tudo na Venezuela era lindo... mudou quando chegou esse governo. Em noventa e oito chegou Chavez... começamos a vida bem... Chavez começou se saindo bem. Mas começou a limpar muitos... muitos empresários em Venezuela. Aonde nós... os venezuelanos... fomos nos dando conta de que os pobres estavam procurando uma maneira de se acomodar. Ajudou muito aos pobres... aonde os ricos se foram nivelando um pouco com os pobres. Porque os pobres se foram nivelando... foram saindo da pobreza. Aos que não tinham casa... veio a casa. Aos que não tinham carro... veio o carro. Foi mudando. Assim tivemos que passar pelos anos... começou a apropriar as empresas internacionais. Porque o homem era muito inteligente... Chavez era um gênio. Mas o que passou... teve muita dificuldade... porque adoeceu com câncer... morreu... e mudou o poder na Venezuela. Começou a aproveitar um presidente chamado Maduro... começou a aproveitar X... que é atualmente o presidente da Venezuela porque Maduro é um palhaço e ainda não sabe nada de política. Houve mudança na Venezuela aonde: : ... todos nós... os venezuelanos começamos... é: : começamos a entender que começou a ter pressão na Venezuela. Começou: : ... a guerra

em Venezuela... a crise econômica... começou a crise... alimentícia. Se foi desaparecendo os alimentos... se foi desaparecendo: : os remédios. É: : foi reduzindo tudo. Cada comerciante foi indo pouco a pouco maltratado pelo governo. Nenhum negócio dava mais... como o meu caso como comerciante. Depois de ter três negócios... cheguei a não ter nada. Porque já tudo ia minguando... tudo já não rendia. Começaram a dar duro. Na Venezuela começou a desaparecer a moeda e a cédula. Tudo começou por... cartão. Então nem todo mundo tinha em seu negócio um ponto ((para receber cartão))... começaram: : ... os vivos a sobreviver. E todo mundo vivia numa armadilha. E: : bom... aqui você vive mudando e dando duro. Jovem comecei a ver o mundo da volta que ia dando o governo em nossa Venezuela. Eu vinha trabalhar em Santa Elena em 2015... em 2015 estive em Santa Elena. Voltava a minha terra... voltava a cada três meses... trabalhava... voltava a cada três meses. Em 2017 dei meu passo... meu primeiro passo para imigrar para o Brasil. Aonde... vim em 13 de setembro de 2017... cheguei a cidade de Boa Vista... Brasil. Aonde cheguei com uma vida diferente... cheguei a outra cultura... cheguei a outro idioma. Aonde graças a Deus... bom... me dei bem. O primeiro mês foi forte... foi forte porque não conseguia emprego. Eu que tinha outra posição na Venezuela cheguei até a colher latinha... para sobreviver e comer um arroz com salsicha. O que durou um mês mas sobrevivi. E: : logo depois de um mês conheci um senhor chamado A... tinha uma oficina... oficina de latoaria e pintura... aonde eu visitava. A... um brasileiro muito boa pessoa. Ali conheci um senhor inglês guianês... um guianês inglês... X. Era estofador... me ofereceu: : duas semanas de trabalho e fui trabalhar com ele. Aonde: : : ... demonstrei meu... meu talento de trabalhar... minha gana de trabalhar... como estrangeiro... como venezuelano no Brasil. E ganhei a confiança do senhor X. Ali estive trabalhando três meses. Depois de três meses comecei: : começaram / não tinha serviço. Não chegava carro... estava morto... e eu abri... foi onde experimentei o que eu tinha aprendido na minha terra venezuelana que foi o comércio. E a partir daí em janeiro de 2018... ou fevereiro... comecei no comércio em que Boa Vista foi excelente para mim... graças ao Senhor. “Lancei o pombo”((expressão que significa empreender com decisão e coragem) como nós venezuelanos chamamos. Foi uma guerra dura... para poder sustentar e ajudar minha família na Venezuela. Que não é nada fácil... o que nós venezuelanos estamos passando dia a dia. Nós venezuelanos vemos uma guerra em nosso país... que dia a dia morre uma criança... morrem pessoas de fome... por falta de remédio e atendimento médico. E: : bom... lamentavelmente estamos aqui neste país. Passei um ano apenas lutando que foi 2018... lutando por minha família... pelos meus quatro filhos e esposa... minha mãe... meus irmãos. Dois de meus irmãos no mês de fevereiro de 2018 arrumaram trabalho no Brasil. Eu estendi a mão a eles. Aonde: : ... dois estão morando em Manaus... uma está no Peru. Meu sobrinho... me trouxeram dois sobrinhos... todos tem chegado aqui no Brasil. Estão dando duro na vida. Todos estão lutando pela nossa família. E: : agora mesmo... em 2019... para o mês de abril... me trazem meus quatro filhos e minha esposa. Pela graça ao Senhor... a Deus e a porta que nos abriu o país do Brasil... nossos irmãos... que nos abriram a porta a nós venezuelanos para virmos buscar um bom futuro... para buscar uma nova vida... para aprender. Porque nós venezuelanos que estamos aqui no Brasil viemos por uma meta. Uma meta que é aprender. Porque Deus nos abriu a porta... e eu pelo menos... minha meta... minha meta é voltar a Venezuela em nome do Senhor. Quando voltar em 10 anos... 8 anos... já é diferente. Porque eu já não sou venezuelano... não mais... já sou brasileiro... não sou venezuelano. Em nome de Cristo meus filhos vão estudar aqui... e eu acredito que meus filhos já não vão ser mais venezuelanos... se não brasileiros. Porque quando eu quiser dar uma volta na Venezuela como eu te falo... levar meus dois filhos... já vou ter conectado ao Brasil. E: : ... e não é fácil... não? Não é fácil os golpes que passamos... em meia hora atravessando a fronteira com meus filhos. O que

nunca... nunca... bom... o que nunca eu passei... eu vim a passar com meus quatro filhos... minha esposa. Passar caminhando na fronteira... passaram uma / passaram três ou quatro horas caminhando por um povoado... sujos... vindo com as malas... soltos... correndo... porque a fronteira não é a oficial do Brasil se não a da Venezuela... os indígenas... os militares. Eles: : ... eles se comportam como no país da Venezuela... com a presidente... com: : : com os... líderes que eles são. E para você sair da Venezuela para cá nessa época... a fronteira estava fechada. Custava... custou muito. Graças a Deus quando chegamos ali no Brasil... graças ao Senhor tivemos um apoio da Polícia Federal. Muito bonito. Lembro-me desse dia e fui tremendo... eu como pai... como venezuelano... que nunca na minha vida tinha passado por algo assim. Estar passando por tudo o que está passando em nosso país. Todos os venezuelanos que estão tendo um mau momento. E damos graças a Deus que os familiares que estão na Venezuela e nós... cada venezuelano que está fora do país... no Brasil... Colômbia... Chile... Peru... em toda América Latina... essas famílias estão ao menos comendo porque graças ao Senhor estamos fora e lhe mandamos um pouco. Mas... aqui estamos. Todo agradecido de Boa Vista... de sair para cá em Belo Horizonte... graças a Deus. Uma cidade muito bela... muito linda... estou muito surpreendido. Eu dou muitas graças ao Senhor todos os dias... graças ao apoio que nós temos tido... de muitas igrejas... dos Jesuítas... da ( ). Muitos que nos dão apoio abrindo a porta da rua para Belo Horizonte. Aonde nós começamos a formar... formando como pai de família... como homem batalhador. Porque nós somos homens lutadores... venezuelanos guerreiros. E viemos ao futuro... viemos para progredir. Primeiro... colocando o nome da Venezuela no mapa... segundo... trabalhar e lutar... e terceiro... bom... graças ao Senhor por me dar essa oportunidade de ser brasileiro. E: : desempenhando em meu trabalho em minha área ou aprender novas... nova área de trabalho... aprender novas culturas... aprender outro idioma que não é fácil. O português... entendemos tudo mas não o falamos. Mas em nome do Senhor... pouco a pouco. E: : bom... grato e orgulhoso dos irmãos brasileiros nos abrindo a porta... realizando uma nova vida aqui... numa linda cidade. E: : bom... que mais posso falar? Que... bom... lamentavelmente nosso país se foi e só se levantou uma mão... a mão de Deus. Mas para a Venezuela se levantar temos que... nós venezuelanos... aprender. Aprender muitas coisas que lá não sabíamos. Mas Venezuela em nome de Deus que se levante para uma bela virada. A porta vai estar aberta para muitos... para todos os latinos. Porque primeiro... é um país pequeno... segundo... é o terceiro país multimilionário. Porque temos tudo... temos petróleo... temos gás... temos outro... temos minerais. Temos tudo... uma terra muito bela. E bom... espero que os demais países como o Brasil... os irmãos que nos deram apoio... que em qualquer momento... este pesadelo que estamos vivendo nós os venezuelanos... passe esse sonho. Porque é um sonho... você está dormindo. Quando você... perde tudo... você passa a ter muita fé. Que muitos países como Brasil... mais que tudo o Brasil... nos dão a mão a nosso país para nos levantarmos... para levantar nossa Venezuela. Obrigado. Boa noite.

**ANEXO 5 – TEXTOS** obtidos nos jornais *Folha de Boa Vista* e *O Tempo* após inserção, no mecanismo de busca, das palavras-chave “venezuelano”, “venezuelana”, “venezuelanos”, “venezuelanas”

Período de coleta: de julho de 2019 a fevereiro de 2020

### **Textos jornal “Folha de Boa Vista”**

Total de textos: 542

01/07/19, Edição 8816

Cidade (Capa): “A única forma de parar a migração é Maduro sair” diz embaixadora da Venezuela em visita a Roraima

Cidade: Crianças imigrantes venezuelanas participam de um dia de lazer

Social: No Pátio

Cidade: Número de atendimentos em Hospital da Criança é 60% maior do que três anos atrás

Caderno B – Solidariedade: Crianças imigrantes venezuelanas participam de um dia de lazer

Edital: Membros do Grupo de Lima reiteram defesa de democracia na Venezuela

Edital: Nota de pesar

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8816&edicao=40117>

02/07/19, Edição 8817

Capa: Presos imigrantes com coquetéis molotov que iam incendiar abrigo

Polícia: Imigrantes com coquetéis molotov e armas tentam incendiar abrigo

Política: Roraima deve ganhar unidade de prevenção de câncer

Polícia: Bope auxilia vítima que perseguia suspeitos de furto

Polícia: Policiais prendem dois por tráfico no Caimbé

Cidade: RR tem 50 empresas exportando para Venezuela, Guiana e Caribe

Opinião: Espaço do Leitor – interiorização

Social: Com nada

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8817&edicao=40129>

03/07/19, Edição 8818

Polícia: Justiça mantém presa dupla que pretendia incendiar abrigo com coquetéis molotov

Política: Governo diz que repasses são oscilantes e que crise permanece

Parabólica: Inércia

Social: Pátio do Bem

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8818&edicao=40144>

04/07/19, Edição 8819

Política: Deputado sugere criação de ministério federal para lidar com a crise migratória em Roraima

Política: Parabólica - vereadores

Polícia: Ladrão furta bicicleta por cima do muro e anuncia na internet

Canoa Pop: Banda venezuelana grava clipe retratando a vida de um migrante

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8819&edicao=40156>

05/07/19, Edição 8820

Cidade: Denarium reúne com novo ministro de Bolsonaro e reforça pedido de ajuda financeira para Roraima

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8820&edicao=40168>

06 e 07/07/19, Edição 8821

Política: Bolsonaro visita Manaus e liderança tenta trazer presidente para RR

Política: Comissão Externa Federal recomenda que imigrantes presos sejam isolados para evitar contato com facções.

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8821&edicao=40180>

08/07/2019, Edição 8822

Cidade: Vendas de passagens aumentam mais de 60% na rodoviária

Cidade: 137 crianças e adolescentes foram vítimas de abuso e violência sexual em Roraima

Opinião: Espaço do Leitor – refugiados

Parabólica: Bom dia, cego, violência, condição mínima

Social: #Rapidas

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8822&edicao=40190>

09/07/2019, Edição 8823

Capa: Paradas de ônibus estão inseguras, dizem usuários

Cidade: Usuários reclamam de imigrantes em paradas e prefeitura diz que orienta e faz retirada

Polícia: Três fugitivos do Centro Sócioeducativo são capturados e duas mulheres detidas

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8823&edicao=40202>

10/07/2019, Edição 8824

Capa: Em dois anos, mais de 15 mil veículos venezuelanos passaram na fronteira

Cidade: Mais de 15 mil veículos venezuelanos passaram na fronteira

Política: Excesso de alunos é tema de reunião de parlamentares com Ministro da Educação

Política: Deputado afirma que governo e prefeitura não repassaram dados sobre migração

Cidade: Motoristas venezuelanos pagam multas por infrações de trânsito

Polícia: Autônomo é morto com 11 tiros em suposto acerto de contas

Opinião: Construindo vida no extremo norte

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8824&edicao=40212>

11/07/2019, Edição 8825

Cidade: Professoras de Roraima são finalistas do Prêmio Educador Nota 10

Cidade: PF prende integrantes do crime organizado em Roraima

Opinião: Roraima, o estado não federado

Opinião: Espaço do Leitor – controle

Social: Da operação

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8825&edicao=40224>

12/07/2019, Edição 8826

Cidade: Economista explica os motivos da alta no preço do arroz

Polícia: Imigrante é preso suspeito de portar nove cigarros de maconha

Social: Com nada

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8826&edicao=40237>

13 e 14/07/2019, Edição 8827

Política: Municípios receberão mais de R\$ 500 mil em recursos para saúde

Política: Realidade da migração não é mostrada ao Governo Federal, diz parlamentar

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8827&edicao=40251>

15/07/2019, Edição 8827 (?)

Polícia (capa): Imigrante é assassinado a pauladas em parada de ônibus

Cidade (capa): Aumenta tráfico de mulheres e migrantes são principais vítimas

Política: Governo aumenta arrecadação de ICMS por causa de termelétrica

Polícia: Imigrante é assassinado a pauladas em parada de ônibus

Opinião: Espaço do Leitor – crimes de imigrantes

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8828&edicao=40260>

16/07/2019, Edição 8828

Política: Processo de interiorização deve ser mais democrático, sugere senador

Espaço do Leitor: Imigração

Espaço do Leitor: Na contramão da mão

Social: Do Massacre

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8829&edicao=40275>

17/07/2019, Edição 8829

Política: Parlamentares de Roraima querem montar força-tarefa para tratar migração

Política: Presidente do STF chega a Roraima no dia 22 de julho

Social: Com nada

Minha rua fala: Avenida dos Imigrantes

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8830&edicao=40284>

18/07/2019, Edição 8830

Capa: Morador de rua abastecendo garrafas de água na torneira da Cadeia

Opinião: Espaço do Leitor - Tráfico

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8831&edicao=40300>

19/07/2019, Edição 8831

Cidade (capa): Mais de 88 mil imigrantes pediram refúgio em Roraima

Política: Parlamentares pedem que Operação Acolhida aumente atendimentos de saúde

Polícia: Justiça libera suspeito de assassinar empresário a pauladas

Política: Parabólica - Bom dia, interiorização, interiorização 2, Charter

Social: Com nada

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8832&edicao=40313>

20 e 21/07/2019, Edição 8832

Cidade: Justiça esclarece liberação de suspeito de assassinar empresário a pauladas

Polícia: Três são presos com espingarda, rifle e munições em vicinal

Social: Mistério

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8833&edicao=40327>

22/07/2019, Edição 8833

Capa: Travestis usam ácido para assaltar taxista



Política (capa): Senador sugere abrigos em outros estados e descarta intervenção federal em Roraima

Polícia: Travestis tentam assaltar taxista jogando produto químico nos olhos

Polícia: Trio usa caixa com papel alumínio para furtar R\$ 1 mil em produtos de loja

Parabólica: vez dos venezuelanos

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8834&edicao=40337>

23/07/2019, Edição 8834

Política: Presidente do STF destaca necessidade de suporte ao Judiciário por conta da migração

Cidade: Abrigo está adequado e sem superlotação, informa Setrabes

Polícia: Flagrado furtando bicicleta, jovem é agredido brutalmente por populares

Opinião: Espaço do Leitor – Esculturas

Parabólica: Maquiagem

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8835&edicao=40349>

24/07/19, Edição 8835

Polícia (capa): Menina de 11 anos é atropelada e sofre afundamento do crânio

Polícia: Ministério Público diz que acusado de matar empresário pode fugir de RR: “não tem emprego nem residência”

Polícia: Menor furta bicicleta de venezuelano e é detido por policial à paisana

Polícia: Policiais civis são presos em esquema ilegal de ouro

Cidade: Mais de 100 famílias foram retiradas de áreas de preservação

Opinião: Calebe 2019 #euvou

Social: com nada, da solução

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8836&edicao=40361>

25/07/19, Edição 8836

Sem textos

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8837&edicao=40373>

26/07/19, Edição 8837

Cidade: Juiz contesta Setrabes e diz que quantitativo de crianças em abrigos deve ser informado à sociedade

Polícia: Em dois assaltos, suspeitos são agredidos por populares

Polícia: Para escapar da cadeia, suspeito de tráfico engole maconha

Social: Com nada, incitação

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8838&edicao=40386>

27 e 28/07/19, Edição 8838

Capa: Adolescente é atacado com machado ao tentar recuperar bicicleta

Política: Ministro da Justiça autoriza deportação de estrangeiros considerados criminosos

Polícia: Adolescente é atacado com machado e faca ao tentar recuperar bicicleta

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8839&edicao=40401>

29/07/19, Edição 8839

Política: Secretária diz não haver influência parlamentar em contratos com a Sesau

Política: Presidente da comissão de Direitos Humanos da OAB diz que portaria é necessária para RR

Parabólica: Bom dia, sem agir

Social: #Rapidas

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8840&edicao=40412>

30/07/19, Edição 8840

Cidade: Pesquisadores visitam famílias em 20 bairros para fazer censo

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8841&edicao=40423>

31/07/19, Edição 8841

Polícia (capa): Justiça solta venezuelano preso por homicídio de empresário

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8842&edicao=40434>

- Julho: 104 textos

01/08/19, Edição 8842

Opinião: Espaço do Leitor - Tristeza

Política: Atraso no Crédito do Povo é alvo de ação judicial contra governador e secretária

Polícia: Em três ações, Polícia Militar captura sete suspeitos de tráfico

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8843&edicao=40446>

02/08/19, Edição 8843

Cidade (capa): Polícia investiga quadrilha suspeita de tráfico de crianças venezuelanas

Polícia: À paisana, policial apreende jovens com moto roubada

Polícia: Policial Civil é preso por suspeita de esconder ouro roubado

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8844&edicao=40464>

03 e 04/08/19, Edição 8844

Polícia (capa): Bebê é internada após beber água sanitária na mamadeira

Social: Perfil

Polícia: Após ostentar arma em 'selfie', ambulante é preso pela PM

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8845&edicao=40478>

05/08/19, Edição 8845

Cidade (capa): Exército recomenda que venezuelanos saiam das ruas à noite

Cidade: Prefeituras não foram informadas oficialmente sobre 'Operação Dignidade'

Cidade: Operação Saturação contribui para a redução de criminalidade

Polícia: Adolescente leva tiro de borracha após fugir da polícia

Polícia: Venezuelana desaparece após sair com desconhecido

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8846&edicao=40488>

06/08/19, Edição 8846

Opinião: Espaço do Leitor – Recomendação

Parabólica: Bom dia

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8847&edicao=40498>

07/08/19, Edição 8847

Cidade (capa): Interiorização é a solução para tirar venezuelanos das ruas, diz Acnur

Cidade: Migrantes na rua estão sendo supervisionados e contabilizados

Cidade: PM não foi comunicada sobre Operação Dignidade

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8848&edicao=40509>

08/08/19, Edição 8848

Cidade (capa): Gastos com imigrantes presos passam de R\$ 2,1 milhões no primeiro semestre

Cidade: Imigrante pode ser solto em audiência de custódia desde que tenha endereço fixo

Opinião: Espaço do leitor – País pobre

Polícia: Venezuelano assalta mulher e a obriga a tirar as roupas

Polícia: Indivíduo é preso ao roubar celular e ser perseguido e agredido por populares

Canoa pop: Confira a programação do maior circuito cultural da Amazônia

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8849&edicao=40521>

09/08/19, Edição 8849

Polícia: Mulher pede celular emprestado de vendedor de churrasquinho e foge

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8850&edicao=40536>

10 e 11/08/19, Edição 8850

Quarta edição do Festival Fatura São Paulo traz sabores do Caburaí ao Chuí

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8851&edicao=40550>

12/08/19, Edição 8851

Polícia (capa): Venezuelanos brigam por namorada e um morre esfaqueado

Cidade: Polícia Militar diz que houve redução de roubos em RR

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8852&edicao=40560>

13/08/19, Edição 8852

Política: Parabólica - visita

Social: Tá valendo

Polícia: Corpo em decomposição é encontrado na fronteira

Polícia: Detentos beneficiados com 'saindinha' do dia dos pais são presos com arma de fogo

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8853&edicao=40576>

14/08/19, Edição 8853

Parabólica: Retorno

Polícia: Polícia detém adolescente venezuelano que fez 'selfie' armado em rede social

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/index.jsp?serviceCode=login&numero=8854&edicao=40586>

15/08/19, Edição 8854

Parabólica: Audiência Pública

Polícia: Homem se passa por policial e usa arma para ameaçar pessoas

Polícia: Mulheres são flagradas furtando 15 peças de roupa do shopping

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8855&edicao=40598>

16/08/19, Edição 8855

Opinião: Solidariedade

Cidade: Alto comissário da ONU para refugiados desembarca em Roraima

Social: Com nada

Polícia: Ciclista atropelada por ônibus morre no HGR após acidente de trânsito

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/index.jsp?serviceCode=login&numero=8856&edicao=40612>

17 e 18/08/19, Edição 8856

Polícia (capa): Corpo de venezuelano decapitado e sem braço é encontrado próximo a abrigo

Política: Ministra dá 15 dias para União se manifestar sobre ajuda a Roraima

Política: Objetivo é chamar atenção do poder público, diz presidente da comissão

Opinião: Espaço do Leitor – Resolução de problemas

Política: Pacaraima pede reforço de segurança ao Exército e órgãos policiais

Cidade: Prefeito diz que ia pedir ajuda a Acnur para escolas com superlotação

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8857&edicao=40625>

19/08/19, Edição 8857

(capa) Mais de 1200 venezuelanos cruzam em um único dia a fronteira de Roraima

(capa) Manifestação reúne centenas de pessoas em Pacaraima

Cidade: Aumenta entrada de venezuelanos na fronteira de Roraima com a Venezuela

Cidade: Prefeito diz que cresceu número de imigrantes nas ruas de Pacaraima

Cidade (Migração venezuelana): Manifestação reúne centenas de pessoas em Pacaraima

Cidade: Parte do comércio decidiu fechar as portas por conta da manifestação

Cidade: Pais de alunos cobram reativação de escola no bairro 13 de setembro

Social: Venezuela

Polícia: PC prende ex-guarda venezuelano e comparsa após roubos

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8858&edicao=40637>

20/08/19, Edição 8858

(capa) Mais de quatro mil já retornaram à Venezuela em Programa de Repatriação

Política: Parabólica - Visita

Cidade: Mais de 4 mil já retornaram à Venezuela

Cidade: Cônsul culpa embargos como motivos da migração

Polícia: Adolescentes venezuelanos são detidos após roubo com arma de brinquedo

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8859&edicao=40656>

21/08/19, Edição 8859

Política: Parlamentares querem trancar pauta no Congresso até migração ser discutida

Cidade: Governo revoga decreto que autoriza União a utilizar hospital em Pacaraima

Caderno B: Portaria impede entrada de altos funcionários da Venezuela no Brasil (assinado)

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8860&edicao=40667>

22/08/19, Edição 8860

Política: Obstrução de pauta provoca criação de comissão interministerial

Política: Parabólica - Mudança

Cidade: Turismo em Roraima aquece após migração venezuelana

Polícia: Venezuelana alvejada no garimpo do Uraricoera morre no HGR

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8861&edicao=40679>

23/08/19, Edição 8861

(capa): Mecânico é preso por estuprar criança de seis anos

Cidade (capa): Boa Vista deve perder 53 médicos do programa Mais Médicos

Opinião: Espaço do Leitor – Turismo

Polícia: Mecânico venezuelano é preso por estuprar criança de seis anos

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8862&edicao=40692>

26/08/19, Edição 8862

Política: Republicanos deverá ter candidatura própria para nove municípios de Roraima

Política: Deputada diz acreditar na construção de nova proposta política para Boa Vista

Polícia: Autor de roubo é perseguido e ferido em tentativa de linchamento

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8863&edicao=40722>

27/08/19, Edição 8861 (*sic*)

Polícia: PM prende dois com munições, carregador de pistola, drogas e balança

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8864&edicao=40731>

28/08/19, Edição 8864

Polícia (capa): Morador de rua é assassinado a pauladas durante a madrugada

Cidade: Mais 300 homens do Exército fazem ações de segurança nas ruas de Pacaraima

Polícia: Jovem venezuelano é alvejado dentro de borracharia

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8865&edicao=40749>

29/08/19, Edição 8865

Cidade (capa): Secretário confirma entrada de facção venezuelana em Roraima

Política: Visita do ministro Ônyx Lorenzoni é adiada

Opinião: Espaço do Leitor – Imigração

Parabólica: Crescimento

Cidade: Imigrantes não estão incluídos na contagem do IBGE

Cidade: RR passa de 600 mil habitantes, diz IBGE

Social: Aula Magna

Polícia: Homem é preso depois de ser reconhecido como autor de furto e roubo

Polícia: Criminosos entram pelo telhado para furtar loja de eletrônicos

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8866&edicao=40760>

30/08/19, Edição 8866

Opinião: Espaço do Leitor

Política: Planalto cancela visita de ministro Onyx Lorenzoni a Roraima

Parabólica: Bom dia

Cidade (Migração venezuelana): Vereadores cogitam fechar Câmara para pedir socorro em Brasília

Cidade: Operação Acolhida estima que 300 imigrantes vivam nas ruas de Boa Vista

Polícia: Dois condenados por estupro são presos pela PRF em rodovias

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8867&edicao=40776>

31/08/19, Edição 8867

Opinião: Falaciosa Política de austeridade

Opinião: Espaço do Leitor – Maus-Tratos

Política: Bancada afirma que cancelamento de visita não é desinteresse pela questão da migração

Cidade: Governador diz que imigração sobrecarrega sistema de saúde

Polícia: Adolescente é flagrado por policiais enquanto carregava TV furtada

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8868&edicao=40788>

- Agosto: 100 textos

05/09/2019, Edição 8871

Polícia: Venezuelano é preso por exercício ilegal da profissão

Opinião: A migração e os impactos no crescimento populacional de Roraima

Social: Tá valendo

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/index.jsp?serviceCode=login&numero=8872&edicao=40836>

06/09/2019, Edição 8872

Opinião: Bruta história de uma periferia esquecida

Polícia: Assaltante é preso após vítima rastrear celular roubado

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8873&edicao=40848>

07 e 08/09/2019, Edição 8873

Política: Comissão externa pede mais apoio para Operação Acolhida

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8874&edicao=40865>

09/09/2019, Edição 8874

Polícia: Penetra é preso por suspeita de furto de celular em aniversário

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8875&edicao=40873>

10/09/2019, Edição 8875

Política: Parabólica – Será?

Cidade: Governo federal já gastou R\$ 500 mi com Operação Acolhida

Cidade: Motociclistas reclamam do aumento de furtos de veículos

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8876&edicao=40884>

11/09/2019, Edição 8876

Cidade (capa): Roraima vira líder em assassinatos no país

Opinião: Espaço do Leitor

Política: Parabólica – Bom dia

Cidade: Prefeitura aumentará mais de 1.200 vagas em rede de ensino

Polícia: Ajudante de pedreiro é preso com fuzil americano de uso restrito

Polícia: Quatro são presos por receptação de motocicletas furtadas em BV

Polícia: Garimpeiro é preso com arma ilegal e 12 munições

Minha rua fala: Personagens da nossa história

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8877&edicao=40896>

12/09/2019, Edição 8877

Polícia (capa): Quadrilha é presa com 21 quilos de cocaína

Política (imigração): Governo Federal pediu novo prazo para elaborar plano de assistência a Roraima

Polícia: Bandidos são presos ao tentar matar universitária em parada de ônibus

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8878&edicao=40907>

13, 14, 15/09/2019, Edição 8878

Opinião: Espaço do Leitor – Emprego

Cidade: TCE encontra diversas irregularidades nas unidades de saúde de Roraima

Polícia: Criminosos rasgam farda, amordaçam e amarram motorista

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8879&edicao=40919>

16/09/2019, Edição 8879

Cidade (capa) (Migração venezuelana): Mais de 3,5 mil pessoas vivem nas ruas de BV

Opinião: Espaço do Leitor – Roubo

Política: Ângela diz que Governo não pode ignorar pessoas que passam fome em Roraima

Política: Parabólica – Bom dia

Cidade: Vereadora quer coletar 100 mil assinaturas para levar a Bolsonaro

Política: Venezuelana é atacada por dono de restaurante ao pedir água

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8880&edicao=40943>

17/09/2019, Edição 8880

Polícia (capa): Polícia encontra terceiro morador de rua assassinado em Boa Vista

Política: Deputado pede clareza na aplicação de recursos da Operação Acolhida

Polícia: Populares agridem venezuelano suspeito de furto de bicicleta

Polícia: Autônomo é preso com espingarda, munições e cutia morta

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8881&edicao=40955>

18/09/2019, Edição 8881

Capa: Terreno em Boa Vista, que pertence à Venezuela, poderia abrigar migrantes

Política: Ministra Damares Alves vem a Roraima para lançar programa

Opinião: Espaço do Leitor – Nas ruas

Política: Parabólica – Nas fronteiras

Cidade: Embaixadora da Venezuela vem a Roraima e diz que situação da Venezuela está pior

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8882&edicao=40967>

19/09/2019, Edição 8882

Política (capa): Damares anuncia acordo entre Governo e MPF para interiorizar venezuelanos

Opinião: Espaço do Leitor – Agenda interministerial

Política: Deputado avalia visita de Damares como positiva

Política: Parabólica – Carona 1, Carona 2, Ficou claro

Polícia: Ação conjunta prende dois por tráfico e distribuição de drogas na Capital

Polícia: PF cumpre mandado de prisão contra homem que explorava venezuelanos

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8883&edicao=40981>

20, 21 e 22 /09/2019, Edição 8883

Cidade (capa) (menores venezuelanos): Justiça determina interdição de abrigos por conta da superlotação

Cidade: Organizações são contrárias à ida dos menores para abrigos da Acolhida

Opinião: Espaço do Leitor – Ministra, visita

Política: Parabólica – Bom dia, Migração, Diferente, Visita

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8884&edicao=40994>

23/09/2019, Edição 8884

Cidade (capa): Número de partos em venezuelanas aumentou 865,77% desde 2016

Cidade: Maternidade registra morte de 97 bebês de janeiro a agosto deste ano

Cidade: Programa interiorizou 5 mil imigrantes

Cidade: Ministério articula com organizações religiosas para acelerar interiorização

Polícia: Travesti venezuelana é espancada aos gritos de “Aqui é Brasil”

Opinião: A Nova Ordem Mundial

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8885&edicao=41016>

24/09/2019, Edição 8884 (*sic*)

Capa: População reclama de lixo ao lado de abrigo

Cidade: Com 238 casos, Roraima tem em média um desaparecido por dia

Polícia: Venezuelana denuncia que foi estuprada por aproximadamente quinze homens

Opinião: Espaço do Leitor – Interiorização

Política: Parabólica – Começo, No andar superior

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8886&edicao=41030>

25/09/2019, Edição 8886

Cidade: Informe Parlamentar

Polícia: Passageiros ficam feridos após ônibus colidir em cavalos e tombar na BR-174

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8887&edicao=41040>

26/09/2019, Edição 8887

Cidade: Movimento pretende reunir 500 pessoas em ato contra imigração

Cidade: Informe publicitário - Deputada visita abrigos e se reúne com representantes do Governo Federal em Brasília

Polícia: Polícia detém mãe suspeita de espancar filho de 6 anos até sangrar

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/index.jsp?serviceCode=login&numero=8888&edicao=41051>

27, 28, 29/09/2019, Edição 8888

Cidade: Cai o número de casos de Sarampo no estado

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8889&edicao=41062>

30/09/2019, Edição 8887

Opinião: Espaço do Leitor – Selvinha

Política: Parabólica – Baderna

Polícia: PM prende traficante com mais de seis quilos de supermaconha

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8890&edicao=41089>

- Setembro: 70 textos

01/10/2019, Edição 8890

Política: Parabólica – Dólar

Polícia: Dupla é presa com mais de 1,3 mil litros de gasolina para abastecer garimpo

Polícia: Homem é preso fazendo compras com notas de 100 reais falsas

Polícia: Quatro venezuelanos são presos como suspeitos de furto em loja

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8891&edicao=41101>

04, 05, 06/10/2019, Edição 8893

Política: Parlamentares federais repercutem nova fase da Operação Acolhida

Política: Parabólica – Bom dia, Ausentes, Sem

Cidade: Roraima completa 31 anos trazendo esperança para muitos imigrantes

Polícia: Empresário esconde arma na bolsa da esposa para não ser preso

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8894&edicao=41143>



07/10/2019, Edição 8894

Polícia (capa): Venezuelano morre após pular da Ponte dos Macuxi

Social: #Rápidas

Polícia: Família venezuelana devolve criança de 2 anos que estava desaparecida

Polícia: Venezuelano é preso após agredir filha de cinco anos

Polícia: Autônomo é assassinado com cinco tiros e duas facadas

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8895&edicao=41164>

08/10/2019, Edição 8895

Política: Poderes temem que congelamento do Orçamento influencie qualidade de serviços

Opinião: Há saída para o caos

Política: Parabólica – Cena 4, Roubo

Cidade: Moradores denunciam aumento de furtos a residência

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8896&edicao=41176>

09/10/2019, Edição 8896

Opinião: Em defesa de Pacaraima

Política: Parabólica – Necessidade

Polícia: Corpo encontrado em saco de lixo é de adolescente venezuelano

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8897&edicao=41188>

10/10/2019, Edição 8897

Política: Parabólica – Curtas

Cidade: População pode denunciar abandono, aluguel ou venda de imóvel na PMBV

Polícia: Vigilantes flagram e detêm ladrões de loja no Pintolândia

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8898&edicao=41203>

11, 12, 13/10/2019, Edição 8898

Capa: 15 integrantes de facção venezuelana são presos em Pacaraima

Social: Meio Ambiente, Meio Ambiente II

Polícia: Polícia prende 15 integrantes de facção venezuelana

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/index.jsp?serviceCode=login&numero=8899&edicao=41218>

14/10/2019, Edição 8898 (sic)

Polícia (capa): Polícia prende seis venezuelanos que atacaram Exército na fronteira

Cidade: Roraima confirma mais de 360 casos de Sarampo em dois anos

Social: Da Palestra II

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8900&edicao=41240>

15/10/2019, Edição 8900 (sic)

Social: Com nada

Social: Recomeço

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8901&edicao=41250>

16/10/2019, Edição 8901

Sem textos

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8902&edicao=41263>

17/10/2019, Edição 8902

Capa: Imigrantes são retirados de ginásio e deixados embaixo de ponte

Opinião: O cinismo dos ambientalistas frente ao petróleo nas praias do Brasil

Cidade (imigração venezuelana): Polícia desocupa ginásio e imigrantes são deixados embaixo da ponte

Cidade: Exportação cresce 470% e bate recorde

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8903&edicao=41277>

18, 19, 20/10/2019, Edição 8903

Opinião: Espaço do Leitor – Venezuelanos

Política: Parabólica – Bom dia, Pela estrada

Polícia: Faccionados são presos com arma e drogas

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8904&edicao=41289>

21/10/2019, Edição 8904

Social: Tá valendo

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8905&edicao=41314>

22/10/2019, Edição 8905

Capa: Motoristas reclamam de ciclistas que andam na contramão nas ruas da cidade

Cidade (capa): CNJ determina posto do Juizado da Infância para fiscalizar viagem de menores venezuelanos

Cidade: Venezuela não emite identidade para crianças

Polícia: Açougueiro tem braço esfaqueado durante assalto

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8906&edicao=41326>

23/10/2019, Edição 8906

Social: #Rápidas

Caderno B, Educação: Projeto de aluna venezuela (*sic*) aborda música nas línguas tradicionais indígenas de Roraima

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8907&edicao=41336>

24/10/2019, Edição 8907

Política: Parabólica – Visita 1

Cidade: Moro pede aprovação do Fundo Estadual de Segurança Pública

Cidade: Empresário cobra olhar diferenciado para RR

Cidade: Taxista que usava veículo para o tráfico é preso com três comparsas

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8908&edicao=41349>

25, 26, 27/10/2019, Edição 8908

Opinião: Folha de Boa Vista avista Severino

Política: Parabólica – Síntese, Tudo Parado

Polícia: Adolescente venezuelano desaparece nas águas do Rio Branco

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8909&edicao=41361>

28/10/2019, Edição 8909

Política: Problemas de Roraima são culpa de corrupção e falta de apoio, diz senador

Cidade: Fluxo de passageiros aumenta 14% em aeroporto

Polícia: Mecânico morre enforcado com cinto de segurança

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8910&edicao=41386>

29/10/2019, Edição 8910

Cidade: Abertura de novas empresas aumenta contratações

Cidade: Ambulantes esperam movimento maior que em 2018

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8911&edicao=41398>

30/10/2019, Edição 8911

Sem textos

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8912&edicao=41407>

31/10/2019, Edição 8912

Cidade: Corpo de Bombeiros encerra buscas por adolescente venezuelano

Cidade: UFRR sedia evento sobre a temática no contexto da imigração

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8913&edicao=41424>

- Outubro: 58 textos

04/11/2019, Edição 8915

Capa: Acidentes e homicídios deixam saldo de sete mortos no estado

Cidade: Maternidade foi o hospital que mais fez partos em outubro no País

Polícia: Menino de 3 anos morre afogado durante passeio com a família

Polícia: Populares tentam linchar suspeitos de matar pintor para roubar bicicleta

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/index.jsp?serviceCode=login&numero=8915&edicao=41452>

05/11/2019, Edição 8915 (*sic*)

Cidade: Polícia encontra galos de briga e pele de onça em casa no Aparecida

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8916&edicao=41466>

06/11/2019, Edição 8917

Política: Relator do Orçamento volta a dizer que há excesso de arrecadação

Cidade: Jovem é presa ao furtar de loja quase R\$ 250 em produtos de higiene

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8917&edicao=41477>

07/11/2019, Edição 8917 (*sic*)

Política: Parabólica - #Rápidas

Política: População responde o que acha do aplicativo Alô Governador

Social: Internacional, Lançamento

Polícia: Brasileiros são presos após roubarem celular de venezuelano

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8918&edicao=41492>

08, 09, 10/11/2019, Edição 8918

Política: Parabólica – Venezuelanos, Rápidas

Cidade: Menores são apreendidos por estarem em posse de simulacro de pistola

Polícia: Assaltantes esfaqueiam sargento da marinha para roubar fone de ouvido

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8919&edicao=41508>

11/11/2019, Edição 8919

Política: Parabólica – Solução?

Polícia: Polícia vai atender ocorrência de alvejado e descobre furto

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8920&edicao=41528>

12/11/2019, Edição 8920

Sem textos

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8921&edicao=41542>

13/11/2019, Edição 8921

Minha rua fala: Praça Capitão Clovis

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8922&edicao=41554>

14/11/2019, Edição 8922

Parabólica: Bom dia

Caderno B, Edital: Bolsonaro repudia invasão em baixada da Venezuela

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8923&edicao=41564>

15, 16, 17/11/2019, Edição 8923

Cidade: Furtos aumentam no cemitério Nossa Senhora da Conceição

Cidade: Roraima tem cinco pontos vulneráveis de exploração infantil

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8924&edicao=41582>

18/11/2019, Edição 8924

Social: Com nada, Neuber II

Polícia: Taxista é atacado com arma branca e pauladas, por venezuelanos

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8925&edicao=41594>

19/11/2019, Edição 8925

Opinião: Espaço do Leitor - Generosidade

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/index.jsp?serviceCode=login&numero=8926&edicao=41605>

20/11/2019, Edição 8926

Cidade (capa): Em um ano, número de imigrantes na Pamc teve aumento de 120%

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8927&edicao=41618>

21/11/2019, Edição 8927

Opinião: Espaço do Leitor – Imigrantes

Social: Com tudo

Cidade: Ficco prende quatro e apreende quase 13kg de supermaconha

Variedades: Concurso literário de Roraima divulga contos e poemas finalistas

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8928&edicao=41624>

22, 23, 24/11/2019, Edição 8928

Cidade: Bombeiros localizam corpo de venezuelano que se afogou em Balneário

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8929&edicao=41639>

25/11/2019, Edição 8929

Opinião: Espaço do Leitor - Senador

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8930&edicao=41665>

26/11/2019, Edição 8930

Opinião: Espaço do Leitor – Saúde

Social: Com nada

Social: Importante

Polícia: Três são presos em posse de bicicleta de alto valor comercial

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8931&edicao=41678>

27/11/2019, Edição 8931

Cidade: Autônomo resiste a assalto e leva facada no pescoço

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8932&edicao=41690>

28/11/2019, Edição 8932

Política: Parabólica – Bom dia

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8933&edicao=41701>

- Novembro: 39 textos

29, 30, 01/12/2019, Edição 8933

Capa: Criança sozinha abordando motoristas em semáforo

Caderno B: Coluna Esplanada - Cegueira

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8934&edicao=41716>

02/12/19, Edição 8934

Cidade (Capa): 42,12% dos venezuelanos ficam presos após audiência de custódia

Cidade: Confirma a programação do Dezembro Vermelho

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8935&edicao=41740>

03/12/19, Edição 8935

Cidade: Residencial Vila Jardim completa três anos e população reclama de falta de políticas públicas

Social: Importante

Cidade: Jovem é assassinado e enterrado na fazenda onde trabalhava

Música e cultura: Feira terá show de talentos e eira terá show de talentos e oficinas de combate a xenofobia

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8936&edicao=41754>

04/12/19, Edição 8936

Opinião: Projetos beneficiarão Roraima

Espaço do leitor: desemprego

Política: Embaixadora do Canadá visita oficialmente Roraima

Cidade: “Não há necessidade de privatizar”, afirma presidente da Caer

Cidade: Irmão de jovem que foi morto por causa de um celular pede liberação do corpo

Cidade: Bandidos roubam R\$ 15 mil de comerciante de joias usadas

Cidade: Extensão das fronteiras será grande desafio, diz especialista

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8937&edicao=41764>

05/12/19, Edição 8937

Caderno B: Neuber Uchoa lança euber Uchoa lança videoclipe sobre fronteiras

Roraima ao extremo: o que fazer

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8938&edicao=41776>

06 a 08/12/19, Edição 8938

Sem textos

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8939&edicao=41804>

09/12/19, Edição 8939

Política: Parabólica - exportação 2

Política: Parabólica - refúgio

Polícia: Dois são presos após roubarem jovem universitária em via pública

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8940&edicao=41824>

10/12/19, Edição 8940

Cidade: 100 quilos de ouro e R\$ 1,5 mi foram apreendidos pela PF

Polícia: Jovem é salvo por bombeiros após subir em poste no bairro Alvorada

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8941&edicao=41836>

11/12/19, Edição 8941

Cidade (Capa): Cerca de 800 crianças e adolescentes entraram sozinhos no Brasil

Cidade: Casas de acolhimento serão inauguradas

Cidade: Estado e prefeitura dizem que não estão omissos

Polícia: Bêbado é preso em flagrante por importunação sexual

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8942&edicao=41849>

12/12/19, Edição 8942

Cidade: Advogados e auditores continuam no Sistema Prisional

Polícia: Comerciante reage a assalto e é agredida por bandidos

Polícia: Dupla é agredida por populares ao roubar ambulante

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8943&edicao=41861>

13, 13 e 15/12/19, Edição 8943

Cidade (Capa): Venezuelano é espancado e asfixiado dentro de cela

Polícia (Capa): Casa de auditora fiscal é saqueada após ela ser presa em operação da PF

Parabólica: rápidas

Polícia: Venezuelano é encontrado parcialmente degolado

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8944&edicao=41873>

16/12/19, Edição 8944

Cidade: Venda de maquinários cresceu 15%

Cidade: Bandidos invadem residência e furtam moto, TV, dinheiro e alimento

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8945&edicao=41897>

17/12/19, Edição 8945

Polícia (Capa): Moradores de rua são atacados a pauladas em via pública

Opinião: Roraima pede socorro

Cidade: MPC pede afastamento da secretária estadual da Saúde, Cecília Lorenzom

Social: hoje

Cidade: Bandidos se fingem de passageiros e assaltam ônibus no Centenário

Polícia: Quatro moradores de rua foram mortos nos últimos seis meses em BV

Editorial

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8946&edicao=41909>

18/12/19, Edição 8946

Cidade: Ongs inauguram casas lares para crianças venezuelanas abandonadas

Social: com nada

Polícia: PM fecha boca de fumo após 15 dias de investigação

Polícia: Retrato falado de suspeitos de matar jovem com 40 facadas é divulgado

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8947&edicao=41921>

19/12/19, Edição 8947

Social: nas redes

Social: importante 2

Cidade: Dupla é presa com 83 papелotes de entorpecentes no São Vicente

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8948&edicao=41936>

20 a 22/12/19, Edição 8948

Parabólica: desproporção

Cidade: Adolescente é apreendido depois de roubar celular dentro de loja no Centro

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8949&edicao=41947>

23/12/19, Edição 8949

Cidade: Venezuelano morre em troca de tiros com policiais militares

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8950&edicao=41974>

24 a 26/12/19, Edição 8950

Cidade (capa): Aumenta fiscalização na fronteira após ataque à base militar na Venezuela

Parabólica: assistência

Caderno B: Interior do estado e capital do Amazonas são roteiros favoritos durante feriado

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8951&edicao=41985>

27 a 29/12/19, Edição 8951

Espaço do leitor: saúde

Cidade: Novos prédios públicos são invadidos por imigrantes

Cidade: Gestão da imigração é da Operação acolhida, diz Governo

Caderno B: Tradicional corrida dos primos ocorre nesse domingo

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8952&edicao=42004>

30/12/19, Edição 8952

Política: Senador diz que medidas em benefício de Roraima acontecem no início de 2020

Opinião: 2020 já chegou

Política: Parabólica - rápidas

Cidade: Militares venezuelanos encontrados em Roraima pedem asilo ao Brasil

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8953&edicao=42029>

31/12/19 a 02/01/20, Edição 8953

Retrospectiva: imigração em Macunáima

Retrospectiva: A fronteira aberta

Retrospectiva: saúde na UTI

Coluna esplanada: deserção hermana

Esporte: Vivaz renova e contrata jogadores para temporada 2020

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8954&edicao=42041>

- Dezembro: 66 textos

06/01/2020, Edição 8955 – MUDOU IMPRESSO X DIGITAL

Política: Senador afirma que não desistiu da energia da Venezuela

Social: Com nada, Fake News

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8956&edicao=42082>

07/01/2020, Edição 8956

Opinião: 1964 ficou na história

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8957&edicao=42094>

08/01/2020, Edição 8957

Política: Parabólica – Bom dia, Interiorização

Social: Com nada, Prédios públicos

Polícia: Indivíduo é flagrado desenterrando droga

Caderno 2 – Internacional: Guaidó entra no Parlamento venezuelano e inicia sessão

Poucos minutos depois, eletricidade foi cortada no plenário

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8958&edicao=42105>

09/01/2020, Edição 8958

Opinião: A crise na Venezuela e seus reflexos em Roraima

Cidade: Lei quer assegurar atendimento igualitário para brasileiros e estrangeiros

Polícia: Venezuelanos são presos como suspeitos de arrombar casa e furtar telhas e geladeira

Polícia: Dois são presos por tráfico no Caimbé

Polícia: Foragido da Pamc há seis anos é recapturado em ação conjunta policial

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8959&edicao=42119>

10, 11, 12/01/2020, Edição 8959

Sem textos

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8960&edicao=42133>

13/01/2020, Edição 8960

Opinião: Espaço do Leitor – Assalto

Polícia: Ficco prende seis venezuelanos com mais de 100 de skunk

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8961&edicao=42153>

14/01/2020, Edição 8961

Polícia: Casal abastece veículo, rouba frentista e foge – Sem reagir

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8962&edicao=42163>

15/01/2020, Edição 8962

Polícia: Armado com uma faca, assaltante faz motorista refém e leva o carro da vítima

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8963&edicao=42176>

16/01/2020, Edição 8963

Política: Parabólica - Rápidas

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8964&edicao=42191>

17, 18, 19/01/2020, Edição 8964



Política: Parabólica – Bom dia, Até junho, Rápidas

Variedades: Coletivo oferece atividades culturais e esportivas para crianças e adolescentes

Nacional: Bolsonaro brinca com a possibilidade de Moro ocupar Presidência em 2027

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8965&edicao=42202>

20/01/2020, Edição 8965

Social: Com nada

Polícia: Bandido rouba e fere idoso em frente a sua residência

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8966&edicao=42223>

21/01/2020, Edição 8966

Opinião: Ética ambiental

Opinião: Espaço do Leitor - Segurança II

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8967&edicao=42233>

22/01/2020, Edição 8967

Sem textos

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8968&edicao=42245>

23/01/2020, Edição 8968

Opinião: Espaço do Leitor – Imigrantes

Social: #Rápidas

Polícia: Professora é condenada a dez anos de prisão por “escravizar” venezuelana

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8969&edicao=42258>

24, 25, 26/01/2020, Edição 8969

Política (Operação Acolhida): Novo coordenador diz que pretende interiorizar 3 mil migrantes por mês

Política: Parabólica – Números 1

Social: Com tudo

Esporte Estadual: Ginásio Totozão está abandonado há mais de uma década

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8970&edicao=42269>

27/01/2020, Edição 8970

Opinião: Espaço do Leitor – Acolhida

Polícia: Foragido da Pamc é morto pela polícia na Venezuela

Polícia: Diarista denuncia patrão por assédio sexual

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8971&edicao=42289>

28/01/2020, Edição 8971

Variedades: Em Pacaraima, construção de banheiros, chuveiros e lavanderia vão favorecer acolhida a migrantes

Nacional: Coluna Esplanada - Acolhida

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8972&edicao=42300>

29/01/2020, Edição 8972

Sem textos

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8973&edicao=42309>

30/01/2020, Edição 8973

Polícia (capa): Venezuelano encontra em lixeira munição de atacar carro forte e avião

Cidades (capa): Imigrantes são notificados e podem ser retirados de prédio abandonado

Política: Parabólica - Rápidas

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8974&edicao=42321>

31/01/2020, 01 , 02/02/2020, Edição 8974

Capa: PM faz operação contra furtos e tráfico em abrigos

Opinião: Espaço do Leitor – Recursos, Notificação

Polícia: Autônomo é preso após agredir venezuelana com rodo

Política: Parabólica – Todos

Cidade: Municípios nas fronteiras se preparam para Coronavírus

Cidade: Polícia Militar faz ação contra furtos e tráfico em abrigos de venezuelanos

Cidade: Com orçamento de R\$ 280 mi, Operação Acolhida pretende interiorizar 3 mil venezuelanos por mês

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8975&edicao=42331>

- Janeiro: 45 textos

03/02/2020, Edição 8975

Capa: Dono de hotel é preso após denúncia de venezuelano

Opinião: Espaço do Leitor – Interiorização

Polícia: Dono de hotel é preso após venezuelano desistir de ‘ser mula’ e entregar quadrilha

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8976&edicao=42358>

04/02/2020, Edição 8976

Cidade (capa): Presidente do TJRR destaca atuação do judiciário na migração e sistema prisional

Política: Parabólica – Rápidas

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8977&edicao=42371>

05/02/2020, Edição 8977

Política: Parabólica – Bom dia

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8978&edicao=42383>

06/02/2020, Edição 8978

Variedades: Rotary Club é homenageado pela ONU

Política: Parabólica - Rápidas

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8979&edicao=42394>

07, 08 e 09/02/2020, Edição 8979

Cidades (capa) - Saúde anuncia centro de vigilância na fronteira com a Venezuela

Caderno 2 – Nacional: Mandetta: Brasil será solidário a vizinhos no combate ao coronavírus

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8980&edicao=42405>

10/02/2020, Edição 8980

Polícia: Polícia dispersa protestos na fronteira com bombas e balas de borracha

Moradores falam do aumento da criminalidade e da manifestação

Polícia: Polícia prende suspeito de sequestrar e roubar homem que ia para igreja

Política: Parabólica – Rápidas

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8981&edicao=42424>

11/02/2020, Edição 8981

Cidade (capa): Justiça determina que IBGE inclua índios e imigrantes no cálculo da população

Cidade: Bloqueio de rodovia por índios e comércio fechado em novo dia de protestos

PM envia reforço e evita nova confusão entre brasileiros e venezuelanos

Opinião: Espaço do Leitor – Caos

Política: Parabólica – Bom dia, Legítima

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8982&edicao=42436>

12/02/2020, Edição 8982

Política: Após encontro com MP, órgãos de segurança decidem montar força-tarefa em Pacaraima

Política: Parabólica – Bom dia

Cidade - Após reunião, rodovia é desbloqueada e tensão diminui em Pacaraima

Cidade - Maestro se apresenta em Boa Vista e visita abrigo de refugiados

Opinião: Espaço do Leitor – Vice-presidente, Vice-presidente II, Decisão judicial, Pacaraima

Social: Crise

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8983&edicao=42445>

13/02/2020, Edição 8983

Política: Roraima tem características distintas, diz vice-presidente

Política (crise migratória):Parlamentares cobram investimentos em serviços públicos e mais rigor na fronteira

Política: Parabólica – Bom dia

Cidade (capa): Imigrantes venezuelanos somem das ruas

Comerciantes falam sobre situação dos venezuelanos

Prefeito de Pacaraima confirma retirada de venezuelanos

Opinião: Espaço do Leitor - Mourão

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8984&edicao=42458>

14, 15 e 16/02/2020, Edição 8984

Política: Mourão diz que Orçamento está sob controle do Congresso e apela para que bancada consiga recursos para o Estado

Política: Denarium anuncia desocupação de quatro prédios do Governo

Opinião: Espaço do leitor – Vice-presidente, Sumiço

Política: Parabólica – Rápidas

Política: Migração não influenciou no aumento da criminalidade, diz Moro

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8985&edicao=42469>

17/02/2020, Edição 8985

Política: Torquato diz que Prefeitura não recebeu recursos adicionais para receber migrantes

Cidade: Mais de 3 mil imigrantes foram interiorizados em janeiro

General acredita que venezuelanos sumiram por medo

Opinião: Espaço do leitor – Refúgio

Política: Parabólica - Rápidas

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8986&edicao=42491>

18/02/2020, Edição 8986

Cidade: Força Nacional pode atuar de forma ostensiva em Pacaraima

Polícia: Corpo é encontrado com punho de rede amarrado no pescoço

Opinião: Espaço do Leitor – Acolhida

Cidade: “Cadê órgãos de controle?” desabafa médica ao denunciar caos na maternidade

Social: #Rápidas

Cidade: Vítimas rastreiam celulares e PM prende dois por furto

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8987&edicao=42503>

19/02/2020, Edição 8987

Polícia - Jovem é preso após roubar motocicleta à mão armada

Opinião: O lucro certo, a oportunidade

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8988&edicao=42517>

20/02/2020, Edição 8988

Cidades - Mais de 100 acidentes foram registrados nos últimos 4 anos

Opinião: Espaço do Leitor - dinheiro

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8989&edicao=42528>

21 a 23/02/20, Edição 8989

Sem textos

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8990&edicao=42541>

24 a 26/02/20, Edição 8990

Política: Parabólica - Interesse

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8991&edicao=42557>

27/02/20, Edição 8991

Capa: Venezuelanos encontrados em rio podem ter sido assassinados

Capa: Venezuelanos suspeitos de sequestro são presos com cocaína

Polícia: Venezuelanos suspeitos de sequestro são presos com cocaína escondida em carro

Polícia: Venezuelanos encontrados dentro de rio foram assassinados

Opinião: E 2020, finalmente, vai começar!

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8992&edicao=42581>

28/02/20, Edição 8992

Capa - Farmácias registram aumento na procura por máscaras e álcool em gel

Opinião: O coronavírus e as vulnerabilidades de Roraima

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8993&edicao=42593>

- Fevereiro: 60 textos

### **Textos jornal “O Tempo”**

Total de textos: 133

06-07-2019, Ano 23, Número: 8239

Mundo: Sob pressão de relatório da ONU, Venezuela solta 22 presos

Super. FC: Otero pede passagem  
Super. FC: Para ser titular, Otero conta até com lobby  
<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14011>

08-07-2019, Ano 23, Número: 8241  
Política: Ministro reage em rede social  
Super. FC: Voz da arquibancada  
<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14020>

10-07-2019, Ano 23, Número: 8243  
Mundo: Guaidó e governo estariam discutindo novas eleições  
<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14029>

21-07-2019, Ano 23, Número: 8254  
Mundo: Imigrantes se tornam mendigos  
<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14082>

22-07-2019, Ano 23, Número: 8255  
Mundo: EUA x caça venezuelano  
<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14086>

23-07-2019, Ano 23, Número: 8256  
Mundo: Tensão entre Venezuela e Estados Unidos  
<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14090>

- Julho: 9 textos

02-08-2019, Ano 23, Número: 8266  
Brasil: Novo 'Mais Médicos' terá 18 mil vagas  
Super. FC: Soteldo  
<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14134>

05-08-2019, Ano 23, Número: 8269  
Brasil: Bolsonaro fala mais uma vez em legalizar garimpos na Amazônia  
Super. FC: Santos massacra e amplia liderança  
<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14148>

07-08-2019, Ano 23, Número: 8271  
L.eitor: Venezuela  
Mundo: Brasil fechará portas para alto escalão da Venezuela  
<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14157>

08-08-2019, Ano 23, Número: 8272  
Política externa: Vice comenta sanções a venezuelanos (retranca)  
<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14161>

09-08-2019, Ano 23, Número: 8273  
Mundo: Venezuelanos fogem da fome e viram refêns na selva  
<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14165>

10-08-2019, Ano 23, Número: 8274

Mundo: Guaidó diz Maduro usa 'de má-fé'

Super. FC: Ciclismo fecha a sexta-feira com duas pratas

<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14171>

12-08-2019, Ano 23, Número: 8276

Mundo: Maduro pede mobilização contra sanções

<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14179>

18-08-2019, Ano 23, Número: 8282

(2) Economia: Venezuelanos voam de Roraima com destino à nova vida

O.pinião: A Amazônia cobijada

<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14206>

22-08-2019, Ano 23, Número: 8286

Opinião: “Ouçam, mortais, o grito sagrado liberdade, liberdade”

Mundo: Caracas abre embaixada na Coreia do Norte

<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14223>

28-08-2019, Ano 23, Número: 8292

Mundo: Equador exige visto

Mundo: 85 mil venezuelanos

<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14250>

29-08-2019, Ano 23, Número: 8293

Economia: País já ultrapassou a marca de 210 milhões de habitantes

Cidades: Capital mineira recebe mais 32 venezuelanos

<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14254>

30-08-2019, Ano 23, Número: 8294

Mundo: Ex-número 2 das Farc anuncia volta de guerrilha

<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14258>

31-08-2019, Ano 23, Número: 8295

Mundo: Bogotá diz ter matado nove dissidentes de pacto de paz

A.parte: PSB condena regime Maduro e sai do Foro de São Paulo

<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14265>

- Agosto: 22 textos

12-09-2019, Ano 23, Número: 8307

Economia: Minas contratou 50 refugiados

Mundo: OEA resgata tratado para pressionar Nicolás Maduro

<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14318>

14-09-2019, Ano 23, Número: 8309

Mundo: Ligado a Maduro, MP da Venezuela acusa Guaidó

<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14327>

17-09-2019, Ano 23, Número: 8312

Mundo: Negociações encerradas

<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14339>

19-09-2019, Ano 23, Número: 8314

Mundo: Maduro faz apelo aos EUA

Cidades: Livro retrata o drama de refugiados que vivem em Minas

<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14348>

22-09-2019, Ano 23, Número: 8317

A.parte: O atraso se reorganiza

<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14361>

23-09-2019, Ano 23, Número: 8318

Política: Bolsonaro usará discurso na ONU para rebater críticas ambientais

<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14365>

24-09-2019, Ano 23, Número: 8319

Brasil: Travesti espancada

<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14369>

25-09-2019, Ano 23, Número: 8320

Opinião: L.eitor: Torquato

<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14374>

30-09-2019, Ano 23, Número: 8325

Cidades: Luta de refugiados em Minas agora é por mercado de trabalho

Cidades: Comércio tem papel humanitário

<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14396>

- Setembro: 12 textos

03-10-2019, Ano 23, Número: 8328

L.eitor: Lula

<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14410>

06-10-2019, Ano 23, Número: 8331

Economia: Militares têm cartões próprios

<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14423>

07-10-2019, Ano 23, Número: 8332

A.parte: Drama humanitário

<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14427>

09-10-2019, Ano 23, Número: 8334

Brasil: Bolsonaro acredita em vazamento criminoso de óleo nas praias do NE

<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14436>

10-10-2019, Ano 23, Número: 8335

Capa: Óleo chega à foz do rio São Francisco

Brasil: Óleo é venezuelano, afirma ministro

Super. FC: Desafio contra o líder do Brasileirão

<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14440>

11-10-2019, Ano 23, Número: 8336

Brasil: Bento Albuquerque 'retira' acusações contra PDVSA

<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14444>

12-10-2019, Ano 23, Número: 8337

Brasil: Técnicos avaliam aumentar vazão de hidrelétricas do São Francisco

<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14449>

13-10-2019, Ano 23, Número: 8338

Brasil: Justiça determina bloqueio de mancha de óleo em 48 horas

O.pinião: Escravos, curvem-se aos poderosos

O.pinião: O maior desastre ambiental

<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14453>

19-10-2019, Ano 23, Número: 8344

A.parte: Sem controle e sem reação

<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14480>

22-10-2019, Ano 23, Número: 8347

Brasil: Ministro discute com políticos e com ONG

<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14492>

23-10-2019, Ano 23, Número: 8348

Brasil: Marinha investiga 30 navios e 'dark ships'

<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14497>

24-10-2019, Ano 23, Número: 8349

Brasil: Greenpeace joga tinta preta no Planalto

Super.FC: Homenagem a Pelé no Santos

<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14501>

25-10-2019, Ano 23, Número: 8350

Brasil: Litoral manchado

Brasil: Greenpeace vai processar Salles

<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14505>

26-10-2019, Ano 23, Número: 8351

Brasil: Petróleo veio de três campos da Venezuela, afirma Petrobras

<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14510>

27-10-2019, Ano 23, Número: 8352

Mundo: América em transe

<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14514>

28-10-2019, Ano 23, Número: 8353

Brasil: Governo notifica 11 países por causa de óleo vazado



<https://digital.otempo.com.br/leitor/#/jornais/1/edicoes/14518>

- Outubro: 22 textos

01-11-2019, Ano 23, Número: 8357

Brasil: Óleo chega a Porto Seguro e avança rumo ao Sudeste

Super. FC: Desfalques

<https://digital.otempo.com.br/leitor/#/jornais/1/edicoes/14538>

04-11-2019, Ano 23, Número: 8360

Mundo: El Salvador e Venezuela se desentendem

<https://digital.otempo.com.br/leitor/#/jornais/1/edicoes/14551>

09-11-2019, Ano 23, Número: 8365

Brasil: Três navios gregos tinham óleo

<https://digital.otempo.com.br/leitor/#/jornais/1/edicoes/14574>

11-11-2019, Ano 23, Número: 8367

Mundo: Bolsonaro aprova e Lula diz que é golpe

Super. FC: Jogadores valorizam ponto conquistado

<https://digital.otempo.com.br/leitor/#/jornais/1/edicoes/14582>

14-11-2019, Ano 23, Número: 8370

Mundo: Grupo deixa embaixada da Venezuela após 12 horas

<https://digital.otempo.com.br/leitor/#/jornais/1/edicoes/14594>

15-11-2019, Ano 23, Número: 8371

Opinião: Negligência em desastre

Super. FC: Nova chance

<https://digital.otempo.com.br/leitor/#/jornais/1/edicoes/14598>

17-11-2019, Ano 23, Número: 8373

Mundo: Venezuela

<https://digital.otempo.com.br/leitor/#/jornais/1/edicoes/14606>

18-11-2019, Ano 23, Número: 8374

Mundo: Maduro diz que prendeu militares por apoiar suposto complô dos EUA

<https://digital.otempo.com.br/leitor/#/jornais/1/edicoes/14610>

19-11-2019, Ano 23, Número: 8375

Mundo: Bispos pedem diálogo, e UE cobra que eleições sejam convocadas

<https://digital.otempo.com.br/leitor/#/jornais/1/edicoes/14615>

24-11-2019, Ano 23, Número: 8380

Opinião: L.eitor

<https://digital.otempo.com.br/leitor/#/jornais/1/edicoes/14640>

- Novembro: 13 textos

03-12-2019, Ano 23, Número: 8389

Mundo: Bolívia acusa Maduro

Mundo: Pompeo defende a moderação dos EUA frente à Venezuela

<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14683>

06-12-2019, Ano 23, Número: 8392

Brasil: Mais de 500 menores chegaram sozinhos a RR

<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14696>

15-12-2019, Ano 23, Número: 8401

Mundo: Governo acusa parlamentares de tentativa de golpe

<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14736>

19-12-2019, Ano 23, Número: 8405

Mundo: Bachelet pede diálogo

Mundo: Chanceler do Brasil alerta para 'ameaça comunista'

<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14752>

22-12-2019, Ano 23, Número: 8408

Esportes: Venezuelano Dudamel pode ser anunciado hoje como técnico do Galo

Esportes: Voz da Arquibancada

<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14762>

23-12-2019, Ano 23, Número: 8409

Mundo: Bolívia entra para o Grupo de Lima

Especial América Latina: Venezuelanos sós na luta pela sobrevivência (reportagem)

<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14765>

24-12-2019, Ano 23, Número: 8410

Mundo: Venezuela volta a acusar Brasil de ligação com ataque a quartel

<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14769>

26-12-2019, Ano 23, Número: 8412

Capa: Papa Francisco faz apelo por América Latina

Capa: Dudamel vai custar R\$ 3 mi por ano para o Atlético

Mundo: Papa pede esperança para tensão que afeta a América

Super FC: Dudamel custará R\$ 3 milhões por ano

<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14772>

28-12-2019, Ano 23, Número: 8414

Mundo: Brasil interroga militares

Mundo: Medida ocorre após ataque

Esportes: Destaques 2019/2020 Superliga feminina

<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14778>

29-12-2019, Ano 23, Número: 8415

Mundo: Militares venezuelanos

<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14781>

30-12-2019, Ano 23, Número: 8416

Capa: Atlético está interessado em atacante venezuelano

Super.FC: Galo de olho no atacante Hurtado  
Super.FC: Outro venezuelano na mira  
<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14784>

- Dezembro: 22 textos

02-01-2020, Ano 23, Número: 8419  
Esportes: Dudamel terá quatro na equipe  
<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14790>

03-01-2020, Ano 23, Número: 8420  
Capa: Dudamel se desliga da seleção venezuelana e está mais perto do Atlético.  
Esportes: Dudamel chega ao Brasil domingo  
<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14792>

05-01-2020, Ano 23, Número: 8422  
Super F.C: Agora é oficial: Galo anuncia Dudamel  
Super F.C: 12º gringo no Galo  
<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14799>

06-01-2020, Ano 24, Número: 8423  
Super F.C: Adilson fica fora da nova equipe  
<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14801>

07-01-2020, Ano 24, Número: 8424  
Super F.C: Dudamel chega sob aplausos da Massa  
Super F.C: Nos braços da Massa  
<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14804>

08-01-2020, Ano 24, Número: 8425  
Política: Impasse trava compra de novas urnas eletrônicas  
Mundo: Guaidó fura bloqueio, toma posse e é expulso logo depois  
Super F.C: Galo recomeça o ano com velhos conhecidos  
<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14807>

09-01-2020, Ano 24, Número: 8426  
Super F.C: Dudamel esbanja otimismo com o Galo  
<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14810>

10-01-2020, Ano 24, Número: 8427  
Super F.C: Novatos Dylan Borrero e Allan já treinam  
<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14813>

13-01-2020, Ano 24, Número: 8430  
Esportes: Dudamel sabia que a 1ª opção era Sampaoli  
<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14822>

16-01-2020, Ano 24, Número: 8433  
Opinião: L.eitor – Maduro  
Mundo: Milícia do chavismo ataca deputados da oposição em Caracas

<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14834>

18-01-2020, Ano 24, Número: 8435

Mundo: Pressão americana em TVs da Venezuela

<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14842>

19-01-2020, Ano 24, Número: 8436

Super F.C: Em casa no Galo

Super F.C: Dudamel: dedicação integral ao Atlético

Super F.C: ATLÉTICO e a 'obrigação' de vencer

<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14846>

21-01-2020, Ano 24, Número: 8438

Super F.C: Uma nova era

Super F.C: Era Dudamel começa hoje no Atlético

<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14855>

23-01-2020, Ano 24, Número: 8440

Mundo: Venezuela Escritório de Guaidó

Super F.C: VOZ DA ARQUIBANCADA

<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14863>

26-01-2020, Ano 24, Número: 8443

Mundo: Breves

Super F.C: Base está pronta, mas terá variações

<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14875>

- Janeiro: 26 textos

23-02-2020, Ano 24, Número: 8471

Cidades: Três presos acusados de tráfico de drogas

<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14998>

24-02-2020, Ano 24, Número: 8472

Opinião: O radicalismo nunca foi bom conselheiro

Super F.C: Giro no elenco para encontrar time ideal

<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/15002>

25-02-2020, Ano 24, Número: 8473

Super F.C: Guga diz que estádio é o maior problema

<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/15006>

26-02-2020, Ano 24, Número: 8474

Mundo: Damares deixa reunião na ONU em protesto contra Venezuela

<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/15010>

28-02-2020, Ano 24, Número: 8476

Super F.C: VOZ DA ARQUIBANCADA

Super F.C: Mais um ano que começou errado

<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/15019>

- Fevereiro: 7 textos

**ANEXO 6 – NOTÍCIAS** obtidas nos jornais *Folha de Boa Vista* e *O Tempo* que tratam do “processo de migração dos venezuelanos”

**“Folha de Boa Vista”:** Total: 58 notícias; Capa: 28 notícias

**Jornal “O Tempo”:** Total: 5 notícias

Legenda:

**Verde:** notícias sobre o processo de migração de venezuelanos

**Azul:** Notícias de capa

**Amarelo:** Notícias de capa que discorrem sobre os venezuelanos diretamente

### “Folha de Boa Vista”

01/07/19, Edição 8816

(1) **Cidade (Capa):** “A única forma de parar a migração é Maduro sair” diz embaixadora da Venezuela em visita a Roraima

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8816&edicao=40117>

04/07/19, Edição 8819

(2) **Política:** Deputado sugere criação de ministério federal para lidar com a crise migratória em Roraima

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8819&edicao=40156>

10/07/2019, Edição 8824

(3) **Capa:** Em dois anos, mais de 15 mil veículos venezuelanos passaram na fronteira

**Cidade:** Mais de 15 mil veículos venezuelanos passaram na fronteira

(4) **Política:** Deputado afirma que governo e prefeitura não repassaram dados sobre migração

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8824&edicao=40212>

13 e 14/07/2019, Edição 8827

(5) **Política:** Realidade da migração não é mostrada ao Governo Federal, diz parlamentar

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8827&edicao=40251>

16/07/2019, Edição 8828

(6) **Política:** Processo de interiorização deve ser mais democrático, sugere senador

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8829&edicao=40275>

17/07/2019, Edição 8829

(7) **Política:** Parlamentares de Roraima querem montar força-tarefa para tratar migração

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8830&edicao=40284>

19/07/2019, Edição 8831

(8) **Cidade (capa):** Mais de 88 mil imigrantes pediram refúgio em Roraima

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8832&edicao=40313>

22/07/2019, Edição 8833

(9) **Política (capa):** Senador sugere abrigos em outros estados e descarta intervenção federal em Roraima

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8834&edicao=40337>

23/07/2019, Edição 8834

(10) Política: Presidente do STF destaca necessidade de suporte ao Judiciário por conta da migração

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8835&edicao=40349>

29/07/19, Edição 8839

(11) Política: Presidente da comissão de Direitos Humanos da OAB diz que portaria é necessária para RR

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8840&edicao=40412>

05/08/19, Edição 8845

(12) Cidade (capa): Exército recomenda que venezuelanos saiam das ruas à noite  
Cidade: Prefeituras não foram informadas oficialmente sobre 'Operação Dignidade'

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8846&edicao=40488>

07/08/19, Edição 8847

(13) Cidade (capa): Interiorização é a solução para tirar venezuelanos das ruas, diz Acnur  
Cidade: Migrantes na rua estão sendo supervisionados e contabilizados

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8848&edicao=40509>

16/08/19, Edição 8855

(14) Cidade: Alto comissário da ONU para refugiados desembarca em Roraima

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/index.jsp?serviceCode=login&numero=8856&edicao=40612>

19/08/19, Edição 8857

(15) (capa) Mais de 1200 venezuelanos cruzam em um único dia a fronteira de Roraima

(16) (capa) Manifestação reúne centenas de pessoas em Pacaraima

Cidade: Aumenta entrada de venezuelanos na fronteira de Roraima com a Venezuela

Cidade: Prefeito diz que cresceu número de imigrantes nas ruas de Pacaraima

Cidade (Migração venezuelana): Manifestação reúne centenas de pessoas em Pacaraima

Cidade: Parte do comércio decidiu fechar as portas por conta da manifestação

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8858&edicao=40637>

20/08/19, Edição 8858

(17) (capa) Mais de quatro mil já retornaram à Venezuela em Programa de Repatriação

Cidade: Mais de 4 mil já retornaram à Venezuela

Cidade: Cônsul culpa embargos como motivos da migração

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8859&edicao=40656>

21/08/19, Edição 8859

(18) Política: Parlamentares querem trancar pauta no Congresso até migração ser discutida

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8860&edicao=40667>

30/08/19, Edição 8866

(19) Cidade: Operação Acolhida estima que 300 imigrantes vivam nas ruas de Boa Vista

(20) Cidade (Migração venezuelana): Vereadores cogitam fechar Câmara para pedir socorro em Brasília

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8867&edicao=40776>

31/08/19, Edição 8867

(21) Política: Bancada afirma que cancelamento de visita não é desinteresse pela questão da migração

(22) Cidade: Governador diz que imigração sobrecarrega sistema de saúde

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8868&edicao=40788>

07 e 08/09/2019, Edição 8873

(23) Política: Comissão externa pede mais apoio para Operação Acolhida

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8874&edicao=40865>

10/09/2019, Edição 8875

(24) Cidade: Governo federal já gastou R\$ 500 mi com Operação Acolhida

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8876&edicao=40884>

12/09/2019, Edição 8877

(25) Política (imigração): Governo Federal pediu novo prazo para elaborar plano de assistência a Roraima

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8878&edicao=40907>

16/09/2019, Edição 8879

(26) Cidade (capa) (Migração venezuelana): Mais de 3,5 mil pessoas vivem nas ruas de BV

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8880&edicao=40943>

17/09/2019, Edição 8880

(27) Política: Deputado pede clareza na aplicação de recursos da Operação Acolhida

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8881&edicao=40955>

18/09/2019, Edição 8881

(28) Cidade: Embaixadora da Venezuela vem a Roraima e diz que situação da Venezuela está pior

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8882&edicao=40967>

19/09/2019, Edição 8882

(29) Política (capa): Damares anuncia acordo entre Governo e MPF para interiorizar venezuelanos

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8883&edicao=40981>

20, 21 e 22 /09/2019, Edição 8883

(30) Cidade (capa) (menores venezuelanos): Justiça determina interdição de abrigos por conta da superlotação

Cidade: Organizações são contrárias à ida dos menores para abrigos da Acolhida

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8884&edicao=40994>

23/09/2019, Edição 8884

(31) Cidade (capa): Programa interiorizou 5 mil imigrantes

Cidade: Ministério articula com organizações religiosas para acelerar interiorização

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8885&edicao=41016>

26/09/2019, Edição 8887

(32) **Cidade: Movimento pretende reunir 500 pessoas em ato contra imigração**  
<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/index.jsp?serviceCode=login&numero=8888&edicao=41051>

04, 05, 06/10/2019, Edição 8893

(33) **Política: Parlamentares federais repercutem nova fase da Operação Acolhida**  
<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8894&edicao=41143>

17/10/2019, Edição 8902

(34) **Capa: Imigrantes são retirados de ginásio e deixados embaixo de ponte**  
**Cidade (imigração venezuelana): Polícia desocupa ginásio e imigrantes são deixados embaixo da ponte**  
<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8903&edicao=41277>

22/10/2019, Edição 8905

(35) **Cidade (capa): CNJ determina posto do Juizado da Infância para fiscalizar viagem de menores venezuelanos**  
**Cidade: Venezuela não emite identidade para crianças**  
<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8906&edicao=41326>

24/10/2019, Edição 8907

(36) **Cidade: Empresário cobra olhar diferenciado para RR**  
<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8908&edicao=41349>

31/10/2019, Edição 8912

(37) **Cidade: UFRR sedia evento sobre a temática no contexto da imigração**  
<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8913&edicao=41424>

11/12/19, Edição 8941

(38) **Cidade (Capa): Cerca de 800 crianças e adolescentes entraram sozinhas no Brasil**  
**Cidade: Casas de acolhimento serão inauguradas**  
**Cidade: Estado e prefeitura dizem que não estão omissos**  
<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8942&edicao=41849>

18/12/19, Edição 8946

(39) **Cidade: Ongs inauguram casas lares para crianças venezuelanas abandonadas**  
<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8947&edicao=41921>

24 a 26/12/19, Edição 8950

(40) **Cidade (capa): Aumenta fiscalização na fronteira após ataque à base militar na Venezuela**  
<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8951&edicao=41985>

27 a 29/12/19, Edição 8951

(41) **Cidade: Novos prédios públicos são invadidos por imigrantes**  
**Cidade: Gestão da imigração é da Operação acolhida, diz Governo**  
<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8952&edicao=42004>



30/12/19, Edição 8952

(42) Cidade: Militares venezuelanos encontrados em Roraima pedem asilo ao Brasil  
<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8953&edicao=42029>

09/01/2020, Edição 8958

(43) Cidade: Lei quer assegurar atendimento igualitário para brasileiros e estrangeiros  
<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8959&edicao=42119>

24, 25, 26/01/2020, Edição 8969

(44) Política (Operação Acolhida) (capa): Novo coordenador diz que pretende interiorizar 3 mil migrantes por mês  
<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8970&edicao=42269>

28/01/2020, Edição 8971

(45) Variedades: Em Pacaraima, construção de banheiros, chuveiros e lavanderia vão favorecer acolhida a migrantes  
<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8972&edicao=42300>

30/01/2020, Edição 8973

(46) Cidades (capa): Imigrantes são notificados e podem ser retirados de prédio abandonado  
<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8974&edicao=42321>

31/01/2020, 01 , 02/02/2020, Edição 8974

(47) Capa: PM faz operação contra furtos e tráfico em abrigos  
 Cidade: Polícia Militar faz ação contra furtos e tráfico em abrigos de venezuelanos  
 (48) Cidade (capa): Com orçamento de R\$ 280 mi, Operação Acolhida pretende interiorizar 3 mil venezuelanos por mês  
<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8975&edicao=42331>

10/02/2020, Edição 8980

(49) Polícia (capa): Polícia dispersa protestos na fronteira com bombas e balas de borracha  
<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8981&edicao=42424>

11/02/2020, Edição 8981

(50) Cidade (capa): Justiça determina que IBGE inclua índios e imigrantes no cálculo da população  
 (51) Cidade (capa): Bloqueio de rodovia e comércio fechado em novo dia de protestos  
<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8982&edicao=42436>

12/02/2020, Edição 8982

(52) Política (capa): Após encontro com MP, órgãos de segurança decidem montar força-tarefa em Pacaraima  
 (53) Cidade: Após reunião, rodovia é desbloqueada e tensão diminui em Pacaraima  
<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8983&edicao=42445>

13/02/2020, Edição 8983

(54) Cidade (capa): Imigrantes venezuelanos somem das ruas  
 Comerciantes falam sobre situação dos venezuelanos

Prefeito de Pacaraima confirma retirada de venezuelanos  
 (55) Política (crise migratória): Parlamentares cobram investimentos em serviços públicos e mais rigor na fronteira  
<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8984&edicao=42458>

14, 15 e 16/02/2020, Edição 8984

(56) Política (capa): Migração não influenciou no aumento da criminalidade, diz Ministro Sérgio Moro  
<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8985&edicao=42469>

17/02/2020, Edição 8985

(57) Cidade (capa): Mais de 3 mil imigrantes foram interiorizados em janeiro

General acredita que venezuelanos sumiram por medo

(58) Política: Torquato diz que Prefeitura não recebeu recursos adicionais para receber migrantes  
<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8986&edicao=42491>

## Jornal “O Tempo”

21-07-2019, Ano 23, Número: 8254

(1) Mundo: Imigrantes se tornam mendigos  
<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14082>

18-08-2019, Ano 23, Número: 8282

(2) Economia: Venezuelanos voam de Roraima com destino à nova vida  
<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14206>

29-08-2019, Ano 23, Número: 8293

(3) Cidades: Capital mineira recebe mais 32 venezuelanos  
<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14254>

30-09-2019, Ano 23, Número: 8325

(4) Cidades: Luta de refugiados em Minas agora é por mercado de trabalho  
<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14396>

06-12-2019, Ano 23, Número: 8392

(5) Brasil: Mais de 500 menores chegaram sozinhos a RR  
<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14696>

## ANEXO 7 – TEXTOS SELECIONADOS PARA ANÁLISE

**Folha de Boa Vista**

Legenda:

**Verde:** notícias sobre o processo de migração de venezuelanos

**Azul:** Notícias de capa

**Amarelo:** Notícias de capa que discorrem sobre os venezuelanos diretamente

**Vermelho:** notícias excluídas do *corpus* após alinhamento com o período temporal do *corpus* do jornal “O Tempo”

19/07/2019, Edição 8831

(1) Cidade (capa): Mais de 88 mil imigrantes pediram refúgio em Roraima  
<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8832&edicao=40313>

19/08/19, Edição 8857

(2) (capa) Mais de 1200 venezuelanos cruzam em um único dia a fronteira de Roraima  
 Cidade: Aumenta entrada de venezuelanos na fronteira de Roraima com a Venezuela  
 Cidade: Prefeito diz que cresceu número de imigrantes nas ruas de Pacaraima  
<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8858&edicao=40637>

20/08/19, Edição 8858

(3) (capa) Mais de quatro mil já retornaram à Venezuela em Programa de Repatriação  
 Cidade: Mais de 4 mil já retornaram à Venezuela  
 Cidade: Cônsul culpa embargos como motivos da migração  
<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8859&edicao=40656>

16/09/2019, Edição 8879

(4) Cidade (capa) (Migração venezuelana): Mais de 3,5 mil pessoas vivem nas ruas de BV  
<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8880&edicao=40943>

17/10/2019, Edição 8902

(5) Capa: Imigrantes são retirados de ginásio e deixados embaixo de ponte  
 Cidade (imigração venezuelana): Polícia desocupa ginásio e imigrantes são deixados embaixo da ponte  
<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8903&edicao=41277>

11/12/19, Edição 8941

(6) Cidade (Capa): Cerca de 800 crianças e adolescentes entraram sozinhos no Brasil  
 Cidade: Casas de acolhimento serão inauguradas  
 Cidade: Estado e prefeitura dizem que não estão omissos  
<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8942&edicao=41849>

30/01/2020, Edição 8973

(8) Cidades (capa): Imigrantes são notificados e podem ser retirados de prédio abandonado  
<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8974&edicao=42321>

13/02/2020, Edição 8983

(9) Cidade (capa): Imigrantes venezuelanos somem das ruas  
 Comerciantes falam sobre situação dos venezuelanos

Prefeito de Pacaraima confirma retirada de venezuelanos

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8984&edicao=42458>

17/02/2020, Edição 8985

(10) Cidade (capa): Mais de 3 mil imigrantes foram interiorizados em janeiro 28

General acredita que venezuelanos sumiram por medo

<https://flip.maven.com.br/pub/folhadeboavista/?numero=8986&edicao=42491>

### **Jornal O Tempo**

21-07-2019, Ano 23, Número: 8254

(1) Mundo: Imigrantes se tornam mendigos

<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14082>

18-08-2019, Ano 23, Número: 8282

(2) Economia: Venezuelanos voam de Roraima com destino à nova vida

<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14206>

29-08-2019, Ano 23, Número: 8293

(3) Cidades: Capital mineira recebe mais 32 venezuelanos

<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14254>

30-09-2019, Ano 23, Número: 8325

(4) Cidades: Luta de refugiados em Minas agora é por mercado de trabalho

<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14396>

06-12-2019, Ano 23, Número: 8392

(5) Brasil: Mais de 500 menores chegaram sozinhos a RR

<https://digital.otempo.com.br/leitor/#!/jornais/1/edicoes/14696>